



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DE
QUEEN VICTORIA IN HER LETTERS AND JOURNALS
DE CHRISTOPHER HIBBERT

CAROLINE FEITAL MONTEIRO

BRASÍLIA

2014

Caroline Feital Monteiro

TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DE
QUEEN VICTORIA IN HER LETTERS AND JOURNALS
DE CHRISTOPHER HIBBERT

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Válmi-Hatje Faggion

Brasília

2014

Caroline Feital Monteiro

TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DE
QUEEN VICTORIA IN HER LETTERS AND JOURNALS
DE CHRISTOPHER HIBBERT

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Válmi-Hatje Faggion

Aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof.^a Dr.^a Válmi-Hatje Faggion - UnB
(Presidente – Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Alessandra Ramos de Oliveira Harden - UnB

Prof. Dr. Ariovaldo Lopes Pereira - UEG

Prof.^a Dr.^a Cristiane Roscoe Bessa - UnB
(Suplente)

Brasília, abril de 2014

À minha família,
pelo amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília e à Professora Doutora Válmi Hatje-Faggion por todo o auxílio prestado e pela oportunidade de aprofundar meus conhecimentos.

Aos meus pais que suportaram angústia e ausência durante meses para que eu pudesse realizar este sonho. Obrigada por esse apoio de indescritível valor.

Ao meu irmão e a sua sabedoria e conhecimentos que fizeram dele um suporte para consultas históricas.

Ao meu querido companheiro Leandro Sousa Borges Bernardes que esteve comigo durante esses anos de trabalho e que me fez acreditar que no fim tudo daria certo.

Aos meus grandes amigos que me apontaram esse caminho desde o início e entenderam a minha ausência momentânea ao mesmo tempo em que me davam forças para continuar.

A três queridos amigos, Jorge Faria, Natália Reis e Bárbara Elizabeth de Freitas Araújo que me ajudaram com a releitura e revisão deste trabalho, dedicando-me tempo para fornecer valiosas sugestões.

A todos os meus professores do mestrado pelos muitos ensinamentos.

“The men who learn endurance, are they
who call the whole world, brother.”

Charles Dickens

RESUMO

A presente dissertação de mestrado tem como um dos objetivos produzir a tradução para o português de quatro seções da obra *Queen Victoria in her letters and journals/ A Rainha Victoria em suas cartas e diários* de Christopher Hibbert, publicada pela editora Sutton Publishing Limited na Inglaterra em 2000. Nas seções *Queen regnant, Family life, Monarchs and ministers* e *'Frequent difficulties'*, as anotações e as cartas da Rainha Victoria (1819-1901) da Inglaterra apresentam um pouco de história mundial e abordam temas políticos, linguísticos e históricos. São inúmeras as dificuldades tradutórias geradas por essa distância temporal de mais de 180 anos entre as culturas britânicas e brasileiras. Essas dificuldades assentam-se na questão primordial desta pesquisa, que é elaborar uma tradução que considere aspectos linguísticos e culturais da composição do texto de partida, relevante na composição do texto de chegada, para explicitar questões referentes à (co)autoria, polifonia e textos suplementares (paratextos). Os demais objetivos desta dissertação visam fortalecer a área dos estudos da tradução com relação à discussão de tradução de textos epistolares e proporcionar e adicionar novo material de estudos com relação à tradução de epístolas. O apoio teórico para a discussão do processo tradutório em termos de (co)autoria, polifonia e textos suplementares será buscado em autores como André Lefevere (1992), Gideon Toury (1995), Lawrence Venuti (2004), Mijail M. Bajín/Mikhail M. Bakhtin (2003) e Peter Newmark (1988). Aspectos textuais e extratextuais que envolvem o processo tradutório também serão abordados. O resultado obtido foi uma tradução que busca permitir ao público brasileiro entrar em contato com a cultura inglesa e com seus componentes políticos e históricos por meio do texto traduzido e foi, também, um estudo que se ocupou com a voz do tradutor, com o processo tradutório e com o gênero textual epistolar.

Palavras-Chave: Tradução; Gênero epistolar; (co)Autoria; Polifonia; Textos suplementares.

ABSTRACT

This Master's dissertation has as one of the main objectives the translation of four sections of the book *Queen Victoria in her letters and journals/A Rainha Victoria em suas cartas e diários* written by Christopher Hibbert, published by Sutton Publishing Limited, in England, in 2000. In the sections *The Queen Regnant, Family Life, Monarchs and Ministers, 'Frequent Difficulties'* the letters and journals of Queen Victoria (1819-1901) of England present a piece of world history encompassing political, linguistic and historical topics. Various are the translation boundaries created by this temporal gap between the British and Brazilian cultures of more than 180 years. The difficulties in the translation process compose the main issue of this research which is to write a translated text by considering linguistic and cultural aspects of the source text that are relevant for the translated text to explicit issues related to (co)authorship, polyphony and supplementary texts (paratexts). The other objectives include the development of the translation studies field related to the discussion of the translation of the epistolary genre and to give and add new material for the studies of epistolary texts. Theoretical support will be based on André Lefevere (1992), Gideon Toury (1995), Lawrence Venuti (2004), Mijail M. Bajín/Mikhail M. Bakhtin (2003) and Peter Newmark (1988). Textual and extra-textual aspects in the translation process will also be discussed. The outcome is a translation that allows Brazilian audience to get in contact with the British Culture and its political and historical features by reading a translated text. In addition, this is a study focused on the translator's voice, on the translation processes and on the epistolary texts.

Keywords: Translation; Epistolary genre; (co)Authorship; Polyphony; Additional information.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	11
2.1	O Reino Unido e o Brasil no século XIX	11
2.2	A Era Vitoriana no Reino Unido	12
2.3	A monarca inglesa, Rainha Victoria (1819-1901).....	13
2.4	Os manuscritos e <i>Queen Victoria</i>	15
2.5	Christopher Hibbert, o autor de <i>Queen Victoria in her letters and journals</i>	18
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
3.1	Tradução: aspectos gerais	19
3.2	Gêneros e tipologias textuais.....	26
3.2.1	O gênero epistolar	27
3.3	Autoria, coautoria e polifonia.....	29
3.4	Textos suplementares (paratextos)	33
3.5	Estrangeirização e domesticação.....	35
3.6	Aspectos estilísticos, linguísticos e culturais.....	38
4	O PROCESSO TRADUTÓRIO.....	42
4.1	Descrição da obra.....	42
4.2	Elaboração da tradução de <i>Queen Victoria</i> para o português	46
4.3	Autoria, coautoria e polifonia.....	47
4.4	Textos suplementares (paratextos)	51
4.5	Estrangeirização e domesticação no processo tradutório.....	61
4.6	Aspectos estilísticos, linguísticos e culturais.....	65
4.6.1	Nomes próprios e formas de tratamento.....	67
4.7	Outras questões de tradução	70
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
	REFERÊNCIAS.....	79
	ANEXOS.....	84
	Anexo A - A tradução das seções 4, 5, 6 e 11 de <i>Queen Victoria</i>	84
	Anexo B - Os manuscritos compilados em <i>Queen Victoria</i>	219
	Anexo C - Os manuscritos digitalizados	278
	Anexo D - A carta de requisição para o acesso aos manuscritos originais	293
	Anexo E - O pedido de autorização para publicação da tradução de <i>Queen Victoria</i>	296

1 INTRODUÇÃO

A obra *Queen Victoria in her letters and journals*¹/*Rainha Victoria em suas cartas e diários*, de Christopher Hibbert, é um conjunto de manuscritos (cartas, diários) da Rainha Victoria (1817-1901) da Inglaterra, editado, elaborado e publicado em formato de livro por Christopher Hibbert, em relação aos mais diversos assuntos de interesse da Rainha como vida pessoal e círculo histórico e político. Essa obra foi publicada pela Sutton Publishing Limited, na Inglaterra em 2000².

Os objetivos desta dissertação visam a tradução do inglês para o português das seções 4, 5, 6 e 11 da obra *Queen Victoria in her letters and journals*, considerando aspectos de (co)autoria, polifonia e textos suplementares, uma vez que estes foram relevantes na elaboração da tradução dentro de um contexto específico, o brasileiro. A dissertação também visa fortalecer a área dos Estudos da Tradução com relação à discussão de tradução de textos epistolares; e, por fim, proporcionar e adicionar novo material de estudos com relação à tradução de epístolas. As seções para tradução foram escolhidas levando-se em consideração o período histórico de 1841 a 1878. A justificativa para esta dissertação está no interesse despertado em relação à obra *Queen Victoria in her letters and journals*, que não tem tradução para o português³.

A seção 4 da obra, intitulada de *The queen regnant*, trata do Reinado da Rainha no período de 1841 a 1852 e tem como foco dificuldades durante esse período. No entanto, não apenas as dificuldades políticas do período regente fazem parte dessa seção, mas também a vida pessoal e amorosa da Rainha Victoria. Os textos modelam e descrevem a personalidade de uma Rainha Regente em ascensão.

A seção 5, intitulada de *Family life*, engloba o período de 1841 a 1861 e dá destaque à vida pessoal da Monarca. Essa seção tem cartas para as filhas, parentes e chefes de outros reinos e países. As cartas e anotações mostram com mais clareza a sua personalidade e pensamentos em relação a diversos assuntos pessoais.

A seção 6, intitulada de *Monarchs and ministers*, que vai do ano 1852 a 1860, discute as relações ministeriais, a formação de Governos e a tomada de decisões políticas importantes.

¹ A obra também será denominada, doravante, como *Queen Victoria*.

² A obra foi publicada primeiramente por John Murray Publishers Limited na Inglaterra em 1984. Há outras impressões da obra em 2000, 2001 e 2003 pela Sutton Publishing. A edição usada para feitos desta dissertação foi a publicada em 2000.

³ De acordo com a UNESCO e com os catálogos on-line da Biblioteca Nacional. Catálogo *on-line* disponível em: <<http://www.unesco.org/xtrans/>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

Finalmente, a seção 11, *Frequent difficulties*, conta com um conjunto de informações referentes a períodos turbulentos durante o Reinado: guerras, conflitos políticos e pessoais.

A escolha dessas quatro seções serve para mostrar diversos aspectos do período vitoriano como vida pessoal e política nos primeiros anos regentes. De acordo com Hibbert (2000, p. 7), as seções apresentam a personalidade e as preferências e afinidades e

[...] esclarecem não somente a personalidade dela, mas também os detalhes da sua vida cotidiana, assim expondo claramente as suas opiniões, revelando suas afeições e preocupações, seus gostos e afinidades, seus preconceitos e discernimentos excêntricos.⁴

A respeito da metodologia, primeiramente, realizou-se, em período de doze meses, a tradução das seções 4, 5, 6 e 11 da obra mencionada. Ao longo do processo tradutório, leva-se em consideração a cultura de partida e a de chegada, para solucionar aspectos culturais e linguísticos. A escrita da dissertação iniciou-se após a tradução. Posteriormente foram feitas revisões das traduções e da dissertação para que fossem trabalhadas conjuntamente. Foram realizadas a análise e a comparação com os manuscritos originais com base no material disponível *on-line*⁵ para que houvesse a possibilidade de criticar e construir base para decisões tradutórias consequentes. Ressalta-se que apenas alguns manuscritos originais estão publicados *on-line*.

Esta dissertação é composta de introdução, três capítulos, considerações finais, referências e anexos. No capítulo 1 são apresentadas as considerações gerais sobre o período Vitoriano e do Brasil, como também sobre o autor e a obra *Queen Victoria*. No capítulo 2 estão as pressuposições teóricas que respaldam as escolhas e estratégias durante o processo tradutório. E, por fim, no capítulo 3 são exemplificadas as reflexões sobre o processo tradutório, as dificuldades e as soluções encontradas referentes à tradução das quatro seções traduzidas da obra. Nas considerações finais, são retomadas as principais conclusões que foram obtidas após o processo tradutório.

⁴ “[...] they shed a clear and revealing light not only upon her personality but also upon the details of her everyday life, vigorously setting forth her opinions, disclosing her fondness and bugbears, her tastes and sympathies, her prejudices and erratic discernment.” Todas as traduções desta dissertação são de minha autoria.

⁵ Historic Royal Speeches and Writings. Disponível em: < www.royal.gov.uk >. Acesso em: 01 jun. 2014.

2 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Neste capítulo são apresentadas considerações gerais referentes à história do Brasil e do Reino Unido no século XIX, às relações entre os dois países nesse século, à Rainha Victoria, ao autor Christopher Hibbert e à obra *Queen Victoria in her letters and journals*. Esta seção mostra a importância do contexto social, econômico e cultural durante a produção do texto a ser traduzido.

2.1 O Reino Unido e o Brasil no século XIX

O século XIX foi um período de grande prosperidade para os ingleses, devido à expansão territorial e aos desenvolvimentos econômicos e industriais. No início do século XIX, o Reino Unido estava em guerra contra a França. Mais especificamente em 1815, Napoleão foi derrotado na Batalha de Waterloo e, com o Congresso de Viena, a Inglaterra se tornou o país mais rico e mais desenvolvido da Europa por deter o comando de todas as negociações e trocas mundiais⁶. Com o fim da guerra, a Inglaterra tomou a frente com a supremacia naval e consolidou interesses econômicos depois do término do bloqueio Continental imposto durante a revolução francesa.

Em 1808, a relação entre a Inglaterra e o Brasil se fortalece quando a família real portuguesa é escoltada por ingleses na sua vinda para o Brasil. Esse contato direto com os ingleses trouxe para o Brasil a locomotiva inventada por George Stephenson (1781-1848)⁷, entre outras novidades do “mundo velho”, que atuaram de forma positiva no Brasil, entre eles o ferro, o vidro, o trigo e o chá. A vinda dos ingleses também influenciou grandes nomes literários, como Machado de Assis e José de Alencar. Em 1825, o Brasil assinou um tratado com a Inglaterra que reconheceu aquele como país independente em troca de seus privilégios comerciais.⁸

Em 1808 o Brasil recebeu a Coroa portuguesa e se tornou o “centro principal das decisões do governo português”, segundo Myriam Becho Mota (2002, p. 304). Essa transferência da coroa portuguesa para o Brasil foi auxiliada pelos ingleses que tinham

⁶ *The Nineteenth Century*. Disponível em: <http://www.uk.filo.pl/uk_history_9.htm>. Acesso em: 12 ago. 2013.

⁷ *The Nineteenth Century*. Disponível em: <http://www.uk.filo.pl/uk_history_9.htm>. Acesso em: 12 ago. 2013.

⁸ *História do Brasil no século XIX*. Disponível em: <<http://www.uje.com.br/gn/downloads/historiabr/19.htm>>. Acesso em: 1 set. 2013.

interesses comerciais com o Brasil. Como esperado pelos ingleses, Portugal abriu os portos brasileiros às nações, possibilitando o maior contato cultural entre diversos países.

O século XIX foi período turbulento para os brasileiros devido ao grande número de revoltas populares, em sua maior parte por motivos abolicionistas e separatistas. A vida social do Brasil era europeia, seguindo padrões franceses e ingleses na literatura e nas artes. Em 1816, veio ao Brasil a missão artística francesa com Jean Baptiste Debret a fim de “[...] criar uma cultura artística, de mudar o estilo arquitetônico, assim como embelezar e higienizar os costumes urbanos”, nas palavras de Maria Orlanda Pinassi (1998, p. 55). Dessa forma, o Brasil crescia com costumes europeus e, juntamente cresciam as indústrias e os pensamentos republicanos que duraram até 1930.

2.2 A Era Vitoriana no Reino Unido

No reino Unido, a Era Vitoriana se iniciou em 1837 com a coroação da Rainha Victoria (1819-1901) na Abadia de Westminster, após a morte de seu tio Guilherme IV. Durante o reinado da última integrante da casa de Hanôver, a Inglaterra viveu momentos de prosperidade, com a expansão do império britânico e com o desenvolvimento da classe burguesa. Diversos confrontos se estabeleceram e vários personagens históricos fizeram parte de uma era de enormes transformações políticas, sociais e econômicas.⁹

Um pouco antes, imposto pelo Rei Guilherme IV em 1832, o Ato de Reforma deu à classe média poder suficiente para consolidar sua posição econômica. A classe baixa, que era formada por vendedores e operários, foi expulsa de suas terras e colocada em meios urbanos e, com poetas, pintores e outros artistas, teve de se adaptar a essa transformação social.

Esses precedentes muito influenciaram o futuro reinado da Rainha Victoria. Eles resultaram em um país com baixa credibilidade devido aos tumultos existentes no sistema religioso e político. Nesse cenário, a Rainha assumiu o trono em 1837 após completar dezoito anos e foi coroada no ano seguinte. Apesar de ter os poderes limitados por uma Monarquia Constitucional, e com o consequente aumento da

⁹ *Queen Victoria. Biography.* Disponível em <<http://www.biography.com/people/queen-victoria-9518355>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

influência do parlamento, a Rainha Victoria desenvolveu o país, fortaleceu o exército e se tornou sinônimo de moral e de conduta. Tudo isso contribuiu para que a era Vitoriana deixasse grande legado na área econômica e social.

A Inglaterra, no entanto, não se destacou somente nessas áreas. Em 1859, Charles Darwin publica a *Evolução das espécies* na área científica. Na literatura, outros autores fizeram parte da era Vitoriana como: George Eliot, Thomas Love Peacock, Charles Dickens, Sir Arthur Conan Doyle, Oscar Wilde, as irmãs Brontë, Lewis Carroll, Robert Louis Stevenson, Thomas Hardy. Oscar Wilde¹⁰ declarava-se grande apreciador dos poemas que a Rainha teria escrito quando criança (HIBBERT, 2000, p. 1).¹¹

Claudio Vicentino (2002, p. 209) defende que a Segunda Revolução Industrial, mais conhecida como revolução tecnológica, iniciou-se por volta de 1860 e foi marcada pelo avanço dos motores elétricos, pela transmissão da energia elétrica, pela utilização do petróleo como combustível, entre outros avanços que possibilitaram a esse período produção em massa e produção de mercadorias padronizadas.

Nos anos de 1877 e 1878, a Rainha ameaçou abdicar do trono pelas dificuldades encontradas no governo, como em uma entrada de texto datada de 27 de junho de 1877 (HIBBERT, 2000, p. 245): “Então, o Governo será enormemente culpado e a Rainha será tão humilhada que pensa que realmente deveria abdicar”¹². Em 1887 a Rainha celebra o jubileu de ouro e, em 1896, a Rainha completa o Jubileu de Diamante, e se consagrou a monarca com mais tempo no trono Inglês.

Em 1901, a Rainha Victoria morre. Ela foi enterrada junto do Príncipe Consorte Albert no Mausoléu de Frogmore, no *Windsor Great Park*. Seu filho Edward deu início à era Eduardina (1901-1910), como Edward VII.

2.3 A monarca inglesa, Rainha Victoria (1819-1901)

De acordo com Hibbert (2000, p. 90), em outra obra compilada sobre a vida pessoal da Rainha Victoria, *Queen Victoria: a personal history*, publicada na Inglaterra

¹⁰ Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde (1854-1900) foi um escritor irlandês. Ele se tornou um dos dramaturgos mais populares de Londres, em 1890.

¹¹ “Oscar Wilde asks if he may copy some of the poetry which Her Majesty wrote as a child: ‘Really what will people not say and invent. Never c^d the Queen in her whole life write one line of poetry serious or comic or make a Rhyme even. This is therefore all invention and a myth.’” [grafia abreviada na fonte]

¹² “Then the Government will be fearfully blamed and the Queen so humiliated that she thinks she would abdicate at once”.

em 2000 pela Basic Books, a Rainha afirma que: “Queriam me tratar como uma garotinha, mas mostrarei a eles que sou a Rainha da Inglaterra”¹³.

Alexandrina Victoria Wettin, nome completo da então Princesa Victoria, nasceu em 1819, única filha do príncipe Edward (1797-1820), Duque de Kent e Strathearn. Com o falecimento de todos os monarcas que estariam na linha de sucessão em 1820, Victoria foi criada pela sua mãe, de origem germânica, Victoria de Saxe-Coburgo-Saarfeld (1786-1861), até completar a maioridade.

Depois que o sucessor Guilherme IV, irmão de Eduardo, morreu em 1837 sem deixar herdeiros legítimos para ocupar o trono, aos 18 anos a monarca herdou a coroa do Reino Unido, Irlanda e Domínios Britânicos de Além-Mar.¹⁴

Anos depois, a Rainha se casa com o Príncipe Albert e destaca que ele “a faria ‘*muito feliz*’ se ele aceitasse fazer o que ela desejava.”¹⁵ (HIBBERT, 2000, p.109). Ao contrário de o que circulava na Inglaterra, que o Príncipe só havia ido para a Inglaterra para se casar com a Rainha por dinheiro, Albert, em uma carta para a Rainha, declara: “Querida amada Victoria. (ela leu) Como posso merecer tanto amor, tanta afeição? [...] Acredito que os Céus me enviaram um anjo cuja luz deve iluminar minha vida... De corpo e alma para sempre serei seu escravo, seu querido ALBERT.” (HIBBERT, 2000, p. 19).¹⁶

A Rainha Victoria e o Príncipe Albert se casaram em 1840, se mudam para o Palácio de Buckingham, e tiveram oito filhos: Victoria (1840-1901), Edward VII (1841-1910), Alice (1843-1878), Alfred (1844-1900), Helena (1846-1923), Louise (1850-1942), Leopoldo (1853-1884) e Beatrice (1857-1944).

Em 1861, Albert morre de febre tifoide. A Rainha entra em luto, negligencia deveres e acaba se distanciando do povo e assim termina a primeira parte da Era Vitoriana. A segunda parte do reinado provoca o afastamento da ideia republicana com a instalação do Neocolonialismo e do Imperialismo nos últimos 30 anos de reinado até a sua morte, em 1901. Então seu filho, Edward, assume o trono tornando-se o rei Edward VII.

¹³“They wished to treat me like a girl, but I will show them that I am Queen of England”.

¹⁴ *Queen Victoria Biography*. Disponível em:

<<http://www.thebiographychannel.co.uk/biographies/queen-victoria.html>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

¹⁵ “[...] it would make her ‘*too happy*’ if he would consent to what she wished”

¹⁶ “Dearest beloved Victoria”. “How is it”, she read, “That I have deserved so much love, so much affection? [...] I believe that Heaven has sent me an angel whose brightness shall illumine my life ...In body and soul ever your slave, your loyal ALBERT.”

O reinado da Rainha durou 63 anos e sete meses. Nesse período, ela se tornou referência de decisões políticas e figura de autoridade para a população britânica.

2.4 Os manuscritos e *Queen Victoria*

O período Vitoriano, para fins desta dissertação, compreende quase 40 anos de reinado por ser o período de estabilização da monarquia. Esses anos compreendem tópicos que trazem informações políticas, históricas e sociais da época. As seções da obra *Queen Victoria* de Christopher Hibbert que abrangem o período são *The queen regnant (1841-1852)*, *Family Life (1841-1861)*, *Monarchs and ministers (1852-1861)* e *'Frequent difficulties' (1870-1878)*. Cada seção é composta de um conjunto de cartas e anotações que foram selecionadas utilizando o critério do assunto tratado em cada entrada de texto e de acordo com a data correspondente.

O autor da obra *Queen Victoria*, Christopher Hibbert, fez a seleção dos textos e os dividiu em seções de acordo com as datas das correspondências e o assunto tratado em cada carta ou anotação.

De acordo com Gilroy e Verhoeven (2000, p. 83), era costume da nobreza queimar correspondências e diários que poderiam ter conteúdo incriminador.¹⁷ A filha mais nova de Victoria, Beatrice, transcreveu algumas das passagens dos diários e queimou os originais. Não obstante, algumas passagens transcritas também foram alteradas pela Princesa, sob a justificativa de serem impróprias para serem transcritas. Apenas algumas passagens de texto foram mantidas e aquelas remanescentes não foram repassadas em sua totalidade. Passagens inteiras foram destruídas ou alteradas. Boa parte dessas cartas e diários foi publicada por autores posteriormente (HIBBERT, 2000, p. 55).¹⁸

Esses diários e anotações fazem parte do crescimento do Reino Unido e que, visto de outro ângulo, abrem as portas para o acesso à personalidade da Rainha e de acontecimentos históricos descritos em cartas e anotações pessoais. A Monarca partilha sensações e pensamentos de maneira que

¹⁷ “Nobles usually burnt incriminating letters [...]”

¹⁸ “Regrettably not all of the Queen’s papers survived intact. For, in fulfillment of a charge imposed upon her mother, the Queen’s youngest child, Princess Beatrice, transcribed passages from the journals and burned the originals when she had finished with them. She often, in fact, went further than this, destroying whole entries which she thought unsuitable for transcription and substantially altering numerous passages which she did transcribe”.

ninguém que lê duvida da sua simplicidade e praticidade, de seu senso comum, a sua profunda capacidade de afeição, de sua direta e às vezes desconfortável necessidade pela verdade, da imperiosidade teimosa de proteger a insegurança e a ciência de suas próprias limitações.¹⁹ (HIBBERT, 2000, p. 2).

A obra *Queen Victoria* foi primeiramente publicada em 1984 por John Murray Publishers. A edição adotada nesta dissertação foi aquela publicada em 2000 pela Sutton Publishing Limited, em Gloucestershire, Inglaterra. *Queen Victoria in her Letters and Journals* foi reimpressa em 2000, 2001 e 2003 pela Sutton Publishing; em 1985 foi impressa pela American Viking, em Nova Iorque, e também, em 1986, pela Puffin, na série Penguin Lives and Letters, Inglaterra. Atualmente, a editora *The History Press* tem os direitos autorais dessa obra. The History Press é especializada em publicações nas seguintes áreas: “[...] história antiga, medieval e moderna, transportes, biografia, arqueologia popular, esportes, história militar, herança, entretenimento e atividades.”²⁰

As seções se intitulam: 1 *Childhood* (1819-1837); 2 *The Young Queen* (1837-1839); 3 *The Bride* (1839-1840); 4 *The Queen Regnant* (1841-1852); 5 *Family Life* (1841-1861); 6 *Monarchs and Ministers* (1852-1860); 7 *Life at Balmoral* (1842-1861); 8 *‘Our Most Precious Invalid’* (1861); 9 *The Lonely Widow* (1862-1869); 10 *The Prince and Princess of Wales* (1866-1872); 11 *‘Frequent Difficulties’* (1870-1878); 12 *‘The Queen Will Sooner Abdicate’* (1879-1885); 13 *Irish Rebels and German Relations* (1886-1891); 14 *‘The Queen is Deeply Concerned’* (1892-1895); e seção 15 *The Final Years* (1896-1895).

Cada entrada de texto em cada seção foi escolhida pelo autor da obra e distribuída respeitando as datas correspondentes de cada entrada. Existem entradas publicadas nessa obra que já foram publicadas anteriormente em outras obras de Hibbert, de John Murray entre outros, e/ou estão em domínio público. No entanto, também foram publicadas entradas que estão disponíveis em domínio público

¹⁹ “No one reading them could doubt her simplicity and practicality, her sound common sense, her deep capacity for affection, the undeviating and sometimes highly uncomfortable regard for truth, the stubborn imperiousness protecting an inner insecurity and awareness of her own limitations.”

²⁰ “[...] Ancient, Medieval and Modern History, Transport, Biography, Popular Archaeology, Sport, Military History, Heritage, Leisure and Walking”. Disponível em: <<http://www.thehistorypress.co.uk/index.php/about-us#sthash.rn9hG9t2>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

(HIBBERT, 2000, p. 6.), mas somente nos Arquivos Reais em Windsor, aos quais Hibbert tinha acesso. Hibbert (2000, p. 6) comenta esse assunto em *Queen Victoria*.²¹:

Lá permanecem diversas cartas da Rainha assim como muitos materiais de seus diários que nunca foram impressos. O Sr. John Murray e eu fomos gentilmente autorizados a consultar esses papéis e reproduzir as partes que estão publicadas correspondentemente pela primeira vez.

A obra *Queen Victoria* também tem, no total, oitenta e três notas de rodapé e noventa e quatro textos introdutórios distribuídos pelos capítulos. No recorte desta dissertação, que compreende quatro seções, há 31 notas de rodapé e 42 textos introdutórios.

A seção 4, *The queen regnant* (1841-1852) traz, em suas vinte e seis páginas, entre tantos outros acontecimentos, nos primeiros anos de reinado, os seguintes: o casamento real e a Guerra da Sardenha. A seção 5, *Family life* (1841-1861), com trinta páginas, trata do nascimento dos filhos, da vida em casal, e principalmente da visão e descrição da moral e dos costumes que são adotados pela família real.

A seção 6, *Monarchs and ministers* (1852-1860), contém vinte e uma páginas e apresenta discussões, crises e soluções políticas como exemplificado por Hibbert (2000, p. 2)²², que defende que

além de serem reveladores de seu caráter, as cartas e os diários da Rainha são guias indispensáveis para entender seus interesses e opiniões. Fica claro nas suas correspondências mais antigas como ela estava preocupada com as relações exteriores e nas suas cartas mais recentes, apesar de sempre mostrar o seu desgosto pela política e negócios, o quão conscienciosa ela era em sua atenção a eles.

E a seção 11, *Frequent difficulties* (1870-1878), com trinta e oito páginas, aborda o estreitamento das relações entre a Inglaterra e dinastias em função de questões políticas.

O período de 1841-1878 se deu devido ao estreitamento de relações exteriores e de estabilização da monarquia cujas repercussões foram de enorme valia e embasaram as políticas de Neocolonialismo e o Imperialismo estabelecidos nos últimos anos do

²¹ “There remain at Windsor many letters from Queen Victoria and much material from her journals which have never been printed. Mr. John Murray and I have been kindly allowed to consult these papers and to reproduce those parts of them which are accordingly published for the first time.”

²² “As well as revealing her character, the Queen’s letters and journals are an indispensable guide to her interests and opinions. It is clear from her earliest correspondence how deeply concerned she was with foreign affairs and from her later letters, though she so often protested her dislike of politics and business, how conscientious she was in her attention to them.”

Reinado da Rainha Victoria. O último período regencial vitoriano foi de extrema paz e ligação entre o povo e a monarca, e a expansão do império trouxe riquezas para o país, que acabou se consolidando como uma das maiores potências mundiais.

2.5 Christopher Hibbert, o autor de *Queen Victoria in her letters and journals*

Christopher Arthur Raymond Hibbert nasceu em 1924 em Leicestershire, Inglaterra, e era o segundo de três filhos. Ele iniciou seus estudos em Oxford, mas acabou sendo chamado para o serviço militar em 1943. Ao voltar para Oxford, Inglaterra, onde ele conheceu a sua esposa, casou-se e teve três filhos. Morreu em 2008, aos 84 anos, em sua casa em Henley-on-Thames, cidade próxima de Londres. Era membro da Sociedade Real de Literatura e Doutor pela Universidade de Leicester.

Christopher Hibbert é autor de mais de 24 trabalhos sobre história, incluindo biografias. Entre seus trabalhos, destacam-se: *Mussolini: the rise and fall of II Duce* (2008), *The house of medici: its rise and fall* (1999), *Queen Victoria: a personal history* (2001) e *George III: a personal history* (2000).

Neste capítulo foram apresentados questões gerais referentes ao Brasil e ao Reino Unido no século XIX e à obra *Queen Victoria*, em estudo, nesta dissertação.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo é apresentado o respaldo teórico das discussões sobre o processo tradutório e que envolvem questões de (co)autoria, polifonia e textos suplementares (paratextos). Autores como Peter Newmark (1988), Lawrence Venuti (2004), Andre Lefevere (1992), Oswald Ducrot (1987) e Gideon Toury (1995) servem de base teórica.

3.1 Tradução: aspectos gerais

A tradução, para fins desta dissertação, é entendida como uma modificação, uma reescrita, que tem como base um texto de partida. As alterações são feitas para que o texto chegue para o leitorado seguindo os propósitos do autor original e, para que essas transformações aconteçam, o tradutor faz o papel de intérprete da obra. Em outras palavras, o tradutor “recria a criação”. Assim, a tradução pode ser vista como um novo texto criado e adaptado pelo tradutor que, por sua vez, atua como criador de um novo texto e, dessa forma, assume a posição de autor do texto traduzido. Para Venuti (2004, p. 2):

O mapa dos estudos da tradução aqui desenvolvidos, nos seus centros e periferias, suas admissões e exclusões, reflete na atual fragmentação do campo em subespecialidades, algumas delas orientadas empiricamente, algumas de forma hermenêutica e literária, e algumas influenciadas pelas várias formas dos estudos linguísticos e culturais que resultaram em uma síntese produtiva.²³

Seguindo essa concepção de tradução, Theo Hermans (1992, p. 26) salienta que a tradução é vista como uma transação complexa em um contexto comunicativo e sociocultural. Essa conexão entre o texto traduzido e outros contextos faz parte da teoria do polissistema.²⁴

²³ “The map of translation studies drawn here, its centers and peripheries, admissions and exclusions, reflects the current fragmentation of the field into subspecialties, some empirically oriented, some hermeneutic and literary, and some influenced by various forms of linguistics and cultural studies which have resulted in productive syntheses.”

²⁴ “Today, it is increasingly seen as a complex transaction taking place in a communicative, socio-cultural context.”

Para Lefevere (1992, p. 12)²⁵, sistema “[...] é um termo descritivo usado para designar um conjunto de elementos inter-relacionados que dividem certas características que os distanciam de outros elementos tidos como não pertencentes àquele sistema”.

Even-Zohar (1990, p. 13)²⁶ define polissistema como “[...] um sistema de vários sistemas que se intersectam e parcialmente se sobrepõem, usando concomitantemente opiniões diferentes e ainda assim funcionando como uma só estrutura, cujos membros são independentes”. Dessa forma, a teoria dos polissistemas auxilia o processo tradutório, abrangendo outras teorias e outras práticas de diferentes áreas de atuação para que o texto traduzido consiga atingir o seu leitorado. Ele também defende que é a atividade tradutória em si que direciona qualquer ator social²⁷ a tomar certas decisões. Portanto, a tradução deve ser reconhecida como um obstáculo de natureza sistêmica, um fator integral de transferência.²⁸

O polissistema foca na multidisciplinaridade de ligações e conexões que um texto tem com outros sistemas, e Even-Zohar (1990, p. 12)²⁹ acredita que o polissistema “ênfatiza a multiplicidade de intersecções e, por isso, a grande complexidade da estruturação envolvida.” O autor também destaca que para que um sistema funcione, a uniformidade não precisa ser postulada.

Trata-se, segundo este autor, de uma multiplicidade de sistemas que funcionem, cada qual por si e ao mesmo tempo dentro de um conjunto. Assim, isso significa, também, que um idioma não pode ser levado em consideração sem se olhar as variações não padronizadas (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 13). Dessa forma, é possível ligar a teoria dos polissistemas com a afirmação de Lefevere (1992, p. 14)³⁰, quando ele ressalta que: “alternativamente, uma cultura, uma sociedade é o ambiente de um sistema literário. O

²⁵ “[...] descriptive term, used to designate certain characteristics that set elements that happen to share certain characteristics that set them apart from other elements perceived as not belonging to the system”.

²⁶ “[...] a system of various systems which intersect with each other and partly overlap, using concurrently different options, yet functioning as one structured whole, whose members are interdependent.”

²⁷ O termo ator social fundamenta-se na proposta de Goffman (1989), bem como no interacionismo, sobre a metáfora teatral com a vida cotidiana. Nesse sentido, a sociedade é o palco para a encenação de diversos papéis sociais. Esse termo foi elencado em oposição ao vocábulo "indivíduo", do latim *individuus*. Nesse sentido, para a tradução, leva-se em consideração não somente "o indivíduo" como agente singular, mas atores que possuem vários papéis sociais e que estão interagindo com outros atores e com o ambiente que os circunda. O contexto de produção e de recepção de obras originais e traduzidas é de importância relevante para os estudos da tradução.

²⁸ “It is the very activity of *translating* which directs any individual to make certain decisions. It must therefore be recognized as a fundamental constraint of systemic nature, an integral factor of transfer.”

²⁹ Emphasizes the multiplicity of intersections and hence the greater complexity of structuredness involved. Also, it stresses that in order for a system to function, uniformity need not be postulated.

³⁰ Alternatively, a culture, a society is the environment of a literary system. The literary system and the other systems belonging to the social system as such are open to each other: they influence each other.”

sistema literário e os outros sistemas pertencentes ao sistema social como tal estão abertos um para o outro: um influencia o outro”.

Gideon Toury (1995, p. 79)³¹, citando Even-Zohar, ressalta que

Uma tradução adequada é uma tradução que realiza na língua de chegada as relações contextuais de um texto fonte sem qualquer quebra em seu sistema linguístico (básico) próprio.

Hans Vermeer (2004, p. 222)³² salienta que o texto de partida está orientado e ligado à cultura de partida. “De acordo com o seu nome, o texto final, a *translatum*, está orientado para a cultura receptora, e é isso que define a sua adequação.”³³

Christina Schäffner (1998, p. 236) aborda o processo tradutório considerando a recepção do texto traduzido pelo leitorado e diz que “nem a seleção da informação fornecida pelo texto de partida, nem as especificações do escopo acontecem por acaso; elas são determinadas pelas necessidades, pelas expectativas etc. dos receptores do texto.”³⁴

O escopo, então, localizaria o texto traduzido de forma contextual durante a sua recepção, e isso permite que esse texto seja analisado de modo separado não somente em sua recepção, mas sim de maneira contextual. Essa separação entre texto traduzido e texto original constitui dois contextos de produção e recepção que Christina Schäffner (1998) discute como sendo a função comunicativa. Essa função no texto traduzido é a finalidade da tradução que se baseia nas necessidades da cultura de chegada, o que acaba por refletir essa cultura. Assim,

a tradução é, então, caracterizada por oferecer informação a membros de uma cultura no seu idioma (o idioma e cultura de chegada) sobre a informação originalmente oferecida em outro idioma dentro de outra cultura (o idioma e cultura de partida). A tradução é um fornecimento secundário de informação que imita a fonte primária.³⁵ (SCHÄFFNER, 1998, p. 236).

³¹ “An adequate translation is a translation which realizes in the target language the textual relationship of a source text with no breach of its own [basic] linguistic system.”

³² “The target text, the *translatum*, is oriented towards the target culture, and it is this which ultimately defines its adequacy.”

³³ “As its name implies, the source text is oriented towards, and is in any case bound to, the source culture. The target text, the *translatum*, is oriented towards the target culture, and it is this which ultimately defines its adequacy.”

³⁴ “Neither the selection made from the information offered in the source text, nor the specification of the *skopos* happens at random; rather, they are determined by the needs, expectations, etc. of the target-text receivers.”

³⁵ “Translation is then characterized as offering information to members of one culture in their language (the target language and culture) about information originally offered in another language within another

Dessa forma, a teoria funcionalista abrange tanto a recepção do destinatário de recepção do texto de partida quanto à do texto de chegada. Para esta dissertação, foram levadas em consideração as necessidades da cultura de chegada e, com isso, estabeleceu-se a necessidade de notas de rodapé para contextualizar o destinatário do texto traduzido.

Pode-se entender que a teoria funcionalista fundamenta-se, principalmente, no propósito da tradução enquanto ato comunicativo. Esse propósito é determinado por fatores intratextuais e extratextuais de modo que o texto traduzido chegue ao destinatário trazendo os significados que originalmente foram atribuídos ao texto. Venuti (2004, p. 5)³⁶ diz que “a importância da mudança de um conceito teórico específico, sendo autonomia, equivalência ou função, pode ser determinada por diversos fatores linguísticos, e literários, culturais e sociais.”

Assim, Alice Leal (2005) também comenta que fatores extratextuais influenciam tanto no texto de partida quanto no de chegada. Leal (2005, p. 3) afirma que os fatores extratextuais se referem ao produtor e emissor do texto juntamente com as suas correspondentes intenções, tempo e comunicação, o motivo para a criação do texto, a função textual entre outros, enquanto os fatores intratextuais se referem ao estilo, tema, conteúdo, gramática entre outros.

O conceito de funcionalidade é importante para os estudos da tradução já que o texto se comporta como um reflexo da cultura de partida em relação à cultura receptora daquela tradução.

Essa premissa de que a tradução é um mecanismo que carrega ideias e uma cultura para a outra reforça a ideia de que uma tradução é um conjunto de informações que são repassadas de uma cultura a outra. Esse estado comunicativo que o texto traduzido assume sugere que uma tradução pode ser entendida como um processo de reescrita de um texto de cultura de partida para cultura receptora Lefevere (1992, p. 9)³⁷ enfatiza que

já que a tradução é a forma mais reconhecida de reescrita e, já que é potencialmente a mais influente, ela é capaz de projetar a imagem de

culture (the source language and culture). A translation is a secondary offer of information, imitating a primary offer of information.”

³⁶ “The changing importance of a particular theoretical concept, whether autonomy, equivalence or function, may be determined by various factors, linguistic and literary, cultural and social.”

³⁷ “Since translation is the most obviously recognizable type of rewriting, and since it is potentially the most influential because it is able to project the image of an author and/or a (series of) works in another culture, lifting the author and/or (series of) works beyond the boundaries of their culture of origin.”

um autor e/ou dos (das séries de) trabalhos em outra cultura, levando o autor e/ou (a série) desses trabalhos além das fronteiras da cultura de origem.

Assim sendo, pode-se dizer que a tradução é a reescrita de um texto proveniente de cultura que será adaptada para ser recebida por outra. Ainda sobre a ligação entre cultura, sociedade e texto, Itamar Even-Zohar (1990, p. 51)³⁸ acredita que “vista dessa maneira, tradução não é mais um fenômeno cuja natureza e fronteira são fornecidas de uma vez por todas, mas uma atividade dependente de relações em certo sistema cultural.” Partindo dessa afirmação, a tradução pode ser considerada um conjunto de fatores que se integram e interconectam formando tanto um produto literário quanto não literário de caráter interdisciplinar.

Para Mauri Furlan (1996, p. 101)., tradução é uma forma que se foca na recriação. De acordo com Furlan, a tradução

deve trazer para a forma de sua própria língua o modo de significar o original. Na recriação do modo de significar do original na forma da língua da tradução, a tradução trabalha o desvelamento da linguagem do original: no confronto de duas línguas cria entre elas uma complementaridade que revela, muitas vezes, um sentido antes despercebido na língua do original.

Segundo Furlan, a tradução é então uma interpretação cujo resultado é um novo texto que é fruto, também, do contato entre duas culturas e dois idiomas. Esse resultado tem por autor o tradutor, que é mediador cultural e linguístico que modifica o texto. Nas palavras de Venuti (2004, p. 468)³⁹, tradução é comunicação e a comunicação nunca é feita “de maneira descomplicada, pois o tradutor negocia as diferenças linguísticas e culturais [...] para permitir que o texto estrangeiro seja recebido.” O tradutor, frente a uma tradução como recriação, atua como ponte entre duas culturas e contextos de um ato comunicativo. Dessa maneira, o tradutor é tanto um destinatário quanto um produtor: ele é alvo e agente da informação e a modifica, trabalha e produz mensagem correspondente em outro idioma e cultura.

Para Lefevere (1992, p. 8), a reescrita é uma adaptação cultural, que modifica o original para que se adeque ao leitorado de forma “ideológica e poetológica de sua

³⁸ “Seen from this point of view, translation is no longer a phenomenon whose nature and borders are given once and for all, but an activity dependent on the relations within a certain cultural system.”

³⁹ “Translation never communicates in an untroubled fashion because the translator negotiates the linguistic and cultural differences of the foreign text [...] to enable the foreign to be received there.”

época”. Segundo Lefevere (1990, p. 50), as adaptações textuais “solucionam quaisquer discrepâncias que possam existir entre o texto original e a interpretação autoritária do momento pelo leitor daquele texto”.⁴⁰ Essa afirmação é parcialmente aceita, uma vez que Lefevere considera que essa prática solucionaria “quaisquer discrepâncias”. Acredita-se que as adaptações textuais sejam umas das possíveis soluções para problemas durante o processo tradutório e não para todas elas como comenta Lefevere.

Em relação à manipulação textual, Enrique Alcaraz (1996, p. 100) ressalta que “equivalência” sugere “a preservação do mesmo significado”.⁴¹ Dentro da recriação como tradução, essa manipulação é positiva uma vez que a alteração é uma questão de adaptação cultural para que o texto se adeque em linguagem e cultura com o leitor receptor. A mudança textual que existe em todo processo tradutório é defendida por Lefevere (1992, p. 9) que ressalta que “a reescrita manipula e é efetiva”⁴².

Modificações textuais ocorrem durante o processo tradutório. Então, a tradução não é uma reprodução perfeita. Ela revela as manipulações efetuadas pelo tradutor e demais profissionais envolvidos na elaboração da tradução a ser publicada como revisores, editoras etc.

Tradução, parafraseando Hermans (1993, p. 80) é ato comunicativo, sendo mais ou menos forma de comportamento social. O processo tradutório, de acordo com Leppihalme, deve focar no leitorado e tentar, da melhor forma possível, repassar a mensagem do original. Segundo Leppihalme (1997, p. 14), ao citar Gutt,

o que o tradutor tem de fazer para ter sucesso em sua comunicação é atingir a interpretação prevista pelo original, e então determinar em quais aspectos sua tradução deve se assemelhar ao original para ser consistente com o princípio da relevância para seu público receptor em seu ambiente cognitivo individual. Nada mais é necessário.⁴³

Para que o tradutor consiga elaborar tradução que seja uma reescrita do original, ele deve levar em conta o contexto e o leitor final. No entanto, essa reescrita terá semelhança maior ou menor em diversos aspectos, uma vez que a correspondência entre

⁴⁰“Resolve any discrepancies that may be thought to exist between the actual text of the original and the current authoritative interpretation of that text [...]”

⁴¹ “Manipulation connoting ‘linguistic efficiency and dexterity’ and ‘equivalence’ suggesting the ‘preservation of the same meaning.’”

⁴² “Rewriting manipulates, and it is effective.”

⁴³ “What the translator has to do in order to communicate successfully is to arrive at the intended interpretation of the original, and then determine in what respects his translation should interpretively resemble the original in order to be consistent with the principle of relevance for his target audience with its particular cognitive environment. Nothing else is needed.”

dois idiomas e duas culturas nem sempre tem o grau de correspondência esperado. Assim, a obra traduzida pode conter passagens que mais ou menos se aproximam da realidade do leitor receptor e, com isso, a semelhança ao original mencionado por Gutt (apud LEPPihalme, 1997, p. 14) leva a crer que o estudo das realidades dos leitores e de seus ambientes cognitivos é de grande importância para o processo tradutório.

No processo tradutório, o tradutor depara-se com questões de ordem não somente linguística, mas também social, cultural e política. Ele é criador de um novo texto em um novo espaço. Segundo Lefevere (1990, p. 27), esse espaço que o texto traduzido cria pode nos revelar sobre a autoimagem de uma cultura em certo tempo, e as mudanças que essa imagem enfrenta. A recepção textual pode ser correspondente às escolhas que o tradutor faz em relação às escolhas tradutórias. Assim, o tradutor é regido por normas vigentes.

Segundo Toury (1995, p. 65), as normas nos Estudos da Tradução são “restrições socioculturais que foram categorizadas em dois extremos: geralmente, por um lado regras relativamente absolutas e, por outro, são idiosincrasias puras.”⁴⁴ Dessa forma, as situações em que as normas são aplicáveis seguem diferentes tipos de comportamento e podem reger as escolhas durante o processo tradutório.

Halliday (2004, p. 3) enfatiza que não se pode obter exatamente o significado de um texto uma vez que existem diversas leituras e interpretações. Assim, “texto” representa “um momento da linguagem que faz sentido a alguém que conhece a língua” e, dessa forma

nós não podemos explicar porque um texto significa o que ele significa, com todas as diversas leituras e valores que podem ser dados a ele, exceto ao relacionar-se com o sistema linguístico como um todo; e igualmente, nós não podemos usá-lo como uma janela no sistema ao menos que entendamos o que ele significa e porquê.⁴⁵

A tradução como texto é caracterizada por oferecer e refletir informações sobre uma cultura a pessoas que são oriundas de outra cultura.

Essa relação estabelecida entre cultura e idioma é defendida por Halliday (2004, p. 32). Segundo ele, uma língua é interpretada em referência ao seu habitat semiótico.

⁴⁴ “In terms of their potency, socio-cultural constraints have been described along a scale anchored between two extremes: general, relatively absolute rules on the one hand, and pure idiosyncrasies on the other.”

⁴⁵ “We cannot explain why a text means what it does, with all the various reading and values that may be given to it, except by relating it to the linguistic system as a whole; and equally, we cannot use it as a window on the system unless we understand what it means and why.”

Dessa forma, a língua é influenciada pela cultura dentro de um espaço que modifica o texto. Partindo do princípio de que as culturas e os contextos são inúmeros, as produções e recepções textuais e artísticas podem seguir esse padrão diversificado. Assim, o fornecimento de informação pelo texto original por uma cultura não será recebido da mesma maneira pela cultura de chegada. Essa recepção textual varia com a cultura e o espaço temporal entre os produtores e os leitores da mensagem, do mesmo modo que varia de acordo com o tradutor e suas escolhas tradutórias.

Durante a atividade tradutória, para situar o leitor cultural - e temporalmente, Newmark (1988, p. 91)⁴⁶ressalta que “as informações adicionais que o tradutor deve acrescentar a sua versão são normalmente culturais [...], técnicas [...], ou linguísticas [...], e são dependentes da necessidade de seu novo leitor, e não do leitor original.”

Conforme exposto, a tradução pode ser vista como uma reescrita modificada para que seja aceita dentro de um sistema linguístico e cultural diferente. A tradução também pode ser entendida como um ato comunicativo de forma que os fatores “culturais, linguísticos e técnicos” (NEWMARK, 1988, p. 91) do âmbito da cultura e da língua de partida e de chegada sejam analisados em sistemas separados para que o texto original consiga ser traduzido de forma mais aceitável para os destinatários de um texto traduzido.

3.2 Gêneros e tipologias textuais

O gênero textual caracteriza-se como um dos fatores que influenciam e fazem parte da tradução e da reescritura de um texto. O gênero textual apresenta características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais e estilo. Para Marcuschi (2007, p. 22), gêneros textuais “são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social.” configurando, assim, “entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”. Segundo Marcuschi, pode-se entender que os gêneros textuais são caracterizados pela função comunicativa e social, e que priorizam a interatividade da língua nas entidades sociodiscursivas.

⁴⁶ “The additional information a translator may have to add to his version is normally cultural (accounting for difference between SL and TL culture), technical (relating to the topic) or linguistic (explaining wayward use of words), and is dependent on the requirement of his, as opposed to the original, readership.”

Marcuschi (2007, p. 22) também define o tipo textual como uma teoria estabelecida pela natureza da composição linguística, ou seja, por aspectos lexicais e sintáticos, disposta em categorias como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

Dentro da concepção de gêneros textuais descritas acima, uma carta pode ser considerada como uma visão mais abrangente com os gêneros subsidiários como a carta pessoal, a carta amorosa, a carta política. Nesta dissertação, pode-se dizer que as cartas também salientam os cunhos políticos, econômicos e pessoais. A carta, neste caso, abrange diversas formas de gêneros textuais, sendo que esses são comunicativos.

3.2.1 O gênero epistolar

Cartas e diários diferem em conteúdo e forma. Thomas Mallon (2009, p. 10) descreve que

existe uma diferença na leitura de diários e cartas, não somente em sua escrita. No primeiro do gênero, o leitor entende a história toda; apesar de seletivo, o diário é uma narrativa total do que o autor escolhe revelar. Uma carta é raramente mais do que a metade da história.⁴⁷

Assim, entende-se que a carta teria conteúdo apropriado a uma pessoa, a um grupo de pessoas específico ao passo que um diário nunca teria a intenção de ser lido. O diário tem por intenção nunca ser lido ou compartilhado, servindo como reflexão íntima posterior. Valdeni da Silva Reis (2012, p. 123) salienta que os diários íntimos têm o intuito de explicar e autojustificar.

O dicionário Silveira Bueno (1996, p. 126) apresenta que a carta é uma “epístola; missiva; mensagem escrita”; e, diário, segundo o dicionário *on-line* Aurélio, é o “livro de anotações contendo a narrativa diária de experiências pessoais”⁴⁸. Dessa maneira, pode-se entender que a carta é uma mensagem escrita de cunho informativo ao passo que um diário é de cunho pessoal e narrativo.

Desse modo, a carta pode ser considerada como expressão de um ponto de vista que chegará aos destinatários e será interpretado de maneira diversa daquele expresso

⁴⁷ “There’s a difference in the reading of diaries and letters, not just in the writing of them. For the first genre, one is getting the whole story; however selective, the diary is total narrative that the author chose to provide. A letter is rarely more than half the story.”

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Diario.html>> Acesso em: 01 jun. 2014.

primeiramente, devido ao fato de que tanto o cunho da carta quanto o contexto socioeconômico do remetente e destinatário importam e alteram a recepção textual. Apesar da diferença interpretativa, tanto o leitor quanto o remetente estão refletidos na forma epistolar. A epístola pode ser considerada uma maneira de espelhar o pensamento de uma cultura e de uma sociedade em dada época que chega ao leitor de outra época e cultura.

Com relação ao gênero epistolar no século XVIII, seguindo a descrição de Elizabeth Hackendorn Cook (2000, p. 16)⁴⁹,

a carta em si carregou duas conotações contraditórias nesse período. De um lado, ela era considerada a forma de comunicação escrita mais direta, sincera e transparente. [...] Mas a carta era simultaneamente reconhecida como a forma mais brincalhona e potencialmente enganosa de textos, como palco para truques retóricos [...].

Assim, nesta dissertação, na obra *Queen Victoria*, a transparência em comunicados e cartas políticas, amorosas e familiares dão veracidade e respaldo ao conteúdo da vida privada da Monarca ao mesmo tempo em que repassam conhecimento sobre a vida política do país, como pensa Cook (2000, p. 6)⁵⁰, que salienta que o assunto de cartas dos séculos XVII e XVIII se tornou o casamento, o amor e a família:

a carta se tornou um emblema do privado; enquanto mantém a sua função como agente de trocas de conhecimento público, ela abrangeu conotações gerais que ainda são reais para nós hoje, intimamente identificada com o corpo, especialmente o corpo feminino, e o terreno somático das emoções como o tema de amor casamento e família.

As cartas e os diários íntimos da Rainha Victoria, compilados em *Queen Victoria*, constituem o *corpus* desta dissertação e importam para a tradução de forma que a tradutora, como mediadora entre duas culturas, deve atentar para o gênero textual e para a tipologia textual, já que a atividade tradutória desse profissional não é um ato individual e isolado, mas sim, um processo de escolhas que envolve o tradutor como agente que reescreve o texto de forma que a sua voz é feita voz do autor.

⁴⁹ “The letter as such carried two contradictory sets of connotations in this period. On the one hand, it was considered the most direct, sincere, and transparent form of written communication. [...] But the letter was simultaneously recognized as the most playful and potentially deceptive of forms, as a stage for rhetorical trickery, the ‘calm and deliberate performance’ [...].”

⁵⁰ “The letter became an emblem of the private; while keeping its actual function as an agent of the public exchange of knowledge, it took on the general connotations it still holds for us today, intimately identified with the body, especially a female body, and the somatic terrain of the emotions, as well as with the thematic material of love, marriage, and the family too.”

Em *Queen Victoria*, essas cartas e diários configuram uma esfera pessoal e não pública, ou seja, elas eram endereçadas a um remetente específico ou simplesmente foram anotações em diários como reflexões e pensamentos que vinham à mente da Monarca. Esse aspecto da realidade retratada por essas entradas em diários pode ser considerado a representação direta da consciência de quem escreve, dentro de um espaço e de tempo sobre assunto específico. Pelo fato de a Rainha talvez não ter tido a intenção de que essas anotações e cartas viessem a domínio público, ela, por vezes, escreveu sobre assuntos sem qualquer cuidado com as informações passadas.

O leitor de gêneros epistolares, sendo esses reais ou fictícios, entra em contato com a voz de Hibbert (autor da obra) ou com a da Rainha (autora das cartas). Os três atuentes do cenário, leitor, Hibbert e Rainha Victoria, fazem interpretações a partir de pontos de vista diferentes, já que o espaço de tempo entre a produção das cartas, a compilação e a publicação de *Queen Victoria* constituem três elementos modificadores em termos de recepção e produção textual.

Queen Victoria é uma compilação de cartas e diários escritos pela Rainha Victoria durante o seu reinado. O caráter epistolar que essa composição feita por Hibbert carrega traz consigo a carga de “veracidade” das informações passadas pela Rainha Victoria ou pelo seu compilador.

Em resumo, o gênero epistolar possui traços de realidade que dão veracidade à informação passada pelo texto. Devido a esse fator, o leitor de epístolas pode ser um intérprete de uma narrativa mais “real”, que gira em torno de casamentos, amores e esferas familiares.

A visibilidade de Hibbert e da tradutora do texto para o português no gênero epistolar é caracterizada como uma (co)autoria dentro de um tempo e espaço delimitado. Hibbert e a tradutora adicionaram interpretação sobre as casualidades descritas em textos que muitas vezes possuem remetente específico que já estava inserido contextualmente ou então não possuíam remetente, como as anotações em diários que podem ser consideradas reflexões diretas da consciência *da Rainha Victoria*.

3.3 Autoria, coautoria e polifonia

Com relação à questão de autoria, Foucault (2006, p. 265), em uma conferência em 1969, destaca que “o autor é aquele a quem se pode atribuir o que foi dito ou escrito”, e junto a essa definição ainda há que se considerar a questão da autoria, pois “o autor não é exatamente nem o proprietário nem o responsável por seus textos, não é nem o produtor e nem o inventor deles”.

O tradutor como autor de dado texto imprime novas visões e amplia conhecimentos de novas culturas. Ele é o responsável pela influência do texto na cultura de chegada. Foucault (2006, p. 135) descreve que “o autor de um romance pode ser responsável por mais do que seu próprio texto; se ele adquire “importância” no mundo literário, a sua influência pode ter ramificações significativas”⁵¹.

Assim, pode-se dizer que autor é o responsável pelo que é dito; no entanto, não necessariamente responsável pelo seu próprio texto, uma vez que esse passa por revisões e alterações até a sua publicação. Dessa maneira, o tradutor também seria responsável pelo texto que produziu, uma vez que foi ele quem deu nova voz ao autor em outra cultura e ele também seria responsável pelo texto traduzido e pelo impacto que essa tradução terá na cultura de chegada.

Nas palavras de Alípio de Sousa Filho, ideologia é “sinônimo de opinião, ideias, convicções” (2003, p. 71). Assim, pode-se admitir ideologia como uma visão de mundo, de culturas e vivências. Teun Van Dijk (2000, p. 4) analisa a ideologia de forma sociocultural e considera que a definição cognitiva de ideologia é “dada em termos de cognições sociais que são divididas por membros de um grupo”⁵². Dessa forma, considera-se ideologia como forma social, histórica e linguística de um grupo de pessoas ou de um povo.

Com relação à responsabilidade do tradutor no que diz respeito ao texto traduzido, Álvarez e Vidal (1996, p. 5)⁵³ ressaltam que

se soubermos que traduzir não é somente passar de um texto para outro, transferindo palavras de uma fonte para outra, mas que é transportar uma cultura inteira para outra com tudo o que isso implica, nós podemos entender o quão importante é ser consciente da ideologia que embasa uma tradução.

⁵¹ “The author of a novel may be responsible for more than his own text; if he acquires some ‘importance’ in the literary world, his influence can have significant ramifications.”

⁵² “The cognitive definition of ideology is given in terms of the social cognitions that are shared by members of a group.”

⁵³ “If we are aware that translating is not merely passing from one text to another, transferring words from one container to another, but rather transporting one entire culture to another with all that this entails, we realize just how important it is to be conscious of the ideology that underlies a translation.”

Venuti (2004, p. 7)⁵⁴, salienta que “é esperado que a tradução enfrente o seu *status* secundário com um discurso transparente e que produza a ilusão de autoria através do qual o texto traduzido pode ser tido como original”.

O autor de um dado texto imprime a sua voz na obra. Ao adicionar informações ao texto traduzido que formam um conjunto de vozes que se misturam dentro de um texto criando a polifonia. Quem fala em um texto não é necessariamente apenas o autor. O narrador, o tradutor e outros personagens podem ser ativos em uma narrativa. Em oposição a essa ideia, há os textos homofônicos, em que há uma só voz. Um texto pode ter diversas vozes que falam ao mesmo tempo, mas também o texto pode ter apenas uma voz. Essas vozes são aquelas que constroem o discurso e que se vinculam a questão da autoria.

A polifonia presente na compilação *Queen Victoria* foi notada devido à problemática levantada de (co)autoria entre tradutor, autor e compilador. A polifonia se caracteriza como um conjunto de vozes que dialogam sobre o mesmo tópico, sendo que, no caso desta dissertação, a polifonia seria mostrada na visibilidade da tradutora no texto traduzido. Assim, o tradutor configura-se como coautor de um texto que se revela em múltiplas vozes. Bajín/Bakhtin (2003, p. 38)⁵⁵, durante seus estudos de Dostoiévski, notou que

a essência da polifonia consiste precisamente que suas vozes permaneçam independentes e, como tais, se combinem em uma unidade de ordem superior em comparação com a homofonia. Caso queira falar de uma vontade individual, a polifonia precisamente tem a combinação de várias vontades individuais, existe uma saída fundamental fora das fronteiras.

A partir do entendimento de Bajín/Bakhtin, sobre polifonia, pode-se salientar que os textos polifônicos carregam visões de mundo diversas, e pontos de vista diferentes já que “cada personagem fala com a sua própria voz, expressando seu pensamento particular, de tal modo que existindo n personagens, existirão n posturas ideológicas.” (LOPES, 1994, p. 74). Da mesma forma, Barros e Fiorin (1999, p. 5) acreditam que os falantes de um texto não precisam ser os mesmos e que existem os

⁵⁴ “Translation is required to efface its second-order status with transparent discourse, producing the illusion of authorial presence whereby the translated text can be taken as the original.”

⁵⁵ “La esencia de la polifonía consiste precisamente em que sus voces permanezcan independientes y como tales se combinen en una unidade de un orden superior en comparación con la homofonia. Si se quiere hablar de la voluntad individual, em la polifonia tiene lugar precisamente la combinacóin de varias voluntades individuales, se efectúa una salida fundamental fuera de las fronteras de esta.”

falantes empíricos, os locutores e enunciadores que “olham” de posições sociais e ideológicas diferentes.

O contraste entre polifonia e homofonia é discernido por Barros (1999, p. 6) ao defender que textos polifônicos são dialógicos “porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de homofonia, quando o diálogo é mascarado, e uma voz, apenas, faz-se ouvir”. Dessa forma, pode-se concluir que na polifonia as vozes que dialogam deixam seus respectivos autores visíveis, ao passo que na homofonia existem outras vozes, mas os autores das vozes não ficam em evidência.

Assim, um texto que contém muitas vozes pode ser considerado homofônico uma vez que projetam a voz do autor e imprimem a sua ideologia. Nos textos homofônicos, as vozes se escondem sob uma mesma ideologia, sob uma mesma voz, ao passo que os textos polifônicos, como defende Passos (1994, p. 6), deixam que as diferentes vozes se mostrem.

De acordo com Edward Lopes (1994, p. 74), o tradutor é como um veículo de visões de mundo do próprio autor da obra e, o texto traduzido que é produzido, segue valores condizentes a uma cultura e a um público localizados em tempo e espaço que servirão como modificadores para aquele texto. A tradução, nesse caso, é uma aproximação de ideias, de textos e de valores, o que pode levar o tradutor a ser chamado de autor uma vez que ele dá origem a um novo texto inserido dentro de um novo meio de recepção.

A tradução, como texto manipulado, retrata o texto original. Assim, a representação do texto original é um novo texto recriado, cuja autoria do que foi dito e escrito é atribuída a alguém, sendo esse alguém o autor e/ou tradutor do texto.

De um lado, o tradutor, se considerado como modificador e criador do texto, produz uma obra traduzida que traz dúvidas em relação à veracidade de seu conteúdo. O tradutor é, portanto, nas palavras de Hermans (1993, p. 38)⁵⁶, “possuidor de competência especial para fornecer informação de um signo para o outro.” Assim sendo, pode ser considerada inevitável a alteração do texto de partida e, o tradutor, como leitor e escritor de um novo texto, pode ser considerado autor. Conforme salienta Foucault (2006, p. 265), o autor “é aquele a quem se pode atribuir o que foi dito ou escrito”. Oswald Ducrot (1987, p. 182), por sua vez, salienta que “há de fato casos em que, de

⁵⁶ “The translator, as socially recognized expert, is acknowledged as possessing the special competence to convey information from one sign system to another.”

uma maneira quase evidente, o autor real tem pouca relação com o locutor, ou seja, com o ser, apresentado, no enunciado, como aquele a quem se deve atribuir à responsabilidade da ocorrência do enunciado.” O autor de um texto não necessariamente tem relação com aquele a quem se atribui o compromisso pela fala. Essa concepção pode ser exemplificada na tradução.

A obra é traduzida fazendo com que a voz do tradutor seja feita a voz do autor. Quem fala transporta as ideias e se faz a voz do texto. Assim, o cuidado da fala é do autor, de quem partiu a obra. O encargo do tradutor ou de outro falante da obra original pode também ser atribuído à responsabilidade do que se fala, uma vez que a voz do tradutor é feita voz do autor e a nova obra produzida ao final da tradução é de dever de quem a traduziu incluindo os agentes profissionais participantes (editor e revisor). Nota-se, portanto, que o tradutor é autor de novo texto e está comprometido pelo que é dito tanto quanto o autor está responsável pela obra de partida que elaborou.

3.4 Textos suplementares (paratextos)

Os textos que são adicionados ao texto traduzido pelo tradutor ou por algum outro agente profissional (revisor, editor) também podem acrescentar informação extra para o novo leitor.

Os textos suplementares são textos incluídos pelo tradutor ao texto traduzido, e, de acordo com Peter Newmark (1988, p. 91), são classificados em: 1 – culturais (quando esclarecem diferenças culturais); 2 – técnicos (quando têm relação com o tópico); e 3 – linguísticos (quando se explica o uso de palavras). Não somente as formas verbais ou textuais de que são feitas o texto de partida são textos suplementares; outras formas podem conter significados e são valiosas para a compreensão do texto como um todo.

Gérard Genette (2009, p. 10) denomina os textos suplementares de paratextos e os descreve como “[...] um conjunto de heteróclitos e práticas de discursos de todos os tipos e de todas as idades”, ou seja, tudo o que acompanha o texto e faz parte do entendimento da mensagem do discurso como um todo, que é o caso das notas de rodapé e dos textos introdutórios.

Newmark (1988, p. 92)⁵⁷ classifica os textos suplementares de acordo com o modo em que eles aparecem no texto traduzido e entre eles estão os parênteses e os colchetes. Newmark ainda reforça que as adições em uma tradução devem ser mantidas dentro do texto sempre que possível, uma vez que isso não interferiria na atenção do leitor.

Newmark (1988, p. 92), ressalta que as informações elaboradas para os textos suplementares devem ser apresentadas: (1) no texto; (2) como notas no final da página; (3) como notas no final da seção; ou, (4) como notas ou glossários no final do livro⁵⁸.

As notas de rodapé e os textos introdutórios podem denotar a visibilidade do tradutor no texto traduzido, quando indicadas como pertencentes a esse texto. Os textos introdutórios inseridos por Hibbert podem ser considerados, para fins desta dissertação, textos suplementares, uma vez que adicionam informações para o leitor de forma a suplementar qualquer informação. O texto acrescido em forma de notas ou de textos introdutórios pode oferecer informações necessárias em partes do texto que possam parecer incompletas ou até mesmo confusas para o leitorado. Newmark (1988, p. 91) afirma que

normalmente, qualquer informação encontrada em um livro de referência não deve ser usada para substituir qualquer afirmação ou passagem de um texto (ao menos que o texto não corresponda aos fatos), mas para suplementar o texto, onde você acha que os leitores tendem a considerar o texto inadequado, incompleto ou obscuro.⁵⁹

Seguindo a afirmação de Newmark, ao acrescentar notas de rodapé ao seu texto traduzido, o tradutor insere não apenas as próprias escolhas e a própria interpretação, mas observa, também, as normas vigentes no sistema, que refletem e identificam a cultura para a qual o texto é traduzido além de suplementar o texto com informações relevantes para o seu entendimento; o tradutor modifica o texto e funciona como mediador de duas culturas de forma explícita e materializada linguisticamente e atua como autor de um novo texto. Newmark (1988, p. 93)⁶⁰ ressalta que é importante que o

⁵⁷ “Where possible, the additional information should be inserted within the text, since this does not interrupt the reader’s flow of attention.”

⁵⁸ “(1) Within the text. (2) Notes at bottom of page. (3) Notes at end of chapter. (4) Notes or glossary at end of book.”

⁵⁹ “Normally, any information you find in a reference book should not be used to replace any statement or stretch of the text (unless the text does not correspond to the facts) but only to supplement the text, where you think the readers are likely to find it inadequate, incomplete, or obscure.”

⁶⁰ “The artistic illusion of your non-existence is unnecessary.”

leitor saiba do alcance da tradução e do ponto de vista do tradutor e completa dizendo que a “ilusão da não existência do tradutor é desnecessária.”

Assim sendo, como leitor de um texto traduzido que entrará em contato com uma cultura que carregará novas ideologias que fizeram parte de um processo tradutório, pode-se considerar as notas e outras formas de textos suplementares como extensão da voz do tradutor ou de outros agentes institucionais. Dessa forma, o tradutor fica mais visível e passa a ser coautor e até mesmo autor de um novo texto que contém textos suplementares editoriais que auxiliam na compreensão de obra em uma cultura cuja aceitação poderá ser influenciada por essas interferências como as notas de rodapé e os textos introdutórios.

De acordo com Sherry Simon (2005, p. 14)⁶¹, os prefácios e as notas de rodapé chamam atenção para o processo tradutório, ao mesmo tempo em que evidenciam as características do público previsto. Assim, as notas de rodapé podem indicar as necessidades de informação do público destinatário e que, por sua vez, mostram o distanciamento cultural e temporal entre os leitores de partida e de chegada e as suas respectivas culturas.

Em geral, os textos suplementares ajudam na compreensão textual e contextualizam o leitor com informações adicionais em que exista algum ruído que comprometa o entendimento da mensagem. Esses artifícios, anteriormente enumerados por Newmark, facilitam a leitura do texto para o leitor de chegada.

3.5 Estrangeirização e domesticação

Com relação ao modo de traduzir um texto, ainda no século XIX, Schleiermacher (2010, p. 57), apresenta duas possibilidades: “ou bem o tradutor deixa o escritor mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o leitor mais tranquilo possível e faz com que o escritor vá a seu encontro”. Dessa maneira, Schleiermacher destaca modelos de processos tradutórios que levam em conta aspectos linguísticos e culturais. Assim, no caso da forma estrangeirizante, o ato tradutório visa restituir o original e, no da domesticante, existe “a anulação do estranho, a nacionalização do estrangeiro” (PIUCCO, 2008, p. 178). Os textos traduzidos com orientação mais domesticadora ou mais estrangeirizadora levam em consideração o

⁶¹ “Prefaces and footnotes draw attention to the translation process, at the same time as they flesh out the portrait of the intended reader.”

idioma dentro de uma cultura-contexto que, em correspondência com a atuação do tradutor e o modo como o profissional irá agir diante do texto traduzido, as escolhas tradutórias podem deixar o texto traduzido com mais características da cultura de partida ou com mais características da cultura de chegada.

De acordo com a definição de Newmark (1988, p. 94), mencionada anteriormente, cultura é “o modo de vida e as suas manifestações que são peculiares a uma comunidade que usa uma língua em particular como forma de expressão.”⁶² Seguindo as palavras de Ron Scollon, Suzanne Wong Scollon e Rodney H. Jones (2012, p. 3)⁶³, cultura é “uma forma de dividir as pessoas em grupos de acordo com algumas características que nos ajudam a entender algo sobre elas e como elas são diferentes ou iguais a outras pessoas”. Ainda, Levefere (1992, p. 7)⁶⁴, ressalta que “[...] existe tensão entre a cultura de diferentes grupos ou atores sociais, que querem influenciar a evolução daquela cultura da forma que acham melhor.” Esses autores trazem em comum o conceito de cultura que é relevante para esta dissertação. Cultura é considerada como um conjunto de características que diferem ou aproximam um grupo de pessoas de outro, ou um ator social do outro. A cultura é parte do ator social e de uma sociedade que está sempre em mutação.

A domesticação de um texto traduzido aproxima o leitor da cultura desconhecida e faz com que palavras e expressões estrangeiras se adaptem à cultura de chegada. Assim, o texto será manipulado para facilitar a leitura do leitor de chegada, uma vez que essa tradução transformará aspectos da cultura do texto de partida para receber aspectos da cultura de chegada sem, no entanto, modificar a ideia do texto como um todo. Esse artifício da domesticação, por muitas vezes, abandona termos e expressões de significados contextuais valiosos para que o leitor receptor se sinta “em casa”, facilitando a leitura de um texto, que acaba sofrendo redução de significados próprios que talvez nunca possam ser recriados em outro contexto.

Assim, quanto mais fluente for o texto, menor será a visibilidade do tradutor, da mesma forma que quanto mais interferências, mais textos suplementares e mais manipulações, menor será a fluidez textual e a visibilidade do tradutor. O texto-fonte

⁶² “I define culture as the way of life and its manifestations that are peculiar to a community that uses a particular language as its means of expression.”

⁶³ “Culture is a ‘way of dividing people up into groups according to some features of these people which helps us to understand something about them and how they are different from or similar to other people.’”

⁶⁴ “[...] there is always a tension inside a culture between different groups, or individuals, who want to influence the evolution of that culture in the way they think best.”

puxa o leitor para dentro da cultura-fonte e faz com que desenvolva uma abertura cultural e linguística; e faz, também, com que ele absorva o estranho de forma positiva.

Ao comentar a definição de estrangeirização de um texto, Venuti (2004, p. 15), utiliza o conceito de Scheiermacher e destaca que o texto prioriza a cultura-fonte, e, nesse caso, mantém o estranhamento causado pela outra cultura tendo pressão etnodesviante sobre tais valores (da cultura receptora) para registrar as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro. No caso da domesticação, Venuti (2004, p. 468), salienta que o texto domesticado perde significados importantes durante a escolha tradutória.

A função de domesticar o texto traduzido tem como foco principal a cultura de chegada, uma vez que o tradutor se ocupará na escolha de expressões para que o texto se aproxime da cultura de chegada. Venuti (2004, p. 485)⁶⁵ destaca que na domesticação a “tradução é sempre ideológica porque ela libera uma lembrança, uma inscrição de valores, de crenças e de representações ligadas a momentos históricos e posições sociais na cultura de chegada”.

Mariluce Pessoa (2009, p. 27) cita Venuti para ressaltar que

[...] [o] “estrangeiro”, na tradução estrangeirizadora, não é uma representação transparente de uma essência que reside no texto estrangeiro e que tenha valor em si, mas uma construção estratégica cujo valor depende da situação em vigor na cultura receptora. A tradução estrangeirizadora mostra as diferenças do texto estrangeiro, porém somente por meio da ruptura dos códigos culturais que prevalecem na cultura-alvo.

Para Venuti, então, o texto traduzido de forma estrangeirizante mantém as características da cultura fonte apresentando-as para o leitorado da cultura de chegada. Esta prática tradutória deve mostrar o que é diferente entre as culturas, desviando-se de normas para receber texto culturalmente diferente.

A atividade da reescrita estrangeirizante abre possibilidades para aproximação cultural e para a visibilidade do tradutor. O tradutor enquanto mediador entre duas culturas se faz visível, manipula o texto (com notas de rodapé, por exemplo) para contextualizar o leitor. O tradutor é coautor e responsável pelo grau de aceitação de uma obra em uma cultura receptora. Esse grau de aceitação pode ser entendido, nesse caso, como modificador de valores e moldador de identidades culturais, ou seja, interfere na

⁶⁵ “Translating is always ideological because it releases a domestic remainder, an inscription of values, beliefs, and representations linked to historical moments and social positions in the domestic culture.”

visão que o leitor tem da cultura, podendo criar estereótipos e novos conceitos da cultura estrangeira.

O tradutor é mais visível quando altera o texto e o torna menos fluido. A invisibilidade poderia contribuir para a fluidez textual, que colocaria o autor como voz daquele texto da cultura de chegada, o que acarretaria possível credibilidade aumentada no caso do gênero epistolar. De acordo com Venuti (2004, p. 1), a ilusão da invisibilidade do tradutor num texto fluente faz com que o escritor do texto de partida fique em foco. De modo geral, a tradutora ficou mais visível e optou por adicionar a sua própria voz no texto, considerando-se autora do texto traduzido. Pode-se dizer que a tradutora da compilação *Queen Victoria* foi a voz de Hibbert na tradução sem abandonar a própria voz. O papel do tradutor no texto de partida em cartas e diários é a voz da consciência e da reflexão de pensamentos, de uma pessoa e de uma ideologia que carregam a “realidade”; num texto traduzido há a voz do tradutor e do autor daquele texto.

3.6 Aspectos estilísticos, linguísticos e culturais

Os nomes próprios revelam e carregam uma carga cultural do país de origem. Newmark (1988, p. 214) sugere que os nomes próprios, que incluem nome e sobrenome e locais geográficos, podem ser transferidos sem tradução, preservando a nacionalidade:

quando as conotações (representadas através de efeitos sonoros e/ou de nomes transparentes) e a nacionalidade são relevantes, sugeri que a melhor forma é primeiro traduzir a palavra que representa o nome próprio para a língua receptora e então naturalizar a palavra traduzida de volta para a língua original como um nome próprio.⁶⁶

Com isso, ao manter os nomes do idioma de partida, o tradutor transporta o texto culturalmente e transporta valores daquela cultura para a cultura receptora. As relações e os *status* sociais são transferidos na tradução de forma que pode ser estabelecida a conexão entre os participantes do texto. Sobre essa relação social carregada pelo texto,

⁶⁶ “Where both connotations (rendered through sound-effects and/or transparent names) and nationality are significant, I have suggested that the best method is first to translate the word that underlies the SL proper name into the TL and then to naturalise the translated word back into a new SL proper.”

Alexandra Rosa (2000, p. 33)⁶⁷ salienta que “*status* social dos participantes será marcado linguisticamente por diversas características, incluindo as formas de endereçamento”. Os pronomes de tratamento em algumas línguas levam traços que se referem à classe social e ao grau de intimidade, que podem ser intransponíveis para a cultura de chegada, excluindo-se a forma *você(s)*, usada no tratamento informal. Todas as demais são empregadas para falar com (ou referir-se a) alguém de maneira respeitosa ou formal. Na tradução, Patrícia Odber de Baubeta (1992, p. 91) afirma que a tradução de pronomes de tratamento tende a variar dependendo do endereçamento do pronome, da classe social, da identidade de seus falantes e do grau de intimidade entre eles e da situação emocional num contexto específico. No caso desta dissertação, também existem títulos honoríficos como ‘Lord’, ‘Gentlemen’, ‘Sir’, entre outros, que são analisados conforme a descrição de Baubeta entre os graus de intimidade e a situação social que cada título retem em seu significado.

Baubeta (1992, p. 90) salienta que os pronomes se dividem entre os tipos: *transacionais*, que podem ser usados para pedir informação; os *acordos comerciais* são o contato entre uma figura oficial e um membro do público; *médico e paciente* ou a relação entre padre e penitente; as *relações gregárias* exemplificadas em manter termos amigável com o vizinho; relações com a imprensa, como a escuta do rádio ou com o assistir de televisão; as *relações educacionais* entre professores e estudantes; as *relações profissionais* entre os patrões e os empregados; e finalmente as *relações familiares*.⁶⁸

Assim, pode-se notar, nessas categorias, os traços das relações e do *status* social que os pronomes pessoais trazem para a cultura. Esses traços podem ser interpretados pelo leitor de chegada e, assim, definir e estabelecer uma possível posição social no contexto textual. No entanto, Baubeta (1992, p. 91) ainda ressalta que os graus de intimidade também variam, criando, no português, dilema tradutório com a palavra *you*, por exemplo. *You*, não define grau de intimidade uma vez que o referente, *você* ou *tu*,

⁶⁷ “The relative social status of the participants will be marked linguistically by several forms of address used by several features, including modes of address.”

⁶⁸ “The *transactional*, which could be a request for information, the *business deal*, contact between an official and a member of the public, the *doctor patient* consultation or the relationship between priest and penitent; *relações gregárias*, exemplified by keeping on friendly terms with one's neighbours, mixing with a particular social group, or offering assistance to someone in need; *relations with the media*, as in listening to the radio or watching television, writing to the press or using telephone information services; *educational relations*, between teachers and pupils; *professional relations*, consisting of dealings between bosses and workers, management and labour force; and finally, *family relationships*.”

indicaria o grau de intimidade e até mesmo a posição geográfica desse falante: “Em Portugal, como em certas regiões do Brasil, *tu* é a forma de tratamento usual utilizada pelos mais velhos em relação aos membros mais novos da família [...]”⁶⁹(1992, p. 94).

Segundo Rosa (2000, p. 40), o valor que os pronomes pessoais carregam mostra alto grau de complexidade para a tradução. A única possibilidade para a segunda pessoa pronominal no inglês é *you*, tanto na escrita quanto na fala. Isso se reflete nas escolhas tradutórias e até na forma de recebimento da tradução pelo leitorado.

A visão gerada da realidade social pelo texto traduzido é revelada quando o leitor entra em contato com a tradução. As escolhas do tradutor em relação aos pronomes de tratamento dirão o grau de intimidade que o profissional tem com as culturas de chegada e de partida de forma a notar as sutilezas sociais, econômicas e políticas que algumas dessas palavras possuem.

Geralmente, os pronomes de tratamento em português como ‘senhor’ e ‘senhora’ são marcados com um alto nível de formalidade. No entanto, de acordo com Pedro de Moraes Garcez (1992, p.157), os pronomes de tratamento em inglês que teriam referente no português para senhor e senhora são Miss, Mrs. Ms. para feminino e Mr. para masculino, cujos referentes seriam *dona* para o feminino e *seu* para o masculino.

De modo semelhante, poder-se-ia utilizar a mesma abordagem de Baubeta para tratar do uso de palavras como *Sir, Lord e Gentlemen*. Eles são formas de tratamento de contexto social aristocrático que mantem outros significados. Os significados construídos pelas formas de tratamento, como a importância cultural, alto padrão social e intelectual, masculinidade entre outros podem ser repassados para a cultura de chegada. A barreira temporal e cultural pode ser transposta por meio da utilização das notas de rodapé e da tradução das notas de rodapé já existentes na compilação de *Queen Victoria* de Hibbert.

Lord e Gentlemen seriam a referência para “um cavalheiro”, pessoa da alta classe britânica. O Dicionário Aurélio *on-line* aponta que cavalheiro é “s.m. Homem de sentimentos e ações nobres. / Homem de boa sociedade e educação. / Nome que se aplica ao homem nos bailes. [...]; Adj. Cavalheiresco; nobre, brioso.” Segundo esse Dicionário *on-line*, *Sir* é “s.m. Tratamento formal ou respeitoso dispensado a homens e personalidades notáveis. Tratamento dado a cavalheiros pertencentes à nobreza, sempre seguido de prenome ou nome completo”; e, para *Lorde*: “sm. Título honorífico na

⁶⁹ “In Portugal, as in certain regions of Brazil, *tu* is the usual form of address used by older people to younger members of the family.”

Inglaterra. Membro da câmara aristocrática do parlamento inglês.”; *Gentleman*: “sm. Homem de boa educação, de modos finos; perfeito cavalheiro”.

De acordo com o dicionário Oxford (2004, p. 329), *Lord* é “1. um nobre. 2. Título dado a certos nobres ingleses ou altos oficiais”.⁷⁰ O dicionário Oxford (2004, p. 518) aponta que *Sir* é “1. uma forma educada de se endereçar a um homem. 2. usado como o título de um Cavaleiro ou baronete.”⁷¹ Para *Gentleman* a definição do dicionário Oxford (2004, p. 235) é “1. um homem cortês e honorável. 2. Um homem com boa posição social.”⁷² Assim, seguindo a definição de ambos os dicionários, pode-se observar que *Lord* tem a conotação de título honorífico para nobres, ao passo que *gentleman* é um homem com modos finos e boa educação. *Sir* carrega título de Cavaleiro, um título nobre e, *gentleman*, é um homem educado e de classe social alta, assim como seu plural *gentlemen*. Pelo exposto, nota-se que as formas de tratamento carregam alto valor cultural no contexto em que são utilizadas.

A pontuação, segundo o gramático brasileiro Mauro Ferreira (2003, p. 476), é um recurso que contribui para a estruturação da frase em si, como para tornar mais eficiente e expressivo o ato de comunicação. Na gramática da língua inglesa, da editora Oxford, Sidney Greenbaum (1996, p. 505)⁷³ salienta que “as convenções da pontuação refletem de modo cru, se é que o fazem, as pausas e os padrões de entonação que ocorrem na fala.” De acordo com o dicionário Oxford (2004, p. 447), a pontuação é “para separar frases e esclarecer o significado.”⁷⁴ Assim sendo, pode-se entender que as pausas e entonações são representados por sinais gráficos. A importância dos sinais de pontuação é relatada quando Hibbert comenta que a leitura de *Queen Victoria* é facilitada ao se corrigir a pontuação do manuscrito original, ao passo que, a pontuação errada poderia trazer alguns ruídos para a leitura. Hibbert (2000, p. 6) admite que a “pontuação foi modificada” na obra *Queen Victoria* pelo fato de ser idiossincrática.⁷⁵

Neste capítulo foi apresentada a fundamentação teórica que trata de questões de (co) autoria, polifonia e textos suplementares que serão considerados no processo de elaboração da minha tradução de parte da obra *Queen Victoria* de Hibbert no capítulo a seguir.

⁷⁰ “1. a nobleman. 2. A title given to certain British peers or high officials.”

⁷¹ “1. a polite form to address to a man. 2. used as the title of a knight or baronet.”

⁷² “1. a courteous or honourable man. 2. a man of good social position.”

⁷³ “The conventions of punctuation reflect only crudely – if at all – the pauses and intonational patterns that occur in speech.”

⁷⁴ “[...] used in writing to separate sentences and to make meaning clear.”

⁷⁵ “It has also been decided, for the sake of easier reading, to modify the Queen’s punctuation which is on occasion highly idiosyncratic.”

4 O PROCESSO TRADUTÓRIO

Neste capítulo são apresentadas a minha tradução do inglês para o português das seções 4, 5, 6 e 11 de *Queen Victoria* de Christopher Hibbert. São apresentadas, também, as decisões tomadas e as escolhas realizadas durante o processo tradutório que envolvem aspectos referentes a questão de (co)autoria, polifonia e textos suplementares, entre outros que estão relacionados a aspectos linguísticos e culturais.

4.1 Descrição da obra

Queen Victoria in her letters and journals (2000) de Christopher Hibbert foi publicada pela Sutton Publishing Limited na Inglaterra. A obra é formada por manuscritos compilados da Rainha Victoria da Inglaterra entre 1832 e 1901.

O acesso ao manuscrito original das cartas e anotações da Rainha Victoria da obra de Hibbert (2000) foram requisitados pela autora desta dissertação mediante carta enviada pelo correio tradicional à Arquivologia do Castelo Windsor no dia 20 de fevereiro de 2013. No dia 15 de maio de 2013, a resposta foi obtida, também por correio (ver Anexo D). De acordo com a carta da Arquivologia do Castelo Windsor, as cartas originais estão totalmente digitalizadas, no entanto, o contato com elas somente poderia ser possível mediante autorização (via e-mail). Um pedido de permissão para consultar os originais foi enviado por carta ao Castelo Windsor e a resposta negativa chegou alguns meses depois (Anexo A). Com a falta dessa autorização, (Anexo A) somente com alguns manuscritos disponíveis publicamente no *site* oficial da monarquia inglesa⁷⁶ (<http://www.royal.gov.uk>), a comparação das informações contidas na obra *Queen Victoria* com os manuscritos originais não pôde ser verificada em sua totalidade.

Se o acesso tivesse sido permitido, os manuscritos poderiam ter sido fonte de pesquisas e comparação com os textos compilados e teria sido possível a análise do processo de escritura dessas cartas e anotações já que a Rainha Victoria colocava bastante sentimento em sua escrita por meio de sublinhados e letras maiúsculas (HIBBERT, 2000, p. 6).

A tradução das seções 4, 5, 6 e 11 de *Queen Victoria* do inglês para o português constituem o *corpus* deste estudo de modo a englobar a primeira parte do reinado da

⁷⁶ “The British Monarchy”

Monarca britânica. A seção 4, *The queen regnant*, chama atenção pela quantidade de notas escritas por Hibbert e de notas adicionadas pela tradutora para o português devido ao fato de essa seção ter informações que necessitavam de comentários para acrescentar informações ao leitor brasileiro. Foi observado também número muito maior de textos introdutórios de Hibbert em relação às outras seções da obra pelo fato de haver falta de ligação entre as cartas publicadas. Hibbert utilizou textos introdutórios para abrir cada seção a fim de localizar o leitor contextualmente.

A localização contextual, que levou Hibbert a usar textos introdutórios, é aspecto comentado por Schäffner (1998, p. 236), para quem uma informação que é passada pelo escopo não é escolhida à revelia. A informação é determinada pelas necessidades, pelas expectativas dos receptores do texto. Hans Vermeer (2004, p. 222) ressalta que o texto de partida está orientado e ligado à cultura de partida, da mesma forma que o texto traduzido está focado na cultura receptora, que caracteriza o escopo. Os processos de tradução, assim como o texto traduzido, são vistos separadamente como entidades que são regidas por diferentes especificidades. Dessa forma, a cultura de chegada influencia nas escolhas durante o processo tradutório para que o texto traduzido reflita as necessidades dessa cultura de chegada por meio de notas de rodapé e de outras modificações.

Para obter uma melhor leitura do texto de partida foram realizadas leituras e estudos de outras obras do mesmo autor, Christopher Hibbert, como *Queen Victoria: a personal history* (2000), e também de obras de cunho histórico como *Victoria's wars: the rise of Empire* de Saul David (2007) que trouxeram melhor entendimento do contexto das cartas e anotações presentes na obra *Queen Victoria*.

A obra revela carga cultural de alto valor que é criadora da imagem da cultura fonte. Álvarez e Vidal (1996, p. 5), citados anteriormente, salientam que a recepção da cultura estrangeira pelo leitorado depende das escolhas do tradutor.

Em algumas das entradas de texto que estão em domínio público, a singularidade das cartas da Monarca fica mais aparente. As treze entradas dos manuscritos, que estão disponíveis no *site* da monarquia inglesa (<http://www.royal.gov.uk>), são versões digitadas das originais. Algumas dessas entradas de texto estão presentes na obra compilada por Hibbert. No entanto, a grande maioria dos textos disponíveis *on-line* foi modificada e alterada e algumas passagens foram retiradas ou incluídas. Assim, a obra de Hibbert caracteriza nova obra em (co)autoria com a Rainha cujo conteúdo teve como base os manuscritos. A título de exemplo, pode-se citar entrada do dia 1º de maio de

1851, sobre a Grande Exibição, que contém frases incluídas na obra compilada que não existem nos manuscritos que estão *on-line* como em: “Nós fomos para um aposento por um momento onde deixamos nossos casacos e encontramos Mama e Mary”.

A seguir são apresentadas algumas entradas de texto correspondentes para as seções 4, 5, 6 e 11, da obra *Queen Victoria*, para exemplificar a importância da comparação entre as partes originais em inglês retiradas do site oficial da monarquia inglesa (<http://www.royal.gov.uk>) (Anexo D) e entre a compilação de Hibbert (2000):

1) A entrada de texto, datada de 1º de maio de 1851, página 84, a respeito da abertura da Grande Exibição, em que ocorreram inserções e retiradas de trechos, faz parte da seção denominada *The queen regnant* (1841-1852). A seguinte passagem não existe na versão *on-line* para consultas, mas está disponível na página 84 de *Queen Victoria*:

Exemplo 1:

Texto compilado por Hibbert em <i>Queen Victoria</i>	Texto traduzido (MONTEIRO, 2013)
*“[...] playing the March from Athalie, as we passed along The old Duke of Wellington and Lord Anglesey walked arm in arm, which was a touching sight. I saw many acquaintances, amongst those present.”	“...tocar a Marcha de Athalie enquanto passávamos. O velho Duque de Wellington e Lorde Anglesey andaram lado a lado, o que foi uma visão comovente. Vi muitos conhecidos entre os presentes.”

Vários outros trechos como este aparecem na versão publicada, mas não existem na disponível *on-line* para consultas. Esse fato pode mostrar que houve influências de Hibbert no que diz respeito ao conteúdo dos textos;

2) A entrada de texto datada de 10 de setembro de 1855, presente em *Monarchs and Ministers* (1852-1860), página 134, surpreendeu por ter sido a única em que foi verificada correspondência exata na versão compilada e na versão digitalizada *on-line*. No entanto, como explicado por Hibbert (2000, p. 6), as aberturas das cartas foram modificadas visando economia de espaço. Há incongruência em relação à abertura das cartas em todas as três entradas pontuadas;

3) A entrada de texto no exemplo 2, contida em *Monarchs and ministers* (1852-1860), página 135, em *Queen Victoria*, é correspondente em ambas as versões. No entanto, existe sentença explicativa na versão disponível *on-line* que se encaixa no corpo textual: “The brooch resembled a badge. It bore a St. George’s Cross in red enamel and the royal cypher surmounted by a crown in diamonds; the inscription ‘Blessed are the Merciful’ encircled the badge which also bore the word ‘Crimea’”. Em relação à tradução correspondente: “O broche lembra um distintivo. O broche representava a Cruz de São Jorge esmaltada em vermelho e a cifra real transposta por uma coroa de diamantes. A inscrição “Abençoados são os Misericordiosos” circundava o distintivo que também trazia a palavra “Crimeia”. Esse exemplo sinaliza a manipulação textual feita por Hibbert ao compilar os manuscritos. A ocorrência exemplificada a seguir apresenta sentença em colchetes no texto de partida que acabou sendo transformada em nota de rodapé por Hibbert. A tradutora manteve a nota conforme disposta na compilação de Hibbert.

Exemplo 2:

Texto disponível <i>on-line</i>	Texto compilado por Hibbert em <i>Queen Victoria</i>	Texto traduzido (MONTEIRO, 2013)
<p>“I am, however, anxious of marking my feelings in a manner which I trust will be agreeable to you, and therefore send you with this letter a brooch [a badge bearing St. George’s Cross in red enamel and the royal cypher surmounted by a crown in diamonds; the inscription ‘Blessed are the Merciful’ encircled the badge which also bore the word ‘Crimea’ the form and emblems of which</p>	<p>“I am, however, anxious of marking my feelings in a manner which I trust will be agreeable to you, and therefore send you with this letter a brooch the form and emblems of which commemorate your great and blessed work, and which I hope, you will wear as a mark of the high approbation of your Sovereign!*</p> <p>*The brooch resembled a</p>	<p>Estou, no entanto, ansiosa para marcar meus sentimentos de forma que considero ser agradável a você e, assim, enviar-lhe junto com esta carta, um broche, cuja forma e emblema comemoram seu grande e abençoado trabalho, e o qual, espero, você usará como marca da grande aprovação de sua Soberana!*</p> <p>*O broche lembra um distintivo. O broche</p>

<p>commemorate your great and blessed work, and which I hope, you will wear as a mark of the high approbation of your Sovereign!</p>	<p>badge. It bore a St. George's Cross in red enamel and the royal cypher surmounted by a crown in diamonds; the inscription 'Blessed are the Merciful' encircled the badge which also bore the word 'Crimea'</p>	<p>representava a Cruz de São Jorge esmaltada em vermelho e a cifra real transposta por uma coroa de diamantes. A inscrição "Abençoados são os Misericordiosos" circundava o distintivo que também trazia a palavra "Crimeia"</p>
--	---	---

Neste exemplo, pode-se constatar que houve alteração no texto com a inserção de explicação entre colchetes e essa explicação permaneceu na obra de Hibbert, mas em forma de nota de rodapé.

Ressalta-se que os exemplos apresentados neste capítulo ilustram o processo tradutório percorrido pela tradutora e mostram o resultado obtido no texto traduzido. A tradutora agiu de forma consistente e utilizou da mesma estratégia demonstrada no exemplo 2, em ocorrências similares.

As entradas de texto analisadas apresentam correspondência com a obra compilada *Queen Victoria*. No entanto, essa correspondência parece ser relativa em diversas partes da obra, uma vez que foi possível observar várias inserções e alterações textuais. Essa interferência por parte do autor Hibbert faz com que o texto em análise seja somente baseado nos manuscritos e não na referência exata dos manuscritos em si. A modificação feita por Hibbert excluiu partes que possivelmente foram de menor importância ou que foram consideradas ruídos no texto uma vez que essas entradas não somente foram retiradas, mas também às vezes inseridas para contextualizar o leitor de língua inglesa.

4.2 Elaboração da tradução de *Queen Victoria* para o português

A tradução das seções 4, 5, 6 e 11 da obra *Queen Victoria*, do inglês para o português, seguiu a ordem disponibilizada na obra *Queen Victoria*. Foram necessários doze meses para o término da tradução. O conteúdo das cartas tem alto valor cultural e histórico e, por isso, pesquisas nas áreas de história e de literatura foram necessárias para que a tradução pudesse atender o leitorado brasileiro do século XXI.

O acesso a alguns dos trechos digitais dos manuscritos foi obtido e, assim, a comparação com as passagens compiladas em *Queen Victoria* constituiu parte importante durante o processo tradutório. Foi possível observar, por exemplo, que diversos trechos foram adicionados às passagens publicadas em *Queen Victoria* a fim de facilitar o entendimento do leitor britânico ou de língua inglesa, e diversos outros trechos foram retirados ou modificados para priorizar a economia de espaço ou para que a leitura fluísse com mais facilidade (HIBBERT, 2000, p. 6).

4.3 Autoria, coautoria e polifonia

A questão de autoria em *Queen Victoria* possibilita reflexões que podem alterar o texto traduzido com base em conhecimento de mundo e englobam três textos e escritores: a própria Rainha Victoria, Christopher Hibbert e a tradutora. A tradutora faz uma ponte entre duas culturas, e é alguém que projeta a realidade da cultura que irá acolher aquele texto; portanto, a tradutora pode também ser considerada autora de um texto que passou por processo de manipulações.

A autoria de *Queen Victoria* pode ser creditada à Rainha e a Hibbert porquanto a responsabilidade da fala e do conteúdo do texto pode ser atribuída diretamente aos dois autores, e também aos editores e revisores. A Rainha no momento da escrita das cartas é autora e locutora dos acontecimentos. Hibbert, ao reescrever as passagens em um contexto e tempo, modificando-as em conteúdo e adaptando-as à cultura e ao tempo locais, atua como novo autor e locutor uma vez que continua usando a voz de outra pessoa como se fosse a própria voz. Hibbert (2000, p. 6) admite que alterou algumas entradas ao dizer que “imprimir muito dessa força característica é uma perda; e uma vez que seria muito oneroso financeiramente indicar nos textos o sublinhado da Rainha [...] foi decidido, contra a minha vontade, o abandono da tentativa e a impressão de tudo em formato padrão.”

A Rainha é locutora e autora dos manuscritos originais, no entanto, no momento em que Hibbert transcreve e altera passagens, ele também imprime a sua voz no discurso se tornando autor e locutor de novo texto. O mesmo acontece no caso da tradução. O texto foi traduzido e houve adição de notas de rodapé pela tradutora para que o texto ficasse mais apropriado para o leitorado.

Em *Queen Victoria*, a questão das vozes presentes no texto poderia sugerir texto polifônico, uma vez que a forma epistolar, que seria mais tradicionalmente centrada na primeira pessoa do singular *eu*, por vezes, muda para a terceira pessoa do singular – *ela* (A Rainha). No entanto, a locutora ainda é a Rainha. A figura do tradutor pode ser considerada como a de Hibbert, como se ambos atuassem como enunciadores do locutor e, de acordo com Edward Lopes (1994, p. 74), como veículos de visões de mundo do próprio autor da obra.

Assim, ao tentar manter o formato da carta original, com erros ortográficos, Hibbert (2000) também se mantém alinhado com o texto original. Além disso, o autor adapta o texto fazendo recortes e retirando o que seria desnecessário por razões comerciais e financeiras como em: “... uma vez que seria financeiramente inviável indicar no texto os sublinhados da Rainha...”.

Hibbert transcreveu e modificou as passagens de texto. Por isso, ele também pode ser considerado autor dessas passagens, desse novo texto. A “originalidade”, como pode ser considerada marca de autoria uma vez que o tradutor é considerado autor de um novo texto que, mesmo tendo como base o texto de partida, foi modificado de acordo com as necessidades do leitor final. Por diversas vezes, Hibbert interferiu nos textos adicionando notas de rodapé e textos introdutórios, que correspondem a textos suplementares de acordo com Newmark (1988), para contextualizar o leitor da língua inglesa.

Foi verificado, também, que o conteúdo de algumas entradas de texto publicadas não correspondia ao conteúdo do *site* do governo do Reino Unido, disponível para o público. Essa diferença parece moldar o texto para que ele se adeque melhor aos leitores de uma época e culturas específicas deslocadas no tempo e no espaço.

Hibbert (2000, p. 6), ao não traduzir palavras estrangeiras (do alemão, do francês) para o inglês em diversas entradas do texto da Rainha Victoria, atua no texto como se deixasse o texto traduzido mais próximo do original agindo como modificador e coautor do texto. O exemplo a seguir mostra ocorrência com a palavra francesa *en*

revanche entendida como “por outro lado”, e a nota de rodapé incluída pela tradutora com o significado da palavra em português:

Exemplo 3:

Entrada traduzida de 6 de agosto, 1849 (MONTEIRO, 2013).
<i>En revanche</i> [*] , as mulheres são realmente belas, até mesmo nas classes mais baixas, tanto quanto em Cork.
*Do francês: por outro lado. (N.T.)

Com base em Ducrot (1987), pode-se verificar a existência de algumas vozes em *Queen Victoria*, que transmitem o que foi dito por uma autora, A Rainha. No entanto, Hibbert, ao adicionar textos suplementares para contextualizar o leitor de língua inglesa, insere visão de mundo ideologicamente diferente daquela do texto original. Assim, ele situa o texto em tempo e espaço diferentes.

Dessa forma, Hibbert interfere no texto introduzindo visão diferente da impressa pela Rainha Victoria. As intervenções de Hibbert no texto estão demarcadas ou por itálico (no caso dos textos introdutórios) ou por parênteses (inserções de explicação dentro do texto corrido).

O exemplo 4, a seguir, ilustra as entradas de texto em que a responsabilidade locutora não é necessária- e explicitamente atribuída à Rainha. A seguinte ocorrência ilustra as demais que foram encontradas nas seções que fazem parte do *corpus* desta dissertação. A autoria das afirmações dessas ocorrências ainda é desconhecida.

Exemplo 4:

Texto em inglês (HIBBERT, 2000, p. 69)	Texto traduzido (MONTEIRO, 2013)
<i>Thanks to her husband's help and influence the Queen did not find dealing with her new Prime Minister as much of an ordeal as she had expected. On 30 August she wrote to Melbourne:</i>	<i>Graças à ajuda e influência de seu marido, a Rainha não achou o Primeiro-ministro um suplício como havia esperado. Em 30 de agosto, ela escreveu para Melbourne:</i>
The first interview with Sir Robert Peel has gone off well, and only lasted twenty minutes: and he sends the Queen to-	A primeira entrevista com Sir Robert Peel correu bem e durou somente vinte minutos. E ele mandará para a Rainha

morrow, in writing, the proposed arrangements, and will only come down on Wednesday morning...	amanhã, por escrito, os acordos propostos, mas Peel somente aparecerá na quarta pela manhã...
--	---

Neste exemplo, os trechos de texto de *Queen Victoria* são caracterizados por entradas de diversas vozes, sendo uma delas o texto suplementar da carta e a outra o texto da carta. Segundo Bajín/Bakhtin (2003, p. 38), o texto é caracterizado por uma combinação de vozes e, assim, a compilação de Hibbert constitui texto polifônico. Na tradução, a tradutora manteve essa diferença de vozes uma vez que ela é parte característica do texto e da história, mesmo que essa diferença estabelecesse estranhamento durante a leitura.

No exemplo a seguir, há outra ocorrência de polifonia interna do texto. Em *Queen Victoria* há mais de um falante nas cartas, já que algumas entradas de texto estão em terceira pessoa do singular (A Rainha) como no exemplo seguinte:

Exemplo 5:

Texto em inglês (HIBBERT, 2000, p. 72)	Texto traduzido (MONTEIRO, 2013)
23 June, 1843	23 de junho, 1843
The Queen returns these communications to Sir James Graham, which of a very unpleasant nature. The Queen trusts that measures of the greatest severity will be taken, as well to suppress the revolutionary spirit as to bring the culprits* to immediate trial and punishment.	A Rainha delegou esses comunicados de natureza desagradável ao Sir James Graham. A Rainha confia que as medidas de maior severidade serão tomadas tanto para suprimir o espírito revolucionário como para trazer os culpados* para julgamento e punição imediatos.
[...]	[...]
*The Rebecca rioters who, protesting against the Poor Law Amendment Act amongst other grievances, had destroyed turnpike toll and gates. Many of them	*Os manifestantes da Rebecca, protestando contra o Poor Law Amendment Act* ¹ , entre outros desgostos, destruíram pedágios e portões. Muitos deles estavam vestidos como mulheres.

<p>were dressed as women. They took their name from the biblical prophecy that Rebecca's seed should 'possess the gate of those that hate them'.</p>	<p>Eles tiraram seu nome da profecia bíblica, segundo a qual, a semente de Rebecca⁷⁷ “possuirá as portas dos seus inimigos”.</p> <p>*1 Poor Law Amendment Act foi uma lei aprovada em 1834 que reformava a seguridade social na Grã-Bretanha.(N.T)</p>
--	---

Essa entrada de texto tem como abertura “A Rainha”, em terceira pessoa, como se alguém falasse em nome da Rainha. Essa marca do discurso foi mantida na tradução apesar de causar estranhamento. Dessa forma, pode-se inferir que existe outra voz que remete aos pensamentos e aos escritos da Rainha Victoria, sendo que essas entradas de texto são frequentes em *Queen Victoria*. Os motivos da existência dessa segunda pessoa falante podem ser diversos. Como já mencionado, nas palavras de Amanda Gilroy (2000, p. 83), “era costume da nobreza queimar cartas e diários que pudessem ter conteúdo incriminador.” Assim, ao reescrever as cartas, essa segunda pessoa que fala na voz na Rainha, pode ter modificado as entradas de texto de forma a retirar os conteúdos incriminadores e reescrever as passagens restantes. Pode-se dizer que, desse modo, diversas autorias e vozes coexistem na compilação de Hibbert, já que há passagens com autorias diferentes e vozes que repercutem a obra *Queen Victoria*.

4.4 Textos suplementares (paratextos)

Na composição de *Queen Victoria*, o historiador Christopher Hibbert apresenta textos suplementares como notas de rodapé e textos introdutórios para posicionar o leitor de língua inglesa histórica - e socialmente. A partilha de informações e a tentativa de localizar o leitor de língua portuguesa anteriormente à leitura dos textos que constituem a obra foram mantidas na tradução dos textos para o português para que o leitor brasileiro se familiarizasse com o contexto e a cultura que são trazidos com o texto. A abordagem utilizada na tradução de textos suplementares foi a de manter e

⁷⁷ “*Se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa*”, A semente é Cristo e aqueles que são Seus, e nada mais. A Bíblia em parte alguma apresenta qualquer outra semente de Abraão. Portanto, a promessa a Abraão resumia-se em: Cristo, e aqueles que são d’Ele, — a tua descendência — possuirá as portas dos seus inimigos. Disponível em: <<http://agape-edicoes.blogspot.com.br/2010/08/o-concerto-eterno-capitulo-11.html>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

traduzir as entradas do texto de partida para o português para que a informação cultural e social do vocábulo fosse mantida para o leitor brasileiro. Todas as 31 notas de rodapé que foram inseridas por Hibbert dentro da delimitação do *corpus* desta dissertação foram traduzidas.

Os textos introdutórios localizam o leitor de língua inglesa temporal- e culturalmente visto que existem recortes feitos por Hibbert que impedem a leitura contínua, já que ocorreram adaptações feitas, pelo próprio Hibbert, para a compilação. Dessa forma, o compilador de *Queen Victoria* adicionou textos suplementares para auxiliar o leitor de língua inglesa na compreensão do texto. Ao contrário das notas de rodapé, os textos introdutórios apresentaram conteúdos informativos para o leitor em relação ao contexto. Embora exista essa diferença de níveis de informações, a tradutora optou por traduzir todas as informações das notas de rodapé e dos textos introdutórios.

A opção por manter os textos suplementares no texto traduzido para o português foi fruto de bastante reflexão durante o ato tradutório em si pela relevância que eles teriam para a cultura receptora, no caso, a brasileira. Algumas notas referentes a acontecimentos históricos podem ser obscuras devido à distância temporal entre o texto original e a cultura receptora. Assim, foram dados exemplos desses procedimentos e foram adicionadas outras notas durante a tradução para adaptar e atualizar o leitor do texto traduzido. As notas de rodapé tanto quanto os textos introdutórios trazem curiosidades históricas e não informações esclarecedoras de fatos recorrentes àquele momento da produção da escrita. No entanto, a tradutora optou por traduzir as notas de rodapé e manter as informações passadas nos textos suplementares de Hibbert a fim de preservar o conteúdo.

Queen Victoria não é uma obra composta somente de manuscritos publicados e não publicados pelos Arquivos Reais, mas é também composta de textos suplementares acrescentados pelo compilador da obra. No exemplo 6, apresenta-se recorte de texto introdutório em itálico, em sua forma no texto de partida, e a sua tradução correspondente:

Exemplo 6:

Texto em inglês (HIBBERT, 2000, p. 71)	Texto traduzido (MONTEIRO, 2013)
<i>The Prince continued to play a large and heroic part in her letters:</i>	<i>O príncipe continuou a ser peça importante e heroica em suas cartas:</i>

No exemplo a seguir apresentam-se duas traduções de textos introdutórios. Hibbert, devido ao conteúdo do texto, parece ter achado necessário incluir informações adicionais em forma de textos suplementares para auxiliar o leitor de língua inglesa no entendimento da mensagem. Essas informações foram ressaltadas em *itálico* por Hibbert e assim mantidas na tradução.

Exemplo 7:

Texto em inglês (HIBBERT, 2000, p. 96)	Texto traduzido (MONTEIRO, 2013)
<p><i>Prince Albert's father, the disreputable Duke of Saxe-Coburg and Gotha, died on 29 January 1844; and the Queen gave way to expressions of grief which, even for her generation and even though on this occasion she was principally concerned for her husband, must be considered extravagant.</i></p> <p style="text-align: right;">6 February 1844</p> <p>TO KING LEOPOLD</p> <p>You must now be the father of us two poor bereaved heart broken children. To describe to you all that we have suffered, all that we do suffer, would be difficult. God has heavily afflicted us. We feel crushed, overwhelmed, bowed down by the loss of one who was so deservedly loved, I may say adored, by his children and family. I loved him and looked on him as my own father.</p>	<p><i>O pai do Príncipe Albert, o mal conceituado Duque de Saxe-Coburg e Gotha morreu no dia 29 de janeiro de 1844; e a Rainha deu vazão a expressões de pesar que, mesmo para a sua geração, e embora, nessa ocasião, ela estivesse principalmente preocupada com seu marido, devem ser consideradas extravagantes.</i></p> <p style="text-align: right;">6 de fevereiro, 1844</p> <p>PARA O REI LEOPOLD</p> <p>Você deve ser agora o pai de nós duas, pobres crianças de luto e de coração partido. Descrever-lhe tudo que já sofremos, tudo que ainda sofremos, seria difícil. Deus nos afligiu bastante. Nós nos sentimos esmagados, esgotados, rendidos com a perda de alguém que era tão merecidamente amado, posso dizer adorado, por seus filhos e família. Eu o amava e o considerava como meu próprio pai.</p>
Texto em inglês (HIBBERT, 2000, p.122)	Texto traduzido (MONTEIRO, 2013)
<p><i>Ill as he seemed, Palmerston's career was</i></p>	<p><i>Doente como estava, a carreira de</i></p>

<p><i>far from over. And when war broke out between Russia and Turkey, he displayed all his old vigour as he energetically advocated England's going to the help of her Turkish allies in conjunction with France. The Queen at first hoped that war could be avoided. On 11 October 1853 she wrote to Lord Clarendon, Lord John Russell's successor as Foreign Secretary:</i></p>	<p><i>Palmerston estava longe de acabar. E quando a guerra entre a Rússia e a Turquia começou, ele mostrou todo o seu antigo vigor quando defendeu que a Inglaterra saísse em socorro de seus aliados turcos junto com a França. A Rainha, primeiramente, esperava que a guerra pudesse ser evitada. No dia 11 de outubro de 1853, ela escreveu ao Lorde Clarendon, o sucessor de Lorde John Russel, como Ministro das Relações Exteriores:</i></p>
<p>The Queen has received Lord Clarendon's letter. She had written to Lord Aberdeen that she felt it her duty to pause before giving her consent to the measures decided on in the Cabinet, until she should have received an explanation on the views which dictated that decision... She has now received and read the Despatches, which have in the meantime been sent off to their points of destination without having received her sanction!</p>	<p>A Rainha recebeu a carta de Lorde Clarendon. Ela havia escrito ao Lorde Aberdeen declarando que sentia ser sua missão pausar bem antes de dar consentimento às medidas tomadas no Gabinete, até que recebesse uma explicação quanto às opiniões que prescreveram essa decisão... Ela já recebeu e leu os comunicados, os quais, no meio tempo, foram enviados aos seus destinos sem terem recebido a sua sanção!</p>

O conteúdo dos textos apresentados no exemplo 7 pode ser considerado confuso para os leitores ingleses, uma vez que Hibbert adicionou textos introdutórios para cobrir a distância temporal entre a impressão da compilação e da escrita dos manuscritos, ou as lacunas de conteúdo criadas por ele ao organizar e escolher o conteúdo relevante de *Queen Victoria*. Existe a possibilidade de que a fluidez que o leitor de língua inglesa espera ter durante a leitura possa ser interrompida também pela falta de material disponível para consulta, no caso, pela perda ou desaparecimento de alguns dos manuscritos que preencheriam essas lacunas e dariam continuidade ao texto.

O motivo da abundância das notas de rodapé contidas nas seções 4, 5, 6 e 11, de *Queen Victoria*, não se deve somente ao fato de oferecer explicação terminológica, mas também ao fato de que questões culturais estavam muito presentes e atreladas à cultura na compilação. Todas as observações de Hibbert foram mantidas e traduzidas e, além disso, outras notas foram adicionadas pela tradutora. O exemplo a seguir mostra a tradução de uma nota inserida por Hibbert e a sua tradução correspondente. A informação na nota de Hibbert tem caráter de curiosidade de forma que a sua falta não prejudicaria o entendimento do texto.

Exemplo 8:

Texto em inglês (HIBBERT, 2000, p.86)	Texto traduzido (MONTEIRO, 2013)
<p style="text-align: center;">20 November 1851</p> <p>The Queen feels the best interests of her people, the honor and dignity of her Crown, her public and personal obligations towards those Sovereigns with whom she professes to be on terms of Peace and amity. Most unjustifiably exposed...These remarks seem to be especially called for after the report of the official interview between Lord Palmerston and the deputation from Finsbury*, and the Queen requests Lord John Russell to bring them under the notice of the Cabinet.</p> <p>*Although he agreed not to receive Kossuth in his house, Palmerston did accept at the Foreign Office addresses from deputations of Radicals in which the Emperor of Austria and the Tsar were referred to as “odious and detestable assassins” and “merciless tyrants and</p>	<p style="text-align: center;">20 de novembro, 1851</p> <p>A Rainha conhece os interesses de seu povo, a honra e dignidade da Coroa, suas obrigações públicas e pessoais para com os Reinos que ela diz estar em termos de paz e amizade, injustificadamente expostos... Esses apontamentos parecem vir à tona especialmente após o relato da entrevista oficial entre Lorde Palmerston e a delegação de Finsbury*, e a Rainha pede a Lorde John Russell para os trazer para conhecimento do Gabinete.</p> <p>*Embora tivesse concordado em não receber Kossuth em sua casa, Palmerston aceitou do Ministério das Relações Exteriores pronunciamentos de delegações de Radicais nos quais o Imperador da Áustria e o Tsar eram referidos como “assassinos odiosos e detestáveis” e</p>

desposts”.	“tiranos e déspotas impiedosos”.
------------	----------------------------------

Com o exemplo 8, pode-se destacar que as notas inseridas por Hibbert são em geral de cunho histórico. Na introdução da obra *Queen Victoria*, Hibbert (2000, p. 7) explica que “alusões e referências obscuras são rapidamente explicadas em colchetes ou em notas de rodapé onde uma interpolação no texto poderia parecer inoportuna”⁷⁸.

Com relação ao conteúdo, muitos dos textos suplementares contidos na obra de Hibbert foram elaborados objetivando a contextualização do leitor britânico ou de língua inglesa. Entretanto, para o leitor brasileiro, tais notas e textos introdutórios podem não conter informações culturalmente suficientes para a compreensão do texto, deixando dúvidas que merecem maiores esclarecimentos em relação ao conteúdo. Por isso, esse distanciamento cultural e temporal foi motivo para que outras notas de rodapé fossem adicionadas pela tradutora para reforçar ou acrescentar explicações para o público leitor brasileiro. O exemplo a seguir indica o acréscimo de nota de rodapé com informação sobre medidas internacionais como a conversão para quilômetros que é a medida usada no Brasil.

No exemplo seguinte, apresenta-se nota de Hibbert da frase *Osbourne in the Isle of Wight* que foi traduzida por ‘Osborne na Ilha de Wight’ e que foi mantida na tradução para o português:

Exemplo 9:

Texto em inglês (HIBBERT 2000, p. 96)	Texto traduzido (MONTEIRO, 2013)
25 March 1845	25 de março, 1845
You will, I am sure, be pleased to hear that we have succeeded in purchasing Osborne in the Isle of Wight* and if we can manage it, we shall probably run down there before we return to Town, for three nights. It sounds so snug and nice to have a place of one’s own, quiet and retired.	Você ficará satisfeito, tenho certeza, em ouvir que nós tivemos sucesso na compra de Osborne na Ilha de Wight* e, se conseguirmos, provavelmente passaremos por lá antes de retornar à cidade, por três noites. É tão confortável e bom ter um lugar para si, quieto e reservado.

⁷⁸ “Obscure allusions and references are briefly explained in square brackets, or in footnotes where an interpolation in the text might seem obtrusive.”

<p>* Osborne House was bought with an estate of about 1,000 acres. The house was too small; and the foundation stone of a new mansion, designed by Prince Albert with help from Thomas Cubitt, was laid on 23 June 1845. Anson estimated that the cost, which was to be borne by the Queen's income, would be £200,000.</p>	<p>*A Casa de Osborne foi comprada com mais ou menos 1.000 acres. A casa era muito pequena; e a pedra angular de uma nova mansão, projetada pelo Príncipe Albert com a ajuda de Thomas Cubitt, foi fixada em 23 de junho de 1845. Anson estimou que os custos, que eram para ser retirados da renda da Rainha, seriam de 200.000 libras esterlinas.</p>
---	---

No exemplo 9, verifica-se que o conteúdo das notas de Hibbert tem caráter informativo, a fim de fornecer conhecimento ao leitor britânico. No entanto, de forma geral, as notas para o leitor brasileiro acabam sendo necessárias, não somente pelo caráter informativo, mas também pelo explicativo visto que as informações fornecidas pelas notas de Hibbert acrescentam valiosas informações para o contexto textual. Por isso, a tradutora optou por manter as notas de Hibbert e adicionar outras notas explicativas a fim de facilitar o entendimento do leitor no que concerne a aspectos sociais relevantes da era Vitoriana e do âmbito cultural britânico.

No exemplo a seguir é mostrada uma nota de rodapé da tradutora para a palavra *Tories* que, pelo seu significado de “partido conservador”, tem viés político. Devido a isso, a tradutora julgou necessária a adição de nota explicativa para que a compreensão da palavra pelos brasileiros fosse facilitada. A tradutora inseriu ‘N.T’ para todas as notas acrescentadas durante o processo tradutório para diferenciá-las das notas de rodapé pré-existentes adicionadas por Hibbert.

Exemplo 10:

Texto em inglês (HIBBERT, 2000, p. 67)	Texto traduzido (MONTEIRO, 2013)
<p style="text-align: center;">31 May, 1841</p> <p>If the present Government get a majority by the elections they will go on prosperously; if not, the Tories will come in for a short time. The country is quiet and the people very well disposed.</p>	<p style="text-align: center;">31 de maio, 1841</p> <p>Se o atual Governo conseguir a maioria nas eleições, eles continuarão com prosperidade. Caso contrário, os Tories* virão por um curto período. O país está calmo e os cidadãos, bem-dispostos.</p>

	* Partido Conservador (N.T.)
--	------------------------------

A nota de rodapé incluída pela tradutora considerou a perspectiva de acordo com Newmark (1988, p. 91). Segundo ele, as notas de rodapé acrescentam explicações de trechos que possam parecer obscuros para o leitor de chegada.

O exemplo seguinte mostra a escolha da tradutora de inserir notas de rodapé explicativas para trechos históricos e políticos que poderiam ser desconhecidos do leitor brasileiro, neste caso, com a palavra *Corn Law*.

Exemplo 11:

Texto em inglês (HIBBERT, 2000, p. 75)	Texto traduzido (MONTEIRO, 2013)
<i>The Queen's hopes that Peel would remain her Prime Minister for many years were not to be realised. For in the summer of 1846 the Government, having achieved the repeal of the Corn Laws, were defeated on another issue.</i>	<i>As esperanças da Rainha de que Peel ficaria como Primeiro-ministro por muitos anos não eram para ser realizadas. No verão de 1846, o Governo foi derrotado em outro assunto logo que conseguiu a revogação do Corn Law.*</i> * Os Corn Law foram tratados comerciais usados para proteger a produção inglesa de cereais de produtores estrangeiros mais baratos. (N.T.)

No trecho a seguir apresenta-se exemplo em que foi incluída nota de rodapé pela tradutora. Trata-se, de acordo com Newmark (1988, p. 91), de informações suplementares para o texto. Nesse caso, ao vocábulo 'Lord-Lieutenancy' foi acrescentada nota de rodapé explicativa.

Exemplo 12:

Texto em inglês (HIBBERT, 2000, p. 87)	Texto traduzido (MONTEIRO, 2013)
20 December 1851	20 de dezembro, 1851
JOURNAL	DIÁRIO
[...]	[...]
He offered Lord Palmerston the Lord-	Ele ofereceu ao Lorde Palmerston a

<p>Lieutenancy of Ireland, and ended by (I consider rather unnecessary and uncalled for) praises. Lord Palmerston has answered very stiffly that he will be prepared to give up the Seals as soon as his successor is appointed.</p>	<p>patente de Lorde-Lieutenant da Irlanda, e acabou elogiando-o (o que considero desnecessário e indesejado). Lorde Palmerston respondeu com dureza que ele estará preparado para renunciar os Selos assim que tiver um sucessor.</p> <p>*O título de Lorde-Lieutenant é atribuído aos representantes do monarca britânico, com jurisdição sobre um condado ou circunscrição semelhante. (N.T.)</p>
--	---

Em contraste com as notas da tradutora como exemplificado no exemplo 12, as notas inseridas por Hibbert abrangem noções mais contextualizadas, com conteúdo cultural e genérico. Assim, pode-se entender que a informação trazida pelas notas de rodapé de Hibbert não acrescentam e nem prejudicam o entendimento do texto e do vocábulo, uma vez que essas informações trazem curiosidades sobre o assunto tratado. Segundo Simon (2005, p. 14), as notas chamam atenção para o processo tradutório e, assim, para a interferência do autor/tradutor no texto traduzido.

O exemplo a seguir apresenta nova nota de rodapé inserida por Hibbert que não traz esclarecimentos sobre o vocábulo, mas sim informações gerais sobre o assunto tratado.

Exemplo 13:

<p style="text-align: right;">17 de abril, 1847</p> <p>PARA PALMERSTON</p> <p>A Rainha pediu diversas vezes ao Lorde Palmerston, através do Lorde John Russell e pessoalmente, para se certificar de que as cópias para nossos Ministros das Relações Exteriores não sejam despachadas antes de serem submetidas à Rainha. Não obstante, isso ainda é feito como as versões de hoje para Lisboa. Assim, a Rainha novamente pede que o Lorde Palmerston tenha cuidado na recorrência dessas práticas *</p> <p>* Agora, muitas das versões das cartas estavam sendo feitas pelo Príncipe Albert, sem dúvidas após terem tido uma conversa. Mas está claro que a Rainha raramente o</p>
--

permitia escrever livremente na versão final.

No texto traduzido do Exemplo 14, o nome do lugar *Cove of Cork*, assim como todas as referências a lugares, foi mantido na língua inglesa ou na língua em que se origina o nome. No entanto, Hibbert utiliza o itálico para sinalizar a palavra estrangeira. O uso do itálico não foi adotado pela tradutora com todas as palavras estrangeiras em língua inglesa, mas sim somente naquelas que foram sinalizadas por Hibbert, uma vez que ele destacou palavras de idiomas como alemão e francês a fim de não causar acúmulo de informações para o leitor brasileiro. A tradutora optou por deixar em itálico somente as palavras que foram previamente colocadas em itálico por Hibbert. O exemplo seguinte ilustra o uso das palavras *Cove of Cork* e *Fairy*:

Exemplo 14:

Texto em inglês (HIBBERT, 2000, p. 79)	Texto traduzido (MONTEIRO, 2013)
6 August, 1849	6 de agosto, 1849
<p>Though this letter will only go tomorrow, I will begin it to-day and tell you that everything has gone off beautifully since we arrived in Ireland, and that our entrance into Dublin was really a magnificent thing. By my letter to Louise you will have heard of our arrival in the Cove of Cork. Our visit to Cork was very successful: the Mayor was knighted on deck (on board the <i>Fairy</i>), like in times of old. Cork is about seventeen miles up the River Lee, which is beautifully wooded and reminds us of Devonshire scenery.</p>	<p>Apesar de esta carta ser enviada somente amanhã, começarei a escrevê-la hoje e dizer que tudo transcorreu perfeitamente desde a nossa chegada à Irlanda e que a nossa entrada em Dublin foi realmente magnífica. Por minha carta à Louise você ouvirá falar sobre a nossa chegada em Cove of Cork. Nossa visita foi um sucesso. O prefeito foi nomeado cavaleiro a bordo do <i>Fairy</i>, como nos velhos tempos. Cork está a um pouco mais de 27 quilômetros* acima do rio Lee, o qual é belamente arborizado e nos lembra da paisagem de Devonshire.</p> <p>* O texto original menciona dezessete milhas, o que daria 27.359 quilômetros (N.T.).</p>

No Quadro 1, contabiliza-se o número dos textos introdutórios e das notas de rodapé em cada seção acrescentadas por Hibbert e pela tradutora do texto para o português.

Quadro 1 – Textos suplementares (paratextos)

Seção	Texto em inglês (HIBBERT, 2000)		Texto traduzido (MONTEIRO, 2013)
	Texto Introdutório	Notas	Notas
A Rainha Regente	22	10	44
Vida em Família	6	6	46
Monarcas e Ministros	5	9	18
Dificuldades Frequentes	9	6	20

Fonte: elaborado pela autora.

O Quadro 1 indica a manipulação textual realizada por Hibbert e pela tradutora para que os leitores ingleses e brasileiros fiquem contextualizados histórica- e culturalmente com a utilização de notas e de textos introdutórios. Ficam explícitos, também, a compilação e o recorte textual de Hibbert. Algumas entradas de texto necessitam de explicações anteriores à leitura, de forma a adicionar conhecimento ao leitor para que esse possa se situar temporal- e socialmente a fim de compreender a leitura do trecho que será lido posteriormente.

As notas de Hibbert são pontuais em relação a questões históricas. Essas notas foram mantidas na tradução do texto para o português e o conteúdo dessas notas não foi alterado. A razão dessa escolha se baseia no fato aparente de que as informações trazidas pelas notas de Hibbert atuam como parte da leitura, orientando o leitor no texto de forma cultural, como no exemplo 12.

Quanto aos textos introdutórios, fica bem claro que o autor posicionou o leitor antes de ter qualquer entrada de texto que o fizesse sair da lógica estabelecida com a leitura diacrônica. Esse procedimento muito contribuiu para a leitura e a tradução como um todo e, assim como as notas, os textos introdutórios fazem parte e se integram ao texto como um todo.

A importância do conteúdo dessas informações suplementares trazidas pelas notas de rodapé e pelos textos introdutórios facilita o processo tradutório uma vez que elas significam ajuda durante a contextualização da tradutora diante do texto a ser traduzido.

4.5 Estrangeirização e domesticação no processo tradutório

Um dos grandes desafios durante o processo tradutório foi o de traduzir as palavras, na maioria em francês e alemão, escritas de próprio punho pela Rainha, uma vez que elas foram mantidas na compilação. Hibbert (2000, p. 6) explica que optou por manter as escolhas linguísticas sem traduzir para o inglês qualquer expressão ou termo em outro idioma: “[...] e traduzir as palavras e frases alemãs que vieram tão espontaneamente à sua caneta, com exceção daquelas como *Gemütlich* (confortável), que ela usou com frequência e que cujo significado é mais conhecido de modo geral.”⁷⁹

No exemplo 15 evidencia-se o uso de palavras estrangeiras no texto manuscrito e fica clara a escolha de Hibbert de deixar essas palavras no idioma em que foram escritas. A tradutora do texto para o português escolheu, também, por manter as palavras no idioma em que foram produzidas e adicionar notas de rodapé para que o leitor brasileiro tivesse entendimento de seus significados. O exemplo 15, a seguir, ilustra o uso de palavras em francês como *n’ est pas rassurant*, que foi explicitado em nota, em português, por “quer queira, quer não” e *mal gré bom gré*, que teve seu significado em português, em nota, como “por bem ou por mal”; a palavra em latim, *casus belli*, levou a explicação em nota como “falta grave cometida por um ofensor a ponto do Estado ofendido declarar guerra”.

Exemplo 15:

Texto em inglês (HIBBERT, 2000, p. 89)	Texto traduzido (MONTEIRO, 2013)
3 February, 1852	3 de fevereiro, 1852
TO KING LEOPOLD	PARA O REI LEOPOLD
Matters are very critical and all Van de	As coisas estão bem críticas e tudo que

⁷⁹ “[...] and to translate the German words and phrases that came so readily to her pen, apart from those such as *Gemütlich* (comfortable) which she used often and whose meaning is more generally known.”

<p>Weyer [the Belgian Foreign Minister has told us <i>n'est pas rassurant</i>. With such an extraordinary man as Louis Napoleon, one can never be for one instant safe. It makes me very melancholy: I love Peace and quiet – in fact, I hate politics and turmoil, and I grieve to think that a spark may plunge us into the midst of war. Still I think that may be avoided. Any attempt on Belgium would be <i>casus belli</i> for us: that you may rely upon. Invasion I am not afraid of, but the spirit of the people here is very great – they are full of defending themselves – and the spirit of the olden times is in no way quenched.</p> <p>Albert grows daily fonder and fonder of politics and business, and is so wonderfully fit for both – such perspicacity and such courage – and I grow daily to dislike them both more and more. We women are not made for governing – and if we are good women, we must dislike these masculine occupations; but there are times which force one to take interest in them <i>mal gré bon gré</i>, and I do, of course, intensely</p>	<p>Van de Weyer (Ministro das Relações Exteriores belga) nos disse foi <i>n'est pas rassurant</i>*(1). Com um homem tão extraordinário como Louis Napoleon, não podemos nunca estar seguros por um instante. Isso me deixa bem melancólica; amo a paz e o sossego – na verdade, odeio política e tumultos e lamento pensar que uma fagulha pode nos fazer entrar em guerra. Ainda penso que possa ser evitada. Qualquer tentativa na Bélgica seria <i>casus belli</i>*(2) para nós; disso você pode ter certeza. Não temo uma invasão, mas o espírito das pessoas aqui é muito grande – elas estão dispostas a se defender – e o espírito dos velhos tempos não está de forma alguma extinto.</p> <p>Albert fica cada dia mais apaixonado pela política e pelos negócios, e isso agrada maravilhosamente a ambos – tanta perspicácia e tanta coragem –, e eu, a cada dia, os detesto mais. Nós mulheres não fomos feitas para governar – e, se somos boas mulheres, devemos desgostar dessas ocupações masculinas, mas existem tempos que nos forçam a tomar interesse neles <i>mal gré bon gré</i> *(3) e eu o faço intensamente, claro.</p> <p>*(1) Do francês: quer queira, quer não. (N.T.) *(2) Do latim: falta grave cometida por</p>
---	---

	um ofensor a ponto de o Estado ofendido declarar guerra. (N.T.) *(3) Do francês: por bem ou por mal. (N.T.)
--	--

No exemplo 16 também revela-se o uso de palavras estrangeiras em francês e em alemão. Em francês, o significado de *éloge* foi “elogio” e da palavra alemã *wehmütige* foi “melancólica”.

Exemplo 16:

Texto em inglês (HIBBERT, 2000, p. 90)	Texto em português (MONTEIRO, 2013)
<p>23 November, 1852</p> <p>Disraeli has been imprudent and blundering, and has done himself harm by a Speech he made about the Duke of Wellington, which was borrowed from an <i>éloge</i> by Thiers on a French Marshal!!! [Marshal Gouvion de St Cyr]</p> <p>You will have heard...how very touching the ceremony both in and out of doors was on the 18th [the day of the state funeral]. The behaviour of the millions assembled has been the topic of general admiration, and the foreigners have all assured me that they never could have believed such a number of people could have shown such feeling, such respect, for not a sound was heard! I cannot say what a deep and <i>wehmütige</i> impression it made on me! It was a beautiful sight. In the Cathedral it was much more touching still! The dear old Duke! he is an irreparable loss!</p>	<p>23 de novembro, 1852</p> <p>Disraeli tem sido imprudente e tolo e se prejudicou com um discurso sobre o Duque de Wellington, que foi pego de um <i>éloge</i>*(1) por Thiers de um Marechal Francês!!! (Marechal Gouvion de St. Cyr.)</p> <p>Você deve ter ouvido falar... como a cerimônia no dia 18 foi tocante, tanto dentro quanto fora (o dia do funeral oficial). O comportamento de milhões amontoados foi pauta de admiração geral e os estrangeiros me garantiram que nunca acreditariam que tal número de pessoas poderia ter demonstrado tanto sentimento, tanto respeito, pois nenhum som fora ouvido! Não posso mencionar a impressão profunda e <i>wehmütige</i>*(2) que senti! Era uma bela visão. Na Catedral era ainda mais tocante! O velho querido Duque! Ele é uma perda irreparável!</p> <p>*(1) Do francês: elogio (N.T.)</p>

	*(2) Do alemão: melancólica. (N.T.)
--	-------------------------------------

Todos os três idiomas que foram citados nos exemplos 15 e 16 (alemão, francês e latim), tiveram as suas palavras traduzidas ou foram acrescidos de significados para o melhor entendimento do leitor brasileiro. Mesmo em casos como o latim, apesar da semelhança e das raízes linguísticas entre os dois idiomas, optou-se por deixar notas de rodapé com o significado correspondente. O leitor brasileiro provavelmente teria dificuldade de entender as expressões em alemão, francês, italiano e latim.

Os exemplos 15 e 16 apresentados revelam a proximidade que a aristocracia inglesa tem com os outros idiomas da zona europeia como o alemão e o francês. No texto traduzido, as expressões estrangeiras foram mantidas e ganharam explicação em forma de notas de rodapé pela tradutora, indicando o significado na língua portuguesa.

Como evidenciado nos exemplos, as seções 4, 5, 6 e 11, de *Queen Victoria*, apresentam expressões ou palavras francesas, alemãs e algumas outras de idiomas como latim e italiano. Todas foram mantidas no idioma em que foram escritas nas versões de Hibbert e no texto traduzido para o português. Optou-se por acrescentar notas de rodapé para facilitar a compreensão de palavras em outro idioma estrangeiro exceto o inglês, ao contrário de Hibbert, que as deixou como estavam. O itálico foi utilizado para marcar essas palavras seguindo o pensamento de Authier-Revuz (1990, p. 30) sobre o qual as palavras estrangeiras devem ser destacadas a fim de manter a sua marca cultural.

Nessas seções de *Queen Victoria*, foram contabilizadas 38 palavras de origem francesa, constituindo a grande maioria das ocorrências; 5 de origem alemã; 2 em latim e 1 em italiano. As palavras estrangeiras referidas foram retiradas das 119 páginas traduzidas das seções 4, 5, 6 e 11, de *Queen Victoria*, e foram marcadas em itálico no texto traduzido (AUTHIER-REVUZ, 1990). A frequência do uso de palavras estrangeiras pode ser entendida como aleatória, uma vez que não foi detectada nenhuma regularidade em relação às datas e aos assuntos mencionados. Como Hibbert (2000, p. 6) salientou, as palavras da Rainha “vinham espontaneamente à sua caneta”.

No entanto, constatou-se a existência de outras palavras e/ou expressões de origem francesa e alemã que não foram citadas por não estarem marcadas como palavras estrangeiras na obra de Hibbert (2000). Essas palavras ou orações estão expressas no texto compilado ou como citações de outrem, ou como voz da própria Rainha Victoria.

De acordo com Venuti (2004, p. 15), acredita-se que essa posição estrangeirizadora adotada pela tradutora mostra que a outra cultura está presente no texto e o valor cultural que é trazido por essa posição deve ser acrescentado e apresentado ao leitorado brasileiro para que as informações ativadas no uso daquela palavra ou expressão transponham as barreiras culturais e sejam absorvidos pela cultura de chegada.

4.6 Aspectos estilísticos, linguísticos e culturais

Hibbert (2000, p.6) confessa na sua introdução à obra *Queen Victoria* que a pontuação das cartas e as anotações da Rainha Victoria, compiladas por ele, foram modificadas para facilitar a leitura⁸⁰. As emoções expressas no momento da escrita eram destacadas pela Rainha de forma enfática com sublinhados e repetições constantes da mesma palavra, de modo que ela conseguisse repassar tudo de forma mais vívida. Nesse sentido, Hibbert (2000, p.6) cita o seguinte exemplo: “Eu nunca, NUNCA tive tal noite!!” Ele ainda salienta que, por vezes, ela sublinhava duas, ou até mesmo três ou quatro vezes o texto no momento da escrita. Segundo Newmark (1988, p.58), a pontuação é parte essencial do discurso, uma vez que indica a relação entre sentenças e frases, o que pode variar de acordo com o idioma.

Hibbert considera que alguns exageros estilísticos feitos pela Rainha, como sublinhados, seriam possíveis de reproduzir como em “Meu querido QUERIDÍSSIMO QUERIDO Albert [...]”. Hibbert, também, modificou a pontuação original que foi considerada de “altíssima idiosincrasia”⁸¹ (HIBBERT, 2000, p. 6).

Outra questão se refere às aberturas e aos fechamentos de texto para cartas e diários que foram removidos, segundo o autor, para “economia de espaço”. As aberturas das cartas “Amado filho”, “minha Querida Filha” (HIBBERT, 2000, p. 7) foram retiradas por economia de espaço e para “limpar” o texto.

Pode haver alteração de trechos, bem como perdas de entradas de texto e correspondências inteiras, uma vez que a filha da Rainha Victoria, Beatrice, queimou as cartas originais, conforme mencionado anteriormente.

⁸⁰ “It has been decided, for the sake of easier reading, to modify the Queen’s punctuation [...]”

⁸¹ “[...] to modify the Queen’s punctuation which is on occasion highly idiosyncratic.”

Uma questão pontual foi a da escrita de algumas ocorrências em terceira pessoa do singular, em nome da Rainha. A compilação de Hibbert não faz menção a essa questão.

No exemplo 17, apresenta-se ocorrência de uma carta escrita na terceira pessoa do singular (a Rainha), de forma como se a autora da escrita não fosse a própria Rainha.

Exemplo 17:

Texto em inglês (HIBBERT, 2000, p. 72)	Texto traduzido (MONTEIRO, 2013)
<p style="text-align: right;">23 June, 1843</p> <p>The Queen returns these communications to Sir James Graham which are of a very unpleasant nature. The Queen trusts that measures of the greatest severity will be taken, as well to suppress the revolutionary spirit as to bring the culprits* to immediate trial and punishment.</p> <p>*The Rebecca rioters who, protesting against the Poor Law Amendment Act amongst other grievances, had destroyed turnpike toll houses and gates. Many of them were dressed as women, They took their name from the biblical prophecy that Rebecca's seed should 'possess the gate of those that hate them'.</p>	<p style="text-align: right;">23 de junho, 1843</p> <p>A Rainha delegou esses comunicados de natureza desagradável ao Sir James Graham. A Rainha confia que as medidas de maior severidade serão tomadas tanto para suprimir o espírito revolucionário como para trazer os culpados* para julgamento e punição imediatos.</p> <p>*Os manifestantes da Rebecca, protestando contra o Poor Law Amendment Act*¹, entre outros desgostos, destruíram pedágios e portões. Muitos deles estavam vestidos como mulheres. Eles tiraram seu nome da profecia bíblica que, segundo a qual, a semente de Rebecca “possuirá as portas dos seus inimigos”</p> <p>* Poor Law Amendment Act foi uma lei aprovada em 1834 que reformava a seguridade social na Grã-Bretanha. (N.T)</p>

Não é possível identificar quem escreveu essas ocorrências. No entanto, pode-se salientar que o uso da terceira pessoa para cartas e diários da Rainha leva ao provável entendimento de que alguém de confiança as fazia para a Rainha.

O acesso a esses originais, mesmo que de forma reduzida e mesmo sem ter total confiança na veracidade das informações e do conteúdo de livre acesso disponível *online*, mostrou ser um valioso instrumento para elucidar o processo de escrita e de construção desses textos.

4.6.1 Nomes próprios e formas de tratamento

Segundo Baubeta (1992, p. 100), *o senhor* pode ser traduzido como *you*, mas às vezes é necessário adicionar algum tipo de marca de *status/respeito* para fazer uma ligação entre a língua de partida e a de chegada⁸².

Os pronomes de tratamento e as formas de tratamento nas seções 4, 5, 6 e 11 analisados nesta dissertação revelam como as relações sociais e o *status* social dos participantes podem ser explicitados pelos pronomes e formas de tratamento, como comenta Ferreira (2003, p.204) sobre a maneira formal e informal de endereçamento. As relações familiares aparecem na forma de apelidos como *Papa* (forma que a Rainha Victoria usava para se referir ao seu marido, Príncipe Albert).

No exemplo 18, *Papa* é utilizado em relações familiares.

Exemplo 18:

Texto em inglês (HIBBERT, 2000, p. 92)	Texto traduzido (MONTEIRO, 2013)
29 November, 1841	29 de novembro, 1841
TO KING LEOPOLD	PARA O REI LEOPOLD
[...]	[...]
Our little boy is a wonderfully Strong and large child, with very large dark blue eyes, a finely formed but somewhat large nose, and a pretty little mouth; I hope and pray	Nosso menininho é uma criança maravilhosamente forte e grande, com olhos grandes e azul-escuros, um nariz com formato fino, no entanto grande, e

⁸² “For example, *o senhor* may be translated as *you*, but it is sometimes necessary to add some kind of status/respect marker in order to bridge the gap between source and target language.”

he may be like his dearest Papa.	uma linda boca pequena; espero e rezo para que ele seja que nem seu querido <i>Papa</i> .
----------------------------------	---

O caso de *Sir* e *Lord*, formas de tratamento de um contexto social da realeza, carregam significados muito além da palavra. Essas ferramentas de marcação de palavras estrangeiras foram mantidas por Hibbert no texto traduzido, uma vez que é importante salientar o uso de pronome ou forma de tratamento estrangeiro. Isso força o leitor a se inserir na cultura receptora, incorporando novas terminologias ao vocabulário “pessoal” e se familiarizando com a cultura estrangeira.

Para traduzir *Sir*, optou-se por utilizar a palavra em itálico em função do distanciamento cultural necessário e da manutenção da identidade da cultura de partida dentro do texto. Já, para traduzir a palavra *Lord*, utilizou-se *Lorde*, uma vez que existe a naturalização, em relação a esse vocábulo, para o português, segundo o dicionário Silveira Bueno (1996, p. 401).

Outro problema de tradução com relação ao uso de vocábulos como *Sir* e *Lord* surge também com a palavra *gentlemen*. Essas formas de tratamento possuem grande carga social (BAUBETA, 1992, p. 91). Verifica-se que os usos dos correspondentes de *Lord* e *Gentlemen* (*Lorde* e *Cavalheiros*) podem ter valor e *status* social parecido com o do idioma de chegada, conforme aponta Ferreira (2003, p. 204).

Nos exemplos 19 e 20 apresentam-se os usos de *Sir*. As ocorrências de *Sir* são mantidas na tradução para o português.

Exemplo 19:

Seção/Página	Data	Texto de partida	Texto traduzido
<i>Monarchs and Ministers</i> , 137	8 de setembro, 1857	“...Sir Hugh Wheller and Sir H Barnard (the latter an old acquaintance of mine who seemed to be doing so well with his small force) are most grievous, and the loss of Sir H. Lawrence irreparable.”	“... <i>Sir</i> Hugh Wheller e <i>Sir</i> H. Barnard (esse último um velho conhecido meu que parecia estar indo bem com sua pouca força) são bem dolorosas e a

			perda do <i>Sir</i> H. Laurence é irreparável.”
--	--	--	---

Para *Sir*, o vocábulo em inglês foi mantido para que toda a carga cultural e social que ele possui pudesse ser transmitida para o leitor, uma vez que *Sir* carrega conotação nobre praticamente única para a Inglaterra.

No exemplo seguinte, para traduzir *Lord*, opta-se por *Lorde*.

Exemplo 20:

Seção/Página	Data	Texto de partida	Texto traduzido
<i>Monarchs and Ministers</i> , 139	21 de fevereiro, 1858	“ The two offices the Queen is most anxious should not be prejudiced in any way, before the Queen has seen Lord Derby again, are the Foreign and the War Departments [appointments given to Lord Malmesbury and General Peel].”	“Os dois ministérios com os quais a Rainha está mais apreensiva e que não devem ser prejudicados de forma alguma antes de ela ver Lorde Derby novamente são o das Relações Exteriores e o da Defesa (deveres dados ao Lorde Malmesbury e ao General Peel).”

No exemplo 21, para traduzir *gentlemen* foi escolhido “cavalheiros”, uma vez que as pessoas mencionadas nessa parte do texto não foram especificadas.

Exemplo 21:

Seção/Página	Data	Texto de partida	Texto traduzido
<i>Monarchs and Ministers</i> , 134	10 de setembro, 1855	“In a few minutes, Albert and all the gentlemen...”	“Em poucos minutos, Albert e todos os

			cavalheiros...”
--	--	--	-----------------

O valor de nobreza e de boa educação é transmitido por *gentlemen*, segundo as definições do dicionário de Silveira Bueno (1996) e do dicionário Oxford (2004). Pode ser entendido que os homens participantes nesta frase são todos de uma classe social semelhante com boa educação e bons modos.

4.7 Outras questões de tradução

Considerando a opinião de Hibbert (2000, p.6) em relação à pontuação idiossincrática adotada pela Rainha, no texto traduzido para o português, houve a preferência de manter as escolhas de Hibbert. Como já mencionado, somente algumas partes dos manuscritos da Rainha estão disponíveis para verificação *on-line*. Por isso, não é possível saber se o texto de Hibbert é o texto correspondente.

Por diversas vezes, a Rainha escreveu as palavras *to-day* e *to-morrow* com essa exata grafia. De acordo com David Crystal (2012), essa grafia é do inglês médio em que as preposições eram mantidas separadas de outras palavras (*to-day* e *to-morn=tomorrow*)⁸³. No entanto, os dicionários do século XIX do período Vitoriano, como o *The English Dialect Dictionary* (1898-1905), já colocavam hífen separando essas duas partes da palavra.

Há dezoito ocorrências de *today* e quatro para *to-day* em *Queen Victoria*, três aparições para *tomorrow* e seis para *to-morrow*, nas seções desse estudo. O exemplo a seguir traz alguns usos em duas ocasiões cada, em datas diversas direcionadas para pessoas diferentes, para mostrar que talvez a escolha da grafia dessas palavras fosse feita de modo deliberado. As palavras sublinhadas no texto traduzido têm seu correspondente em inglês entre parênteses ao final do trecho de texto. As palavras entre parênteses são os correspondentes conforme expressas na obra compilada por Hibbert, isto é, separados ou não por hífen “*to-day*” ou *today*.

⁸³ *On tomorrow and to-morrow and to morrow*, 2012. Disponível em: <<http://david-crystal.blogspot.com.br/2012/05/on-tomorrow-and-to-morrow-and-to-morrow.html>> Acesso em: 21 set. 2013.

Nos exemplos 22, demonstram-se algumas ocorrências de *to-day* e *today* e de *to-morrow* e *tomorrow* para que seja possível analisar as datas de escrita e a sua aparição nas diferentes seções que foram usadas como *corpus* desta dissertação.

Exemplo 22:

Seção/Página	DATA	DESTINATÁRIO	TRECHO
<i>Family Life</i> , 101	4 de fevereiro, 1858		Estou melhor <u>hoje</u> , mas meus primeiros pensamentos ao acordar foram muito tristes – e as lágrimas ficam vindo aos meus olhos e prestes a cair novamente, mas eu me sinto muito melhor <u>hoje</u> . (today em ambos os casos)
<i>The Queen Regnant</i> , 80	9 de julho, 1850	-	O pobre Peel será enterrado <u>hoje</u> . (to-day)
<i>The Queen Regnant</i> , 81	2 de julho, 1850	REI LEOPOLDO	Apesar de esta carta ser enviada somente <u>amanhã</u> , começarei a escrevê-la hoje e dizer que tudo transcorreu perfeitamente desde a nossa chegada à Irlanda e que a nossa entrada em Dublin foi realmente magnífica. (tomorrow)
<i>Family Life</i> , 116	28 de novembro, 1860	-	Eu vi como Louis estava extremamente agitado no jantar, e, após o qual – enquanto eu estava falando com alguns senhores e Alice estava sozinha com Louis perto da lareira – ele viu a oportunidade (que o querido

			<i>Papa</i> em seu jeito muito calmo achou que ele esperaria até hoje ou <u>amanhã</u> ... (tomorrow)
<i>Monarchs and Ministers</i> , 134	5 de dezembro, 1855	REI LEOPOLDO	Meu tempo (foi) inteiramente tomado por meu irmão Real, o Rei da Sardenha (Rei Vítor Emanuel, aliado da Grã-Bretanha na Crimeia), e eu tive de compensar pela perda de tempo desses últimos dias. Ele nos deixa <u>amanhã</u> em uma hora extraordinária... (to-morrow)

O exemplo 22 apresenta usos de *today*, *tomorrow*, *to-day* e *to-morrow* em diferentes datas e endereçadas a pessoas distintas (Palmerston, Rei Leopoldo) sobre assuntos diversos, o que pode indicar que a escolha pelo uso da grafia era deliberada. Primeiramente, foram verificadas as datas esperando haver alguma resposta do uso dessas palavras e, logo depois, foi confirmado o remetente das cartas. Não foi notada nenhuma semelhança ou razão para o uso do hífen. Durante o processo tradutório, ocorreu a possibilidade de traduzir *to-day* por *oie* para substituir o *to-day*. O *to-day*, vindo do inglês médio não possui referentes no português do século XX. No entanto, essa possibilidade foi descartada, uma vez que para leitores brasileiros do século XIX, *oie* não seria uma boa opção devido à falta de correspondente para *to-morrow*. Na tentativa de preservar a grafia de *to-day* com o *oie* perderia-se o *to-morrow* pela falta de correspondentes. Assim, para que não houvesse diferença entre as cartas no texto traduzido, usou-se *today/to-day* e *tomorrow/to-morrow* com a tradução para *hoje* e *amanhã* sem distinção no uso e na forma.

Hibbert (2000, p. 7) manteve os erros de grafia dos originais na obra compilada devido à rápida percepção pela própria Rainha ao cometê-los e devido à menção por ela mesma em suas cartas. Esses erros não aparecem no texto que compõe o *corpus* desta dissertação.

Em algumas ocasiões, Hibbert (2000) acrescenta conteúdo entre colchetes para alusões e referências. Dessa forma, Hibbert acabou alterando o texto diretamente e essa interferência foi mantida no texto traduzido, considerando a parte sinalizadora de

modificação utilizada no original. Além disso, Hibbert também utiliza os parênteses para salientar a inserção de informações no texto compilado. A diferença entre as informações apresentadas entre parênteses e entre colchetes está na sua natureza. As informações entre colchetes tendem a ser de cunho histórico e explicativo e que podem melhorar o entendimento textual, ao passo que as informações adicionadas em parênteses tendem a ser de cunho informacional sendo que não têm o propósito de contribuir para o entendimento do texto.

No exemplo 23, apresentam-se informações entre parênteses.

Exemplo 23:

Texto em inglês (HIBBERT, 2000, p. 66)	Texto traduzido (MONTEIRO, 2013)
I am sure you will forgive my writing a very short letter to-day, but I am so harassed and occupied with business that I cannot find time to write letters. You will, I am sure, feel for me; the probability of parting from so kind and excellent a being as Lord Melbourne as a Minister (for a friend he will Always remain) is very, very painful, even if one feels it will not probably be for long;	Sei que perdoará a escrita de uma pequena carta hoje, mas estou tão atormentada e ocupada com os negócios que não achei tempo para escrever cartas. Você sentirá por mim, certamente. A probabilidade de me separar de uma pessoa tão boa e querida como Lorde Melbourne como Ministro (pelo amigo que ele sempre será) é muito, muito dolorosa, mesmo que provavelmente não seja por muito tempo.
Texto em inglês (HIBBERT, 2000, p. 67)	Texto traduzido (MONTEIRO, 2013)
15 June, 1841 Affairs go on, and all will take some shape or other, but it keeps one in hot water all the time. In the meantime, however, the people are in the best possible humour, and I never was better received at Ascot, which is a great test, and also along the roads yesterday. This [Nuneham Courtenay, the family home of Edward Vernon Harcourt, Archbishop of York] is a most lovely place;	15 de junho, 1841 As negociações continuam e tudo se acertará, mas, até então, isso mantém todos em banho-maria. Nesse meio tempo, entretanto, os cidadãos estão com excelente humor e eu nunca fui tão bem recebida em Ascot, o que é um grande desafio, e ontem nas estradas também. Este é um lugar adorável (Courtenay Nuneham, a residência da família de Edward Vernon Harcourt, Arcebispo de

York).

No exemplo 23 apresenta-se a inserção de informações dentro do texto por Hibbert e a forma que a tradução foi realizada. Para mostrar essas informações no texto traduzido, a tradutora utilizou parênteses ao invés de colchetes.

Erros de grafia também foram sinalizados por Hibbert. De acordo com Hibbert (2000, p. 6), o uso de itálico em inglês sugere uma palavra ortograficamente errada e que não foi corrigida na edição de texto. Nas seções 4, 5, 6 e 11 duas palavras estão grafadas de forma incorreta e deste modo foram transcritas por Hibbert (2000, p.7) e pela tradutora.

A seguir são listadas as ocorrências que têm erros no texto da Rainha e a grafia correta que foi adicionada entre colchetes, de acordo com o Dicionário *On-line* de Cambridge:

“1) Albert’s great *fonction* [He had laid the foundation stone of the new Royal Exchange] yesterday went off beautifully, and he was so much admired in all ways”; (function: noun [C/U] (PURPOSE)). Seção *The Queen Regnant*, página 71.

“2) Abstractely, I have no *tender* for them [babies] till they have become a little human”; (tender: adjective (GENTLE)). Seção *Family Life*, página 112.

“3) They are entirely wrapped up in their white *burnoses*” (não foi achada nenhuma entrada para essa palavra). Seção *Monarchs and Ministers*, página 142.

Neste capítulo discutiu-se e exemplificou-se o processo tradutório que envolveu a tradução do inglês para o português das seções 4, 5, 6 e 11 da obra *Queen Victoria* de Hibbert, assim como as soluções encontradas e as respectivas reflexões da tradutora durante a elaboração da tradução.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período Vitoriano (1837-1901) da Inglaterra foi palco de grandes mudanças não somente inglesas, mas também mundiais. A Rainha Victoria (1819-1901) da Inglaterra e tudo o que é conhecido sobre o seu reinado ganharam muito provavelmente mais vida com a publicação da obra *Queen Victoria in her letters and journals*, de Christopher Hibbert, publicada pela editora Sutton Publishing Limited, na Inglaterra, em 2000.

Para a presente dissertação, foi elaborada a tradução do inglês para o português das seções 4, 5, 6 e 11 dessa obra compilada de Hibbert. Primeiramente, a tradução foi realizada anterior à escrita da dissertação. A contextualização da tradutora e os estudos prévios realizados com relação a obra compilada e a escolha do *corpus* foram necessários para o desenvolvimento da dissertação. Este trabalho foi elaborado considerando informações e aspectos relevantes levantados durante o processo tradutório que foram analisados com base em autores como Peter Newmark (1988), Lawrence Venuti (2004), Gideon Toury (1995) e André Lefevere (1992). Posteriormente, foi feita a revisão da tradução e o cotejo com o texto de partida. Aspectos específicos como (co)autoria, polifonia e textos suplementares (paratextos) foram abordados na discussão do processo tradutório.

A tradutora é responsável pelo conteúdo do texto produzido e, por isso, pode ser considerada (co)autora da obra traduzida de forma que essa responsabilidade de autoria se faz ainda mais visível e se materializa linguisticamente quando a tradutora opta por adicionar notas de rodapé no texto traduzido como nos Exemplos 8 e 9.

O tradutor, uma vez considerado voz dentro do texto traduzido, levanta a questão teórica da polifonia que sinaliza a presença de diversas vozes que atuam em um mesmo texto. No caso de *Queen Victoria*, essa polifonia é visível na forma de notas de rodapé e textos introdutórios. No Exemplo 5, para traduzir “*Poor Law Amendment Act:*”, a tradutora decidiu acrescentar a nota da tradutora (N.T.) obtendo “*¹ A Poor Law era uma lei que garantia melhores condições de trabalho para os trabalhadores industriais. (N.T.)”.

Os textos suplementares (paratextos) acrescentados por Hibbert e as notas de rodapé adicionadas pela tradutora contribuíram não somente para a análise da polifonia e da (co)autoria, mas também para aprofundar o conhecimento do conteúdo das notas de rodapé e os denominados textos introdutórios. Os textos suplementares das seções 4, 5,

6 e 11 que incluem os textos introdutórios e as notas de rodapé de Hibbert foram traduzidos em sua totalidade.

As notas de rodapé e os textos introdutórios de Hibbert são de conteúdo cultural como ilustrado no Exemplo 5 e não explanatório como as notas adicionadas pela tradutora. A tradutora insere notas de rodapé que, no geral, fornecem os significados de palavras em alemão, francês e latim como mostrado no Exemplo 15 e no Exemplo 16.

Os textos introdutórios foram considerados textos suplementares (paratextos) uma vez que são textos externos ao texto principal como pode ser ilustrado no Exemplo 7, para o qual Hibbert acrescenta informações como datas e comentários pessoais do próprio Hibbert sobre acontecimentos históricos como “*o mal conceituado Duque de Saxe-Coburg e Gotha*”.

A presença abundante de informações culturais no *corpus* desta dissertação e a preocupação da tradutora com a recepção dessa cultura pelo leitor brasileiro contribuíram para que o texto traduzido ficasse com direcionamento mais estrangeirizador (Venuti,2004) no que concerne às escolhas, opções linguísticas e culturais. No entanto, notou-se que a postura da tradutora, ao se fazer visível na tradução com a adição de notas de rodapé, levou-a a posicionar-se textualmente de maneira a priorizar a cultura do texto de partida. O levantamento feito entre as notas de rodapé e os textos introdutórios acrescentados por Hibbert e as notas colocadas pela tradutora mostram que a interferência do autor no próprio texto foi bem maior do que a da tradutora. Mesmo depois da análise de relevância da nota, a opção foi traduzir todas as notas e os textos introdutórios originalmente escritos por Hibbert.

O texto traduzido é de responsabilidade da tradutora, o que a faz ser a autora desse novo texto, o traduzido. Com base nos estudos de Bajín/Bakhtin (2003), pode-se salientar que essa (co)autoria e a escolha de deixar a tradutora mais visível linguisticamente no texto (Venuti,2004), revela as múltiplas vozes presentes no texto traduzido. A tradutora assume a posição de contribuinte de informações para o texto. Assim, (re)criou-se o texto original, por meio do posicionamento da tradutora como agente, modificadora e autora de um novo texto (traduzido). De um modo geral, a tradutora optou por ficar mais visível ao colocar a sua voz no texto traduzido já que acrescenta notas e textos introdutórios. Assim, a tradutora fez-se voz de Hibbert e da Rainha sem esquecer a sua própria voz. A tradutora também é responsável pela informação acrescentada em forma de textos suplementares, pois ao inserir informações

buscou facilitar a recepção do texto traduzido pelo leitor brasileiro em forma de notas de rodapé.

Essa constante necessidade de estabelecer ligação entre o leitor receptor e o texto de partida faz com que a tradução produzida possa ser considerada um ato comunicativo. É importante ressaltar que essa conexão cultural e intertextual entre leitor e texto foi possível pelo uso de notas de rodapé da tradutora, que ao total contabilizam 128 de acordo com o Quadro 1. Hibbert pode ter sentido a necessidade de adicionar textos introdutórios por adotar essa postura de reescrita textual do texto de partida da Rainha que tinha por base a cultura de partida. A tradução elaborada permite ao público brasileiro entrar em contato com a cultura inglesa e com seus componentes políticos e históricos por meio do texto traduzido.

O estudo e a tradução das quatro seções da Obra *Queen Victoria* possibilitaram acesso a informações relevantes, que poderão ser utilizadas para enriquecer culturalmente o leitorado brasileiro e para fomentar os Estudos da Tradução em relação à tradução de epístolas, à questão da (co)autoria, da polifonia e de textos suplementares (paratextos). Hibbert, com essa compilação de cartas e anotações da Rainha Victoria da Inglaterra, tornou possível o acesso à cultura inglesa da era vitoriana partindo do ponto de vista de uma das Monarcas mais influentes de todos os tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVAREZ, Román; VIDAL, M. Carmen África. **Translation, power, subversion**. Great Britain: Multilingual Matters Ltd., 1996.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. **Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas**, v. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

BAJÍN, Mijail M. **Problemas de la poética de Dostoiévski**. Tradução de Tatuana Bubnova. 2. ed. México: FCE, 2003.

BARROS, Diana Pessoa; FIORIN, José Luiz. Discurso literário e dialogismo em Bakhtin. In: _____. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin Mikhail**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 1-10.

BAUBETA, Patricia Anne Odber de. Modes of address: translation strategies or the black hole. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, n. 28, p. 87-107, 1992.

DICIONÁRIO OXFORD UNIVERSITY PRESS. **Oxford Advanced Learner's Dictionary**. 7. ed. New York: OUP, 2004.

DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: _____. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Ed. Pontes, 1987. p. 161-219.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Theory. In: _____. **Poetics Today**, Durham, v. 11, n. 1, p. 9-94, 1990.

_____. The position of translated literature within the literary polysystem. In: _____. **Poetics Today**, Durham, v. 11, n. 1, p. 45-52. 1990.

FERREIRA, Mauro. Pronome (I). In: _____. **Aprender e praticar a gramática**. Ed. Renovada. São Paulo: FTD, 2003. p. 195-216.

_____. Pontuação. In: _____. **Aprender e praticar a gramática**. Ed. Renovada. São Paulo: FTD, 2003. p. 475-493.

FURLAN, Mauri. A missão do tradutor – Aspectos da concepção benjaminiana de linguagem e de tradução. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis, v. 1, n.1, p. 91-105, 1996.

GARCEZ, Pedro de Moraes. English into Brazilian Portuguese: the problems of translating address in literary dialogue. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, n. 28, p. 155-165. 1992.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 9-20.

GILROY, Amanda; VERHOEVEN, W. M. **Epistolary histories: letters, fiction, culture**. Virginia: University of Virginia Press, 2000.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 4 ed. São Paulo: Petrópolis, 1989.

GREENBAUM, Sidney. Punctuation. In: _____. **The Oxford English grammar**. New York: Oxford University Press, 1996. p. 503-555.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, Christian. The location of grammar in language; the role of the corpus. In: _____. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Hodder Arnold, 2004. p. 31-36.

HERMANS, Theo. On modelling translation: models, norms and the field of translation. **Revista de Estudios de Traducción**, Spain, n.4, p. 69-88. 1993.

HIBBERT, Christopher. **Queen Victoria in her letters and journals**. Gloucestershire: Sutton Publishing, 2000.

_____. **Queen Victoria: a personal history**. England: Da Capo Press, 2000.

LEAL, Alice Borges. **Funcionalismo e tradução literária: o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos** [Monografia de bacharelado em Letras Inglês-Português, com ênfase nos estudos da tradução. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná]. Curitiba, 2005. p. 1-9.

LEFEVERE, André. **Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame**. London and New York: Routledge, 1992.

LEPPIHALME, Ritva. Translational issues. In: _____. **Culture bumps: an empirical approach to the translation of allusions**. Reino Unido: Multilingual Matters LTD, 1997. p. 13-30.

LOPES, Edward. Discurso literário e dialogismo em Bakhtin. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin Mikhail**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p .

MALLON, Thomas. Introduction. In: _____. **Yours ever: people and their letters**. New York: Random House LLC, 2009. p. 3-12.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. et al. **Gêneros textuais e ensino**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MOTA, Myriam Becho; BRAICK, Patrícia Ramos. Sonhos de Liberdade. In: _____. **História das cavernas ao terceiro milênio**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002, p. 300-309.

NEWMARK, Peter. **A textbook of translation**. Great Britain: Prentice Hall International Ltd., 1988.

PIUCCO, Narceli. Sobre a (in)visibilidade do tradutor na tradução: algumas referências teóricas e opiniões de tradutores literários. **Revista Trama**. v. 4, n. 7, p. 177-187, 1º semestre de 2008.

SCHÄFFNER, Christina. Skopos theory. In: BAKER, M. (ed.). **Encyclopedia of Translation Studies**. London: Routledge, 1998. p. 235-238.

SCHLEIERMACHER, F. Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Celso R. Braida. In: HEIDERMANN, W. (org.). **Clássicos da teoria da tradução**: antologia bilíngue, alemão-português. v. 1. Florianópolis: UFSC, 2010. p. 39-101.

SCOLLON, Ron; SCOLLON, Suzanne Wong; JONES, Rodney H. **Intercultural communication**: a discourse approach. 3 ed. UK: John Wiley Sons Ltd., 2012.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. **Minidicionário da língua portuguesa**. Ed. rev. e atual. Por Helena Bonito C. Pereira, Rena Signer. São Paulo: FTD: LISA, 1996.

SIMON, Sherry. **Gender in translation**: cultural identity and the politics of transmission. London: Taylor & Francis e-Library, 2005.

SOUSA FILHO, A. Cultura, ideologia e representações. In: CARVALHO, Maria do Rosário de; PASSEGGI, Maria da Conceição; SOBRINHO, Moises Domingos. (Orgs.). **Representações sociais**: teoria e pesquisa. 1. ed. v. 1.376. Mossoró: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-un Rosado, 2003. p. 71-82.

TOURY, Gideon. The nature and role of norms in translation. **Descriptive translation studies – and beyond**. Philadelphia: John Benjamins, 1995.

VAN DIJK, Teun A. **Ideology and discourse**: a multidisciplinary introduction. Barcelona. 2000.

VENUTI, Lawrence. **The translation studies reader**. London: Taylor & Francis e-Library, 2004.

_____. **The translator's invisibility**: a history of translation. London: Taylor & Francis e-Library, 2004.

VERMEER, Hans. Skopos and commission intratranslational action. In: VENUTI, Lawrence. **The translation studies reader**. London: Taylor & Francis e-Library, 2004., p. 221-232.

VICENTINO, Cláudio. **História geral**. São Paulo: Scipione, 2002. p. 175-251.

REFERÊNCIAS VIRTUAIS

AGAPE EDIÇÕES. **O Concerto Eterno, Capítulo 11**.2010. Disponível em: <<http://agape-edicoes.blogspot.com.br/2010/08/o-concerto-eterno-capitulo-11.html>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Catálogo on-line**. Disponível em: <<http://www.unesco.org/xtrans/>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

BIOGRAPHY. **Queen Victoria Biography**. The Biography.com website. 2014. Disponível em: <<http://www.biography.com/people/queen-victoria-9518355>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

CAMBRIDGE ON-LINE. Disponível em: <www.dictionary.cambridge.org>. Acesso em: 09 mai. 2014.

CRYSTAL, David. **On tomorrow and to-morrow and to morrow**. 2012. Disponível em: <<http://david-crystal.blogspot.com.br/2012/05/on-tomorrow-and-to-morrow-and-to-morrow.html>> Acesso em: 09 mai. 2014.

DIÁRIO. In: DICIONÁRIO Aurélio. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Diario.html>>. Acesso em: 14 mai. 2014.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: **Ditos e escritos III** – Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 264-298. Disponível em: <http://fido.rockymedia.net/anthro/foucault_autor.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2014.

PESSOA, M. F. C. **O paratexto e a visibilidade do tradutor**. [Dissertação de Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem. Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Letras, PUC-Rio]. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/acessoConteudo.php?nrseqoco=55043>>. Acesso em: 09 mai. 2014.

REIS, Valdeni da Silva. A definição do diário como um gênero: entre diário íntimo e o diário de aprendizagem. **Veredas online – atemática**. Juiz de Fora, v. 16, n. 2, 2012, p. 120-132. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2012/10/artigo-8.pdf>>. Acesso em: 09 mai. 2014.

THE BIOGRAPHY CHANNEL. **Queen Victoria Biography**. Disponível em: <<http://www.thebiographychannel.co.uk/biographies/queen-victoria.html>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

THE HISTORY PRESS. **About The History Press**. Disponível em: <<http://www.thehistorypress.co.uk/index.php/about-us#sthash.rn9hG9t2>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

THE NINETEENTH CENTURY. **UK History**. Disponível em: <http://www.uk.filo.pl/uk_history_9.htm>. Acesso em: 09 mai. 2014.

THE OFFICIAL WEBSITE OF THE BRITISH MONARCHY. The Royal Collection and other collections. **The Royal Archives**. Disponível em: <<http://www.royal.gov.uk/the%20royal%20collection%20and%20other%20collections/theroyalarchives/theroyalarchives.aspx>>. Acesso em: 09 mai. 2014.

_____. Historic Royal Speeches and Writings. Disponível em: <www.royal.gov.uk> >. Acesso em: 01 jun. 2014.

UJE. União dos Jovens e Estudantes do Brasil. **História do Brasil no século XIX**. Disponível em: <<http://www.uje.com.br/gn/downloads/historiabr/19.htm>>. Acesso em: 09 mai. 2014.

ANEXOS

Anexo A

A tradução das seções 4, 5, 6 e 11 de *Queen Victoria*

Nas páginas a seguir é apresentada a tradução integral para o português das seções 4, 5, 6 e 11 da obra *Queen Victoria in her letters and journals* de Christopher Hibbert, publicada pela editora Sutton Publishing Limited em Gloucestershire, no Reino Unido em 2000.

Os trechos em itálico indicam textos introdutórios acrescentados na obra por Hibbert. As notas de rodapé inseridas pelo autor também foram traduzidas em sua totalidade. No entanto, as notas adicionadas pela tradutora estão destacadas com a sigla N.T. (Nota da Tradutora). As que não contêm a sigla N.T. são as elaboradas por Hibbert. Ainda, existem parênteses recorrentes dentro das entradas de texto que sinalizam um comentário adicional por Hibbert para, novamente, contextualizar o leitor britânico ou de língua inglesa.

Algumas entradas estão em terceira pessoa, como a de 23 de junho de 1843 que diz: “A Rainha dirigiu esses comunicados de natureza desagradável ao Senhor James Graham.”. Não é possível saber a identidade de quem aparentemente transcreveu essas linhas.

Algumas palavras como *Papa* e *Mama* estão em itálico, uma vez que são apelidos referentes ao Pai (Príncipe Albert) e à Mãe (Rainha Victoria) e, assim, diferenciar de Papa (personagem da igreja).

A Rainha Regente
1841-1852

A Rainha retornou a Londres com o marido depois de três “dias muito, muito felizes”. “O seu amor e sua ternura são maiores do que tudo, e beijar aquela bochecha macia, pressionar meus lábios contra os seus são uma felicidade imensa...Ah! Nunca houve uma mulher tão abençoada como eu – escreveu”. Ela se sentiu mais abençoada ainda quando, diante da queda do governo do Lorde Melbourne em maio de 1841, ela procurou conforto, suporte e conselhos no Príncipe. No dia 11 de maio, ela escreveu para o Rei Leopold:

Sei que perdoará a escrita de uma pequena carta hoje, mas estou tão atormentada e ocupada com os negócios que não achei tempo para escrever cartas. Você sentirá por mim, certamente. A probabilidade de me separar de uma pessoa tão boa e querida como Lorde Melbourne como Ministro (pelo amigo que ele sempre será) é muito, muito dolorosa, mesmo que provavelmente não seja por muito tempo. Tomar isso pelo lado filosófico é meu grande desejo, e com calma certamente irei, mas não se podem impedir sentimentos de afeição e gratidão. Albert é o maior conforto possível de todas as maneiras e sou muito mais independente do que antes.

18 de maio, 1841

Eu estava certa de que você sentiria por mim. Desde a última segunda-feira, venho vivendo na expectativa do término dos acontecimentos, mas o debate ainda prossegue, e ainda não é certo que terminará hoje, mesmo sendo esta a oitava noite... Nossos planos estão tão incertos de forma que não posso lhe dizer nada, somente de que tenha certeza de que nada será feito sem termos medido a dimensão, importância e maturidade. A conduta de Lorde Melbourne é perfeita como de costume. Calmo, justo e totalmente desinteressado, e tenho convicção de que independentemente de sua posição, você o tratará de forma igual como sempre o fez.

Meu querido Anjo, de fato, um grande conforto para mim. Ele se interessa por tudo que se passa, sentindo por mim e comigo, e ainda assim se abstendo como deveria de não me julgar de forma alguma, apesar de tocarmos muito no assunto e de o julgamento dele ser bom e moderado, como você diz.

31 de maio, 1841

Imploro para que não se alarme com o que está para ser feito. Não é para o triunfo do Partido que o Parlamento (o mais longo de todos os tempos) está para ser dissolvido. Essa é a forma mais justa e constitucional de se proceder e você pode

apostar na moderação e prudência de meu Governo que nada será feito sem as devidas considerações. Se o atual Governo conseguir a maioria nas eleições, eles continuarão com prosperidade. Caso contrário, os Tories⁸⁴ virão por um curto período. O país está calmo e os cidadãos, bem-dispostos.

15 de junho, 1841

As negociações continuam e tudo se acertará, mas, até então, isso mantém todos em banho-maria. Nesse meio tempo, entretanto, os cidadãos estão com excelente humor e eu nunca fui tão bem recebida em Ascot, o que é um grande desafio, e ontem nas estradas também. Este é um lugar adorável (Courtenay Nuneham, a residência da família de Edward Vernon Harcourt, Arcebispo de York). Adoráveis paisagens no estilo de Claremont, mas muito maiores, com o rio Tâmis fluindo por baixo e Oxford a certa distância. Uma linda flor, o jardim da cozinha, tudo mantido em perfeita ordem. Segui Albert até aqui, cumprindo a minha palavra, e ele seguiu para Oxford⁸⁵ para passar o dia, para minha grande tristeza. E aqui estou eu sozinha, em uma casa estranha, sem nem mesmo Lehzen⁸⁶ como companhia na ausência de Albert.

O Parlamento foi dissolvido pela Rainha em pessoa em 29 de Junho, pois o Governo sobreviveu ao “voto de censura” somente por um voto algumas semanas antes. Nas eleições gerais que se seguiram, os Conservadores, sob a liderança do Sir Robert Peel, voltaram com maioria. A Rainha escreveu ao Rei Leopold em 3 de agosto:

O que está para acontecer recai sobre mim como um pesadelo, como você irá facilmente entender, e quando estou geralmente feliz e contente, vem e destrói tudo. Mas a vontade de Deus será feita! E é por nosso bem que devemos orar...

Nosso pequeno passeio foi um sucesso e aproveitamos bastante. Nada poderia ser mais entusiasmado ou carinhoso do que a nossa recepção em todos os lugares, e estou muito feliz de saber que a sua presença deixou uma boa impressão, o que acho que será de grande utilidade. A fidelidade de seu país é certamente tocante. Gostamos mais de Panshanger, a casa de Earl Cowper, do que de Woburn, do Duque Bedford. O lugar é muito bonito e a casa é tão linda e *wohlich*⁸⁷, a galeria e os quadros esplêndidos. Os Cowpers são pessoas muito boas também. A visita a Brocket, casa do Lorde Melbourne, naturalmente, nos interessou muito por nosso carinho para com ele. O parque e o lugar são lindos.

24 de agosto, 1841

⁸⁴ Partido Conservador (N.T.)

⁸⁵ O Príncipe seguiu para Oxford para receber um título na Comemoração. Ele foi “recebido com entusiasmo, mas os estudantes...tiveram o mau gosto de demonstrar seus sentimentos partidários em vaia quando o nome de um Liberal (Whig) foi mencionado, o que eles não deveriam ter feito na presença de meu marido.” disse a Rainha ao Rei Leopold em 11 de junho.

⁸⁶ Baronesa e governanta Louise Lehzen. (N.T.)

⁸⁷ Do alemão: confortável. (N.T.)

Não diga que você se simpatiza comigo no meu presente julgamento, o mais pesado que tive de suportar e o qual será de partir o coração, mas sei que você sente por mim. Estou calma e preparada, mas ainda me sinto triste e Deus sabe! Sinto-me desolada, às vezes, por mim - e pelo meu país, pois tal mudança deve acontecer. Mas Deus em Sua bênção me apoiará e me guiará através de tudo. Ainda assim, sinto que minhas constantes dores de cabeça são causadas por aborrecimentos e irritações!

Graças à ajuda e influência de seu marido, a Rainha não achou o Primeiro-ministro um suplício como havia esperado. Em 30 de agosto, ela escreveu para Melbourne:

A primeira entrevista com Sir Robert Peel correu bem e durou somente vinte minutos. E ele mandará para a Rainha amanhã, por escrito, os acordos propostos, mas Peel somente aparecerá na quarta pela manhã...Ele protestou bastante sobre a tristeza dele, o que foi doloroso para a Rainha (como ela havia dito a ele), mas claro que ele aceitou a tarefa. A saúde do Duque Wellington estava incerta e ele mesmo bastante inclinado a isso, a aceitar um cargo onde ele teria muito trabalho (como Peel havia dito), e, não estar no Gabinete, segundo eram os desejos da Rainha... O que a Rainha sentiu quando se despediu de seu querido amigo Lorde Melbourne é mais fácil imaginar do que descrever. Ela ficou terrivelmente emocionada algum tempo depois, mas agora está calma. Isso é muito, muito triste, e ela ainda não consegue acreditar. O Príncipe também sentiu muito e a Rainha não podia dizer quão querido e amado ele era para ela - e quão ansiosa estava para aliviar esse peso. Ele estava bastante sentido nessa triste despedida. Nós todos sentimos e iremos sentir a sua falta terrivelmente. Lorde Melbourne entenderá com facilidade tamanha mudança - após esses quatro anos, quando ela teve a felicidade de ter o Lorde sempre com ela. Mas não demorará muito para nos encontrarmos novamente. Dias melhores e mais felizes virão.

8 de setembro, 1841

PARA O REI LEOPOLD

A sua doce carta me deu enorme prazer e devo admitir que o seu silêncio sobre tudo o que estava acontecendo me angustiou bastante! Têm sido tempos tristes para mim e eu estou ainda desnorteada e não consigo acreditar que meu excelente Lorde Melbourne não é mais meu Ministro, mas ele será, como você diz, e já provou ser, muito útil e valioso como meu amigo fora do governo. Ele me escreve com frequência, e eu a ele, e me dá os conselhos mais imparciais e justos possíveis. Mas após o ver durante quatro anos diariamente, com raras exceções, você pode imaginar como senti a mudança. E quanto mais o tempo passa desde que nos separamos, mais eu sinto sua falta. Onze dias foi o máximo que fiquei sem vê-lo, e esse tempo se concluirá no sábado, então você pode imaginar como é a mudança. Não posso dizer que consolo e apoio meu amado Anjo é para mim e como ele se comporta bem e de forma apropriada.

24 de setembro, 1841

Agradeço seus elogios em relação a minha conduta. Tudo está indo bem, mas é inútil tentar negar que sinto a mudança, e eu sei que sou muito mais feliz quando não preciso ver os Ministros. Felizmente, eles não querem me ver com frequência.

Apesar de ter contado a George Anson, em segredo, que ela não poderia superar... o comportamento estranho de Peel, e apesar da oportunidade de desaprovar alguns de seus acordos e entregar através dele uma forte repreensão à Secretaria das Relações Internacionais por ter permitido que o Embaixador deixasse o país sem qualquer reunião, as relações da Rainha com seu novo Primeiro Ministro continuaram a melhorar. E, com o passar dos meses, ela escreveu ao seu tio sobre outros assuntos.

19 de abril, 1842

PARAO REI LEOPOLD

Estou bastante surpresa com toda a organização para o nosso *bal costumé*⁸⁸, ao qual eu desejaria que você viesse. Faremos o papel de Edward III e da Rainha Philippa, e um grande número de pessoas da Corte estará vestida como as pessoas dessa época...mas existem tantas perguntas, tanta seda e pinturas e coroas, e só Deus mais sabe o que, para organizar, que eu, que odeio ser perturbada por um vestido, estou bastante *confusa*.

Para descansar um pouco, planejamos ficar em Claremont de sexta até segunda. Meu último baile foi esplêndido e eu tenho um concerto na próxima segunda.

31 de maio, 1842

Eu gostaria de ser a primeira a lhe contar o que aconteceu ontem à noite e dizer que estamos *saines et sauvés*⁸⁹. Ao retornar da capela no domingo, Albert estava observando como as pessoas eram civis e, então, de repente, virou-se para mim e disse que achava ter visto um homem apontando uma arma para a carruagem e que houve tiros. No entanto, ninguém que estava conosco, como os lacaios e etc, havia visto algo do tipo. Albert começou a duvidar do que ele acreditava ter visto. Bem, ontem pela manhã (segunda-feira), um rapaz veio a Murray (honorable Charles Augustus Murray, Chefe de Família), que não sabia de nada, obviamente, e disse que vira um homem na multidão enquanto voltávamos para casa da igreja, quem apontou uma arma para a carruagem, no entanto, não fugiu, e ouviu o homem dizer: “Tolo! Não era para eu atirar!” Então, o homem desapareceu e esse menino seguiu outro homem (um velho) até a rua St. James e repetiu duas vezes: “Que extraordinário!”, mas, ao invés de contar algo

⁸⁸ Do francês: baile de máscaras (N.T.)

⁸⁹ Do francês: são e salvos (N.T)

a polícia, ele perguntou ao menino pela direção do homem e desapareceu. O garoto foi mandado para o Senhor Robert Peel e, duvidoso quanto tudo até agora, toda precaução foi tomada. Ainda mantendo tudo em segredo, nenhuma alma viva na casa sabia uma palavra e, de acordo com algumas consultas, como nada poderia ser feito, nós fomos embora. Vários oficiais à paisana foram colocados em parques e nos arredores, e havia duas pessoas cavalgando tão perto que teriam sido atingidas, caso alguém tivesse de ser. Ainda, o sentimento de procurar por esse homem não foi *des plus agréables*⁹⁰. No entanto, nós dirigimos pelos parques, fomos até Hampstead e voltamos. Tudo estava tão quieto que quase não pensamos em nada quando, enquanto passávamos pela Constitution Hill⁹¹ bem rápido, nós escutamos um tiro, mas não alto, de forma que se não estivéssemos alerta, não teríamos notado. Nós vimos o homem sendo pego por um policial, o mesmo que estava ao lado dele quando atirou, mas não paramos... Outros o viram mirar, mas só ouvimos o relato (ambos olhando para o outro lado). Sentimos-nos muito felizes que nosso passeio levou o homem a ser capturado. Se a arma estava carregada, não sabemos dizer, mas estamos eternamente gratos a Deus pela inegável proteção! O sentimento de horror é grande no público, e enorme afeição nos é mostrada. O homem que foi examinado ontem no Ministério do Interior é chamado de Joe Francis, um carpinteiro e filho de um trabalhador industrial do Convent Garden Theatre⁹². Dizem que ele é bonito, tem somente uns 20 ou 21 anos de idade e não é nem um pouco louco, mas bem astuto. O rapaz o identificou dentre muitos outros esta manhã. Tudo é para ser mantido em segredo desta vez, o que é certo, e a meu ver tudo está indo bem. Todos os outros detalhes você deve escutar. Eu não estava nem um pouco assustada... Graças a Deus, meu Anjo também está bem!

6 de Junho, 1842

Parece não haver dúvidas de que aquele Francis não tem comparsas e é um *mauvais sujet*⁹³. Nós poderemos lhe contar mais quando nos encontrarmos.

Francis foi condenado à morte, punição que a Rainha considerava necessária. Isso, no entanto, foi adiado em 1 de julho. E, três dias mais tarde, como a Rainha temia que acontecesse, ocorreu outra tentativa de assassinato contra ela, dessa vez no shopping por um jovem deformado que não media mais de um metro e vinte, cuja arma tinha mais tabaco do que pólvora. A Rainha estava ileso e não fez alteração na agenda da viagem. Em setembro, ela e o Príncipe foram para a Escócia.

8 de setembro, 1842

PARA O REI LEOPOLD

⁹⁰ Do francês: o mais agradável (N.T)

⁹¹ A Constitution Hill é uma rua importante em Londres. (N.T.)

⁹² Teatro localizado na rua Convent Garden em Londres. (N.T.)

⁹³ Do francês: criminoso. (N.T.)

Não tenho desculpas por não ter escrito como sei que entende que quando alguém viaja e vê tanta coisa nova é bastante difícil de achar tempo para escrever...

Albert já lhe disse o quanto as coisas foram bem sucedidas até aqui e como estávamos satisfeitos em Edimburgo, uma cidade única ao seu modo. Deixamos Dalkeith⁹⁴ na segunda-feira e fomos para Dupplin⁹⁵, do Lorde Kinnoul. Um lindo lugar com algumas casas novas no qual o pobre Lorde Kinnoul acabou caindo da encosta até parar em um barranco e iria abaixo novamente se Albert não o tivesse segurado. Eu não vi isso acontecer, mas Albert e eu quase morremos de rir pensando.

*No ano seguinte, a Rainha visitou o Rei Louis Philippe, a primeira visita de um monarca Inglês a um Francês desde a visita de Henrique VIII a François I no Field of the Cloth of Gold.*⁹⁶

4 de setembro, 1843

PARA O REI LEOPOLD

Escrevo para você desse lugar querido, Château d'Eu, onde estamos entre essa admirável e verdadeiramente amável família, e onde nos sentimos em casa como se fôssemos um deles. Nossa recepção pelo Rei e pela Rainha foi muito doce e a pelos cidadãos foi gratificante. Estou muito interessada e entretida.

4 de dezembro, 1843

Nós chegamos a Chatsworth, vindos do Castelo de Belvoir, na sexta-feira, e saímos às nove horas desta manhã bem encantados com tudo. O esplendor e conforto combinaram de forma admirável e o Duque (de Devonshire) faz tudo muito bem. Encontrei muitas melhoras desde que estive lá há onze anos. O conservatório, projetado por Joseph Paxton, fica do lado de fora e sua beleza vai além do que há de mais belo. É um monte de vidro de quase 20 metros de altura, 90 de comprimento e 40 de largura. As paisagens, com todas as árvores e cascatas e fontes, são muito bonitas também. Na primeira noite, houve um baile e, na noite seguinte, as cascatas e fontes estavam iluminadas, o que deu um efeito lindo. Havia muitas pessoas lá, incluindo muitos da família do Duque: os Bedfords, Buccleuchs, o Duque de Wellington, os Normandbys, o Lorde Melbourne (que está muito melhor) e os Beauvales. Chegamos aqui às duas e meia, fizemos uma viagem maravilhosa na estrada, tão rápida e fácil... Albert sairá para caçar amanhã, coisa que eu gostaria que já tivesse acabado, mas tenho certeza de que o interior aqui é muito melhor do que o interior em Windsor.

O príncipe continuou a ser peça importante e heroica em suas cartas:

⁹⁴ O Palácio de Dalkeith foi construído de 1702 a 1710 (N.T.)

⁹⁵ O Castelo de Dupplin foi construído de 1720 a 1725 (N.T.)

⁹⁶ Local situado em Balinghem na França. (N.T.)

18 de janeiro, 1842

PARA O REI LEOPOLD

A grande função⁹⁷ de Albert (ele colocou a pedra angular da nova Royal Exchange⁹⁸) ontem ocorreu maravilhosamente, e ele foi tão admirado de todas as formas. Por onde passa, ele sempre fascina as pessoas com seus modos modestos e sem ostentação, mas ainda assim dignos. Ele só retornou ontem à meia-noite. Foi muito gentil da parte dele vir.

14 de fevereiro, 1843

Estou apenas um pouco angustiada com a sua carta do dia 10 e você não tomou interesse pelo dia mais querido e feliz de minha vida (dia do casamento), para o qual devo a minha presente felicidade doméstica que agora gozo, e a qual é muito mais do que mereço, apesar de que, certamente, a minha vida em Kensington, pelos últimos seis ou sete anos, foi da maior miséria e opressão, e eu posso esperar alguma retribuição e, de fato, após a minha ascensão, havia muita preocupação. Estou verdadeiramente grata por ter (realmente sem qualquer vaidade ou lisonja ou cegueira) o mais perfeito ser em existência como marido, ou que um dia já existiu; e eu duvido que alguém já amou ou respeitou alguém como eu amo e respeito meu querido Anjo! E, de fato, Deus sempre nos protegeu bondosamente de diversos perigos e julgamentos, e tenho confiança de que assim continuará o sendo e, então, que nos mandem tempestades e julgamentos e pesares, nós podemos suportar tudo.

12 de dezembro, 1843

Louise (Rainha dos belgas) poderá lhe contar da nossa viagem e como foi boa foi à caçada de Albert (ele saiu com Belvoir em 5 de dezembro). Ninguém poderia dizer os absurdos das pessoas de lá, mas Albert cavalgou tão rápido e audaz e teve tanto impacto, que foi divulgado por todo país, e eles fizeram muito mais alvoroço do que se ele tivesse realizado um grande feito!

Isso causa repulsa, mas também fez e ainda faz bem, pois traz um fim a todo desdenho impertinente sobre o futuro da cavalgada de Albert. Essa jornada foi boa e meu amado Anjo, em particular, obteve muito sucesso. Por exemplo, em Birmingham⁹⁹, o bem que sua visita fez foi muito grande, pois Alberto falou para todos esses fabricantes em sua própria língua, o que eles não esperavam, e todas essas pobres pessoas estão acostumadas a escutar somente demagogias e cartismos.

⁹⁷ Erro ortográfico original: função. (N.T.)

⁹⁸ A Royal Exchange foi fundada no século XVI para ser um centro comercial de Londres. (N.T.)

⁹⁹ Birmingham é a segunda maior cidade do Reino Unido. (N.T.)

O Príncipe foi, de fato, bem recebido em Birmingham, onde o prefeito era um Cartista. Mas o estado perturbador do país foi causa de muita preocupação para a Rainha nessa época. Ela anunciou essa preocupação para o Ministro do Interior, Sir James Graham:

23 de junho, 1843

A Rainha delegou esses comunicados de natureza desagradável ao Sir James Graham. A Rainha confia que as medidas de maior severidade serão tomadas tanto para suprimir o espírito revolucionário como para trazer os culpados¹⁰⁰ para julgamento e punição imediatos. A Rainha acha que isso é de grande importância em relação ao efeito que se pode causar na Irlanda, assim como mostrar que o Governo está disposto a ter grande paciência e a confiar no bom senso do povo, mas se ultrajes são cometidos e é necessária uma ação, isso não será considerado pouco e si os malfeitores serão tratados com a maior severidade.

22 de setembro, 1843

A Rainha recebeu a carta do Sir James Graham no dia 22. Ela há muito considera grave o lamentável estado de turbulência no Sul do País de Gales e mostrou repetidamente a necessidade de colocar um fim por meio de forças vigorosas da parte do Governo. Assim, a Rainha, de forma decisiva, sanciona a emissão de uma Comissão especial de Julgamento para os manifestantes e a emissão de uma proclamação. Segunda-feira, dia 2, sendo o mais cedo que o conselho poderia ser reunido, segundo o Sir James, servirá muito bem à Rainha. No entanto, ela implora ao Sir James para que o conselho se reúna às três horas.

A Rainha estava também preocupada que ela poderia perder os serviços de Peel, em quem ela agora confiava completamente. Em 18 de junho de 1844, ela escreveu para contar ao Rei Leopold que corria “o grande risco” de ser forçada a aceitar a resignação do Governo “sem saber para quem se voltar”.

Tenho certeza de que concordará comigo que a resignação de Peel não será somente para nós (pois não teremos um Ministro melhor e mais seguro), mas para todo o país e para toda a paz da Europa – uma grande calamidade. Nosso povo está seguro agora e não é levado por impulsos e paixões desenfreadas. Devemos, no entanto, tomar cuidado e não nos deixar cair em outra crise, pois eu asseguro que estamos nos sentindo desolados e alarmados desde sábado... Eu deveria igualmente lamentar a perda do Lorde

¹⁰⁰ Os manifestantes da Rebecca, protestando contra o Poor Law Amendment Act*¹, entre outros desgostos, destruíram pedágios e portões. Muitos deles estavam vestidos como mulheres. Eles tiraram seu nome da profecia bíblica, segundo a qual, a semente de Rebecca “possuirá as portas dos seus inimigos”.

*¹ Poor Law Amendment Act foi uma lei aprovada em 1834 que reformava a seguridade social na Grã-Bretanha.(N.T)

Aberdeen, Ministro das Relações Exteriores, pois ele é tão justo, gentil e sincero, e nos serviu pessoalmente.

Ao menos ela poderia se conformar com o pensamento de que ela e o Príncipe Albert seriam bem recebidos aonde quer que fossem:

29 de outubro, 1844

PARA O REI LEOPOLD

Tive a felicidade de receber a sua carta amável do dia 26 enquanto estava me vestindo para ir à cidade para a abertura da Royal Exchange. Nada poderia ter ocorrido melhor e o desfile lá, como todos os acontecimentos na Royal Exchange, foi esplêndido e real ao extremo. Foi uma bela e gratificante visão ter a multidão de pessoas reunidas, até mesmo mais do que na coroação, e todos de bom humor e tão leais. Os artigos nos jornais também eram da maior bondade e gratidão. Eles dizem que nenhum Soberano foi mais amado do que eu (sou audaciosa o suficiente para dizer) e que essa é a nossa casa, a qual dá bom exemplo.

28 de janeiro, 1845

O sentimento de lealdade nesse país é muito forte, felizmente, e onde quer que estejamos somos recebidos com o maior carinho e atenção, e a civilidade e respeito mostrados a nós por aqueles que visitamos são mais do que satisfatórios. Mencionarei um mero fato para mostrar como eles são respeitosos: O Duque de Buckingham, que é imensamente orgulhoso, trouxe uma xícara de café após o jantar em uma bandeja para Albert. Em todo lugar, meu querido Anjo recebe o respeito e a honra que eu recebo.

Mas então, em dezembro, a resignação de Peel não poderia mais ser adiada. O Lorde Stanley e o Duque de Wellington negaram apoiá-lo na reforma do Corn Law e, como ela reportou ao Lorde Melbourne em 7 de dezembro, ela foi obrigada a procurar pelo Lorde John Russell:

Sir Robert Peel informou à Rainha que em consequência das diferenças que prevalecem no Gabinete, ele é forçado a pedir que a Rainha aceite a sua resignação, a qual ela relutantemente aceitou.

Da confiança incessante da Rainha em Lorde Melbourne, o seu primeiro impulso foi pedir o comparecimento imediato do Lorde aqui para que ela tivesse o benefício da assistência e dos conselhos dele, mas, em contrapartida, a Rainha não pensa que teria justificativa para, no presente estado de saúde do Lorde Melbourne, pedir-lhe que faça o sacrifício que o retorno à antiga posição de Primeiro Ministro imporá a ele.

É essa consideração, e somente essa, que induziu a Rainha a procurar pelo Lorde John Russel... ela espera, no entanto, que o Lorde Melbourne não negará seus conselhos ao novo Governo, já que são muito valiosos para ela.

É de extrema importância que toda essa comunicação seja mantida em mais profundo segredo até que a Rainha se encontre com Lorde John Russell.

Em 12 de dezembro, a Rainha escreveu para o Duque de Wellington:

A Rainha informou ao Duque de Wellington que, em consequência da declaração do Sir Robert Peel sobre a sua incapacidade de continuar no Governo, ela procurou pelo Lorde John Russell, quem não podia no momento dizer se formaria uma Administração e foi para a cidade para consultar seus amigos. Qualquer que seja o resultado de suas perguntas, a Rainha tem o grande desejo de que o Duque de Wellington permaneça no comando do Exército. A Rainha apela para que o Duque, em sua lealdade e proximidade frequentemente a ela comprovadas, lhe essa garantia. Assim, o Duque prestará o melhor serviço ao país e a ela.

No entanto, o Lorde John Russell falhou em seus esforços para formar um Governo e, segundo Disraeli, devolveu o cálice com veneno para Peel. Em 20 de dezembro, a Rainha escreveu a Russell:

Sir Robert Peel esteve aqui agora pouco. Ele expressou grande pesar que o Lorde John Russell sentisse necessidade de negar a formação de um Governo.

Ele disse que deveria ter agido para com o Lorde John Russell com a mais escrupulosa boa fé e que ele deveria ter feito tudo em seu poder para apoiar Lorde John.

Ele pensa que muitos seriam induzidos a seguir seu exemplo.

O Sir Robert Peel não hesitou por um minuto em retirar sua resignação. Ele disse que sentia ser seu dever aceitar o cargo apesar de estar profundamente ciente das dificuldades que tem de enfrentar.

23 de dezembro, 1845

PARA O REI LEOPOLD

Eu tenho pouco a acrescentar à carta de ontem de Albert, exceto minha extrema admiração por nosso valioso Peel, que se mostra um homem de desmedida lealdade, coragem, patriotismo e mente elevada, e a sua conduta para comigo tem sido quase cavalheiresca, eu diria. Eu nunca o vi tão animado e determinado e uma causa tão boa deve ter sucesso. Nós tivemos uma saída, pois, apesar de as noções do Lorde John serem boas e moderadas, ele se deixou ser completamente manipulado e redobrado por seus amigos violentos, e todos os moderados foram esmagados.

30 de dezembro, 1845

Muito obrigada pela sua doce carta do dia 27, pela qual eu posso ver como você está feliz você está com o nosso bom Peel sendo de novo meu Ministro, algo que eu, sinceramente, e confidencialmente, espero acontecer por muitos anos. Ouvi, em muitos momentos, sobre a confiança que o país e os partidos têm em Peel. Por exemplo: ele foi imensamente aplaudido em Birmingham, um lugar muito radical; e Joseph Hume expressou grande infelicidade quando Peel resignou e a maior alegria quando foi Lorde John Russell. Os membros do Governo se comportaram extremamente bem e com muito desinteresse. O Governo assegurou os serviços do Senhor Gladstone, como Ministro do Estado para as Colônias e de Lorde Ellenborough, como Primeiro Lorde, Lorde of Admiralty¹⁰¹, quem será de grande utilidade. O Lorde E. é bastante calado e discursa muito bem.

Tivemos um feliz natal. Esse clima é terrível.

As esperanças da Rainha de que Peel ficaria como Primeiro-ministro por muitos anos não eram para ser realizadas. No verão de 1846, o Governo foi derrotado em outro assunto logo que conseguiu a revogação do Corn Law¹⁰².

Parece-me estranho que, no momento de triunfo, o Governo teve de se demitir. A Rainha leu o discurso do Sir Robert Peel com grande admiração. Ela vê a oportunidade de expressar sua grande preocupação em perder seus serviços (apesar de que ela o verá novamente), o que ela lamenta tanto pelo País quanto por si mesma e pelo Príncipe. Qualquer que seja a posição do Sir Robert Peel, nós sempre o teremos como um amigo doce e verdadeiro e sempre teremos a melhor estima e consideração por ele como Ministro e como pessoa.

7 de julho, 1846

PARA O REI LEOPOLD

Ontem foi um dia difícil para mim. Eu tive de me despedir do Sir R. Peel e do Lorde Aberdeen, que são perdas irreparáveis para nós e para o País. Ambos são tão insubstituíveis que isso quase me desmorona, e nós os vemos como dois amigos devotos. Sentimo-nos seguros com eles. Nunca, durante os cinco anos que estiveram comigo, eles nunca recomendaram alguém ou algo que não fosse o melhor para mim ou para o País e nunca para vantagem somente do Partido. O contraste agora é bem marcante: há muito menos respeito e muito menos sentimento puro e sincero.

¹⁰¹ Lordes Commissioners of the Admiralty exerciam o comando sobre a marinha real do Reino Unido. (N.T.)

¹⁰² Os Corn Law foram tratados comerciais usados para proteger a produção inglesa de cereais de produtores estrangeiros mais baratos. (N.T.)

O Governo que a Rainha comparou de forma tão desfavorável com o de Pee, foi aquele do Lorde John Russell que tinha Lorde Palmeston como Ministro das Relações Exteriores. Ela logo teve a chance de escrever bruscamente para ambos:

17 de abril, 1847

PARA PALMERSTON

A Rainha pediu diversas vezes ao Lorde Palmerston, através do Lorde John Russell e pessoalmente, para se certificar de que as cópias para nossos Ministros das Relações Exteriores não sejam despachadas antes de serem submetidas à Rainha. Não obstante, isso ainda é feito como as versões de hoje para Lisboa. Assim, a Rainha novamente pede que o Lorde Palmerston tenha cuidado na recorrência dessas práticas¹⁰³

14 de outubro, 1847

PARA RUSSELL

Quanto à nomeação do Senhor Cobden à banca da Poor Law¹⁰⁴, a Rainha acha que ele será bem qualificado para o cargo em muitos aspectos e que será vantajoso para o Governo e para o País que seus talentos sejam garantidos para o serviço do Estado, mas a promoção ao Gabinete diretamente do Covent Garden (onde muitas reuniões de acordos de Livre Comércio aconteceram) a atinge como um passo repentino, calculado para causar muita insatisfação por diversas vezes e dando um exemplo perigoso a ativistas em geral (pela reputação principal do Senhor Cobden como um ativista de sucesso). Assim, a Rainha pensa que é melhor que o Senhor Cobden entre primeiramente a serviço da Coroa, servindo como funcionário público no Parlamento, e seja promovido mais tarde ao Gabinete, passo que será bem natural.

Sem data

PARA RUSSELL

A Rainha viu com surpresa no *Gazette*¹⁰⁵ a nomeação do Senhor Corigan como Médico Responsável da Sua Majestade na Irlanda, sobre a qual ela deve reclamar com Lorde John Russell. Não somente não teve sua felicidade considerada, como ela realmente mencionou...que teria suas dúvidas quanto à veracidade da nomeação. O Lorde John sempre achou que a Rainha tivesse desejos de conhecer suas verdadeiras opiniões em relação a todas as nomeações e estivesse preparada para escutar os diversos motivos que ele teria a favor de suas próprias recomendações, mas ela deve insistir que

¹⁰³ Agora, muitas das versões das cartas estavam sendo feitas pelo Príncipe Albert, sem dúvidas após terem tido uma conversa. Mas está claro que a Rainha raramente o permitia escrever livremente na versão final.

¹⁰⁴ A Poor Law era uma lei que garantia melhores condições de trabalho para os trabalhadores industriais. (N.T.)

¹⁰⁵ Diário Oficial da União normalmente é traduzido como Federal Official Gazette. (N.T.)

as nomeações da Casa não devem ocorrer sem a sua sanção prévia, principalmente a de um Médico para a sua própria pessoa.

“Parece que toda a face da Europa estava mudando” A Rainha escreveu em 1848, o ano das revoluções. “Ratifico que Revoluções são sempre ruins para o país e são a causa da miséria da população.” Ela detestava a Revolução em Paris que levou à abdicação de Louis Philippe. Ela também lamentou a agitação na Áustria e a propagação do fervor revolucionário na Itália. Ela foi tão forte ao suporte à Áustria como Palmerston e Russell foram no apoio aos italianos, que agora lutam pela sua independência sob a liderança incerta de Charles Albert, Rei da Sardenha. As cartas da Rainha para seus Ministros se tornaram cada vez mais ásperas.

25 de julho, 1848

PARA RUSSELL

A Rainha deve contar ao Lorde John o que ela disse repetidamente ao Lorde Palmerston, mas sem o efeito aparente, que a implementação de um *entente cordiale*¹⁰⁶ com a República Francesa, para o propósito de tirar os austríacos de seus domínios na Itália, será uma desgraça para esse país.

11 de agosto, 1848

A Rainha está bastante indignada com o comportamento do Lorde Palmerston novamente a respeito da nomeação do Lorde Normanby¹⁰⁷. Ele sabia perfeitamente que Lorde Normanby não poderia aceitar o cargo de Ministro e tinha escrito antes para a Rainha que tal oferta não poderia ser feita, e agora ele o fez, sabendo que, desperdiçando tempo e fazendo com que a situação ficasse confusa em Paris, ele se manteria no antigo cargo. Se os franceses estivessem tão ansiosos em manter o Lorde Normanby e dispostos a fazer qualquer sacrifício, isso deveria nos deixar zelosos, pois somente pode ser por conta da facilidade que eles têm em fazê-lo servir a seus propósitos. Eles, claro, gostariam de um *entente cordiale* conosco às custas da Áustria... mas isso não pode ser considerado por nós... A Rainha leu os principais artigos do *The Times*¹⁰⁸ de ontem e hoje sobre esse assunto com grande satisfação, pois eles expressavam quase as mesmas opiniões e sentimentos que ela. A Rainha espera que o Lorde John Russell os leia. De fato, toda a imprensa parece unânime nisso e ela quase não entende como pode haver dois pontos de vista... Ela deve dizer que está com medo

¹⁰⁶ Série de acordos assinados entre o Reino Unido e a Terceira República Francesa. (N.T.)

¹⁰⁷ O Lorde Normanby foi Embaixador em Paris. A Rainha não queria receber um Embaixador da República Francesa na Corte onde ele estaria chefiando a Sociedade Londrina e possivelmente provaria ser de um “caráter estranho”. Ela acreditava que os Ministros somente poderiam ser trocados e que Normanby, como ex-Embaixador Britânico, deveria ser retirado. Mas Palmerston queria que Normanby permanecesse em Paris onde, de fato, permanecera.

¹⁰⁸ Jornal Britânico. (N.T.)

de que não terá consciência tranquila e de que os problemas não terão fim enquanto Lorde Palmerston for o líder do Ministério das Relações Exteriores.

20 de agosto, 1848

PARA PALMERSTON

A Rainha recebeu uma carta assinada pelo Arquiduque John que fora aberta no Ministério das Relações Exteriores. Ela gostaria que Lorde Palmerston cuidasse para que isso não acontecesse novamente. A abertura de cartas oficiais, até as endereçadas à Rainha como ela já tinha mencionado, está se tornando como era antigamente e deve ser interrompida.

2 de setembro, 1848

A Rainha leu nos jornais notícias de que a Áustria e a Sardenha quase acertaram suas diferenças e que “foi confidenciado que esquadrões franceses e britânicos, com tropas a bordo, fariam uma demonstração no Adriático.”

Apesar de a Rainha não acreditar nisso, ela pensa que é certo informar ao Lorde Palmerston sem demora que, se tal coisa fosse pensada, seria um passo ao qual a Rainha não poderia dar seu consentimento.

4 de setembro, 1848

Desde sua chegada à cidade, a Rainha ouviu que a resposta da Áustria negando a nossa mediação foi, há alguns dias, comunicada ao Lorde Palmerston. A Rainha está surpresa que Lorde Palmerston não a comunicou sobre um evento tão importante.

7 de setembro, 1848

A Rainha recebeu, na noite antes de sair de Londres (muito tarde para escrever a respeito) a carta do Lorde Palmerston e a longa carta para o Lorde Normanby. Como a carta já havia sido enviada, a Rainha somente apontará que a passagem expressando que Lorde Palmerston concorda com o argumento geral de M. de Beaumont (o embaixador francês em Londres), “quanto às vantagens que surgiriam de um acordo prévio entre a Inglaterra e a França de que todas as operações militares que a França seja obrigada a realizar na Itália” é muito perigosa para o futuro da Europa. Esta é uma linha política à qual a Rainha não pode dar o seu consentimento. É bem irrelevante se as tropas francesas sozinhas estiverem engajadas em tal propósito injusto ou, se isso for feito em acordo prévio com a Inglaterra.

O tom de toda a carta a Rainha não pode aprovar.

7 de setembro, 1848

PARA RUSSELL

A Rainha deve enviar a carta anexada para o Lorde John Russell, com uma cópia de sua carta ao Lorde Palmerston. O Lorde Palmerston fingiu, como sempre, não ter tempo de mandar a carta para a Rainha antes de enviá-la. O que a Rainha sempre suspeitou e advertiu está prestes a acontecer: o uso de Lorde Palmerston do *entente cordiale* com o propósito de tirar da Áustria suas províncias italianas por meio do exército francês. Isso seria o procedimento mais injusto.

Em 19 de setembro, a Rainha escreveu um memorando descrevendo a conversa que teve com Russell sobre Palmerston:

Eu disse ao Lorde John Russell que precisava lhe contar algo, algo que era sério e que tinha demorado a mencionar por um tempo, mas que precisava falar abertamente a ele agora sobre o Lorde Palmerston. Eu senti bastante difícil de lidar com ele e que não confiava nele e que isso me deixava bastante ansiosa e inquieta pelo bem do país e pela paz da Europa em geral, e que eu me senti inquieta dia após dia pelo que poderia acontecer.

7 de outubro, 1848

PARA RUSSELL

A parcialidade do Lorde Palmerston na questão italiana realmente ultrapassa toda concepção e isso deixa a Rainha muito inquieta em relação ao caráter e à honra da Inglaterra e em relação ao perigo que a paz europeia seria exposta.

10 de outubro, 1848

PARA O REI LEOPOLD

O estado da Alemanha é terrível, e é de ficar bem envergonhado quanto a isso, uma vez que as pessoas lá são pacíficas e felizes. Que ainda existem pessoas boas lá tenho certeza, mas eles se permitem ser manipulados de forma tão assustadora e vergonhosa... Na França, uma crise parece iminente. Que péssima situação enfrentamos nesse momento! É realmente bem imoral, com a Irlanda tremendo no nosso domínio e pronta para desistir da sua aliança a qualquer momento, forçarmos a Áustria a desistir de suas posses legais. O que diremos se o Canadá, Malta, etc., começarem a nos dar problemas? Isso me dói terrivelmente.

21 de novembro, 1848

Você lamentará ouvir que o nosso bom, querido e velho amigo Melbourne está morrendo... Não podemos esquecer quão bom e meigo e amável amigo ele era, e isso traz tantas memórias à minha mente, só Deus sabe! Eu nunca desejarei esses tempos de volta.

27 de novembro

Nosso pobre e velho amigo Melbourne morreu no dia 24. Eu, sinceramente, lamento isso, pois ele era verdadeiramente ligado a mim e, apesar de não ter sido um Ministro firme, ele foi uma pessoa nobre, de bom coração e generoso. Coitados do Lorde Beauvale (Frederick Lamb, o irmão mais novo de Melbourne) e da Lady Palmerston (irmã do Lorde Melbourne), eles sofrem tanto. Eu queria que isso aliviasse o *caro sposo*¹⁰⁹ da última aqui mencionada.

6 de agosto, 1849

Apesar de esta carta ser enviada somente amanhã, comecei a escrevê-la hoje e dizer que tudo transcorreu perfeitamente desde a nossa chegada à Irlanda e que a nossa entrada em Dublin foi realmente magnífica. Por minha carta à Louise você ouvirá falar sobre a nossa chegada em Cove of Cork. Nossa visita foi um sucesso. O prefeito foi nomeado cavaleiro a bordo do *Fairy*, como nos velhos tempos. Cork está a um pouco mais de 27 quilômetros¹¹⁰ acima do rio Lee, o qual é belamente arborizado e nos lembra da paisagem de Devonshire. Nós já havíamos desembarcado em Cove, um lugar pequeno, para que pudéssem chamá-lo de Queen's Town. O entusiasmo foi imenso e, em Cork, teve mais fogos de artifício do que me lembro desde Reno.

Deixamos Cork com tempo bom, mas o mar adiante foi turbulento devido ao vento contrário que me fez enjoar.

Dia 7: Eu estava impossibilitada de continuar até agora... Nós fomos até o porto de Waterford na tarde de sábado, o qual também é um porto bom, largo e seguro. Na manhã seguinte, recebemos a mesma previsão de tempo que tínhamos recebido em Cork... No entanto, nós saímos, como não haveria nada a ser feito, e poderíamos ter ficado presos por alguns dias sem necessidade. As primeiras três horas foram terríveis, mas depois tudo clareou e a noite foi bonita. A entrada no porto de Kingson, às sete, foi esplêndida. Nós chegamos com dez navios a vapor e todo o porto, o cais e os arredores estavam cercados de milhares e milhares de pessoas que nos receberam com o maior entusiasmo. Desembarcamos ontem de manhã, às dez em ponto, e levamos duas horas para chegar aqui. A mais perfeita ordem fora mantida apesar da imensidão de pessoas reunidas. Era a multidão mais bem humorada que já vi, além de barulhenta e animada em demasia. Eles conversavam, gritavam e pulavam ao invés de aplaudir. Tinha muitas tropas lá fora e, de fato, foi uma cena bonita. Este é um lugar muito bonito (The Lodge, Phoenix Park) e a casa me lembra a querida Claremont. A vista das Wicklow Mountains da janela é linda e todo o parque é grande e cheio de belas árvores.

Fomos embora ontem à tarde e fomos seguidos por carruagens, cavaleiros e pessoas correndo e gritando o que iria lhe divertir. Você vê mais pessoas esfarrapadas e miseráveis aqui do que eu jamais vira. *En revanche*¹¹¹, as mulheres são realmente belas,

¹⁰⁹ Do italiano: querido marido. (N.T.)

¹¹⁰ O texto original menciona dezessete milhas o que daria 27.359 quilômetros (N.T.)

¹¹¹ Do francês: por outro lado. (N.T.)

até mesmo nas classes mais baixas, tanto quanto em Cork. Olhos e cabelos pretos tão belos, cores e dentes tão atraentes.

9 de junho, 1850

PARA RUSSELL

A Rainha recebeu de Lorde John Russell duas cartas. Se o Gabinete acha impossível fazer o contrário, claro que a Rainha dará consentimento, embora relutantemente, a cumprimento com o voto respeitando os Correios¹¹². A Rainha acha uma noção completamente falsa obedecer à vontade divina, fazer o que será a causa de muita angústia e, possivelmente, de grande irritação para famílias civis. De qualquer forma, ela decididamente acha que grande precaução deva ser tomada em relação a qualquer alteração no envio de correspondências para que ao menos alguns meios de comunicação ainda sejam possíveis.

2 de julho, 1850

PARA O REI LEOPOLD

Em minha carta para Louise você deve ter descoberto todos os detalhes desse ataque vergonhoso e bastante inconcebível.¹¹³ Eu não tenho sofrido, exceto pela minha cabeça, a qual ainda está bem frágil, o choque foi extremamente violento e a ponta de metal caiu sobre a minha cabeça fazendo um barulho considerável. Admito que fico nervosa quando estou na condução e que encaro qualquer pessoa que chegue perto da carruagem, o que eu acho natural.

2 de Julho, 1850

DIÁRIO

Certamente é bem difícil e desagradável que eu, uma mulher, uma jovem e indefesa mulher deva ser exposta a insultos desse tipo e ser impedida de seguir em paz em um passeio. ... pois um homem que bate em uma mulher é muito brutal e eu, tanto quanto qualquer um, acho que isso é pior do que qualquer tentativa de assassinado, o qual, mesmo sendo terrível, é ao menos mais compreensível e mais corajoso.¹¹⁴

¹¹² Lorde Ashley, o sétimo Earl of Shaftesbury, o filantropo, aprovou uma resolução proibindo a entrega de cartas aos domingos. Uma comitiva de investigação foi formada para considerar a mudança proposta que foi, para a satisfação da Rainha, eventualmente abandonada.

¹¹³ A Rainha foi golpeada na cabeça com uma bengala por Robert Pate, um ex-tenente da décima cavalaria, enquanto ela deixava a Cambridge House após uma visita ao Duque de Cambridge. Uma tentativa de provar que Pate estava louco falou e ele foi sentenciado a sete anos de exclusão.

¹¹⁴ Desde a tentativa de John Francis de atirar na Rainha, a outra tentativa foi da Constitution Hill por um tal William Hamilton cuja arma estava carregada somente de pólvora. Ele foi sentenciado a sete anos de exclusão.

2 de julho, 1850

PARA O REI LEOPOLD

Nossa Senhora! Nós temos outra causa para grande ansiedade em relação à pessoa do Sir Robert Peel, que, como você verá, foi vítima da mais grave queda enquanto subia a Constitution Hill, e apesar de ter ficado bem de início, estava muito doente ontem à noite. Graças a Deus! Ele está melhor novamente esta manhã, mas ainda tem grande perigo. Não posso sequer pensar em perdê-lo. Isso seria uma grande perda para todo país e irreparável para nós, pois ele é tão fidedigno e é tão fácil de ser dependente dele. Todos os partidos estão têm grande ansiedade por ele. Eu deixarei a minha carta aberta para lhe dar as notícias mais recentes...

Estou feliz de dizer que o Sir Robert, apesar de ainda bem doente, não sente mais dor, o seu batimento não está tão acelerado e ele se sente melhor. Os médicos acham que não tem nenhum dano permanente e não é nada de que ele não possa se recuperar, mas que ele deve ficar em repouso durante alguns dias.

9 de julho, 1850

O pobre Peel será enterrado hoje. A tristeza e o pesar da morte dele são bem tocantes e o país lamenta a sua morte como a de um pai. Todos parecem ter perdido um grande amigo.

Como tenho muito a escrever, perdoe-me por parar aqui... Meu pobre Albert, que estava tão vigoroso e renovado quando voltamos, parece tão pálido e fraco novamente. Ele sentiu terrivelmente, e sente, a perda do Sir Robert. Sente que perdeu um segundo pai.

As memórias da boa conduta de Peel fez o comportamento autocrático de Lorde Palmerston muito mais intolerável para a Rainha. A sua defesa de Dom David Pacífico, uma pessoa nascida em Gibraltar que vivia em Atenas e teve a sua casa destruída por um bando de Gregos, foi um “negocio bastante desagradável”. Quando o Governo Grego rejeitou os pedidos excessivos de Dom Pacífico, Palmerston mandou uma frota para bloquear os Piraeuse eos fazer cumprir a lei, quase causando uma guerra europeia. Tendo vindicado com sucesso a sua conduta em um discurso famoso, no qual ele comparou os direitos Ingleses no mundo tudo com a reivindicação orgulhosa de um velho Romano - Civis Romanus sum¹¹⁵ - Palmerston se tornou menos gerenciável e mais autoconfiante do que nunca. Encorajada pelo Príncipe, a Rainha renovou seus esforços de substituí-lo.

¹¹⁵ Locução latina que indicava filiação à civilização romana. Neste caso, Lorde Palmerston se referia ao fato de que todo cidadão britânico no mundo deveria ser protegido pelo Império Britânico. (N.T.)

28 de julho, 1850

PARA RUSSELL

O Lorde John pode ter certeza de que ela admite integralmente as grandes dificuldades na alteração projetada. No entanto, ela sente o dever que possui em relação ao país e a ela mesma em não deixar um homem em quem ela não confia, quem ela sabe que se comportou de todas as formas menos da maneira direcionada e apropriada a ela, a permanecer no Ministério das Relações Exteriores e, assim, expô-la a insultos de outras nações, assim como expor esse país ao risco constante de complicações sérias e alarmantes. A Rainha considera essas razões muito mais sérias do que outras dificuldades...

Toda vez que estamos em dificuldades, o Governo parecia estar determinado a remover o Lorde Palmerston e, assim que as dificuldades passaram, aqueles que se apresentaram para realizar essa retirada apareceram de tão grande magnitude para realizar essa renúncia. Não existe chance de o Lorde Palmerston melhorar em seus sessenta e sete anos... Não existe nenhuma situação delicada e perigosa em que Lorde Palmerston não colocaria esse país de forma arbitrária e sem se referir a seus colegas ou reino.

12 de agosto, 1850

Com referência à conversa sobre o Lorde Palmerston, a qual a Rainha teve com o Lorde John Russell outro dia, e à negação de Lorde Palmerston de que ele nunca teve a intenção de desrespeitá-la pelas várias negligências que ela, por várias vezes e por tanto tempo, vem reclamando, para prevenir qualquer erro futuramente, ela pensa ser certo dizer brevemente o que espera de seu Ministro das Relações Exteriores. Ela demanda: (1) Que ele declarará distintivamente o que propõe em dado caso para que a Rainha saiba, também distintivamente, a que ela dará a sanção Real; (2) Uma vez dada a sanção, esta não poderá ser modificada arbitrariamente pelo Ministro; tal ato é considerado uma falha na sinceridade para com a Coroa, estando a dispensa deste Ministro justificada pelo exercício de seu próprio direito Constitucional. Ela espera ser informada do que acontece entre ele e os Ministros das Relações Exteriores antes que importantes decisões sejam tomadas, baseadas nesse intercurso; receber Despachos Estrangeiros em tempo hábil e receber cartas para sua aprovação com tempo suficiente para que ela tome conhecimento seus conteúdos antes de serem enviadas. A Rainha pensa que é melhor que Lorde John Russell mostre esta carta ao Lorde Palmerston¹¹⁶.

12 de outubro, 1850

PARA PALMERSTON

¹¹⁶ Esta carta foi baseada em um memorandum feito pelo Barão Stockmar. Russell a mostrou a Palmerston que, aparentemente contrito, veio se desculpar com o Príncipe Albert. Quando Palmerston, mais tarde, fracassou, Russell a leu em voz alta na *House*.

A Rainha recebeu a carta de Lorde Palmerston respeitando a carta ao Barão Koller.¹¹⁷ Ela não poderia supor que o Barão Koller endereçou a carta ao Lorde Palmerston para receber em resposta uma opinião pessoal; e se o Lorde Palmerston não conseguiu reconciliar isso aos seus próprios sentimentos para expressar o arrependimento do Governo da Rainha em relação ao ataque e ao ultraje injustificado cometido por uma multidão feroz a um estrangeiro distinto de mais de setenta anos que estava tranquilamente visitando um estabelecimento privado nesta cidade, sem contar a sua censura à vontade de ter uma propriedade garantida pelo General Haynau ao vir à Inglaterra. Ele pode ter feito isso em uma carta privada, onde seus sentimentos não poderiam ser confundidos com a opinião da Rainha e do Governo. Ela deve repetir o seu pedido de que Lorde Palmerston retifique isso.

No outono de 1850, o Papa – tendo emitido uma nota dividindo a Inglaterra em doze dioceses e apontado Nicholas Wiseman como arcebispo de Westminster – anunciou que o povo inglês, há tanto tempo rompido com Roma, estava prestes a voltar para a Santa Igreja. Russell, se dando o título de melhor Protestante, atacou violentamente a agressão do Papa e, assim, perdeu apoio não somente dos membros irlandeses, mas também dos Peelites¹¹⁸, dos quais muitos eram do alto escalão da Igreja e a maioria desaprovava a intolerância de Russell.

21 de fevereiro, 1851

PARA O REI LEOPOLD

Só tenho tempo de escrever algumas rápidas linhas para você da sala de Stockmar, aonde vim falar com ele e com Albert, para lhe dizer que temos uma crise Ministerial. Os Ministros estavam em minoria ontem à noite e, apesar disso não ser uma questão vital para o Governo, Lorde John sente o apoio dado a ele tão pequeno, e a oposição de muitos partidos tão grande, que ele deve resignar. Isso é muito ruim, porque não há chance de nenhum outro bom Governo, com o pobre do Peel não viver mais, e sem nenhum outro homem de talento no Partido, exceto por Lorde Stanley...mas Lorde John está certo de não continuar quando não tem apoios bons e isso o levará a ser um homem político e irá fortalecer sua posição para o futuro.

Se Lorde Stanley (a quem devo procurar amanhã após a resignação do Governo) estará apto a formar um Governo eu não consigo dizer. No geral, isso é bem vexatório e nos trará problema. É ainda mais provocante, pois este país é muito próspero.

¹¹⁷ O Barão Koller foi o Embaixador Australiano. Lorde Palmerston tinha escrito a ele sobre um ataque feito em Londres ao General Haynau, um oficial austríaco que se tornou notório como um brutal açoitador de mulheres na guerra húngara. Quando visitou a cervejaria de Barclay e Perkins, ele foi reconhecido por charreteiros pelo seu ostensivo e longo bigode (o qual Koller tinha aconselhado cortar) e o tinham roubado. Em resposta à nota de Koller, Palmerston expressou a opinião de que Haynau havia mostrado o desejo de “ter uma propriedade” em sua visita à Inglaterra “no presente momento”.

¹¹⁸ Partidários da doutrina de Sir Robert Peel. (N.T.)

1 de março, 1851

Eu não escrevi para você ontem pensando que talvez pudesse lhe dar boas notícias hoje, mas não posso. Ainda estou sem um Governo (Lorde Stanley falhou na formação de um) e ainda estou tentando escutar e pensar antes de realmente ligar para Lorde John e pedir para ele formar, ou na verdade continuar, o Governo. Nós tivemos uma semana bem ansiosa e animada, e as dificuldades são bem peculiares. São tantas situações conflitantes... mas a “questão Papal” é a dificuldade real e quase insuperável.

Nenhuma solução para o problema pôde ser encontrada, então Lorde John e Palmerston permaneceram no cargo. Enquanto isso, as preparações continuaram para a Grande Exibição no Hyde Park.

30 de abril, 1851

DIÁRIO

Todos estão ocupados com o grande dia e a grande tarde e meu pobre Albert está terrivelmente fraco. O dia todo teve alguma questão ou outra, ou alguma dificuldade, todas elas foram ouvidas e resolvidas com bom e sereno humor pelo meu amado... o barulho e a algazarra, até mesmo maiores que ontem, pois toda a preparação está sendo feita para receber os espectadores e, certamente, ainda há muito a ser feito.

1 de maio, 1851

Este dia é o dia mais glorioso de todas as nossas vidas, com o qual, para meu orgulho e minha alegria, o nome do meu querido e amado Albert será associado para sempre! É um dia que enche meu coração de agradecimentos... No parque, foi apresentado um espetáculo maravilhoso, multidões transbordavam através dele, carruagens e tropas passando, como se fosse o Dia da Coroa e , para mim, a mesma ansiedade. O dia estava lindo e cheio de algazarra e animação. Às onze e meia, toda a procissão em 9 carruagens oficiais foi colocada em movimento. Vicky e Bertie (os dois filhos mais velhos) estavam em nossa carruagem. Vicky estava muito bonita e vestia renda sobre um satin branco com uma pequena grinalda de flores rosas silvestres no cabelo. Bertie estava vestido com Kilt.¹¹⁹ O Green Park e o Hyde Park eram uma massa de pessoas densamente amontoadas, muito entusiasmadas e bem humoradas. Eu nunca havia visto o Hyde Park daquele jeito, sendo preenchido de multidões até onde os olhos podiam ver. Choveu um pouco quando começamos, mas quando nos aproximávamos do Crystal Palace¹²⁰, o sol abriu e brilhou sobre o edifício gigante no qual bandeiras de todas as nações se balançavam. Fomos até o Rotten Row¹²¹ e saímos de nossas carruagens na entrada desse lado. A visão pelos portões de ferro do Transepto, as palmeiras e flores se movendo, as miríades de pessoas enchendo as galerias e os assentos em volta, junto com os trompetes tocando enquanto adentramos o prédio, tudo

¹¹⁹ Saiote masculino escocês (N.T.)

¹²⁰ Enorme construção de ferro e vidro no Hyde Park feito para abrigar a Grande Exibição de 1851. (N.T)

¹²¹ Rotten Row é uma pista de terra no Hyde Park que era usada para a alta classe se encontrar. (N.T.)

deu uma sensação que nunca esquecerei e eu me senti bastante comovida. Nós fomos para um pequeno aposento por um momento onde deixamos nossos casacos e encontramos *Mama* e *Mary*. Do lado de fora todos os Príncipes estavam de pé. Em poucos segundos prosseguimos, Albert me guiando e segurando a mão de *Vicky* e *Bertie* a minha. A visão quando chegamos ao centro onde os degraus e a cadeira (na qual eu não sentei) estavam localizados, de frente para a bela fonte de cristal, era mágica e impressionante. A vibração tremenda, a alegria expressa em cada rosto, a vastidão do edifício com toda a sua decoração e objetos, o som do órgão com 200 instrumentos e 600 vozes, o que parecia nada, e meu amado Marido, o criador desse grande “Festival da Paz”, unindo a indústria e a arte de todas as nações do planeta, tudo isso foi de fato tocante e foi um dia para se viver para sempre. Deus abençoe meu querido Albert e meu querido País que se mostrou muito bem hoje... a Nave estava cheia de pessoas, o que não havia sido planejado, e suas vibrações ensurdecedoras e o balançar de lenços continuaram durante todo o tempo de nossa caminhada de uma ponta a outra do edifício. Todos os rostos estavam iluminados e sorridentes e muitos tinham lágrimas nos olhos. Muitos franceses gritavam “Vive la Reine”. As pessoas, na verdade, não podiam ver nada, só o que estava alto na Nave, e nada na Corte. Os órgãos eram pouco ouvidos, mas a banda marcial em uma das pontas tinha um efeito excelente ao tocar a *Marcha de Athalie*¹²² enquanto passávamos. O velho Duque de Wellington e Lorde Anglesey andaram lado a lado, o que foi uma visão comovente. Vi muitos conhecidos entre os presentes. Retornamos ao nosso lugar e Albert disse ao Lorde Breadalbane para declarar aberta a Exibição, o que ele fez em voz alta dizendo: “Sua Majestade me ordena a declarar aberta a Exibição” quando houve uma saraivada de trompetes seguida por gritos de viva. Todos estavam surpresos e encantados. O retorno foi igualmente satisfatório: a multidão estava entusiasmada e em perfeita ordem. Chegamos ao Palácio às 1:20 e saímos na sacada sendo muito aplaudidos. O Príncipe e a Princesa (da Prússia) estavam bem encantados e impressionados. Ficamos felizes e agradecidos, não preciso dizer, orgulhosos de tudo que se passou e do sucesso de meu amado. O nome de meu querido Albert está para sempre imortalizado e as notícias absurdas dos perigos de todos os tipos e jeitos, estabelecidos por um grupo de pessoas – os seguidores “*soi-distant*”¹²³ e os protecionistas mais violentos – estão silenciadas. É duplamente satisfatório que tudo ocorreu tão bem e sem o menor incidente ou contratempo.

Assim que a agitação acabou, no entanto, a Rainha teve de enfrentar novamente o “terrível” Lorde Palmerston que agora ofendeu com a declaração que ele pretendia receber o patriota húngaro, Lajos Kossuth, cuja próxima visita à Inglaterra levantaria muito fervor nos círculos Liberais e Radicais.

¹²² Ópera 74 de Mendelssohn. (N.T.)

¹²³ Do francês: falsos. (N.T.)

31 de outubro, 1851

PARA PALMERSTON

A Rainha mencionou ao Lorde Palmerston quando ele esteve pela última vez no Castelo de Windsor que ela pensava que não era aconselhável receber M.Kossuth em sua chegada à Inglaterra, pois isso era totalmente desnecessário e podia ser mal interpretado internacionalmente. Desde a chegada de M. Kossuth neste país e as suas denúncias violentas de dois Reinos com os quais estamos em paz, a Rainha pensa que ela deva mostrar respeito aos seus aliados e, em geral, a todos os Estados em paz com este país, não permitindo que uma pessoa que tente levantar uma agitação política neste país contra seus aliados seja recebida pelo seu Ministro das Relações Exteriores. Se tal recepção acontecer na sua residência oficial ou particular, não faz diferença para a natureza pública do ato. Assim, a Rainha deve pedir que a recepção de M.Kossuth pelo Lorde Palmerston não aconteça.

31 de outubro, 1851

PARA RUSSELL

A Rainha acabou de receber a carta do Lorde John Russell. Ela acha natural que Lorde John deseje comentar o assunto que possa causar uma ruptura no Governo perante o Gabinete, mas ela também pensa que tendo ele intimado o Gabinete somente para segunda-feira, deixará Lorde Palmerston livre nesse meio tempo para recepcionar Kossuth e, então, descansar em seu *fait accompli*¹²⁴. A não ser que Lorde John Russell possa liberá-lo da prisão por bom comportamento, restarão todos os danos que são apreendidos com o passo dele; e ele terá, assim, o triunfo de ter conseguido o que queria e de ter desafiado o Primeiro Ministro.

1 de novembro, 1851

A Rainha deve ler a carta de hoje do Lorde John Russell e devolver a cópia para Lorde Palmerston. Ela acha que tem o direito e o dever de mandar que um de seus Ministros não deva, com atos particulares, comprometer-la e comprometer o país e, dessa forma, omitiu na sua carta ao Lorde Palmerston toda a referência à opinião do Lorde John Russel. Mas é claro que ela prefere muito mais que ela seja protegida da indiscrição repetitiva de Lorde Palmerston chamando a atenção do Gabinete para os procedimentos dele sem a sua intervenção pessoal.

20 de novembro, 1851

A Rainha deve escrever hoje para Lorde John Russel sobre um tópico que lhe causa muita ansiedade. Seus sentimentos foram novamente feridos pela conduta de seu ministro das Relações Exteriores desde a chegada de M.Kossuth a este país. A Rainha

¹²⁴ Do francês: fato consumado. No caso poderia ser entendido como uma situação resolvida e terminada. (N.T.)

conhece os interesses de seu povo, a honra e dignidade da Coroa, suas obrigações públicas e pessoais para com os Reinos que ela diz estar em termos de paz e amizade, injustificadamente expostos... Esses apontamentos parecem vir à tona especialmente após o relato da entrevista oficial entre Lorde Palmerston e a delegação de Finsbury¹²⁵, e a Rainha pede a Lorde John Russell para os trazer para conhecimento do Gabinete.

21 de novembro, 1851

A Rainha não pode supor que o Lorde John considere a recepção oficial de endereços pelo Ministro das Relações Exteriores, na qual Reinos aliados são chamados de Déspotas e Assassinos, como dentro da “latitude” que ele pede para cada Ministro.

Apesar de Palmerston ter sobrevivido à crise, ele não sobreviveria à próxima. Em 20 de dezembro, o Príncipe Luís Napoleão, sobrinho de Napoleão I, que fora eleito Presidente da República Francesa, arquitetou um coup d'état¹²⁶ e se proclamou Imperador Napoleão III. Dois dias depois, a Rainha, que tinha esperanças de que alguma das suas relações Orleães pudessem retornar a Paris com o fracasso da República, escreveu a Russell:

A Rainha ficou surpresa e preocupada com os eventos que aconteceram em Paris. Ela pensa que é de grande importância que o Lorde Normanby seja instruído para permanecer inteiramente passivo e para não tomar parte no que quer que esteja acontecendo. Qualquer palavra dele pode ser mal interpretada no momento.

13 de dezembro, 1851

A Rainha envia anexado o despacho do Lorde Normanby para Lorde John Russell dizendo que o Governo francês aparentemente alegou ter recebido total aprovação do último *coup d'état* pelo Governo britânico, como Lorde Palmerston transmitiu para o Conde Walewski (Embaixador francês). A Rainha não pode acreditar na veracidade dessa afirmação, já que tal aprovação dada pelo Lorde Palmerston cairia em contradição com a estrita linha de neutralidade e passividade, que a Rainha havia expressado ser sua vontade de que fosse seguida em relação ao último tumulto em Paris e a qual havia sido aprovada pelo Gabinete, como dito na carta de Lorde Russell do dia 6 deste mês. O Lorde John sabe alguma coisa sobre tal aprovação, a qual, seja ela verdade, o que exporia novamente a honestidade e dignidade do Governo Real aos olhos do mundo?

¹²⁵ Embora tivesse concordado em não receber Kossuth em sua casa, Palmerston aceitou do Ministério das Relações Exteriores pronunciamentos de delegações de Radicais nos quais o Imperador da Áustria e o Tsar eram referidos como “assassinos odiosos e detestáveis” e “tiranos e déspotas impiedosos”.

¹²⁶ Do francês: golpe de estado (N.T.)

19 de dezembro, 1851

Lorde John irá conceber rapidamente quais devem ser os sentimentos da Rainha ao ver a situação ir de mal a pior com relação à conduta de Lorde Palmerston!

20 de dezembro, 1851

A Rainha precisa expressar agora o Lorde John Russell a sua prontidão em seguir seus conselhos e a sua aceitação da resignação de Lorde Palmerston. Ela estará preparada para ver Lorde John após o Gabinete na segunda-feira, como ele sugeriu.

20 de dezembro, 1851

DIÁRIO

Após o almoço, conferimos a correspondência começando por uma longa carta de Lorde Palmerston, na qual ele quase não menciona a sua conduta imprópria em contar a Walewski que ele aprovava totalmente o coup d'état, tentando fazer com que cada pessoa “imaginasse” o que o outro dissesse, e que ele somente havia dado a sua opinião. Ele entrou em uma longa explicação para provar a razão por que Luís Napoleão estava justificado em fazer o que fizera. Para isso, Lorde John escreveu: que essa explicação era bem insatisfatória; que ele discutia questões que não tinham relevância no que Lorde John o havia chamado para explicar; que ele sentiu que era chegada a hora de que era melhor que ele não carregasse mais os Selos do Ministério das Relações Exteriores, pois ele percebeu que a sua indiscrição levava a inúmeros mal entendidos e quebras de decoro, o que colocava em perigo as nossas relações com outros países. Ele ofereceu ao Lorde Palmerston a patente de Lorde-Lieutenant¹²⁷ da Irlanda, e acabou elogiando-o (o que considero desnecessário e indesejado). Lorde Palmerston respondeu com dureza que ele estará preparado para renunciar os Selos assim que tiver um sucessor.

*O título de Lorde-Lieutenant é atribuído aos representantes do monarca britânico, com jurisdição sobre um condado ou circunscrição semelhante. (N.T.)

Nosso alívio foi grande e nos sentimento bem felizes pelas notícias, pois a nossa ansiedade e preocupação durante os últimos quatro anos e meio, o que foi indescritível, foram principalmente, senão totalmente, causadas por ele! Isso é uma grande e inesperada misericórdia, pois eu estava a ponto de declarar por mim mesma que eu não poderia mais manter Lorde Palmerston, o que seria uma tarefa das mais desagradáveis e não totalmente livre de perigo, visto que isso me destacaria de modo proeminente.

¹²⁷ O título de *Lorde-Lieutenant* é atribuído aos representantes do monarca britânico, com jurisdição sobre um condado ou circunscrição semelhante. (N.T.)

20 de dezembro, 1851

PARA RUSSELL

Em relação ao sucessor de Lorde Palmerston, a Rainha precisa dizer que, após a triste experiência que acabou de ter com dificuldades, aborrecimentos e perigos a que aos quais o Reino pode ser exposto pelo caráter figura e qualidades pessoais do Ministro das Relações Exteriores, ela deve se reservar o livre direito de aprovar ou desaprovar a escolha de um Ministro para este Ministério.

O Lorde Granville, quem Lorde John Russell designa como a pessoa de melhor escolha para o posto, é de total aprovação. A possível opinião do Gabinete de que mais experiência era necessária não pesa muito para a Rainha. No seu conhecimento do caráter de Lorde Granville, ela está inclinada a não ver desvantagens nas circunstâncias de que ele ainda não tem prática no gerenciamento das Relações Exteriores e ele irá de estar mais preparado para seguir os conselhos e julgamentos do Primeiro Ministro quando não confiar em si mesmo e, dessa forma, adicionará força ao Gabinete mantendo a unidade em pensamento e em ação.

23 de dezembro, 1851

PARA O REI LEOPOLD

Tenho o imenso prazer em lhe anunciar as novidades que sei que lhe darão tanta satisfação e alívio quanto deram a nós e darão para o mundo todo. Lorde Palmerston não é mais Ministro das Relações Exteriores e Lorde Granville já foi nomeado seu sucessor! Ele vinha se mostrando bastante negligente.

26 de dezembro, 1851

DIÁRIO

Já são 3 e meia e nem sinal de Lorde Palmerston. Lorde John veio dizer que ele pensa que Lorde P. nunca pensou em vir. A minha dúvida é se os Selos poderiam ser entregue por outra pessoa, Lorde John respondeu que sim e que George III e William IV foram com raiva mandados buscar os Selos, não permitindo que o ministro os entregasse, mas, certamente, sempre foi entendido que o próprio ministro deveria entregar os Selos. No entanto, Lorde John, seguindo nossa sugestão, foi perguntar sobre os trens para ver se algum estava programado... Até o momento, quase 4, Lorde John retornou e me aconselhou a receber os Selos dele, o que acabei fazendo e, então, reuni o Conselho em que Lorde Granville fez juramento e os entreguei a ele. Após o Conselho, nos encontramos com ele e, quando eu expressei toda a minha satisfação em vê-lo no seu novo cargo, ele estava tão emocionado que quase não conseguiu falar. Nós falamos com ele, no geral, sobre o que havia acontecido... Lorde Granville parecia entender tudo que e ele disse era bem discreto, nos dando a impressão de que ele não estava alarmado com a tarefa. Ele disse que pensava que as falhas de Lorde Palmerston eram facilmente evitáveis e seus grandes méritos deveriam ser copiados... O alívio de ter um homem tão bom, amigável e honesto no lugar de quem eu sofro só de pensar, quem devo

considerar, na verdade, um homem sem princípios, não pode ser descrito, e eu dificilmente consigo acreditar.

30 de dezembro, 1851

PARA O REI LEOPOLD

Tudo que você diz sobre Lorde Palmerston é verdade... ele nos *brouillé*¹²⁸, a nós e ao país também... É bem pesaroso demais pensar em quanta miséria e dano poderiam ter sido evitados. No entanto, agora que ele está fora do Ministério para sempre, o “veterano político”, como os jornais o chamam, para nosso divertimento e, estou certa de sua irritação infinita, deve descansar sobre seus triunfos.

31 de dezembro, 1851

PARA RUSSELL

A Rainha lê nos jornais que haverá um *Te Deum*¹²⁹ em Paris no dia 2 para o sucesso do *coup d'état* e que o Corpo Diplomático deve estar presente. Ela espera que Lorde Normanby será aconselhado a não estar presente. Apesar da impropriedade da sua presença em tal cerimônia, ao fazê-lo, ele destruiria totalmente a posição de Lorde John Russell contra Lorde Palmerston, que diria, com justiça, que ele meramente expressava sua aprovação pessoal de *coup d'état* antes, mas, desde então, o Embaixador da Rainha fora ordenado publicamente a agradecer a Deus por seu êxito.

3 de fevereiro, 1852

PARA O REI LEOPOLD

As coisas estão bem críticas e tudo que Van de Weyer (Ministro das Relações Exteriores belga) nos disse foi *n' est pas rassurant*¹³⁰. Com um homem tão extraordinário como Louis Napoleon, não podemos nunca estar seguros por um instante. Isso me deixa bem melancólica; amo a paz e o sossego – na verdade, odeio política e tumultos e lamento pensar que uma fagulha pode nos fazer entrar em guerra. Ainda penso que possa ser evitada. Qualquer tentativa na Bélgica seria *casus belli*¹³¹ para nós; disso você pode ter certeza. Não temo uma invasão, mas o espírito das pessoas aqui é muito grande – elas estão dispostas a se defender – e o espírito dos velhos tempos não está de forma alguma extinto.

Albert fica cada dia mais apaixonado pela política e pelos negócios, e isso agrada maravilhosamente a ambos – tanta perspicácia e tanta coragem –, e eu, a cada dia, os detesto mais. Nós mulheres não fomos feitas para governar – e, se somos boas

¹²⁸ Do francês: confundir. (N.T.)

¹²⁹ Do latim: Hino litúrgico de São Ambrósio e São Agostinho. (N.T.)

¹³⁰ Do francês: quer queira, quer não. (N.T.)

¹³¹ Do latim: falta grave cometida por um ofensor a ponto do Estado ofendido declarar guerra. (N.T.)

mulheres, devemos desgostar dessas ocupações masculinas, mas existem tempos que nos forçam a tomar interesse neles *mal gré bom gré*¹³² e eu o faço intensamente, claro.

A primeira estabilidade de Lorde Granville no Ministério provou ser curta, pois, aproximando o final do mês, a proposta de Lorde John Russel a enfrentar a possível ameaça da França pelo reforço da milícia local foi considerada inadequada pelo Parlamento e seu Governo caiu. A Rainha mandou buscar Lorde Derby.

24 de fevereiro, 1852

PARA O REI LEOPOLD

Acontecimentos grandes e não tão agradáveis aconteceram desde a última vez que lhe escrevi. Eu sei que Van de Weyer lhe informou de tudo, da verdadeira (até ontem) derrota inesperada e da posse do Ministério por Lorde Derby em um Gabinete que tem muito que se desculpar. No entanto, acredito que seja necessário que eles tenham um julgamento e, assim, terminar com tudo isso. Desde que o país se mantenha calmo e que eles sejam prudentes nas Relações Exteriores, eu aceitarei o julgamento tão paciente quanto puder...

Uma pena que sua confiança em nosso excelente Lorde Granville não seja mais de utilidade, apesar de esperar muito que ele esteja logo no Ministério novamente (como deveria estar em 1870-4 e 1880-5) e eu não posso dizer que seu sucessor (Lorde Malmesbury), quem nunca esteve no Ministério (como de fato é o caso de quase todos os novos Ministros), me inspira confiança.

9 de março, 1852

Nós temos um Primeiro Ministro talentoso, capaz e corajoso, mas todos seus subordinados não têm experiência. Eles nunca estiveram antes em nenhum Ministério!

23 de março, 1852

Nossos conhecidos se restringem quase totalmente ao Lorde Derby, mas, então, ele é o Governo. Eles não fazem nada sem ele. Ele tem todos os Departamentos para cuidar, e, ao lhe perguntarem se não está muito cansado, ele disse: “Estou muito bem com minhas crianças!”

30 de março, 1852

¹³² Do francês: por bem ou por mal. (N.T.)

O Senhor Disraeli (ou melhor, Dizzy – O Chancellor of the Exchequer¹³³) escreve relatos curiosos para mim sobre os procedimentos da House of Commons¹³⁴, como no estilo de seus livros.

16 de março, 1852

DIÁRIO

Os relatos de Disraeli são como suas histórias: bem fantasiosos.

1 de abril, 1852

Ela (a Senhora Disraeli) é bem vulgar, não tanto na sua aparência, mas no seu modo de falar, O Senhor Disraeli é bem singular: por sua aparência perfeitamente judia, um aspecto lívido, olhos e sobrancelhas escuros e cachos negros. A expressão é desagradável, mas eu não o achei tão aberto para conversa. Ele tem um jeito bem inosso e o seu linguajar é bem floreado.

17 de setembro, 1852

PARA O REI LEOPOLD

Tenho certeza de que você irá lamentar conosco a perda que nós e toda esta nação tivemos com a morte do querido e grande velho Duque de Wellington. Foi um derrame precedido por outros e o que levou de uma vez. Para ele, é uma bênção que tenha sido levado com sua grande e poderosa mente lúcida e sem nenhuma doença crônica. Mas para este país e para nós, a sua perda – embora não pudesse ser mais adiada – é irreparável! Ele era o orgulho e o *bon génie*¹³⁵, como era com este país! Ele era o melhor homem que este país já criara e o servo mais devoto e mais leal, e o apoiador mais fiel que a Coroa já tivera... Logo seremos deixados sozinhos e tristes; Aberdeen é quase o único amigo próximo desse tipo que nos resta. Melbourne, Peel, Liverpool – e agora o Duque –, todos se foram!

23 de novembro, 1852

Disraeli tem sido imprudente e tolo e se prejudicou com um discurso sobre o Duque de Wellington, que foi pego de um *éloge*¹³⁶ por Thiers de um Marechal Francês!!! (Marechal Gouvion de St. Cyr.)

Você deve ter ouvido falar... como a cerimônia no dia 18 foi tocante, tanto dentro quanto fora (o dia do funeral oficial). O comportamento de milhões amontoados foi pauta de admiração geral e os estrangeiros me garantiram que nunca acreditariam

¹³³ Ministro da Fazenda (N.T.)

¹³⁴ House of Commons é a câmara baixa do Parlamento do Reino Unido composta por cerca de 650 membros chamados de Members of Parliament. (N.T.)

¹³⁵Do francês: boa índole, boa pessoa. (N.T.)

¹³⁶Do francês: elogio (N.T.)

que tal número de pessoas poderia ter demonstrado tanto sentimento, tanto respeito, pois nenhum som fora ouvido! Não posso mencionar a impressão profunda e wehmütige¹³⁷ que senti! Era uma bela visão. Na Catedral era ainda mais tocante! O velho querido Duque! Ele é uma perda irreparável!

5
Vida em Família
1841-1861

Feliz como estava, a Rainha não aceitou bem os deveres de cuidar de crianças que o seu casamento impunha. Não que ela não gostasse de crianças, mas ela não se interessava nada por elas quando ainda eram incapazes de algo além do que ela chamava de “agir como sapos”; e ela se enojava com os aspectos físicos do nascimento. Ela ficou bastante chateada quando descobriu que estava grávida pela primeira vez e, após o nascimento da criança, ficou bastante atormentada quando o Rei Leopold expressou o desejo de que a Princesa Victoria fosse a primeira de muitos filhos.

5 de janeiro, 1841

PARA O REI LEOPOLD

Eu acho, querido tio, que você não pode desejar que eu seja a “Mamma d’une nombreuse famille,”¹³⁸ pois acho que concordará comigo sobre a grande inconveniência que uma família grande será para todos nós e, particularmente, para o país, independentemente do transtorno e da inconveniência para mim mesma; os homens nunca pensam, raramente pensam, na difícil tarefa que é para nós mulheres passarmos por isso com frequência. Seja feita a vontade de Deus e, se Ele decretar que deveremos ter um grande número de filhos, por que devemos criá-los como membros úteis e exemplares da sociedade... Penso que ficará maravilhado ao ver Albert dançando com ela nos braços; ele é uma babá maravilhosa (coisa que eu não sou, e ela é muito pesada para eu carregar), e ela já se mostra tão feliz de estar com ele.

O batismo será no Palácio de Buckingham no dia 10 de Fevereiro, o querido dia do nosso casamento.

Apesar de relutante em ter uma família grande, a Rainha deu a luz com uma regularidade que considerou cansativa. Seu segundo filho, o futuro Rei Eduardo VII, nasceu no dia 9 de Novembro de 1841.

¹³⁷ Do alemão: melancólica. (N.T.)

¹³⁸ Do francês: de uma família numerosa. (N.T.)

29 de novembro, 1841

PARA O REI LEOPOLD

Eu teria escrito antes caso eu não estivesse acrimoniosa, o que me deixou bastante para baixo e sem vontade de escrever... Eles pensam que eu não recuperarei meu apetite e meu espírito até que consiga sair da cidade; sairemos, então, em uma semana, no mais tardar. Eu estou indo a um passeio nesta manhã e tenho certeza de que isso me fará bem. De todas as formas, eu estou melhor do que ano passado, se possível. Nosso menininho é uma criança maravilhosamente forte e grande, com olhos grandes e azul-escuros, um nariz com formato fino, no entanto grande, e uma linda boca pequena; espero e rezo para que ele seja que nem seu querido *Papa*. Ele será chamado de Albert e Edward será seu segundo nome. Pussy (Princesa Victoria), querida criança, ainda é um brinquedo entre todos nós e está ficando gordinha e forte novamente. Ela não se dá bem com o irmão de forma alguma...

Tenho sofrido de uma depressão que me fez ficar bem desolada e eu sei como é difícil lutar contra isso. Fico pensando com quem nosso pequeno irá parecer. Você entenderá quão ardentes são minhas preces, e estou (certa) de que todos devem estar, ao vê-lo parecer com seu querido e angelical Pai em todos, todos os aspectos, tanto em corpo quanto em mente. Ah! Meu querido tio, se você soubesse como me sinto feliz, abençoada e orgulhosa em ter um ser tão perfeito como meu marido, como ele é, e se você pensar que você teve alguma influência nesta união, isso deve alegrar seu coração! Quão feliz devo ficar ao ver nossa criança crescer como ele! Querida Pussy viajou conosco e se comportou como uma adulta, tão quieta e olhando em volta e aprontando com os hussardos¹³⁹ dos dois lados da carruagem. Agora adeus!

18 de janeiro, 1842

Nossa viagem a Claremont foi bastante agradável, só que sentimos muita falta de Pussy; próxima vez, nós a levaremos conosco; nossa querida criança ficou tão feliz em nos ver novamente, principalmente o querido Albert, a quem ela é bastante ligada... Pensamos em ir a Brighton no início de fevereiro, já que os médicos pensam que fará bem às crianças, e talvez a mim, pois sou bem forte à fadiga e ao esforço; não muito certa sobre o contrário, estou ficando mais magra e desejo pegar sol, sei que o mar pode corrigir isso.

Apesar de não ter mencionado na sua correspondência para o seu tio, a Rainha e o Príncipe Albert estavam à beira de ter sua primeira discussão séria. O motivo do problema era a Baronesa Lehzen que, como disse Anson, não deixa escapar nenhuma oportunidade de fazer mal e, em seu ciúme passional, foi determinada a reter o seu poder sobre o último cuidador das crianças. Ela era uma fuxiqueira louca e estúpida...

¹³⁹ Classe da cavalaria ligeira sérvia que servia na Hungria. (N.T.)

que se considerava “semi-Deusa”, escreveu o Príncipe, “e quem se recusasse a reconhecê-la como tal era criminoso”. Ele estava convencido de que a interferência dela nos cuidados das crianças tão responsável pela fraqueza de sua filha quanto pela incompetência do Dr. Clark e das enfermeiras. Ele falou com a Rainha sobre o assunto no dia 18 de janeiro e ela esbravejou de raiva, gritando que ele poderia matar uma criança se quisesse. Controlando sua própria raiva, o Príncipe murmurou: “eu devo ter paciência”. Ele desceu para seu próprio quarto, onde deu vazão à raiva em um recado para a sua esposa: “Dr. Clark maltratou a criança e a envenenou com calomel, e você a fez passar fome. Eu não tenho mais nada a ver com isso; leve a criança e faça como quiser e, se ela morrer, você terá isso em sua própria consciência.”

O Príncipe mandou esse recado ao Barão Stockmar com uma folha de rosto em que escreveu “Victoria está muito impaciente e apaixonada por mim para ser capaz de conversar às vezes sobre minhas dificuldades. Ela não me escutará e fica com raiva e me oprime com repreensões de suspeitas, necessidade de confiança, ambição, inveja, etc.etc... Todas as coisas desagradáveis que sofro vêm de uma e da mesma pessoa (Baronesa Lehzen), e quem é precisamente a pessoa que Victoria escolheu para ser sua amiga e confidente”.

19 de janeiro, 1842

PARA STOCKMAR

Se o recado de A.¹⁴⁰ estiver cheio de palavras duras entre outras coisas que possam me deixar irritada e infeliz (e isso eu sei, ele é injusto), não o mostre a mim, mas me diga o que ele quer, pois eu não desejo ficar com raiva dele e meus sentimentos de justiça serão violentos demais para segurar, caso o que eu leia seja tão severo. Se você acha que não se espera que faça isso, deixe-me ver... Albert deve me dizer do que ele não gosta e eu irei remediar, mas ele também deve prometer me escutar e acreditar em mim; quando (ao contrário) estou em uma paixão em que acredito que não estar muito agora, ele não deve acreditar nas coisas estúpidas que digo, como ser bastante triste por ter casado e assim por diante, coisas que vêm quando não estou bem... eu geralmente ouço Albert dizer que todos reconhecem os antigos serviços de Lehzen para comigo e meu único desejo é que ela tivesse um lar tranquilo em minha casa e me visse às vezes. A. não pode se opor a eu tê-la para conversar às vezes... e eu asseguro-lhe, sob minha honra, que eu a vejo muito raramente agora e somente por alguns minutos, geralmente pergunto sobre papéis e *toilette*¹⁴¹, com relação aos quais ela é de grande ajuda para mim. A. quase sempre pensa que a vejo, quando eu não o faço... eu lhe digo isso pois é a verdade, pois você me conhece... Querido Anjo Albert, só Deus sabe o quanto o amo. A posição dele é difícil, os céus sabem, e devemos fazer tudo para facilitá-la.

¹⁴⁰ A Rainha menciona A. em referência a Albert, seu marido. (N.T.)

¹⁴¹ Do francês: roupas (N.T.)

20 de janeiro, 1842

Geralmente existe em mim uma irritabilidade que (como no último domingo, quando começou toda a tristeza) me faz dizer coisas ruins e odiosas em que não acredito e que temo machucar A., mas nas quais ele não deve acreditar... mas eu confio que devo ser capaz de conquistá-lo. Nossa posição é bem diferente de qualquer outro casal. A. está em minha casa, e não eu na dele. – Mas eu estou pronta para ceder aos seus desejos, pois o amo demais.

Confrontada pela posição forte do Príncipe Albert, a Rainha estava pronta, na verdade, para concordar com a saída da Baronesa Lehzen, a quem foi dada uma generosa pensão e foi morar com a sua irmã em Buckeburg.

20 de setembro, 1842

PARA O REI LEOPOLD

Nós encontramos nossa querida pequena Victoria tão crescida e desenvolvida e falando tão claramente e se tornando tão independente; realmente penso que poucas crianças são tão precoces quanto ela. Ela é uma companhia bem querida. O bebê está infelizmente o contrário, mas também cresce e está bem forte.

10 de janeiro, 1843

Victoria brinca com meu velho terço, etc., e acho que você ficaria feliz em ver isso e em vê-la correndo e pulando no jardim, como a velha – temo que ainda pequena – Victoria costumava fazer nos velhos tempos. Ela está muito bem e é uma alegria tão grande para nós que mal consigo me mover sem ela; ela é tão divertida e fala tão bem, também em francês, ela sabe quase tudo.

4 de abril, 1843

(Stockmar) irá, espero eu, lhe dizer quão prósperos ele nos encontrou; e como ele estava surpreso e feliz com as crianças; ele também está impressionado, como todos, com a ligação de Albert júnior com o seu querido *Papa*. Realmente, querido tio, me atreverei a dizer que não somente nenhum *Ménage*¹⁴² Real é como o nosso, mas como também nenhum outro *ménage* deva ser comparado ao nosso, nem ninguém se compara ao meu querido Anjo!

9 de maio, 1843

Graças a Deus estou mais forte e melhor agora (após o nascimento de sua terceira filha, Princesa Alice, em 25 de Abril) do que antes, meus nervos estão tão bem

¹⁴² Do francês: lares (N.T.)

que estou enormemente agradecida... Meu adorado Anjo tem sido, como sempre, gentil e benevolente, e nossa querida Pussy é uma companhia bastante agradável. Ela é muito carinhosa com a sua irmã mais nova, que é um bebê lindo e grande e que achamos que será a mais bonita da família.

16 de maio, 1843

Fico feliz em lhe dar boas notícias sobre mim mesma. Eu tenho saído todos os dias desde sábado e retomei quase todos meus hábitos usuais (claro que descansando com frequência no sofá e que ainda não apareci para a Sociedade) e me sinto tão forte e bem; muito melhor (independentemente dos nervos) do que em outros tempos.

Nossa pequena neném, de quem muito me orgulho por ser tão desenvolvida para a idade, se chamará Alice, um velho nome inglês, e os outros nomes serão Maud (outro velho nome inglês e o mesmo que Matilda) e Maria, pois ela nasceu no dia do aniversário da Tia Gloucester... O Rei de Hanover... Ernestus (seu Tio Ernest que fora chamado para ser tutor) nunca disse quando virá, mesmo agora, mas sempre ameaça vir.

6 de junho, 1843

O batismo ocorreu de forma brilhante e eu gostaria que você estivesse presente... O Rei de Hanover chegou bastante atrasado. Ele ficou bem velho e muito magro e se reverencia bastante. Para ele, ele é bem gracioso. Pussy e Bertie (como chamamos o menino) não ficaram com nenhum medo dele, felizmente; eles apareceram depois do *déjeune*¹⁴³ na sexta, e eu gostaria que os tivesse visto; eles se comportaram de forma tão maravilhosa diante daquele grande número de pessoas e, devo dizer, eles pareciam muito queridos, ambos vestidos de branco, bastante *distingués*¹⁴⁴; eles foram muito admirados.

16 de janeiro, 1844

Deixamos a querida Claremont, como de costume, com grande pesar; nós ficamos em paz aqui; Windsor é lindo e confortável, mas é um palácio, e só Deus sabe o quanto eu queria viver com meu amado Albert e nossas crianças uma vida quieta e privada e não ser objeto constante de observação e de artigos de jornal. As crianças (Pussette e Bertie) estão visivelmente muito bem, e nós também.

O pai do Príncipe Albert, o mal conceituado Duque de Saxe-Coburg e Gotha morreu no dia 29 de janeiro de 1844; e a Rainha deu vazão a expressões de pesar que, mesmo para a sua geração, e embora, nessa ocasião, ela estivesse principalmente preocupada com seu marido, devem ser consideradas extravagantes.

¹⁴³ Do francês: almoço. (N.T.)

¹⁴⁴ Do francês: distinto. (N.T.)

6 de fevereiro, 1844

PARA O REI LEOPOLD

Você deve ser agora o pai de nós duas, pobres crianças de luto e de coração partido. Descrever-lhe tudo que já sofremos, tudo que ainda sofremos, seria difícil. Deus nos afligiu bastante. Nós nos sentimos esmagados, esgotados, rendidos com a perda de alguém que era tão merecidamente amado, posso dizer adorado, por seus filhos e família. Eu o amava e o considerava como meu próprio pai.

25 de março, 1845

Você ficará satisfeito, tenho certeza, em ouvir que nós tivemos sucesso na compra de Osborne na Ilha de Wight¹⁴⁵ e, se conseguirmos, provavelmente passaremos por lá antes de retornar à cidade, por três noites. É tão confortável e bom ter um lugar para si, quieto e reservado.

23 de abril, 1845

PARA MELBOURNE

A Rainha queria ter escrito para Lorde Melbourne de Osborne para agradecê-lo por sua última carta, mas estávamos tão ocupados e tão maravilhados com a nossa nova e realmente encantadora casa, que ela quase não teve tempo para nada; além disso, o tempo estava tão bonito que saímos quase todos os dias... Ela pensa que é impossível imaginar um lugar mais bonito – vales e matas que seriam bonitos em qualquer lugar; mas tudo isso próximo ao mar (as matas crescem para dentro das águas) é de tamanha perfeição; temos uma praia charmosa quase exclusiva. O mar estava tão azul e calmo que o Príncipe disse que era como Nápoles. E, então, podemos caminhar quase que em qualquer lugar sozinhos e sem sermos seguidos e carregados pela multidão, coisa que Lorde Melbourne facilmente entenderá como apaixonante. Também temos Portsmouth e Spithead tão perto que podemos ser capazes de ver o que está se passando, o que agradará à Marinha e será muito útil para nossos meninos daqui para frente (o segundo filho da Rainha, Príncipe Alfred, nascer em agosto do ano anterior).

22 de junho, 1845

PARA PEEL

Estamos cada vez mais encantados com esse adorável lugar, o ar é tão puro e fresco e, apesar do sol quente que sobrecarrega terrivelmente as pessoas em Londres, e até mesmo, em Windsor... Realmente, a combinação do mar, das árvores, das matas e

¹⁴⁵ A Casa de Osborne foi comprada com mais ou menos 1.000 acres. A casa era muito pequena; e a pedra angular de uma nova mansão, projetada pelo Príncipe Albert com a ajuda de Thomas Cubbit, foi fixada em 23 de junho de 1845. Anson estimou que os custos, que eram para ser retirados da renda da Rainha, seriam de 200.000 libras esterlinas.

das flores de todos os tipos, o ar mais puro... faz – para nós – um Paraíso pequeno e perfeito.

31 de julho, 1845

PARA MELBOURNE

Nós estamos confortáveis e pacificamente instalados aqui desde o século XIX e provêm o maior benefício, prazer e satisfação da nossa pequena propriedade aqui. O querido Príncipe está constantemente ocupado em comandar as muitas melhorias necessárias que devem ser feitas e em tomar conta da nossa nova casa, o que é de constante interesse e entretenimento.

3 de março, 1846

PARA O REI LEOPOLD

Gostaria que pudesse estar aqui, e espero que fique por alguns dias durante sua estadia para ver as inúmeras alterações e melhorias que aconteceram. Meu querido Albert está tão feliz aqui, ele passa o dia plantando, orientando, etc., e isso é tão bom para ele. É um alívio estar longe de toda amargura que as pessoas criam para si mesmas em Londres.

16 de maio, 1848

A pobre Duquesa de Gloster está novamente em um de seus ataques de nervos e nos deu um grande susto no batizado (da Princesa Louise, o sexto filho da Rainha) por se esquecer de quem era e por vir e se ajoelhar aos meus pés em plena cerimônia. Imagine nosso horror!

30 de dezembro, 1848

Escrevo-lhe mais uma vez neste ano velho e o mais terrível (de revoluções)...mas não posso me incluir, ou o meu país, nas desgraças deste ano que se passou: - pelo contrário, eu tenho é que agradecer e ser eternamente grata a tudo que aconteceu aqui.

O nascimento da Princesa Louise em 1848 foi seguido pelo seu sétimo filho, Príncipe Arthur, em 1850, e pelo seu oitavo, Príncipe Leopold, em 7 de Abril de 1853. Ela foi medicada com o que chamou de “clorofórmio abençoado” pela primeira vez. O efeito, ela escreveu em seu diário em 22 de Abril, era “amenizador, tranquilizante e apaixonante sem medidas”.

8 de abril, 1853

PARA O REI LEOPOLD

Stockmar terá dito que Leopold será o nome de nosso quarto pequeno cavaleiro. Isso é uma marca de amor e afeição que eu espero que não desaprove. É um nome mais querido para mim depois de Albert e um que me lembra quase somente de dias felizes da minha triste infância; ouvir “Príncipe Leopold” novamente me fará pensar em todos aqueles dias!

22 de setembro, 1855

Tiro proveito de seu próprio mensageiro para confidenciar a você, e somente a você, pedindo-lhe que não comente nada com seus filhos, que nossos desejos de um futuro casamento para Vicky foram atendidos da forma mais gratificante e satisfatória.

Na terça (dia 20), após o almoço, Fritz Wilhelm Frederick (Príncipe Frederick William da Prússia) disse que estava ansioso para falar de um assunto que seus pais nunca haviam mencionado conosco – o de pertencer a nossa família; que isso tem sido seu desejo há bastante tempo e que ele tem o total apoio e aprovação não apenas de seus pais, mas também do Rei – e que acha Vicky tão *allerliebst*¹⁴⁶ que não poderia mais demorar em fazer essa proposta... Ele é um jovem querido, excelente e charmoso, a quem daremos nossa querida filha com total confiança. O que nos agrada enormemente é vê-lo, de fato, encantado por Vicky.

29 de setembro, 1855

MEMORANDO DA RAINHA

Devo escrever imediatamente o que aconteceu – o que eu sinto e como grata a Deus por um dos dias mais felizes da minha vida! Quando dessemos de nossos pôneis nesta tarde, Fritz me olhou de forma a dizer que a sua pequena proposta à Vicky, a qual ele nos implorou para que pudesse fazer, teve sucesso... Ele disse em resposta a minha pergunta se algo havia acontecido, sim – enquanto cavalgava com ela – logo no início, ele começou a falar da Alemanha e esperava que ela pudesse ir e ficar lá. Eles foram interrompidos, na verdade, 3 vezes quando pegavam algumas urzes brancas, as quais ele disse que significavam boa sorte – algo que ele desejava a ela – ela a ele. Finalmente, ao final da cavalgada, ele repetiu a sua observação sobre a Prússia; ela respondeu que ficaria feliz em ficar lá por um ano. Ele acrescentou que gostaria que fosse para todo o sempre – quando ela ficou bastante envergonhada. Ele continuou dizendo que esperava que não tivesse dito nada para aborrecê-la - e ela respondeu: “Ah! Não.” Ele continuou perguntando se deveria contar aos pais dela, desejo que ela expressou fazer pessoalmente. Ele, então, a cumprimentou com um aperto de mão – disse que esse era um dos dias mais felizes de sua vida. Eu digo tudo isso com pressa. Nós aprovamos tudo isso – Vicky entrou em meu quarto, onde nós dois estávamos... parecia bastante agitada... seu *Papa* perguntou se ela não tinha nada mais para dizer “Ah! Sim! Uma coisa importante.” Nós a encorajamos a falar e ela disse: “Ah! É que eu gosto muito do Príncipe”. Nós beijamos e abraçamos a pobre criança e Albert, então, contou como o

¹⁴⁶ Do alemão: amável. (N.T.)

Príncipe...no dia 20, havia falado conosco...(como ele) desejava vê-la cada vez mais e mais. Perguntei se ela sentia o mesmo: “Ah, sim, todos os dias,” e ela me olhava alegre e feliz – ela estava ajoelhando. Ela sempre o amara? “Ah, sempre!”... Albert veio dizer que Fritz estava lá e eu entrei com ela. Ela estava nervosa, mas não hesitou nem titubeou em dar sua resposta muito decidida... ele beijou a mão dela duas vezes, eu o beijei e, quando ele beijou a mão dela novamente... ela se jogou em seus braços e o beijou com entusiasmo, o que foi respondido por Fritz de novo e de novo, e eu não perderia esse belo e comovente momento por nada no mundo... É o primeiro amor dele! A juventude de Vicky torna tudo isso ainda mais impactante, mas ela se comportou como uma menina de 18, de forma tão natural, calma e modesta, e ainda mostrou como seus sentimentos são fortes.

22 de outubro, 1855

PARA A PRINCESA AUGUSTA DA PRÚSSIA¹⁴⁷

Quase nunca comentei nada sobre a Vicky com você, em parte porque parece imodesto mencionar o seu desenvolvimento gradual ou elogiá-la sem necessidade, e também porque ela era enormemente objeto de nossas esperanças e desejos secretos. No entanto, agora que Deus graciosamente atendeu nossos pedidos, nós não ficaremos mais calados e lhe diremos tudo o que queira saber. Fritz já deve ter lhe contado bastante sobre ela de modo que eu tenha pouco a acrescentar. Ela se desenvolveu surpreendentemente tarde e a sua visita à França provou ser benéfica de todas as formas. Ela agora é um pouco mais alta do que eu e cresce visivelmente. Eu a acho uma ótima companhia e este evento importante na sua vida nos aproximou ainda mais. Eu sinto tudo que ela sente e, como ainda me sinto muito nova, a nossa relação é mais como a de duas irmãs... Mas ela ainda é um pouco criança e tem de se desenvolver fisicamente e moralmente antes de o casamento acontecer em dois anos.

26 de março, 1856

PARA PALMERSTON

O Chancellor fala de pessoas que comentam ser errado que uma Princesa Real tão nova deva estar amarrada a um contrato matrimonial daqui a um ano e meio, o que tende a limitar a direção de seu futuro enquanto ela deveria ser deixada livre.

No entanto, ele não sabe que a escolha da Princesa, apesar de ter sido feita mediante sanção e aprovação de seus pais, foi totalmente de coração, e que ela está solenemente noiva do Príncipe Frederick William da Prússia por vontade e desejo próprios, como qualquer outra pode estar, e que diante de Deus ela jurou a sua palavra. Assim, independente de ser anunciado publicamente ou não, ela não poderia romper esse noivado. A Princesa é madura e adulta o suficiente para saber de seus próprios sentimentos e desejos, embora possa não ser tão adulta para consumir o casamento e deixar a casa de seus pais.

¹⁴⁷ A Prússia foi um estado que era uma das grandes potências do século XIX, que exerceu grande influência na história da Alemanha. (N.T.)

9 de junho, 1856

PARA A PRINCESA AUGUSTA DA PRÚSSIA

O jovem casal está mais feliz do que nunca! Fritz está incrivelmente apaixonado e demonstra uma fé tão tocante em nossa menina, que para alguém de sua idade foi totalmente inesperado, e é, na verdade, bastante lisonjeiro e prazeroso para Vicky. Seu amor e confiança nele aumentam a cada dia e ela ainda é muito serena e sensível.

6 de outubro, 1856

Eu já entendi com muito pesar que essa separação (da filha dela em cima do casamento) lhe afetaria terrivelmente e que o sentimento de vazio depois seria terrivelmente doloroso e agudo. Mas espero muito que você, aos poucos, se acostume com isso, principalmente porque você ficou, com frequência, separada de Louise por semanas a fio.

Comigo as circunstâncias estão bem diferentes. Eu vejo as crianças muito menos e, até mesmo aqui, onde Albert está frequentemente fora o dia todo, não acho nenhum prazer ou compensações especiais na companhia das crianças mais velhas. Você se lembrará de que lhe disse isso em Osborne. Geralmente, eles saem comigo de tarde (quase sempre Vicky, e os outros às vezes), ou ocasionalmente nas manhãs em que dirijo, ou caminho, ou cavalgo, acompanhada pela minha lady-in-waiting¹⁴⁸. E, somente de modo muito excepcional, tenho esse contato íntimo com eles, agradável ou fácil. Você não entenderá, mas isso é causado por vários fatores. Primeiro, eu só me sinto realmente à mon aise¹⁴⁹ e bem feliz quando Albert está comigo; segundo, estou acostumada a carregar meus negócios sozinha; também cresci sozinha, acostumada ao mundo dos adultos (e nunca dos mais jovens) – por fim, ainda não consigo me acostumar com o fato de Vicky estar quase adulta. Para mim, ela ainda parece a mesma criança que tinha que ser mantida em ordem e, por isso, não deve se tornar íntima demais. Aqui vão meus sinceros sentimentos em contraste aos seus. E é por isso que a separação, apesar de muito dolorosa e difícil para mim, não será tão aguda e terrível em seu caso, o que é muita sorte.

25 de outubro, 1857

PARA CLARENDON

Seria bom se Lorde Clarendon falasse ao Lorde Bloomfield (Ministro em Berlim) para não comentar a possibilidade dessa questão de casamento da Princesa Real acontecer em Berlim. A Rainha nunca consentiria isso, tanto por razões públicas quanto particulares, e a hipótese de ser muito para um Príncipe Real da Prússia vir aqui para se casar com a Princesa Real da Grã Bretanha, na Inglaterra, é bastante absurdo, para dizer

¹⁴⁸ Nobre que assiste Rainhas, Princesas e pessoas da corte. (N.T.)

¹⁴⁹ Do francês: à vontade. (N.T.)

o mínimo. A Rainha deve dizer que nunca houve nenhuma sombra de dúvida por parte do Príncipe Frederick William quanto ao local onde o casamento deveria acontecer, e ela suspeita que isso seja somente fofoca dos berlinenses. Qualquer que seja a prática usual dos Príncipes da Prússia, não é todo dia que alguém casa com a filha mais velha da Rainha da Inglaterra. Assim, a questão deve ser considerada como resolvida e fechada¹⁵⁰.

12 de janeiro, 1858

PARA O REI LEOPOLD

É tempo de grande agitação e algazarra; sinto que é terrível abandonar seu próprio filho e me sinto bastante nervosa pelo que está prestes a acontecer, e pela partida. Mas estou feliz de ver Vicky muito bem novamente e *unberufen*¹⁵¹ recuperou de seu resfriado e está muito bem.

2 de fevereiro, 1858

PARA A PRINCESA FREDERICK WILLIAM

Minha primeira ocupação neste triste, triste dia (quando a Princesa partiu para a Alemanha) – é escrever a você. Uma hora já se passou desde que você se foi – e eu penso que esteja se recuperando um pouco, mas, então, virá a terrível separação do querido *Papa*. O tanto que desejo que isso esteja acabado para você, minha amada criança! Eu luto propositalmente contra meus sentimentos não serem tomados por eles, o que é nosso dever, mas eu me sinto muito mal quando penso que tudo, tudo é passado, tudo que parecia tão distante, toda a agitação, tudo – e nada aqui, senão um triste, triste vazio. Sim, isso é cruel, muito cruel – muito difícil para os pais abandonarem seus amados filhos e partir de sua casa feliz e pacífica – onde você se acostumou a nos ter por perto!

... Está nevando e tudo está branco e monótono! Eu não pude sair de casa – e vou ver se posso sair nesta tarde.

Pobre e querida Alice, cujos soluços devem ter alcançado seu coração – está sentada ao meu lado escrevendo para você... Querida, mais que querida criança, que todas as bênçãos cheguem a vocês.

4 de fevereiro, 1858

Estou melhor hoje, mas meus primeiros pensamentos ao acordar foram muito tristes – e as lágrimas ficam vindo aos meus olhos e prestes a cair novamente, mas eu me sinto muito melhor hoje. Mas a ideia de não ver você por tanto tempo parece insuportável. Tudo que faço – ou que vejo, me faz pensar em você, me faz querer te

¹⁵⁰ De acordo com os desejos da Rainha, o casamento ocorreu na Capela Real, St. James, no dia 25 de janeiro de 1858. A Rainha sentiu “quase como se fosse eu casando novamente, só que muito mais nervosa.”

¹⁵¹ Do alemão: sem motivo (N.T.)

contar tudo... Hoje fomos ao British Museum¹⁵² (nesta tarde) e vimos a esplêndida sala de leitura e, enquanto olhávamos as antiguidades – eu ficava pensando no quanto a nossa querida Vicky teria admirado essas belezas! Tudo nos lembra de você e, em todos os aposentos, nós devemos ter uma fotografia sua!

5 de fevereiro, 1858

Você escreveu uma carta tão linda para o querido *Papa*, que me fez chorar tanto, assim como tudo faz. Não penso que eu esteja melhor. Até mesmo olhar para o seu retrato que tenho sobre um pequeno cavalete diante de mim – me entristece!

Deus te abençoe por seu coração terno e por seu amor para com seu adorado pai. Isso trará bênçãos a vocês dois! O tanto que ele merece a sua adoração – a sua confiança... Que orgulho ser filha dele como é para mim ser esposa!

7 de fevereiro, 1858

Deixe somente Lady Churchill (a Lady of the Bedchamber¹⁵³ da Rainha que acompanhou a Princesa à Alemanha) descrever todos os quartos do palácio em Berlim e você deve me contar exatamente do seu horário – o que faz – quando você se veste e se despe e toma café da manhã, etc., pois você sabe tudo que fazemos a cada minuto, mas, infelizmente, nós não sabemos nada, e isso faz a separação muito mais penosa.

Agora que está estabelecida em sua nova casa, você deve tentar e responder minhas perguntas e entrar em algumas das questões que mencionei, uma vez que não conseguimos repetir a conversa. Você se lembra de como você sempre ficava quando não conseguia uma resposta às suas cartas... Busque por Jane C(hurchill) para me contar dos seus aposentos – dos vagões dos trens etc. O vagão tem um pequeno aposento? E (você irá pensar que eu sou tão má quanto Leopold B.) (O curioso Leopold de Brabant) seus aposentos estavam decorados à moda inglesa durante a sua viagem e em Potsdam? Então, vejo nos jornais que você usou um vestido verde no Cologne concert¹⁵⁴. Era aquele com laço preto? – Não fique impaciente com todos esses detalhes que estou tão ansiosa para saber.

9 de fevereiro, 1858

PARA O REI LEOPOLD

A separação foi horrível e a pobre criança estava de coração partido, especialmente na separação de seu amado *Papa*, quem ela idolatra. O quanto vamos sentir falta dela, não consigo dizer, e nunca estivemos separados dela por mais de

¹⁵² British Museum é o museu britânico em Londres que é dedicado à história humana. (N.T.)

¹⁵³ Lady of the bedchamber é um título oficial dado às mulheres oficialmente incumbidas de cuidarem pessoalmente da Rainha ou Princesa da Inglaterra. (N.T.)

¹⁵⁴ O Cologne concert é um concerto que acontece na cidade de Colônia, Alemanha, em homenagem a Keith Jarrett. (N.T.)

quinze dias desde os treze anos. Estou em constante inquietação e impaciência para saber tudo sobre tudo... O vazio que ela deixou para traz é, de fato, enorme...

Amanhã é o décimo oitavo aniversário de meu abençoado casamento, o que trouxe bênçãos tão universais para este país e para a Europa! O que meu amado e querido Albert não fez? Elevou a monarquia ao ponto mais alto do respeito e a tornou popular como nunca havia sido neste país!

11 de fevereiro, 1858

PARA A PRINCESA FREDERICK WILLIAM

Você não pode imaginar tamanho deleite para nós receber sua carta querida, longa, interessante e afetuosa... Mas, por favor, não escreva naquele papel enorme – pois não caberá em nenhuma caixa ou livro.

Estou tão feliz por saber que você está confortavelmente instalada, mas como os aposentos são distribuídos – e existem passagens ou você deve (como na maior parte daqueles lugares velhos) passar por todos os aposentos para chegar a outros?...

Você gosta das casas e da comida? Lady Churchill diz que os aposentos, à noite, são muito quentes.

15 de fevereiro, 1858

Somente se lembre de que quanto mais você se torna próxima da família e da Corte, mais você deve tomar cuidado e ficar reservada. Nenhuma familiaridade – nenhuma risada alta. Você sabe, querida, o tanto que é necessário ter autocontrole, mesmo que isso seja fatigante. Gentileza, cordialidade e civilidade, mas nenhuma familiaridade, exceto para com seus sogros...

Que você está feliz é uma grande alegria e conforto para nós e, ainda assim, me dá uma pontada, como disse uma vez antes de ver e sentir minha própria filha muito mais feliz do que ela já fora, com outro... Você sabe, minha querida, que eu nunca admito que outra esposa possa ser mais feliz que eu – então, eu não posso admitir nenhuma comparação, pois eu tenho que *Papa* é incomparável a alguém que vive, viveu e viverá.

19 de fevereiro, 1858

A Duquesa de Orleans gentilmente me mandou uma carta com uma passagem de uma carta da Grande Duquesa Alexandrine de Mecklenbur-Schwerin sobre você, o que é muito amável e gentil. É claro que não fora escrita para vermos, então, por favor, não a deixe perceber nada. Uma coisa que não consigo entender é que ela diz: “Ela é muito pequena” coisa que, considerando que você é bastante mais alta que eu e eu não sou nenhuma anã, é bem difícil.

22 de fevereiro, 1858

Que você tenha anseios e desejos por sua querida casa e seus pais e irmãos e irmãs é natural e correto; e se não fosse assim, nós estaríamos surpresos e tristes.

Agora devo lhe dizer que você numerou as páginas de sua carta erroneamente e, então, devo censurá-la um pouco por não responder algumas das minhas perguntas; mas, sobretudo, por não me contar o que faz. Minha boa e querida criança nunca gostou de coisas objetivas – mas *Mama* gosta e, quando Lady Churchill lhe deixar, não devo saber de nada que se passa, o que me deixa triste. Eu te conto tudo o que acontece para que você possa acompanhar tudo diariamente.

Por favor, responda às minhas perguntas, minha querida, senão você será tão ruim quanto Bertie costumava ser, e me deixa com tanta inquietação.

Perguntei-lhe diversas coisas em uma folha separada sobre a sua saúde, seu asseio – temperatura de seus aposentos etc., e você não respondeu uma sequer! Você deveria simples e rapidamente responder uma a uma e, então não poderia ter erro. Minha querida e boa criança ainda é um pouco ametódica e impontual. Fritz sempre responde todas as perguntas. Só as escreva em um pedaço de papel – quando tiver tempo – e as coloque em sua carta; não se preocupe se elas estiverem velhas – somente as responda, por favor... Você está mais feliz do que em Windsor? Pensei que poderia não estar. Bertie está surpreso com você gostar muito de tudo. Mas não tenho nenhum medo de que a velha Inglaterra e a velha casa sofram com isso. Depende de cada um ser feliz – e se satisfazer. E com um marido que se ama, como você, é certo de ver tudo *en couleur de rose*¹⁵⁵, e assim será.

1 de março, 1858

Uma grande desvantagem que todas vocês terão (nossas filhas, quero dizer), exemplificando: ser exilado de sua terra natal. Isso é uma triste necessidade. Uma grande vantagem, no entanto, que vocês terão sobre mim é que vocês não estão na posição anômala que estou, - como Rainha Regente. Embora o querido *Papa*, Deus sabe, faça tudo – essa é a ordem reversa das coisas, o que me aflige bastante e que ninguém, a não ser tamanha perfeição e anjo que ele é, poderia suportar e superar.

2 de março, 1858

Você disse na sua longa carta que o momento mais feliz para você – foi quando estive sozinha com Fritz; você irá agora entender por que eu geralmente guardava rancor de vocês crianças por estarem sempre presentes, quando eu desejava ficar sozinha com o querido *Papa*! Esses são sempre os meus momentos mais felizes!

9 de março, 1858

Affie está seguindo admiravelmente (com seus estudos preparatórios para ingressar na Marinha Real); ele vem para o almoço hoje que é um dia Osborne real e

¹⁵⁵ Do francês: na cor rosa (N.T.)

brilhante e ah! Quando vejo Arthur e ele e olho para...! (você sabe o que eu quero dizer!) (o Príncipe de Gales) Estou em total desespero! A indolência e preguiça sistemáticas – desconsiderando tudo, é suficiente para partir o coração de alguém e me encher de indignação. Alice se comportou admiravelmente bem sobre isso – e tem muita influência sobre ele – mas, entre nós, estou destruída por isso. Mas não comente isso com nenhum ser humano!

15 de março, 1858

Que você se sinta tímida às vezes posso facilmente entender. Ainda me sinto assim com frequência até hoje. Mas estar casada lhe fornece uma posição que nada mais consegue fornecer. No entanto, pense o que era para mim, uma garota de 18 anos sozinha, que não foi criada na Corte como você – mas muito humilde no Palácio Kensington. Não, ninguém sabe a vida de dificuldades que tive – e tenho! O quanto sou agradecida por que nenhum de vocês, graças a Deus, nunca terão essa posição anômala e penosa. Agora, comente isso em suas cartas, você raramente o faz que você geralmente faz, exceto para responder perguntas.

31 de março, 1858

Eu certamente darei a sua mensagem ao pobre Bertie. Ai! Sinto-me muito triste e ansiosa por ele: ele é tão ocioso e fraco! Mas Deus permita que ele leve as coisas com o coração e mais a sério no futuro e consiga mais poder. O coração é bom, terno e amável – se tivesse reflexão e poder, e autocontrole...

Devemos procurar princesas para Bertie – como sua esposa não deve ser dois anos mais nova ou mais velha que ele, então ela deve ter 14 ou 15 agora, ser bonita, calma e esperta e sensível. Ah! Se você pudesse nos achar uma esposa!

14 de abril, 1858

E agora devo censurá-la novamente; você não me escreveu uma única palavra por mais de uma semana!! Estou irritada, pois você poderia ter facilmente organizado – se tivesse mais experiência – para dizer: “estou bem – fiz uma boa viagem e estou encantada com ela etc.” E isso poderia ter sido feito em um minuto e poderia ter me dado prazer, e isso você fez até mesmo na sua viagem cansativa da Inglaterra todos os dias! Parece que você pensa que se não puder me escrever uma carta longa, você não precisa escrever nada. Ainda assim eu (e também *Papa*) escrevemos muito enquanto estávamos em Osborne... não deixe isso acontecer novamente, prometa-me e responda esta...

Você não me respondeu sobre a pequena Princesa de Hesse (como possível noiva para o Príncipe de Gales) – apesar de ter lhe perguntado há quase 5 semanas – e repetido – agora não esqueça. Quem quer que tenha a felicidade de casar com B deve ter quase a idade dele; isso todos sentimentos e o Senhor Tarver (o tutor do Príncipe) me

disse outro dia. Sinto grande alívio na ausência dele; Ele é tão insuportável com os mais novos. Realmente espero que você não esteja engordando novamente? Evite comer coisas moles e empapadas ou beber muito – você sabe como isso engorda.

3 de maio, 1858

Acho que as pessoas realmente se casam demais; é como uma loteria no final das contas e, para uma pobre mulher, é uma felicidade duvidosa.

8 de dezembro, 1858

Penso que pessoas solteiras são, geralmente, bem felizes – com certeza mais do que pessoas casadas que não vivem felizes juntas, fato que acontece bastante.

16 de maio, 1860

Todos os casamentos são como a loteria – a felicidade é sempre uma troca – embora possa ser uma bem feliz – ainda que a pobre mulher seja moral e fisicamente escrava do marido. Isso sempre fica preso em minha garganta. Quando penso em uma garota feliz, alegre e livre – e olho para o estado aflito e doloroso ao qual uma jovem esposa está fadada – fato que você não pode negar que é a punição do casamento.

5 de maio, 1858

O quanto estou enormemente preocupada, irritada e inquieta com essa situação desfavorável não consigo lhe contar! Como você pôde fazer isso? Tenho certeza de que está muito cheia de si! Estou assustada com as suas mentiras em um aposento abafado naquele velho castelo horroroso – sem ar fresco e ai! Naturalmente sem exercícios e eu estou do meu próprio lado. Somente se cuide e deixe um pouco de ar entrar em seu quarto e saia para pegar pelo menos um ar!

26 de maio, 1858

A horrível notícia (de que a Princesa estava grávida) que estava na carta de Fritz para *Papa* nos entristeceu terrivelmente. Ainda mais por ter a certeza de que tudo isso acabará em nada...

A única das crianças, que nem desenhou, escreveu, brincou ou fez qualquer coisa para demonstrar afeição – além de comprar para mim uma mesa na Irlanda – foi Bertie. Ah! Ai, Bertie! Ai! Este é um assunto doloroso demais para ser comentado.

29 de maio, 1858

Estou tão infeliz por você! Está bem Fritz não estar por perto somente agora ou ele não seria graciosamente recebido. Diga-lhe que se ele te deixar sozinha por quinze dias (ele me prometeu nunca fazer isso sem que você estivesse com a mãe e irmã dele

ou conosco), eu não o irei mais chamá-lo de filho, pois considerarei que ele tenha perdido a reivindicação! É uma ameaça! Dizemos a todos que o seu pé é a causa de não ir a Coburg – e que o repouso a enfraqueceu. Espero que faça o mesmo – e que Fritz não deixe seu próprio pessoal e relações interferirem em tais assuntos; é tão indelicado; *Papa* nunca permitiu isso e devo ter sido desvairada.

11 de junho, 1858

Ouvi dizer que Chauvenin (o cabelereiro da Princesa) não está em Babelsberg (o palácio de verão em Postdam) e que as suas *coiffé*¹⁵⁶ você – e que você não acha que elas o fazem bem. Por que você não o chama para arrumar o seu cabelo no meio do dia? Por que ele não pode morar nas redondezas – caso ele não possa ficar hospedado na casa – e vir diariamente para arrumar seu cabelo? Você deve acordar com ele bagunçado logo pela manhã como o meu – e, então, arrumá-lo mais tarde, pois quando não se está bem – ter o cabelo puxado é terrível. Estou amedrontada de saber que você usa mangas compridas – por Deus, tome cuidado ou você acabará se queimando, e isso pode ser a morte para você; elas também são tão desconfortáveis e feias.

15 de junho, 1858

O que você diz sobre o orgulho de ter dado a vida a uma alma imortal é muito belo, querida, mas eu mesma não conseguiria fazer isso; penso muito mais no nosso ser como uma vaca ou um cachorro em tais momentos; quando nossa pobre natureza se torna tão animal e sem êxtase – mas para você, querida, se estiver sensível e racional, não em estado eufórico ou passando o dia com babás e amas de leite, o que é a ruína de muitas moças refinadas e intelectuais, sem contar os seus deveres maternos, uma criança será um grande recurso. Acima de tudo, querida, lembre-se de nunca perder a modéstia de uma jovem para com os outros (sem ser pudica); apesar de estar casada, não se torne matrona de uma vez, para quem tudo pode ser dito e quem se importa em dizer nada – permaneci privada até certo ponto (de fato ainda me sinto) e, frequentemente, fico chocada com as confidências de outras mulheres casadas. Temo que em outros países elas sejam indelicadas sobre esses assuntos.

22 de junho, 1858

Sabe que você tomou o hábito de escrever muitas palavras com letra maiúscula no começo? Com substantivos isso não significaria muito, mas você o faz com verbos e adjetivos, o que é muito errado, querida, você chocaria outras pessoas se escrevesse assim para elas. Na sua última carta para mim, por exemplo, você escreveu “Sinto-me Triste” e “as mulheres não tem muito para o que Viver”, ambas estão erradas. Você deve tentar se frear do que pode se tornar um hábito e do que seria errado em qualquer língua.

¹⁵⁶ Do francês: cabelereiras e, no caso, poderia ser entendido como “embelezando”. (N.T.)

29 de junho, 1858

Mas agora eu preciso te repreender fortemente! Você me escreve para desejar felicidade no dia 25! E também para Bertie sobre o dia de minha ascensão à Coroa! Como poderia ter cometido tamanho erro? Foi no dia 20, domingo, e eu fiquei surpresa que você não tivesse comentado nada e agora entendo o porquê. Ontem foi o meu Dia da Coroação.

Prometa-me uma coisa, querida; não se curve quando se sentar e escrever, isso é ruim para você agora, e mais tarde isso a fará ficar doente; lembre-se de que eu sempre me sento reta, o que me permite escrever sem me cansar todas as vezes. Eu sempre fiquei nervosa em ver você se curvar assim enquanto desenhava ou escrevia, e agora isso é muito, muito ruim para você, querida. Espero que Fritz lembre você disso. É um mero hábito. Agora, por favor, não o faça.

30 de junho, 1858

Adoro a ideia de ser avó; de sê-la com 39 (D.V)¹⁵⁷ e aparentar e se sentir jovem é bem divertido, só desejo que eu pudesse passar por isso por você, querida, e te proteger de toda irritação. Mas isso não se pode evitar. Penso em passar meu próximo aniversário com meus filhos e um neto. Isso será um presente!

21 de setembro, 1858

Muito obrigada, querida, por sua carta do dia 18 que recebi com pilhas de cartas se amontoando. *Papa* diz que você escreve muito – ele está certo de que você se prejudica por isso, e, constantemente, declara (o que me ofende muito) que a sua escrita para mim de tal tamanho é a causa de você frequentemente não escrever-lhe tudo.

5 de outubro, 1858

Se você soubesse o quanto *Papa* me repreende por fazê-la escrever (como ele diz)! E ele vai além, ele diz que eu escrevo demais para você e que seria muito melhor se eu escrevesse somente uma vez por semana! Assim, isso é, de fato difícil e eu não sei o que dizer! No entanto, penso que *Papa* está enganado e que você gosta de ouvir notícias de casa com frequência. Quando for escrever para *Papa* novamente, diga-lhe o que você sente e deseja sobre o assunto, pois eu lhe garanto – *Papa* me repreendeu severamente muitas vezes por isso e, quando alguém escreve apesar do cansaço e dos problemas a serem contados, isso entedia a pessoa para quem se escreve e é, de fato, muito!

¹⁵⁷ D.V. do latim Deo volente que quer dizer se Deus quiser. (N.T.)

21 de outubro, 1858

A dor no coração que sinto todos os anos, ao deixar Balmoral e vir aqui (para Windsor), é muito estressante. Assim, além de saber que não sinto nada por Windsor, – admiro-o, penso que é um lugar grande e esplêndido – mas sem um pedaço de nada que me leve a amá-lo – nada, não sinto interesse em nada, como se isso não fosse meu; e isso, claro, diminui todo o prazer da existência de alguém.

27 de outubro, 1858

O querido Affie se foi; e se passará, provavelmente, 10 meses antes de vermos o seu querido rosto que emanava raios de sol por toda a casa, pelo seu temperamento amável, feliz e contente; ele estava novamente bem chateado em nos deixar e soluçava amargamente, e temo que a separação do nosso querido *Papa* seja igualmente difícil. Ainda, triste como é se separar do querido Affie, não é nada comparado em deixar uma filha; ela se foi, como sua própria filha, para sempre; ela pertence a outro, e esse é um sentimento tão terrível para uma mãe.

Espero que Fritz esteja devidamente chocado com seus sofrimentos, pois esses homens egoístas não suportariam por um minuto o que nós pobres escravas temos de suportar. Mas não tema o *dénouement*¹⁵⁸; não há necessidade para isso; e não comente com as mulheres sobre isso, pois elas irão somente alarmá-la, principalmente no exterior, onde se faz muito mais rebuliço por causa de coisas naturais e usuais... Eu não pude contar a tal criança como Lenchen (Princesa Helena) sobre você; essas coisas não devem ser contadas a crianças, pois as apresentam a coisas das quais elas não devem saber até que estejam mais velhas. Affie não sabe de nada ainda... Como você pode chamar Windsor de “querido” eu não consigo entender. É como se fosse uma prisão, tão grande e melancólico – e, para mim, também tão entediante depois de Balmoral, é como passar do dia para a noite – tal como é!

17 de novembro, 1858

Sei que o bebê será uma grande recompensa por todo seu trabalho e sofrimento – mas sei que você não se esquecerá, querida, da sua promessa de não se entregar à “adoração do bebê”, ou de negligenciar seus outros grandes deveres ao se tornar uma mãe. Você sabe o tanto que suas obrigações são diversas e, como minha pequena criança é um pouco desorganizada no gerenciamento de seu tempo, temo que perderá muito dele se exceder a paixão pela atividade materna. Nenhuma mulher, ainda menos uma Princesa, é adequada para seu marido ou sua posição, se ela fizer isso... Não consigo nem pensar que Bertie está para ficar com você e eu não posso – e quando eu vejo as coisas de bebê e sinto que não estarei onde toda mãe está – e eu devo estar e não posso – isso me deixa doente e quase desvairada. Por que, no mundo, você escolheu uma hora que nós não podemos estar com você? Em novembro, dezembro ou no

¹⁵⁸ Do francês: epílogo (parte final de algo). (N.T.)

começo de janeiro, poderíamos ter feito isso tão facilmente... Bem, não adianta reclamar. Vamos esperar que outra ocasião similar seja de mais sorte.

Pobre Bertie! Ele nos incomoda demais. Não tem nenhuma partícula de reflexão ou mesmo de atenção, a não ser sua aparência! Nenhum desejo de aprender, pelo contrário, *il se bouche les oreilles*¹⁵⁹, o momento em que alguma coisa interessante é ser comentado! Somente espero que ele encontre uma lição severa para envergonhá-lo de sua ignorância e tédio. O Coronel Bruce (o representante do Príncipe de Gales) está muito ansioso para que você converse abertamente com ele sobre Bertie, e eu lhe disse que tinha certeza de que você o faria. Ele é uma pessoa muito superior e muito charmosa. O pobre Senhor Gibbs (o tutor do Príncipe) certamente falhou durante os 2 últimos anos por completo, para nossa surpresa – e não fez bem nenhum a Bertie.

24 de novembro, 1858

Quanto a Leopold (que estava sofrendo de hemofilia) ainda fica com hematomas tanto quanto antes, mas a *unberufen*¹⁶⁰ não tem tido reações ultimamente. Ele é alto, mas cada vez mais sem postura, e é uma criança bem comum fisicamente, de rosto bem singelo, esperto, mas estranho – e não é uma criança atraente apesar de divertida. Espero que a nova governanta seja capaz de torná-lo mais como as outras crianças. Ele não se esqueceu nem um pouco de você. Arthur é um amor precioso. Sinceramente, a melhor criança que já vi. Louise está muito danada e atrasada, apesar de ter melhorado, e está muito bonita e afetiva.

27 de novembro, 1858

Estamos felizes de escutar coisas tão boas do coitado do Bertie; eu não tenho dúvidas de que visitá-la – e a influência branda, mas firme, do Coronel Bruce irão fazer bem a ele. Mas sempre achamos que ele pareceu muito melhor na primeira semana e, então (como é sempre o caso com ele em tudo), ele gradualmente decaiu; não presta atenção no que é dito ou lido ou no que ele enxerga como verdadeiro azar. Seu estilo e gosto naturais são bem superficiais, e acho sua companhia bem entediante. Mas ele está bem mudado nos últimos meses (resumindo, desde que ele morou em White Lodge¹⁶¹) seu comportamento não é mais *difficile à vivre*¹⁶². Não posso achá-lo bonito com aquela cabeça absurdamente pequena e estreita, com aqueles traços imensos e aquela completa falta de queixo.

4 de dezembro, 1858

¹⁵⁹ Do francês: não dar ouvidos a algo. (N.T.)

¹⁶⁰ Do alemão: não convidada (N.T.)

¹⁶¹ White Lodge é uma casa situada no Richmond Park, hoje é um museu. (N.T.)

¹⁶² Do francês: difícil de suportar. (N.T.)

Estou feliz que Bertie esteja amável e seja seu companheiro, e se ocupa, o que tenho certeza de que o fará bem. Penso que o acho bem entediante; seus três outros irmãos são tão divertidos e comunicativos.

8 de dezembro, 1858

Alfred está... muito bem, mas as suas cartas, das quais ele nos mandou somente três exemplares, são chocantes e vergonhosos. Estranho que ambos os meninos deveriam escrever muito mal - e que todas as meninas (ao menos vocês três), muito bem. Mas a escrita de Affie é muito pior do que a de Bertie.

22 de dezembro, 1858

O querido *Papa* ainda não está muito bem – ele foi ontem à noite com Bertie (quem não entendeu uma palavra) para ver os meninos de Westminster atuarem em uma de suas peças (muito impróprias) em Latim.

Bertie fala constantemente de Berlim e de tudo que viu – mas principalmente das pessoas, festas, teatros, o que as pessoas falavam, etc. No entanto, das belas obras de arte etc., ele nada diz – apenas quando questionado.

29 de janeiro, 1859

Minha querida preciosidade, você sofreu muito mais do que eu – e como desejo ter podido amenizar tudo para você!¹⁶³ Pobre e querido Fritz – o tanto que ele deve sofrer por você! Sinto e reflito muito sobre ele; o querido pequenino, se eu pudesse vê-lo por um minuto, dar-lhe um beijo... Você se sentirá, e deverá se sentir, agradecida que tudo esteja acabado! Mas não fique alarmada para o futuro, nunca pode ser tão ruim novamente!

9 de fevereiro, 1859

Você não se sente mais leve, com a sensação de liberdade e agradecimento voltando? Eu sempre senti uma felicidade intensa com o primeiro despertar, tão diferente das manhãs de expectativas ansiosas, de medo e ansiedade. Não é uma situação agradável, e Deus sabe, para ninguém, mas você, minha querida, teve o pior começo possível por sofrer tanto! Como desejo que eu pudesse ir a você agora e ler para você... Como desejo ver meu netinho! Para mim, parece muito engraçado ser avó, e muitas pessoas me dizem que não podem acreditar!

15 de fevereiro, 1859

¹⁶³ Após um difícil e perigoso parto do primeiro filho da Princesa Frederick William, o futuro Kaiser Wilhelm II, nasceu no dia 27 de Janeiro.

PARA O REI LEOPOLD

O encontro¹⁶⁴ de Bertie com o Papa foi muito boa. Ele foi extremamente gentil e gracioso, e o Coronel Bruce estava presente; não seria bom ter deixado Bertie ir sozinho, como eles pretendiam daqui para frente, Deus sabe o que Bertie dissera!

1 de março, 1859

Estão dizendo que você está indo para Berlim para o batizado, mas eu duvido! Ah! Querido Tio, quase me parte o coração não presenciar o batizado do nosso primeiro neto! Penso que nunca me senti tão amargamente desapontada com algo como agora! E ainda é uma ocasião tão gratificante para ambas as nações, que as aproxima tanto, o que é particularmente vergonhoso! É uma estúpida lei na Prússia, devo dizer, ser tão específica sobre uma criança ser batizada tão cedo. No entanto, não adianta lamentar; por favor, Deus! Que tenhamos mais sorte na próxima vez!

2 de março, 1859

PARA A PRINCESA FREDERICK WILLIAM

Não li as Torres de Bachester¹⁶⁵ por completo, mas disseram-me que não era para ser tão irritante. Mas não gosto de ler em voz alta para o *Papa*, pois não havia nenhum romance no livro. Pessoas nas quais eu não poderia ter interesse. De tantas formas e em tantas coisas, o seu caso e o meu são tão diferentes; e, embora odiasse a ideia de ter filhos e não ter adoração alguma por pequenos bebês (principalmente nos banhos até terem passado dos 3 ou 4 meses, quando eles se tornam realmente adoráveis), ainda sei a bagunça e o trabalho que foi com você; em demasiado, penso eu, pois não era bom vesti-la com tanta frequência quanto você se vestia, e ter você acordada até tarde. Eu tinha o costume de tê-la no meu closet - enquanto eu me arrumava para o jantar...você brincava no meio das pernas da Senhorita Pegley (a babá real) - até que você ficasse tão animada que não conseguia dormir à noite. Tudo isso era bem bobo, e eu lhe previno contra isso - mas uma pessoa é tão boba com o primeiro filho...Você, que ama cegamente essa pequena criança, entenderá agora a tamanha emoção que é para o pobre coração de uma mãe entregar a criança totalmente a outrem, de quem ela se torna propriedade - como fiz com você.

19 de março, 1859

Ar, ar é o que você quer, e aposentos e teatros revigorantes e arejados, ou você ficará velha e doente antes dos 20!

¹⁶⁴ O Príncipe de Gales foi mandado para Roma com seu representante, Coronel Bruce, para encorajar seus gostos pela arte e para adquirir “conhecimento e informação”. Ele foi levado a um encontro com o Papa Pio IX após uma semana da sua chegada.

¹⁶⁵ As Torres de Bachester foi a obra prima do autor Trollope sobre a ambição humana. (N.T.)

20 de março, 1859

Agora querida, você deve confirmar com alguém que os quartos e ainda as passagens (que devem ser mais arejadas do que os quartos), nunca estarão acima de certa temperatura, tendo (como temos em todos os lugares) termômetros pendurados nas passagens e nos quartos – os fogões devem ser deixados ligados ou desligados caso o tempo esteja quente ou bem frio. E então as janelas devem ser abertas regularmente 3 vezes ao dia, ou com mais frequência, se está calor. Agora, se você tiver um servente para fazer isso, seus nervos ficarão mais tensos rapidamente – e não existirá frio e para Fritz também será muito melhor... Detesto que você vá ao teatro, os aposentos quentes são coisas que devem ser evitadas. Mas eu a invejo por ter visto Lohengrin, pois eu adoro essa música, ao menos partes dela, e eu estou constantemente tocando-a.

9 de abril, 1859

Bertie continua ansioso, eu me estremeço com o pensamento de que restam somente três anos e meio com ele entre nós – quando ele atingirá uma idade em que não poderemos mais o segurá-lo exceto por poder moral! Tento fechar os olhos para esse terrível momento! Ele está certamente melhorando – mas ah! É a melhora de um intelecto tão pobre e ainda bem ocioso.

Ah! Querida, o que aconteceria se eu morresse no próximo inverno! Temo só de pensar nisso: é uma visão terrível. O diário dele é bem pior do que as cartas de Affie. E tudo devido à preguiça! Ainda, devemos esperar por melhoras no que é essencial. Mas a grande melhora que temo nunca o tornará adequado para sua posição. A única salvação dele e a do país – é na sua confiança implícita em tudo, no querido *Papa*, aquela perfeição dos seres humanos!

A maior ansiedade de todas é que o querido *Papa* trabalha muito duro, se desgasta bastante com tudo que faz. Isso me deixa muito triste com frequência. Se não fosse por Osborne e Balmoral e novamente Windsor na páscoa – eu não sei o que poderíamos fazer, embora Londres, quando está calor, não combina muito comigo, menos ainda com o querido *Papa*!

16 de abril, 1859

Ouvi dizer que você modela e até pinta com tinta a óleo; lamento muito por este último; lembre-se do que *Papa* sempre lhe disse sobre o assunto. Amadores nunca pintam com tinta a óleo como artistas e o que se pode fazer com toda a produção? Enquanto que as com tinta guache são sempre boas de manter em livros e portfólios. Espero, querida, que você não fique com um e negligencie o outro!

Estou chocada de ouvir que o bebê tira o gorro sozinho, tão cedo; no entanto, espero que somente no quarto de brinquedos, pois eles ficam tão horrorosos de se ver sem os gorros. No quarto é saudável, mas não é bonito.

E, no mais, você foi ver “As Alegres Comadres de Windsor”¹⁶⁶; você deve ter achado bem grosseiro; eu mesma não tive coragem de ver – sempre me disseram o tanto

¹⁶⁶ Obra de Shakespeare. (N.T.)

que era grosseiro – pois o seu adorado Shakespeare é terrível neste aspecto e muitas coisas têm de ser deixadas de lado em muitas de suas peças.

20 de abril, 1859

A respeito do que você disse sobre Shakespeare, eu concordo. Você não deve ter medo de ver “O Fausto”¹⁶⁷; eu sou tão ruim e tímida como qualquer um, matrona como sou, sobre essas coisas – e é tão bonito que não nos sentimos envergonhada. Sugiro que você vá vê-la, querida. Também, a respeito das peças teatrais francesas – você deve ir. Existem tantas – de fato, muitas pequenas peças charmosas– e o querido *Papa* – que você sabe que é tudo, menos favorável aos Franceses – costumava apreciar as idas a peças Francesas – mais do que qualquer um, e fomos por muitos anos – quando tínhamos boa companhia (não temos uma desde 1854) para ir sempre e apreciá-las ao extremo. É uma prática tão boa da língua. Então, espero que você vá, querida. Uma aversão de alguém para com uma nação não precisa impedir a admiração e o entretenimento por algo bom, esperto e divertido nesse país...

Fico feliz de saber que você considerou o que eu disse sobre a nossa correspondência. É um imenso prazer e conforto para mim, pois é terrível viver tão longe e sempre separadas. Eu realmente penso em nunca deixar suas irmãs casarem – com certeza em não ficar constantemente longe e ver tão pouco seus pais – como até agora você tem feito, ao contrário de tudo que me dissera e me prometera no início... Naquela última noite que a levamos para seu quarto, e você chorou muito, eu disse ao *Papa* quando voltamos “no final das contas, é como levar um pobre cordeiro para o sacrifício”. Você agora sabe o que quero dizer, querida. Sei que Deus quis que isso acontecesse e que esses são os testes que nós pobres mulheres temos de passar; nenhum pai, nenhum homem pode sentir isso! *Papa* nunca entraria nesse mérito de forma alguma! Como, na verdade, ele quase nunca pode com relação aos meus sentimentos bem violentos. Estremeço muito quando olho para todas as suas irmãs doces, felizes e inconscientes – e penso que devo entregá-las também – uma a uma!! Nossa querida Alice viu e ouviu (claro que não o que ninguém pode saber antes de casar e antes de ter filhos) mais do que você, por conta do seu casamento – e o suficiente para dar a ela mais horror eu vontade de se casar.

26 de abril, 1859

PARA O REI LEOPOLD

É uma Páscoa melancólica e triste; mas o que me entristece mais (de fato, me distrai) – pois eu tive nada mais do que desapontamentos naquele trimestre desde Novembro – é que é bem provável que Vicky não poderá vir em maio! Isso me distrai.

27 de abril, 1859

¹⁶⁷ Obra de Goethe publicada em 1808 em sua versão final. (N.T.)

PARA A PRINCESA FREDERICK WILLIAM

Eu não sei o que a faz dizer que os ingleses não são tão bons com as suas esposas quanto os alemães, uma vez que a Inglaterra é o país da vida em família e de bons *ménages*¹⁶⁸! O que a faz dizer isso querida? Nas classes mais altas entre jovens modernos, de vocabulário e reputação ruins – existem, com certeza, maridos egoístas e descuidados, mas eles são exceção à regra, e você deve esquecer esse assunto...

Devo pedir mil desculpas. Acabei de ler a sua querida carta de hoje novamente (eu geralmente as leio 3 ou 4 vezes) e acho que li errado o que escrevera sobre os *ménages* alemães e ingleses! E isso foi somente o contrário. Você deve pensar que *Mama* é ruim nesse aspecto, como a podre e querida Avó, o que realmente não é o caso, pois eu sou muito particular sobre minhas cartas, mas eu devoro as suas e com tanta vontade – que eu sempre as leio vagarosamente pela segunda vez, e ainda não tive tempo de fazê-lo.

Penso que como regra – você está certa em não ir a um teatro no domingo, e é até melhor para você que não vá;- ainda ir às vezes é igualmente correto, se Fritz quiser. Você sabe que não sou uma admiradora ou aprovadora de nossos domingos muito monótonos, pois penso que a ausência da admiração inocente para as pessoas pobres um seja azar e um encorajamento de vício.

30 de abril, 1859

Na segunda-feira, o pobre querido Papa (que está bem fraco e tem tido dor de dente) vai para Plymouth às 6 horas da manhã para inaugurar aquela grande ponte em Saltash¹⁶⁹ sobre o Tamar¹⁷⁰ e voltar na mesma noite!

2 de maio, 1859

A sua carta recebida hoje no dia 30 deve ser numerada 84 ao invés de 78!! Então, a próxima será 85 – ou – se você já escreveu desde então – a que você escrever depois dessa será 86. Se você as numerasse de memória como eu, e olhasse antes de escrever, você não cometeria erros.

Teoricamente, não tenho nenhum *tendre*¹⁷¹ por eles (bebês) até que eles se tornem um pouco humanos; um bebê feio é um objeto nojento – e o mais bonito é assustador quando pelado – até por volta dos quatro meses; em resumo, enquanto eles tiverem grandes corpos e pequenos membros e aqueles terríveis movimentos de sapo. Mas a partir de quatro meses, eles se tornam cada vez mais lindos. E repito – o seu filho me encantaria em qualquer idade...

¹⁶⁸ Do francês: lares (N.T.)

¹⁶⁹ Cidade inglesa. (N.T.)

¹⁷⁰ Rio na cidade de Saltash(N.T.)

¹⁷¹ Do francês: afeição (N.T.)

Agora adeus e Deus te abençoe, minha querida, e como *Papa* diz (o policial disse isso para Hawkesley em “Still Waters Run Deep”¹⁷² “Mantenha sua vitalidade; isso é certo”, o que significa manter seu bom humor e não ficar abatida.

3 de maio, 1859

PARA O REI LEOPOLD

Aventuro-me a lhe mandar uma carta que recebi alguns dias atrás de minha querida Vicky e penso que o tom religioso irá agradá-lo. Posso lhe pedir para que a devolva uma vez que as cartas dela são muito valiosas para mim?

21 de maio, 1859

DIÁRIO

Tanta felicidade de estarmos finalmente juntas de novo¹⁷³... Vicky só começou a chorar quando ela falou da fraqueza do braço esquerdo de seu pobre pequenino, o que começou desde seu nascimento, pois fora machucado enquanto era trazido ao mundo.

25 de maio, 1859

PARA O REI LEOPOLD

Albert, que escreve a você, lhe dirá como é espantosa nossa enorme felicidade de ter nossa querida Vicky prosperando e tão bem e feliz conosco, foi na segunda-feira e um bom tempo ontem também, nublado e estragado pela terrível ansiedade que estávamos em relação à querida *Mama*. Graças a Deus! Hoje me sinto outra pessoa – pois sabemos que ela está em “um estado satisfatório” e melhorando em todos os aspectos, mas estou profundamente estremecida e chateada por esse terrível choque; pois aconteceu de repente – que chegou como um raio sobre nós, – e penso que nunca sofri tanto como por aquelas quatro terríveis horas até sabermos que ela estava melhor! Eu quase não me dei conta o quanto a amava ou o quanto toda a minha existência parece estar amarrada a ela – até que vi iminente, a distância, a temerosa possibilidade do que não mencionarei.

15 de junho, 1859

PARA A PRINCESA FREDERICK WILLIAM

Agora eu devo repreendê-la um pouco por uma observação que realmente parece variar com suas próprias expressões. Você diz “o tão feliz” que Ada (Princesa de Schleswig-Holstein) “deve estar” novamente devido a mais charmosa situação, a qual você me disse com frequência ser tão deplorável no ano passado. Como pode alguém, que não esteve casada por quase três anos, (como Ada) regozijar-se em estar pela terceira vez naquela situação? Eu realmente acho aquelas senhoras que são sempre

¹⁷² Peça teatral de Tom Taylor (1817-1880) (N.T.)

¹⁷³ A Princesa Frederick William havia ido visitar a mãe em Osborne.

*enceinte*¹⁷⁴ bem nojentas; é mais como um coelho ou como um porquinho da índia do que qualquer outra coisa e realmente não é muito legal.

29 de junho, 1859

Bertie melhorou, vejo agora melhor do que antes, mas ele ainda não faz nada, e dizem que vão fazê-lo trabalhar muito duro em Holyrood¹⁷⁵ – para onde irá muito em breve. Penso que ele irá nos deixar – pouco mais de quinze dias desde quando chegou. Ele está um pouco crescido... mas o seu nariz e boca estão bem crescidos também; o nariz está se tornando o maior nariz de Coburgo e começa a ficar um pouco saliente, mas ainda permanece a necessidade de um queixo, o que, infelizmente, com aqueles nariz e lábios grandes não fica tão bem de perfil.

2 de setembro, 1859

Bertie está muito melhor em Edimburgo (onde ele estava continuando a sua educação por três meses) do que nunca esteve; ele trabalha duro e mostra um desejo de aprender, em vez de resistência. Ele também está crescido e alto; mas não melhorou na aparência; a boca está se tornando tão grande, e ele cortará o cabelo na parte de trás e irá dividi-lo no meio, que isso faz parecer que ele não tem cabeça, somente rosto. É uma *coiffure*¹⁷⁶ assustadora.

26 de outubro, 1859

Não ficarei brava com você por seus sentimentos por Windsor em consequência de sua curta lua de mel; ainda não posso compartilhá-los, apesar de minha felicidade ter começado aqui também. Impressões precoces – o clima desagradável e prejudicial, a restrição das caminhadas – a vida da Corte e a impossibilidade de fazer o que quiser aqui – sem os oficiais da Corte etc., tudo isso torna o Palácio uma residência indesejável e desagradável para mim.

Querido *Papa* esteve um pouco indisposto com seu velho inimigo, mas não foi somente um ataque tão ruim sem o mal estar ou tremores. Hoje ele foi para Oxford¹⁷⁷ para ver como Bertie está indo naquele lugar monacal, do qual tenho horror.

29 de fevereiro, 1860

Querido Affie está de volta novamente. Se possível, a alegria é maior dessa vez do que normalmente, já que eu estava bem ansiosa em relação a ele por toda segunda-feira quando um furacão passou e, sabendo que o navio não estava em bom estado, isso me deixou febril até a noite, quando as boas notícias de que ele estava seguro chegaram, para aliviar nossa ansiedade e alegrar nossos corações. *Papa* lhe terá contado sobre o

¹⁷⁴ Do francês: grávidas (N.T.)

¹⁷⁵ Local em Edimburgo.(N.T.)

¹⁷⁶ Do francês: aparência. (N.T.)

¹⁷⁷ Cidade no sul da Inglaterra. (N.T.)

brilhante exame dele etc.etc. Ele aparenta estar bem, embora um pouco cansado de suas noites em claro. Querida criança, sinto tanto orgulho das dificuldades que ele tem passado – a forma que ele tem trabalhado, e quando penso em ---- ! No melhor, existe uma mediocridade infeliz. A felicidade de ter Affie em casa é tão grande e ai! Com --- é um sentimento tão contraditório! Eu não me atrevo a olhar para frente! Existe uma nuvem negra lá – apesar de muita bondade!

7 de março, 1860

O querido Affie é a nossa grande alegria, tão divertido cheio de conversas e tão cheio de ansiedade para aprender – sempre fazendo algo, nunca em um instante de ócio – tanta força, tanta energia é um grande prazer ver isso – mas o contraste com outrem é triste.

31 de março, 1860

Bertie veio ontem à noite e foi muito bem no exame (ele estava agora em Oxford) – o Diretor da Igreja Cristã achou uma melhora decisiva desde o último dezembro. Ele está crescido, mas não mais bonito, acho eu. Affie é, realmente penso, bonito (com exceção do Papa, que é muito mais) – mas é um rosto tão querido, bonito e redondo. Abençoado seja; ele é um menino tão, tão querido, e devo dizer que não achamos uma única falha nele desde que chegara aqui. Como você pode perguntar, querida, que dia que ele vai crismar? Você sabe que só pode ser na quinta-feira santa – (5 de Abril) se for na Páscoa; vocês todos crismaram nessa data, e eu não consigo pensar o porquê de você não ter certeza disso.

7 de abril, 1860

Bertie está encantado de ver você (em uma visita à Alemanha), do que estou com bastante ciúme; ele não está com uma boa aparência de forma alguma; o seu nariz e boca estão tão enormes e, quando ele emplastra o cabelo puxando-o para baixo e usa suas roupas de forma medonha – ele realmente é tudo menos bonito. Aquela *coiffure*¹⁷⁸ é, de fato, horrível demais com a sua pequena cabeça e feições enormes. No entanto, ele está crescido.

18 de abril, 1860

Você não comenta nenhuma das minhas observações de Bertie? É prova de minha confiança em você quando lhe falo tão abertamente sobre seus irmãos – que o seu silêncio parece estranho para mim. Pobre Bertie, tenho pena dele; mas também o culpo, pois aquela ociosidade é pecadora.

¹⁷⁸ Do francês: estilo (N.T.)

25 de abril, 1860

PARA O REI LEOPOLD

Bertie voltou ontem à noite admirado com a viagem (de Coburgo e Gotha¹⁷⁹ a qual ele ainda não havia visitado antes) e com a nossa velha e amada Coburgo, apesar da neve. Direi a ele para lhe contar sobre isso. Ele causou muito boa impressão lá.nos falou muito bem também da querida Stockmar.

6 de junho, 1860

PARA A PRINCESA FREDERICK WILLIAM

Louis e Henrique de Hesse jantaram conosco no domingo, e novamente ontem, e ficam até sexta-feira. Eu gosto muito deles, tão gentis, naturais, sensíveis; calmos e tão cheios de novidade – ou com frescuras, e são interessados em tudo. Penso que são os rapazes mais agradáveis que vi em muito tempo. Você irá imaginar minha agitação, não fazer nada demais e ainda não negligenciar nada. Louis se dá muito bem com Alice, que está com uma estrutura maravilhosa e bem à *son aise*¹⁸⁰. Estou bem orgulhosa dela. A diferença entre esses jovens e o Príncipe de Orange é bem marcante.

Alice está tão amável e calma e animada quanto possível. O homem que casar com ela terá, de fato, uma sorte invejável, pois ela é tão gentil e tão generosa.

11 de julho, 1860

Os arranjos (para o seu segundo parto), que você menciona são, de fato, tão horríveis - e quase como uma execução. Ah! Se aqueles homens egoístas – que são a causa de toda tristeza, soubessem o que suas pobres escravas passam! Que sofrimento – que humilhação para os sentimentos delicados de uma pobre mulher, sobretudo uma jovem – especialmente com aqueles médicos repugnantes.

27 de julho, 1860

DIÁRIO

Nosso querido neto nasceu (enquanto a Rainha e o Príncipe Consorte estavam em Coburgo). Que amor! Ele veio nas mãos da Senhorita Hobbs (sua babá) em um vestido branco com laços pretos e foi tão bom. Ele é uma criança boa e gorda, com uma linda pele branca... Ele tem os olhos de Fritz e a boca de Vicky e um cabelo muito claro e encaracolado. Nós ficamos tão felizes em finalmente vê-lo!

1 de agosto, 1860

PARA A PRINCESA FREDERICK WILLIAM

¹⁷⁹ Cidade no centro da Alemanha, antiga Prússia. (N.T.)

¹⁸⁰ Do francês: à vontade. (N.T.)

Muito, muito obrigada por aquele medalhão charmoso, de bom gosto e o querido cabelo. A querida senhora sem nome parece ter uma grande quantidade dele! Como quero vê-la! Garanto-lhe que eu não estou de forma alguma ofendida em ouvir que ela se parece comigo, pois apesar de eu não ser nenhuma admiradora de bebês em geral – existem exceções (além disso, todos vocês eram parecidos comigo quando nasceram) – por exemplo, Alice e Beatriz eram bem bonitas desde sempre – você também – Arthur também – não tanto quanto as 2 primeiras. Bertie e Leopold – tão assustadores. Meninhas são sempre mais bonitas e simpáticas (Arthur sendo uma exceção).

20 de outubro, 1860

Beatrice é minha querida, mas ela é rápida, ai! Crescendo e deixando de ser um bebê para ter pernas longas e ser magra. No entanto, ela ainda é bastante divertida e muito querida.

17 de novembro, 1860

Bertie finalmente chegou (dos EUA) – bem crescido, e decididamente melhor; ele nos conta bastante do que viu. Ele parece um pouco amarelo e pálido – e o seu cabelo é tão claro perto do de Affie. Affie é muito escuro e muito bonito, devo dizer.

Terminei *O Moinho do Rio Floss*¹⁸¹ e devo dizer que teve uma forte impressão em mim. A escrita e a descrição dos sentimentos são maravilhosas e dolorosas!

28 de novembro, 1860

Nosso grande e querido Louis (de Hesse-Darmstadt) se adapta muito bem, apesar de eu ver que ele está nervoso e agitado; mas ele sofre bastante para falar inglês com as pessoas que são apresentadas a ele. Nada aconteceu entre nós ainda – mas todo dia parece trazer ele e Alice mais próximos. É um pouco difícil para eles serem observados por todos – mas é bom e certo que todos vejam as atenções dele para com ela e as expressões iluminadas e felizes dela quando fala com ele. Alice se comporta de forma admirável; perfeitamente calma e se comportando de forma normal e satisfeita com tudo que é feito.

Eu vi como Louis estava extremamente agitado no jantar, e, após o qual – enquanto eu estava falando com alguns senhores e Alice estava sozinha com Louis perto da lareira – ele viu a oportunidade (que o querido *Papa* em seu jeito muito calmo achou que ele esperaria até hoje ou amanhã - como se as pessoas perdidamente apaixonadas pudessem esperar um tempo determinado) e, quando fui a outro aposento, Alice e Louis sussurraram para mim. Tivemos de sentar calados e tricotar até que a noite terminasse e Alice entrasse nosso quarto, então, muito agitada, e nós contássemos ao *Papa*.

8 de dezembro, 1860

¹⁸¹ Obra publicada em 1860 por George Elliot. (N.T.)

Você está certa em dizer que “ele (Príncipe Louis) fascinou Alice” – mas ele também me fascinou, e se entrelaçou um pouco em meu coração. Eles não são sentimentais, mas duas crianças muito felizes – adorando um ao outro e cheios de alegria e brincadeiras. Ele é tão inteligente e esperto. *Papa* começou a falar da política alemã com ele – o que tenho certeza de ser muito útil – mas como a semana passada do *Papa* estava muito cheia – e, nesses últimos dias, estava indisposto e incapaz de sair, Louis tem estado muito mais comigo do que com o querido *Papa*.

11 de dezembro, 1860

PARA O REI LEOPOLD

A sua aprovação para o casamento de nossa querida Alice, o que, eu não posso negar, tem sido um desejo ardente meu por muito tempo, e somente por isso temi que nunca passasse, nos dá o maior prazer. Agora – que tudo se acertou, felizmente, e que eu acho o jovem bem charmoso – minha alegria e minha imensa gratidão a Deus são enormes! Ele é tão amável, tão jovem, e como um de nossos próprios filhos – não o único - mas uma companhia querida, agradável e iluminada, cheia de espírito e alegria, e tenho certeza de que ele será um grande conforto para nós, além de ser um excelente marido para a nossa boa e querida Alice, quem, apesar de radiante de alegria e muito apaixonada (como deveria estar), está tão calma e sensível quanto possível.

A Imperatriz (da França, que estava fazendo uma viagem pela Inglaterra e Escócia) ainda está aqui e goza da liberdade de todas as coisas. Nós fomos para a cidade para o show de Smithfield Cattle¹⁸² ontem, e visitamos o Hotel Claridge. Ela, de forma muito civilizada, queria nos poupar o trabalho, mas sentimos que não seria civilizado se não o fizéssemos e que os franceses poderiam dizer daqui para frente que ela não fora tratada com o devido respeito. Ela estava muito bonita e de bom humor, mas novamente evitou com cautela qualquer alusão ao seu marido e à política, embora tenha falado bastante de tudo que estava vendo!

13 de fevereiro, 1861

PARA A PRINCESA FREDERICK WILLIAM

O pobre querido *Papa* tem sofrido bastante de dor de dente por três dias – o que o cansa e o preocupa terrivelmente, e parece particularmente obstinado. Espero, no entanto, que esteja um pouco melhor hoje, mas o querido *Papa* nunca permite que esteja um pouco melhor ou tentará superar o problema, mas fez uma cara tão triste que as pessoas sempre pensam que ele está muito doente. É sempre o contrário comigo; eu sempre consigo fazer as coisas na frente dos outros e nunca demonstrar nada, então as pessoas nunca acreditam que eu estou doente ou que até mesmo sofro. O sistema nervoso dele se irrita e agita muito fácil, e ele é completamente tomado por qualquer coisa.

¹⁸² Festival de Bovinos que acontece anualmente na Inglaterra para comércio. (N.T.)

25 de fevereiro, 1861

Em relação à Princesa Alexandra da D(inamarca), você poderia certamente ter Wally (Walburga, Condessa de Hohenthal¹⁸³) para descobrir tudo sobre a educação e o caráter geral dela; se ela é esperta, calma, se não é frívola ou vaidosa, se gosta de ocupações etc. As aparências e os modos que conhecemos são excelentes e ela parece uma dinamarquesa muito *outrée*¹⁸⁴.

O tópico é tão importante – a escolha tão definida que tenho certeza de que você irá achar amavelmente uma forma de descobrir todas essas coisas de uma vez só. É muito importante – com o caráter peculiar com que devemos lidar. Da Princesa de Meiningen¹⁸⁵, ele não gostou, e ela não é forte; Marie dos Países Baixos é esperta e feminina, mas reta demais e não é forte, e pobre Addy (Princesa Alexandrina, sobrinha do Rei da Prússia) não é esperta e nem bonita.

15 de março, 1861

DIÁRIO

Ah, que agonia, que desespero foi (presenciar os últimos momentos da mãe dela). Eu ajoelhei perante ela, beijei-lhe a mão e a apoiei em meu rosto; apesar de ter aberto os olhos, penso que ela não me reconhecia. Ela afastou a minha mão e a terrível realidade estava perante mim, que pela primeira vez ela não reconhecia a criança que recebeu com sorrisos ternos ao nascer! Saí para chorar... Perguntei aos médicos se havia esperança. Eles disseram que temiam que não... Enquanto a noite virava dia, deitei no sofá, ao pé da minha cama... Escutei cada hora bater... às quatro, eu descii novamente. Tudo calmo – nada para ser ouvido a não ser pela respiração pesada, e pelo bater de cada quinze minutos, do velho repetidor, um grande relógio sobre uma bandeja de casco de tartaruga que pertencera ao meu pobre pai e cujo som trouxe de volta todas as lembranças de minha infância... sentindo-me fraca e exausta, subi novamente e me deitei em um sofrimento silencioso... A temerosa calamidade terrível chegou sobre nós, parece ser um sonho horrível... Ai Deus! Que terrível! Que misterioso!...O choro constante era um conforto e um alívio...mas ah! A agonia!

16 de março, 1861

PARA O REI LEOPOLD

Neste dia, o mais terrível da minha vida, a sua filha de coração partido escreve uma linha de amor e devoção. Ela se foi! Essa mãe preciosa, profundamente amada e afetuosa – de quem eu nunca me separei por mais que alguns meses – sem a qual eu não consigo imaginar a vida – foi tirada de nós! É muito horrível! Mas ela está em paz – descansando – os seus sofrimentos temerosos terminaram! Foi bastante indolor – apesar de ter presenciado uma respiração angustiante e de partir o coração. Eu segurei carinhosamente sua querida mão na minha até o fim, pelo que sou eternamente grata!

¹⁸³ Cidade da Alemanha, antiga Prússia. (N.T.)

¹⁸⁴ Do francês: exagerada. (N.T.)

¹⁸⁵ Cidade localizada no centro da Alemanha, antiga Prússia. (N.T.)

Mas presenciar aquela preciosa vida indo embora foi horrível!... O querido Albert está terrivelmente devastado – e ele deveria estar, pois ela o adorava!

26 de março, 1861

No domingo eu me desfiz daqueles resquícios profundamente amados – um momento horrível; nunca estive perto de um caixão antes, mas apesar de terrível e de partir o coração: ele estava tão enfeitado e belo que a agradaria e, muito provavelmente, ela olhou para nós e nos abençoou – enquanto nós pobres mortais pesarosos ajoelhávamos em volta, esmagados pela tristeza! O caixão estava coberto por coroas de flores e o carpete espargia com doces flores brancas. Eu e nossas filhas não fomos ontem – teria sido demais para mim – e quando Albert retornou, com olhos cheios de lágrimas, me contou que foi bom que eu não tivesse ido – a visão era chocante demais – a simpatia era universal.

Mas ah! Querido Tio – a perda – a verdade disso – a qual eu não consigo, não entendo nem mesmo quando eu vou para Frogmore (o que faço diariamente) – o vazio se torna pior a cada dia!

Tento ser, e geralmente sou, bem resignada – mas querido Tio, essa é uma vida de pesares. Em todas as ocasiões festivas ou de luto, em todos os eventos de família, o amor e simpatia dela serão fortemente desejados. Ainda, exceto por Albert (quem geralmente não vejo, mas bem pouco pela manhã), eu não tenho nenhum outro ser humano exceto pelos nossos filhos...e além disso, uma mulher necessita da sociedade e da simpatia feminina às vezes, assim como os homens necessitam dos homens. Tudo isso, amado tio, mostrará a você que, sem viver constantemente com isso, ou lastimar ou me tornar mórbida, apesar do vazio e da perda, especialmente na minha posição isolada, é um teste tão horrível e tão irreparável, mas o pior ainda está por vir. Meu pobre aniversário, mal posso pensar nele!

30 de março, 1861

Penso que você possa gostar de ouvir da sua pobre criança sem mãe. Hoje já faz quinze dias, e parece que foi ontem – tudo está diante de mim e, ao mesmo tempo, tudo, tudo parece bem impossível... Chorar, o que dia após dia é meu bem vindo amigo, é o meu maior alívio... Abrir as gavetas e prensas¹⁸⁶ dela e olhar para todas as suas joias e bijuterias para identificar tudo são como um sacrilégio, e sinto como se meu coração tivesse sido partido.

9 de abril, 1861

DIÁRIO

É horrível, horrível pensar que nunca mais veremos aquele rosto terno e amoroso novamente, nunca mais ouviremos aquela doce voz novamente!... Conversar sobre

¹⁸⁶ Utensílio utilizado para deixar as roupas compactas. (N.T.)

coisas comuns é bem insuportável para mim... As explosões de tristeza são temíveis e, por vezes, insuportáveis... Um de meus grandes confortos é ir para Frogmore, sentar no quarto dela... é terrível sentir a quietude da casa... Eu nunca estivera perto de um caixão antes... A pior coisa, como disse a Albert ontem é a certeza de que a perda é irrevogável.¹⁸⁷

10 de abril, 1861

PARA A PRINCESA FREDERICK WILLIAM

Em relação a Bertie – eu concordo com você, querida criança – ele deve ser um pouco mais amável e carinhoso em seus modos – se ele espera isso de mim – e ter um pouco mais de interesse no que nos interessa se ele quiser ser agradável na casa. E agora, querida filha, devo dizer, esperando em não nervosa – que você não se organizou para melhorar suas maneiras, pois você sempre continuou me contando tudo sobre as observações estúpidas e bobas dele (disse como ele frequentemente demais faz – sem pensar – em parte para provocá-la e em parte para dar vazão à raiva) e me deixou com muita raiva, para baixo e infeliz como eu estava – em demasiado. Se desejam colocar lenha na fogueira e não “deixar o fogo ascender”, não se deve repetir tudo o que disseram ser irritante – tudo isso faz, com certeza, as coisas piorarem. Ele foi embora na segunda-feira. A voz dele me deixou tão nervosa que quase não suportei. Embora, nunca me senti em um estado de nervos por barulho ou ruído.

12 de junho, 1861

Você é, eu sei – talvez um pouco inclinada a se distrair se estiver agradável com uma pessoa – como você estava com a Imperatriz E. (Eugénie), mas Fritz não, e como ele está inteiramente de acordo com o que você diz sobre a Princesa Alix (Alexandra da Dinamarca) (por que ela é chamada assim?). Sinto ter quase certeza de que ela deve ser charmosa em todos os sentidos da palavra – uma verdadeira pérola para não ser perdida. A ideia de ter como esposa de Bertie uma filha tão charmosa – seria um grande conforto para mim e não há nada que eu não faria para ser uma boa mãe a ela; também devo ficar terrivelmente sozinha – quando suas irmãs se casarem – uma após a outra – embora espere e pense que, algumas ao menos, ficarão muito mais comigo do que você jamais poderá ficar. Mas, querida, estamos olhando somente um lado da questão – você já pensou se ela ficaria com ele? Realmente penso que não é tão certo. Alice (a única consultada) declarou que ela faria uma grande objeção em ser a escolhida sem saber para quem.

¹⁸⁷ O luto da Rainha foi exacerbado pelo remorso pelo o que ela agora começou a agir como se tivesse um sentimento não expressado pela mãe no passado, de quem ela ficou muito mais próxima recentemente. O Príncipe não conseguia confortá-la. Quando ele sugeriu que ela poderia se sentir menos triste se voltasse para Londres, ela se voltou para ele com fúria: como poderiam esperar que ela se ausentasse naquele momento? Como são cruéis os melhores homens em comparação a mulher tão doce e meiga como a sua mãe! Somente após seis meses o Príncipe sugeriu a ela, sem medo de sofrer violentas contradições, que uma mudança de ambiente e que interesses diversos pudessem ajudá-la a controlar seus sentimentos.

19 de junho, 1861

O querido *Papa* e eu estamos ambos gratos por todo trabalho que você teve com a Princesa Alix. Que ele seja pelo menos merecedor de tal preciosidade! Existe o embaraço! Quando olho para Louis e – para a charmosa – doce, viva e alegre expressão de um, e para o superficial, vazio, tedioso – e pesado olhar do outro, me sinto bem triste.

13 de agosto, 1861

PARA O REI LEOPOLD

No dia 17 visitaremos aquele sepulcro querido! No ano passado, ela ainda estava tão bem e tão cheia de vida; mas foi um aniversário muito triste, dois dias após a perda daquela querida e amada irmã, a quem ela se juntou tão cedo!... Amada *Mama*, que como ela está em minha mente a todo momento!

20 de agosto, 1861

Despedimo-nos de nossos queridos filhos e netos com corações pesados às sete horas da manhã do dia 16, pois a visita deles, exceto pelo vazio que obscurece tudo, foi a mais pacífica e satisfatória. Aprendemos a conhecer e a apreciar ainda mais a grande excelência do caráter do Fritz querido; nobre, de altos princípios, tão ansioso para fazer o que é certo e para melhorar de todas as maneiras, e tão doce e amoroso – tão, além de tudo, devoto à Vicky.

Fomos naquela tarde (dia 16) para Frogmore, onde dormimos. A primeira noite foi terrivelmente difícil, e devo dizer que isso tomou conta de mim por um pouco de tempo; tudo parecia ter vida e ainda assim, ela não estava lá! Mas eu me acalmei; o grande fato de estar rodeada por tudo que ela gostava e não ver a sua querida casa habitada novamente foi uma satisfação, e a manhã seguinte estava linda, e fomos ao Mausoléu com coroas de flores depois do café da manhã e à catacumba, que é à plain-pied¹⁸⁸ e tão bonita – tão arejada – e tão grandiosa e simples, que, de tão impactante, não existia angústia ou amargura de tristeza, mas um tranquilo repouso!

No sábado, todos fomos ao campo, um dia ao ar livre (no campo militar de Curragh perto de Dublin, onde o Príncipe de Gales foi passar dez semanas com os Grenadier Guards¹⁸⁹). Era uma grande plataforma com um belo gramado. Tínhamos duas duchas refrescantes. Bertie marchou com sua companhia, e não pareceu de forma alguma tão pequeno.

Ontem foi de novo um dia ruim. Senti-me fraca e bem ansiosa e, por vezes, bem triste; penso tanto na querida *Mama* e sinto uma falta terrível do seu amor e interesse e solicitude; sinto como se não fôssemos mais cuidados e tenho uma saudade enorme de lhe escrever para ela e de lhe contar tudo. Na apresentação, eles tocaram uma de suas marchas, o que me entristeceu completamente.

¹⁸⁸ Do francês: ao nível da rua. (N.T.)

¹⁸⁹ Tropa de infantaria do exército britânico. (N.T.)

Quase não sei como escrever, pois minha cabeça está confusa e distraída e meu coração dói muito! Que terrível desgraça é (a morte do Rei Pedro de Portugal, no dia 11 de novembro logo após a do seu irmão Ferdinando, no dia 6)! Como a mão da morte parece perseguir aquela pobre e querida família! Uma vez tão próspera. Pobre Ferdinando, tão orgulhoso de seus filhos – de seus cinco filhos – agora o mais velho e mais distinto, a cabeça da família, foi embora, e também outro de quinze, e o mais novo ainda doente!... Querido Pedro era tão bom, tão esperto, tão distinto! Ele era tão apegado ao meu amado Albert.

1 de outubro, 1861

PARA A PRINCESA FREDERICK WILLIAM

Não conseguiremos nunca agradecê-la e ao querido Fritz o suficiente por todo seu amor, afeição e gentileza nesse assunto importante. Bertie está certamente muito satisfeito com ela – mas quanto a se apaixonar, penso que ele não conseguiria, ou que seria capaz de se entusiasmar com qualquer coisa no mundo. Mas ele é tímido e eu ousou dizer que ouviremos mais de Alice, com quem ele, com certeza, abrirá seu coração. Pobre menino – ele quer o bem – mas ele é tão diferente do querido Affie!

Você diz que ninguém é perfeito, senão o *Papa*. Mas ele também tem seus defeitos. Ele é bem difícil às vezes – na sua agitação e extrema paixão pelos negócios – e penso que você acharia bem difícil se Fritz fosse tão impetuoso e rude (momentaneamente e sem intenção) como *Papa* é!

6

MONARCAS E MINISTROS

1852-1860

No final de 1852, o governo do Lorde Derby estava fraco. A Rainha considerou formas que poderiam fortalecê-lo, incluindo a substituição de Disraeli como Líder da House of commons, cujas ordens os Peelites¹⁹⁰ se recusaram a seguir. Ela discutiu o problema com Derby, que sugeriu Palmerston como líder. A Rainha rapidamente ofereceu outro nome, o de Gladstone. Mas Derby rejeitou, então a Rainha anotou em seu diário no dia 27 de novembro: “O Sr. G. era, na opinião dele, impróprio para o cargo. Ele não possuía nenhuma daquela decisão, coragem, prontidão e clareza tão necessárias para liderar um partido.” Fraco, o Governo de Derby foi derrotado na Casa no dia 17 de dezembro. A Rainha pediu para que Lorde Aberdeen tentasse formar um ministério Peelite.

24 de dezembro, 1852

¹⁹⁰ Partido Conservador (N.T.)

PARA O REI LEOPOLD

O sucesso da árdua tarefa de nosso excelente Aberdeen e a formação de um tão brilhante e forte Gabinete (com o Lorde John Russell como Ministro das Relações Exteriores e Gladstone como Chancellor of the Exchequer) iriam, eu tinha certeza, agradá-lo. É a realização dos nossos desejos mais ardentes e do país, e isso merece sucesso, e irá, ter grande apoio, penso.

O nosso Governo está satisfatoriamente estabelecido. Ter o meu fiel amigo Aberdeen como Primeiro Ministro é uma grande felicidade e conforto para mim pessoalmente. Lorde Palmerston (Home Secretary¹⁹¹) está terrivelmente alterado e todos os seus amigos acham que ele está perdendo o controle. Ele anda com duas muletas e parecia estar em grande sofrimento no Conselho, pensei.

Doente como estava, a carreira de Palmerston estava longe de acabar. E quando a guerra entre a Rússia e a Turquia começou, ele mostrou todo o seu antigo vigor quando defendeu que a Inglaterra saísse em socorro de seus aliados turcos junto com a França. A Rainha, primeiramente, esperava que a guerra pudesse ser evitada. No dia 11 de outubro de 1853, ela escreveu ao Lorde Clarendon, o sucessor de Lorde John Russel, como Ministro das Relações Exteriores:

A Rainha recebeu a carta de Lorde Clarendon. Ela havia escrito ao Lorde Aberdeen declarando que sentia ser sua missão pausar bem antes de dar consentimento às medidas tomadas no Gabinete, até que recebesse uma explicação quanto às opiniões que prescreveram essa decisão... Ela já recebeu e leu os comunicados, os quais, no meio tempo, foram enviados aos seus destinos sem terem recebido a sua sanção!

As instruções para Lorde Stratford¹⁹² parecem ser muito vagas para ela e confiantes para ele com enormes poderes e uma latitude de discricção que é dificilmente chamada de segura. Como os assuntos já foram resolvidos, aparentemente na opinião da Rainha, além disso, que tomamos para nós, em conjunto com a França, todos os riscos de uma guerra europeia, sem que a Turquia tenha tido qualquer condição de provocá-la. Os cento e vinte turcos fanáticos que constituem o Divã em Constantinopla são juízes únicos da linha política a ser seguida e estão cientes, ao mesmo tempo, do fato de que a Inglaterra e a França se uniram para defender o território Turco! Isso os está dando um poder que o Parlamento tem tido ciúmes de confiar até mesmo nas mãos da Coroa Britânica. Pode haver perguntas se a Inglaterra deve ir à guerra em defesa da tal chamada Independência Turca; mas não pode haver nenhuma se ela o fará, ela deve ser a única juíza do que constitui uma ruptura dessa independência e deve ter total poder para impedir a guerra por meio da negociação.

¹⁹¹ Secretário de Estado para os Assuntos Internos (ministro do Interior). (N.T.)

¹⁹² Lorde Stratford de Redcliffe, Embaixador Britânico em Constantinopla, foi autorizado a utilizar a frota Britânica como quisesse em defesa do território turco de agressões, e foi instruído que se a marinha russa deixasse Sebastopol, os navios britânicos deveriam atravessar o estreito de Bósforo.

5 de novembro, 1853

PARA ABERDEEN

Embora a Rainha tenha o prazer de ver Lorde Aberdeen esta noite, ela deseja fazer novas observações sobre o assunto das últimas cartas do Lorde Stratford, comunicadas ontem a ela por Lorde Clarendon. Elas exibiam claramente um desejo da parte dele pela guerra e por nos levar para ela. Quando ele fala sobre a espada que não somente precisará ser usada, mas terá a sua bainha jogada fora, e diz que, para uma guerra ter sucesso, ela deve ser “muito compreensiva” da parte da Inglaterra e da França, a intenção é certa, e isso se torna uma questão séria se nos justificarmos em permitir que Lorde Stratford não fique mais na situação que o proporciona os meios de frustrar todos os nossos esforços por paz.

13 de janeiro, 1854

PARA A PRINCESA AUGUSTA DA PRÚSSIA

Pelas últimas três semanas houve ataques repugnantes nos jornais contra meu querido marido, que é acusado de conspirar com os interesses da Rússia! Eles estão bem bravos e embora tal besteira não ganhe créditos entre as pessoas sensatas que respeitam e amam Albert, ainda assim eles disponibilizaram momentos para muitos comentários horríveis, e tudo isso provavelmente, continuará provavelmente até que o Parlamento tome partido. Isso provavelmente se originou a partir de algumas pessoas invejosas e maliciosas que ignorantes seguirão e acreditarão. Tudo aconteceu devido à agitação enorme no país por causa da questão do leste europeu. Você facilmente entenderá a raiva e indignação que sinto em relação a isso...

21 de fevereiro, 1854

PARA O REI LEOPOLD

Temo que a guerra seja bem inevitável. Você verá que o Imperador Nicholas não deu uma resposta favorável ao nosso Irmão Napoleão (quem, ouvi dizer, o desapontou extremamente, pois esperava grandes resultados); e espera-se que as últimas tentativas e propostas feitas por Boul (Primeiro Ministro e Ministro das Relações Exteriores da Áustria) não serão aceitas pela Rússia, pois a França e a Inglaterra não puderam aceitá-las; mas se a Áustria e a Prússia vierem conosco – como esperamos que farão – a Guerra será apenas local. A nossa Guarda navegará amanhã. Albert passou em revista ontem. George (Duque de Cambridge) está encantado em ter uma divisão nas forças armadas.

24 de fevereiro, 1854

PARA ABERDEEN

A Rainha deve escrever para o Lorde Aberdeen sobre um assunto que, no momento, é para ela de extrema importância – por exemplo, o aumento do Exército. Os dez mil homens sobre os quais foram dadas ordens de aumentarem em número mal

podem ser considerados para trazer mais do que um estado de paz aprimorado, como o que tivemos com frequência durante uma profunda paz na Europa; mas esses dez mil homens ainda nem foram recrutados. Nós quase nos comprometemos em mandar vinte e cinco mil homens para o leste, e esse compromisso teria de ser redimido. Até para manter essa força em campo será necessária uma reserva forte e disponível, da qual seremos privados. Mas entraremos em guerra contra a Rússia!

24 de fevereiro, 1854

PARA O REI LEOPOLD

O último batalhão da Guarda (fuzileiros escoceses) embarcou hoje. Eles passaram aqui pelo jardim (Palácio de Buckingham) às sete horas desta manhã. Estávamos na varanda para vê-los – a bela manhã, o sol subindo acima das torres da antiga Abadia de Westminster – e uma imensa multidão reunida para ver esses bons homens, e torcer imensamente enquanto eles marchavam com dificuldade. Eles formaram uma linha, apresentaram as armas, e, então, nos saudaram calorosamente e se foram em saudação. Foi uma visão tocante e bela.

17 de março, 1854

PARA O REI DA PRÚSSIA

As consequências terríveis e incalculáveis de uma guerra em meu coração não são menores do que no de Sua Majestade. Também sei que o Imperador da Rússia não a deseja. Todavia, ele exige do Império Otomano¹⁹³ coisas que todas as potências da Europa – entre elas, você – declararam ser solenemente incompatível com a independência do Império e com o equilíbrio do poder europeu. Em face dessa declaração e da presença do Exército Russo da invasão dos Principados (territórios turcos perto de Danúbio), os Poderes somente poderiam confirmar suas palavras com ação. Você supõe que a Guerra pode não ter começado na realidade. Infelizmente, não posso negar qualquer esperança de que a sentença será seguida de qualquer adiamento de execução.

1 de abril, 1854

PARA ABERDEEN

A Rainha está perplexa ao ver a resposta do Lorde Aberdeen ao Lorde Roden sobre o assunto de um dia de humilhação, pois ele nunca mencionara o fato a ela, e é um sobre o qual ela tem fortes sentimentos. A única coisa que a Rainha já escutou sobre isso foi do Duque de Newcastle (Ministro da Defesa), quem sugeriu a possibilidade da introdução de uma oração apropriada na Liturgia e com a qual a Rainha concordou mas ele era extremamente contra um dia de humilhação, com o que a Rainha também concordou completamente, já que ela pensa que demos recursos demais a eles, o que acabou por perder efeito. Portanto, a Rainha espera que isso seja cuidadosamente

¹⁹³ Estado turco que existiu entre 1299 e 1922 e que compreendia a Anatólia, o Oriente Médio, parte do norte de África e do sudeste europeu. (N.T.)

reconsiderado e uma oração seja substituída para o dia da humilhação. Se os serviços selecionados para esses dias fossem distintos dos que são – a Rainha se sentiria menos incisiva sobre isso; mas eles sempre selecionam capítulos do Velho Testamento e salmos que são tão inaplicáveis que quebram todo o efeito que deveriam ter. Além disso, é fácil dizer (como deveríamos), que o grande pecado da nação nos trouxe a guerra, quando é o egoísmo e a ambição de um homem e seus servos que a trouxeram, embora a nossa conduta tenha sido sempre altruísta e honesta, seria tão manifestamente repulsivo aos sentimentos de todos, e seria um mero ato de hipocrisia.

24 de setembro, 1854

PARA LORDE CLARENDON, MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Os franceses mostram sua vivacidade usual ao insistir bastante por uma decisão sobre o que será feito com Sebastopol¹⁹⁴ quando tomada. Devemos, certamente, tomá-la antes que possamos utilizá-la, e tudo em relação à decisão sobre isso depende do estado em que iremos recebê-la e da opinião dos Comandantes do Exército e da Marinha após se verem em sua possessão. A Rainha espera, assim, que Lorde Clarendon tenha sucesso em reprimir a impaciência francesa como ele já fazia antes.

13 de outubro, 1854

AO REI LEOPOLD

Estamos, e, na verdade, todo o país está, completamente absortos com uma ideia, um pensamento ansioso – a Crimeia¹⁹⁵. Recebemos todos os detalhes mais interessantes e gratificantes da vitória esplêndida e decisiva da Alma¹⁹⁶ (no dia 20 de setembro); Ai! Foi uma batalha sangrenta. Nossa perda foi pesada – muitos morreram e muitos estão feridos, mas minhas nobres Tropas se comportaram com coragem e desespero que foram lindos de presenciar. Os russos esperavam segurar a posição por três semanas; a perda deles foi imensa – toda a guarnição em Sebastopol estava esgotada. Desde então, o Exército teve uma bela marcha para Balaclava e o bombardeio de Sebastopol começou. O comportamento do Lorde Raglan (o comandante chefe britânico) foi digno de um velho Duque – tanta frieza no calor da guerra. Recebemos todos os detalhes do jovem Burghersh (um rapaz notavelmente agradável), um dos ajudantes de ordem de Lorde Raglan que ele mandou para casa com os dispensados e que estava no meio de tudo isso. Sinto-me tão orgulhosa de minhas queridas nobres Tropas, que, dizem, suportam suas provações e a triste doença que ainda os assombra com muita coragem e bom humor.

George se saiu muito bem e não foi tocado¹⁹⁷.

¹⁹⁴ O principal combate durante a Guerra da Crimeia. (N.T.)

¹⁹⁵ Guerra entre Turquia (e aliados, entre eles o Reino Unido) e França devido a invasão da Turquia durante a expansão territorial francesa. (N.T.)

¹⁹⁶ Batalha da Guerra da Crimeia. (N.T.)

¹⁹⁷ O Duque de Cambridge, que não estava em sua melhor forma na batalha, não se destacou, de fato, como o comandante da 1ª Divisão da Alma. Subsequentemente, ele pediu licença médica “Estávamos horrorizados,” a Rainha registrou em seu diário “Tenho certeza de que isso terá o pior efeito”. Ela

23 de outubro, 1854

PARA A PRINCESA AUGUSTA DA PRÚSSIA

Você entenderá quando eu lhe garantir que me arrependo extremamente por não ser homem e não ser capaz de lutar em uma guerra. Meu coração sangra pelos muitos mortos, mas eu não considero que exista melhor morte para um homem do que a no campo de batalha!

9 de novembro, 1854

PARA CLARENDON

Nenhuma consideração na terra deve se manter no caminho do envio de quantos navios pudermos dispor para transportar reforços franceses para a Crimeia, pois a segurança de nosso Exército e a honra do País estão em risco. A Rainha está pronta para fornecer seu próprio iate para transporte, que poderia carregar 1.000 homens. Todas as contas prestadas convencem a Rainha cada vez mais de que só os números podem garantir o sucesso neste assunto e que, sem eles, estamos correndo sérios riscos.

14 de novembro, 1854

PARA O REI LEOPOLD

Estou tão perplexa e animada, e minha mente está tão totalmente tomada pelas novidades da Crimeia, que eu realmente esqueço, e o que é pior, fico tão confusa sobre tudo, que sou uma correspondente bem inadequada. Toda minha alma e coração estão na Crimeia. A conduta de nossas queridas nobres Tropas merece mais do que elogios; é bem heroico e, na verdade, sinto orgulho de ter tais Tropas, o que é somente igualável a minha tristeza por seus sofrimentos. Sabemos agora que houve certa batalha no dia 6 (A Batalha de Inkerman¹⁹⁸, de 5 de Novembro), na qual vencemos de números bem maiores, mas com grandes perdas em ambos os lados – em maior parte dos russos. Mas não sabemos nada mais e agora devemos viver em suspense, que é, de fato terrível. E em, pensar nas inúmeras famílias que estão vivendo tal ansiedade! É terrível pensar em todas as esposas e mães infelizes que estão esperando pelo destino daqueles mais próximos e queridos!

18 de novembro, 1854

PARA LORDE RAGLAN

A Rainha recebeu com orgulho e alegria as novidades telegrafadas dos gloriosos! Mas ai! Sangrenta vitória do dia 5. Esses sentimentos de orgulho e satisfação estão, no entanto, dolorosamente ligados às notícias tristes da perda de tantos Generais,

escreveu para o Duque no dia 30 de dezembro, 1854: “Espero que você já esteja de volta na Crimeia neste momento. Perdoe-me por lhe dizer, francamente, que espero que não deixe outros saberem de seu baixo ânimo e seu desespero; você não pode pensar o quanto as pessoas são más por aqui, e posso garantir que as pessoas não mediram esforços para circular as mentiras mais vergonhosas sobre você”.

¹⁹⁸ Batalha da Guerra da Crimeia entre russos e a ligação anglo-francesa. (N.T.)

e em particular do *Sir George Cathcart* – que era um oficial tão distinto e excelente... Ambos o Príncipe e a Rainha estão ansiosos para expressar ao Lorde Raglan as suas admirações desmedidas da conduta heroica do Exército e seus sinceros sentimentos para os seus sofrimentos e privações que nasceram de forma tão nobre.

30 de novembro, 1854

PARA O DUQUE DE NEWCASTLE

A Rainha acha que não se pode perder tempo em anunciar sua própria intenção de conceder uma medalha para todos aqueles que se engajaram na campanha árdua e brilhante na Criméia.

A medalha deve conter a palavra “Crimeia”, com um aparelho (para o qual será bom não perder tempo em ter um design pronto) e fechos adequados– como a Medalha da guerra da península, com os nomes Alma e Inkerman inscritos nelas, de acordo com as batalhas que lutaram. Sebastopol, se cair, ou qualquer outro nome de uma batalha que a Providência de Deus deve permitir nossas bravas tropas a ganhar, pode ser escrita em outros fechos a serem acrescentados. Os nomes de Alma e Inkerman devem igualmente ser inscritos de acordo com as cores de todas as unidades militares que estiveram engajadas nessas ações sangrentas e gloriosas.

A Rainha está certa de que nada gratificará e encorajará nossas nobres tropas mais do que o conhecimento de que isso deve ser feito.

10 de janeiro, 1855

PARA ABERDEEN

Antes de Parlamento se encontrar para uma provável Sessão turbulenta, a Rainha deseja fazer um pronunciamento público sobre sua confiança contínua na administração do Lorde Aberdeen ao oferecer-lhe o Laço Azul (da Ordem da Jarreteira¹⁹⁹). A Rainha não precisa adicionar nenhuma palavra aos seus sentimentos pessoais de estima e amizade para com Lorde Aberdeen, que são conhecidos por ele há muito tempo.

12 de janeiro, 1855

PARA NEWCASTLE

A Rainha retorna a carta anexada para o Duque de Newcastle, ao qual ela lera com muito prazer, trazendo ao Lorde Raglan de forma oficial – o que necessitará investigação e resposta oficiais – os vários pontos que tão urgentemente exigem sua atenção e seus reforços na resolução do problema. Ao mesmo tempo, foi escrita de forma delicada que não deve ser uma ofensa, embora não possa evitar, devido ao assunto, ser dolorosa para Lorde Raglan. A Rainha tem somente uma observação a fazer, isto é, a completa omissão de seu nome no documento. Ele fala somente em nome do Povo da Inglaterra e da sua simpatia, enquanto que a Rainha sente que é uma de suas mais importantes prerrogativas e deveres mais queridos cuidar do bem estar e do sucesso de seu Exército.

¹⁹⁹ Ordem da cavalaria britânica. (N.T.)

O Duque de Newcastle deve ter acrescentado com verdade que, dando toda a permissão para as dificuldades diante de Sebastopol, é difícil de imaginar como o Exército nunca poderá se mover no campo, se a impossibilidade de se manter vivo é sentido em um acampamento imóvel somente a 11 quilômetros de seu porto, com toda a Marinha Inglesa e centenas de transportes ao seu comando.

30 de janeiro, 1855

MEMORANDO DA RAINHA

Lorde Aberdeen chegou aqui às três. Ele veio do Gabinete e apresentou a sua resignação unânime (seguindo a derrota do Governo em uma petição que pedia um comitê de investigação sobre sua conduta de guerra)... Discutimos futuras possibilidades e concordamos que não há nada a ser feito a não ser oferecer o Governo ao Lorde Derby, cujo Partido foi estatisticamente o mais forte. Ele supôs que Lorde Derby estaria pronto para isso, apesar de ter grandes dificuldades, a não ser que aceite homens de outros Partidos, coisa que, no entanto, não se pode saber no momento.

31 de janeiro, 1855

MEMORANDO DA RAINHA

Fomos ao Palácio de Buckingham e vimos Lorde Derby às onze e meia. A Rainha o informou da resignação do Governo e de seu desejo de que ele deva tentar formar um novo. Ela se referiu a ele como chefe do maior Partido na Casa dos Comuns e que contribuiu fortemente, por votos da casa, para derrubar o Governo. Lorde Derby se destituiu dessa responsabilidade... Ele admitiu que seu Partido era o mais compacto – reunindo por volta de duzentos e oitenta homens – mas ele não tinha nenhum homem capaz de governar a Casa dos Comuns, e não deve seria capaz de apresentar uma Administração que seria aceita pelo país, ao menos que fosse fortalecida por outras combinações; ele sabia que todo o país aclamava por Lorde Palmerston como o único homem capaz de administrar a guerra com sucesso e admitiu a necessidade de tê-lo no Governo, mesmo que fosse só para satisfazer o Governo Francês, cuja confiança, neste momento, era de extrema importância; mas ele deve dizer, falando sem prudência, que independentemente do que o povo ignorante possa pensar, Lorde Palmerston era totalmente inapto para tal tarefa. Ele se tornara muito surdo e muito cego, tinha 71 anos de idade, e... na verdade, apesar de manter seus modos joviais vivos, estava evidente que seus dias já haviam se passado.

Isso nos levou a uma longa discussão sobre os méritos de conduta de guerra, sobre os quais ele pareceu compartilhar dos preconceitos gerais, mas, ao escutar alguns verdadeiros fatos e dificuldades do caso, ele admitiu que esses, por razões óbvias, não poderiam ser declarados pelo Governo em sua defesa e disse que ele sabia que a culpa do chefe se encontrava nas sedes na Crimeia. O Lorde Raglan deveria ter sido chamado novamente, assim como toda sua equipe, e talvez ele poderia ser menos doloroso perguntando se poderia se juntar ao Gabinete, onde seus conselhos militares seriam de grande valor.

Para poder encontrar a Casa dos Comuns, no entanto, Lorde Derby disse que necessitava da assistência de homens como o Senhor Gladstone e o Senhor(128)S. Hebert.

A Rainha se estressara bastante com uma boa seleção para o Ministério das Relações Exteriores, Lorde Derby disse que ele deveria se voltar para Lorde Malmesbury, quem, pensa ele, agira muito bem anteriormente, e agora tem mais experiência...

Lorde Derby retornou do Lorde Palmerston um pouco antes das duas, aonde ele tinha ido primeiro. Lorde Palmerston estava pronto para aceitar a Liderança da Casa dos Comuns e reconheceu que o homem que se submetesse a essa tarefa não poderia gerenciar o Departamento de Defesa paralelamente. Ele analisou o Senhor Gladstone e o Senhor S. Hebert, mas, evidentemente, para a surpresa de Lorde Derby, ele havia dito que isso deve ser uma coalizão e não somente a aceitação de uma ou duas pessoas, o que não parece adequado ao Lorde Derby de forma alguma – nem estava ele satisfeito com a sugestão do Lorde Palmerston de que ele deveria tentar, de todas as formas, reter Lorde Clarendon no Ministério das Relações Exteriores.

2 de fevereiro, 1855

PARA RUSSELL

A Rainha acabou de se encontrar com Lorde Lansdowne (a quem ela, em vão, comentou sobre o fracasso de Lorde Derby em formar um Governo). O que ele pôde contar a ela não a permitiu enxergar uma saída das dificuldades que os procedimentos recentes do Parlamento a colocaram, ela deseja ver Lorde John Russell para conferir com ele o tópico.

2 de fevereiro, 1855

Como os momentos são preciosos e o tempo está passando sem as várias consultas que o Lorde Lansdowne teve a gentileza e paciência de manter com as várias pessoas que compõem o recente Governo da Rainha e que não levaram a nenhum resultado positivo, ela sente que deve confiar em algum deles a distinta missão de formar um Governo. A Rainha se refere, no momento, ao Lorde John Russell como a pessoa que pode ser considerada por ter contribuído para o voto da Casa dos Comuns, o qual retirou o seu antigo Governo, e espera que ele seja capaz de apresentá-la a esse Governo e que faça uma promessa justa de superar com sucesso as grandes dificuldades em que o país se encontra.

3 de fevereiro, 1855

DIÁRIO

Lorde John chegou às 6, bem desanimado e perturbado por ter “nada encorajador” para relatar. Ele havia visto tanto Sir G. Grey quanto Lorde Clarendon, que fortemente expressaram seus desinteresses em tomar posse... Lorde John havia visto previamente o Senhor Gladstone e o Senhor S. Hebert, que declinaram.

4 de fevereiro, 1855

PARA PALMERSTON

Como Lorde John Russell acabou de informar à Rainha que ele foi obrigado a resignar à tarefa que ela havia confiado a ele, ela se voltou ao Lorde Palmerston para perguntar-lhe se ele poderia formar uma Administração que comandará a confiança do Parlamento e conduzirá de forma eficiente as relações públicas nesse momento de crise. Caso ele se considere capaz, a Rainha pede a ele para realizar tal tarefa. Ela não pede para buscá-lo, pois já havia discutido com ele o estado das relações públicas, e para otimizar o tempo. A Rainha espera receber uma resposta de Lorde Palmerston o quanto antes.

6 de fevereiro, 1855

PARA O REI LEOPOLD

Van de Meyer informará você dos sucessivos fracassos de Lorde Derby e de Lorde John... e de que Lorde Palmerston está agora encarregado de formar um Governo! Eu não tive alternativa... Estou bastante preocupada e cansada com tudo que se passou; meus nervos, que sofreram severamente no ano passado, não melhoraram com o que se passou durante esses quinze dias difíceis – pois completará quinze dias amanhã que essa tragédia começou...

Seis horas da tarde – uma palavra para dizer que Lorde Palmerston acabou de beijar-mãos²⁰⁰ como Primeiro Ministro.

7 de fevereiro, 1855

Embora a Rainha espere ver Lorde Aberdeen às seis, ela vê a oportunidade de dizer que dificilmente se atreve falar sem temer dar vazão a seus sentimentos; ela deseja dizer que dor é se separar de um amigo tão bom e querido e valoroso quanto Lorde Aberdeen sempre fora a ela desde que se conheceram. O dia que ele se tornou Primeiro Ministro foi um dia muito feliz para ela; e por todo seu Governo ele fora o conselheiro mais gentil e sábio – com quem ela poderia contar até mesmo nas ocasiões difíceis. Isso ela tem certeza de que ele sempre será. Mas pensar em perdê-lo como Primeiro Conselheiro em seu Governo é bastante doloroso. A Rainha está certa de que o Príncipe e ela mesma poderão sempre confiar em seu apoio e conselhos valiosos em todos os tempos de dificuldade, e agora conclui com os agradecimentos mais calorosos por toda a gentileza e devoção dele e pela amizade e estima inalteráveis que ela tem por ele, desejando toda saúde e felicidade.

22 de fevereiro, 1855

DIÁRIO

Vimos 26 dos doentes e feridos dos Coldstream Guards²⁰¹... Havia alguns casos tristes; – um homem que havia perdido o braço direito na Inkerman também estava na Alma e parecia mortalmente pálido – um ou dois outros tinham perdido seus braços, outros foram atingidos nos ombros e pernas, – vários, no quadril... Um soldado, Lanesbury, estava com um tampão no olho e seu rosto estava coberto com bandagens,

²⁰⁰ Uma reverência, onde os servos beijavam a mão do soberano em uma demonstração de respeito (N.T.)

²⁰¹ Soldados da infantaria (N.T.)

ele teve a cabeça atravessada por uma bala que penetrara através do olho, perdido, – passando pelo nariz e saindo pelo pescoço! Ele estava terrivelmente pálido, mas estava se recuperando bem. Havia dois outros casos muito tocantes e angustiantes, dois pobres garotos. Não posso dizer o como estive tocada e impressionada pela imagem desses bravos homens nobres tão tristemente feridos e como me sinto ansiosa para ser útil a eles e para tentar empregar aqueles que estão mutilados para o resto da vida. Aqueles que estão dispensados receberão pequenas pensões, mas não o suficiente para sobreviver.

27 de fevereiro, 1855

PARA O REI LEOPOLD

Juntas, as relações não estão muito estabelecidas nem satisfatórias. O retorno de Lorde John para o ministério (como Ministro para as Colônias) sob Lorde Palmerston é muito extraordinário!

A viagem mediada do Imperador (Francês) (para a Crimeia, onde, ele havia anunciado, iria assumir pessoalmente a conduta da guerra) – apesar de ser natural dele em desejar – penso que seja a mais alarmante. Sei que é de temer, pois a vida dele é de imensa importância. Ainda espero que ele possa ser desencorajado disso, mas Walewski estava bem animado a respeito.

22 de março, 1855

PARA LORDE PANMURE, MINISTRO DA DEFESA

Outro dia, quando a Rainha falou com Lorde Panmure sobre a entrega da Medalha para a Campanha da Crimeia entre os Oficiais e aqueles que estão neste país, nenhuma decisão foi tomada sobre como isso deveria ser feito. Desde então, a Rainha pensa que o valor dessa Medalha seria muito maior se ela a entregasse pessoalmente aos oficiais e a um certo número de homens (selecionados com esse propósito). O valor mostrado por nossas tropas e o sofrimento que suportaram nunca foram superados – talvez dificilmente igualados; e como a Rainha foi testemunha do que eles passaram quando os visitou nos hospitais, ela gostaria de poder entregar pessoalmente o prêmio que eles tanto merecem e que valorizarão muito. Isso também terá um efeito benéfico no recrutamento, a Rainha não tem dúvidas.

17 de abril, 1855

PARA O REI LEOPOLD

A impressão é bem favorável²⁰². Existe uma grande fascinação no jeito calmo e franco do Imperador e ela é muito agradável, muito graciosa e muito espontânea, mas muito delicada. Ela é certamente muito bonita e de aparência muito incomum. O Imperador falou de forma muito amável de você. A recepção do público foi imensamente entusiástica.

²⁰² O Imperador e a Imperatriz haviam chegado para uma visita à Inglaterra no dia anterior.

19 de abril, 1855

Eu não tenho tempo para mim mesma, sendo este inteiramente ocupado por nossos convidados Imperiais, com os quais estou bastante satisfeita e os quais realmente se comportam com o melhor tato. A Investidura ocorreu muito bem e hoje (viemos de Windsor) o entusiasmo de milhares que o receberam na Cidade foi imenso. Ele está bastante satisfeito. Desde o dia de minha Coroação, com exceção da abertura da Grande Exibição, não me lembro de nada assim. Hoje iremos a opera.

24 de abril, 1855

Nossa ótima visita passou, como um sonho brilhante e bem sucedido, mas penso que o efeito nas visitas será bom e duradouro; eles viram em nossa recepção, e em nossa Nação, nada para dar, exceto dar boas-vindas calorosas e de coração a um aliado fiel e seguro.

2 de maio, 1855

MEMORANDO

Refletindo sobre o caráter do presente Imperador Napoleão e sobre a impressão que tenho disso, os seguintes pensamentos vêm à minha mente:

Que ele é um homem muito extraordinário, com grandes qualidades não há dúvidas – devo quase dizer que é um homem misterioso. Ele é possuidor evidente de uma bravura indomável, de firmeza resoluta no propósito, de autoconfiança, perseverança e enorme sigilo; a isso se pode adicionar a enorme confiança no que ele chama de sua Estrela e uma crença em profecias e incidentes conectados com seu destino, o que é quase romântico – e, ao mesmo tempo, ele é possuidor de um maravilhoso autocontrole, grande calma, de até cavalheirismo, e com um poder de fascinação cujo efeito sobre todos que se tornam mais íntimos é sentido de forma mais evidente.

É difícil dizer o quanto ele é provocado por um senso moral de certo e errado.

A minha impressão é que em todas as ações aparentemente indesculpáveis, ele foi invariavelmente guiado pela crença de que ele está cumprindo o destino que Deus lhe impôs e que, embora cruéis e duros, foram necessários para obter o resultado que ele se considerou como escolhido para alcançar, e não atos de crueldade ou injustiça desenfreados; pois é impossível conhecê-lo e não ver que existe muito de um caráter amável, gentil e honesto. Outra característica notável e importante em sua composição é que tudo o que ele fala ou expressa é resultado de uma reflexão profunda e de propósito determinado, e não meramente de *des phrases de politesse*²⁰³; conseqüentemente, quando lemos as palavras usadas em seu discurso pronunciado na Cidade, nós podemos ter certeza de que ele está certo do que diz; e, assim, eu confiaria, com certeza, no seu comportamento honesto e fiel em relação a nós... Ele é bem citado na literatura alemã, com a qual ele parece ser bem parcial. Dizem que, e estou inclinada a pensar ser verdade, ele lê pouco, até mesmo em relação a despachos de seus próprios Ministérios no exterior, ele tendo expressado sua surpresa à minha leitura diária deles. Ele parece

²⁰³ Do francês: frases educadas (N.T.)

ser unicamente ignorante sobre tópicos não relacionados ao ramo de seus estudos específicos e ser mal informado sobre eles por quem o cerca.

Se nós o compararmos com o pobre rei Luís Filipe, devo dizer que este (Luís Filipe) possuía vasto conhecimento sobre todo e qualquer tópico, tinha imensa experiência em relações públicas e grande atividade mental; ao passo que o Imperador possui maior julgamento e uma firmeza de propósito ainda maior, mas não possui experiência em relações públicas nem aplicação mental; ele é dotado, como era o último Rei, e com imaginação muito fértil.

Outra grande diferença entre o Rei Luís Filipe e o Imperador é que o pobre Rei era inteiramente Francês de caráter, possuindo toda a vivacidade e loquacidade daquele povo, enquanto o Imperador é tão diferente dos franceses quanto possível, sendo ele muito mais alemão do que francês de caráter... Como esperar que o Imperador tivesse qualquer experiência em relações públicas considerando que até seis anos atrás ele viveu em exílio, por alguns anos até mesmo na prisão, e nunca tomou partido algum nas relações públicas de qualquer país?

2 de maio, 1855

PARA O REI LEOPOLD

Ernest terá lhe dito que bonitas e tocantes visão e cerimônia (a primeira desse tipo uma vez já vista na Inglaterra) que a entrega de Medalhas foi. Do mais importante Príncipe ao mais baixo soldado, todos receberam a mesma distinção por bravura nos acontecimentos mais severos, e a mão áspera do soldado bravo e honesto entrou em contato, pela primeira vez, com a da Soberania e a da Rainha! Amigos nobres! Sinto como se eles fossem meus próprios filhos. Meu coração bate por eles da mesma forma que por meus mais próximos e mais queridos. Eles estavam tão emocionados, tão agradecidos; muitos, ouvi dizer, choraram – e eles não desistirão de suas Medalhas, de ter seus nomes gravados nelas, pelo medo de que eles não receberiam uma idêntica pelas minhas mãos, o que é bastante tocante. Diversos vieram em um estado tristemente mutilado.

23 de agosto, 1855

Estou feliz, encantada, bem-humorada e interessada e penso que nunca vi nada mais bonito e alegre do que Paris – ou mais esplêndido do que todos os Palácios. Nossa recepção foi mais do que gratificante – pois foi entusiástica e bem gentil no mais alto padrão. Nossa entrada em Paris foi uma cena que foi bem *feenhaft*²⁰⁴ e que dificilmente poderia ser vista em outro lugar; foi bastante dominante – esplendidamente decorada – iluminada - imensamente coroadas - e 60.000 tropas do lado de fora – da estação de Strasburgo a St. Cloud, dos quais 20.000 eram Guardas Nacionais que vieram de longe para me ver.

O Imperador fez maravilhas para Paris e para o Bois de Bolonha. Tudo estava maravilhosamente *monté*²⁰⁵ na Corte - bem calmo e em excelente ordem; devo dizer que

²⁰⁴ Do alemão: fada. Pode ser entendida como “mágica”. (N.T.)

²⁰⁵ Do francês: arrumado. (N.T.)

estamos ambos chocados com a diferença entre isso e o tempo do pobre Rei, quando o barulho, a confusão e a algazarra foram grandes... Eles pediram para nomear uma nova rua, uma que abrimos em minha homenagem!

O calor é muito grande, mas o clima é esplêndido, e, apensar de o sol ser mais quente, o ar é certamente mais leve que o nosso - e não tenho dores de cabeça.

Os Zuavos estão de guarda aqui (St.Cloud) e você não poderia encontrar melhores homens...

As crianças gostavam tanto do Imperador, quem é muito gentil com elas. Ele é muito fascinante, com aquela grande calma e gentileza. Ele tem, certamente, excelentes modos e tanto ele quanto a querida e muito charmosa Imperatriz (de quem Albert particularmente gosta) fazem as *honneurs*²⁰⁶ extremamente bem e com muita graça e são cheios de dedicação.

29 de agosto, 1855

Aqui estamos novamente (em Osbourne), após os dez dias mais agradáveis, mais interessantes e mais triunfantes que já tive. Um sucesso total, uma recepção tão apaixonante e gentil com e de um povo tão *difficile*²⁰⁷ como os franceses é, de fato, muito gratificante e muito promissora para o futuro. O Exército também foi bem amistoso e amigável para conosco.

Em resumo, a União completa dos dois países está estampada e selada da forma mais satisfatória e sólida, pois não é somente a União de dois Governos - de duas Soberanias - mas de duas Nações!

Eu desenvolvi uma grande afeição pelo Imperador e acredito que isso seja muito recíproco, pois ele nos mostrou uma confiança que sentimos ser muito gratificante e falou conosco sobre todos os assuntos, até mesmo os mais delicados. Não tenho nenhum rancor pessoal dos Orleans... Nada poderia exceder seu tato e gentileza.

1 de setembro, 1855

PARA O BARÃO STOCKMAR

Não conheço ninguém que me deixe mais à vontade ou com quem eu me sinta mais inclinada a conversar abertamente ou em quem eu deveria estar mais inclinada a confiar involuntariamente do que o Imperador! Ele estava completamente à vontade conosco – falou aberta e francamente sobre tudo.

Ele é tão simples, tão *naïf*²⁰⁸, nunca formando *des phrases*²⁰⁹ ou elogiando - tão cheio de tato, bom gosto e alto padrão; sua atenção e respeito para conosco eram simples e deliberados, sua gentileza e amizade pelo Príncipe eram tão naturais e gratificantes, pois não são forçadas nem *pour faire des compliments*²¹⁰. Ele é bem O Imperador e, ainda assim, sem fingimentos... Maravilhoso que é este homem - a quem

²⁰⁶ Do francês: honra. (N.T.)

²⁰⁷ Do francês: difícil. (N.T.)

²⁰⁸ Do francês: ingênuo. (N.T.)

²⁰⁹ Do francês: frases. (N.T.)

²¹⁰ Do francês: cumprimentar. (N.T.)

nós certamente não estávamos totalmente bem dispostos – devido às circunstâncias que nos trouxeram tão íntimos e se tornou nosso amigo pessoal, e tudo isso por suas qualidades pessoais, apesar de ter muito que fora e pudesse ser dito contra ele!

11 de setembro, 1855

PARA O REI LEOPOLD

O grande acontecimento finalmente ocorreu - Sebastopol caiu! Nós recebemos a notícia aqui (em Balmoral), ontem à noite, quando estávamos sentados tranquilos ao redor de nossa mesa após o jantar. Fizemos o que pudemos para celebrar; mas aquilo foi pouco, pois, para minha tristeza, não tínhamos um soldado, nenhum grupo, nada aqui para fazer qualquer tipo de demonstração. Fizemos o que havia para ser feito à moda Highland, ascender uma fogueira no alto de um morro do lado oposto da casa, a qual fora construída ano passado quando as notícias prematuras da queda de Sebastopol enganaram a todos e que tivemos de deixar apagada e a encontramos aqui no nosso retorno!

10 de setembro, 1855

DIÁRIO

Albert disse que eles deveriam imediatamente acender a fogueira... Em poucos minutos, Albert e todos os cavalheiros, em diferentes trajes, partiram, seguidos por todos os serviçais e gradualmente por toda a população da vila – seguranças, assistentes, trabalhadores – todos para o topo do monte de pedras. Esperamos e os vimos acender a fogueira; acompanhados por uma vibração geral. A fogueira incendiou brilhantemente e pudemos ver as inúmeras figuras ao redor – alguns dançando, todos gritando... quase 45 minutos mais tarde, Albert desceu e disse que a cena havia sido mais agitada e animada que tudo. As pessoas estavam bebendo bastante whisky e estavam em enorme euforia. Toda a casa parecia em um maravilhoso estado de animação. Os meninos foram acordados com dificuldade e quando este foi finalmente o caso, eles imploraram para serem levados para o alto do monte.

Permanecemos até quinze para as doze; e logo quando eu estava me despindo, todas as pessoas vieram para debaixo das janelas, os instrumentos tocando, as pessoas cantando, armas disparando e a vibração – primeiro para mim, então para Albert, o Imperador da França, e a “queda de Sebastopol”.

5 de dezembro, 1855

PARA O REI LEOPOLD

Meu tempo (foi) inteiramente tomado por meu irmão Real, o Rei da Sardenha (Rei Vítor Emanuel, aliado da Grã-Bretanha na Crimeia), e eu tive de compensar pela perda de tempo desses últimos dias. Ele nos deixa amanhã em uma hora extraordinária – quatro horas da manhã (o que você fez uma ou outra vez) – desejando estar em Compiègne amanhã à noite, e em Turim na terça... Ele é tão franco, aberto, justo, direto,

liberal e tolerante, com muito bom senso. Ele nunca quebra a palavra, e você pode confiar nele, mas os perigos e as aventuras selvagens e extravagantes, com modos bem estranhos, curtos e grossos, um exagero do que seria o curto modo de falar que seu pobre irmão tinha. Ele é tímido na sociedade, o que o faz ainda mais brusco, e ele não sabe (nunca saiu de seu próprio país ou na Sociedade) o que dizer do número de pessoas que lhe foram apresentadas aqui, o que é, eu sei pela experiência, algo mais odioso... Ele é mais como um Cavaleiro ou Rei da Idade Média do que qualquer coisa conhecida hoje em dia.

5 de janeiro, 1856

PARA PANMURE

A Rainha devolve os desenhos para a “Cruz Vitória”. Ela marcou o que ela aprovara com um X; ela pensa, no entanto, que a cruz deva ser um pouquinho menor. O lema seria melhor ‘Pelo Valor’ do que ‘Pelos Bravos’, pois este levaria à inferência de que somente aqueles considerados bravos receberam a Cruz Vitória.

janeiro, 1856

PARA A SENHORITA FLORENCE NIGHTNGALE

Você está, eu sei, bem informada da grande consideração que tenho da devoção cristã que você mostrou durante essa guerra grande e sangrenta, e mal necessito repetir-lhe como é grande a minha admiração por seus serviços, os quais são totalmente iguais aos dos meus queridos e bravos soldados, cujos sofrimentos você teve o privilégio de aliviar de forma tão misericordiosa. Estou, no entanto, ansiosa para marcar meus sentimentos de forma que considero ser agradável a você e, assim, enviar-lhe junto com esta carta, um broche, cuja forma e emblema comemoram seu grande e abençoado trabalho, e o qual, espero, você usará como marca da grande aprovação de sua Soberana!*

Será uma grande satisfação para mim, quando você finalmente retornar a essas costas, conhecer alguém que deu um exemplo tão brilhante para o nosso sexo.

11 de abril, 1856

PARA PALMERSTON

Agora que o momento para a ratificação do Tratado de Paz está quase chegando, a Rainha deseja não mais atrasar a expressão de sua satisfação quanto à forma que tanto a guerra fora finalizada como a honra e os interesses deste país foram mantidos pelo Tratado de Paz, sob zelo e guia do Lorde Palmerston. Ela deseja, como uma lembrança pública de sua aprovação, conceder a ele a Ordem da Jarreteira.

Sem data? junho, 1857

PARA PANMURE

A Rainha pensa que as pessoas condecoradas com a Cruz Vitória (a qual acabara de ser instituída pela Garantia Real) podem ser propriamente permitidas a carregar alguma marca distintiva com seus nomes. A autorização instituindo a condecoração não tem o estilo de ‘uma Ordem,’ mas meramente de ‘uma condecoração naval e militar’ e de uma distinção ... C.V. não funcionaria. C.J. significa Cavaleiro da Jarreteira, C.B. uma Companhia do Banho, M.P. Membro do Parlamento, D.M. Doutor da Medicina, etc.,etc., em todos os casos, designando uma pessoa. Ninguém poderia ser chamado de Cruz Vitória. Além disso, C.V. significa Vice-Chanceler no momento. C.C.V. (condecorado com a Cruz Vitória) ou P.C.V. (Portador da Cruz Vitória) deve funcionar. A Rainha acha que este último é melhor.

27 de junho, 1857

PARA PALMERSTON

A Rainha acabou de receber a carta de Lorde Palmerston e está igualmente muito alarmada com as notícias da Índia.²¹¹ Ela tem ficado muito apreensiva com o estado das relações do exército lá e seus temores agora são reais. Ela confia que Lorde Palmerston e Lorde Panmure logo consultarão o Duque de Cambridge (o Comandante-Chefe) sobre quais medidas a serem tomadas para enfrentar este grande perigo e que não se perderá nenhum tempo na realização delas.

5 de julho, 1857

PARA LADY CANNING, ESPOSA DO GOVERNADOR GERAL DA ÍNDIA E EX DAMA DE COMPANHIA

Há muito eu queria escrever... quando recebi a sua última carta do dia 19 de maio com todas as notícias tristes e alarmantes da insurreição em Meerut e Delhi. Este é um momento ansioso, mas temos muita confiança no Lorde Canning e no General Anson (o Comandante-Chefe na Índia que, na verdade, já havia morrido de cólera) e acreditamos ouvir logo sobre a queda de Delhi. Ainda temo que exista um espírito perigoso entre as Tropas Nativas e que um medo de que a religião deles seja adulterada por isso é o de menos. Penso que se deve tomar o maior cuidado para não interferir na religião deles – uma vez que se um clamor desse tipo for levantado entre pessoas fanáticas – extremamente ligadas à religião – não tem como saber ao que isso levará e aonde isso poderá chegar.

11 de julho, 1857

PARA PALMERSTON

A Rainha acabou de receber a carta de Lorde Palmerston e ela certamente aprova a indicação proposta do *Sir* Colin Campbell como comandante-chefe na Índia e pensa

²¹¹ Em Maio de 1857, os Sipai no Exército de Bengala da Companhia das Índias Orientais haviam feito motim em Meerut e tomaram Delhi e outras cidades vizinhas; em meados de junho, a revolta havia se espalhado pelo Vale Ganges.

ser muito nobre que este general distinto, leal e galante esteja pronto para começar imediatamente em uma missão tão importante e árdua. A Rainha também aprova a... a intenção de enviar mais tropas.

22 de agosto, 1857

A Rainha teme, devido ao telegrama desta manhã, que as negociações na Índia não tenham sido muito favoráveis ainda... Delhi ainda parece resistir... A Rainha deve repetir a Lorde Palmerston que as medidas até aqui tomadas pelo Governo não são proporcionais à magnitude da crise.

2 de setembro, 1857

PARA O REI LEOPOLD

Estamos com uma triste ansiedade sobre a Índia, a qual detém toda a nossa atenção. Não se pode aumentar as tropas com rapidez ou tamanhos suficientes. Os horrores cometidos (em Kanpur) com as pobres senhoras - mulheres e crianças - são desconhecidos neste século e fazem o sangue gelar. Por fim, o geral é muito mais estressante do que a Crimeia - onde existiu glória e um conflito honrável e onde as pobres mulheres e crianças estavam seguras. Então, a distância e a dificuldade de comunicação são um sofrimento a mais para todos nós. Sei que sentirá muito por todos. Não há nenhuma família que não esteja pesarosa e ansiosa em relação às suas crianças, e em todos os níveis - a Índia sendo o lugar onde todos estavam ansiosos em ter um filho!

8 de setembro, 1857

PARA LADY CANNING

Tenho de agradecer pelas diversas cartas gentis e interessantes... que nossos pensamentos estão quase totalmente ocupados com a Índia e com o temeroso estado de tudo - que nós nos sentimos como durante os dias da Crimeia e muito mais ansiosos, você facilmente acreditará. Que meu coração sangra pelos horrores que foram cometidos por pessoas uma vez tão gentis. - (que parecem ter sido tomadas por algum fanatismo terrível e louco (pois isso é o que é e não pode existir dúvida) em minhas pobres Mulheres de meu País e suas pequenas crianças inocentes - você, querida Lady Canning, que compartilha de meus pesares e de minhas ansiedades por minhas amadas tropas, compreenderá. Isso me atormenta dia e noite. Você falará de minha simpatia a todos que escaparam e sofreram e a todos que perderam entes queridos de forma tão terrível; - você não pode dizer muito. Uma Mulher e, sobretudo, todas as Esposas e Mães somente podem entrar nas agonias durante os massacres. Não peço por detalhes, eu não aguentaria ouvir mais, mas sobre aqueles que escaparam eu gostaria de ouvir o tanto quanto você pudesse me contar.

Sinto, profundamente, por você e pelo Lorde Canning! Que tempos terríveis para ambos, mas que conforto para Lorde Canning ter tal esposa como você.

As mortes do Lorde H. Lawrence – *Sir Hugh Wheller* e *Sir H. Barnard* (esse último um velho conhecido meu que parecia estar indo bem com sua pouca força) são bem dolorosas e a perda do Sir H. Lawrence é irreparável. A retribuição será temerosa, mas espero e confio que nossos Oficiais e Homens mostrarão a diferença entre Cristãos, Mulçumanos e Hindus – poupando os idosos, as mulheres e as crianças. Qualquer retribuição nesse aspecto devo desprezar, pois como podemos esperar qualquer respeito e estima por nós no futuro?

Aquelas Tropas (Nativas) que permaneceram fieis merecem todas as recompensas e louvores, pois a sua realidade é bem cansativa e difícil. As considerações de fidelidade e devoção por parte dos serviçais também são tocantes e gratificantes. Não posso dizer como estou triste de pensar em todo esse sangue derramado em um país que parecia tão próspero – em desenvolvimento, e pelo qual, bem como por seus habitantes, senti um interesse muito grande.

22 de outubro, 1857

PARA LADY CANNING

Graças a Deus – os relatos são muito mais alegres e aqueles de Lucknow são um grande alívio. A contínua chegada de Tropas será de grande utilidade, acredito, e que nenhum motim e atrocidades aconteçam. Com relação ao último tópico, agradeceria bastante se você e o Lorde Canning pudessem se certificar do quanto isso é verdade. Claro que os meros assassinatos – (digo por arma de fogo ou esfaqueamento) de mulheres e crianças inocentes são muito chocantes por si próprios – mas, na guerra Civil, isso acontecerá, temo, de fato, que muitos dos insultos etc. às pobres mulheres e crianças são os acompanhantes inevitáveis desse estado das coisas – e que o comum incendiar das Cidades por soldados cristãos apresenta espetáculos e histórias que, se publicadas em Jornais, trariam explosões de horror e indignação: Badajoz e São Sebastião, temo, foram dois exemplos que se igualariam ao que ocorreu na Índia e esses o Duque de Wellington não poderia impedir – e eles foram atos de Soldados britânicos, não de maldade. Menciono isso não como uma desculpa, mas como uma explicação do que parece tão terrível para nossos sentimentos. Algumas dessas histórias certamente são falsas – como, por exemplo, aquela do Coronel e da Senhorita Farquarson que foram vistos separados e acabou por ser uma total invenção, tais pessoas não existem na Índia! O que desejo saber é se existe alguma evidência confiável de testemunhas que presenciaram – os horrores, como pessoas que tiveram de comer a carne de seus filhos – outras atrocidades indescritíveis e terríveis que eu não poderia escrever? Ou será que estas não são frutos da inteligência dos Nativos ou de testemunhas em que não se pode simplesmente confiar. Tantos fugitivos chegaram a Calcutá que tenho certeza de que você descobrirá o quanto disso é verdade²¹².

Estou encantada em ouvir que o herói veterano mais leal e excelente Sir Colin Campbell está bem e que você gosta dele; Eu tinha certeza de que você gostaria dele, uma vez que é impossível não gostar – e nós, nem por um momento, consideramos as

²¹² Como a Rainha suspeitava, praticamente todas as histórias horripilantes de atrocidades não tinham fundamento.

mentiras vergonhosas de discussões entre ele e o Lorde Canning. Se ele ainda estiver com você, diga-lhe as coisas mais bonitas. Fico feliz em saber que ele não compartilha do mesmo preconceito indiscriminado por todos os de pele escura, o que é muito injusto – pois os Habitantes não tomaram parte, aparentemente, nesta Revolução puramente Militar – e enquanto uma punição resumida deve, ai! Lidar com os Sipai do motim – confio que ele verá que grande abstenção é demonstrada em relação aos inocentes e que as mulheres e crianças não serão tocadas pelos soldados Cristãos. Espero também que algumas regras sejam estabelecidas em relação às moças viverem de uma maneira tão desprotegida no futuro como o fizeram em muitas daquelas estações e que, no primeiro alarme, serão enviadas a lugares seguros, pois elas devem estar terrivelmente no caminho e isso deve ser tão paralisante para os Oficiais e Homens se eles possuíssem esposas e filhos em perigo.

Agora que a rebelião havia sido oprimida, a Rainha continuou a discordar de duras represálias e a apoiar Lorde Canning, cujas políticas clementes haviam levado a chamá-lo novamente.

1 de julho, 1858

PARA LADY CANNING

Estou bastante chocada com o meu silêncio longo e realmente imperdoável... Você sabe, querida Lady Canning, o que eu sempre senti em relação ao Lorde Canning e acreditará que aqueles sentimentos são inalterados... Somente espero que Lorde Canning não considere deixar seu cargo ou se importe com o que se passou, pois já passou e existe um só sentimento agora sobre ele aqui. As pessoas são muito estranhas aqui, cerca de seis meses atrás, a sede de sangue que corria era tão horrível e verdadeiramente vergonhosa!... Tudo isso veio de julgamentos feitos à distância e não os entendendo e não esperando por explicações. Isso é muito melancólico, mas espero que nenhum de vocês se importe.

Os problemas na Índia não haviam terminado há muito tempo quando a Rainha enfrentou com ansiedade outra mudança de Governo, pois Palmerston foi forçado a resignar após ser derrotado na segunda leitura do Projeto de Lei Conspiração para cometer assassinato, e ela mandou chamar Lorde Derby.

21 de fevereiro, 1858

PARA DERBY

A Rainha acabou de receber a carta de Lorde Derby e gostaria de vê-lo às seis horas da noite de hoje de qualquer forma para ouvir os progressos que ele teve em seus planos. Os dois ministérios com os quais a Rainha está mais apreensiva e que não devem ser prejudicados de forma alguma antes de ela ver Lorde Derby novamente são o das Relações Exteriores e o da Defesa (deveres dados ao Lorde Malmesbury e ao General Peel).

Derby não durou muito. E após a sua derrota na questão da Reforma, a Rainha, em seu esforço em manter Lorde Palmerston longe, cujas políticas pró-italianas e anti-austríacas ela deplorava como nunca, mandou chamar o mais ameno Lorde Granville

11 de junho, 1859

PARA PALMERSTON E RUSSELL

A Rainha manda estas linhas para Lorde Granville, a quem ela confiou o dever de formar uma administração na resignação de Lorde Derby. Ela o escolheu como Líder do Partido Liberal na Casa dos Lordes. Ela acha que é de grande importância que ambos Lorde Palmerston e Lorde John Russel devam emprestar seus serviços à Coroa e ao país nestas circunstâncias atuais e ansiosas e pensou, ao mesmo tempo, que eles possam fazê-lo de acordo com suas próprios vontades agindo sob terceiros.

12 de junho, 1859

PARA DERBY

A Rainha escreve para informar ao Lorde Derby que após uma tentativa sem sucesso da parte do Lorde Granville de formar um Governo englobando Lorde Palmerston e Lorde John Russell, ela agora encarrega Lorde Palmerston da tarefa, o que ela confia que se prove ter mais sucesso.

13 de junho, 1859

PARA GRANVILLE

A Rainha está bastante chocada de encontrar toda a sua conversa com Lorde Granville de ontem e do dia anterior no artigo principal do *Times* desta manhã. O que passa entre ela e um Ministro em seu próprio aposento em uma discussão confidencial deve ser sagrado, e deverá ser evidente para Lorde Granville que se não fosse assim, a Rainha seria impedida de tratar seus Ministros com aquela confiança sem reservas que pode render um possível entendimento completo; além disso, qualquer Ministro poderia dizer o que quisesse, contra isso a Rainha não teria nenhuma proteção, pois ela não poderia inserir contradições ou explicações nos jornais por si própria.

13 de junho, 1859

PARA PALMERSTON

A Rainha recebeu a carta de Lorde Palmerston de hoje. Ela lamenta não poder dar o seu consentimento à proposta dele em relação ao Senhor Bright²¹³. Conselheiros

²¹³ John Birght, cujos discursos, naquela época, eram inaceitáveis para a Rainha, foi, mais tarde, um convidado bem-vindo em Windsor como um de seus ministros favoritos.

particulares, às vezes, foram excepcionalmente feitos fora do ministério, ainda assim, isso tem sido uma recompensa, até mesmo em tais casos, por serviços prestados ao Estado. Seria impossível alegar qualquer serviço que o Senhor Bright tenha prestado e, se a honra for considerada uma recompensa pelos seus ataques sistemáticos às instituições do país, uma impressão muito errônea poderia ser produzida quanto aos sentimentos que a Rainha e o seu Governo detêm por essas instituições. Além disso, é bem problemático se tal honra conferida ao Senhor Bright iria, como sugerido, desampará-lo de sua linha política atual, ao passo que, se ele continuasse assim, ele somente teria obtido maior peso para o país apresentando suas ideias como se fosse um dos Conselheiros Particulares da Rainha.

10 de julho, 1859

PARA RUSSELL

A Rainha acabou de receber a carta de John Russell com o anexo que ela devolve e se apressa para dizer em resposta que ela não considera que o Imperador da França ou o seu Embaixador tenha motivo para pedir o apoio da Inglaterra às propostas que ele pensa em fazer para seus antagonistas amanhã. Ele declarou guerra na Áustria para arrancar dela seus dois reinos italianos, os quais lhe eram garantidos pelo tratado de 1815, do qual a Inglaterra fazia parte; a Inglaterra declarou a sua neutralidade na guerra. O Imperador teve sucesso na retirada de austríacos de um de seus reinos após diversas batalhas sangrentas. Ele queria a retirada dela do segundo por diplomacia, e a neutra Inglaterra deveria se juntar a ele com o suporte moral nessa tentativa.

A Rainha, tendo declarado sua neutralidade, à qual o Parlamento e as pessoas deram seu consenso unânime, se sente obrigada a fazê-lo. Ela acredita que Lorde John Russell e Lorde Palmerston não devam pedir-lhe para dar seu “suporte moral” a um dos beligerantes. Quanto a si própria, ela não vê nenhuma distinção entre o apoio moral e o geral; o apoio moral da Inglaterra é o apoio dela e ela deve estar preparada para acompanhá-lo.

A Rainha deseja que esta carta seja comunicada ao Gabinete.

24 de agosto, 1859

PARA A PRINCESA FREDERICK WILLIAM

O querido *Papa* teve um de seus ataques de estômago na segunda-feira, o que o fez parecer terrivelmente doente, mas ele permaneceu em campo (em Aldershot) debaixo daquele sol de rachar o tempo todo e disse que estava melhor para isso. No entanto, ele ainda não está bem. Ele está tão fraco e cansado e os nossos dois Mestres Italianos (Russell e Palmerston) quase nos deixam malucos. Eu realmente nunca vi duas pessoas tão obstinadas... Não usarei nenhuma expressão, pois não posso garantir qual será.

2 de setembro, 1859

PARA RUSSELL

A Rainha estava totalmente triste por descobrir na carta de ontem do Lorde John Russell que ele contempla a possibilidade de nos juntarmos à França em uma nova guerra italiana ou em uma demonstração de guerra contra a Áustria, o que a Rainha colocou totalmente fora de questão. Permitiu-se que o Imperador da França acreditasse em tal possibilidade, ele teria isso em seu poder para fazer acontecer ou teria uma causa justa para reclamar contra nós se o abandonássemos. Seria tão perigoso e injusto para com o Imperador enganá-lo neste aspecto como seria para a Rainha ocultar de Lorde John que, sob nenhuma pretensão, ela deixaria a sua posição de neutralidade na questão italiana, e isso infligiria sobre o seu país e sobre a Europa a calamidade de uma guerra sob esse pretexto.

7 de setembro, 1859

A Rainha está determinada em manter sua neutralidade nas intrigas, revoluções e guerras italianas. É verdade, diz Lorde John, “torna-se um grande poder como a Grã Bretanha preservar a paz na Europa, atirando seu grande peso na balança que tem a justiça de um lado”. Mas onde há justiça, admitem-se todas as variedades de opiniões.

10 de fevereiro, 1860

PARA PALMERSTON

A Rainha envia uma carta para Lorde Palmerston que ela recebera ontem à noite de Lorde John Russell²¹⁴. Ela é induzida a fazê-lo devido a um sentimento do Lorde Palmerston, como chefe do Governo, que ela deva olhar, quando tiver motivos para exceções para o tom das comunicações que ela pode receber dos membros do Gabinete dele. Lorde Palmerston não falhará para perceber que o anexo não é o tipo de comunicação que o Ministério das Relações Exteriores deve fazer quando pedido por sua Soberania para explicar as visões do Gabinete sobre uma questão tão importante e momentânea como o anexo de Saboia à França e os passos que eles propõe tomar em relação a isso. Ela não precisa lembrar a Lorde Palmerston que, em sua carta comunicada ao Gabinete, ela não deu nenhuma opinião que seja sobre a liberação da Itália de um controle estrangeiro, nem precisa protestar novamente contra uma insinuação secreta, como a que contém a carta de Lorde John, de que ela não deseja bem à humanidade e de que é indiferente à liberdade e felicidade. Mas ela deve se referir à posição constitucional de seus Ministros em relação a ela. Eles são responsáveis pelo conselho que eles deram a ela, mas são completamente comprometidos, respeitosa e abertamente, em colocar diante dela os motivos e razões em que os conselhos dele podem ser fundados para permitir-lhe julgar se ela pode dar consentimento àquele conselho ou não. O Governo deve ficar inativo se o Ministro cumprir com uma

²¹⁴ Esta carta continua ‘Lorde John Russell, infelizmente, não compartilha das mesmas opiniões de sua Majestade em relação à Itália e ele está indisposto a impor-se aos comentários de sua Majestade sobre suas visões... Quaisquer que sejam as consequências, a liberação do povo Italiano de um controle estrangeiro é, aos olhos de Lorde Palmerston e de Lorde John Russell, um aumento da liberdade e da felicidade que os que desejam bem à humanidade só podem regozijar’

demanda de explicação com uma resposta como a que se segue: “Fui pedido pelo Gabinete para dar uma resposta, mas eu não concordo com você, penso que é inútil explicar minhas visões.”

A Rainha comanda que respeito, que é necessário em um Ministro, seja dado a esta Soberana. Como A Rainha deve considerar a carta fechada como deficiente, ela acha que o Lorde John Russell possivelmente desejará pensar sobre ela de novo, e ela pede ao Lorde Palmerston para que a devolva a ele com essas considerações.

22 de junho, 1860

PARA A PRINCESA FREDERICK WILLIAM

Recebemos ontem os 2 Embaixadores Mouros e eles também vieram para o nosso Baile. Você ficaria encantada com as suas aparências. Eles são inteiramente embrulhados em seus albornozes – e nada poderia ser mais pitoresco. O primeiro, que não é alto – é bem bonito, o segundo – o porta-voz também é bonito – com uma pele e traços finos e uma barba branca. Eles se parecem muito com as pinturas de Horace Vernet e nos faz pensar no que os antigos patriarcas foram. Eu vou tirar suas fotografias.

10 de novembro, 1860

Estamos, de certa forma, chocados com o seu discurso “daqueles Ianques horríveis” – quando Bertie foi recebido nos Estados Unidos²¹⁵ como ninguém havia sido recebido em lugar algum, principalmente pelo gosto (para mim incrível) de que eles têm pelo meu indigno ser; As palavras do Duque de Newcastle foram ‘Nenhuma soberania ou príncipe de nenhum país ou em nenhuma época jamais recebeu tal aclamação’ e que a ordem e o bom comportamento durante todo o tempo foram maravilhosos. Ele e todos anteciparam os mais maravilhosos resultados dessa visita. Portanto, não abuse dos ‘Ianques’ pelos seus defeitos naturais- nessa ocasião ao menos; pois a recepção deles a Bertie foi algo tão maravilhoso e naturalmente tão inoportuno e inesperado.

12 de fevereiro, 1861

PARA RUSSELL

A Rainha recebeu a carta de Lorde John Russell com uma cópia da carta para o General Garibaldi, a qual ela agora devolve. Ela teve muita dúvida sobre se seria seguro para o Governo se corresponder, mesmo que em caráter extraoficial, com o general, e pensa que seria melhor para Lorde John não escrever para ele. Lorde Palmerston, que esteve aqui esta tarde em outros negócios, se empreendeu em explicar as razões em detalhes para Lorde John – com as quais ele totalmente concorda.

12 de fevereiro, 1861

²¹⁵ O Príncipe de Gales foi representar os seus pais no Canadá. Ele, depois, entrou nos Estados Unidos como um aluno particular.

A Rainha recebeu o pedido reiterado de Lorde John Russell por sua permissão para se corresponder com o General Garibaldi. Ela ainda mantém as mesmas objeções para com a atitude, tanto em implicando em um reconhecimento da posição do general como um Poder Europeu quanto em o possibilitando a permitir que a impressão prevaleça, de que ele esteja em comunicação com o Governo britânico e aja sob sua inspiração, possivelmente levando isso a uma correspondência prolongada e embaraçosa e implicando para o futuro que, quando a desaprovação do Governo não for manifestada (como na ocasião atual), o Governo consente com os planos agressivos dele. A Rainha não irá impedir, no entanto, Lorde John de dar um passo que ele considera que seja uma chance de evitar uma grande calamidade europeia. Assim, se Lorde John aderir à opinião dele, ela pede a ele que a deixe ver a carta novamente, sob o palavreado preciso do qual muita coisa depende.

11

‘ Dificuldades Frequentes’

1870-1878

12 de janeiro, 1870

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Eu mando a você ‘O Santo Cálice’ (de Tennyson), mas devo dizer – tão bonito quanto às passagens nele – ele está ainda mais sem clareza do que qualquer uma das escritas dele e me deixa bem perplexa.

9 de março, 1870

DIÁRIO

Eu vi o Senhor Helps (funcionário do Conselho Privado) esta noite, às seis e meia, que trouxe e apresentou o Senhor Dickens, o autor celebrado. Ele é bastante concorde, com uma voz e modos agradáveis. Ele falou de seus últimos trabalhos, da América, da estranheza das pessoas de lá, da divisão de classes na Inglaterra, o que ele esperava que melhorasse com o tempo. Ele tinha certeza de que isso viria gradualmente.

23 de março, 1870

O monumento de Henrique VII (na Abadia de Westminster) limpo recentemente foi o que eles (o Decano de Westminster e a Lady Augusta Stanley) particularmente queriam que eu visse, e está lindo, todo brilhante de ouro. Fui ao Deanery para o chá, onde, no último ano, reuniu algumas celebridades: Lady Eastlake (viúva do Sir Charles Eastlake e autora de *Letters from the Baltic*, alta, grande e bem ponderosa e pomposa; o Sr. Froude (o historiador), com olhos tênues, mas nada muito simpático; o Professor Owen (o zoologista), charmoso como nunca; Professor Tyndall (o físico) (não muito atraente), que tinha bastante coisas a dizer; Sir Henry Holland

(médico em comum com a Rainha), bem maravilhoso e inalterado; e o Sr. Leike (? Lecky, o historiador), jovem, agradável, mas muito tímido.

26 de março, 1870

Às onze, quando o mensageiro chegou, veio uma nota do Sir William Jenner com as terríveis notícias de que o General Grey teve uma convulsão pouco após as sete desta manhã e três ataques de convulsão desde então! Nós ficamos horrorizados, apesar de eu ter previsto algumas doenças iminentes, como também previa Sir William. Vi o Coronel Ponsonby e o enviei para a cidade imediatamente para investigar, também telegrafei o Sir William Jenner para me contar a verdade exata e para a pobre Senhorita Grey. Terrível! Eu não podia pensar mais em nada. Todos terrivelmente chocados.

1 de abril, 1870

Depois de conversar um pouco (com a Senhorita Grey na casa do General, no Palácio de St. James), ela me levou a um aposento onde o querido General jazia, parecendo tão pacífico, bem e inalterado, sem a palidez terrível que se tem depois da morte. Sua cama estava coberta de flores que ele adorava. Pobre querido General, eu não poderia pensar que eu não verei nunca mais o seu semblante neste mundo! Ele era o mais verdadeiro devoto e fiel e tinha um coração tão gentil.

Encontrei com Sir T. Biddulph (Chefe da família). Coronel (Henry) Ponsonby irá substituir nosso querido general (como o Secretário particular da Rainha), o que ele mesmo recomendou quando falou em aposentadoria.

9 de abril, 1870

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

O coronel Ponsonby é um Liberal muito decidido, mas ele nunca se misturou com a política – e é bem discreto, coisa que o nosso pobre querido General não era, devo admitir, apesar de parecer bem estranho a você.

14 de abril, 1870

DIÁRIO

13° aniversário da querida Beatrice. É bem triste para mim que ela esteja crescendo tão rápido e deixando de ser aquela pequena criança engajada, e que esteja tão longe do tempo quando ela era o precioso animalzinho de estimação de seu pai.

6 de junho, 1870

*Il ne faut pas disputer des goûts*²¹⁶, mas eu não gosto dele (Lorde Lorne, que era para casar com a Princesa Louise). Ele tem modos tão modernos e maneiras tão desagradáveis de falar, mas sei que ele é muito esperto e muito bom.

Em Julho de 1870, em seus esforços de completar a unificação da Alemanha com a Prússia, Bismarck, inteligentemente, fez com que a França declarasse guerra. A subsequente Guerra Franco-Prussiana causou um estresse intenso à Rainha.

16 de julho, 1870

PARA A PRINCESSA DA COROA DA PRÚSSIA

Amada criança, eu não consigo dizer quais são meus sentimentos de horror e indignação, ou quão assustadoramente iníquo penso desta declaração de guerra! Meu coração ferve e sangra com o pensamento de quanta miséria e sofrimentos serão causados por este ato de loucura!

20 de julho, 1870

Minha pobre querida criança, palavras são muito fracas para dizer o que sinto por você ou o que penso de meus vizinhos!!! Devemos ser neutros até quando pudermos, mas ninguém aqui esconde a sua opinião quanto à extrema iniquidade da guerra – e à conduta injustificada dos franceses. Ainda, mais publicamente não podemos dizer, mas os sentimentos das pessoas e do país aqui estão com você – mas não estavam antes. E preciso dizer o que sinto? Todo meu coração e minhas preces ardentes estão com a amada Alemanha! Diga isso ao Fritz – mas ele não deve repetir isso – que eu devo sofrer cruelmente por todos vocês – pensando no amado *Papa* também, que teria ido lutar se pudesse.

20 de julho, 1870

PARA GRANDVILLE

(A Rainha) está esgotada por escrever cartas, telegramas e a terrível ansiedade e pesar que essa horrível guerra trará. A Rainha quase não sabe como ela aguentará! A casa de seus filhos ameaçada, a vida de seus maridos em perigo e o país que ela mais ama ao lado do seu – como se fosse sua segunda casa, sendo a casa de seu amado marido, e ao qual ela e sua família estão ligadas pelos mais apertados nós – em perigos dos mais graves, insultados e atacados, e ela incapaz de ajudá-los ou ampará-los. Poderá existir uma posição mais cruel do que a da infeliz Rainha? Ela sabe qual é o seu dever e fará o que deve ser feito, mas ela sofre terrivelmente.

20 de julho, 1870

²¹⁶ Do francês: gosto não se discute (N.T.)

PARA A RAINHA AUGUSTA DA PRÚSSIA

O que posso dizer? Essa guerra horrível é vil e imperdoável! Que Deus proteja a nossa amada e querida Alemanha! Meu coração está, de fato, pesado e sangra por vocês! Nós fizemos todos os possíveis esforços para preservar a paz!

9 de agosto, 1870

DIÁRIO

Mais telegramas. As perdas dos desafortunados franceses parecem ser cada vez maiores, 12.000 mortos e feridos e 4.000 prisioneiros. Eles são bem desorganizados. Terrível emoção em Paris...

Vi Sr. Gladstone, que estava cheio dos eventos extraordinários que aconteceram. Talvez, disse ele, seja por uma melhora em toda Europa, pois, embora ele goste bastante dos franceses, ele achava que um Bonaparte no trono sempre teve um elemento de incerteza e perigo.

17 de agosto, 1870

Depois do almoço, houve reunião do Conselho, antes do qual encontrei com Lorde Granville. Falei dos retrocessos e derrotas dos franceses e das grandes vitórias dos prussianos. Tanto na diplomacia quanto na guerra, os franceses estavam acabados. Ele pensa que é principalmente devido a um Governo solto e sem princípios e a tudo ter se tornado tão corrupto.

17 de agosto, 1870

PARA A RAINHA AUGUSTA DA PRÚSSIA

Esse terrível derramamento de sangue é realmente horrível demais na Europa do século XIX. Com as armas de hoje, é realmente muito apavorante e, quando essa guerra estiver no final, deve haver alguma tentativa de achar meios de prevenir tais guerras de uma vez por todas. Do contrário, os povos se tornarão extintos!

22 de agosto, 1870

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

A posição dos franceses parece ficar pior a cada hora. Esse completo cair aos pedaços de seu império e seu muito famoso exército nunca foram vistos! Parece que é um julgamento dos céus! Tudo parece falhar! Odiosamente impertinente, insultante e presunçoso como os franceses sempre foram, não se pode evitar sentir por eles.

3 de setembro, 1870

DIÁRIO

Logo quando eu estava para sair, um telegrama chegou, o qual quase tirou meu fôlego! Todo o Exército de Macmahon abaixaram suas armas e se renderam (em Sedan), enquanto o Imperador se rendeu ao Rei da Prússia, que ia o ver imediatamente. Meu primeiro pensamento, entre outros, foi que isso poderia levar à paz!

5 de setembro, 1870

Ouvi que a multidão em Paris adentrou o Senado e proclamou a queda da dinastia, proclamando a República! Isso foi recebido com aclamação e a proclamação foi feita do Hôtel de Ville. Nenhuma voz foi levantada em favor do desafortunado Imperador! Quanta ingratidão!

12 de setembro, 1870

MEMORANDO

Os Franceses evidentemente querem a paz e estão em grande desejo dela, mas ainda parecem pensar que podem ditar os termos! Isso é loucura!...

Uma Alemanha poderosa não pode nunca ser perigosa para a Inglaterra, é justamente o contrário, e nosso grande objetivo, portanto, é tê-la de forma amigável e cordial.

12 de setembro, 1870

DIÁRIO

Minha mais querida e gentil amiga, a velha Lehzen, faleceu de forma bem calma e em paz no dia 9. Ela ficou de cama por dois anos por ter quebrado o quadril. Embora, mais tarde, a sua mente não ficara mais clara, ainda havia dias quando ela constantemente falava de mim, quem ela conhece desde os seis meses de idade. Ela devotou a sua vida a mim, dos meus cinco anos aos dezoito, com a mais maravilhosa auto abnegação, nunca ter tirado um dia de descanso! Depois que eu assumi o trono, ela se tornou bem difícil e mais ainda depois de meu casamento, mas sem qualquer má intenção, somente de uma ideia errônea de dever e afeição por mim. Ela foi uma governanta admirável, e eu a adorava; no entanto, eu também a temia.

13 de setembro, 1870

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Na Inglaterra eu posso assegurar-lhe que o sentimento é muito mais alemão do que francês, e a maior parte da imprensa está em seu favor. Todas as pessoas que refletem estão.

17 de setembro, 1870

Em uma de suas longas cartas anteriores, você disse que pensava agora em muitas coisas que o querido *Papa* havia dito – o que mostrou que tudo, afinal de contas, não foi totalmente inesperado na França!! O sistema de corrupção, imoralidade e *gaspillage*²¹⁷ foi terrível. Nada perturbava mais o querido *Papa* do que uma corte abjeta paga para o Imperador e a forma que fomos forçados a elogiá-lo e a entretê-lo, o que era uma política míope e que o mimava.

19 de setembro, 1870

PARA O REI DA PRÚSSIA

(traduzido do alemão)

A Rainha pergunta para o Rei da Prússia como amigo, pelos interesses da humanidade sofredora, se ele poderia moldar as suas demandas para que os Franceses pudessem aceitá-las. O Rei e seu Exército esplêndido e vitorioso estão tão superiores que a Rainha pensa que eles podem ser generosos na obtenção de seguranças necessárias para prevenir eventos ou ataques similares. O nome do Rei ficará ainda mais em destaque se ele declarar a paz agora.

1 de outubro, 1870

PARA GRANDVILLE

A Rainha está tão feliz de ver como Lorde Granville recusa firme e resolutamente a ser arrastado para a mediação e interferência, embora seja bem difícil evitar isso.

A Rainha sente muito forte o perigo que é para esse país dar conselhos que não ajudarão um partido e podem acabar tornando o outro partido muito poderoso, já bem irritado conosco (injustamente), em um inimigo inveterado da Inglaterra, o que seria bem perigoso e sério.

3 de outubro, 1870

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Devo agora lhe dizer que mudei a minha opinião em relação ao Lorde Lorne (no dia 9 seria Duque de Argyll) desde que passei a conhecê-lo (ele está aqui desde quinta-feira) e eu o acho bem agradável, amável e esperto – a sua voz sendo um pouco contra ele. E ele é, na verdade, bem bonito (ele casou-se com a Princesa Louise em 1871).

17 de novembro, 1870

PARA A RAINHA AUGUSTA DA PRÚSSIA

O sentimento sem razão e injusto da Alemanha contra a Inglaterra está começando a criar grande indignação aqui, especialmente pela primeira vez, com

²¹⁷ Do francês: gastar excessivamente. (N.T.)

exceção de alguns das classes mais altas que gostam de ir para Paris, todos os simpatizantes estavam com a Alemanha e porque as pessoas fizeram muito pelos feridos. Escrevo-lhe isso bem francamente, pois considero o perigo grande e sério que as 2 grandes nações possam se tornar bastante irritadas uma com a outra até que seja impossível voltar as coisas ao normal e que se permita que os sentimentos de hostilidade aumentem. Por favor, alerte o querido Rei e Fritz e todos.

30 de novembro, 1870

DIÁRIO

Chata, rústica e fria. Às quinze para as onze, fomos...para Chislehurst, em Kent, onde a pobre Imperatriz Eugénie está.

Na porta, (de Camden) estava parada a pobre Eugénie, de preto, o Príncipe Imperial e, um pouco atrás, as Senhoras e os Senhores. A Imperatriz me levou imediatamente a um tipo de corredor ou vestíbulo e uma ante-sala e para uma sala de estar com uma janela em formato de arco. Tudo era como uma casa francesa e havia muitas coisas bonitas. A Imperatriz e o Príncipe Imperial entraram sozinhos e ela pediu para que eu me sentasse ao seu lado no sofá. Ela parece bem magra e pálida, mas ainda muito bonita. Existe uma expressão de profunda tristeza em seu rosto e ela frequentemente tinha lágrimas nos olhos. Ela estava vestida da forma mais modesta possível, sem qualquer joia ou adereço, e o seu cabelo estava arrumado de maneira simples, em uma rede, atrás da cabeça. Ela demonstrou grande tato ao evitar que tudo parecesse estranho e perguntou de Vicky e Alice, perguntou se havia tido notícias, dizendo *“Oh! Si seulement l'on pouvait avoir la paix”*²¹⁸. Então ela contou o tanto que aconteceu desde que nos encontramos em Paris e que ela não conseguia esquecer as terríveis impressões de sua partida de lá... Na noite anterior, ela havia se deitado vestida em sua cama. A travessia havia sido temível. Depois, ela falou sobre outras coisas. O Príncipe Imperial é um menininho gentil, mas um pouco baixo e atarracado.

31 de dezembro, 1870

Terminei este horroroso ano de conflito sangrento com um humor nada comemorativo. É sempre triste para mim ficar cada vez mais longe do tempo em que meu amado marido esteve sempre comigo e pensar nessa terrível guerra, de fato, pode não ter havido nenhuma pior, ou nas tantas vidas perdidas... é um grande peso em nossos corações e mentes.

14 de janeiro, 1871

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

O bombardeio (em Paris) é algo triste e não posso dizer como rezo para o fim desse massacre horrendo, o que parece Ai! Tão inútil, pois o sentimento da Inglaterra está se tornando tristemente hostil para com a Alemanha. Tudo será feito para acalmar isso e dizem que o Parlamento agirá bem em relação a isso, embora as coisas a serem ditas sejam dolorosas e possam ter um efeito ruim. O fato é que as pessoas gostam tanto

²¹⁸ Do francês: Se somente pudéssemos ter paz. (N.T.)

de Paris – estão tão acostumadas a ir lá, que a ameaça de isso ser arruinado os tornam furiosos e irracionais.

18 de janeiro, 1871

PARA A RAINHA AUGUSTA DA PRÚSSIA (cujo marido foi proclamado Imperador da Alemanha naquele dia)

Odeio ter de lhe falar sobre o crescente sentimento ruim nesse país em relação à Alemanha, e em particular contra a Prússia, e como isso me deixa triste.

1 de fevereiro, 1871

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Que Deus seja verdadeira e realmente louvado por essa capitulação abençoada e armistício que irá logo dissipar o sentimentalismo aqui. Isso aconteceu tão de repente, mas as pessoas infelizes devem estar em um estado terrível.

4 de fevereiro, 1871

Os termos criaram um mau sentimento aqui (os franceses foram obrigados a pagar £ 200.000.000 em quinze dias; e eles concordaram em fazê-lo). Mas devo pensar que eles serão abatidos – a qualquer taxa, o dinheiro será parcelado, pois seria impossível para os infelizes franceses pagarem.

10 de fevereiro, 1871

Fico feliz em ver que você se sente mais orgulhosa do que tudo de ser uma mulher inglesa e ainda mais uma Briton, pois você pode estar mais orgulhosa do sangue escocês em suas veias como qualquer outro. Em umas das últimas caminhadas que fiz com o querido *Papa*, ele me disse que “a Inglaterra não sabe o que ela deve à Escócia”. Ela é a joia mais rara em minha coroa – energia, coragem, valor, perseverança, determinação e respeito próprio inigualáveis.

1 de março, 1871

Os preliminares da paz estão declarados, mas são bem rígidos. Já era de se esperar isso e temo que eles possam não ser aceitos. Essa marcha por Paris alarma muito a todos nós. Se pelo menos nada de ruim acontecesse. O sentimento aqui em relação à Prússia é o mais amargo possível. É uma grande tristeza para mim – e não posso fazer nada!... ver a inimizade crescendo entre duas nações – a qual, posso dizer, começou primeiro com a Prússia e era a mais injusta e foi fomentada e encorajada por Bismarck – é uma grande dor e ansiedade para mim – e eu não posso me separar ou me permitir ser separada de meu próprio povo. Pois longe de mim! As pessoas, que eram bem alemãs até três meses atrás, agora são bem francesas! Eu lhe digo isso com o coração pesado, mas essa é a verdade.

20 de março, 1871

PARA O IMPERADOR ALEMÃO

De coração, espero que nossos dois países se aproximem um do outro e que aquele mau humor passageiro que surgiu de mal entendidos e julgamentos errôneos de ambos os lados desapareça!

27 de março, 1871

DIÁRIO

Um pouco antes das três, desci com nossas crianças e Senhoras e Senhores para receber o Imperador Napoleão (no Castelo de Windsor). Fui à porta com Louise e adotei o “*comme de rigor*”²¹⁹ do Imperador. Foi um evento movimentado, em pensar que da última vez que ele veio aqui, em 55, em triunfo perfeito, o querido Albert o trazendo de Dover, todo o país estava bravo em recebê-lo, e agora! Ele parecia bem depressivo e tinha lágrimas nos olhos, mas se controlou e disse: “*Il y a bien longtemps que je n’ai vu votre Majesté*”²²⁰. Ele me levou para o andar de cima e fomos para a sala de audiência. Ele ficou bem robusto e grisalho e o seu bigode não está mais encaracolado ou encerado como antes, mas ele tinha o mesmo modo agradável, gentil e gracioso. Meus filhos entraram conosco. O Imperador falou imediatamente do estado terrível e desgraçado da França e como tudo que aconteceu nos últimos meses diminuiu muito a imagem francesa.

29 de março, 1871

Um pouco após as doze, começou com nove carruagens fechadas (a minha com um par de cremes) para o Salão Real Alberto, para a sua abertura... Multidão imensa e muito leal do lado de fora. Bertie nos recebeu na porta e, então, andamos para o centro do Salão lotado (8.000 pessoas estavam lá), o que me fez ficar um pouco tonta. Bertie fez o discurso do estrado, para o qual fomos conduzidos muito bem, e eu o entreguei a resposta dizendo: “ao entregar-lhe esta resposta, desejo expressar minha grande admiração por esse belo Salão e meus sinceros desejos por seu completo sucesso.” Isso foi fortemente aplaudido. O Hino Nacional foi cantado e depois Bertie declarou o Salão aberto. O bom Sr. Cole (Henry Cole, Presidente da Sociedade das Artes, que havia trabalhado pelo sucesso da Grande Exposição de 1851) estava chorando de emoção e deleite. Deve-se esse sucesso ao Coronel Scott dos Engenheiros, quem construiu o Salão. Então, subimos ao meu camarote, o qual não se encontra bem ao centro, e assistimos a cantata de Costa, que é muito boa. Eu nunca havia estado com uma função tão grande desde a época do meu amado Albert, e isso é naturalmente difícil e *émotionnant*²²¹ para mim. Pensei no pobre e querido General Grey, que havia estado tão estusiasmado e ansioso para esse empreendimento, mas não pôde ver o edifício completo!

8 de abril, 1871

²¹⁹ Do francês: a rigor. (N.T.)

²²⁰ DO francês: há tempos que não lhe vejo, Vossa Majestade. (N.T.)

²²¹ Do francês: emocionante. (N.T.)

Ainda notícias terríveis de Paris. A Comuna tem tudo da forma que quer e eles continuam como nos dias da velha Revolução do século passado, embora eles ainda não tenham cometido todos os mesmos horrores. No entanto, eles jogaram padres em prisões, etc. Eles queimaram a guilhotina e atiraram nas pessoas. Estou tão feliz por ter visto Paris mais uma vez, apesar de não dever me importar em fazê-lo novamente.

23 de abril, 1871

PARA GLADSTONE

Quanto ao Orçamento, é difícil não considerar duvidosa a sabedoria dos impostos propostos nos fósforos, o que é um imposto direto e irá ser sentido imediatamente por todas as classes às quais os fósforos se tornaram uma necessidade na vida. O seus preços crescentes provavelmente não farão nenhuma diferença no consumo dos ricos; mas as classes mais pobres ficarão constantemente irritadas com o aumento dessa despesa e se lembrarão do imposto por causa do selo do Governo na caixa.

Acima de tudo, parece certo que o imposto afetará seriamente a produção e a venda de fósforos, o que dizem ser o único meio de apoio a um grande número das pessoas mais pobres e das crianças pequenas, especialmente em Londres, para que esse imposto, que é para pressionar a todos igualmente, seja, na verdade, sentido de forma severa só pelos pobres, o que seria muito errado e apolítico no presente momento.

A Rainha acredita que o Governo irá reconsiderar essa proposta e tentará e substituirá algum outro que não fará pressão sobre os pobres²²².

27 de maio, 1871

DIÁRIO

As mais terríveis notícias de Paris. O infeliz Arcebispo, outro Bispo, um padre, e sessenta e quatro outros prisioneiros receberam tiros desses horríveis Comunistas antes que a prisão pudesse ser tomada.

31 de julho, 1871

Um dia muito bom. Café da manhã na tenda (em Osborne). Depois, encontramos com o bom Fritz e falamos com ele sobre a guerra. Ele é tão justo, gentil e bom e tem o horror mais intenso de Bismarck, diz que este é enérgico e esperto, sem dúvidas, mas é mau, sem princípios e todo poderoso; ele é, de fato, o Imperador, o que o pai de Fritz não gosta, mas ainda assim não consegue evitar... sentir que vivem em um vulcão e não ficar surpreso se Bismarck, algum dia, tentasse entrar em guerra contra a Inglaterra. Isso corrobora e justifica o que muitas pessoas disseram aqui.

²²² O Governo realmente reconsiderou a proposta e, após uma procissão de milhares de fabricantes pobres de fósforos para as Casas do Parlamento, o imposto foi retirado.

4 de setembro, 1871

À tarde, dei uma volta no banco do jardim (em Balmoral, onde a Rainha estava se sentindo muito mal com reumatismo na perna e abscessos em seu braço). Estava tão bom. Ao entrar, ouvi que o Sr. Lister havia chegado. O Sir. William Jenner lhe explicou tudo sobre meu braço, mas ele naturalmente disse que não podia fazer nada ou dar qualquer opinião até que fizesse um exame. Tive de esperar quase meia hora até que o Sr. Lister e o Dr. Marshall aparecessem! Em poucos minutos, ele havia verificado tudo e saiu novamente com os outros. Sir William Jenner retornou dizendo que o Sr. Lister acha que o inchaço deve ser cortado; ele poderia esperar vinte e quatro horas, mas seria melhor não. Senti-me terrivelmente nervosa, pois eu tinha muita dor. Devo receber clorofórmio, mas não muito, pois estou longe de estar bem, pelo contrário; então implorei para que a região estivesse congelada, o que foi aceito. Tudo foi arrumado e três médicos entraram. Sir William Jenner me deu algumas inaladas de clorofórmio, enquanto o Sr. Lister congelava o lugar e o Dr. Marshall segurava meu braço. O abscesso, que tinha pouco mais de 15 centímetros de diâmetro, foi cortado de forma bem rápida e eu quase não senti nada, exceto o último toque, quando me deram mais clorofórmio. Em um instante veio o alívio.

11 de setembro, 1871

Hoje estou muito desolada por um violento ataque de reumatismo ou até mesmo de gota reumática que se instalara em meu tornozelo esquerdo, me lesando completamente e me causando uma dor terrível.

18 de setembro, 1871

Meu pé está bastante inchado e eu quase não consigo dar um passo. Os médicos, depois de o examinarem, disseram ser uma gota reumática grave e que eu não deveria caminhar, de fato, eu não conseguiria. Quão estressante e desapontador! Fui levada para minha sala de estar, aonde Alice chegou para me ver, bem chocada e triste. Fui carregada para o andar de baixo e dei uma volta. Pelo resto do dia, permaneci em meu quarto. Aos poucos as agonias da dor voltaram e continuaram quase sem interrupção, o pé inchando tremendamente.

18 de outubro, 1871

A noite mais horrível de dor agonizante. Nenhum sedativo melhorou. Dormi apenas entre as cinco e as oito horas desta manhã. Senti-me muito exausta ao acordar, mas não tinha febre e a dor era muito menor. Enfaixaram meus pés e mãos. Minha completa impotência era um teste amargo, não sendo capaz de nem mesmo me alimentar... Não consegui comer quase nada o dia todo. Ditei meu Diário à Beatrice, o que tenho feito quase todos os dias ultimamente.

23 de outubro, 1871

Minhas mãos estão bem melhores. Consegui cantar, o que é uma grande coisa.

22 de novembro, 1871

Tomei café da manhã pela primeira vez novamente com meus filhos e senti que isso era um avanço e que estou retomando a vida normal.

17 de fevereiro, 1872

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Nosso Governo aqui não se dá muito bem. Eles forçaram a se tornar tão impopulares. Sr. Gladstone é um Ministro muito perigoso – e tão maravilhosamente antipático. Eu senti muito isso e encontrei seus próprios seguidores e colegas reclamando bastante também.

29 de fevereiro, 1872

DIÁRIO

Às quatro e meia, passamos em um Landau aberto e quatro com Arthur, Leopold e Jane C(hurchill), e os Cavalariços. Passamos pelos Parques Hyde e Regent, voltando pela Constitution Hill, quando na Entrada do Jardim uma coisa terrível aconteceu... É difícil para mim descrever, pois a minha impressão foi um grande susto e tudo estava terminado em um minuto. Como tudo aconteceu eu não sei. Os Cavalariços desmontaram, Brown saiu para descer os degraus e Jane C. estava saindo quando, de repente, alguém apareceu ao meu lado, quem eu imaginei ser um laçaiio indo levantar o envoltório. Então, notei que era alguém desconhecido, bisbilhotando sobre a porta da carruagem, com uma mão estendida e uma voz estranha, ao mesmo tempo em que os meninos deram voz de comando e prosseguiram. Involuntariamente, em um susto terrível, me joguei sobre Jane C., gritando “Salve-me” e ouvi uma briga e vozes! Logo me recompus o suficiente para levantar e me virar, quando vi Brown segurando um jovem com força e que estava se debatendo. Eles deitaram o homem no chão e Brown o segurou até que vários policiais chegassem. Todos viraram e perguntaram se eu estava ferida e eu disse “de forma alguma”. Então, Lorde Charles (FitzRoy), o General Hardinge e Arthur chegaram, dizendo que pensavam que o homem havia deixado cair algo. Nós olhamos, mas não achamos nada, quando Cannon, o postilhão²²³, gritou: “aqui está” e, olhando para baixo, então, eu vi brilhando no chão uma pequena pistola! Isso nos encheu de horror! Todos estavam brancos como a neve, Jane C. quase chorando e Leopold parecia que ia desmaiar.

É graças ao bom Brown e a sua maravilhosa presença de espírito que eu grandiosamente devo a minha segurança, pois ele sozinho viu o garoto correndo e o seguiu! Quando eu estava no Salão, o General Hardinge entrou trazendo um documento

²²³ Condutor da carruagem que distribuía correspondências. (N.T.)

extraordinário que esse garoto pretendia me fazer assinar! Estava unido aos prisioneiros Fenianos²²⁴!

1 de março, 1872

Fui até a Casa Marlborough, onde Alix e os pequenos me receberam e onde eu vi o querido Bertie, que ainda não podia andar, sofria bastante dor e não sabe se poderá viajar no dia 4, o que é bem cansativo. Ele designou o General Probyn como seu estribeiro, que é uma boa posição. Despedi do querido Bertie e Alix com grande pesar. Na volta, encontrei com o Sr. Gladstone, que estava terrivelmente chocado com o que (havia) acontecido e para quem eu recontei tudo.

8 de março, 1872

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Estou muitíssimo agradecida em ouvir que você está bem (A Princesa havia dado a luz a sua quarta filha, Margaret Beatrice Feodore). Nunca pensei que você se importava (tendo três de cada) se fosse menino ou menina; de fato, penso que muitos Príncipes são um grande azar – pois eles estão no caminho uns dos outros e de quase todos. Tenho certeza de que esse é o caso aqui – e querido *Papa* sentiu tanto isso que ele estava sempre falando em criar, se possível, um ou dois dos seus irmãos e eventuais netos (temo que exista a projeção de uma legião, mas com pouco dinheiro) nas colônias. Eu não desgosto de bebês, apesar de achar os mais novos um pouco nojentos, e me interesso pelos dos meus filhos quando têm dois ou três e pelos das pessoas que são queridas para mim e de quem gosto – mas quando chegam à idade de três anos, tornam-se causa de mera ansiedade para meus próprios filhos e não são muito interessantes.

5 de junho, 1872

Deu-me muita satisfação receber a sua querida carta, e ela me mostrou que você consegue compreender o que digo sobre as relações entre pais e crianças. Quanto mais alta a posição, mais difícil fica. – E para uma mulher sozinha ser a chefe de uma grande família e, ao mesmo tempo, reinar uma Soberania é, posso assegurar, quase mais do que a força humana pode suportar. Asseguro a você que me sinto desanimada. Gostaria de me aposentar de forma tranquila em uma casa de campo nas montanhas e descansar e ver quase ninguém. Enquanto a minha saúde e forças aguentarem – continuarei – mas, geralmente, temo que não poderei mais por muitos anos (se eu viver). Se nosso querido Bertie fosse pelo menos bom para me substituir! Ai! Ai! Sinto-me ansiosa pelo futuro... e todos também.

26 de junho, 1872

²²⁴ Participantes do movimento pró-separação da Irlanda. (N.T.)

Entro neste importante assunto da posição das classes trabalhadoras. Você sabe que tenho grandes sentimentos sobre esse assunto. Acho a conduta das classes mais altas de hoje em dia bem alarmantes – pois se trata de entretenimento e frivolidade da manhã até a noite – o que gera egoísmo e existe uma tolerância a todos os tipos de vícios com impunidade. Enquanto os mais pobres e as classes trabalhadoras que têm muito menos educação e são muito mais expostos – são mais abusados pela décima parte menos má do que pelos seus melhores atos, sem a menor culpa. A tão chamada imoralidade das classes mais baixas não é para ser denominada no mesmo dia com a das altas e a das mais altas. Isso é algo que faz meu sangue ferver e eles pagarão por isso.

4 de julho, 1872

DIÁRIO

Houve música na Sala de Estar Vermelha, para a qual vieram meus três filhos, Lenchen e as senhoritas e alguns cavaleiros. Adelina Patti, a famosa *prima donna*²²⁵, agora a favorita pelos últimos seis anos...fiquei encantada com Patti, que tem uma voz muito doce e possui uma facilidade e execução maravilhosas. Ela canta muito calmamente e tem um toque delicado de moça.

3 de setembro, 1872

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Na sua querida carta você fala do amado *Papa* e a da perda irreparável dele e de quão poucos, se alguém, foram como ele. Mas sinto e vejo que se ele tivesse vivido, ele teria sofrido cruelmente de muitas coisas inevitáveis que aconteceram e que ele nunca aprovaria... O estilo de vida de seus irmãos mais velhos que ele não poderia evitar o chocaria e o deixaria nervoso. Ele previu isso e ficava frequentemente bem depressivo ao falar disso comigo e é o que me deixa triste com frequência quando vejo as coisas acontecendo exatamente ao contrario do que ele desejaria – mas que não podem ser evitadas. Às vezes, digo “graças a Deus! Ele foi poupado disso”; carrego o fardo sozinho e me submeto a que não posso evitar, fazendo tudo que posso para evitar algum dano sério. Ele não aguentaria.

9 de setembro, 1872

Encontrei esta noite com um Sr. Stanley, que descobriu Livingstone, um homem determinado e pequeno – com um forte sotaque americano.

23 de setembro, 1872

DIÁRIO

²²⁵ Expressão usada para caracterizar a principal voz feminina de uma ópera. (N.T.)

Posso escrever? Minha única e querida irmã, meu querido excelente e nobre Feodore não o é mais!... Este era para ser e ainda é um dia de alegria para todas as pessoas boas de Balmoral devido ao primeiro retorno do querido Bertie após a sua doença. E eu estou aqui em pesar e tristeza, incapaz de me juntar nas boas-vindas. Que a vontade de Deus seja feita, mas a perda é, para mim, muito terrível! Eu estou tão sozinha agora, sem ninguém querido da minha idade por perto, ou mais velho, quem eu possa admirar, ainda vivo! Todos, todos se foram! Ela era a minha única parente próxima na minha situação, a última ligação com a minha infância e juventude. Minhas queridas crianças, tão gentis e afeiçoadas, mas ninguém pode realmente me ajudar.

22 de outubro, 1872

PARA GLADSTONE

Um tópico que demanda a maior atenção do Governo é a insegurança alarmante e crescente das estradas. A Rainha falou e escreveu repetidamente sobre isso, mas ela pensa que nada foi feito ainda pelo Governo que tende a remediar esse assunto alarmante. A legislação é aplicada a todos os tópicos possíveis, mas aquele tão importante quanto a Educação, isto é, a segurança da vida humana, parece ser muito menos lembrado do que qualquer outro. Em nenhum país, exceto o nosso, existem tantos acidentes horríveis e, para as pessoas pobres que precisam viajar constantemente de trem e que não podem nem sequer comparar com a segurança daqueles que viajam nas carruagens de primeira classe, estar com a vida em perigo perpétuo é monstruoso. Independentemente disso, a família da própria Rainha, sem falar em seus servos e visitantes, está em perigo perpétuo e todos são colocados na mais séria inconveniência pela inexatidão dos trens.

15 de dezembro, 1872

PARA DISRAELI

A Rainha sabe bem que o Sr. Disraeli não considerará a expressão de sua simpatia de coração como uma intrusão neste primeiro momento de desolação e esmagadora tristeza (na morte de sua esposa naquele dia) e, assim, ela tenta de uma vez expressar o que sente. A Rainha sabia, admirava e apreciava a devoção e afeição sem limites que o uniu a sua parceira de sua vida, cujos pensamentos eram somente ele.

15 de dezembro, 1872

DIÁRIO

Um dia escuro e com muita neblina. Às dez e quinze, deixei Windsor para ir para Chislehurst (para simpatizar com a Imperatriz Eugénie na morte do Imperador), no Sudoeste. Passamos por Londres, que estava cercada de uma neblina densa e amarela... dirigimos para a Camden House, onde, na porta, ao invés de seu pobre pai que sempre me recebeu tão carinhosamente, estava o Príncipe Imperial, que parecia muito pálido e triste. Alguns passos adiante, na mais profunda tristeza e parecendo bem doente, bem

bonita, sendo a imagem da dor, estava a Imperatriz, que havia insistido em descer para me receber. Silenciosamente nos abraçamos e ela tomou meus braços nos seus, mas não conseguíamos falar pela emoção.

6 de março, 1872

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

O Príncipe Imperial veio para o almoço na terça-feira. Ele é um menino bom e muito querido – com modos tão charmosos – que me lembra muito do pai dele e é ainda parecido com ela também. Lágrimas vêm aos seus olhos toda vez que fala do Imperador. O seu nariz está ficando como o do Imperador, bem como o formato de sua cabeça e a cor de seus olhos – mas a forma de seus cílios e sobrancelhas e seu sorriso – daquele bem doce – puxaram os da Imperatriz. O seu cabelo é bem escuro.

2 de abril, 1873

Pedi à Lady Caledon (minha dama de companhia) par escrever a você sobre minha visita ao Parque do Povo ou Parque Vitória – o qual está além do Bethnal Green²²⁶ e tivemos de atravessar as piores e mais pobres partes de Londres – mas nada poderia ter sido melhor ou o entusiasmo maior. Não tínhamos escolta e tenho certeza de que havia tantas pessoas quanto no dia de ação de graças! ... Foi um dia esplêndido. Somente em poucos países se pode ter essa visão.

16 de abril, 1873

Meu amado neném (Princesa Beatrice) estava muito feliz (no seu 16º aniversário) – que realmente é meu orgulho – e quem realmente está muito comigo – embora não às noites, pois eu a considero tão jovem e criança quanto posso – e peço a Deus que a mantenha comigo enquanto eu viver, pois ela é a última que tenho e eu não poderia viver sem ela.

25 de maio, 1873

Dá-me muito prazer escutar você falar tão amavelmente do querido Bertie, pois ele merece. Ele é um irmão tão gentil e bom, um filho muito amado e verdadeiro amigo e tão gentil com todos os subordinados, motivo pelo qual ele é universalmente amado; pobre A. (Príncipe Alfredo) não é de forma alguma, nem com superiores, nem com subordinados.

No cumprimento de uma promessa feita a Gladstone, a Rainha concordou, no verão deste ano, em receber o Shah da Pérsia, pois sua amizade é muito importante nos negócios com o Oriente Médio.

²²⁶ Distrito ao leste de Londres (N.T.)

2 de junho, 1873

DIÁRIO

Senti-me nervosa e agitada no grande evento do dia, a visita do Shah. Todo movimento e agitação. Os tiros foram disparados e os sinos tocaram no meu Dia da Ascensão e estes últimos também para o Shah. Os alabardeiros²²⁷ tomavam seus lugares, escudeiros andando em traje completo, etc. Arthur chegou, multidões apareceram perto dos portões, a Guarda de Honra e a Banda marcharam para o Quadrilátero e, então, coloquei um vestido matinal com grandes pérolas e a Ordem da Jarreteira, Ordem da *Victoria* e *Albert*, etc. Eu estava muito surpresa de não ver nenhuma tropa alinhada na colina, como foi feito quando o Sultão veio aqui (para Windsor). Enviados para o Coronel Ponsonby, que não podia entender, pois sabia que a ordem havia sido dada. Ele se apressou para dar algumas direções, esperando que eles ficassem parados, e algum imprevisto aconteceu exatamente quando soubemos que o Shah havia chegado à estação. Arthur e Leopold foram se encontrar com ele e Lenchen, Louise, Beatrice e Christian estavam comigo em meu aposento, assistindo à aproximação gradual, anunciada com aplausos.

A carruagem estava bem próxima, seguida por outras onze!! E nós nos apressamos. Os grandes Funcionários do Estado, as senhoras e os cavalheiros, Lorde Granville, etc., todos foram antes de nós. A banda tocou a nova Marcha Persa e, em outro momento, a carruagem chegou à porta. O Grão-vizir, que, com meus filhos, estava na mesma carruagem que o Shah, saiu primeiro e, então, o Shah. Dei um passo à frente e lhe dei a mão. Então, peguei seu braço e subi lentamente as escadas e atravessei o corredor, e o Grão-vizir logo atrás, e o Príncipe e a Princesa, incluindo todos os persas, as senhoras e etc., seguindo-nos até a Sala Branca. O Shah é relativamente alto e não é gordo, tem boas feições e é muito animado. Ele usava um sobretudo liso (uma túnica) com uma comprida saia coberta de finas joias, rubis enormes como botões e ornamentos de diamante, o cinto da espada e ombreiras feitos totalmente de diamantes, com uma esmeralda enorme no centro de cada um deles. O punho e a bainha da espada eram ricamente ornamentados com joias e, no alto de um casaco preto de astracã, um penacho de diamantes. Fiz várias perguntas através do Grão-vizir, mas o Shah entende francês perfeitamente e fala frases curtas e soltas.

Nós entramos na Sala Branca... pedi-lhe que se sentasse e foi o que fizemos nas duas cadeiras no meio da sala (isso pareceu muito absurdo e me senti constrangida), minhas filhas sentadas no sofá. O Lorde Granville me entregou a Insígnia da Estrela e da Jarreteira de diamante e, com o auxílio de Arthur e Leopold, eu a coloquei nos ombros do Shah. Ele, então, pegou minha mão e a encostou em seus lábios, e eu o saudei.

Então, abriram-se as portas para a Sala Verde, onde todos estavam reunidos e nós prosseguimos devagar para o almoço, o Shah me dando o braço. Almoçamos na Sala de Carvalho e vinte pessoas se sentaram. O Shah sentou-se à minha direita e o Grão-vizir à minha esquerda, Lenchen ao lado de Sarah, Louise ao lado do Grão-vizir, o

²²⁷ Guardas das Torres de Londres (N.T.)

Príncipe Abdul entre Lenchen e Beatrice e um dos tios velhos ao lado dela. A banda tocou durante o almoço e os tocadores das gaitas de fole durante a sobremesa, andando ao redor da mesa, o que pareceu agradar o Shah. Eu conversei bastante com o Grão-vizir e, através dele, com o Shah, mas também diretamente com este, em francês. Ele se interessa por tudo, falei da Vicky e de seus filhos e disse que ela estava bem; e que ele gostaria muito de visitar a Escócia e que mandou traduzir o meu livro para o persa e o lera. O Shah comeu frutas durante todo o almoço, servindo-se do prato que estava diante dele, e bebeu bastante água gelada.

3 de Julho, 1873

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Enquanto nós (o Shah e a Rainha próximo à partida dele) nos refrescávamos na Sala Branca (no Castelo Windsor) (somente frutas – água gelada e chá), ele falava muito bem de sua visita – seus mais sinceros desejos de que a aliança mais forte deveria ser mantida entre os dois países e que, daquele momento em diante, uma nova era deveria começar; que ele esperava que eu o mantivesse e seu país na memória e nunca os esquecesse, o que eu respondi que era recíproco de minha parte. Eu lhe dei um ramalhete e uma foto minha, a qual ele beijou (ouvi dizer) quando deixava a estação! Eu o acompanhei novamente ao andar de baixo e ele beijou minha mão!

11 de julho, 1873

DIÁRIO

Saí para o chá com Beatrice, junto aos pinheiros e as ervas-mate. Logo que saímos, um telegrama chegou e era de Affie...Ele disse o seguinte: ‘Marie (a Grã-duquesa, Marie Alexandrova, filha única do Czar Alexandre II) e eu noivamos esta manhã. Não consigo dizer como estou feliz. Espero que nos abençoe.’ Fiquei muito surpresa com a grande rapidez que o assunto foi decidido e anunciado... senti-me bastante perplexa. Sem conhecer Marie, e sabendo que poderiam existir muitas dificuldades, meus pensamentos e sentimentos estavam um pouco confusos, mas eu disse de coração ‘Deus os abençoe’ e espero e rezo para que isso faça Affie feliz.

16 de julho, 1873

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Affie e Marie parecem muito felizes e rezo para que ela continue assim, pois ela realmente parece ser uma moça doce que se casou para o total bem dele (!!) - penso – mas não se importe com isso. Ela me escreveu uma carta tão bonita em inglês, da qual lhe enviarei uma cópia outro dia. Dificuldades existirão, assim como atrasos e problemas, mas se ela é tão amigável e querida, muito será superado.

25 de julho, 1873

PARA GLASTONE

A Rainha está feliz em ver a família do próprio Bispo de Winchester recusar a proposta de a Abadia de Westminster ser seu último lugar de descanso, como se nada mais triste e doloroso existisse.

A Rainha acha que poderiam ser dadas graves objeções, pois, enquanto todos concordavam em achar o pobre Bispo Wilberforce o mais agradável, talentoso e eloquente, muitos tiveram sérias dúvidas quanto à sua conduta e à sua visão como um homem do clérigo, o que ela achava ser o seu próprio caso, outros o louvavam e o elevavam acima de sua capacidade. . E tais controvérsias teriam sido dolorosas.

26 de julho, 1873

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Não posso concordar inteiramente com as suas ideias religiosas por eu me sentir muito mais forte e profunda que você... Todo verdadeiro Protestante não sente os erros de uma religião supersticiosa – cheia de observações estranhas, repugnantes à toda simplicidade do ensino de nosso Salvador? Você realmente acha que a exclusão dos Católicos Romanos da possibilidade de se casarem com qualquer um de nossa família é meramente uma necessidade política? Se você ama seus filhos e, então, eles se casam, não é um peso terrível ser impossibilitado de falar com eles sobre assuntos religiosos, exceto com sentimentos completamente diferentes e não se simpatizar com eles? Se você não sente isso, temo que você não possa se sentir realmente profunda e sincera com relação a esses tópicos. Então você diz que devemos ser bem tolerantes; eu certamente jamais perseguiria outros por suas religiões e sempre os respeitaria, mas nós Protestantes não somos agressivos e quando eu era uma criança, nossa Igreja não estava em perigo devido às alarmantes inovações cujas natureza e formas extremamente Católicas infelizmente a expuseram e são bem alarmantes. Na Alemanha, você não pode se dar ao luxo de não temer a terrível Alta Igreja e as tentativas e movimentos ritualísticos – que estão simplesmente imitando as formas Católicas e sabotando o Protestantismo, porque sua Igreja é verdadeiramente Protestante e todas as formas Católicas são eliminadas. Mas aqui, flores, cruces, vestimentas, tudo significa algo muito perigoso! Graças a Deus a Igreja Escocesa é uma fortaleza para o Protestantismo, a mais preciosa nestes reinos...

Acho que eu realmente deveria dar meus sentimentos a você por nenhum neném estar por vir. Que azar quando se tem somente sete filhos – e só três meninos!! Será que a mamãe é muito danada?

2 de agosto, 1873

Affie parece estar muito satisfeito até agora (com a Grã Duquesa Marie da Rússia) - mas não vejo melhoras nele ainda - pelo contrário. Existe o mesmo jeito descortês e reservado que faz dele bem pouco adorado.

3 de setembro, 1873

É estranho que você sonhe tão constantemente com o querido *Papa*, enquanto eu sonho tão raramente – e sonho muito mais com a querida avó, como se eu morasse com ela. Veja bem, sua vida não mudou muito, ao passo que a minha mudou completamente. A vida de casada acabou por completo e suponho que seja por isso que me sinto como se morasse com ela novamente.

14 de setembro, 1873

Espero que o frio em São Petersburgo (onde o Príncipe Alfred se casará) não seja muito para você. Sinto por não estar presente pela primeira vez no casamento de um de nossos filhos, mas, ao mesmo tempo, desgosto bastante de presenciar casamentos hoje em dia e os considero tristes e dolorosos, especialmente o de uma filha.

1 de outubro, 1873

DIÁRIO

Após o almoço, ouvi que o grande artista e querido amigo (*Sir Edwin Landseer*²²⁸) havia morrido em paz às onze. Uma libertação misericordiosa, pois, pelos últimos três anos, ele esteve em um estado bastante angustiante, meio fora de si, e ainda não totalmente. A última vez que o vi foi em Chiswick, na festa no jardim de Bertie há dois anos, quando ele não estava muito bem para estar ali e parecia muito mal. Ele era um grande gênio em seus dias e um dos artistas ingleses mais populares. É estranho que ambos, ele e Winterhalter, nossos amigos pessoais e próximos por mais de trinta anos, se foram em um período de três a quatro meses entre as mortes. Eu não consigo entender isso por nada. Quantos incidentes ligados a Landseer eu lembro! Ele gentilmente me mostrou como desenhar cabeças de veados e como desenhar com giz, mas eu nunca consegui usá-los muito bem.

20 de outubro, 1873

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Sobre ela (Princesa Beatrice) aparecer em festas do estado; - como ela é a minha companhia constante e espero e confio que ela nunca me deixará enquanto eu viver, eu não acredito que ela deva jamais sair como suas irmãs (o que foi um erro), mas eu a deixo ver (exceto, claro, ir ao teatro de vez em quando) o tanto que ela puder comigo. Posso dizer de forma verdadeira e honesta que nunca vi uma criança tão amável, gentil e inteiramente satisfeita como ela. Ela tem o humor mais doce e imaginável e é bem útil e prestativa e generosa e amável com todos... Graças a Deus ela não é sensível e rancorosa, como muitos dos seus irmãos e irmãs. Isso aumentou com o pobre Lechen (em parte pela saúde, e em parte pelos mimos excessivos de Christian e pela ausência de

²²⁸ *Sir Edwin Henry Landseer* (1802- 1873) foi um [pintor](#) e [escultor inglês](#), bastante conhecido por suas pinturas animais. As obras mais conhecidas de Landseer são suas esculturas: os [leões](#) da [Trafalgar Square](#), em Londres. (N.T.)

todos os verdadeiros problemas e deveres) a um nível que fica muito difícil de conviver com ela. Mas peço que guarde isso como segredo e não diga nada a ninguém – pois me entristece ver isso e ver a frágil saúde que ela tem. Ela não fará nada para ficar melhor e diz que não se importa se está doente ou bem!!

13 de novembro, 1873

PARA O QUERIDO STANLEY

A Rainha agora está bastante ansiosa com a sufocante questão do estado da Igreja Inglesa; as suas tendências românicas que ela teme que estejam aumentando, suas relações com outras Igrejas Protestantes e a luta universal que começou entre a Igreja Católica Romana e os Governos Protestantes em geral... ela pensa que uma completa Reforma é o que queremos. Mas se isso é impossível, o Arcebispo deve receber poder do Parlamento para impedir essas práticas, vestimentas, referências Ritualísticas e etc., e tudo desse gênero e, acima de tudo, todas as tentativas de confissão... Sua mente está bastante ocupada com o estado da Igreja na Inglaterra e com a terrível quantidade de intolerância e autossuficiência e desprezo de todas as outras Igrejas Protestantes, das quais ela teve alguns exemplos incríveis outro dia. A Igreja Inglesa deve refletir sobre si e seus perigos do Papado, ao invés de tentar alargar a lacuna entre todas as Igrejas Protestantes e aumentar as pequenas diferenças da forma. A Igreja Inglesa deve abrir os braços para outras Igrejas Protestantes.

27 de dezembro, 1873

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Affie deixou a minha manhã de ontem e foi bastante penosa a partida e, penso que ele esteja bastante nervoso sobre a coisa toda – me refiro ao suplício que ele terá de passar! Escrevi a ele que eu esperava e rezava para que ele sentisse o passo solene e sério que ele daria, o tanto que orei para que ele fizesse a querida, amável e jovem moça – que está deixando tudo por ele – feliz e que ela somente deva ter o coração e amor dele – e que todos os velhos hábitos devem ser abandonados. Mas ele não respondeu nada! Ah se ele pelo menos desistisse dos velhos hábitos! Seria muito ruim se ele não o fizesse.

4 de janeiro, 1874

Se ele tivesse pelo menos princípio e mostrasse o coração. Ele pode ser tão duro – e tão ácido e indelicado ao falar dos outros e com os outros quando ele discorda e sempre sabe de tudo. Isso o faz um companheiro desagradável em uma casa e estou sempre na defesa e *gêne*²²⁹ quando ele está para o jantar. Alix sente o mesmo que eu.

Uma pena que seja (o casamento) no dia 23, pois essa é a data de morte do meu pobre pai.

²²⁹ Do francês: incomodada. (N.T.)

20 de janeiro, 1874

Oro para que seja fotografado por Bergamasco (o fotógrafo de São Petersburgo) que tirou todas essas adoráveis fotos de Marie. Oro para que peça que Alix também seja. Acho que Alix não arruma o cabelo de forma favorável agora. Muito alto e pontudo e fechado nas laterais para sua cabeça pequena. A moda atual com franja encaracolada na frente é horrível.

20 de janeiro, 1874

PARA GLADSTONE

O progresso dessas tendências românticas alarmantes se tornou tão sério ultimamente, o jovem clérigo parece tão contaminado com essas doutrinas totalmente antiprotestantes e tem vontade própria e são tão insolentes que a Rainha pensa ser absolutamente necessário apontar a importância de evitar qualquer nomeação e promoção na Igreja, o que não teve nenhuma tendência para esse lado.

A Rainha deve falar abertamente e, portanto, deseja dizer que ela pensa que é especialmente necessário da parte do Senhor Gladstone, que era para ter uma propensão às visões da Alta Igreja, mas cujo perigo de que ela tem certeza ele não pode deixar de reconhecer.

10 de fevereiro, 1874

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Temos uma maioria Conservadora e a mudança de ministério acontecerá em breve!! O Senhor Gladstone planejou alienar e assustar o país. Desde 46, com o grande, bom e sábio *Sir Robert Peel* – não existia uma maioria conservadora!! Isso mostra um estado saudável do país.

17 de fevereiro, 1874

MEMORANDO

Eu vi o Senhor Gladstone às quinze para as três hoje. Comecei dizendo que coisas extraordinárias ocorreram desde que eu o havia visto e como foram inesperados os resultados dessas eleições. Ele continuou dizendo que tinha chegado à decisão com seus colegas de apresentar a sua demissão a mim imediatamente...

Então, falamos das causas da grande derrota do Governo nas eleições... Eu poderia, claro, não lhe contar que isso era devido à sua grande impopularidade e à necessidade de confiança que as pessoas tinham nele. Ele disse que pensou que era a maior expressão de desaprovação pública de um Governo que ele pode ser lembrar, apesar de não achar justo. Ele, então, perguntou se eu aprovaria as diversas honras para com as pessoas ligadas ao Governo, as quais ele havia me enviado esta manhã. Eu disse que a minha única objeção a elas era o grande número, que ele, no entanto, disse que pensava não ser tão grande quando tomadas juntas. Após concordar em aprová-las e

discutir as reivindicações individuais, perguntei o que eu poderia fazer por ele e ele respondeu: ‘Ah! Nada.’

18 de fevereiro, 1874

DIÁRIO

O Senhor Disraeli chegou às 12 e meia. Ele expressou grande surpresa com o resultado das eleições. Ele havia pensado que poderia ter uma pequena maioria para eles – mas nada como isso fora previsto e nenhuma organização partidária poderia ter causado esse resultado com uma maioria de quase 64!!

20 de fevereiro, 1874

Eu encontrei com o Senhor Disraeli às quinze para as três hoje. Ele relatou o bom progresso... Ele se ajoelhou e beijou minhas mãos dizendo: ‘eu asseguro a minha lealdade à bondade da Senhora’!

O Senhor Gladstone veio às 6 e entregou seus selos. Ele estava bem sério e pouco propenso a falar.

24 de fevereiro, 1874

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Você fala dos Liberais como estando mais de acordo com as visões dos tempos atuais; - mas muitos Liberais lhe diriam que todos olhavam com medo e trêmulos para o “e agora?” Tudo estava sendo alterado e, em muitos casos, arruinado – e Lorde Palmerston estava relativamente certo quando me disse: “o Senhor Gladstone é um homem muito perigoso”. E tão arrogante, tirano e obstinado, sem nenhum conhecimento do mundo ou da natureza humana. *Papa* sentiu isso muito forte. E ele é um fanático por religião. Tudo isso e a muita vontade de *égard*²³⁰ os meus sentimentos (apesar de que desde que estive doente, isso era melhor) levaram-no a ser um Primeiro Ministro muito perigoso e insatisfatório. Ele era um líder ruim na Casa dos Comuns – também.

7 de março, 1874

DIÁRIO

Quase não pude acreditar que o dia tão esperado havia chegado (a chegada da Grã Duquesa Marie). Tudo era rebulição e animação. Sinos tocando, tropas chegando, bandas tocando, etc. Às onze e meia, nós saímos para a estação South-Western, todos os senhores vestidos a caráter. Decorei meu casaco com linha branca, e meu manto também, e revestido com arminho. A cidade (Windsor), que estava cercada por tropas, estava bem cheia e completamente enfeitada com bandeiras, flores, grinaldas e

²³⁰ Do francês: levar em consideração. (N.T.)

inscrições, algumas delas estavam em Russo. Havia um arco do triunfo muito bonito. Lenchen e Christian nos encontraram na estação. O trem chegou, Affie e Arthur saíram e, então, a querida Marie, quem eu peguei pelos braços e beijei diversas vezes. Eu estava bem nervosa e tremia bastante, pois, por muito tempo, eu fiquei na expectativa.

9 de março, 1874

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

E agora sobre Marie. Ela é querida e muito agradavelmente natural, impassível e civil; muito sensível e franca, mas impassível não muito (*exceto fraîcheur*²³¹) e de forma alguma graciosa. Primeiramente, em seu chapéu branco, eu a achei mais bonita do que esperava, mas sem ele – e desde então – eu a acho menos bonita mesmo do que eu esperava. O queixo é tão curto e vai para dentro da garganta, e o pescoço e a cintura são longos demais para o querido e pequeno rosto de criança, embora o busto seja bem bonito e, então, ela se porta e caminha mal. No entanto, ela está relativamente à vontade comigo e nós nos demos muito bem – e ela é muito sensata. Ela não está nem um pouco com medo de Affie e espero que ela tenha as melhores influências sobre ele.

2 de junho, 1874

Os queridos meninos de Bertie foram embora ontem; - eles são crianças queridas, inteligentes e inteiramente modestas, que nunca são permitidas a ser “grandes Príncipes” para que não haja um erro maior. Já é difícil impedir pequenos Príncipes de se tornarem mimados, uma vez que todos fazem o que eles querem.

10 de junho, 1874

PARA DISRAELI

(A Rainha) está bastante triste de ver a necessidade do sentimento Protestante no Gabinete (no assunto do Ato Regulamentar da Adoração Pública que procurou expurgar a Igreja Anglicana de práticas Romanas). A conduta do Senhor Gladstone é para ser bastante lamentada, embora não seja uma surpresa: mas ela escreveu a ele nos termos mais fortes do perigo à Igreja e da intenção do Arquiduque de trazer uma medida para tentar e regular as práticas vergonhosas dos Ritualistas.

Ele (Disraeli) deveria dizer ao Gabinete o tanto que a Rainha sente e como ela é fiel à fé Protestante, era para defender e manter que a família da Rainha foi colocada diante do Trono! Ela geralmente se pergunta o que aconteceu com os sentimentos Protestantes dos ingleses.

23 de setembro, 1874

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

²³¹ Do francês: frescuras (N.T.)

Affie e Marie nos deixaram na segunda-feira. Eu formei uma alta opinião sobre ela; o seu temperamento maravilhosamente balanceado e felizmente satisfeito – a sua disposição gentil e indulgente, livre de preconceitos e intolerância, e a sua mente séria e inteligente – tão totalmente livre de tudo que seja rápido - e tão cheia de ocupações e interesses em tudo a faz a mais agradável companhia. Todos devem adorá-la. Mas ninguém gosta dele! Temo que isso nunca melhorará.

20 de outubro, 1874

Na sua carta anterior, você disse que existia um excelente artigo sobre os supostos débitos de Bertie no *The Times*; agora penso que você deve ter ignorado as grandes mentiras que lá continham de natureza perigosa que diziam que as despesas de B. eram causadas por mim, o que é uma falsidade abominável.

25 de outubro, 1874

Tem um livro publicado²³² bastante indiscreto sobre o Senhor C. Greville (o tio da Duquesa de Richmond, antigo Bancário do Conselho). É total indiscrição do Senhor Reeve publicá-lo – e ele mostra uma tendência desagradável, má intencionada e desleal em relação aos meus dois tios sob cujos serviços ele se encontrava e cuja hospitalidade ele desfrutou. E estou mais indignada que eu deva ser elogiada à custa de meu pobre e predecessor tio que, embora não tenha sido dignificado ou muito esperto – era bem honesto – muito ansioso para fazer o que achava certo e quem era sempre gentil comigo. Mas, de várias formas, os relatos são cheios de verdades – e o sobre meu primeiro Conselho é perfeitamente exato.

26 de outubro, 1874

PARA O SENHOR THEODORE MARTIN

O que (o Senhor Martin) diz sobre a terrível indiscrição e gosto pavoroso do Senhor Reeve ao publicar o Diário obscuro do Senhor C. Greville sem eliminar o que é bastante ofensivo e mais desleal em relação aos Reinos que ele serviu e em relação aos Reinos e Príncipes cuja hospitalidade, e até mesmo intimidade, ele desfrutou?! E deixar os nomes completos quando as crianças e até mesmo parentes próximos daqueles que ele abusa estão vivos é ultrajante!

A Rainha espera e deseja que o Senhor Reeve irá e deverá saber o que ela pensa de tal conduta. É especialmente revoltante para ela, uma vez que ela é comparada com o seu tio predecessor, quem, apesar de indigno e peculiar e pouco inteligente, era muito honesto, extremamente consciente e ansioso com seus deveres e o mais gentil para com ela, apesar de nem sempre de maneira sensata. A Rainha está determinada a deixá-lo ciente, uma hora ou outra, do que ela pensa sobre seu caráter. De George IV ele fala

²³² Essa foi a primeira série da Greville's Memoirs, cobrindo os anos de 1818-1830, editado por Henry Reeve, que foi colega de Greville no Conselho Privado e escritor líder do *The Times*.

com uma linguagem tão chocante; linguagem que não caberia a nenhum cavalheiro usar sobre qualquer outro cavalheiro ou ser humano, menos ainda sobre seu Reino.

14 de janeiro, 1875

DIÁRIO

Encontrei com o Sr. Martin após ter tomado chá com Leopold. Ele está muito agradecido com o sucesso do bom *Life* (primeiro volume de *Life of the Prince Consort*²³³). A crítica da Senhorita Oliphant no *Blackwood* é extremamente boa. Ele falou sobre isso e de como ele está satisfeito com as cartas que recebera de meus filhos.

31 de janeiro, 1875

PARA GLADSTONE

A Rainha estava certa de que o Sr. Gladstone ficaria chocado com aquele livro horrível (Grenville's *Memoirs*) ao qual ele faz alusão. A revista *Life* de seu querido marido, tão pura e brilhante, apresenta um contraste favorável e útil a esta escandalosa publicação.

6 de Janeiro, 1875

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

O Imperador da Áustria foi gentil em me mandar uma boa cópia daquela linda foto da amável Imperatriz com o seu cabelo para baixo, tirada pelo inigualável e para sempre lamentado Winterhalter! Eu nunca vi uma foto mais adorável. Todos esses grandes artistas Angeli, Richter etc., não podem jogar a vida e a brandura e a animação em um retrato como pode o querido Winterhalter.

16 de abril, 1875

Você me pergunta se eu não aprovo a sua tentativa de armazenar seu conhecimento? De certa forma sim; - mas penso que quando alguém já viu tanto como você, isso não é necessário – não deve, principalmente, estender a cultura artística demais e não fazer disso uma meta importante na vida.

1 de junho, 1875

Posso imaginar que você lamenta a sua viagem agradável pela sua amada Itália – apesar de que, para mim, a sujeira, os insetos e a ausência de muitos confortos (não o luxo, que é a perdição dos dias atuais) destruiria todo o prazer! Você diz que as coisas agradáveis parecem terminar muito antes do que as desagradáveis. Realmente isso

²³³ Livro publicado por Theodor Martin em 1875 sobre a vida do Príncipe Albert. (N.T.)

parece acontecer com frequência, mas você não acha que é devido à ânsia pelo término destas últimas e vice e versa com as anteriores?

6 de maio, 1875

DIÁRIO

Encontrei com Disraeli e falei sobre os rumores bastante alarmantes da Alemanha em relação à guerra. Isso começou pela linguagem ofensiva e ditatorial à Bélgica, depois por relatos dos alemães dizendo que eles devem atacar os franceses, pois estes ameaçaram atacá-los, e que uma guerra vingativa era iminente, o que o aumento de seus armamentos comprovou. Eu disse que isso era intolerável, que a França não poderia guerrear por anos e que eu pensava que deveríamos, juntamente com outras Potências, ter a melhor linguagem para com ambas as Potências, declarando que eles não devem lutar, pois a Europa não aguentaria outra guerra! Na verdade, como o Sr. Disraeli disse, Bismarck está se tornando o primeiro Napoleão, contra quem toda a Europa teve de se aliar.

8 de junho, 1875

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Acabei de receber a sua querida e longa carta com o anexo que não tive tempo de ler apropriadamente, mas desejo somente responder àqueles pontos principais da sua carta, embora, claro, você saiba como são absurdas essas ideias e noções de Bismarck...

Ninguém deseja mais do que eu, como você sabe, que a Inglaterra e a Alemanha caminhem juntas, mas Bismarck é tão difícil, violento, ganancioso e sem princípios, que ninguém o suporta e todos concordaram que ele estava se tornando no primeiro Napoleão, contra quem toda a Europa teve de se unir para derrotar...

Quanto a alguém ser meu superior no sentido que Bismarck pensa, isso é tão absurdo. Eu não sou subordinada a ninguém e, apesar de ser bastante íntima com a querida Imperatriz, suas cartas quase nunca contêm qualquer alusão à política, certamente nada que poderia se voltar contra ela ou contra mim, e ela envia suas cartas ou por mensageiro ou por meios indiretos, como eu faço.

Você sabe o tanto que eu desgosto de cartas políticas e da política em geral e, assim, é bem improvável que eu escreva a ela sobre isso! E a Imperatriz Eugénie eu somente vejo uma ou duas vezes por ano e ela nunca me escreve!!

26 de junho, 1875

Como estão todos os seus cães? Eu sinto tanto pelos animais – coisinhas pobres, confidentes, leais e gentis e eu faço tudo o que posso para evitar a crueldade a eles, o que é um dos piores sinais da fraqueza humana!

14 de julho, 1875

Estou fazendo tudo o que posso para adicionar pessoas melhores e mais eminentes a essa lista (daqueles que irão acompanhar o Príncipe de Gales em sua visita à Índia) que mando para você, como prometido, mas a dificuldade é muito grande e temo que o querido B. tenha vários amigos estúpidos e *soi-disant*²³⁴ que colocam ideias de todos os tipos em sua cabeça. A coisa toda é cheia de dificuldades. Você diz que o café da manhã do Bertie deve ter sido encantador. Eu mesma penso que eles são terríveis e muito fatigantes, andando e ficando de pé e vendo rostos novos em todas as direções – mas não duram muito e agradam as pessoas, e o café acontece e é facilmente arranjado.

4 de agosto, 1875

(Bertie) está tão grande e crescido – e praticamente careca. A querida Alix está muito magra, mas parece bem e muito querida, como sempre.

31 de agosto, 1875

Deixe-me agora responder a sua querida pergunta sobre você vir me visitar em Novembro; você sabe o tanto que é querida para mim, o quanto é impossível que você sequer se torne uma estranha para mim e quão feliz eu encontraria você. Mas, neste inverno, temo que seja impossível. A querida Alix ficará aqui comigo por bastante tempo e acredito que os pais dela virão vê-la e ficarão com ela e viriam me ver – e isso impediria que eu a visse com calma. D.V. que no ano que vem isso poderia acontecer – e, além disso, poderíamos nos encontrar por um ou dois dias na primavera em Coburgo – se eu conseguir chegar lá – o que eu espero conseguir. Então, temo que nós não possamos pensar nisso este ano, o que me entristece em dizer, querida criança!²³⁵

7 de setembro, 1875

Você está errada em dizer que não é ‘bem vinda’; isso é uma expressão errada e eu lamento extremamente por ter de recusar sua vinda – mas este ano eu não posso evitar, como lhe disse – por razões que já lhe expliquei.

21 de outubro, 1875

DIÁRIO

Muita dor no pior dia de todos no funeral do pai de Brown (que morreu no dia 18 de Outubro, aos 86 anos) cuja triste cerimônia aconteceria hoje. A chuva cai sem parar – o nono dia! Totalmente incomum! Encontrei com o bom Brown momentos antes do café da manhã; ele estava para baixo e triste... Brown e seus quatro irmãos nos levaram à cozinha (da casa de seu pai), onde a pobre e querida Senhora Brown estava

²³⁴ Do francês: falso, suposto. (N.T.)

²³⁵ A Princesa da Coroa cresceu acostumada a receber tais respostas para suas propostas de visita à Inglaterra.

sentada perto da lareira e muito chateada, mas ainda calma e digna... O Sr. Campbell, o ministro de Crathie, na Escócia, ficou parado na passagem da porta, todos os outros estavam perto do lado de fora. Assim que ele começou a oração, a pobre velha e querida Senhora Brown se levantou, veio e ficou perto de mim – era possível escutar, mas não ver - e se encostou em uma cadeira nas passagens mais impressionantes que o Sr. Campbell orou de forma admirável. Quando tudo havia terminado, Brown lhe implorou para que se sentasse enquanto eles levavam o caixão, com os irmãos segurando-o. Todos saíram e seguiram, e nós também corremos para fora e só vimos o caixão ser colocado no carro funerário e, então, seguimos para um outeiro, enquanto víamos a triste procissão seguir seu curso tristemente... voltei para a casa e tentei acalmar e confortar a querida Senhora Brown e dei-lhe um broche da lamentação com um pouco de cabelo de seu marido, que havia sido cortado ontem, e darei um medalhão para cada um dos filhos.

Quando o caixão estava sendo levado, ela soluçou amargamente.

Nós tivemos uísque, água e queijo, de acordo com o costume universal das Terras Altas, e fomos embora, implorando para que a querida e velha senhora resistisse.

24 de novembro, 1875

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

O acidente do Capitão Montagu²³⁶ é sério. Sinto pena de quem já teve um acidente nos olhos – do contrario, eu não me sentiria tão triste se o grande O. tivesse uma boa lição e levasse uma chacoalhada – pois ele é um indivíduo odioso que frequentemente irrita B.

A minha foto de Angeli está pendurada na Sala de Carvalho e parece muito boa, somente temos de ajeitar as luzes para iluminá-la à noite – feia como a velha senhora que está para ser vista.

24 de novembro, 1875

DIÁRIO

Recebi uma caixa do Sr. Disraeli com notícias muito importantes de que o Governo adquiriu as partes do Vice-rei do Egito do Canal de Suez por quatro milhões, o que nos dá completa segurança para a Índia e também nos coloca em uma posição muito segura! Uma coisa imensa. Isso foi tudo feito pelo Sr. Disraeli. Somente três ou quatro dias atrás ouvi sobre a oferta e logo o apoiei e o encorajei quando, no momento, isso parecia duvidoso, e hoje, então, tudo foi arranjado de forma satisfatória.

29 de dezembro, 1875

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

²³⁶ Capitão o Honorável Oliver Montagu, um oficial da Cavalaria, que nutriu uma paixão romântica e idealística pela Princesa de Gales.

Muito obrigada pelas queridas cartas das amadas crianças, as da Charlotte e da Vicky estão muito bem escritas. A do Willy é um pouco peculiar em relação ao inglês, ao passo que a do Henry não o é – mas o que me deixa mais triste é a letra dos dois, que são bem ruins como a do tio, ao passo que a das meninas são boas. Preste atenção nisso com relação aos queridos meninos.

5 de janeiro, 1876

Você vai ver que à medida que as crianças crescem, como regra, elas são um desapontamento terrível – sendo seu grande objetivo fazer tudo o que seus pais não querem e tentaram ansiosamente evitar.

19 de janeiro, 1876

O mais extraordinário é notar que quanto mais cuidado é tomado de todas as formas, menos se obtém sucesso geralmente! E, frequentemente, quando as crianças são menos observadas e menos cuidadas – melhores eles ficam! Isso é inexplicável e bem irritante.

2 de fevereiro, 1876

Os progressos de Bertie (na Índia, como relatado em suas cartas chatas) perderam interesse e são bem desgastantes – uma vez que existe uma repetição constante de elefantes – armadilhas – joias – iluminações e fogos de artifício.

9 de fevereiro, 1876

Estou terrivelmente pressionada pelo tempo e só posso escrever bem depressa, mas devo só observar que é muito estranho e não é certo que você entenda minhas observações sobre me encontrar ou visitar sempre erroneamente. Você, penso, parece que não sabe, que penso que traz sempre quando vem – o que faz tudo mais difícil. Não digo isso para ofender, mas é a verdade. Ver vocês dois é sempre um prazer, mas você não sabe como estou cansada e fatigada, tomada pelo trabalho e como fico destruída e cansada tão facilmente, eu nunca vou para a cama antes de uma – e apesar de o grande desejo de ver todos aqueles que amo, eu tenho de ter tempo para descansar – não porque você esteja no meu caminho.

26 de fevereiro, 1876

DIÁRIO

Após o almoço, encontrei com o Sr. Disraeli, que falou sobre os Atos dos Títulos (os Atos dos Títulos Reais que, instigados pela Rainha, procuraram a dar a ela o título de Imperatriz da Índia) causando problemas e irritações, ele não conseguiu explicar. Falei dos sentimentos sobre as Colônias e o dei poder absoluto para adicionar qualquer

coisa ao título. Ele pensou que o plano dele de dar a dois de meus filhos os títulos de Duque do Canadá e Duque da Austrália seria uma boa maneira de resolver o problema e eu não vi nenhuma objeção se ele achava que isso seria útil. Ele ficou bastante satisfeito com o Debate do Canal de Suez indo muito bem.

14 de março, 1876

PARA THEODORE MARTIN

A Rainha está certa de que o Sr. Martin (apesar de ele não ter mencionado) está tão chocado quanto surpreso com a conduta da Oposição e com o tipo de agitação desgraçada causada devido a isso, a respeito do título adicional dela... A razão pela qual a Rainha agora escreve para o Sr. Martin é para perguntar se ele não pode inserir um pequeno parágrafo para este efeito em alguns papéis, só que escrito por ele mesmo: “Parece haver um grande mal-entendido da parte de algumas pessoas que está produzindo um efeito danoso; isto é, o de que deve haver uma alteração na denominação comum da Rainha e da Família Real. Agora, isso é totalmente falso. A Rainha sempre será chamada de ‘A Rainha’, e seus filhos de ‘sua Alteza Real’, e nenhuma diferença deve ser feita, exceto se oficialmente adicionado após Rainha da Grã-Bretanha, ‘Imperatriz da Índia’, o nome que é mais entendível no Leste, mas que a Grã-Bretanha (que é um Império) nunca reconheceu ser maior do que Rainha ou Rei.”

14 de março, 1876

DIÁRIO

Ouvi, ao levantar, que a segunda leitura do Ato dos Títulos passou por 105! – uma maioria imensa. Espera-se agora que nada mais estúpido será dito e que o assunto acabe. Eu não consigo entender como um rumor errôneo pode ter se espalhado e eu não me importei com ele; isso é realmente uma pena. Mas todas as pessoas sensatas sabem que esse Ato não fará nenhuma diferença aqui e que eu estou totalmente de acordo com ele, pois é importante para a Índia. Não existe nenhum sentimento contra isso no país, mas, a princípio, a imprensa entendeu tudo de outra forma.

26 de abril, 1876

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Eu sei que você tem muitas dificuldades – e que a sua posição não é fácil, mas a minha também é cheia de testes e dificuldades e de um trabalho esmagador – que exigem aquele descanso que não consigo ter. A família muito grande com suas famílias e interesses crescentes é uma dificuldade imensa e devo me sobrecarregar. Sem um marido e um pai, o trabalho de satisfazer a todos (o que é impossível) e de ser justa e honesta e gentil – e ainda ficar quieta de vez em quando é o que eu peço em demasia – é bem amedrontador. Você irá um dia ter de enfrentar isso, mas nunca como eu; pois você não será o Reino e peça a Deus para que sempre tenha seu querido marido para lhe guiar

e lhe ajudar. O querido Willy parece um menino querido, amável, bom e natural. Que ele permaneça assim! Eu sempre me interessarei da melhor forma por ele.

16 de maio, 1876

A chegada de Bertie (da Índia) e a recepção acalentadora que ele e eu encontramos, que foi bastante impactante e da qual eu lhe mandei um resumo no *Daily Telegraph*, pois o *The Times* não condescendeu em notar – foi uma prova da imensa lealdade do país, apesar das tentativas da Oposição (não de toda), de seus defensores bem radicais e da Imprensa de agitar e levantar o povo contra o Trono, no qual eles mesmos disseram que falharam inteiramente, e é muito marcante e muito gratificante. Quando eu apareci na janela – embora Bertie, Alix e os meninos estivessem somente passando de carro – toda a imensa multidão se virou e aplaudiu e acenou com seus lenços sem cessar.

18 de maio, 1876

Você fala somente do entusiasmo por Bertie! O para a sua própria *Mama* foi, eu pensei, muito maior.

No verão de 1876, o Daily News publicou uma história horrível sobre as atrocidades temíveis cometidas pelas tropas irregulares da Turquia em camponeses búlgaros, dos quais se acredita que 25.000 tenham sido assassinados. Predisposto a preferir os Turcos aos seus subjugados e encorajado pelo preconceito do Embaixador Turco-Inglês em Constantinopla, Disraeli tirou sarro das notícias; e até mesmo quando ficou claro que, enquanto os relatos do Daily News eram exagerados, uma chacina, de fato, aconteceu, ele continuou falando desdenhosamente de um “murmurinho do café” e a se referir às “atrocidades”, entre aspas, como se fossem ficções da imaginação de alguns jornalistas.

O país, em geral, teve uma visão diferente; Gladstone, ofendido pelos relatos e sentindo que o tempo havia chegado para emergir da sua aposentadoria prematura, deu voz a essa dissidência em seu panfleto famoso e altamente condenatório, Os Horrores Búlgaros e a Questão do Leste, que vendeu 200.000 cópias em um mês.

O palco foi montado agora para uma das discussões políticas mais amargas que já surgiu na Inglaterra. As pessoas variaram entre o lado dos Turcos e o lado dos Russos, protetores dos Eslavos e inimigos tradicionais dos Turcos, denunciando aqueles que se escondiam atrás das barricadas opositoras com a mais feroz animosidade. Para Disraeli, o panfleto de Gladstone, que denunciou a raça Turca como “a maior espécie anti-humana da humanidade”, foi desprezível “vingativo e mal-escrito”, “talvez o maior... de todos os horrores búlgaros”, o produto de um “maníaco sem princípios”. Para a Rainha, o seu autor, “aquele meio maluco”, era um “mal feitor e agitador” e a sua conduta “vergonhosa” e “a mais repreensível”. A Rainha também foi altamente crítica quanto ao que ela achou serem respostas fracas de

Lorde Derby, o Ministro das Relações Exteriores, Lorde Carnarvon, o Ministro das Colônias, e Lorde Salisbury, O Ministro da Índia.

23 de agosto, 1876

DIÁRIO

Mais notícias dos horrores cometidos pelos Turcos, que parecem ser cada vez mais verificados e estão causando uma animação e indignação terríveis na Inglaterra ou, de fato, na Grã-Bretanha. Constantes telegramas chegam e dão os relatos mais conflitantes. Espera-se uma mediação com ansiedade.

16 de setembro, 1876

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Por favor, me envie qual música está publicada para a nova ópera de Wagner²³⁷ – uma vez que eu admiro muito suas óperas. Serei muito grata se você a mandasse – pois Beatrice a tocara. *Lohengrin* é a nossa grande favorita, mas eu adoro Gounod²³⁸ também. O seu *Faust*, *Romeu e Julieta*, e *Mireille* e *Joana D’Arc* são tão amáveis.

28 de setembro, 1876

PARA DISRAELI, AGORA CONDE DE BEACONSFIELD

A Rainha entende o motivo de Lorde Beaconsfield de não expressar “horror” sobre as “atrocidades búlgaras”. Ela somente havia sugerido uma palavra de compaixão se a ocasião pedisse e ela agora deixa isso inteiramente no julgamento do Lorde Beaconsfield.

17 de outubro, 1876

MEMORANDO

As dificuldades a serem resolvidas são muito grandes. Por um lado, temos a Rússia que, sob o pretexto de desejar proteger os Cristãos nos principados, deseja obter a posse de parte da Turquia, senão de Constantinopla. Por outro lado, a Turquia está em grande dificuldade devido à sua população mulçumana, que tentará evitar a preferência do país em pressionar em favor dos Cristãos.

Parece-me que o grande foco em vista deve ser remover da Rússia o pretexto de ameaçar constantemente a paz da Europa nos assuntos orientais ou ocidentais. A única forma de fazer isso é livrar os principados das leis Turcas e uni-los sob um Príncipe independente, fazer dos principados unidos um Estado neutro. Nada menos do que isso

²³⁷ Wilhelm Richard Wagner (1813 — 1883) foi um maestro e compositor alemão, conhecido por suas [óperas](#). (N.T.)

²³⁸ Charles Gounod (1818 – 1893) foi um compositor [francês](#), conhecido por suas óperas religiosas. (N.T.)

irá, penso, jamais evitar a recorrência frequente de dificuldades e complicações alarmantes como as do presente.

7 de novembro, 1876

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Pense no meu horror quando Bertie, mesmo sem dizer uma palavra a mim, convidou o Príncipe de Orange (renomado pela sua dissipação) à Sandringham!! Ah, que contraste com a “vida nobre” (do Príncipe Consorte) que agora é universalmente admirada e considerada uma das mais puras e melhores! Eu oro com frequência para que ele nunca viva mais que eu, pois não sei o que aconteceria.

21 de novembro, 1876

Eu tenho excelentes notícias de Arthur. Ele é universalmente muito respeitado e amado. Ele é chamado de “o Príncipe modelo” por sua conduta maravilhosa, constante e perfeita. Ao menos ele segue os passos de seu amado pai em relação ao caráter e senso de dever.

21 de março, 1877

PARA BEACONSFIELD

A Rainha... confia que o Gabinete será bem firme e Lorde Derby parecia assim ontem. Ela está preparada para falar ou escrever para o bom, mas nervoso, e de alguma forma fraco e sentimental Lorde Carnarvon, se necessário, assim como para Lorde Salisbury. Esse sentimentalismo enjoativo pelas pessoas que pouco merecem o nome dos verdadeiros Cristãos, como se fossem mais criaturas de Deus e nossos amigos do que qualquer outra nação e esquecendo dos grandes interesses desse grande país, é realmente incompreensível.

Em Abril de 1877, a Guerra Turco-Russa começou; e as tropas Russas logo avançariam por Sofia.

3 de maio, 1877

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

É um tempo muito ansioso e devemos e teremos alguns limites para mostrar que a Rússia não terá tudo como quiser – o que, graças à agitação desafortunada e mal-interpretada do último outono e desta primavera, levou a Rússia a pensar que ela poderia fazer qualquer coisa, e eles são a causa do que está acontecendo agora! Você nunca responde quando eu constantemente lhe conto isso – como se você pensasse que os Liberais e aquele louco do Gladstone estivessem certos e o Governo errado! Se você pelo menos soubesse que eu tenho um único foco – a honra e a dignidade deste país (claro que acabar com todos os atos de crueldade é um grande objetivo tanto para nós

como para qualquer outro) e é a negligência disso que me angustia e me entristece muito. O outro partido parece estar completamente cego com relação ao fato de que a Rússia nunca teria ousado ir tão longe quanto fora – se eles tivessem pensado que a Inglaterra não só lutaria, mas também os apoiaria.

19 de Junho, 1877

Você diz que espera que nós acompanhemos a guerra e Deus sabe que espero e rezo e penso que faremos isso, - em relação a lutar. Mas tenho certeza de que você não deseja que a Grã-Bretanha aceite humilhações desses Russos horríveis, enganadores e cruéis? Eu não serei o Reino a aceitar isso!

27 de Junho, 1877

PARA BEACONSFIELD

A Rainha deve escrever ao Lorde Beaconsfield novamente e com a maior sinceridade sobre o estado crítico dos negócios. Por muitos ela escuta da grande ansiedade evidenciada de que o Governo deva estabelecer limites firmes e nítidos. Esse atraso – essa incerteza, pelos quais estamos perdendo nosso prestígio e posição internacionalmente, enquanto a Rússia está avançando e estará diante de Constantinopla em pouco tempo. Então, o Governo será enormemente culpado e a Rainha tão humilhada que ela pensa que deveria abdicar de uma vez. Seja clara!

11 de Julho, 1877

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Affie, entristeço em dizer, se tornou imprudente em sua linguagem e eu somente espero que ele não cause danos. É bem estranho com essa relação com os Russos logo agora. Isso é o que sempre temi. Lorde Beaconsfield está bem novamente e é o suporte principal para tudo.

25 de julho, 1877

Eu não posso evitar sorrir com suas reclamações sobre Charlotte²³⁹. - Eu - e o querido *Papa* até mesmo mais do que eu –desaprovava muito o sistema de completa intimidade antes do casamento e, com relação a isso, devo dizer que você nunca nos deu

²³⁹ A Princesa havia escrito: quão diferente de nós a geração mais nova espera ser tratada. Imagine que Charlotte nunca me conta quando escreve para Bernard (o Príncipe Hereditário da Saxônia-Meiningem, com quem a Princesa Charlotte se casará) ou quando ele escreve para ela – eles se correspondem quase diariamente, acredito, mas ele ficaria furioso se eu somente perguntasse, e ela fica bastante ofendida e muito indignada se suas cartas forem manuseadas. Fritz pensa que isso está certo para um casal de noivos alemães e diz que isso é o que deveria acontecer, mas considerando quão nova e imatura ela é, eu tenho minhas pequenas dúvidas às vezes e acho bem difícil de saber o que fazer. Eles ressentem a menor restrição e Bernard acha que eles devem fazer como queiram – então, eu sou obrigada a deixar tudo quieto.

o menor trabalho ou irritação, mas Fritz sim, e me deixou bem impaciente. De outros modos, você era muito difícil de lidar, mas não nesse. Acho que existe uma grande necessidade de propriedade e delicadeza, bem como de deveres em tratar seu noivo como se fosse seu marido (exceto em um ponto). *Papa* sentia isso com muita força e isso se aplica ainda mais em noivados muito longos como o seu, o das suas irmãs e o de Charlotte. Você, enquanto o tempo passa, tenho certeza de que mudará suas paixões pelo casamento – e entenderá a grande mudança que é para uma mãe principalmente, mas para um pai também! Aqui, agora, eles perderam toda a modéstia por não somente sair dirigindo, andando e visitando – todos os lugares sozinhos, eles também saem para qualquer lugar juntos em sociedade – coisa que em até um ano, mais ou menos, nenhuma senhorita recém-noiva jamais fizera e se mostrara regularmente – e as pessoas riem e olham para eles! Resumindo, os jovens estão ficando americanizados, temo que em suas visões e modos.

1 de agosto, 1877 (B52 17)

PARA BEACONSFIELD

A Rainha... (deseja) muito... a importância de o Czar saber que nós não o deixaremos ter Constantinopla! O Lorde Derby e sua esposa dizem que é muito provável inverter a esquerda e a direita, mas a Rússia continua²⁴⁰. Isso deixa a Rainha enlouquecida... Ela deve dizer que não consegue suportar.

11 de agosto, 1877

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Agora me deixe responder sobre Bernard. Eu, naturalmente, gostaria muito de vê-lo e conhecê-lo antes de se casar com a querida Charlotte. Mas temo (muito, uma vez que me atormenta e me entristece dizer) que eu não posso lidar com isso agora. Estou muito pressionada com os negócios agora!

18 de agosto, 1877

Conhecer Bernard é um grande prazer e ele parece muito amável e inteligente – me lembra muito da família da avó dele. Mas devo dizer que eu estava surpresa e irritada com a forma que você recebeu a minha expressão de profundo arrependimento por ser incapaz devido ao sufocante trabalho que tenho de fazer ... e foi somente para mostrar a minha afeição por você e por Charlotte que fiz a proposta a Bertie de trazê-lo aqui. Mas devo protestar novamente contra essas visitas no futuro no final de minha estada aqui (Balmoral) quando quero um pouco de descanso. Eu não posso desfrutar em vê-los e não os posso receber como gostaria. Então reze, querida criança, para que entendam isso no futuro.

²⁴⁰ Ansioso para evitar que a guerra acontecesse, Lorde Derby foi tão longe que revelou segredos do Gabinete ao Embaixador Russo.

O que você diz sobre Willy (a negligência dele para com a mãe) me entristece e não está certo. Não consigo evitar sorrir às vezes, apesar de estar verdadeiramente pesarosa por você também, pois você tem de ter essas experiências – você deve aprender agora o que eu – sem um querido marido para dividir tudo – tive de aprender e de passar. Mas, com exceção de Affie, que deseja muita atenção e consideração, e de Leopold, ocasionalmente, eu não tive de sofrer do jeito que você diz. Bertie e o querido Arthur são sempre muito atenciosos. É realmente algo ser tão cuidadosamente observado quanto à educação, isto é, a negligência dos pais – a total necessidade de gratidão e consideração pelos sentimentos deles – e o tanto que alguém sente – o tanto que parte o coração, você pode entender agora.

7 de setembro, 1877

MEMORANDO

A Guerra Turco-Russa não tem precedentes em sua selvageria, quando ela começou era bem iníqua, sendo meramente o resultado da declaração do Imperador da Rússia dizendo que ele não poderia aceitar um tapa na cara (“um soufflet”) dos Turcos quando eles recusaram as propostas da Conferência. Por isso, ele mergulhou a própria nação e o Império Turco em uma das guerras mais sangrentas já conhecida e que ninguém pensaria ser possível neste século. Debaxo do disfarce da religião e sob o pretexto de obter tratamento justo para os chamados “Cristãos” dos principados, mas que estão muito pior do que os Mulçumanos e que ainda foram instigados a se revoltarem pelo General Ignatieff, quem evitou que as tropas regulares fossem enviadas para acalmar a revolta, o que levou às chamadas “atrocidades búlgaras” à medida que as tropas irregulares foram enviadas, essa guerra de extermínio (pois é o que ela é) se iniciou de forma iníqua!

A questão que surge agora, nos interesses da humanidade, da justiça e do Império Britânico, é se isso é para ser levado até o final amargo; meramente para permanecer neutro e para evitar todas as interferências?

A Rainha está bem decidida de que isso não deva acontecer. Quando ficar claro que a Rússia não está inclinada a fazer nem mesmo uma oferta de paz, mas a pressionar por mais duas campanhas, a Rainha acha que devemos declarar que, tendo tomado parte em todas as negociações antes da guerra, nós estamos determinados a colocar um fim a essa chacina tão terrível, que quanto mais dura, mais selvagem se torna e mais difícil de parar. Devemos, então, propor certos termos recapitulando os protestos desinteressados da Rússia e devemos, ao mesmo tempo, dizer que, se os termos forem rejeitados, nós apoiaremos a Turquia na defesa de sua capital e evitaremos o seu extermínio.

5 de novembro, 1877

PARA BEACONSFIELD

(“O Dia Inkerman”). – A Rainha tem de agradecer ao Lorde Beaconsfield pela carta muito interessante e importante recebida ontem. É evidente que Lorde Carnarvon irá demitir-se.

Ela deve admitir que está chocada pelas visões dele, pois como ele pode pensar que a verdadeira religião e a civilização podem ser desenvolvidas pelos russos que são quase mais bárbaros e cruéis do que os turcos, apesar de eles não matarem ou assassinarem da mesma forma, mas a matança vagarosa pelo aprisionamento e exílio na Sibéria e o uso inadequado de todo tipo que ninguém nunca ouviu são ruins senão piores.

13 de novembro, 1877

Peço para que insista na ação, se não os russos irão se gabar para cima de nós e da nossa política incerta e fraca! Fraca, pois é atrasada.

O Lorde Beaconsfield tem uma boa maioria no Gabinete, mas nós queremos energia como a dele. Peço para que tenha cuidado com o atraso, pois o estado da Turquia é bem alarmante!

A Rainha deseja repetir mais enfaticamente que ela espera que o Lorde Beaconsfield esteja bem firme e decidido amanhã e que não abra caminho para ninguém, nem mesmo se Lorde Derby (Ministro das Relações Exteriores) desejar se demitir. Não se deve perder tempo decidindo sobre o que deverá ser feito e, se Lorde Beaconsfield estiver bem decidido, apoiado como é e sempre fora por ela, os outros Ministros certamente irão ceder.

Faça uso do nome da Rainha como Lorde Beaconsfield quiser.

A Rainha sabe que a maior parte do país é fortemente contra os russos, mesmo que não se simpatizem inteiramente com a Turquia; e agora que Pleven está tomada, as pessoas estão ficando alarmadas e sentirão, como as pessoas desse país sempre sentem, pelo pobre país que está se tornando o pior desse conflito e pelo heroico exército que está defendendo seus lares e corações. A Inglaterra nunca suportará (sem falar da sua Soberana) ser subserviente à Rússia, pois ela cairia, então, da sua alta posição e se tornaria uma Potência de meia-tigela!!

Em 15 de Dezembro, a Rainha decidiu fazer uma visita a Lorde Beaconsfield em Hughenden, sua casa no campo, perto de High Wycombe.

15 de dezembro, 1877

PARA BEACONSFIELD

A Rainha está ansiosa para expressar sua preocupação em ter inadvertidamente escolhido este dia (o aniversário da morte da esposa dele) de recordações tão tristes para Lorde Beaconsfield para sua visita a Highenden; e ela deseja que ele saiba que somente descobriu o que havia feito quando era tarde demais para mudar. Mas isso a irritou bastante.

15 de dezembro, 1877

DIÁRIO

Levamos quase 15 minutos para chegar a Hughenden, que fica em um parque bem alto e tem uma bela vista. Lorde Beaconsfield me encontrou à porta e me levou à biblioteca, que se abre para o terraço e para um belo jardim italiano, organizado por ele mesmo. Saímos imediatamente, e Beatrice e eu plantamos uma árvore cada uma e, então, voltamos para a biblioteca e ele me deu um relato do Gabinete de ontem, que tinha sido bem tempestuoso. Lorde Beaconsfield está determinado a levantar questões no dia 17, algo que eu o encorajo a fazer.

11 de janeiro, 1878 (B54 65)

MEMORANDO

Devemos defender o que sempre declaramos, isto é, que qualquer avanço em Constantinopla nos livrará de nossa posição de neutralidade... Não existe um momento a se perder ou toda a nossa política secular de nossa honra como potência europeia irá receber um impacto irreparável.

14 de janeiro, 1878 (B55 5)

PARA BEACONSFIELD

A Rainha conversou bastante com o Coronel Wellesley, por quem ela tem grande consideração, e somente deseja que ele estivesse colado no Lorde Derby. Ele disse com toda verdade que ah! Se Lorde Beaconsfield fosse Ministro das Relações Exteriores e Primeiro Ministro! Por que não? ... Ele não poderia fazer com facilidade o que ele tem de fazer agora com um atraso constante e dificuldades perpétuas... Nada pode ser pior do que já está. Lorde Derby não fará nada, não criará nada e, além de tudo, é indiscreto.

20 de janeiro, 1878

A Rainha recebeu a carta de Lorde Beaconsfield de ontem, a qual a estressou bastante, pois ele parece estar tão fora de si. Mas ele não pode ser assim e não deve dar nem um milímetro de espaço. Tudo que fora previsto por meses está acontecendo; e nós seremos desgraçados para sempre se nos submetemos ao confisco de Gallipoli ou ao ataque em Constantinopla! Isso, simplesmente, não pode ser. A guerra com a Rússia é, a Rainha acredita, inevitável mais cedo ou mais tarde. Deixe Lorde Derby e Lorde Carnarvon irem e serem firmes. Um Gabinete dividido não é útil.

A Rainha gostaria de conferir a Ordem da Jarreteira ao Lorde Beaconsfield como marca de sua confiança e apoio. Ela e o país têm a maior confiança nele.

21 de janeiro, 1878

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Uma apressada linha antes de ir para a cama para agradecer muito, muito mesmo, pelos amáveis e pequenos Dackels (bassês). Eu não podia acreditar quando, chegando à tarde, Brown entrou e disse “aqui estão dois cães bassês” e eu imediatamente adivinhei quem poderia tê-los enviado, e estamos encantados com os bebês bassês. Você sabe como eu adoro cães e esses são dois queridos.

27 de janeiro, 1878 (B55 58)

PARA BEACONSFIELD

Acho que as contraordens da Frota quando estava na entrada de Constantinopla foram desafortunadas.

Em 31 de Janeiro, um armistício foi assinado em Adrianópolis. Logo depois, um rumor sem fundamento chegou a Londres de que, em notável desrespeito, os russos haviam ultrapassado a linha de demarcação.

6 de fevereiro, 1878 (B56 12)

PARA BEACONSFIELD

Desde o começo disso, a Rainha ouviu as notícias terríveis da traição monstruosa da Rússia!

7 de fevereiro, 1878

A Rainha não pôde continuar ontem à noite. Nenhuma palavra é forte o suficiente para expressar a indignação da Rainha. Os Estados agora receberam um “tapa” muito pior do que o Imperador da Rússia declarou que recebera quando a Turquia recusou o conselho da Conferência.

Nós devemos, não podemos nos submeter a isso, e devemos de uma vez por todas mostrar o que sentimos ao sermos enganados e coibidos ... O erro, o erro fatal de retirar a Frota, sem dúvida, encorajou os russos monstruosos a desacatar todas as regras de guerra, todo princípio de boa fé... Você tem o país com você, somente aja rápida e firmemente e mostre que a Grã-Bretanha não será esmagada!

7 de fevereiro, 1878 (B56 18)

A Rainha ... não pode expressar de forma suficiente e nos termos mais fortes a sua extrema indignação ao ouvir que nós não podemos evitar que os russos entrem em Constantinopla. Várias vezes dissemos aos russos que não suportaríamos isso... A Rainha espera que usemos a força para expulsá-los... A Rainha trabalhou e labutou e apoiou o Lorde Beaconsfield com todo o seu poder para manter a honra e os interesses

do país, mas se estes forem abandonados, ela seria desacreditada e humilhada na desgraça de seu país. Ela não pode e não irá tolerar isso.

10 de fevereiro, 1878

PARA DERBY

A Rainha reconhece as duas cartas de Lorde Derby dos dias 7 e 8 e está muito feliz de ver que uma parte da frota, na companhia de navios franceses e italianos, vai hoje para Constantinopla; mas ela lamenta a explicação à Rússia sobre isso. Existe, no entanto, uma observação na carta de ontem de Lorde Derby que ela não pode deixar sem resposta. Ele diz que esse passo irá, acredita ele, “satisfazer muito o sentimento daqueles que estão reclamando da inatividade da parte do Governo”. Primeiramente, a Rainha não sente essa satisfação e nunca a sentiu com relação à nossa inatividade, o que trouxe, a Rainha sente e muitos outros também, uma humilhação dolorosa para este país, a qual nenhuma ação pode remediar; pois ela deveria ter sido tomada há muito tempo – e devíamos ter agido de acordo com as nossas declarações em relação a Constantinopla.

15 de fevereiro, 1878

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

O Sr. Gladstone continua agindo como um louco. Eu nunca vi nada igual a esse desejo de patriotismo e de decência própria dos Membros do Parlamento. É uma coisa miserável ser uma Rainha constitucional e ser incapaz de fazer o que é certo. Eu desistiria de tudo com felicidade e me aposentaria na quietude.

5 de março, 1878

PARA BEACONSFIELD

Lembre-se de que vacilação e atraso irão arruinar o país, sem falar do Governo. Lorde Derby deve ser despedido, pois ele é considerado no exterior como a pessoa que age e ninguém confia! Qual o motivo de mantê-lo, e no discurso de ontem, tão diferente do bom *Sir Stafford* (Northcote, Ministro da Fazenda), mostra o grande perigo de tais discrepâncias. Além disso, isso faz da posição do *Sir Stafford* insustentável.

A paz foi eventualmente declarada com o Tratado de San Stefano, por meio do qual a independência da Romênia, Sérvia, Montenegro e uma grande Bulgária foi reconhecida; e a Rússia obteve algumas cidades no Cáucaso. O Tratado foi severamente criticado por toda a Europa. Na Inglaterra, temia-se que a Rússia seria colocada agora em uma posição muito mais forte e que dominaria os Bálcãs. Os russos foram persuadidos a se submeterem ao acordo em um congresso em Berlim.

27 de março, 1878

PARA BEACONSFIELD

A Rainha deve admitir que ela acha a resignação de Lorde Derby uma bênção genuína... O nome dele tinha sofrido e estava nos causando mal no exterior: e o fato de ele se tornar uma mera cifra e de colocar o próprio nome em assuntos que desaprovava foi bem anômalo e danoso... Assim, a Rainha, sem hesitação, sancionou a aceitação de Lorde Beaconsfield a partir da resignação de Derby.

2 de maio, 1878

PARA PONSONBY

A Rainha não pode negar que ela não se alegra muito com o evento (o casamento próximo do Príncipe Arthur com a Princesa Louise Margaret, filha do Príncipe Frederick Charles da Prússia) – ela acha que tão poucos casamentos são realmente felizes agora e eles são como uma loteria. Além disso, Arthur é um filho tão querido que ela teme qualquer alteração.

Mas essa escolha é toda dele e, como ela, a Princesa, é muito louvada e dita ser muito boa, modesta e preservada, é séria e bem inglesa, devemos esperar pelo melhor e que alguém tão bom quanto ele seja muito feliz.

Sem dada, ? 19 de maio, 1878

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

As três queridas semanas de visita acabaram como tudo que é agradável e tudo que é ruim neste mundo incerto. Eu adorei muito, achei você muito simpática e melhor e compreensiva e compartilhadora da carga de ansiedade que pesa sobre mim, principalmente a respeito daquele Leopold determinado e desobediente!

21 de maio, 1878

Admiro o seu grande conhecimento e talento e a sua grande energia e perseverança, mas eu me aventurarei a lhe advertir contra a grande intimidade com artistas, uma vez que isso é muito sedutor e um pouco perigoso... Tudo que diz sobre a minha querida Beatrice me agrada e me toca, mas é somente a verdade, uma vez que ela é como raio de sol em casa e é também como um pombo, um anjo que leva paz aonde for e que é meu maior conforto.

23 de maio, 1878

PARA BEACONSFIELD

Eu tenho muitas suspeitas em relação às propostas russas. Não devem existir meias medidas. A conduta do... Sr. Gladstone e de outros, que é vergonhosa, não deve detê-lo de agir corajosamente.

30 de maio, 1878 (B57 69)

PARA O PRÍNCIPE DE GALES

A questão do Lorde Beaconsfield presenciar a Conferência (em Berlim) estava diante de mim, e se tivesse sido em Bruxelas, Haia ou Paris... Eu deveria – e o fiz – encorajar isso, mas você sabe que Lorde Beaconsfield tem 1,84 de altura e está longe de ser forte e ele é a frente firme e sábia que rege o Governo e quem é meu grande apoio e conforto, pois você não imagina o tanto que ele é gentil comigo, quão ligado! A saúde e a vida dele são de grande valor para mim e para o país e não devem ser arriscadas de forma alguma. Berlim é decididamente muito longe e isso é o que eu havia dito. Escrevi para ele sobre isso dois dias atrás e ainda não obtive resposta. Eu não acredito que nenhum acordo durará ou que nunca seremos amigos sem lutar e dar àqueles russos detestáveis uma boa lição! Eles sempre nos odiarão e nunca confiaremos neles.

31 de maio, 1878

PARA BEACONSFIELD

A Rainha novamente resolveu as questões sobre a ida de Lorde Beaconsfield ao Congresso, se houver. Não existem dúvidas de que ninguém poderia levar nossas visões, propostas e etc., exceto ele, pois ninguém tem tamanho peso e poder de conciliar homens e ninguém tem tamanha firmeza ou maior senso de honra e interesse em sua Soberana e em seu país. Ah se o lugar de encontro fosse mais próximo!

Beaconsfield foi para Berlim em 7 de Junho de 1878. No Congresso, ao qual ele foi acompanhado do sucessor de Derby, Lorde Salisbury, ele teve de concordar com a perda de mais territórios da Turquia do que ele gostaria; mas ele voltou à Inglaterra com o Chipre para a Rainha. Ainda, ele assegurou que o que ele determinou um place d'armes²⁴¹ com o qual os planos russos sobre o despedaçado Império Turco poderiam resistir. Ele voltou para casa com boas-vindas de herói, declarando que ele havia ganhado “paz com honra”. “Todos estão encantados”, a Rainha o assegurou, “exceto o Sr. Gladstone que está desvairado”.

16 de julho, 1878

PARA BEACONSFIELD

A Rainha... envia essas linhas com algumas flores de Windsor para dar boas-vindas (ao Lorde Beaconsfield) de volta ao triunfo! Ele recebeu uma guirlanda de louros que ela mesma gostaria de oferecer-lhe, mas espera que a Fita Azul (a Ordem da Jarreteira) ela possa saudá-lo [sic] em Osborne.

²⁴¹ Abaixar de armas (N.T.)

17 de julho, 1878

A Rainha ficou muito tocada com a amável carta de Lorde Beaconsfield. Será que ele não aceitará um título de Marquês ou de Duque junto com a Fita Azul? E será que ele não permitirá que a Rainha coloque o título de Barão ou Visconde em seu Irmão e Sobrinho? Tal nome deve ser perpetuado!

27 de julho, 1878

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

O Lorde Beaconsfield e o Sr. Corry (Secretário dele) passaram três noites aqui (em Osborne) e penso muito bem mesmo daquele. Ele não tossiu uma vez – caminhou e dirigiu e estava no melhor astral. Estou tão feliz que você aprendeu a conhecê-lo e a apreciá-lo. Ele não é como os outros e, a menos que você o conheça bem, não se pode apreciá-lo por inteiro. Ele tem uma mente grande. Outra grande qualidade que Lorde Beaconsfield possui – e que falta totalmente no Sr. Gladstone – é bastante cavalheirismo e uma grande e boa visão da posição da sua Soberana e de seu país.

As relações entre a Inglaterra e a Rússia continuaram tensas após o Congresso de Berlim. As tropas russas haviam avançado sobre as fronteiras do Afeganistão e, em Julho, uma missão russa entrou em Cabul e assinou uma convenção com o Príncipe que havia negado receber uma missão britânica. Lorde Lytton, Vice-rei da Índia, portanto, enviou uma delegação, insistindo em sua recepção. O Príncipe parou a delegação e a guerra contra os afegãos começou.

6 de outubro, 1878

DIÁRIO

O Gabinete esteve muito ocupado com este assunto afegão alarmante. Lorde Lytton não deveria ter enviado a missão, tendo sido proibido pelo Gabinete de fazê-lo. Agora, claro, devemos punir o insulto e apoiar Lorde Lytton. Devem-se tomar cuidados para que estejamos bem certos do sucesso e para que não se repitam os azares em Cabul de 1840 (onde, no inverno de 1841 – 42, um desastre tomou conta da grande força britânica que partiu em retirada da cidade e foi, mais tarde, esmagadoramente derrotada). Neste momento, os Kyberins e outras tribos das montanhas estão conosco. A ajuda dos indianos está sendo barrada. *Sir* Stafford disse que ele se sentiu muito ansioso até termos mais notícias. Tudo dependeu se o Príncipe foi ajudado pela Rússia ou não. Que ela está por trás de tudo isso, não há dúvidas.

23 de outubro, 1878

PARA BEACONSFIELD

Qualquer dúvida, necessidade de firmeza ou atraso podem ser fatais para nós neste momento. Toda a Índia assistirá à nossa conduta e o auxílio que podemos esperar dependerá de nossa energia.

6 de dezembro, 1878

PARA LORDE LYTTON

A Rainha deve começar pelas felicitações mais sinceras e pela expressão de seu orgulho e satisfação com relação ao brilhante sucesso (as vitórias do General (depois disso Lorde) Roberts em Peiwar Kotel, nos dias 2 e 3 de dezembro) de seus soldados bravos e nobres, que são de extrema importância em todas as formas; mas isso não a surpreende de maneira alguma, pois os soldados britânicos sempre cumprem com o seu dever e quase sempre são vitoriosos. A perda de bravos oficiais e homens é sempre uma fonte de profunda tristeza para a Rainha, mas isso é inevitável; e morrer pelo seu país e Soberana no cumprimento do dever é um fim digno e nobre desta vida terrena para um soldado.

9 de dezembro, 1878

PARA A PRINCESA DA COROA DA PRÚSSIA

Vocês todos ficarão tão aflitos e alarmados quando souberem que a nossa pobre e querida Alice está doente com difteria desde ontem! Isto é, de fato, terrível! Temo que ela deva ter abandonado todas as precauções cedo demais e a pegara de Ernie ou Louis (seus filhos) – ou de qualquer outro da casa. Ela tem tido muito trabalho com a casa que não está bem construída. No entanto, *unberufen* parece não ser violento ou maligno com ela ainda.

12 de dezembro, 1878

Ai! É um ataque grave que a nossa pobre e querida Alice teve... Temo que foi do pobre Ernie que ela pegara quando lhe contou da morte da pequena May (sua irmã de quatro anos. A sua mãe o beijou para confortá-lo de seu sofrimento). A maior simpatia é demonstrada. As pessoas sabem que ela se comportara de forma bastante nobre e ficara ao meu lado quando o querido *Papa* morreu e quão bravamente e devota ela cuidou de seu marido e filhos.

13 de dezembro, 1878

DIÁRIO

Um dia terrivelmente ansioso, como em 61 e 71. Pouco depois das 11, chegou um telegrama de Louis que me deu um horrível choque: “Jenner acabou de ver Alice, está se consultando com médicos. Ele não se desespera, mas não vejo esperança; minhas preces se esgotaram.” Isso me entristeceu muito espantosamente... A querida Beatrice e

eu nos sentimos quase sem esperanças. Minha angústia é enorme. Andei até o pacífico Mausoléu. Logo após Frogmore, encontramos um laçao com um telegrama. Paramos e lemos. Era do *Sir William (Jenner)* e continha más notícias: “Doença espalhada na traqueia, considerável dificuldade de respirar às vezes; gravidade da condição piorou desde meu último telegrama. Inquietude muito alta.” Terrível demais! Não conseguia me acalmar para nada, grande agonia. Lenchen veio para o almoço. Todos tão terrivelmente ansiosos, esperando – temendo.

14 de dezembro, 1878

Este terrível dia veio novamente (o aniversário de morte do Príncipe Consorte)! Dormi de forma tolerável, mas acordei com frequência, constantemente vendo a querida Alice diante de mim. Quando acordei pela manhã, não estava, por nenhum momento, ciente de todas as nossas ansiedades terríveis. Quando, então, tudo caiu sobre mim. Perguntei por notícias, mas nada chegara. Então, levantei e fui, como sempre faço neste dia, para a Sala Azul (onde o Príncipe Consorte havia morrido) e lá rezei. Quando vestida, fui para minha sala de estar para o café da manhã e encontrei com Brown entrando com dois telegramas com más notícias: eu olhei primeiro para o de Louis, o qual eu não entendi primeiramente, dizendo: “Pobre *Mama*, pobre de mim, minha felicidade se foi, querida, querida Alice. A vontade de Deus será feita.” (mal consigo escrever!). O outro do *Sir Wm. Jenner*, dizendo: “A Grã-duquesa de repente piorou logo após a meia noite, desde então não conseguiu comer nada”. Imediatamente depois, vieram outras más notícias de que a querida Alice piorou gradativamente e faleceu às 7 e meia desta manhã! Foi terrível demais! Eu tive esperanças contra a esperança. Fui à sala de estar de Bertie. Seu desespero era grande. Enquanto eu o beijava, ele disse, “são os bons que são sempre levados embora”. Que esta criança querida, talentosa, distinta, amável, nobre e doce, que se comportara de forma tão admirável durante a doença de seu pai e depois, me dera apoio e me ajudara de todas as formas possíveis, deve ser chamada de volta ao seu pai nesse exato aniversário, parece quase inacreditável e muito misterioso! Para mim, parece ter algo tocando a união que isso traz, seus nomes para sempre sendo unidos neste dia de seus nascimentos em outro mundo melhor!

Anexo B

Os manuscritos compilados em *Queen Victoria*

Nesta seção estão contidas as cartas e anotações dos manuscritos originais da Rainha Victoria que foram compiladas por Hibbert (2000).

fairest and most constitutional mode of proceeding; and you may trust to the moderation and prudence of my whole Government that nothing will be done without due consideration; if the present Government get a majority by the elections they will go on prosperously; if not, the Tories will come in for a short time. The country is quiet and the people very well disposed.

15 June 1841

Affairs go on, and all will take some shape or other, but it keeps one in hot water all the time. In the meantime, however, the people are in the best possible humour, and I never was better received at Ascot, which is a great test, and also along the roads yesterday. This [Nuneham Courtenay, the family home of Edward Vernon Harcourt, Archbishop of York] is a most lovely place; pleasure grounds in the style of Claremont, only much larger, and with the river Thames winding along beneath them, and Oxford in the distance; a beautiful flower and kitchen garden, and all kept up in perfect order. I followed Albert here, faithful to my word, and he is gone to Oxford* for the whole day, to my great grief. And here I am all alone in a strange house, with not even Lechzen as a companion, in Albert's absence.

Parliament was dissolved by the Queen in person on 29 June, the Government having survived a vote of 'no confidence' by only one vote some weeks before. In the general election which followed the Tories, under Sir Robert Peel, were returned with a large majority. The Queen wrote to King Leopold on 3 August:

What is to come hangs over me like a baneful dream, as you will easily understand, and when I am often happy and merry, comes and damps it all. But God's will be done! and it is for our best we must feel...

Our little tour was most successful, and we enjoyed it of all things; nothing could be more enthusiastic or affectionate than our reception everywhere, and I am happy to hear that our presence has left a favourable impression, which I think will be of great use. The loyalty in this country is certainly very striking. We enjoyed Panshanger [Earl Cowper's house] still more than Woburn [The Duke of Bedford's]; the country is quite beautiful, and the house so pretty and *wohnlich*; the picture-gallery and pictures very splendid. The Cowpers are such good people too. The visit to Brocket [Lord Melbourne's] naturally interested us very much for our excellent Lord Melbourne's sake. The park and grounds are beautiful.

24 August 1841

You don't say that you sympathise with me in my present heavy trial, the heaviest I have ever had to endure, and which will be a sad heart-breaking to me—but I know

*The Prince had gone to Oxford to receive an address at Commemoration. He was 'enthusiastically received', the Queen told King Leopold on 11 June, 'but the students... had the bad taste to show their party feeling in groans and hisses when the name of a Whig was mentioned, which they ought not to have done in my husband's presence.'

THE QUEEN REGNANT

1841-1852

The Queen returned to London with her husband after three 'very, very happy' days. 'His love and gentleness is beyond everything,' she wrote, 'and to kiss that dear soft cheek, to press my lips to his, is heavenly bliss... Oh! was ever woman so blessed as I am.' She felt all the more blessed when, faced with the probable fall of Lord Melbourne's Government in May 1841, she had the Prince to rely upon for comfort, support and advice. On 11 May she wrote to King Leopold:

I am sure you will forgive my writing a very short letter to-day, but I am so harassed and occupied with business that I cannot find time to write letters. You will, I am sure, feel for me; the probability of parting from so kind and excellent a being as Lord Melbourne as a Minister (for a friend he will always remain) is very, very painful, even if one feels it will not probably be for long; to take it philosophically is my great wish, and quietly I certainly shall, but one cannot help feelings of affection and gratitude. Albert is the greatest possible comfort to me in every way, and my position is much more independent than it was before.

18 May 1841

I was sure you would feel for me. Since last Monday we have lived in the daily expectation of a final event taking place, and the debate still continues, and it is not certain whether it will even finish to-night, this being the eighth night... Our plans are so unsettled that I can tell you nothing, only that you may depend upon it nothing will be done without having been duly, properly, and maturely weighed. Lord Melbourne's conduct is as usual perfect; fair, calm, and totally disinterested, and I am certain that in whatever position he is you will treat him just as you have always done.

My dearest Angel is indeed a great comfort to me. He takes the greatest interest in what goes on, feeling with and for me, and yet abstaining as he ought from biasing me either way, though we talk much on the subject, and his judgment is, as you say, good and mild.

I beg you not to be alarmed about what is to be done; it is not for a Party triumph that Parliament (the longest that has sat for many years) is to be dissolved; it is the

31 May 1841

you do feel for me. I am quiet and prepared, but still I fell very sad, and God knows! very wretched at times, for myself and my country, that such a change must take place. But God in His mercy will support and guide me through all. Yet I feel that my constant headaches are caused by annoyance and vexation!

Thanks to her husband's help and influence the Queen did not find dealing with her new Prime Minister as much of an ordeal as she had expected. On 30 August she wrote to Melbourne:

The first interview with Sir Robert Peel has gone off well, and only lasted twenty minutes; and he sends the Queen to-morrow, in writing, the proposed arrangements, and will only come down on Wednesday morning . . . He made many protestations of his sorrow, at what must give pain to the Queen (as she said to him it did), but of course said he accepted the task. The Duke of Wellington's health too uncertain, and himself too prone to sleep coming over him—as Peel expressed it—to admit of his taking an office in which he would have much to do, but to be in the Cabinet, which the Queen expressed her wish he should . . . What the Queen felt when she parted from her dear, kind friend, Lord Melbourne, is better imagined than described; she was dreadfully affected for some time after, but is calm now. It is very, very sad; and she cannot quite believe it yet. The Prince felt it very, very much too, and really the Queen cannot say how kind and affectionate he is to her, and how anxious to do everything to lighten this heavy trial; he was quite affected at this sad parting. We do, and shall, miss you so dreadfully; Lord Melbourne will easily understand what a change it is, after these four years when she had the happiness of having Lord Melbourne always about her. But it will not be so long till we meet again. Happier and brighter times will come again.

TO KING LEOPOLD

Your kind letter gave me great pleasure, and I must own your silence on all that was going on distressed me very much! It has been indeed a sad time for me, and I am still bewildered, and can't believe that my excellent Lord Melbourne is no longer my Minister, but he will be, as you say, and has already proved himself, very useful and valuable as my friend out of office. He writes to me often, and I write to him, and he gives really the fairest and most impartial advice possible. But after seeing him for four years, with very few exceptions—daily—you may imagine that I must feel the change; and the longer the time gets since we parted, the more I feel it. Eleven days was the longest I ever was without seeing him, and this time will be elapsed on Saturday, so you may imagine what the change must be. I cannot say what a comfort and support my beloved Angel is to me, and how well and how kindly and properly he behaves.

I feel thankful for your praise of my conduct; all is going on well, but it would be

24 September 1841

needless to attempt to deny that I feel the change, and I own I am much happier when I need not see the Ministers; luckily they do not want to see me often.

Although she confided in George Anson that she felt she could 'not get over . . . Peel's awkward manner', and although she had occasion to disapprove of some of his appointments and to deliver through him a sharp rebuke to the Foreign Secretary for allowing an ambassador to leave the country without an Audience, the Queen's relations with her new Prime Minister continued to improve. And, as the months passed, she wrote to her Uncle on other topics.

TO KING LEOPOLD

I am quite bewildered with all the arrangements for our *bal costumé*, which I wish you could see; we are to be Edward III. and Queen Philippa, and a great number of our Court to be dressed like the people in those times . . . but there is such asking, and so many silks and drawings and crowns, and God knows what, to look at, that I, who hate being troubled about dress, am quite *confuse*.

To get a little rest we mean to run down to Claremont from Friday to Monday. My last ball was very splendid, and I have a concert on Monday next.

31 May 1842

I wish to be the first to inform you of what happened yesterday evening, and to tell you that we were *saines et sauvés*. On returning from the chapel on Sunday, Albert was observing how civil the people were, and then suddenly turned to me and said it appeared to him as though a man had held out a pistol to the carriage, and that it had hung fire. No one, however, who was with us, such as footmen, etc., had seen anything at all. Albert began to doubt what he believed he had seen. Well, yesterday morning (Monday) a lad came to Murray [Hon. Charles Augustus Murray, Master of the Household] (who of course knew nothing) and said that he saw a man in the crowd as we came home from church, present a pistol to the carriage, which, however, did not go off, and heard the man say, 'Fool that I was not to fire!' The man then vanished, and this boy followed another man (an old man) up St James's Street who repeated twice, 'How very extraordinary!' but instead of saying anything to the police, asked the boy for his direction and disappeared. The boy accordingly was sent to Sir Robert Peel, and (doubtful as it all still was) every precaution was taken, still keeping the thing completely secret, not a soul in the house knowing a word, and accordingly after some consultation, as nothing could be done, we drove out—many police then in plain clothes being distributed in and about the parks, and the two Equerries riding so close on each side that they must have been hit, if anybody had; still the feeling of looking out for such a man was not *des plus agréables*; however, we drove through the parks, up to Hampstead, and back again. All was so quiet that we almost thought of nothing,—when, as we drove down Constitution Hill, very fast, we heard the report of a pistol, but not at all loud, so that had we not been on the alert we should hardly have taken notice of it. We saw

the man seized by a policeman next to whom he was standing when he fired, but we did not stop . . . Others saw him take aim, but we only heard the report (looking both the other way). We felt both very glad that our drive had had the effect of having the man seized. Whether it was loaded or not we cannot yet tell, but we are again full of gratitude to Providence for invariably protecting us! The feeling of horror is very great in the public, and great affection is shown us. The man was yesterday examined at the Home Office, is called John Francis, is a cabinet-maker, and son of a machine-maker of Covent Garden Theatre, is good-looking (they say) . . . Only twenty or twenty-one years old, and not the least mad—but very cunning. The boy identified him this morning, amongst many others. Everything is to be kept secret this time, which is very right, and altogether I think it is being well done. Every further particular you shall hear. I was really not at all frightened . . . Thank God, my Angel is also well!

There seems no doubt whatever that Francis is totally without accomplices, and a *mauvais sujet*. We shall be able probably to tell you more when we see you.

6 June 1842

Francis was condemned to death, a punishment which the Queen considered necessary. He was, however, reprieved on 1 July; and three days later, as the Queen had feared it might be, another attempt on her life was made, this time in the Mall, by a deformed youth no more than four feet tall. His pistol contained more tobacco than gunpowder. The Queen was unhurt and made no alteration in her travelling arrangements. In September she and the Prince went to Scotland.

TO KING LEOPOLD

I make no excuses for not having written, as I know that you will understand that when one is travelling about and seeing so much that is totally new, it is very difficult to find time to write . . .

Albert has told you already how successfully everything had gone off hitherto, and how much pleased we were with Edinburgh, which is an unique town in its way. We left Dalkeith on Monday, and lunched at Dupplin, Lord Kinnoul's, a pretty place with quite a new house, and which poor Lord Kinnoul displayed so well as to fall head over heels down a steep bank, and was proceeding down another, if Albert had not caught him; I did not see it, but Albert and I have nearly died with laughing at the relation of it.

The next year the Queen paid a visit to King Louis Philippe, the first visit by an English to a French monarch since Henry VIII's to François I on the Field of the Cloth of Gold.

TO KING LEOPOLD

I write to you from this dear place [the Château d'Eu] where we are in the midst of

4 September 1843

this admirable and truly amiable family, and where we feel quite at home, and as if we were one of them. Our reception by the dear King and Queen has been most kind, and by the people really gratifying. I am highly interested and amused.

4 December 1843

We arrived at Chatsworth [from Belvoir Castle] on Friday, and left it at nine this morning, quite charmed and delighted with everything there. Splendour and comfort are so admirably combined, and the Duke [of Devonshire] does everything so well. I found many improvements since I was there eleven years ago. The conservatory [designed by Joseph Paxton] is out and out the finest thing imaginable of its kind. It is one mass of glass, 64 feet high, 300 long, and 134 wide. The grounds, with all the woods and cascades and fountains, are so beautiful too. The first evening there was a ball, and the next the cascades and fountains were illuminated, which had a beautiful effect. There was a large party there, including many of the Duke's family, the Bedfords, Buccleuchs, the Duke of Wellington, the Normanbys, Lord Melbourne (who is much better), and the Beauvaues. We arrived here at half-past two, we perform our journey so delightfully on the railroad, so quickly and easily . . . Albert is going out hunting to-morrow, which I wish was over, but I am assured that the country is much better than the Windsor country.

The Prince continued to play a large and heroic part in her letters:

TO KING LEOPOLD

18 January 1842

Albert's great *fonction* [He had laid the foundation stone of the new Royal Exchange] yesterday went off beautifully, and he was so much admired in all ways; he always fascinates the people wherever he goes, by his very modest and unostentatious yet dignified ways. He only came back at twelve last night; it was very kind of him to come.

14 February 1843

I am only a little wee bit distressed at your writing on the 10th, and not taking any notice of the dearest, happiest day in my life [her wedding day], to which I owe the present great domestic happiness I now enjoy, and which is much greater than I deserve, though certainly my Kensington life for the last six or seven years had been one of great misery and oppression, and I may expect some little retribution, and, indeed, after my accession, there was a great deal of worry. Indeed I am grateful for possessing (really without vanity or flattery or blindness) the most perfect being as a husband in existence, or who ever did exist; and I doubt whether anybody every did love or respect another as I do my dear Angel! And indeed Providence has ever mercifully protected us, through manifold dangers and trials, and I feel confident will continue to do so, and then let outward storms and trials and sorrows be sent us, and we can bear all.

Louise [Queen of the Belgians] will be able to tell you how well the remainder of our journey went off, and how well Albert's hunting answered [He had been out with the Belvoir hounds on 5 December]. One can hardly credit the absurdity of people here, but Albert's riding so boldly and hard has made such a sensation that it has been written all over the country, and they make much more of it than if he had done some great act!

It rather disgusts one, but still it had done, and does, good, for it has put an end to all impertinent sneering for the future about Albert's riding. This journey has done great good, and my beloved Angel in particular has had the greatest success; for instance, at Birmingham the good his visit has done has been immense; for Albert spoke to all these manufacturers in their own language, which they did not expect, and these poor people have only been accustomed to hear demagogues and Chartists.

The Prince had, indeed, been well received in Birmingham where the Mayor was a Chartist. But the disturbed state of the country was a cause of much concern to the Queen at this time. She voiced this concern to the Home Secretary, Sir James Graham:

23 June 1843
The Queen returns these communications to Sir James Graham, which are of a very unpleasant nature. The Queen trusts that measures of the greatest severity will be taken, as well to suppress the revolutionary spirit as to bring the culprits* to immediate trial and punishment. The Queen thinks this of the greatest importance with respect to the effect it may have in Ireland, likewise as proving that the Government is willing to show great forbearance, and to trust to the good sense of the people; but that if outrages are committed and it is called upon to act, it is not to be trifled with, but will visit wrong-doers with the utmost severity.

22 September 1843
The Queen has received Sir James Graham's letter of the 22nd. She has long seen with deep concern the lamentable state of turbulence in South Wales, and has repeatedly urged the necessity of its being put an end to, by vigorous efforts on the part of the Government. The Queen, therefore, willingly gives her sanction to the issuing of a special Commission for the trial of the offenders and to the issuing of a proclamation. Monday, the 2nd, being the earliest day at which, Sir James says, the necessary Council could be held, will suit the Queen very well; she begs, therefore, that Sir James will cause the Council to meet here on that day at three o'clock.

*The Rebecca rioters who, protesting against the Poor Law Amendment Act amongst other grievances, had destroyed turnpike toll houses and gates. Many of them were dressed as women. They took their name from the biblical prophecy that Rebecca's seed should 'possess the gate of those that hate them'.

The Queen was also worried that she might lose the service of Peel whom she now fully trusted. On 18 June 1844 she wrote to tell King Leopold that she was in 'the greatest possible danger' of being forced to accept a resignation of the Government 'without knowing to whom to turn.'

I am sure you will agree with me that Peel's resignation would not only be for us (for we cannot have a better and a safer Minister), but for the whole country, and for the peace of Europe—a great calamity. Our present people are all safe, and not led away by impulses and reckless passions. We must, however, take care and not get into another crisis; for I assure you we have been quite miserable and quite alarmed ever since Saturday . . . I should be equally sorry to lose Lord Aberdeen [the Foreign Secretary] as he is so very fair, and has served us personally, so kindly and truly.

At least she could reassure herself with the thought that she and Prince Albert were well received wherever they went:

TO KING LEOPOLD

29 October 1844

I had the happiness of receiving your kind letter of the 26th while I was dressing to go to the City for the opening of the Royal Exchange. Nothing ever went off better, and the procession there, as well as all the proceedings at the Royal Exchange, were splendid and royal in the extreme. It was a fine and gratifying sight to see the myriads of people assembled—more than at the Coronation even, and all in such good humour, and so loyal; the articles in the papers, too, are most kind and gratifying; they say no Sovereign was more loved than I am (I am bold enough to say), and that, from our happy domestic home—which gives such a good example.

28 January 1845

The feeling of loyalty in this country is happily very strong, and wherever we show ourselves we are most heartily and warmly received, and the civilities and respect shown to us by those we visit is most satisfactory. I mention merely a trifling instance to show how respectful they are—the Duke of Buckingham, who is immensely proud, bringing the cup of coffee after dinner on a waiter to Albert himself. And everywhere my dearest Angel receives the respect and honours I receive.

But then, in December, the resignation of Peel could be delayed no longer. Both Lord Stanley and the Duke of Wellington declined to support him on Corn Law reform, and, as she reported to Lord Melbourne on 7 December, she was obliged to send for Lord John Russell:

Sir Robert Peel has informed the Queen that in consequence of differences prevailing in the Cabinet, he is very reluctantly compelled to solicit from the Queen the acceptance of his resignation, which she has as reluctantly accepted.

From the Queen's unabated confidence in Lord Melbourne, her first impulse was to request his immediate attendance here that she might have the benefit of his assistance and advice, but on reflection the Queen does not think herself justified, in the present state of Lord Melbourne's health, to ask him to make the sacrifice which the return to his former position of Prime Minister would, she fears, impose upon him.

It is this consideration, and this alone, that has induced the Queen to [send for] Lord John Russell. . . . The Queen hopes, however, that Lord Melbourne will not withhold from her new Government his advice, which would be so valuable to her.

It is of the utmost importance that the whole of this communication should be kept a most profound secret until the Queen has seen Lord John Russell.

On 12 December the Queen wrote to the Duke of Wellington:

The Queen has to inform the Duke of Wellington that, in consequence of Sir Robert Peel's having declared to her his inability to carry on any longer the Government, she has sent for Lord John Russell, who is not able at present to state whether he can form an Administration, and is gone to Town in order to consult his friends. Whatever the result of his enquiries may be, the Queen has a strong desire to see the Duke of Wellington remain at the head of her Army. The Queen appeals to the Duke's so often proved loyalty and attachment to her person, in asking him to give her this assurance. The Duke will thereby render the greatest service to the country and to her own person.

Lord John Russell failed in his efforts to form a Government, however, and, as Disraeli said, handed back the poisoned chalice to Peel. On 20 December the Queen wrote to Russell:

Sir Robert Peel has just been here. He expressed great regret that Lord John Russell had felt it necessary to decline the formation of a Government.

He said he should have acted towards Lord John Russell with the most scrupulous good faith, and that he should have done everything in his power to give Lord John support.

He thinks many would have been induced to follow his example.

Sir Robert Peel did not hesitate a moment in withdrawing his offer of resignation. He said he felt it his duty at once to resume his office, though he is deeply sensible of the difficulties with which he has to contend.

I have little to add to Albert's letter of yesterday, except my extreme admiration of our worthy Peel, who shows himself a man of unbounded loyalty, courage, patriotism, and high-mindedness, and his conduct towards me has been chivalrous almost, I might say. I never have seen him so excited or so determined, and such a good cause must succeed. We have indeed had an escape, for though Lord John's own notions were very good and moderate, he let himself be entirely twisted and twirled about by his violent friends, and all the moderate ones were crushed.

30 December 1845
Many thanks for your kind letter of the 27th, by which I see how glad you are at our good Peel being again—and I sincerely and confidently hope for many years—my Minister. I have heard many instances of the confidence the country and all parties have in Peel; for instance, he was immensely cheered at Birmingham—a most Radical place; and Joseph Hume expressed great distress when Peel resigned, and the greatest contempt for Lord John Russell. The Members of the Government have behaved extremely well and with much disinterestedness. The Government has secured the services of Mr Gladstone [as Secretary of State for the Colonies] and Lord Ellenborough [as First Lord of the Admiralty], who will be of great use. Lord E. is become very quiet, and is a very good speaker.

We had a very happy Christmas. This weather is extremely unwholesome.

The Queen's hopes that Peel would remain her Prime Minister for many years were not to be realised. For in the summer of 1846 the Government, having achieved the repeal of the Corn Laws, were defeated on another issue. On 1 July the Queen wrote to Peel:

It does seem strange that at the moment of triumph the Government should have to resign. The Queen read Sir Robert Peel's speech with great admiration. The Queen seizes this opportunity (though she will see Sir Robert again) of expressing her deep concern at losing his services, which she regrets as much for the Country as for herself and the Prince. In whatever position Sir Robert Peel may be, we shall ever look on him as a kind and true friend, and ever have the greatest esteem and regard for him as a Minister and as a private individual.

TO KING LEOPOLD

7 July 1846
Yesterday was a very hard day for me. I had to part with Sir R. Peel and Lord Aberdeen, who are irreparable losses to us and the Country; they were both so much overcome that it quite overset me, and we have in them two devoted friends. We felt so safe with them. Never, during the five years that they were with me, did they ever recommend a person or a thing which was not for my or the Country's best, and never for the Party's advantage only; and the contrast now is very striking; there is much less respect and much less high and pure feeling.

The Queen Regnant, 1841-1852

The Government which the Queen compared so unfavourably with Peel's was that of Lord John Russell which contained Lord Palmerston as Foreign Secretary. She soon had occasion to write sharply to both of them.

TO PALMERSTON

The Queen has several times asked Lord Palmerston, through Lord John Russell and personally, to see that the drafts to our Foreign Ministers are not despatched previous to their being submitted to the Queen. Notwithstanding, this is still done, as for instance to-day with regard to the drafts for Lisbon. The Queen, therefore, once more repeats her desire that Lord Palmerston should prevent the recurrence of this practice.*

TO RUSSELL

As to Mr Cobden's appointment to the Poor Law Board, the Queen thinks that he will be well qualified for the place in many respects, and that it will be advantageous to the Government and the Country that his talents should be secured to the service of the State, but the elevation to the Cabinet directly from Covent Garden [where Free Trade meetings had been held] strikes her as a very sudden step, calculated to cause much dissatisfaction in many quarters, and setting a dangerous example to agitators in general (for his main reputation, and setting a dangerous example to agitator). The Queen therefore thinks it best that Mr Cobden should first enter the service of the Crown, serve as a public functionary in Parliament, and be promoted subsequently to the Cabinet, which step will then become a very natural one.

TO RUSSELL

The Queen has seen with surprise in the *Gazette* the appointment of Mr Corigan [as Physician-in-Ordinary to Her Majesty in Ireland], about which she must complain to Lord John Russell. Not only had her pleasure not been taken upon it, but she had actually mentioned . . . that she had her doubts about the true propriety of the appointment. Lord John will always have found the Queen desirous to meet his views with regard to all appointments and ready to listen to any reasons which he might adduce in favour of his recommendations, but she must insist upon appointments in her Household not being made without her previous sanction, and least of all such as that of a Physician to her person.

'It seems as if the whole face of Europe were changing,' the Queen wrote of 1848, the year of revolutions. 'I maintain that Revolutions are always bad for the country, and the cause of untold misery to the people.' She deplored the revolution in Paris which brought about the abdication of Louis Philippe; she lamented also the unrest in Austria and the spread of revolutionary fervour to Italy. She was as strong in her support of Austria as

*By now many of the Queen's letters were being drafted for her by Prince Albert, no doubt after being discussed between them. But it is clear that the Queen very rarely allowed him a free hand in their final composition.

The Queen Regnant, 1841-1852

Palmerston and Russell were in their support of the Italians now struggling for their independence under the uncertain leadership of Charles Albert, King of Sardinia. The Queen's letters to her Ministers became increasingly acerbic.

TO RUSSELL

The Queen must tell Lord John what she has repeatedly told Lord Palmerston, but without apparent effect, that the establishment of an *entente cordiale* with the French Republic, for the purpose of driving the Austrians out of their dominions in Italy, would be a disgrace to this country.

11 August 1848

The Queen is highly indignant at Lord Palmerston's behaviour now again with respect to Lord Normanby's appointment;* he knew perfectly well that Lord Normanby could not accept the post of Minister, and had written to the Queen before that such an offer could not be made, and has now made it after all, knowing that, by wasting time and getting the matter entangled at Paris, he would carry his point. If the French are so anxious to keep Lord Normanby as to make any sacrifice for that object, it ought to make us cautious, as it can only be on account of the ease with which they can make him serve their purposes. They, of course, like an *entente cordiale* with us at the expense of Austria . . . but this can be no consideration for us . . . The Queen has read the leading articles of the *Times* of yesterday and to-day on this subject with the greatest satisfaction as they express almost entirely the same views and feelings which she entertains. The Queen hopes that Lord John Russell will read them; indeed, the whole of the Press seem to be unanimous on this subject, and she can hardly understand how there can be two opinions upon it . . . The Queen must say she is afraid that she will have no peace of mind and there will be no end of troubles so long as Lord Palmerston is at the head of the Foreign Office.

TO PALMERSTON

20 August 1848

The Queen has received an autograph letter from the Archduke John which has been cut open at the Foreign Office. The Queen wishes Lord Palmerston to take care that this does not happen again. The opening of official letters even, addressed to the Queen, which she has of late observed, is really not becoming, and ought to be discontinued, as it used never to be the case formerly.

2 September 1848

The Queen has read in the papers the news that Austria and Sardinia have nearly settled their differences, and also that it was confidently stated that a French and British squadron, with troops on board, are to make a demonstration in the Adriatic.

*Lord Normanby had been Ambassador in Paris. The Queen did not want to receive an Ambassador of the French Republic at her Court where he would be at the head of London Society and possibly prove to be a 'very awkward character'. She believed that Ministers only should be exchanged at first and that Normanby, as a former British Ambassador, should be withdrawn. But Palmerston wanted Normanby to remain in Paris where, in fact, he did remain.

The Queen Regnant, 1841-1852

Palmerston and Russell were in their support of the Italians now struggling for their independence under the uncertain leadership of Charles Albert, King of Sardinia. The Queen's letters to her Ministers became increasingly acerbic.

TO RUSSELL

The Queen must tell Lord John what she has repeatedly told Lord Palmerston, but without apparent effect, that the establishment of an *entente cordiale* with the French Republic, for the purpose of driving the Austrians out of their dominions in Italy, would be a disgrace to this country.

11 August 1848

The Queen is highly indignant at Lord Palmerston's behaviour now again with respect to Lord Normanby's appointment;* he knew perfectly well that Lord Normanby could not accept the post of Minister, and had written to the Queen before that such an offer could not be made, and has now made it after all, knowing that, by wasting time and getting the matter entangled at Paris, he would carry his point. If the French are so anxious to keep Lord Normanby as to make any sacrifice for that object, it ought to make us cautious, as it can only be on account of the ease with which they can make him serve their purposes. They, of course, like an *entente cordiale* with us at the expense of Austria . . . but this can be no consideration for us . . . The Queen has read the leading articles of the *Times* of yesterday and to-day on this subject with the greatest satisfaction as they express almost entirely the same views and feelings which she entertains. The Queen hopes that Lord John Russell will read them; indeed, the whole of the Press seem to be unanimous on this subject, and she can hardly understand how there can be two opinions upon it . . . The Queen must say she is afraid that she will have no peace of mind and there will be no end of troubles so long as Lord Palmerston is at the head of the Foreign Office.

TO PALMERSTON

20 August 1848

The Queen has received an autograph letter from the Archduke John which has been cut open at the Foreign Office. The Queen wishes Lord Palmerston to take care that this does not happen again. The opening of official letters even, addressed to the Queen, which she has of late observed, is really not becoming, and ought to be discontinued, as it used never to be the case formerly.

2 September 1848

The Queen has read in the papers the news that Austria and Sardinia have nearly settled their differences, and also that it was confidently stated that a French and British squadron, with troops on board, are to make a demonstration in the Adriatic.

*Lord Normanby had been Ambassador in Paris. The Queen did not want to receive an Ambassador of the French Republic at her Court where he would be at the head of London Society and possibly prove to be a 'very awkward character'. She believed that Ministers only should be exchanged at first and that Normanby, as a former British Ambassador, should be withdrawn. But Palmerston wanted Normanby to remain in Paris where, in fact, he did remain.

78 *The Queen Regnant, 1841-1852*

Though the Queen cannot believe this, she thinks it right to inform Lord Palmerston without delay that, should such a thing be thought of, it is a step which the Queen could not give her consent to.

4 September 1848

The Queen since her arrival in Town has heard that the answer from Austria declining our mediation has some days ago been communicated to Lord Palmerston. The Queen is surprised that Lord Palmerston should have left her uninformed of so important an event.

7 September 1848

The Queen received the night before she left London (too late to write upon it) Lord Palmerston's letter and the long draft to Lord Normanby. As the draft is gone, the Queen will only remark that the passage expressing Lord Palmerston's agreement in the general argument of M. de Beaumont [the French Ambassador in London], 'as to the advantages which would arise from a previous concert between England and France as to any military operations which France might be compelled to undertake in Italy'—is most dangerous for the future peace of Europe. . . . This is a line of policy to which the Queen cannot give her consent. It is quite immaterial, whether French troops alone are employed for such an unjust purpose, if this is done on previous concert with England.

The whole tone of the draft the Queen cannot approve.

TO RUSSELL

7 September 1848

The Queen must send the enclosed draft to Lord John Russell, with a copy of her letter to Lord Palmerston upon it. Lord Palmerston has as usual pretended not to have had time to submit the draft to the Queen before he had sent it off. What the Queen has long suspected and often warned against is on the point of happening, viz. Lord Palmerston's using the new entente cordiale for the purpose of wresting from Austria her Italian provinces by French arms. This would be a most iniquitous proceeding.

On 19 September the Queen wrote a memorandum describing a conversation she had had with Russell about Palmerston:

I said to Lord John Russell, that I must mention to him a subject, which was a serious one, one which I had delayed mentioning for some time, but which I felt I must speak quite openly to him upon now, namely about Lord Palmerston; that I felt really I could hardly go on with him, that I had no confidence in him, and that it made me seriously anxious and uneasy for the welfare of the country and for the peace of Europe in general, and that I felt very uneasy from one day to another as to what might happen.

The Queen Regnant, 1841-1852

79

TO RUSSELL

7 October 1848

The partiality of Lord Palmerston in this Italian question really surpasses all conception, and makes the Queen very uneasy on account of the character and honour of England, and on account of the danger to which the peace of Europe will be exposed.

TO KING LEOPOLD

10 October 1848

The state of Germany is dreadful, and one does feel quite ashamed about that once really so peaceful and happy people. That there are still good people there I am sure, but they allow themselves to be worked upon in a frightful and shameful way. . . . In France a crisis seems at hand. What a very bad figure we cut in this mediation! Really it is quite immoral, with Ireland quivering in our grasp, and ready to throw off her allegiance at any moment, for us to force Austria to give up her lawful possessions. What shall we say if Canada, Malta, etc., begin to trouble us? It hurts me terribly.

21 November 1848

You will grieve to hear that our good, dear, old friend Melbourne is dying. . . . One cannot forget how good and kind and amiable he was, and it brings back so many recollections to my mind, though, God knows! I never wish that time back again.

27 November

Our poor old friend Melbourne died on the 24th. I sincerely regret him, for he was truly attached to me, and though not a firm Minister he was a noble, kind-hearted, generous being. Poor Lord Beauvale [Frederick Lamb, Lord Melbourne's younger brother] and Lady Palmerston [Lord Melbourne's sister] feel it very much. I wish it might soften the *cara sposa* of the latter-named person.

6 August 1849

Though this letter will only go tomorrow, I will begin it to-day and tell you that everything has gone off beautifully since we arrived in Ireland, and that our entrance into Dublin was really a magnificent thing. By my letter to Louise you will have heard of our arrival in the Cove of Cork. Our visit to Cork was very successful; the Mayor was knighted on deck (on board the *Fairy*), like in times of old. Cork is about seventeen miles up the River Lee, which is beautifully wooded and reminds us of Devonshire scenery. We had previously stepped on shore at Cove, a small place, to enable them to call it Queen's Town; the enthusiasm is immense, and at Cork there was more firing than I remember since the Rhine.

We left Cork with fair weather, but a head sea and contrary wind which made it rough and me very sick.

7th.—I was unable to continue till now. . . . We went into Waterford Harbour on Saturday afternoon, which is likewise a fine, large, safe harbour. . . . The next morning we received much the same report of the weather which we had done at Cork. . . . However we went out, as it could not be helped, and we might have remained there some days for no use. The first three hours were very nasty, but

afterwards it cleared and the evening was beautiful. The entrance at seven o'clock into Kingston Harbour was splendid; we came in with ten steamers, and the whole harbour, wharf, and every surrounding place was covered with thousands and thousands of people, who received us with the greatest enthusiasm. We disembarked yesterday morning at ten o'clock, and took two hours to come here. The most perfect order was maintained in spite of the immense mass of people assembled, and a more good-humoured crowd I never saw, but noisy and excitable beyond belief, talking, jumping, and shrieking instead of cheering. There were numbers of troops out, and it really was a wonderful scene. This [The Lodge, Phoenix Park] is a very pretty place, and the house reminds me of dear Claremont. The view of the Wicklow Mountains from the windows is very beautiful, and the whole park is very extensive and full of very fine trees.

We drove out yesterday afternoon and were followed by jaunting-cars and riders and people running and screaming, which would have amused you. You see more ragged and wretched people here than I ever saw anywhere else. *En revanche*, the women are really handsome—quite in the lowest class—as well at Cork as here; such beautiful black eyes and hair and such fine colours and teeth.

TO RUSSELL

The Queen has received Lord John Russell's two letters. If the Cabinet think it impossible to do otherwise, of course the Queen consents—though most reluctantly—to a compliance with the vote respecting the Post Office.* The Queen thinks it a very false notion of obeying God's will, to do what will be the cause of much annoyance and possibly of great distress to private families. At any rate, she thinks decidedly that great caution should be used with respect to any alteration in the transmission of the mails, so that at least some means of communication may still be possible.

TO KING LEOPOLD

By my letter to Louise you will have learnt all the details of this certainly very disgraceful and very inconceivable attack † I have not suffered except from my head, which is still very tender, the blow having been extremely violent, and the brass end of the stick fell on my head so as to make a considerable noise. I own it makes me nervous out driving, and I stare at any person coming near the carriage, which I am afraid is natural.

JOURNAL

Certainly it is very hard and very horrid, that I, a woman—a defenceless young woman should be exposed to insults of this kind, and be unable to go out quietly for

*Lord Ashley, later 7th Earl of Shaftesbury, the philanthropist, had carried a resolution forbidding the delivery of letters on Sundays. A Committee of Inquiry was appointed to consider the proposed change which was, to the Queen's satisfaction, eventually abandoned.

†The Queen had been struck on the head with a cane by Robert Pate, an ex-lieutenant of the 10th Hussars, as she was leaving Cambridge House after a visit to the Duke of Cambridge. An attempt to prove Pate insane failed and he was sentenced to seven years' transportation.

a drive . . . for a man to strike any woman is most brutal, and I, as well as everyone else, think this far worse than any attempt to shoot, which, wicked as it is, is at least more comprehensible and more courageous.*

TO KING LEOPOLD

We have, alas! now another cause of much greater anxiety in the person of our excellent Sir Robert Peel, who, as you will see, has had a most serious fall [while riding up Constitution Hill], and though going on well at first, was very ill last night; thank God! he is better again this morning, but I fear still in great danger. I cannot bear even to think of losing him; it would be the greatest loss for the whole country, and irreparable for us, for he is so trustworthy, and so entirely to be depended on. All parties are in great anxiety about him. I will leave my letter open to give you the latest news . . .

I am happy to say that Sir Robert, though still very ill, is freer from pain, his pulse is less high, and he feels himself better; the Doctors think there is no vital injury, and nothing from which he cannot recover, but that he must be for some days in a precarious state.

9 July 1850

Poor dear Peel is to be buried to-day. The sorrow and grief at his death are most touching, and the country mourns over him as over a father. Every one seems to have lost a personal friend.

As I have much to write, you will forgive me ending here . . . My poor dear Albert, who had been so fresh and well when we came back, looks so pale and fagged again. He has felt, and feels, Sir Robert's loss dreadfully. He feels he has lost a second father.

Memories of Peel's good conduct made Lord Palmerston's high-handed behaviour all the more intolerable to the Queen. His defence of Don David Pacifico, a Gibraltarian living in Athens who had had his house destroyed by a Greek mob, had been 'a most disagreeable business'. When the Greek Government had rejected Don Pacifico's excessive demands, Palmerston had sent a fleet to blockade the Piræus and enforce them, almost precipitating a European war. Having triumphantly vindicated his conduct in a famous speech, in which he compared a British subject's rights anywhere in the world with the proud claim of an ancient Roman, 'Civis Romanus sum', Palmerston had become more unmanageable and self-assertive than ever. Encouraged by the Prince, the Queen renewed her efforts to have him replaced.

TO RUSSELL

28 July 1850

Lord John may be sure that she fully admits the great difficulties in the way of the projected alteration, but she on the other hand feels the duty she owes to the country

*Since John Francis's attempt to shoot the Queen, she had been fired upon on Constitution Hill by one William Hamilton whose pistol was fortunately charged only with powder. He was sentenced to seven years' transportation.

and to herself not to allow a man in whom she can have no confidence, who she knows has conducted himself in anything but a straightforward and proper manner to herself, to remain in the Foreign Office and thereby to expose herself to insults from other nations, and this country and to the constant risk of serious and alarming complications. The Queen considers these reasons as much graver than the other difficulties . . .

Each time that we were in difficulty, the Government seemed to be determined to move Lord Palmerston and as soon as these difficulties were got over, those which present themselves in the carrying out of this removal appeared of so great a magnitude as to cause its relinquishment. There is no chance of Lord Palmerston reforming himself in his sixty-seventh year . . . There is no question of delicacy and danger in which Lord Palmerston will not arbitrarily and without reference to his colleagues or sovereign engage this country.

12 August 1850

With reference to the conversation about Lord Palmerston which the Queen had with Lord John Russell the other day, and Lord Palmerston's disavowal that he ever intended any disrespect to her by the various neglects of which she has had so long and so often to complain, she thinks it right, in order to prevent any mistake for the future, shortly to explain what it is she expects from her Foreign Secretary. She requires: (1) That he will distinctly state what he proposes in a given case, in order that the Queen may know as distinctly to what she has given her Royal sanction; (2) Having once given her sanction to a measure, that it be not arbitrarily altered or modified by the Minister; such an act she must consider as failing in sincerity towards the Crown, and justly to be visited by the exercise of her Constitutional right of dismissing that Minister. She expects to be kept informed of what passes between him and the Foreign Ministers before important decisions are taken, based upon that intercourse; to receive the Foreign Despatches in good time, and to have the drafts for her approval sent to her in sufficient time to make herself acquainted with their contents before they must be sent off. The Queen thinks it best that Lord John Russell should show this letter to Lord Palmerston.*

TO PALMERSTON

12 October 1850

The Queen has received Lord Palmerston's letter respecting the draft to Baron Koller.† She cannot suppose that Baron Koller addressed his note to Lord Palmerston in order to receive in answer an expression of his own personal opinion;

*This letter was based upon a memorandum drawn up by Baron Stockmar. Russell showed it to Palmerston who, apparently contrite, came to apologise to Prince Albert. When Palmerston later overreached himself Russell read it out in the House.

†Baron Koller was the Austrian ambassador. Lord Palmerston had had to write to him about an attack made in London upon General Haynau, an Austrian officer who had become notorious as a brutal flogger of women in the Hungarian war. When visiting Barclay and Perkins brewery, the draymen had recognised him by his flamboyantly long mustachios (which Koller had advised him to cut off) and had assaulted him. In his reply to Koller's note, Palmerston had expressed the opinion that Haynau had shown a 'want of propriety' in visiting England 'at the present moment'.

and if Lord Palmerston could not reconcile it to his own feelings to express the regret of the Queen's Government at the brutal attack and wanton outrage committed by a ferocious mob on a distinguished foreigner of past seventy years of age, who was quietly visiting a private establishment in this metropolis, without adding his censure of the want of propriety evinced by General Haynau in coming to England—he might have done so in a private letter, where his personal feelings could not be mistaken for the opinion of the Queen and her Government. She must repeat her request that Lord Palmerston will rectify this.

In the autumn of 1850 the Pope—having issued a brief dividing England into twelve bishoprics and having appointed Nicholas Wiseman as Archbishop of Westminster—announced that the English people, so long severed from Rome, were about to rejoin the Holy Church. Russell, appointing himself the Protestants' champion, violently attacked the Pope's aggression and thus lost the support not only of the Irish members but also of the Peelites, several of whom were High Churchmen and most of whom deplored Russell's intolerance.

TO KING LEOPOLD

21 February 1851

I have only time just to write a few hasty lines to you from Stockmar's room, where I came up to speak to Albert and him, to tell you that we have got a Ministerial crisis; the Ministers were in a great minority last night, and though it was not a question vital to the Government, Lord John feels the support he has received so meagre, and the opposition of so many parties so great, that he must resign! This is very bad, because there is no chance of any other good Government, poor Peel being no longer alive, and not one man of talent except Lord Stanley in the Party . . . but Lord John is right not to go on when he is so ill supported, and it will raise him as a political man, and will strengthen his position for the future.

Whether Lord Stanley (to whom I must send to-morrow after the Government have resigned) will be able to form a Government or not, I cannot tell. Altogether, it is very vexatious, and will give us trouble. It is the more provoking, as this country is so very prosperous.

1 March 1851

I did not write to you yesterday, thinking I could perhaps give you some more positive news today, but I cannot. I am still without a Government [Lord Stanley having failed to form one], and I am still trying to hear and pause before I actually call to Lord John to undertake to form, or rather more to continue, the Government. We have passed an anxious, exciting week, and the difficulties are very peculiar; there are so many conflicting circumstances . . . but the 'Papal Question' is the real and almost insuperable difficulty.

No solution to the problem could be found, so Lord John and Palmerston remained in office. Meanwhile preparations for the Great Exhibition in Hyde Park continued.

JOURNAL

30 April 1851
 Everyone is occupied with the great day and afternoon and my poor Albert is terribly fagged. All day some question or other, or some difficulty, all of which my beloved one takes with the greatest quiet and good temper . . . The noise and bustle even greater than yesterday, as so many preparations are being made for the seating of the spectators, and there is certainly still much to be done.

1 May 1851
 This day is one of the greatest and most glorious days of our lives, with which, to my pride and joy the name of my dearly beloved Albert is forever associated! It is a day which makes my heart swell with thankfulness . . . The Park presented a wonderful spectacle, crowds streaming through it—carriages and troops passing, quite like the Coronation Day, and for me, the same anxiety. The day was bright, and all bustle and excitement. At 4 p. 11, the whole procession in 9 state carriages was set in motion. Vicky and Bertie [the two eldest children] were in our carriage. Vicky was dressed in lace over white satin, with a small wreath of pink wild roses, in her hair, and looked very nice. Bertie was in full Highland dress. The Green Park and Hyde Park were one mass of densely crowded human beings, in the highest good humour and most enthusiastic. I never saw Hyde Park look as it did, being filled with crowds as far as the eye could reach. A little rain fell, just as we started; but before we neared the Crystal Palace, the sun shone and gleamed upon the gigantic edifice, upon which the flags of every nation were flying. We drove up Rotten Row and got out of our carriages at the entrance on that side. The glimpse through the iron gates of the Transept, the moving palms and flowers, the myriads of people filling the galleries and seats around, together with the flourish of trumpets, as we entered the building, gave a sensation I shall never forget, and I felt much moved. We went for a moment into a little room where we left our cloaks and found Mama and Mary. Outside all the Princesses were standing. In a few seconds we proceeded, Albert leading me having Vicky at his hand, and Bertie holding mine. The sight as we came to the centre where the steps and chair (on which I did not sit) was placed, facing the beautiful crystal fountain was magic and impressive. The tremendous cheering, the joy expressed in every face, the vastness of the building, with all its decorations and exhibits, the sound of the organ (with 200 instruments and 600 voices, which seemed nothing), and my beloved Husband the creator of this great 'Peace Festival', uniting the industry and art of all nations of the earth, all this, was indeed moving, and a day to live forever. God bless my dearest Albert, and my dear Country which has shown itself so great today . . . The Nave was full of people, which had not been intended and deafening cheers and waving of handkerchiefs, continued the whole time of our long walk from one end of the building, to the other. Every face was bright, and smiling, and many even had tears in their eyes. Many Frenchmen called out 'Vive la Reine'. One could of course see nothing, but what was high up in the Nave, and nothing in the Courts. The organs were but little heard, but the Military Band, at one end, had a very fine effect, playing the March from *Athalie*, as we passed along. The old Duke of Wellington and Lord Anglesey walked arm in arm, which was a touching sight. I saw many acquaintances, amongst those present. We

returned to our place and Albert told Lord Breadalbane to declare the Exhibition to be opened, which he did in a loud voice saying 'Her Majesty commands me to declare the Exhibition opened', when there was a flourish of trumpets, followed by immense cheering. Everyone was astounded and delighted. The return was equally satisfactory—the crowd most enthusiastic and perfect order kept. We reached the Palace at 20 m. past 1 and went out on the balcony, being loudly cheered. The Prince and Princess [of Prussia] were quite delighted and impressed. That we felt happy and thankful,—I need not say—proud of all that had passed and of my beloved one's success. Dearest Albert's name is for ever immortalised and the absurd reports of dangers of every kind and sort, set about by a set of people,—the 'soi-disant' fashionables and the most violent protectionists—are silenced. It is therefore doubly satisfactory that all should have gone off so well, and without the slightest accident or mishap.

Once the excitement was over, however, the Queen had once more to face the 'dreadful Lord Palmerston who now gave offence by announcing that he intended to receive the Hungarian patriot, Lajos Kossuth, whose forthcoming visit to England was to arouse great fervour in Liberal and Radical circles.

TO PALMERSTON

31 October 1851

The Queen mentioned to Lord Palmerston when he was last here at Windsor Castle that she thought it would not be advisable that he should receive M. Kossuth upon his arrival in England, as being wholly unnecessary, and likely to be misconstrued abroad. Since M. Kossuth's arrival in this country, and his violent denunciations of two Sovereigns with whom we are at peace, the Queen thinks that she owes it as a mark of respect to her Allies, and generally to all States at peace with this country, not to allow that a person endeavouring to excite a political agitation in this country against her Allies should be received by her Secretary of State for Foreign Affairs. Whether such a reception should take place at his official or private residence can make no difference as to the public nature of the act. The Queen must therefore demand that the reception of M. Kossuth by Lord Palmerston should not take place.

TO RUSSELL

31 October 1851

The Queen has just received Lord John Russell's letter. She thinks it natural that Lord John should wish to bring a matter which may cause a rupture in the Government before the Cabinet, but thinks his having summoned the Cabinet only for Monday will leave Lord Palmerston at liberty in the intermediate time to have his reception of Kossuth, and then rest on his *fait accompli*. Unless, therefore, Lord John Russell can bind him over to good conduct, all the mischief which is apprehended from this step of his will result; and he will have, moreover, the triumph of having carried his point, and having set the Prime Minister at defiance.

1 November 1851
The Queen has to acknowledge Lord John Russell's letter of this day, and returns the copy of his to Lord Palmerston. She feels that she has the right and the duty to demand that one of her Ministers should not by his private acts, compromise her and the country, and therefore omitted in her letter to Lord Palmerston all reference to Lord John Russell's opinion; but she of course much prefers that she should be protected from the wilful indiscretions of Lord Palmerston by the attention of the Cabinet being drawn to his proceedings without her personal intervention.

20 November 1851
The Queen must write to-day to Lord John Russell on a subject which causes her much anxiety. Her feelings have again been deeply wounded by the official conduct of her Secretary of State for Foreign Affairs since the arrival of M. Kossuth in this country. The Queen feels the best interests of her people, the honour and dignity of her Crown, her public and personal obligations towards those Sovereigns with whom she professes to be on terms of peace and amity, most unjustifiably exposed ... These remarks seem to be especially called for after the report of the official interview between Lord Palmerston and the deputation from Finsbury,* and the Queen requests Lord John Russell to bring them under the notice of the Cabinet.

21 November 1851
The Queen cannot suppose that Lord John considers the official reception by the Secretary of State for Foreign Affairs of addresses, in which allied Sovereigns are called Despots and Assassins, as within that 'latitude' which he claims for every Minister.

Although Palmerston survived this crisis, he was not to survive the next. On 2 December Prince Louis Napoleon, nephew of Napoleon I, who had been elected President of the French Republic, engineered a coup d'état and proclaimed himself the Emperor Napoleon III. Two days later the Queen, who had harboured a hope that one of her Orleans relations might return to Paris on the Republic's demise, wrote to Russell:

The Queen has learnt with surprise and concern the events which have taken place at Paris. She thinks it is of great importance that Lord Normanby should be instructed to remain entirely passive, and to take no part whatever in what is passing. Any word from him might be misconstrued at such a moment.

13 December 1851
The Queen sends the enclosed despatch from Lord Normanby to Lord John

*Although he agreed not to receive Kossuth in his house, Palmerston did accept at the Foreign Office addresses from deputations of Radicals in which the Emperor of Austria and the Tsar were referred to as 'odious and detestable assassins' and 'merciless tyrants and despots'.

Russell, from which it appears that the French Government pretend to have received the entire approval of the late *coup d'état* by the British Government, as conveyed by Lord Palmerston to Count Walewski [the French Ambassador]. The Queen cannot believe in the truth of the assertion, as such an approval given by Lord Palmerston would have been in complete contradiction to the line of strict neutrality and passiveness which the Queen had expressed her desire to see followed with regard to the late convulsion at Paris, and which was approved by the Cabinet, as stated in Lord John Russell's letter of the 6th inst. Does Lord John know anything about the alleged approval, which, if true, would again expose the honesty and dignity of the Queen's Government in the eyes of the world?

19 December 1851
Lord John will readily conceive what must be her feelings in seeing matters go from bad to worse with respect to Lord Palmerston's conduct!

20 December 1851
The Queen has now to express to Lord John Russell her readiness to follow his advice, and her acceptance of the resignation of Lord Palmerston. She will be prepared to see Lord John after the Cabinet on Monday, as he proposes.

JOURNAL

20 December 1851
After luncheon we saw the correspondence, beginning with a long letter from Lord Palmerston, in which he hardly touches upon his improper conduct in telling Walewski he entirely approved of the coup d'état, trying to make out that each person 'coloured highly' what the other said, and that he had merely given his opinion. He entered into a long dissertation to prove the reason why Louis Napoleon was justified in doing what he did. To this, Lord John wrote: that this explanation was quite unsatisfactory,—that he discussed questions which had no bearing on the matter Lord John had called upon him to explain; that he felt the time had come when it was best he should no longer hold the Seals of the Foreign Office, for he perceived that his indiscretion led to endless misunderstandings and breaches of decorum, which endangered our relations with other countries. He offered Lord Palmerston the Lord-Lieutenancy of Ireland, and ended by (I consider rather unnecessary and uncalled for) praises. Lord Palmerston has answered very stiffly that he will be prepared to give up the Seals as soon as his successor is appointed.

Our relief was great and we felt quite excited by the news, for our anxiety and worry during the last five years and a half, which was indescribable, was mainly, if not entirely, caused by him! It is a great and unexpected mercy, for I really was on the point of declaring on my part that I could no longer retain Lord Palmerston, which would have been a most disagreeable task, and not unattended with a small amount of danger, inasmuch as it would have put me too prominently forward.

TO RUSSELL.

20 December 1851
With respect to a successor to Lord Palmerston, the Queen must state, that after the

sad experience which she has just had of the difficulties, annoyances, and dangers to which the Sovereign may be exposed by the personal character and qualities of the Secretary for Foreign Affairs, she must reserve to herself the unfettered right to approve or disapprove the choice of a Minister for this Office.

Lord Granville, whom Lord John Russell designates as the person best calculated for that post, would meet with her entire approval. The possible opinion of the Cabinet that more experience was required does not weigh much with the Queen. From her knowledge of Lord Granville's character, she is inclined to see no such disadvantage in the circumstance that he has not yet had practice in managing Foreign Affairs, as he will be the more ready to lean upon the advice and judgment of the Prime Minister where he may have diffidence in his own, and thereby will add strength to the Cabinet by maintaining unity in thought and action.

TO KING LEOPOLD

I have the greatest pleasure in announcing to you a piece of news which I know will give you as much satisfaction and relief as it does to us, and will do to the whole of the world. Lord Palmerston is no longer Foreign Secretary—and Lord Granville is already named his successor!! He had become of late really quite reckless.

JOURNAL

Half past 3 and no sign of Lord Palmerston. Lord John came in to say he thought Lord P. must not be intending to come. On my asking whether the Seals could be delivered up by another person, Lord John replied, they could, and that George III and William IV had sent for the Seals in anger, not allowing the minister to deliver them up; but it certainly always had been an understood thing that the minister ought to deliver up the Seals himself. Lord John however, at our suggestion, went to enquire about the trains, to see if any other was due. . . . By this time it being nearly 4, Lord John returned and advised me to receive the Seals from him, which I did, and then held the Council at which Lord Granville was sworn in, and I delivered the Seals to him. After the Council we saw him and when I expressed my satisfaction at seeing him in his new office, he was so overcome as to be hardly able to speak. We talked to him generally of what had passed. . . . Lord Granville seemed quite to understand everything and all he said was most discreet, giving us the impression that he was not alarmed at the task. He said he thought Lord Palmerston's faults were more easily to be avoided, than his great merits were to be copied. . . . The relief of having such a good, amiable, honest man, in the place of one whom I grieve to think, I must with truth, consider an unprincipled man, is not to be described, and I can hardly yet realise it.

TO KING LEOPOLD

All that you say about Lord Palmerston is but too true. . . . He *brouillé* us and the country with every one. . . . It is too grievous to think how much misery and mischief might have been avoided. However, now he has done with the Foreign Office for ever, and 'the veteran statesman,' as the newspapers, to our great amusement and I am sure to his infinite annoyance, call him, must rest upon his laurels.

TO RUSSELL

The Queen sees in the papers that there is to be a *Te Deum* at Paris on the 2nd for the success of the *coup d'état*, and that the Corps Diplomatique is to be present. She hopes that Lord Normanby will be told not to attend. Besides the impropriety of his taking part in such a ceremony, his doing so would entirely destroy the position of Lord John Russell opposite Lord Palmerston, who might with justice say that he merely expressed his personal approval of the *coup d'état* before, but since, the Queen's Ambassador had been ordered publicly to thank God for its success.

TO KING LEOPOLD

Matters are very critical and all Van de Weyer [the Belgian Foreign Minister] has told us *n'est pas rassurant*. With such an extraordinary man as Louis Napoleon, one can never be for one instant safe. It makes me very melancholy; I love peace and quiet—in fact, I hate politics and turmoil, and I grieve to think that a spark may plunge us into the midst of war. Still I think that may be avoided. Any attempt on Belgium would be *casus belli* for us; that you may rely upon. Invasion I am not afraid of, but the spirit of the people here is very great—they are full of defending themselves—and the spirit of the olden times is in no way quenched.

Albert grows daily fonder and fonder of politics and business, and is so wonderfully fit for both—such perspicacity and such courage—and I grow daily to dislike them both more and more. We women are not made for governing—and if we are good women, we must dislike these masculine occupations; but there are times which force one to take interest in them *mal gré bon gré*, and I do, of course, intensely.

Lord Granville's first tenure of the Foreign Office proved to be short-lived, for towards the end of the month Lord John Russell's proposal to meet the possible threat from France by strengthening the local militia was deemed inadequate by Parliament and his Government fell. The Queen sent for Lord Derby.

TO KING LEOPOLD

Great and not very pleasant events have happened since I wrote last to you. I know that Van de Weyer has informed you of everything, of the really (till the last day) unexpected defeat, and of Lord Derby's assumption of office, with a very sorry Cabinet. I believe, however, that it is quite necessary they should have a trial, and then have done with it. Provided the country remains quiet, and they are prudent in their Foreign Policy, I shall take the trial as patiently as I can. . . .

Alas! your confidence in our excellent Lord Granville is no longer of any avail, though I hope ere long he will be at the Foreign Office again, [as he was to be in 1870-4 and 1880-5] and I cannot say that his successor [Lord Malmesbury], who has never been in office (as indeed is the case with almost all the new Ministers), inspires me with confidence.

9 March 1852
We have a most talented, capable, and courageous Prime Minister, but all his people have no experience—have never been in any sort of office before!

23 March 1852
Our acquaintance is confined almost entirely to Lord Derby, but then he is the Government. They do nothing without him. He has all the Departments to look after, and on being asked by somebody if he was not much tired, he said: 'I am quite well with my babies!'

30 March 1852
Mr Disraeli (alias Dizzy) [the Chancellor of the Exchequer] writes very curious reports to me of the House of Commons proceedings—much in the style of his books.

JOURNAL

16 March 1852
Disraeli's reports are just like his novels, highly coloured.

1 April 1852
She [Mrs Disraeli] is very vulgar, not so much in her appearance, as in her way of speaking, he is most singular,—thoroughly Jewish looking, a livid complexion, dark eyes and eyebrows and black ringlets. The expression is disagreeable, but I did not find him so to talk to. He has a very bland manner, and his language is very flowery.

TO KING LEOPOLD

17 September 1852
I am sure you will mourn with us over the loss we and this whole nation have experienced in the death of the dear and great old Duke of Wellington. It was a stroke, which was succeeded rapidly by others, and carried him off without any return of consciousness. For him it is a blessing that he should have been taken away in the possession of his great and powerful mind and without a lingering illness. But for this country, and for us, his loss—though it could not have been long delayed—is irreparable! He was the pride and the *bon génie*, as it were, of this country! He was the greatest man this country ever produced, and the most devoted and loyal subject, and the staunchest supporter the Crown ever had . . . We shall soon stand sadly alone; Aberdeen is almost the only personal friend of that kind we have left. Melbourne, Peel, Liverpool—and now the Duke—all gone!

23 November 1852
Disraeli has been imprudent and blundering, and has done himself harm by a Speech he made about the Duke of Wellington, which was borrowed from an *éloge* by Thiers on a French Marshal!!! [Marshal Gouvion de St Cyr]

You will have heard . . . how very touching the ceremony both in and out of doors was on the 18th [the day of the state funeral]. The behaviour of the millions assembled has been the topic of general admiration, and the foreigners have all assured me that they never could have believed such a number of people could have

shown such feeling, such respect, for not a sound was heard! I cannot say what a deep and *wehmütige* impression it made on me! It was a beautiful sight. In the Cathedral it was much more touching still! The dear old Duke! he is an irreparable loss!



M. A. P. 1852

child, with very large dark blue eyes, a finely formed but somewhat large nose, and a pretty little mouth; I hope and pray he may be like his dearest Papa. He is to be called Albert, and Edward is to be his second name. Pussy [Princess Victoria], dear child, is still the great pet amongst us all, and is getting so fat and strong again. She is not at all pleased with her brother . . .

I have been suffering so from lowness that it made me quite miserable, and I know how difficult it is to fight against it. I wonder very much who our little boy will be like. You will understand how fervent my prayers and I am [sure] everybody's must be, to see him resemble his angelic dearest Father in every, every respect, both in body and mind. Oh! my dearest Uncle, I am sure if you knew how happy, how blessed I feel, and how proud I feel in possessing such a perfect being as my husband, as he is, and if you think that you have been instrumental in bringing about this union, it must gladden your heart! How happy should I be to see our child grow up just like him! Dear Pussy travelled with us and behaved like a grown-up person, so quiet and looking about and coquetting with the Hussars on either side of the carriage. Now adieu!

18 January 1842

Our Claremont trip was very enjoyable, only we missed Pussy so much; another time we shall take her with us; the dear child was so pleased to see us again, particularly dear Albert, whom she is so fond of . . . We think of going to Brighton early in February, as the physicians think it will do the children great good, and perhaps it may be; for I am very strong as to fatigue and exertion, but not quite right otherwise; I am growing thinner, and there is a want of tone, which the sea may correct.

Although she did not mention it in her correspondence with her uncle, the Queen and Prince Albert were in the midst of their first serious quarrel. The source of the trouble was Baroness Lehzen who, so Anson said, let no opportunity of creating mischief escape her, and in her passionate jealousy was determined to retain her power over her former charge's children. She was 'a crazy, stupid intriguer . . . who regards herself as a demi-God,' wrote the Prince, 'and anyone who refuses to recognise her as such is a criminal.' He was convinced that her interference in the nursery was as much responsible for his daughter's weakness as was the incompetence of Dr. Clark and the nurses. He spoke to the Queen on the subject on 18 January and she flared up in anger, shouting that he could murder the child if he wanted to. Controlling his own anger, the Prince murmured, 'I must have patience.' He went downstairs to his own room where he gave vent to his fury in a note to his wife: 'Dr. Clark has mismanaged the child and poisoned her with calomel and you have starved her. I shall have nothing more to do with it; take the child away and do as you like and if she dies you will have it on your conscience.'

The Prince sent this note to Baron Stockmar with a covering letter in which he wrote, 'Victoria is too hasty and passionate for me to be able often to speak of my difficulties. She will not hear me out but flies into a rage and overwhelms me with reproaches of suspiciousness, want of trust, ambition, envy, etc. etc. . . . All the disagreeableness I suffer

FAMILY LIFE

1841-1861

Happy as she was in her marriage, the Queen did not take kindly to the duties of child bearing which it imposed. It was not that she disliked children, but she did not at all care for babies when they were still incapable of more than what she called 'that terrible frog-like action'; and she was disgusted by the physical aspects of childbirth. She had been deeply upset to discover herself to be pregnant for the first time and, after the birth of the child, had been much annoyed when King Leopold expressed the hope that Princess Victoria would be the first of many children.

TO KING LEOPOLD

5 January 1841

I think, dearest Uncle, you cannot really wish me to be the 'Mamma d'une nombreuse famille,' for I think you will see with me the great inconvenience a large family would be to us all, and particularly to the country, independent of the hardship and inconvenience to myself; men never think, at least seldom think, what a hard task it is for us women to go through this very often. God's will be done, and if He decrees that we are to have a great number of children why we must try to bring them up as useful and exemplary members of society . . . I think you would be amused to see Albert dancing her in his arms; he makes a capital nurse (which I do not, and she is much too heavy for me to carry), and she already seems so happy to go to him.

The christening will be at Buckingham Palace on the 10th of February, our dear marriage-day.

Reluctant though she was to have a large family, the Queen gave birth with what she considered tiresome regularity. Her second child, the future King Edward VII, was born on 9 November 1841.

TO KING LEOPOLD

29 November 1841

I would have written sooner, had I not been a little bilious, which made me very low, and not in spirits to write . . . They think that I shall not get my appetite and spirits back till I can get out of town; we are therefore going in a week at latest. I am going for a drive this morning, and am certain it will do me good. In all essentials, I am better, if possible, than last year. Our little boy is a wonderfully strong and large

comes from one and the same person [Baroness Lehzen] and that is precisely the person whom Victoria chooses for her friend and confidante.

TO STOCKMAR

19 January 1842

If A's note is full of hard words and other things that might make me angry and unhappy (as I know, he is unjust) don't show it me but tell me what he wants, for I don't wish to be angry with him and really my feelings of justice would be too violent to keep in, did I read what was too severe. If you think it is not calculated to do this, let me see it . . . Albert must tell me what he dislikes and I will set about to remedy it, but he must also promise to listen to and believe me; when (on the contrary) I am in a passion which I trust I am not very often in now, he must not believe the stupid things I say like being miserable I ever married and so forth which come when I am unwell . . . I have often heard Albert own that everybody recognised Lehzen's former services to me and my only wish is that she should have a quiet home in my house and see me sometimes. A. cannot object to my having her to talk to some times . . . and I assure you upon my honour that I see her very seldom now and only for a few minutes, often to ask questions about papers and *voilette* for which she is of the greatest use to me. A. often and often thinks I see her, when I don't. . . I tell you this as it is true, as you know me to be. . . Dearest Angel Albert, God only knows how I love him. His position is difficult, heaven knows and we must do everything to make it easier.

20 January 1842

There is often an irritability in me which (like Sunday last which began the whole misery) makes me say cross and odious things which I don't myself believe and which I fear hurt A., but which he should not believe . . . but I trust I shall be able to conquer it. Our position is tho' very different to any other married couples. A. is in my house and not I in his.—But I am ready to submit to his wishes as I love him so dearly.

Confronted by Prince Albert's forceful stand, the Queen was ready, in fact, to agree to the departure of Baroness Lehzen who was granted a generous pension and went to live with her sister in Buckeburg.

TO KING LEOPOLD

20 September 1842

We found our dear little Victoria so grown and so improved, and speaking so plain, and become so independent; I think really few children are as forward as she is. She is quite a dear little companion. The Baby is sadly backward, but also grown, and very strong.

10 January 1843

Victoria plays with my old bricks, etc., and I think you would be pleased to see this and to see her running and jumping in the flower garden, as old—though I fear still

little—Victoria of former days used to do. She is very well, and such an amusement to us, that I can't bear to move without her; she is so funny and speaks so well, and in French also, she knows almost everything.

4 April 1843

[Stockmar] will, I hope, tell you how prosperous he found us all; and how surprised and pleased he was with the children; he also is struck with Albert junior's likeness to his dearest papa, which everybody is struck with. Indeed, dearest Uncle, I will venture to say that not only no Royal *Ménage* is to be found equal to ours, but no other *ménage* is to be compared to ours, nor is any one to be compared, take him altogether, to my dearest Angel!

9 May 1843

Thank God I am stronger and better this time [after the birth of her third child, Princess Alice, on 25 April] than either time before, my nerves are so well which I am most thankful for. . . My adored Angel has, as usual, been all kindness and goodness, and dear Pussy a very delightful companion. She is very tender with her little sister, who is a pretty and large baby and we think will be the beauty of the family.

16 May 1843

I am happy to give you still better accounts of myself. I have been out every day since Saturday, and have resumed all my usual habits almost (of course resting often on the sofa, and not having appeared in Society yet), and feel so strong and well; much better (independent of the nerves) than I have been either time.

Our little baby, who I really am proud of, for she is so very forward for her age, is to be called Alice, an old English name, and the other names are to be Maud (another old English name and the same as Matilda) and Mary, as she was born on Aunt Gloucester's birthday. . . The King of Hanover. . . Ernestus, [her Uncle Ernest who had been asked to be a sponsor] has never said when he will come, even now, but always threatens that he will.

6 June 1843

Our christening went off very brilliantly, and I wish you could have witnessed it. . . The King of Hanover arrived just in time to be too late. He is grown very old and excessively thin, and bends a good deal. He is very gracious, for him. Pussy and Bertie (as we call the boy) were not at all afraid of him, fortunately; they appeared after the *déjeuner* on Friday, and I wish you could have seen them; they behaved so beautifully before that great number of people, and I must say looked very dear, all in white, and very *distingués*; they were much admired.

16 January 1844

We leave dear Claremont, as usual, with the greatest regret; we are so peaceable here; Windsor is beautiful and comfortable, but it is a palace, and God knows how willingly I would always live with my beloved Albert and our children in the quiet

and retirement of private life, and not be the constant object of observation, and of newspaper articles. The children (Pussette and Bertie) have been most remarkably well, and so have we.

Prince Albert's father, the disreputable Duke of Saxe-Coburg and Gotha, died on 29 January 1844; and the Queen gave way to expressions of grief which, even for her generation and even though on this occasion she was principally concerned for her husband, must be considered extravagant.

TO KING LEOPOLD

6 February 1844

You must now be the father of us two poor bereaved heart broken children. To describe to you all that we have suffered, all that we do suffer, would be difficult. God has heavily afflicted us. We feel crushed, overwhelmed, bowed down by the loss of one who was so deservedly loved, I may say adored, by his children and family. I loved him and looked on him as my own father.

25 March 1845

You will, I am sure, be pleased to hear that we have succeeded in purchasing Osborne in the Isle of Wight,* and if we can manage it, we shall probably run down there before we return to Town, for three nights. It sounds so snug and nice to have a place of one's own, quiet and retired.

TO MELBOURNE

23 April 1845

The Queen had intended to have written to Lord Melbourne from Osborne to thank him for his last note, but we were so occupied, and so delighted with our new and really delightful home, that she hardly had time for anything; besides which the weather was so beautiful, that we were out almost all day . . . She thinks it is impossible to imagine a prettier spot—valleys and woods which would be beautiful anywhere; but all this near the sea (the woods grow into the sea) is quite perfection; we have a charming beach quite to ourselves. The sea was so blue and calm that the Prince said it was like Naples. And then we can walk about anywhere by ourselves without being followed and mobbed, which Lord Melbourne will easily understand is delightful. And last, not least, we have Portsmouth and Spithead so close at hand, that we shall be able to watch what is going on, which will please the Navy, and be hereafter very useful for our boys [the Queen's second son, Prince Alfred, had been born in August the previous year].

TO PEELE

22 June 1845

We are more and more delighted with this lovely spot, the air is so pure and fresh,

*Osborne House was bought with an estate of about 1,000 acres. The house was too small; and the foundation stone of a new mansion, designed by Prince Albert with help from Thomas Cubitt, was laid on 23 June 1845. Anson estimated that the cost, which was to be borne by the Queen's income, would be £200,000.

and in spite of the hottest sun which oppresses one so dreadfully in London and even at Windsor . . . really the combination of sea, trees, woods, flowers of all kinds, the purest air . . . make it—to us—a perfect little Paradise.

TO MELBOURNE

31 July 1845

We are comfortably and peacefully established here since the 19th, and derive the greatest benefit, pleasure, and satisfaction from our little possession here. The dear Prince is constantly occupied in directing the many necessary improvements which are to be made, and in watching our new house, which is a constant interest and amusement.

TO KING LEOPOLD

3 March 1846

I wish you could be here, and hope you will come here for a few days during your stay, to see the innumerable alterations and improvements which have taken place. My dearest Albert is so happy here, out all day planting, directing, etc., and it is so good for him. It is a relief to be away from all the bitterness which people create for themselves in London.

16 May 1848

The poor Duchess of Gloster is again in one of her nervous states, and gave us a dreadful fright at the Christening [of Princess Louise, the Queen's sixth child] by quite forgetting where she was, and coming and kneeling at my feet in the midst of the service. Imagine our horror!

30 December 1848

I write to you once more in this old and most dreadful year [of revolutions] . . . but I must not include myself or my country in the misfortunes of this past year:—on the contrary I have nothing but thanks and most grateful thanks to offer up for all that has happened here.

The birth of Princess Louise in 1848 was followed by that of her seventh child, Prince Arthur, in 1850, and by that of her eighth, Prince Leopold, on 7 April 1853. She was given what she called 'that blessed chloroform' for the first time. The effect, she wrote in her journal on 22 April, was 'soothing, quieting and delightful beyond measure'.

TO KING LEOPOLD

8 April 1853

Stockmar will have told you that Leopold is to be the name of our fourth young gentleman. It is a mark of love and affection which I hope you will not disapprove. It is a name which is the dearest to me after Albert, and one which recalls the almost only happy days of my sad childhood; to hear 'Prince Leopold' again, will make me think of all those days!

I profit by your own messenger to confide to you, and to you alone, begging you not to mention it to your children, that our wishes on the subject of a future marriage for Vicky have been realised in the most gratifying and satisfactory manner.

On Thursday (20th) after breakfast, Fritz Wilhelm [Prince Frederick William of Prussia] said he was anxious to speak of a subject which he knew his parents had never broached to us—which was to belong to our Family; that this had long been his wish, that he had the entire concurrence and approval not only of his parents but of the King—and that finding Vicky so *allerliebste*, he could delay no longer in making this proposal . . . He is a dear, excellent, charming young man, whom we shall give our dear child to with perfect confidence. What pleases us greatly is to see that he is really delighted with Vicky.

MEMORANDUM BY THE QUEEN

29 September 1855

I must write down at once what has happened—what I feel and how grateful I am to God for one of the happiest days of my life! When we got off our ponies this afternoon Fritz gave me a look which implied that his little proposal to Vicky, which he had begged us to let him make—had succeeded . . . He said in answer to my question whether anything had occurred, yes—that while riding with her—just at the very beginning, he began to speak of Germany, his hope that she would come there and stay there. They were interrupted in fact 3 times, upon one occasion by the picking up of some white heather, which he said was good luck—which he wished her—and she him. At last towards the end of the ride, he repeated again his observation about Prussia, she answered she would be happy to stay there for a year. He added he hoped always—on which she became very red. He continued, he hoped he had said nothing which annoyed her—to which she replied 'Oh! no.' He added might he tell her parents? which she then expressed a wish to do herself. He then shook hands with her—said this was one of the happiest days of his life. I tell this all in a hurry. We approved all this . . . Vicky came into my room, where we both were . . . seemed very much agitated . . . Her Papa asked her if she had nothing more to say 'Oh! yes a great deal'. We urged her to speak and she said: 'Oh! it is that I am very fond of the Prince'. We kissed and pressed the poor dear child in our arms and Albert then told her how the Prince . . . on the 20th had spoken to us . . . [how he] wished to see more and more of her. I asked did she wish the same? 'Oh, yes, everyday,' looking up joyously and happily in my face—she was kneeling. Had she always loved him? 'Oh always!' . . . Albert came in to say that Fritz was there, and I took her in. She was nervous but did not hesitate or falter in giving her very decided answer . . . He kissed her hand twice, I kissed him and when he kissed her hand again . . . she threw herself into his arms, and kissed him with a warmth which was responded to by Fritz again and again and I would not for the world have missed so touching and beautiful a sight . . . It is his first love! Vicky's great youth makes it even more striking, but she behaved as a girl of 18 would, so naturally, so quietly and modestly and yet showing how very strong her feelings are.

TO PRINCESS AUGUSTA OF PRUSSIA

22 October 1855

I have hardly ever discussed Vicky with you, partly because it seemed somewhat immodest to mention her gradual development or to praise her unduly, and also because she was so largely the object of our secret hopes and desires. However, now that God has graciously granted our wishes I will keep silent no longer and will tell you all you wish to know. Already Fritz must have told you so much about her that I can have very little more to add. She has developed amazingly of late and her visit to France proved beneficial in every way. She is now slightly taller than I am and grows visibly. I find her very good company and this important event in her life has now brought us even closer together. I experience everything she feels, and since I myself still feel so young our relationship is more like that of two sisters . . . But she is still half a child and has to develop herself both physically and morally before their marriage takes place in two years' time.

TO PALMERSTON

26 March 1856

The Chancellor speaks of people being inclined to make remarks as to its being wrong that the Princess Royal should be at so young an age bound to contract a marriage a year and a half hence, which would tend to fetter her future direction while she ought to be left a free agent.

He is however probably unaware that the Princess' choice, although made with the sanction and approval of her parents, has been one entirely of her own heart, and that she is as solemnly engaged by her own free will and wish to Prince Frederick William of Prussia, as anyone can be, and that before God she has pledged her word. Therefore, whether it will be publicly announced or not, she could not break this solemn engagement. The Princess is now confirmed and old enough to know her own feelings and wishes, though she may not be old enough to consummate the marriage and leave her parents' roof.

TO PRINCESS AUGUSTA OF PRUSSIA

9 June 1856

The young couple are as happy as can be here! Fritz is unbelievably in love and shows such a touching faith in our child, which from some one so young was altogether unexpected and is, indeed, very flattering and delightful for Vicky. Her love and trust in him grows daily and yet she is very placid and sensible in herself.

6 October 1856

I had already realised with much sorrow that this separation [from her daughter upon her marriage] would affect you terribly and that the feeling of emptiness afterwards would be horribly painful and acute. But I do hope you will gradually accustom yourself to it, particularly as you were often separated from Luise for weeks on end.

With me the circumstances are quite different. I see the children much less and even here, where Albert is often away all day long, I find no especial pleasure or compensation in the company of the elder children. You will remember that I told you this at Osborne. Usually they go out with me in the afternoon (Vicky mostly, and the others also sometimes), or occasionally in the mornings when I drive or walk

or ride, accompanied by my lady-in-waiting. And only very exceptionally do I find the rather intimate intercourse with them either agreeable or easy. You will not understand this, but it is caused by various factors. Firstly, I only feel properly à *mon aise* and quite happy when Albert is with me; secondly, I am used to carrying on my many affairs quite alone; and then I have grown up all alone, accustomed to the society of adult (and never with younger) people—lastly, I still cannot get used to the fact that Vicky is almost grown up. To me she still seems the same child, who had to be kept in order and therefore must not become too intimate. Here are my sincere feelings in contrast to yours. And this is why the separation, although in many ways very difficult and painful for me, will not be as acute and terrible as it is in your case, which is really lucky.

TO CLARENDON

25 October 1857

It would be well if Lord Clarendon would tell Lord Bloomfield [Minister at Berlin] not to entertain the possibility of such a question as the Princess Royal's marriage taking place at Berlin. The Queen never could consent to it, both for public and private reasons, and the assumption of its being too much for a Prince Royal of Prussia to come over to marry the Princess Royal of Great Britain in England is too absurd, to say the least. The Queen must say that there never was even the shadow of a doubt on Prince Frederick William's part as to where the marriage should take place, and she suspects this to be the mere gossip of the Berliners. Whatever may be the usual practice of Prussian Princes, it is not every day that one marries the eldest daughter of the Queen of England. The question therefore must be considered as settled and closed.*

TO KING LEOPOLD

12 January 1858

It is a time of immense bustle and agitation; I feel it is terrible to give up one's poor child, and feel very nervous for the coming time, and for the departure. But I am glad to see Vicky is quite well again and *unberufen* has got over her cold and is very well.

TO PRINCESS FREDERICK WILLIAM

2 February 1858

My first occupation on this sad, sad day [of the Princess' departure for Germany]—is to write to you. An hour is already past since you left—and I trust that you are recovering a little, but then will come that awful separation from dearest Papa! How I wish that was over for you, my beloved child! I struggle purposely against my feelings not to be too much overcome by them, as it is our duty to do, but I feel very sick when I think all, all is past, all that seemed so distant, all the excitement, every thing—and nothing here but a sad, sad blank! Yes it is cruel, very cruel—very trying for parents to give up their beloved children, and to see them go away from the happy peaceful home—where you used all to be around us!

*In accordance with the Queen's wishes the marriage took place at the Chapel Royal, St. James's on 25 January 1858. The Queen felt 'almost as if it were I that was being married over again, only much more nervous.'

... It is snowing away and everything is white and dreary! I could not go out—and shall see if I can this afternoon.

Poor dear Alice, whose sobs must have gone to your heart—is sitting near me writing to you... Dearest, dearest child, may every blessing attend you both.

4 February 1858

I am better today, but my first thoughts on waking were very sad—and the tears are ever coming to my eyes and ready to flow again but I am feeling much better today. But the idea of not seeing you for so long seems unbearable. Every thing I do—or see makes me think of you, makes me long to tell you all about it... Today we have been to the British Museum (this afternoon) and have seen the splendid new Reading Room and as we looked at the antiques—I kept thinking how our dear Vicky would have admired their beauties! Everything recalls you to our mind, and in every room we shall have your picture!

5 February 1858

You wrote dearest Papa such a beautiful letter, it made me cry so much, as indeed every thing does. I don't find I get any better. Even looking at your fine large photograph which I have mounted standing on a small easel before me—upsets me!

God bless you for your dear warm affectionate heart and for your love to your adored father. That will bring blessings on you both! How he deserves your worship—your confidence... What a pride to be his child as it is for me to be his wife!

7 February 1858

Do only let Lady Churchill [the Queen's Lady of the Bedchamber who accompanied the Princess to Germany] describe all your rooms at the palace at Berlin and you must tell me exactly how your hours are—what you do—when you dress and undress and breakfast, etc., for you know all what we do to a minute but unfortunately we know nothing and that makes the separation so much more trying.

Now that you are established at your new home, you must try and answer my questions and enter into some of the subjects I mention else we can never replace conversation. You remember how vexed you always were when you did not get answers to your letters... Get Jane [Churchill] to tell me all about your rooms—the railway carriages etc. Has the railway carriage got a small room to it? And (you will think me as bad as Leopold B.) [the inquisitive Leopold of Brabant] were your rooms on the journey and at Potsdam arranged according to English fashion? Then I see by the papers you wore a green dress at the Cologne concert. Was that the one with black lace?—You must not be impatient about all these details which I am so anxious to know.

TO KING LEOPOLD

9 February 1858

The separation was awful, and the poor child was quite broken-hearted, particularly at parting from her dearest beloved papa, whom she idolises. How we miss her, I can't say, and never having been separated from her since thirteen years

above a fortnight. I am in a constant fidget and impatience to know everything about everything. . . . The blank she has left behind is very great indeed. . . . To-morrow is the eighteenth anniversary of my blessed marriage, which has brought such universal blessings on this country and Europe! For what has not my beloved and perfect Albert done? Raised monarchy to the highest pinnacle of respect, and rendered it popular beyond what it ever was in this country!

TO PRINCESS FREDERICK WILLIAM

11 February 1858
You cannot think what a delight for us it was to receive your dear, long, affectionate and interesting letter. . . . But pray don't write on that enormous paper—for it will go into no box or book.

How glad I am that you are comfortably established but how are the rooms placed—and are there passages or must you (as in the greater part of those old places) go through all the rooms to get to the others? . . .

How do you like the houses and the diet? Lady Churchill says the rooms at night are so awfully hot.

15 February 1858
Only remember that the better you become acquainted with the family and court the more you must watch yourself and keep yourself under restraint. No familiarity—no loud laughing. You know, dearest, how necessary it is to have self control, tiresome as it may be. Kindness, friendliness and civility but no familiarity except with your parents (in-law) . . .

That you are so happy is a great happiness and great comfort to us and yet it gives me a pang, as I said once before to see and feel my own child so much happier than she ever was before, with another . . . You know, my dearest, that I never admit any other wife can be as happy as I am—so I can admit no comparison for I maintain Papa is unlike anyone who lives or ever lived and will live.

19 February 1858
The Duchess of Orleans kindly sent me a letter with an extract from a letter from the Grand Duchess Alexandrine of Mecklenburg-Schwerin about you which is very amiable and kind. It was naturally not written for us to see, so don't pray let her perceive any thing. Only one thing I can't understand she says: 'She is very small' which considering that you are a good deal taller than me, and I am not a dwarf, is rather hard.

22 February 1858
That you should have longings and yearnings for your own dear home and your parents and brothers and sisters is not only natural but it is right; if it were not so, we should be surprised and grieved.

Now I must tell you that you numbered the pages of your letter wrong, and then I must scold you a little bit for not answering some questions; but above all for not telling me what you do. My good dear child never liked matter of fact things—but Mama does, and when Lady Churchill leaves you I shall know nothing of what is

going on which makes me sad. I tell you all that is going on, so that you may follow everything, daily.

Pray do answer my questions, my dearest child, else you will be as bad as Bertie used to be, and it keeps me in such a fidget.

I asked you several questions on a separate paper about your health, cold sponging—temperature of your rooms etc. and you have not answered one! You should just simply and shortly answer them one by one and then there could be no mistake about them. My good dear child is a little unmethodical and unpunctual still. Fritz always answers all questions. Just write them down on a bit of paper—when you have time—and put them into your letter; never mind if they are old—only pray do answer them . . . Are you even happier than at Windsor? I thought that you could not be. Bertie is shocked at your liking every thing so much. But I have no fear of old England and home suffering by that. It is in one's own power to be happy—and to be contented. And with a husband whom one loves, as you do, one is sure to see every thing en couleur de rose and so one ought.

1 March 1858

One great drawback you all (our daughters I mean) will have, which I have not viz: the being exiled from your native land. This is a sad necessity. One great advantage however you all have over me, and that is that you are not in the anomalous position in which I am,—as Queen Regnant. Though dear Papa, God knows, does everything—it is a reversal of the right order of things which distresses me much and which no one, but such a perfection, such an angel as he is—could bear and carry through.

2 March 1858

You said in your long letter that the happiest time for you—was when you were alone with Fritz; you will now understand why I often grudged you children being always there, when I longed to be alone with dearest Papa! Those are always my happiest moments!

9 March 1858

Affie is going on admirably [with his studies preparatory to his joining the Royal Navy]; he comes to luncheon to-day (which is a real, brilliant Osborne day) and oh! when I see him and Arthur and look at. . . ! (You know what I mean!) [the Prince of Wales] I am in utter despair! The systematic idleness, laziness—disregard of everything is enough to break one's heart, and fills me with indignation. Alice behaved so admirably about it—and has much influence with him—but, to you I own, I am wretched about it. But don't mention this to a human being!

15 March 1858

That you should feel shy sometimes I can easily understand. I do so very often to this hour. But being married gives one one's position which nothing else can. Think however what it was for me, a girl of 18 all alone, not brought up at court as you were—but very humbly at Kensington Palace. No, no one knows what a life of

difficulties mine was—and is! How thankful I am that none of you, please God! ever will have that anomalous and trying position. Now do enter into this in your letters, you so seldom do that, except to answer a question.

31 March 1858
Most certainly I shall give your message to poor Bertie. Alas! I feel very sad and anxious about him: he is so idle and so weak! But God grant that he may take things more to heart and more seriously for the future, and get more power. The heart is good, warm and affectionate—if there were but reflection and power, and self-control...

We must look out for princesses for Bertie—as his wife ought not to be above a year or 2 younger than him, therefore 14 or 15 now, pretty, quiet and clever and sensible. Oh! if you would find us one!

14 April 1858
And now I must again come with a little scold; you have not written me one single word, for more than a week!! I am vexed, for you could easily have managed—if you would but be a little more expert—to say: 'I am well—had a good journey and am delighted with it etc.' And this could have been done in 1 minute, and would have given me pleasure, and this you did even on your fatiguing journey from England every day! You seem to think that if you can't write to me a long letter you are not to write at all. And yet I (and also Papa) wrote volumes from Osborne... Now let this not happen again promise me and answer this...

You have not answered me about the little Princess of Hesse [as a possible bride for the Prince of Wales]—though I asked you nearly 5 weeks ago—and repeated it—now don't forget. Whoever has the happiness of marrying B must be nearly his age; this we all feel and Mr. Tarver [the Prince's classical tutor] said it to me the other day. I must own I feel greatly relieved at his absence; he is so insupportable with the younger ones. I really hope you are not getting fat again? Do avoid eating soft, pappy things or drinking much—you know how that fattens.

3 May 1858
I think people really marry far too much; it is such a lottery after all, and for a poor woman a very doubtful happiness.

8 December 1858
I think unmarried people are very often very happy—certainly more so than married people who don't live happily together of which there are so many instances.

16 May 1860
All marriage is such a lottery—the happiness is always an exchange—though it may be a very happy one—still the poor woman is bodily and morally the husband's slave. That always sticks in my throat. When I think of a merry, happy, free young

girl—and look at the ailing, aching state a young wife generally is doomed to—which you can't deny is the penalty of marriage.

5 May 1858
How dreadfully vexed worried and fidgety I am at this untoward sprain I can't tell you! How could you do it? I am sure you had too high-heeled boots! I am haunted with your lying in a stuffy room in that dreadful old Schloss—without fresh air and alas! naturally without exercise and am beside myself. Only do take care and let some fresh air into your room and do get yourself carried out at least to get air!

26 May 1858
The horrid news [that the Princess was pregnant] contained in Fritz's letter to Papa upset us dreadfully. The more so as I feel certain almost it will all end in nothing... The only one of all the children, who neither drew, wrote, played or did anything whatever to show his affection—beyond buying for me a table in Ireland—was Bertie. Oh! Bertie alas! That is too sad a subject to enter on.

29 May 1858
I am so unhappy about you! It is well Fritz is not in sight just now or he would not be graciously received. Tell him that if he leaves you quite alone for a fortnight (he promised me never to do so without you were with his mother or sister or us) I shall not call him my son any more as I shall consider he has forfeited the claim! There is a threat! We tell everyone your foot is the cause of your not going to Coburg—and that the lying up has weakened you. I hope you do the same—and Fritz don't allow his own people and relations to enter into such subjects; it is so indelicate; Papa never allowed it and I should have been frantic.

11 June 1858
I hear that Chauvening [the Princess's hairdresser] is not at Babelsberg [the summer palace at Potsdam] and that your maids *coiffé* you—and that you don't find they do it well. Why don't you have him to do your hair in the middle of the day? Why can't he live nearby—if he can't be lodged in the house—and come daily to do your hair? You might have it early in the morning just twisted as I have—and then made later, for when one is unwell—to have one's hair pulled about is dreadful. I am terrified to hear you have such fearfully full sleeves—for God's sake take care or you will set yourself on fire, and now that might be the death of you; they are so horribly uncomfortable and ugly too.

15 June 1858
What you say of the pride of giving life to an immortal soul is very fine, dear, but I own I cannot enter into that; I think much more of our being like a cow or a dog at such moments; when our poor nature becomes so very animal and unecstatic—but for you, dear, if you are sensible and reasonable not in ecstasy nor spending your day with nurses and wet nurses, which is the ruin of many a refined and intellectual young lady, without adding to her real maternal duties, a child will be a great

resource. Above all, dear, do remember never to lose the modesty of a young girl towards others (without being prude); though you are married don't become a matron at once to whom everything can be said, and who minds saying nothing herself—I remained particular to a degree (indeed feel so now) and often feel shocked at the confidences of other married ladies. I fear abroad they are very indelicate about these things.

22 June 1858

Do you know that you've got into a habit of writing so many words with a capital letter at the beginning? With nouns that would not signify so much, but you do it with verbs and adjectives, which is very incorrect, dear, and would shock other people if you wrote to them so. In your last to me for instance you wrote 'I fell Low' and 'women have not much to Live for', both of which are quite wrong. You must try to break yourself of what might get a habit at last and would be wrong in any language.

20 June 1858

But now I must give you a grand scold! You write to wish me joy of the 25th!! and write also to Bertie about my accession day! How could you make such an extraordinary mistake? It was the 20th, Sunday week, I was surprised at your saying nothing then and now understand why. Yesterday was my Coronation Day.

Promise me one thing, dear; don't stoop when you sit and write, it is very bad for you now, and later it will make you ill; remember how straight I always sit, which enables me to write without fatigue at all times. I always was distressed to see you bend so in drawing and writing, and now it is very, very bad for you, dear. I hope Fritz will remind you. It is a mere bad habit. Now pray don't do it.

30 June 1858

I delight in the idea of being a grandmama; to be that at 39 (D.V.) and to look and feel young is great fun, only I wish I could go through it for you, dear, and save you all the annoyance. But that can't be helped. I think of my next birthday being spent with my children and a grandchild. It will be a treat!

21 September 1858

Many thanks, dear, for your letter of the 18th which I received with heaps of letters on getting up. Papa says you write too much—he is sure you make yourself ill by it, and constantly declares (which I own offends me much) that your writing to me at such length is the cause of your often not writing fully to him.

5 October 1858

If you knew how Papa scolds me for (as he says) making you write! And he goes further, he says that I write far too often to you, and that it would be much better if I wrote only once a week! Therefore it is indeed a hard case and I know not what to say! I think however Papa is wrong and you do like to hear from home often. When you do write to Papa again just tell him what you feel and wish on that subject for I

assure you—Papa has snubbed me several times very sharply on the subject and when one writes in spite of fatigues and trouble to be told it bores the person to whom you write, it is rather too much!

21 October 1858

The headache I suffer each year, on leaving Balmoral and coming here [to Windsor] is most distressing. Then besides you know I have no feeling for Windsor—I admire it, I think it a grand, splendid place—but without a particle of anything which causes me to love it—none, I feel no interest in anything as if it were not my own; and that of course lessens all the enjoyment of one's existence.

27 October 1858

Dearest Affie is gone; and it will be 10 months probably before we shall see his dear face which shed sunshine over the whole house, from his amiable, happy, merry temper; again he was much upset at leaving and sobbed bitterly, and I fear the separation from dear Papa will have been equally trying. Still, sad as it is to part from dear Affie, it is nothing to parting with a daughter; she is gone, as your own child, for ever; she belongs to another, and that is so dreadful a feeling for a mother.

I hope Fritz is duly shocked at your sufferings, for those very selfish men would not bear for a minute what we poor slaves have to endure. But don't dread the *dénouement*; there is no need of it; and don't talk to ladies about it, as they will only alarm you, particularly abroad, where so much more fuss is made of a very natural and usual thing. . . . I could not tell such a child as Lenchen [Princess Helena] about you; those things are not proper to be told to children, as it initiates them into things which they ought not to know of, till they are older. Affie knows nothing either. . . . How you can call Windsor 'dear' I cannot understand. It is prison-like, so large and gloomy—and for me so dull after Balmoral too, it is like jumping from day into night—fine as it is!

17 November 1858

I know that the little being will be a great reward for all your trouble and suffering—but I know you will not forget, dear, your promise not to indulge in 'baby worship', or to neglect your other greater duties in becoming a nurse. You know how manifold your duties are, and as my dear child is a little disorderly in regulating her time, I fear you might lose a great deal of it, if you overdid the passion for the nursery. No lady, and still less a Princess, is fit for her husband or her position, if she does that. . . . I can not bear to think Bertie is going to you and I can't—and when I look at the baby things, and feel I shall not be, where every other mother is—and I ought to be and can't—it makes me sick and almost frantic. Why in the world did you manage to choose a time when we could not be with you? In Nov: Dec: or the beginning of January we could have done it so easily. . . . Well, it is no use complaining. Let us hope on another similar occasion to be more fortunate.

Poor Bertie! He vexes us much. There is not a particle of reflection, or even attention to anything but dress! Not the slightest desire to learn, on the contrary, il se bouche les oreilles, the moment anything of interest is being talked of! I only

hope he will meet with some severe lesson to shame him out of his ignorance and dullness. Colonel Bruce [the Prince of Wales's Governor] is most anxious you should speak very openly to him about Bertie, and I told him I was sure you would. He is a very superior and a very charming person. Poor Mr. Gibbs [the Prince's tutor] certainly failed during the last 2 years entirely, incredibly—and did Bertie no good.

24 November 1858
As for Leopold [who was suffering from haemophilia] he still bruises as much as ever, but has (*unberufen*) not had accidents of late. He is tall, but holds himself worse than ever, and is a very common looking child, very plain in face, clever but an oddity—and not an engaging child though amusing. I hope the new governess will be able to make him more like other children. He has not the least forgotten you. Arthur is a precious love. Really the best child I ever saw. Louise very naughty and backward, though improved and very pretty, and affectionate.

27 November 1858
We are glad to hear so good an account of poor Bertie; I have no doubt his visit to you—and the mild but firm influence of Colonel Bruce will do him much good. But we always found that he appeared for the first week—much improved, then (as is always the case with him in everything) he gradually went down hill; not paying attention to what is said or read or what he sees is the real misfortune. His natural turn and taste is very trifling, and I think him a very dull companion. But he has been quite altered, for the last few months (in short since he lived at the White Lodge) as to manner, and he is no longer difficile à vivre. Handsome I cannot think him, with that painfully small and narrow head, those immense features and total want of chin.

4 December 1858
I am so glad that Bertie is amiable and companionable towards you, and occupies himself, as I am sure it will do him good. I own I think him very dull; his three other brothers are all so amusing and communicative.

8 December 1858
Alfred is . . . quite well, but his letters of which he has given us only three specimens are too shockingly and disgracefully written. Strange that both the boys should write so ill—and that all the girls (at least you three) so well. But Affie's is very much worse than Bertie's.

22 December 1858
Dear Papa is still not quite well—he went yesterday evening with Bertie (who understood not a word of it) to see the Westminster boys act one of their (very improper) Latin plays.

Bertie talks constantly of Berlin and all he has seen—but particularly of the

people, parties, theatres what people said etc. Of the fine works of art etc., he says nothing—unless asked.

29 January 1859
My precious darling, you suffered much more than I ever did—and how I wish I could have lightened them for you! * Poor dear Fritz—how he will have suffered for you! I think and feel much for him; the dear little boy if I could but see him for one minute, give you one kiss. . . . You will and must feel so thankful all is over! But don't be alarmed for the future, it never can be so bad again!

9 February 1859
Don't you feel such a weight off your mind, such a sense of returning freedom and thankfulness? I always felt that intense happiness on first waking, so different to the mornings of anxious expectation, of dread and anxiety. It is not a pleasant affair God knows, for any one, but you, my own darling, have had the very worst beginning possible from suffering so much! How I do wish I could go to you now and read to you . . . How I do long to see my little grandson! I own it seems very funny to me to be a grandmama, and so many people tell me they can't believe it!

15 February 1859
TO KING LEOPOLD
Bertie's† interview with the Pope went off extremely well. He was extremely kind and gracious, and Colonel Bruce was present; it would never have done to have let Bertie go alone, as they might hereafter have pretended, God knows! what Bertie had said.

1 March 1859
It is rumoured that you are going to Berlin to the Christening, but I doubt it! Oh! dearest Uncle, it almost breaks my heart not to witness our first grandchild christened! I don't think I ever felt so bitterly disappointed about anything as about this! And then it is an occasion so gratifying to both Nations, which brings them so much together, that it is most peculiarly mortifying! It is a stupid law in Prussia, I must say, to be so particular about having the child christened so soon. However, it is now no use lamenting; please God! we shall be more fortunate another time!

2 March 1859
TO PRINCESS FREDERICK WILLIAM
I have not read Barchester Towers all through, but I am told it is not meant to be so ill-natured. But I don't like reading it aloud to Papa as there was not enough romance in it. The people I could not interest myself in.

*After a difficult and dangerous labour the Princess Frederick William's first child, the future Kaiser Wilhelm II, was born on 27 January.

†The Prince of Wales had been sent to Rome with his governor, Colonel Bruce, to encourage his appreciation of art and to acquire 'knowledge and information'. He was taken to an audience with Pope Pius IX within a week of his arrival.

16 March 1859
In so many ways and things your case and mine are so different; and though I hated the thought of having children and have no adoration for very little babies, (particularly not in their baths till they are past 3 or 4 months, when they really become very lovely) still I know what a fuss and piece of work was made with you; far too much I think, for it was not good to dress you as often as you were, and to have you up so late. I used to have you in my dressing room—while I dressed for dinner . . . dancing on Mrs. Pegley's [the royal nurse] knees—till you got so lively that you did not sleep at night. All that was very foolish, and I warn you against it—but one is very foolish with one's first child . . . You, who dote on this little child, will understand now what a pang it is to the poor mother's heart to give that child entirely up to another, whose property she becomes—as I have done you.

19 March 1859
Air, air is what you want, and bracing and not hot stuffy rooms and theatres, or you will become sickly and old before you are 20!

20 March 1859
Now dear, you should positively get someone to be answerable that the rooms and still more the passages, (which ought to be cooler than the rooms), are never above a certain and given temperature, having (as we have everywhere) thermometers hanging up in them and the rooms, and by keeping to that—the stoves ought to be kept up or let out, according to whether it is warm out, or freezing. And then the windows should be opened regularly 3 times a day, or oftener, if it is warmer. Now if you would get someone of the servants to attend to this, your nerves would rapidly improve—and there would be no colds and for Fritz too it would be much better . . . I rather dread your going to the theatre, intense hot rooms are the thing of all others to be avoided. But I envy your seeing Lohengrin for I delight in the music, at least in many parts of it, and am constantly playing it.

9 April 1859
Bertie continues such an anxiety, I tremble at the thought of only three years and a half being before us—when he will be of age and we can't hold him except by moral power! I try to shut my eyes to that terrible moment! He is improving very decidedly—but oh! it is the improvement of such a poor or still more idle intellect. Oh! dear, what would happen if I were to die next winter! One shudders to think of it: it is too awful a contemplation. His journal is worse a great deal than Affie's letters. And all from laziness! Still we must hope for improvement in essentials. But the greatest improvement I fear, will never make him fit for his position. His only safety and the country's—is in his implicit reliance in every thing, on dearest Papa, that perfection of human beings!

My greatest of all anxieties is that dearest Papa works too hard, wears himself quite out by all he does. It makes me often miserable. If it were not for Osborne and Balmoral and then again Windsor at Easter—I don't know what we should do,

though really London when it is warm, disagrees more with me, even more than with dearest Papa!

16 April 1859
I hear you model and even paint in oils; this last I am sorry for; you remember what Papa always told you on the subject. Amateurs never can paint in oils like artists and what can one do with all one's productions? Whereas water colours always are nice and pleasant to keep in books or portfolios. I hope, dear, you will not take to the one and neglect the other!

I am shocked to hear baby leaves off his caps, so soon, I hope however only in the nursery, for they look so frightful to be seen without caps. In the nursery it is wholesome but it is not pretty.

By the by you went to see the 'Merry Wives'; you must have found it very coarse; even I have never had courage to go to see it—having always been told how very coarse it was—for your adored Shakespeare is dreadful in that respect and many things have to be left out in many of his plays.

20 April 1859
With regard to what you say about Shakespeare, I quite agree. You need not be afraid of seeing Faust; I am as bad and shy as anyone, matron as I am, about these things—and it is so beautiful that really one does not feel put out by it. I advise you to see it, dear. Also as regards the French plays—you should go; there are many—indeed quantities of charming little plays—and dear Papa—who you know is any thing but favourable to the French—used to delight in going to the French play—more than to any other, and we used for many years—when we had a good company (we have had none since 54) to go continually and enjoyed it excessively. It is such good practice for the language. So, I hope, dear, you will go. One's dislike to a nation need not prevent one's admiring and being amused by what is good, clever and amusing in it . . .

I am glad you bear out what I said about our dear correspondence. It is an immense pleasure and comfort to me, for it is dreadful to live so far off and always separated. I really think I shall never let your sisters marry—certainly not to be so constantly away and see so little of their parents—as till now, you have done, contrary to all that I was originally promised and told . . . That last night when we took you to your room, and you cried so much, I said to Papa as we came back 'after all, it is like taking a poor lamb to be sacrificed'. You now know—what I meant, dear. I know that God has willed it so and that these are the trials which we poor women must go through; no father, no man can feel this! Papa never would enter into it all! As in fact he seldom can in my very violent feelings. It really makes me shudder when I look around at all your sweet, happy, unconscious sisters—and think that I must give them up too—one by one!! Our dear Alice, has seen and heard more (of course not what no one ever can know before they marry and before they have had children) than you did, from your marriage—and quite enough to give her a horror rather of marrying.

112 *Family Life, 1841-1861*

TO KING LEOPOLD

26 April 1859
It is a melancholy, sad Easter; but what grieves me the most (indeed, distracts me)—for I have had nothing but disappointments in that quarter since November—is that in all probability Vicky will be unable to come in May! It quite distracts me.

TO PRINCESS FREDERICK WILLIAM

27 April 1859
I don't know what makes you speak of the English not being as good to their wives as the Germans, when England is the country of family life and good *ménages*! What makes you say that dear? In the higher classes amongst the fashionable, slang, disreputable young people—there are certainly some selfish, careless husbands, but they are the exception to the rule, and you must retract that assertion. . . .

I must ask you a 1000 pardons. I have just read over your dear letter of today again (I generally read them 3 or 4 times) and find that I misread what you said about the German and English *ménages*! And that it was just the contrary. You must think Mama as bad in this respect, as poor dear Grandmama, which really is not the case, for I am very particular about my letters but I devour yours and with such eagerness—that I always read them slowly again the second time, and had not yet had time to do so.

I think as a rule—you are right not to go generally to the theatre on a Sunday, and that it even is better for you that you should not do so;—still to do so sometimes is equally right, if Fritz wishes it. You know I am not at all an admirer or approver of our very dull Sundays, for I think the absence of innocent amusement for the poor people, a misfortune and an encouragement of vice.

30 April 1859
On Monday poor dear Papa (who is very much fagged and has had toothache into the bargain) goes at 6 in the morning to Plymouth to open that great large bridge at Saltaash over the Tamar and returns the same night at one!

2 May 1859
Your letter received today of the 30th ought to be numbered 84 instead of 78!! So that the next would be 85—or—if you have written since—the one you write after this, would be 86. If you numbered them down in your remembrancer as I do, and looked before you wrote, you would not make mistakes.

Abstractedly, I have no *sentiments* for them [babies] till they have become a little human; an ugly baby is a very nasty object—and the prettiest is frightful when undressed—till about four months; in short as long as they have their big body and little limbs and that terrible frog-like action. But from four months, they become prettier and prettier. And I repeat it—your child would delight me at any age. . . .

Now goodbye and God bless you, my dearest, and as Papa says (the policeman says it to Hawkesley in 'Still Waters Run Deep') 'Keep up your pecker; that's right' meaning keep up your spirits and don't be downhearted.

Family Life, 1841-1861

113

TO KING LEOPOLD

3 May 1859
I venture to send you a letter I received some days ago from dear Vicky, and the religious tone of which I think will please you. May I beg you to return it me, as her letters are very valuable to me?

JOURNAL

21 May 1859
Such happiness to be at last together again* . . . Vicky only began to cry when she talked of her poor little boy's left arm being so weak, which it has been since his birth, having been injured in being brought into the world.

TO KING LEOPOLD

25 May 1859
Albert, who writes to you, will tell you how dreadfully our great, great happiness to have dear Vicky, flourishing and so well and gay with us, was on Monday and a good deal too yesterday, clouded over and spoilt by the dreadful anxiety we were in about dear Mamma. Thank God! to-day I feel another being—for we know she is 'in a satisfactory state,' and improving in every respect, but I am thoroughly shaken and upset by this awful shock; for it came on so suddenly—that it came like a thunderbolt upon us, and I think I never suffered as I did those four dreadful hours till we heard she was better! I hardly myself knew how I loved her, or how my whole existence seems bound up with her—till I saw looming in the distance the fearful possibility of what I will not mention.

TO PRINCESS FREDERICK WILLIAM

15 June 1859
Now I must scold you a wee bit for an observation which really seems at variance with your own expressions. You say 'how glad' Ada [Princess of Schleswig-Holstein] 'must be' at being again in that most charming situation, which you yourself very frequently told me last year was so wretched. How can anyone, who has not been married above two years and three quarters, (like Ada) rejoice at being a third time in that condition? I positively think those ladies who are always *enccinte* quite disgusting; it is more like a rabbit or guinea-pig than anything else and really it is not very nice.

29 June 1859

Bertie is improved—I see it more now than I did at first—but still he does nothing, and they mean to make him work very hard at Holyrood—where he will go very soon. I think he will stop with us—a little more than a fortnight from the time he arrived. He is a little grown . . . but his nose and mouth are much grown also; the nose is becoming the true Coburg nose and begins to hang a little, but there remains unfortunately the want of chin which with that large nose and very large lips is not so well in profile.

2 September 1859
Bertie has been doing better at Edinburgh [where he was continuing his education for three months] than he ever did before; he has worked hard and shown a desire to

*Princess Frederick William had come to visit her mother at Osborne.

learn, instead of resistance. He is also grown and spread; but not improved in looks; the mouth is becoming so very large and he will cut his hair away behind and divide it nearly in the middle in front, so that it makes him appear to have no head and all face. It is a frightful *coiffure*.

26 October 1859
I will not be angry with you for your feeling for Windsor in consequence of your short honeymoon; still I cannot share it, though my happiness began here too. Early impressions—the unpleasant and unhealthy climate, the restriction of the walks—the Court life and the impossibility of doing what one wishes here—without Court officials etc. all this makes it to me an undesirable and unenjoyable residence.

Dear Papa was a little indisposed with his old enemy, but it was not a very bad attack without sickness or shivering. Today he has gone to Oxford to see how Bertie is going on in that old monkish place, which I have a horror of.

29 February 1860
Darling Affie is back again. If possible the joy is greater than usual this time, as I was very anxious about him all Monday when it blew a perfect hurricane and knowing the ship was not in a good state, it kept me in a fever till in the evening the happy news of his safe arrival came to relieve our anxiety and gladden our hearts. Papa will have told you of his brilliant examination etc. etc. He looks well, though rather tired from his broken nights. Dear child, I feel so proud of the hardship he has endured—the way he has worked and when I think of——! The very best there is wretched mediocrity. The joy of having Affie in the house is so great and alas! with—— it is such a contrary feeling! I dare not look forward! There is a dark cloud there—in spite of much good!

7 March 1860
Dear Affie is our great delight so full of fun and conversation and so full of anxiety to learn—always at something, never an instant idle—such steam power, such energy it is such a great pleasure to see this—but the contrast with someone else is sad.

31 March 1860
Bertie came yesterday evening and has passed his examination very well [he was now at Oxford]—the Dean of Christ Church finding a decided improvement since last December. He is likewise grown, but not handsomer I think. Affie is, I really think beautiful (excepting Papa who is much more so)—but it is such a darling, handsome, round face. Bless him, he is such a dear, dear boy, and I must say we have not had a single fault to find with him since he has been here. How can you ask, dear, which day he is to be confirmed? You know it can only be on Maundy Thursday—(5th of April) if it is at Easter; you have all been confirmed on that day, and I can't think why you should be uncertain about it.

7 April 1860
Bertie is delighted to see you [on a visit to Germany] which I am very jealous of; he is not at all in good looks; his nose and mouth are too enormous and as he pastes his hair down to his head, and wears his clothes frightfully—he really is anything but good looking. That *coiffure* is really too hideous with his small head and enormous features. He is grown however.

18 April 1860
You don't once enter into any of my observations upon Bertie? It is such a proof of my confidence in you when I speak to you so openly about your brothers—that your silence seems strange to me. Poor Bertie, I pity him; but I blame him too, for that idleness is really sinful.

TO KING LEOPOLD

25 April 1860

Bertie returned last night delighted with his tour [of Coburg and Gotha which he had not previously visited], and with our beloved old Coburg, in spite of snow. I will tell him to give you an account of it. He made a very favourable impression there. He gives a good account of dear Stockmar too.

TO PRINCESS FREDERICK WILLIAM

6 June 1860

Louis and Heinrich of Hesse dined with us on Sunday and again here yesterday, and stop till Friday. I like them extremely, so nice, natural, sensible, quiet and so unblase—or foppish, and taking interest in everything. I think them the nicest young men I have seen for very long. You will imagine my agitation, not to do too much and yet not to neglect anything. Louis gets on extremely well with Alice, who is wonderfully composed and quite a son aise. I am quite proud of her. The difference between these young men and the Prince of Orange is very striking.

Alice is as amiable and quiet and cheerful as possible. The man who marries her will indeed have an enviable lot too, for she is so gentle and so very unselfish.

11 July 1860

The arrangements [for her second confinement], you mention are indeed too horrid—and quite like an execution. Oh! if those selfish men—who are the cause of all one's misery, only knew what their poor slaves go through! What suffering—what humiliation to the delicate feelings of a poor woman, above all a young one—especially with those nasty doctors.

JOURNAL

27 July 1860

Our darling grandchild was brought in [while the Queen and the Prince Consort were staying at Coburg]. Such a little love! He came walking in at Mrs Hobbs' [his nurse's] hand in a little white dress with black bows and was so good. He is a fine fat child, with a beautiful soft white skin. . . . He has Fritz's eyes and Vicky's mouth and very fair curly hair. We felt so happy to see him at last!

TO PRINCESS FREDERICK WILLIAM

1 August 1860

Many, many thanks for that charming, tasteful locket and the dear hair. The dear little nameless lady seems to have a great quantity of it! How I long to see her! I assure you I am not at all offended at hearing her called like me, for though I am no admirer of babies generally—there are exceptions (besides all of you were always thought like me when born)—for instance Alice, and Beatrice were very pretty from the very first—yourself also—rather so—Arthur too—though not so much so as the 2 first named. Bertie and Leopold—too frightful. Little girls are always prettier and nicer (Arthur alone making an exception).

20 October 1860

Beatrice is my darling, but she is fast, alas! growing out of the baby—is becoming long-legged and thin. She is however still most amusing and very dear.

17 November 1860

Bertie is then at last arrived [from America]—well—grown, and decidedly improved; he tells us a great deal of what he has seen. He looks a little yellow and sallow—and his hair so fair near Affie. Affie is very dark and very handsome I must say.

I have finished *The Mill on the Floss* and I must say it made a deep impression upon me. The writing and description of feelings is wonderful and painful!

28 November 1860

Our dear good Louis [of Hesse-Darmstadt] gets on extremely well, though I see that he is nervous and agitated; but he takes great pains to speak English to the people who are presented to him. Nothing has passed yet between any of us—but every day seems to bring him and Alice nearer. It is a little trying for them to be looked at by everybody—but it is well and right that everybody should see his marked attentions to her, and her bright and happy face when speaking to him. Alice behaves admirably; perfectly quiet and behaving just as usual and satisfied with everything that is done.

I saw how very much agitated Louis was at dinner, and after it—while I was talking to some of the gentlemen and Alice happened to be standing alone at the chimney piece with Louis—he seized the opportunity (which dear Papa in his very quiet way thought he might wait for till today or tomorrow—as if people violently in love could wait for a stated time) and when I passed to go to the other room Alice and Louis whispered it to me. We had to sit quiet and crochet, till the evening was over and then Alice came to our room, much agitated and we told Papa.

8 December 1860

You are quite right in saying 'the [Prince Louis] has fascinated Alice'—but he has fascinated me too, and quite entwined himself round my heart. They are not at all sentimental but like two very happy children—adoring one another and full of fun and play. He is so intelligent and clever. Papa has begun talking a little upon German politics with him—which will I am sure be very useful—but from Papa's

having last week had a great deal to do—and these last days been unwell and unable to go out, he has been much more with me than dearest Papa.

TO KING LEOPOLD

11 December 1860

Your approval of this marriage of our dear Alice, which, I cannot deny, has been for long an ardent wish of mine, and just therefore I feared so much it never would come to pass, gives us the greatest pleasure. Now—that all has been so happily settled, and that I find the young man so very charming—my joy, and my deep gratitude to God are very great! He is so loveable, so very young, and like one of our own children—not the least in the way—but a dear, pleasant, bright companion, full of fun and spirits, and I am sure will be a great comfort to us, besides being an excellent husband to our dear, good Alice, who, though radiant with joy and much in love (which well she may be), is as quiet and sensible as possible.

The Empress [of the French who was making a tour of England and Scotland] is still here, and enjoys her liberty of all things. We went to town for the Smithfield Cattle Show yesterday, and visited her at Claridge's Hotel. She very civilly wanted us to avoid the trouble, but we felt that it would not be civil if we did not, and that hereafter even the French might say that she had not been treated with due respect. She looked very pretty, and was in very good spirits, but again carefully avoided any allusion to her husband and to politics, though she talked a great deal about all she was seeing!

TO PRINCESS FREDERICK WILLIAM

13 February 1861

Poor dear Papa has been suffering badly with toothache since three days—which wears and worries him dreadfully, and seems particularly obstinate. I hope, however, it is a little better today, but dear Papa never allows he is any better or will try to get over it, but makes such a miserable face that people always think he's very ill. It is quite the contrary with me always; I can do anything before others and never show it, so people never believe I am ill or ever suffer. His nervous system is easily excited and irritated, and he's so completely overpowered by everything.

25 February 1861

As regards Princess Alexandra of Denmark, you could surely for yourself get Wally [Walburga, Countess Hohenhal] to find out everything about her education and general character; whether she is clever, quiet, not frivolous or vain, fond of occupation etc. The looks and manners we know are excellent, and whether she seems very *outrée* Danish.

The subject is so important—the choice so circumscribed, that I am sure you will kindly set about at once finding out all these things. It is so very important—with the peculiar character we have to deal with. The Princess of Meiningen, he did not like, and she is not strong; Marie of the Netherlands is clever and ladylike, but too plain and not strong, and poor Addy [Princess Alexandrine, niece of the King of Prussia] not clever or pretty.

JOURNAL

15 March 1861
Oh, what agony what despair was this [to witness her mother's dying moments]. I knelt before her, kissed her dear hand and placed it next my cheek, but though she opened her eyes, she did not, I think, know me. She brushed my hand off, and the dreadful reality was before me, that for the first time she did not know the child she had ever received with such tender smiles! I went out to sob . . . I asked the doctors if there was no hope. They said, they feared, none whatever . . . As the night wore on into the morning I lay down on the sofa, at the foot of my bed . . . I heard each hour strike . . . At four I went down again. All still—nothing to be heard but the heavy breathing, and the striking, at every quarter, of the old repeater, a large watch in a tortoiseshell case, which had belonged to my poor father, the sound of which brought back all the recollections of my childhood . . . Feeling faint and exhausted, I went upstairs again and lay down in silent misery . . . The dreaded terrible calamity has befallen us, which seems like an awful dream . . . Oh God! how awful! how mysterious! . . . The constant crying was a comfort and relief . . . but oh! the agony of it!

TO KING LEOPOLD

16 March 1861
On this, the most dreadful day of my life, does your poor broken-hearted child write one line of love and devotion. She is gone! That precious, dearly beloved tender Mother—whom I never was parted from but for a few months—without whom I can't imagine life—has been taken from us! It is too dreadful! But she is at peace—at rest—her fearful sufferings at an end! It was quite painless—though there was very distressing, heartrending breathing to witness. I held her dear, dear hand in mine to the very last, which I am truly thankful for! But the watching that precious life going out was fearful! . . . Dearest Albert is dreadfully overcome—and well he may, for she adored him!

26 March 1861
On Sunday I took leave of those dearly beloved remains—a dreadful moment; I had never been near a coffin before, but dreadful and heartrending as it was, it was so beautifully arranged that it would have pleased her, and most probably she looked down and blessed us—as we poor sorrowing mortals knelt around, overwhelmed with grief! It was covered with wreaths, and the carpet strewn with sweet, white flowers. I and our daughters did not go yesterday—it would have been far too much for me—and Albert when he returned, with tearful eyes told me it was well I did not go—so affecting had been the sight—so universal the sympathy.

But oh! dearest Uncle—the loss—the truth of it—which I cannot, do not realise even when I go (as I do daily) to Frogmore—the blank becomes daily worse! I try to be, and very often am, quite resigned—but dearest Uncle, this is a life sorrow. On all festive or mournful occasions, on all family events, her love and sympathy will be so fearfully wanting. Then again, except Albert (who I very often don't see but very little in the day), I have no human being except our children . . . and besides, a woman requires woman's society and sympathy sometimes, as men do men's. All this, beloved Uncle, will show you that, without dwelling constantly

upon it, or moping or becoming morbid, though the blank and the loss to me, in my isolated position especially, is such a dreadful, and such an irreparable one, the worst trials are yet to come. My poor birthday, I can hardly think of it!

30 March 1861
I think you may like to hear from your poor motherless child. It is to-day a fortnight already, and it seems but yesterday—all is before me, and at the same time all, all seems quite impossible . . . Weeping, which day after day is my welcome friend, is my greatest relief . . . To open her drawers and presses, and to look at all her dear jewels and trinkets in order to identify everything, is like a sacrilege, and I feel as if my heart was being torn asunder!

JOURNAL

9 April 1861
It is dreadful, dreadful to think we shall never see that dear kind loving face again, never hear that dear voice again! . . . The talking of any ordinary things is quite unbearable to me . . . The outbursts of grief are fearful and at times unbearable . . . One of my great comforts is to go to Frogmore, to sit in her dear room . . . dread as it is to feel the awful stillness of the house . . . I had never been near a coffin before . . . The dreadful thing as I told Albert yesterday is the certainty that the loss is irrevocable.*

TO PRINCESS FREDERICK WILLIAM

10 April 1861
As regards Bertie—I quite agree with you, dear child—that he must be a little more tender and affectionate in his manner—if he is to expect it from me—and take a little more interest in what interests us if he is to be at all pleasant in the house. And now, dearest child, I must say, without I hope making you angry—that you did not quite set about making matters better, for you kept telling me all his most stupid and silly remarks (said as he too often does—without thinking—partly to tease you and partly to give vent to his temper) and enraged me, low and wretched as I was—greatly. If one wishes to pour oil and not to 'keep the kettle boiling' one must not repeat everything another who irritates has said—else it of course makes matters much worse. He left on Monday. His voice made me so nervous I could hardly bear it. Altogether I never felt in such a state of nerves for noise or sound.

12 June 1861
You are, I know—perhaps a little inclined to be carried away if you are pleased with a person—like you were with the Empress E. [Eugénie], but Fritz is not and as he so entirely coincides with what you say about Princess Alix [Alexandra of Denmark]

*The Queen's grief was exacerbated by remorse for what she now took to be her unfeeling attitude in the past towards her mother to whom she had recently become much closer. The Prince could not comfort her. When he suggested that she might feel less miserable if she went back to London, she turned on him in fury: how could she be expected to leave at such a time? How cruel were even the best of men when compared with so kind and tender a woman as her mother! It was not until six months later that the Prince could propose to her without fear of violent contradiction that a change of scene and outside interests might help her to control her feelings.

120

Family Life, 1841-1861

(why is she called so?) I feel quite sure she really must be charming in every sense of the word—and really a pearl not to be lost. The thought of having in Bertie's wife so charming a daughter—would be a great comfort for me and there is nothing I should not do to be quite a real mother to her; I shall else be dreadfully alone—when your sisters marry—one after the other—though I hope and think some at least, will be much more with me than you ever can be. But, dearest, we only look at one side of the question—have you at all thought if she will take him? I am sure I think it is not so certain. Alice (who is the only one consulted) declared she would strongly object to be selected without knowing for whom.

19 June 1861

Dear Papa and I are both so grateful to you about all the trouble you have taken about Princess Alix. May he only be worthy of such a jewel! There is the rub! When I look at Louis and — at the charming—sweet, bright, lively expression of the one—and at the sallow—dull, blasé—and heavy look of the other I own I feel very sad.

TO KING LEOPOLD

13 August 1861

On the 17th we shall visit that dear grave! Last year she was still so well, and so full of life; but it was a very sad birthday, two days after the loss of that dear beloved sister, whom she has joined so soon! . . . Beloved Mamma, how hourly she is in my mind!

20 August 1861

We parted from our dear children and grandchildren with heavy hearts at seven on the morning of the 16th, for their visit, excepting the blank which clouds over everything, has been most peaceful and satisfactory, and we have learnt to know and most highly appreciate the great excellence of dear Fritz's character; noble, high-principled, so anxious to do what is right, and to improve in every way, and so sweet-tempered and affectionate—so, beyond everything, devoted to Vicky.

We went that afternoon (16th) to Frogmore, where we slept. The first evening was terribly trying, and I must say quite overpowered me for a short time; all looked like life, and yet she was not there! But I got calmer; the very fact of being surrounded by all she liked, and of seeing the dear pretty house inhabited again, was a satisfaction, and the next morning was beautiful, and we went after breakfast with wreaths up to the Mausoleum, and into the vault which is *à plain-pied*, and so pretty—so airy—so grand and simple, that, affecting as it is, there was no anguish or bitterness of grief, but calm repose!

On Saturday we all went over to the camp, where there was a field-day [at the Curragh military camp near Dublin where the Prince of Wales was spending ten weeks attached to the Grenadier Guards]. It is a fine *emplacement* with beautiful turf. We had two cooling showers. Bertie marched past with his company, and did not look at all so very small.

Yesterday was again a very bad day. I have felt weak and very nervous, and so low at times; I think so much of dearest mamma, and miss her love and interest and

Family Life, 1841-1861

121

solicitude dreadfully; I feel as if we were no longer cared for, and miss writing to her and telling her everything, dreadfully. At the Review they played one of her marches, which entirely upset me.

I hardly know how to write, for my head reels and swims, and my heart is very sore! What an awful misfortune this is [the death of King Pedro of Portugal on 11 November, following that of his brother Ferdinand, on the 6th]! How the hand of death seems bent on pursuing that poor, dear family! once so prosperous. Poor Ferdinand so proud of his children—of his five sons—now the eldest and most distinguished, the head of the family, gone, and also another of fifteen, and the youngest still ill! . . . Dear Pedro was so good, so clever, so distinguished! He was so attached to my beloved Albert.

TO PRINCESS FREDERICK WILLIAM

1 October 1861

We can never sufficiently thank you and dear Fritz for all your love, affection and kindness in this important matter. Bertie is certainly much pleased with her—but as for being in love I don't think he can be, or that he is capable of enthusiasm about anything in the world. But he is shy and I dare say we shall hear more from Alice, to whom he is sure to open his heart. Poor boy—he does mean well—but he is so different to darling Affie!

You say no one is perfect but Papa. But he has his faults too. He is very often very trying—in his hastiness and over-love of business—and I think you would find it very trying if Fritz was as hasty and harsh (momentarily and unintentionally as it is) as he is!



MONARCHS AND MINISTERS

1852-1860

By the end of 1852 Lord Derby's Government was tottering. The Queen considered ways in which it might be strengthened, including the replacement of Disraeli, under whom the Peelites refused to serve, as Leader of the House of Commons. She discussed the problem with Derby who suggested Palmerston as Leader. The Queen quickly offered another name, that of Gladstone. But Derby objected, so the Queen noted in her journal on 27 November: 'Mr. G. was in his opinion quite unfit for it. He possessed none of that decision, boldness, readiness and clearness so necessary for leading a party.' Unstrengthened, Derby's Government was defeated in the House on 17 December. The Queen sent for Lord Aberdeen to try to form a Peelite ministry.

TO KING LEOPOLD

24 December 1852

The success of our excellent Aberdeen's arduous task and the formation of so brilliant and strong a Cabinet [with Lord John Russell as Foreign Secretary and Gladstone as Chancellor of the Exchequer] would, I was sure, please you. It is the realisation of the country's and our most ardent wishes, and it deserves success, and will, I think, command great support.

Our Government is very satisfactorily settled. To have my faithful friend Aberdeen as Prime Minister is a great happiness and comfort for me personally. Lord Palmerston [Home Secretary] is terribly altered, and all his friends think him breaking. He walks with two sticks, and seemed in great suffering at the Council, I thought.

Ill as he seemed, Palmerston's career was far from over. And when war broke out between Russia and Turkey, he displayed all his old vigour as he energetically advocated England's going to the help of her Turkish allies in conjunction with France. The Queen at first hoped that war could be avoided. On 11 October 1853 she wrote to Lord Clarendon, Lord John Russell's successor as Foreign Secretary:

The Queen has received Lord Clarendon's letter. She had written to Lord Aberdeen that she felt it her duty to pause before giving her consent to the measures

Monarchs and Ministers, 1852-1860

123

decided on in the Cabinet, until she should have received an explanation on the views which dictated that decision . . . She has now received and read the Despatches, which have in the meantime been sent off to their points of destination without having received her sanction!

The instructions to Lord Stratford,* appear to her very vague, and entrusting him with enormous powers and a latitude of discretion which is hardly to be called safe. As matters have now been arranged, it appears to the Queen, moreover, that we have taken on ourselves in conjunction with France all the risks of a European war, without having bound Turkey to any conditions with respect to provoking it. The hundred and twenty fanatical Turks constituting the Divan at Constantinople are left sole judges of the line of policy to be pursued, and made cognisant at the same time of the fact that England and France have bound themselves to defend the Turkish Territory! This is entrusting them with a power which Parliament has been jealous to confide even to the hands of the British Crown. It may be a question whether England ought to go to war for the defence of so-called Turkish Independence; but there can be none that if she does so, she ought to be the sole judge of what constitutes a breach of that independence, and have the fullest power to prevent by negotiation the breaking out of the war.

TO ABERDEEN

5 November 1853

Although the Queen will have the pleasure of seeing Lord Aberdeen this evening, she wishes to make some observations on the subject of Lord Stratford's last private letters communicated to her yesterday by Lord Clarendon. They exhibit clearly on his part a desire for war, and to drag us into it. When he speaks of the sword which will not only have to be drawn, but the scabbard thrown away, and says, the war to be successful must be a 'very comprehensive one' on the part of England and France, the intention is unmistakable, and it becomes a serious question whether we are justified in allowing Lord Stratford any longer to remain in a situation which gives him the means of frustrating all our efforts for peace.

TO PRINCESS AUGUSTA OF PRUSSIA

13 January 1854

For the last three weeks there have been vile attacks in the newspapers against my dear husband, who is accused of intriguing in the interests of Russia! They are quite mad, and although such nonsense gains no credit among sensible people who respect and love Albert, yet they have provided an occasion for many dreadful remarks, and the whole affair will probably continue until notice is taken of it in Parliament. It probably originated from a few envious and malicious people, and will be eagerly pursued and even believed by the ignorant. It has all arisen through the enormous excitement in the country over the Eastern question. You will easily understand how enraged and indignant I feel about it . . .

*Lord Stratford de Redcliffe, British Ambassador in Constantinople, had been authorised to employ the British fleet as he thought fit in order to defend Turkish territory from aggression, and had been instructed that if the Russian navy left Sebastopol, British ships were to pass through the Bosphorus.

TO KING LEOPOLD

21 February 1854

War is, I fear, quite inevitable. You will have seen that the Emperor Nicholas has not given a favourable answer to our Brother Napoleon (which I hear has disappointed him extremely, as he expected very great results from it); and the last proposals or attempts made by Buol [Austrian Premier and Minister of Foreign Affairs] it is to be hoped will not be accepted by Russia, for France and England could not accept them; but if Austria and Prussia go with us—as we hope they will—the War will only be a local one. Our beautiful Guards sail to-morrow. Albert inspected them yesterday. George [Duke of Cambridge] is quite delighted to have a division.

TO ABERDEEN

24 February 1854

The Queen must write to Lord Aberdeen on a subject which at this moment appears to her of paramount importance—viz., the augmentation of the Army. The ten thousand men by which it has been ordered to be augmented can hardly be considered to have brought it up to more than an improved peace establishment, such as we have often had during profound peace in Europe; but even these ten thousand men are not yet obtained. We have nearly pledged ourselves to sending twenty-five thousand men to the East, and this pledge will have to be redeemed. To keep even such a force up in the field will require a strong, available reserve at home, of which we shall be quite denuded. But we are going to make war upon Russia!

TO KING LEOPOLD

24 February 1854

The last battalion of the Guards (Scots Fusiliers) embarked to-day. They passed through the courtyard here [Buckingham Palace] at seven o'clock this morning. We stood on the balcony to see them—the morning fine, the sun rising over the towers of old Westminster Abbey—and an immense crowd collected to see these fine men, and cheering them immensely as they with difficulty marched along. They formed line, presented arms, and then cheered us very heartily, and went off cheering. It was a touching and beautiful sight.

TO THE KING OF PRUSSIA

17 March 1854

The dreadful and incalculable consequences of a War weigh upon my heart not less than on your Majesty's. I also know that the Emperor of Russia does not wish for it. He, none the less, demands from the Porte things which all the Powers of Europe—among them, yourself—have solemnly declared to be incompatible with the independence of the Porte, and the European balance of power. In view of this declaration and of the presence of the Russian Army of invasion in the Principalities [Turkey's territories near the Danube], the Powers could not but be ready to confirm their word by action. You suppose that War may already have been declared; you express, however, at the same time, the hope that it may not already have actually broken out. I cannot unfortunately hold out any hope that the sentence will be followed by any stay of execution.

TO ABERDEEN

1 April 1854

The Queen is rather startled at seeing Lord Aberdeen's answer to Lord Roden upon the subject of a day of humiliation, as he has never mentioned the subject to her, and it is one upon which she feels strongly. The only thing the Queen ever heard about it was from the Duke of Newcastle [the Secretary for War], who suggested the possibility of an appropriate prayer being introduced into the Liturgy, in which the Queen quite agreed; but he was strongly against a day of humiliation, in which the Queen also entirely agreed, as she thinks we have recourse to them far too often, and they thereby lose their effect. The Queen therefore hopes that this will be reconsidered carefully, and a prayer substituted for the day of humiliation. Were the services selected for these days of a different kind to what they are—the Queen would feel less strongly about it; but they always select chapters from the Old Testament and Psalms which are so totally inapplicable that it does away with all the effect it ought to have. Moreover, really to say (as we probably should) that the great sinfulness of the nation has brought about this War, when it is the selfishness and ambition of one man and his servants who have brought this about, while our conduct has been throughout actuated by unselfishness and honesty, would be too manifestly repulsive to the feelings of every one, and would be a mere act of hypocrisy.

TO LORD CLARENDON, FOREIGN SECRETARY

24 September 1854

The French show their usual vivacity in pressing so hard for decision upon what is to be done with Sebastopol when taken. Surely we ought to have taken it first before we can dispose of it, and everything as to the decision about it must depend upon the state in which we receive it, and the opinion of the Military and Naval Commanders after they find themselves in possession of it. The Queen hopes, therefore, that Lord Clarendon will succeed in restraining French impatience as he has often done before.

TO KING LEOPOLD

13 October 1854

We are, and indeed the whole country is, entirely engrossed with one idea, one anxious thought—the Crimea. We have received all the most interesting and gratifying details of the splendid and decisive victory of the Alma [on 20 September]; alas! it was a bloody one. Our loss was a heavy one—many have fallen and many are wounded, but my noble Troops behaved with a courage and desperation which was beautiful to behold. The Russians expected their position would hold out three weeks; their loss was immense—the whole garrison of Sebastopol was out. Since that, the Army has performed a wonderful march to Balaklava, and the bombardment of Sebastopol has begun. Lord Raglan's [the British Commander-in-Chief] behaviour was worthy of the old Duke's—such coolness in the midst of the hottest fire. We have had all the details from young Burghersh (a remarkably nice young man), one of Lord Raglan's Aides-de-camp whom he sent home with the Despatches, who was in the midst of it all. I feel so proud of my dear noble Troops, who, they say, bear their privations, and the sad

disease which still haunts them, with such courage and good humour. George did enormously well, and was not touched.*

TO PRINCESS AUGUSTA OF PRUSSIA

23 October 1854

You will understand it when I assure you that I regret exceedingly not to be a man and to be able to fight in the war. My heart bleeds for the many fallen, but I consider that there is no finer death for a man than on the battlefield!

TO CLARENDON

9 November 1854

No consideration on earth ought to stand in the way of our sending what ships we can lay hold of to transport French reinforcements to the Crimea, as the safety of our Army and the honour of the Country are at stake. The Queen is ready to give her own yacht for a transport which could carry 1,000 men. Every account received convinces the Queen more and more that numbers alone can ensure success in this instance, and that without them we are running serious risks.

TO KING LEOPOLD

14 November 1854

I am so bewildered and excited, and my mind so entirely taken up by the news from the Crimea, that I really forget, and what is worse, I get so confused about everything that I am a very unfit correspondent. My whole soul and heart are in the Crimea. The conduct of our dear noble Troops is beyond praise; it is quite heroic, and really I feel a pride to have such Troops, which is only equalled by my grief for their sufferings. We now know that there has been a pitched battle on the 6th [the Battle of Inkerman of 5 November], in which we have been victorious over much greater numbers, but with great loss on both sides—the greatest on the Russian. But we know nothing more, and now we must live in a suspense which is indeed dreadful! Then to think of the numbers of families who are living in such anxiety! It is terrible to think of all the wretched wives and mothers who are awaiting the fate of those nearest and dearest to them!

TO LORD RAGLAN

18 November 1854

The Queen has received with pride and joy the telegraphic news of the glorious, but alas! bloody victory of the 5th. These feelings of pride and satisfaction are, however, painfully alloyed by the grievous news of the loss of so many Generals, and in particular Sir George Cathcart—who was so distinguished and excellent an officer . . . Both the Prince and Queen are anxious to express to Lord Raglan their

*The Duke of Cambridge who was not at his best in battle did not, in fact, distinguish himself as commander of the 1st Division at the Alma. He subsequently applied for sick leave. 'We were horrified,' the Queen recorded in her journal. 'I am sure this will have the very worst effect.' To the Duke she wrote on 30 December 1854: 'I hope you will be back in the Crimea by this time. Forgive my telling you frankly that I hope you will not let your low spirits and desponding feelings be known to others; you cannot think how ill natured people are here, and I can assure you that the Clubs have not been slow in circulating the most shameful lies about you.'

unbounded admiration of the heroic conduct of the Army, and their sincere sympathy in their sufferings and privations so nobly borne.

TO THE DUKE OF NEWCASTLE

30 November 1854

The Queen thinks that no time should be lost in announcing the intention of the Queen to confer a medal on all those who have been engaged in the arduous and brilliant campaign in the Crimea.

The medal should have the word 'Crimea' on it, with an appropriate device (for which it would be well to lose no time in having a design made) and clasps—like to the Peninsular Medal, with the names Alma and Inkerman inscribed on them, according to who had been in one or both battles. Sebastopol, should it fall, or any other name of a battle which Providence may permit our brave troops to gain, can be inscribed on other clasps hereafter to be added. The names Alma and Inkerman should likewise be borne on the colours of all the regiments who have been engaged in these bloody and glorious actions.

The Queen is sure that nothing will gratify and encourage our noble troops more than the knowledge that this is to be done.

TO ABERDEEN

10 January 1855

Before Parliament meets for probably a very stormy Session, the Queen wishes to give a public testimony of her continued confidence in Lord Aberdeen's administration, by offering him the vacant Blue Ribbon [the Order of the Garter]. The Queen need not add a word on her personal feelings of regard and friendship for Lord Aberdeen, which are known to him now for a long period of years.

TO NEWCASTLE

12 January 1855

The Queen returns the enclosed despatch to the Duke of Newcastle, which she has read with much pleasure, as bringing before Lord Raglan in an official manner—which will require official enquiry and answer—the various points so urgently requiring his attention and remedial effort. It is at the same time so delicately worded that it ought not to offend, although it cannot help, from its matter, being painful to Lord Raglan. The Queen has only one remark to make, viz. the entire omission of her name throughout the document. It speaks simply in the name of the People of England, and of their sympathy, whilst the Queen feels it to be one of her highest prerogatives and dearest duties to care for the welfare and success of her Army.

The Duke of Newcastle might with truth have added that, making every allowance for the difficulties before Sebastopol, it is difficult to imagine how the Army could ever be moved in the field, if the impossibility of keeping it alive is felt in a stationary camp only seven miles from its harbour, with the whole British Navy and hundreds of transports at its command.

MEMORANDUM BY THE QUEEN

30 January 1855

Lord Aberdeen arrived here at three. He came from the Cabinet, and tendered their unanimous resignation [following the Government's defeat on a motion calling for a

committee of inquiry into their conduct of the war] ... We discussed future possibilities, and agreed that there remained nothing to be done but to offer the Government to Lord Derby, whose Party was numerically the strongest. He supposed Lord Derby would be prepared for it, although he must have great difficulties, unless he took in men from other Parties, about which, however, nothing could be known at present.

MEMORANDUM BY THE QUEEN

31 January 1855
We went up to Buckingham Palace and saw Lord Derby at half-past eleven. The Queen informed him of the resignation of the Government, and of her desire that he should try to form a new one. She addressed herself to him as the head of the largest Party in the House of Commons, and which had by its vote chiefly contributed to the overthrow of the Government. Lord Derby threw off this responsibility ... He owned that his Party was the most compact—mustering about two hundred and eighty men—but he had no men capable of governing the House of Commons, and he should not be able to present an Administration that would be accepted by the country unless it was strengthened by other combinations; he knew that the whole country cried out for Lord Palmerston as the only man fit for carrying on the war with success, and he owned the necessity of having him in the Government, were it even only to satisfy the French Government, the confidence of which was at this moment of the greatest importance; but he must say, speaking without reserve, that whatever the ignorant public might think, Lord Palmerston was totally unfit for the task. He had become very deaf as well as very blind, was seventy-one years old, and ... in fact, though he still kept up his sprightly manners of youth, it was evident that his day had gone by.

This led us to a long discussion upon the merits of the conduct of the war, upon which he seemed to share the general prejudices, but on being told some of the real facts and difficulties of the case, owned that these, from obvious reasons, could not be stated by the Government in their defence, and said that he was aware that the chief fault lay at headquarters in the Crimea. Lord Raglan ought to be recalled, as well as his whole staff, and perhaps he could render this less painful to him by asking him to join the Cabinet, where his military advice would be of great value.

To be able to meet the House of Commons, however, Lord Derby said he required the assistance of men like Mr Gladstone and Mr S. Herbert.

The Queen having laid great stress on a good selection for the office of Foreign Affairs, Lord Derby said he would have to return to Lord Malmesbury, who, he thought, had done well before, and had now additional experience ...

Lord Derby returned a little before two from Lord Palmerston, to whom he had gone in the first instance. Lord Palmerston was ready to accept the Lead of the House of Commons, and acknowledged that the man who undertook this could not manage the War Department besides. He undertook to sound Mr Gladstone and Mr S. Herbert, but had, evidently much to Lord Derby's surprise, said that it must be a coalition, and not only the taking in of one or two persons, which does not seem to suit Lord Derby at all—nor was he pleased at Lord Palmerston's suggestion that he ought to try, by all means, to retain Lord Clarendon at the Foreign Office.

TO RUSSELL

2 February 1855
The Queen has just seen Lord Lansdowne [to whom she had vainly turned on Lord Derby's failure to form a Government]. As what he could tell her has not enabled her to see her way out of the difficulties in which the late proceedings in Parliament have placed her, she wishes to see Lord John Russell in order to confer with him on the subject.

2 February 1855
As moments are precious, and the time is rolling on without the various consultations which Lord Lansdowne has had the kindness and patience to hold with the various persons composing the Queen's late Government having led to any positive result, she feels that she ought to entrust some one of them with the distinct commission to attempt the formation of a Government. The Queen addresses herself in this instance to Lord John Russell, as the person who may be considered to have contributed to the vote of the House of Commons, which displaced her late Government, and hopes that he will be able to present her such a Government as will give a fair promise successfully to overcome the great difficulties in which the country is placed.

JOURNAL

3 February 1855
Lord John came at 6, much put out and disturbed at having 'nothing encouraging' to report. He had seen both Sir G. Grey and Lord Clarendon, who had strongly expressed their disinclination to taking office ... Lord John had previously seen Mr. Gladstone and Mr. S. Herbert, who had both declined.

TO PALMERSTON

4 February 1855
Lord John Russell having just informed the Queen that he was obliged to resign the task which the Queen confided to him, she addresses herself to Lord Palmerston to ask him whether he can undertake to form an Administration which will command the confidence of Parliament and efficiently conduct public affairs in this momentous crisis? Should he think that he is able to do so, the Queen commissions him to undertake the task. She does not send for him, having fully discussed with him yesterday the state of public affairs, and in order to save time. The Queen hopes to receive an answer from Lord Palmerston as soon as possible.

TO KING LEOPOLD

6 February 1855
Van de Weyer will have informed you of the successive failures of Lord Derby and Lord John ... and of Lord Palmerston being now charged with the formation of a Government! I had no other alternative ... I am a good deal worried and knocked up by all that has passed; my nerves, which have suffered very severely this last year, have not been improved by what has passed during this trying fortnight—for it will be a fortnight to-morrow that the beginning of the mischief began ...

Six o'clock p.m.—One word to say that Lord Palmerston has just kissed hands as Prime Minister.

TO ABERDEEN

7 February 1855
 Though the Queen hopes to see Lord Aberdeen at six, she seizes the opportunity to say what she hardly dares to do verbally without fearing to give way to her feelings; she wishes to say what a pang it is for her to separate from so kind and dear and valued a friend as Lord Aberdeen has ever been to her since she has known him. The day he became Prime Minister was a very happy one for her; and throughout his Ministry he has ever been the kindest and wisest adviser—one to whom she could apply on all and trifling occasions even. This she is sure he will still ever be. But the thought of losing him as her First Adviser in her Government is very painful. The Queen is sure that the Prince and herself may ever rely on his valuable support and advice in all times of difficulty, and she now concludes with the expression of her warmest thanks for all his kindness and devotion, as well as of her unalterable friendship and esteem for him and with every wish for his health and happiness.

JOURNAL

22 February 1855
 We saw 26 of the sick and wounded of the Coldstreams . . . There were some sad cases;—one man who had lost his right arm at Inkermann, was also at the Alma, and looked deadly pale—one or two others had lost their arms, others had been shot in the shoulders and legs,—several, in the hip joint . . . A private, Lanesbury, with a patch over his eye, and his face tied up, had had his head traversed by a bullet, penetrating through the eye, which was gone,—through the nose, and coming out at the neck! He looked dreadfully pale, but was recovering well. There were 2 other very touching and distressing cases, 2 poor boys. I cannot say how touched and impressed I have been by the sight of these noble brave, and so sadly wounded men and how anxious I feel to be of use to them, and to try and get some employment for those who are maimed for life. Those who are discharged will receive very small pensions but not sufficient to live upon.

TO KING LEOPOLD

27 February 1855
 Altogether, affairs are very unsettled and very unsatisfactory. Lord John's return to office [as Secretary for the Colonies] under Lord Palmerston is very extraordinary! The [French] Emperor's meditated voyage [to the Crimea where, he had announced, he would personally assume the conduct of the war]—though natural in him to wish—I think most alarming. I own it makes one tremble, for his life is of such immense importance. I still hope that he may be deterred from it, but Walewski was in a great state about it.

TO LORD PANMURE, SECRETARY OF WAR

22 March 1855
 The other day, when the Queen spoke to Lord Panmure on the subject of the distribution of the Medal for the Crimean Campaign amongst the Officers, and those who are in this country, no decision was come to as to how this should be done. The Queen has since thought that the value of this Medal would be greatly enhanced if she were personally to deliver it to the officers and a certain number of men (selected for that purpose). The valour displayed by our troops, as well as the sufferings they have endured, have never been surpassed—perhaps hardly

equalled; and as the Queen has been a witness of what they have gone through, having visited them in their hospitals, she would like to be able personally to give them the reward they have earned so well, and will value so much. It will likewise have a very beneficial effect, the Queen doubts not, on the recruiting.

TO KING LEOPOLD

17 April 1855
 The impression is very favourable. * There is great fascination in the quiet, frank manner of the Emperor, and she is very pleasing, very graceful, and very unaffected, but very delicate. She is certainly very pretty and very uncommon-looking. The Emperor spoke very amiably of you. The reception by the public was immensely enthusiastic.

19 April 1855

I have not a moment to myself, being of course entirely occupied with our Imperial guests, with whom I am much pleased, and who behave really with the greatest tact. The Investiture went off very well, and to-day (we came from Windsor) the enthusiasm of the thousands who received him in the City was immense. He is much pleased. Since the time of my Coronation, with the exception of the opening of the great Exhibition, I don't remember anything like it. To-night we go in state to the Opera.

24 April 1855

Our great visit is past, like a brilliant and most successful dream, but I think the effect on the visitors will be a good and lasting one; they saw in our reception, and in that of the whole Nation, nothing put on, but a warm, hearty welcome to a faithful and steady Ally.

MEMORANDUM

2 May 1855
 In reflecting on the character of the present Emperor Napoleon, and the impression I have conceived of it, the following thoughts present themselves to my mind:

That he is a very extraordinary man, with great qualities there can be no doubt—I might almost say a mysterious man. He is evidently possessed of indomitable courage, unflinching firmness of purpose, self-reliance, perseverance, and great secrecy; to this should be added, a great reliance on what he calls his Star, and a belief in omens and incidents as connected with his future destiny, which is almost romantic—and at the same time he is endowed with wonderful self-control, great calmness, even gentleness, and with a power of fascination, the effect of which upon all those who become more intimately acquainted with him is most sensibly felt.

How far he is actuated by a strong moral sense of right and wrong is difficult to say.

My impression is, that in all apparently inexcusable acts, he has invariably been guided by the belief that he is fulfilling a destiny which God has imposed upon him,

*The Emperor and Empress of the French had arrived on a visit to England the day before.

and that, though cruel or harsh in themselves, they were necessary to obtain the result which he considered himself as chosen to carry out, and not acts of wanton cruelty or injustice; for it is impossible to know him and not to see that there is much that is truly amiable, kind, and honest in his character. Another remarkable and important feature in his composition is, that everything he says or expresses is the result of deep reflection and of settled purpose, and not merely *des phrases de politesse*, consequently when we read words used in his speech made in the City, we may feel sure that he means what he says; and therefore I would rely with confidence on his behaving honestly and faithfully towards us . . . He is very well read in German literature, to which he seems to be very partial. It is said, and I am inclined to think with truth, that he reads but little, even as regards despatches from his own foreign Ministers, he having expressed his surprise at my reading them daily. He seems to be singularly ignorant in matters not connected with the branch of his special studies, and to be ill informed upon them by those who surround him.

If we compare him with poor King Louis Philippe, I should say that the latter (Louis Philippe) was possessed of vast knowledge upon all and every subject, of immense experience in public affairs, and of great activity of mind; whereas the Emperor possesses greater judgment and much greater firmness of purpose, but no experience of public affairs, nor mental application; he is endowed, as was the late King, with much fertility of imagination.

Another great difference between King Louis Philippe and the Emperor is, that the poor King was thoroughly French in character, possessing all the liveliness and talkativeness of that people, whereas the Emperor is as unlike a Frenchman as possible, being much more German than French in character . . . How could it be expected that the Emperor should have any experience in public affairs, considering that till six years ago he lived as a poor exile, for some years even in prison, and never having taken the slightest part in the public affairs of any country?

TO KING LEOPOLD

22 May 1855

Ernest will have told you what a beautiful and touching sight and ceremony (the first of the kind ever witnessed in England) the distribution of the Medals was. From the highest Prince of the Blood to the lowest Private, all received the same distinction for the bravest conduct in the severest actions, and the rough hand of the brave and honest private soldier came for the first time in contact with that of their Sovereign and their Queen! Noble fellows! I own I feel as if they were my own children; my heart beats for them as for my nearest and dearest. They were so touched, so pleased; many, I hear, cried—and they won't hear of giving up their Medals, to have their names engraved upon them, for fear they should not receive the identical one put into their hands by me, which is quite touching. Several came by in a sadly mutilated state.

I am delighted, enchanted, amused, and interested, and think I never saw anything more beautiful and gay than Paris—or more splendid than all the Palaces. Our reception is most gratifying—for it is enthusiastic and really kind in the highest

degree. Our entrance into Paris was a scene which was quite *fenhafte*, and which could hardly be seen anywhere else; was quite overpowering—splendidly decorated—illuminated—immensely crowded—and 60,000 troops out—from the Gare de Strasbourg to St Cloud, of which 20,000 Gardes Nationales, who had come great distances to see me.

The Emperor has done wonders for Paris, and for the Bois de Boulogne. Everything is beautifully *monté* at Court—very quiet, and in excellent order; I must say we are both much struck with the difference between this and the poor King's time, when the noise, confusion, and bustle were great . . . They have asked to call a new street, which we opened, after me!

The heat is very great, but the weather splendid, and though the sun may be hotter, the air is certainly lighter than ours—and I have no headache.

The Zouaves are on guard here [St. Cloud], and you can't see finer men . . .

The children are so fond of the Emperor, who is so very kind to them. He is very fascinating, with that great quiet and gentleness. He has certainly excellent manners, and both he and the dear and very charming Empress (whom Albert likes particularly) do the *hommeurs* extremely well and very gracefully, and are full of every kind attention.

29 August 1855

Here we are again [at Osborne], after the pleasantest and most interesting and triumphant ten days that I think I ever passed. So complete a success, so very hearty and kind a reception with and from so *difficile* a people as the French is indeed most gratifying and most promising for the future. The Army were most friendly and amicable towards us also.

In short, the complete Union of the two countries is stamped and sealed in the most satisfactory and solid manner, for it is not only a Union of the two Governments—the two Sovereigns—it is that of the two Nations!

I have formed a great affection for the Emperor, and I believe it is very reciprocal, for he showed us a confidence which we must feel as very gratifying, and spoke to us on all subjects, even the most delicate. I find no great personal rancour towards the Orleans . . . Nothing could exceed his tact and kindness.

1 September 1855

TO BARON STOCKMAR

I know no one who puts me more at my ease, or to whom I felt more inclined to talk unreservedly, or in whom involuntarily I should be more inclined to confide, than the Emperor! He was entirely at his ease with us—spoke most openly and frankly with us on all subjects.

He is so simple, so *naïf*, never making *des phrases*, or paying compliments—so full of tact, good taste, high breeding; his attentions and respect towards us were so simple and unaffected, his kindness and friendship for the Prince so natural and so gratifying, because it is not forced, not *pour faire des compliments*. He is quite the Emperor, and yet in no way playing it . . . Wonderful it is that this man—whom certainly we were not over well-disposed to—should by force of circumstances be drawn into such close connection with us, and become personally our friend, and

this entirely by his own personal qualities, in spite of so much that was and could be said against him!

TO KING LEOPOLD

The great event has at length taken place—Sebastopol has fallen! We received the news here [at Balmoral] last night when we were sitting quietly round our table after dinner. We did what we could to celebrate it; but that was but little, for to my grief we have not one soldier, no band, nothing here to make any sort of demonstration. What we did do was in Highland fashion to light a bonfire on the top of a hill opposite the house, which had been built last year when the premature news of the fall of Sebastopol deceived every one, and which we had to leave unlit, and found here on our return!

JOURNAL

Albert said they should go at once and light the bonfire . . . In a few minutes, Albert and all the gentlemen, in every species of attire, sallied forth, followed by all the servants, and gradually by all the population of the village—keepers, gillies, workmen—up to the top of the cairn. We waited, and saw them light it; accompanied by general cheering. The bonfire blazed forth brilliantly, and we could see the numerous figures surrounding it—some dancing, all shouting . . . About three-quarters of an hour after, Albert came down, and said the scene had been wild and exciting beyond everything. The people had been drinking healths in whisky, and were in great ecstasy. The whole house seemed in a wonderful state of excitement. The boys were with difficulty awakened, and when at last this was the case, they begged leave to go up to the top of the cairn.

We remained till a quarter to twelve; and, just as I was undressing, all the people came down under the windows, the pipes playing, the people singing, firing off guns, and cheering—first for me, then for Albert, the Emperor of the French, and the 'downfall of Sebastopol'.

TO KING LEOPOLD

My time [has been] entirely taken up with my Royal brother, the King of Sardinia [King Victor Emmanuel, Britain's ally in the Crimea], and I had to make up for loss of time these last days. He leaves us to-morrow at an extraordinary hour—four o'clock in the morning (which you did once or twice)—wishing to be at Compiegne to-morrow night, and at Turin on Tuesday . . . He is so frank, open, just, straightforward, liberal and tolerant, with much sound good sense. He never breaks his word, and you may rely on him, but wild and extravagant, courting adventures and dangers, and with a very strange, short, rough manner, an exaggeration of that short manner of speaking which his poor brother had. He is shy in society, which makes him still more brusque, and he does not know (never having been out of his own country or even out in Society) what to say to the number of people who are presented to him here, and which is, I know from experience, a most odious thing . . . He is more like a Knight or King of the Middle Ages than anything one knows nowadays.

TO PANMURE

The Queen returns the drawings for the 'Victoria Cross.' She has marked the one she approves with an X, she thinks, however, that it might be a trifle smaller. The motto would be better 'For Valour' than 'For the Brave', as this would lead to the inference that only those are deemed brave who have got the Victoria Cross.

TO MISS FLORENCE NIGHTINGALE

You are, I know, well aware of the high sense I entertain of the Christian devotion which you have displayed during this great and bloody war, and I need hardly repeat to you how warm my admiration is for your services, which are fully equal to those of my dear and brave soldiers, whose sufferings you have had the privilege of alleviating in so merciful a manner. I am, however, anxious of marking my feelings in a manner which I trust will be agreeable to you, and therefore send you with this letter a brooch, the form and emblems of which commemorate your great and blessed work, and which, I hope, you will wear as a mark of the high approbation of your Sovereign!*

It will be a very great satisfaction to me, when you return at last to these shores, to make the acquaintance of one who has set so bright an example to our sex.

TO PALMERSTON

Now that the moment for the ratification of the Treaty of Peace is near at hand, the Queen wishes to delay no longer the expression of her satisfaction as to the manner in which both the War has been brought to a conclusion, and the honour and interests of this country have been maintained by the Treaty of Peace, under the zealous and able guidance of Lord Palmerston. She wishes as a public token of her approval to bestow the Order of the Garter upon him

TO PANMURE

The Queen thinks that the persons decorated with the Victoria Cross [which had just been instituted by Royal Warrant] might very properly be allowed to bear some distinctive mark after their name. The warrant instituting the decoration does not style it 'an Order,' but merely 'a Naval and Military Decoration' and a distinction . . . V.C. would not do. K.G. means a Knight of the Garter, C.B. a Companion of the Bath, M.P. a Member of Parliament, M.D. a Doctor of Medicine, etc., etc., in all cases designating a person. No one could be called a Victoria Cross. V.C. moreover means Vice-Chancellor at present. D.V.C. (decorated with the Victoria Cross) or B.V.C. (Bearer of the Victoria Cross) might do. The Queen thinks the last the best.

TO PALMERSTON

The Queen has just received Lord Palmerston's letter and is likewise much alarmed

*The brooch resembled a badge. It bore a St. George's Cross in red enamel, and the royal cypher surmounted by a crown in diamonds. The inscription 'Blessed are the Merciful', encircled the badge which also bore the word 'Crimea'.

at the news from India. * She has for some time been very apprehensive of the state of affairs in the army there, and her fears are now fully realised. She trusts that Lord Palmerston and Lord Panmure will consult with the Duke of Cambridge [the Commander-in-Chief] without delay as to what measures should be taken to meet this great danger and that no time will be lost in carrying them out.

TO LADY CANNING, WIFE OF THE GOVERNOR-GENERAL OF INDIA AND A FORMER LADY-IN-WAITING

5 July 1857

I had long intended writing . . . when I received your last of 10th May with all the sad and alarming news of the insurrection at Meerut and Delhi. It is an anxious moment but we have great confidence in Lord Canning and in General Anson (the Commander-in-Chief in India who had, in fact, already died of cholera) and trust to hear soon of the fall of Delhi. Still I fear that there is a dangerous spirit amongst the Native Troops and that a fear of their religion being tampered with is at the bottom of it. I think that the greatest care ought to be taken not to interfere with their religion—as once a cry of that kind is raised amongst a fanatical people—very strictly attached to their religion—there is no knowing what it may lead to and where it may end.

TO PALMERSTON

11 July 1857

The Queen has just received Lord Palmerston's letter and highly approves the proposed appointment of Sir Colin Campbell as commander-in-chief in India and thinks it very handsome of this distinguished, loyal and gallant general to be ready to start at once on so important and arduous a mission. The Queen likewise approves of . . . the intention of sending out more troops forthwith.

22 August 1857

The Queen is afraid from the telegram of this morning that affairs in India have not yet taken a favourable turn . . . Delhi seems still to hold out . . . The Queen must repeat to Lord Palmerston that the measures hitherto taken by the Government are not commensurate with the magnitude of the crisis.

TO KING LEOPOLD

2 September 1857

We are in sad anxiety about India, which engrosses all our attention. Troops cannot be raised fast or largely enough. And the horrors committed [at Cawnpore] on the poor ladies—women and children—are unknown in these ages, and make one's blood run cold. Altogether, the whole is so much more distressing than the Crimea—where there was glory and honourable warfare, and where the poor women and children were safe. Then the distance and the difficulty of communication is such an additional suffering to us all. I know you will feel much for us all. There is not a family hardly who is not in sorrow and anxiety about their children, and in all ranks—India being the place where every one was anxious to place a son!

*In May 1857 sepoys in the Bengal army of the East India Company had mutinied at Meerut and had seized Delhi and other nearby towns; and by the middle of June the revolt had spread to the Ganges valley.

TO LADY CANNING

8 September 1857

I have to thank for several kind and interesting letters . . . That our thoughts are almost solely occupied with India and with the fearful state in which everything there is—that we feel as we did during Crimean days and indeed far more anxiety, you will easily believe. That my heart bleeds for the horrors that have been committed by people once so gentle—who seem to be seized with some awful mad fanaticism [for that is what] it is there cannot be a doubt) on my poor Country Women and their innocent little children—you, dearest Lady Canning who have shared my sorrows and anxieties for my beloved suffering Troops will comprehend. It haunts me day and night. You will let all who have escaped and suffered and all who have lost dear ones in so dreadful a manner know of my sympathy;—you cannot say too much. A Woman and above all a Wife and Mother can only too well enter into the agonies gone through of the massacres. I ask not for details, I could not bear to hear more, but of those who have escaped I should like to hear as much about as you can tell me.

I feel for you and Lord Canning most deeply! What a fearful time for you both, but what a comfort for Lord Canning to have such a wife as he has in you.

The deaths of Sir H Lawrence—Sir Hugh Wheeler and Sir H Barnard (the latter an old acquaintance of mine who seemed to be doing so well with his small force) are most grievous, and the loss of Sir H. Lawrence irreparable. The retribution will be a fearful one, but I hope and trust that our Officers and Men will show the difference between Christian and Mussulmen and Hindoo—by sparing the old men, women and children. Any retribution on these I should deeply deprecate for then indeed how could we expect any respect or esteem for us in future?

Those Troops (Native) who have remained faithful deserve every reward and praise for their position must be very trying and difficult. The accounts of faithfulness and devotion on the part of servants are also touching and gratifying. I cannot say how sad I am to think of all this blood shed in a country which seemed so prosperous—so improving and for which, as well as for its inhabitants, I felt so great an interest.

TO LADY CANNING

22 October 1857

Thank God—the accounts are much more cheering and those of Lucknow are a very great relief. The continued arrival of Troops will I trust be of great use, and that no further mutinies and atrocities will take place. As regards the latter I should be very thankful if you and Lord Canning could ascertain how far these are true. Of course the mere murdering—(I mean shooting or stabbing) innocent women and children is very shocking in itself—but in civil War this will happen, indeed I fear that many of the awful insults etc. to poor children and women are the inevitable accompaniments of such a state of things—and that the ordinary sacking of Towns by Christian soldiers presents spectacles and stories which if published in Newspapers would raise outbursts of horror and indignation: Badajoz and St Sebastian I fear were two examples which would equal much that has occurred in India and these the Duke of Wellington could not prevent—and they were the acts of British Soldiers, not of black blood. I mention this not as an excuse but as an

explanation of what seems so dreadful to our feelings. Some of these stories certainly are untrue—as for instance that of Colonel and Mrs Farquarson who were said to be sawn asunder and has turned out to be a sheer invention, no such people existing in India! What I wish to know is whether there is any reliable evidence of eye witnesses—of horrors, like people having to eat their children's flesh—and other unspeakable and dreadful atrocities which I could not write? Or do these rest on Native intelligence and witnesses whom one cannot believe implicitly. So many fugitives have arrived at Calcutta that I'm sure you could find out to a great extent how this really is.*

I am delighted to hear that that most loyal excellent veteran Hero Sir Colin Campbell is well and that you like him; I was sure you would, for it is impossible not to do so—and we never for a moment credited the shameful lies of disagreement between him and Lord Canning. If he is still with you say everything most kind to him. I am glad to hear that he does not share that indiscriminate dislike of all brown skins which is very unjust—for the Inhabitants have, it appears, taken no part in this purely Military Revolution—and while summary punishment must alas! be dealt out to the mutinous sepoys—I trust he will see that great forbearance is shown towards the innocent and that women and children will not be touched by Christian soldiers. I hope also that some rule may be laid down as to Ladies in future living in such an unprotected way as they have done in many of those stations and that at the first alarm they will be sent away to places of security, for really they must be dreadfully in the way and it must be so paralysing to the Officers and Men if they have their wives and children in danger.

Now that the rebellion had been suppressed, the Queen continued to oppose harsh reprisals and to support Lord Canning whose clement policies had led to calls for his recall.

TO LADY CANNING

1 July 1858
I am quite shocked at my long and really unpardonable silence . . . You know, dearest Lady Canning, what I always have felt about Lord Canning, and you will believe that those feelings are unaltered . . . I only hope that Lord Canning will not think of leaving his post or mind what has passed for it has passed and there is but one feeling now about him here. People are very strange here, about six months ago the blood thirsting was too horrible and really quite shameful! . . . All this came from judging of things from a distance, and not understanding them and not waiting for explanations. It is very melancholy but I hope that neither of you will mind it.

The troubles in India had not long been over when the Queen was faced with the anxiety of another change of Government, for Palmerston was forced to resign after being

*As the Queen suspected, nearly all these lurid stories of atrocities were quite without foundation.

defeated on the second reading of the Conspiracy to Murder Bill, and she had to send for Lord Derby.

TO DERBY

21 February 1858
The Queen has just received Lord Derby's letter, and would wish under all circumstances to see him at six this evening, in order to hear what progress he has made in his plans. The two offices the Queen is most anxious should not be prejudiced in any way, before the Queen has seen Lord Derby again, are the Foreign and the War Departments [appointments given to Lord Malmesbury and General Peel].

Derby did not last long. And after his defeat on the issue of Reform, the Queen, in her endeavour to keep out Lord Palmerston whose pro-Italian and anti-Austrian policies she deplored as strongly as ever, sent for the more amenable Lord Granville.

TO PALMERSTON AND RUSSELL

11 June 1859
The Queen gives these lines to Lord Granville, whom she has entrusted with the task of forming an administration on the resignation of Lord Derby. She has selected him as the Leader of the Liberal Party in the House of Lords. She feels that it is of the greatest importance that both Lord Palmerston and Lord John Russell should lend their services to the Crown and country in the present anxious circumstances, and thought at the same time that they might do so most agreeably to their own feelings by acting under a third person.

TO DERBY

12 June 1859
The Queen writes to inform Lord Derby that after a fruitless attempt on the part of Lord Granville to form a Government comprising Lord Palmerston and Lord John Russell, she has now charged Lord Palmerston with the task, which she trusts may prove more successful.

TO GRANVILLE

13 June 1859
The Queen is much shocked to find her whole conversation with Lord Granville yesterday and the day before detailed in this morning's leading article of the *Times*. What passes between her and a Minister in her own room in confidential intercourse ought to be sacred, and it will be evident to Lord Granville that if it were not so, the Queen would be precluded from treating her Ministers with that unreserved confidence which can alone render a thorough understanding possible; moreover, any Minister could state what he pleased, against which the Queen would have no protection, as she could not well insert contradictions or explanations in the newspapers herself.

TO PALMERSTON

2 July 1859
The Queen has received Lord Palmerston's letter of to-day. She is sorry not to be

able to give her assent to his proposal with regard to Mr Bright. * Privy Councillors have sometimes exceptionally been made without office, yet this has been as rewards, even in such cases, for services rendered to the State. It would be impossible to allege any service Mr Bright has rendered, and if the honour were looked upon as a reward for his systematic attacks upon the institutions of the country, a very erroneous impression might be produced as to the feeling which the Queen or her Government entertain towards these institutions. It is moreover very problematical whether such an honour conferred upon Mr Bright would, as suggested, wean him from his present line of policy, whilst, if he continued in it, he would only have obtained additional weight in the country by his propounding his views as one of the Queen's Privy Councillors.

TO RUSSELL

The Queen has just received Lord John Russell's letter with the enclosure which she returns, and hastens to say in reply, that she does not consider the Emperor of the French or his Ambassador justified in asking the support of England in order to wrest her two Italian kingdoms from her, which were assured to her by the treaties of 1815, to which England is a party; England declared her neutrality in the war. The Emperor succeeded in driving the Austrians out of one of these kingdoms after several bloody battles. He means to drive her out of the second by diplomacy, and neutral England is to join him with her moral support in this endeavour.

The Queen having declared her neutrality, to which her Parliament and people have given their unanimous assent, feels bound to adhere to it. She conceives Lord John Russell and Lord Palmerston ought not to ask her to give her 'moral support' to one of the belligerents. As for herself, she sees no distinction between moral and general support; the moral support of England is her support, and she ought to be prepared to follow it up.

The Queen wishes this letter to be communicated to the Cabinet.

TO PRINCESS FREDERICK WILLIAM

Poor dear Papa had one of his stomach attacks on Monday, which made him look fearfully ill, but he remained in the field [at Aldershot] in that broiling sun the whole time and said he was all the better for it. He is however not quite right yet. He is so fagged and worked and our 2 Italian Masters [Russell and Palmerston] almost drive us crazy. Really I never saw two such obdurate ... I won't use any expression because I can't trust what it would be.

TO RUSSELL

The Queen was extremely sorry to find from Lord John Russell's letter of yesterday that he contemplates the possibility of our joining France in a fresh Italian war or demonstration of war against Austria, which the Queen had put entirely out of the

* John Bright, whose speeches were at that time unacceptable to the Queen, was later a welcome guest at Windsor as one of her favourite ministers.

question. If the Emperor of the French were allowed to believe in such a possibility, he would have it in his power to bring it about, or obtain a just cause of complaint against us, if we abandoned him. It would be just as dangerous and unfair towards the Emperor to mislead him in this respect as it would be for the Queen to conceal from Lord John that under no pretence will she depart from her position of neutrality in the Italian quarrel, and inflict upon her country and Europe the calamity of war on that account.

7 September 1859

The Queen is determined to hold to her neutrality in the Italian intrigues, revolutions, and wars. It is true, Lord John says, 'it becomes a great power like Great Britain to preserve the peace of Europe, by throwing her great weight into the scale which has justice on its side.' But where justice lies, admits of every variety of opinion.

TO PALMERSTON

10 February 1860

The Queen sends a letter to Lord Palmerston which she has received yesterday evening from Lord John Russell. * She is induced to do so from a feeling that it is to Lord Palmerston, as head of the Government, that she has to look, when she may have reason to take exception to the tone of communications she may receive from members of his Cabinet. Lord Palmerston will not fail to perceive that the enclosed is not the kind of communication which the Foreign Secretary ought to make, when asked by his Sovereign to explain the views of the Cabinet upon a question so important and momentous as the annexation of Savoy to France, and the steps which they propose to take with regard to it. She need not remind Lord Palmerston that in her letter communicated to the Cabinet she had given no opinion whatever upon Italian liberation from a foreign yoke, nor need she protest against a covert insinuation, such as is contained in Lord John's letter, that she is no well-wisher of mankind and indifferent to its freedom and happiness. But she must refer to the constitutional position of her Ministers towards herself. They are responsible for the advice they gave her, but they are bound fully, respectfully, and openly to place before her the grounds and reasons upon which their advice may be founded, to enable her to judge whether she can give her assent to that advice or not. The Government must come to a standstill if the Minister meets a demand for explanation with an answer like the following: 'I was asked by the Cabinet to give an answer, but as I do not agree with you, I think it useless to explain my views.'

The Queen must demand that respect which is due from a Minister to his Sovereign. As the Queen must consider the enclosed letter as deficient in it, she thinks Lord John Russell might probably wish to reconsider it, and asks Lord Palmerston to return it to him with that view.

* This letter ran 'Lord John Russell unfortunately does not partake your Majesty's opinions in regard to Italy, and he is unwilling to obtrude on your Majesty unnecessary statements of his views. ... Whatever may be the consequence, the liberation of the Italian people from a foreign yoke is, in the eyes of Lord Palmerston and Lord John Russell, an increase of freedom and happiness at which as well-wishers to mankind they cannot but rejoice.'

142 *Monarchs and Ministers, 1852-1860*

TO PRINCESS FREDERICK WILLIAM

22 June 1860

We received yesterday the 2 Moorish Ambassadors and they also came to our Ball. You would be charmed with their appearance. They are entirely wrapped up in their white *burnouses*—and nothing can be more picturesque. The one, the 1st, who is not tall—is very handsome, the 2nd—the spokesman is also handsome—with a fair complexion and fine features, and a white beard. They are so like Horace Vernet's pictures and make one think of what the patriarchs of old must have been. I shall get their photographs.

10 November 1860

We are somewhat shocked at your speaking of 'those horrid Yankees'—when Bertie was received in the United States* as no one has ever been received anywhere, principally from the (to me incredible) liking they have for my unworthy self; the Duke of Newcastle's words were 'No sovereign or prince in any country or at any time ever received such an ovation' and that the order and good behaviour throughout was wonderful. He and all anticipate the most wonderful results from this visit. Don't therefore abuse the 'Yankees' for their natural defects—on this occasion at least; for their reception of Bertie has been something so marvellous and naturally so uncalled for and unexpected.

TO RUSSELL

12 February 1861

The Queen has received Lord John Russell's letter enclosing the draft of one to General Garibaldi, which she now returns. She had much doubt about its being altogether safe for the Government to get into correspondence, however unofficial, with the General, and thinks that it would be better for Lord John not to write to him. Lord Palmerston, who was here this afternoon on other business, has undertaken to explain the reasons in detail to Lord John—in which he fully concurs.

12 February 1861

The Queen has received Lord John Russell's reiterated request for her sanction to his writing to General Garibaldi. She still entertains the same objections to the step, as implying a recognition of the General's position as a European Power as enabling him to allow the impression to prevail, that he is in communication with the British Government and acts under its inspiration, as possibly leading to a prolonged and embarrassing correspondence, and as implying for the future that when the disapprobation of the Government is not expressed (as in the present instance), it gives its consent to his aggressive schemes. The Queen will not prevent, however, Lord John from taking a step which he considers gives a chance of averting a great European calamity. Should Lord John therefore adhere to his opinion, she asks him to let her see the letter again, upon the precise wording of which so much depends.

*The Prince of Wales had gone out to represent his parents in Canada. He had afterwards entered the United States in the character of a private student.

1 April 1870

After talking for a little while [to Mrs. Grey in the General's house at St. James's Palace] she took me into the room where the dear General lay, looking so peaceful, nice and unaltered, without that dreadful pallor one generally sees after death. His bed was covered with flowers, of which he was so fond. Poor dear General, I could not bear to think I should never look again on his face in this world! He was most truly devoted and faithful and had such a kind heart.

Saw Sir T. Biddulph [Master of the Household]. Colonel [Henry] Ponsoby is to replace our dear General [as the Queen's Private Secretary] which he himself had recommended when he talked of retiring.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

9 April 1870

Colonel Ponsoby is a very decided Liberal, but he never has mixed in politics—and is very discreet which our poor, dear General was not, I must own, though it may appear very strange to you.

JOURNAL

14 April 1870

Darling Beatrice's 13th birthday. It is to me quite sad that she is growing so fast out of the dear little engaging child and so far from the time when she was her precious father's little pet.

6 June 1870

Il ne faut pas disputer des goûts but I do not fancy him [Lord Lorne, who was to marry Princess Louise]. He has such a forward manner, and such a disagreeable way of speaking but I know he is very clever and very good.

In July 1870, in his endeavours to complete the unification of Germany under Prussia, Bismarck cleverly manoeuvred France into declaring war. The subsequent Franco-Prussian War caused the Queen intense distress.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

16 July 1870

Beloved child, I cannot say what my feelings of horror and indignation are, or how frightfully iniquitous I think this declaration of war! My heart boils and bleeds at the thought of what misery and suffering will be caused by this act of mad folly!

20 July 1870

My poor, dear, beloved child, words are far too weak to say all I feel for you or what I think of my neighbours!! We must be neutral as long as we can, but no one here conceals their opinion as to the extreme iniquity of the war—and the unjustifiable conduct of the French. Still, more publicly we cannot say but the feeling of the people and country here is all with you—which it was not before. And need I say what I feel? My whole heart and my fervent prayers are with beloved Germany! Say that to Fritz—but he must not say it again—and that I shall suffer cruelly for you all—thinking of beloved Papa too, who would have gone to fight if he could.

'FREQUENT DIFFICULTIES'

1870-1878

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

12 January 1870

I send you [Tennyson's] 'The Holy Grail' but must say—beautiful as are passages in it—it is still more unclear than any of his writings and leaves me quite bewildered.

JOURNAL

9 March 1870

I saw Mr. Helps [Clerk of the Privy Council] this evening at half past six, who brought and introduced Mr. Dickens, the celebrated author. He is very agreeable, with a pleasant voice and manner. He talked of his latest works, of America, the strangeness of the people there, of the division of classes in England, which he hoped would get better in time. He felt sure that it would come gradually.

23 March 1870

The newly cleaned monument of Henry VII [in Westminster Abbey] was what they [the Dean of Westminster and Lady Augusta Stanley] particularly wanted me to see, and it is beautiful, all bright gold. Went into the Deanery for tea, where, as last year, were assembled some celebrities: Lady Eastlake [widow of Sir Charles Eastlake and author of *Letters from the Baltic*], tall, large, rather ponderous and pompous; Mr. Froude [the historian], with fine eyes, but nothing very sympathetic; Professor Owen [the zoologist], charming as ever; Professor Tyndall [the physicist] (not very attractive), who has a great deal to say; Sir Henry Holland [Physician in Ordinary to the Queen], quite wonderful and unaltered; and Mr. Leikie [? Lecky the historian], young, pleasing, but very shy.

26 March 1870

At eleven, when the messenger arrived, there came a note from Sir William Jenner with the dreadful news that General Grey had had a seizure soon after seven this morning and three attacks of convulsions since! We were horrified, though I had foreseen some impending illness, as had Sir William. Saw Colonel Ponsoby and sent him up to town at once, to enquire, also telegraphed to Sir William Jenner to tell me the exact truth, and to poor Mrs. Grey. Most dreadful! Could think of nothing else. All greatly shocked.

220

'Frequent Difficulties', 1870-1878

TO GRANVILLE

20 July 1870

[The Queen] is overwhelmed with letter-writing, telegrams and the terrible anxiety and sorrow which this horrible war will bring with it. The Queen hardly knows how she will bear it! Her children's home threatened, their husbands' lives in danger, and the country she loves best next to her own—as it is her second home, being her beloved husband's, and one to which she and all her family are bound by the closest ties—in peril of the gravest kind, insulted and attacked, and she unable to help them or to come to their assistance. Can there be a more cruel position than the unhappy Queen's? She knows what her duty is and will do what must be done, but she will suffer dreadfully.

TO QUEEN AUGUSTA OF PRUSSIA

20 July 1870

What can I say? This dreadful war is vile and unforgivable! May God protect our dear, beloved Germany! My heart is indeed heavy and bleeds for you! We have made every possible effort to preserve peace!

JOURNAL

9 August 1870

More telegrams. The losses of the unfortunate French seem to be greater and greater, 12,000 killed and wounded and 4,000 prisoners. They are quite disorganised. Dreadful excitement at Paris...

Saw Mr. Gladstone, who was full of the extraordinary events which have taken place. Perhaps, he said, it might all be for the best for Europe, for, though he was always very fond of the French, he thought a Bonaparte on the throne had always an element of uncertainty and danger.

17 August 1870

After luncheon held a Council, before which I saw Lord Granville. Talked of the extraordinary reverses and defeats of the French and the great victories of the Prussians. Both in diplomacy and war the failure of the French had been so utterly complete. He thinks it is chiefly due to a loose unprincipled Government, and to everything having become so corrupt.

TO QUEEN AUGUSTA OF PRUSSIA

17 August 1870

This frightful bloodshed is really too horrible in Europe in the 19th century. With the weapons of today it is really too ghastly, and when this war is at an end, there ought to be some attempt made to find means of preventing such wars once and for all. Otherwise the peoples will become extinct!

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

22 August 1870

The position of the French seems to get hourly worse! Such a complete tumbling to pieces of their empire and its far famed army has really never been seen! It does seem like a judgement from heaven! Everything seems to fail! Odiously impertinent, insulting and boastful as the French have always been, one cannot help feeling for them.

'Frequent Difficulties', 1870-1878

221

JOURNAL

3 September 1870

Just as I was going out arrived a telegram, which nearly took one's breath away! The whole of MacMahon's Army have laid down their arms and capitulated [at Sedan], while the Emperor surrendered himself to the King of Prussia, who was to see him immediately. My first thought, and that of many, was that this might lead to peace!

5 September 1870

Heard that the mob at Paris had rushed into the Senate and proclaimed the downfall of the dynasty, proclaiming a Republic! This was received with acclamation and the proclamation was made from the Hôtel de Ville. Not one voice was raised in favour of the unfortunate Emperor! How ungrateful!

MEMORANDUM

9 September 1870

The French evidently wish for peace and are in the greatest want of it, but seem still to think they can dictate terms! This is madness!...

A powerful Germany can never be dangerous to England, but the very reverse, and our great object should therefore be to have her friendly and cordial towards us.

JOURNAL

12 September 1870

My dearest kindest friend, dear old Lechen, expired quite quietly and peacefully on the 9th. For two years she had been quite bedridden, from the results of breaking her hip. Though latterly her mind had not been clear, still there were days when she constantly spoke of me, whom she had known from the age of six months. She had devoted her life to me, from my fifth to my eighteenth year, with the most wonderful self-abnegation, never even taking one day's leave! After I came to the throne she got to be rather trying and especially so after my marriage, but never from any evil intention, only from a mistaken idea of duty and affection for me. She was an admirable governess, and I adored her, though I also feared her.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

13 September 1870

In England I can assure you the feeling is far more German than French, and far the greater part of the press is in your favour. All reflecting people are.

17 September 1870

In one of your former long letters you said you thought now of many things which dear Papa had said—which showed that all was after all not so entirely unexpected in France! The system of corruption, immorality and *gaspiage* was dreadful. Nothing annoyed dear Papa more than the abject court paid to the Emperor and the way in which we were forced to flatter and humour him, which was shortsighted policy, and spoilt him.

TO THE KING OF PRUSSIA

19 September 1870

[translated from the German]
The Queen asks the King of Prussia as a friend whether, in the interests of suffering humanity, he could so shape his demands as to enable the French to accept them.

The King and his splendid victorious Army stand so high that the Queen thinks they can afford, on obtaining necessary securities for preventing similar events or attacks, to be generous. The King's name will stand even higher if he make peace now.

TO GRANVILLE

1 October 1870

The Queen is so glad to see how firmly and resolutely Lord Granville refuses to be dragged into mediation and interference, though it must be very difficult to avoid it.

The Queen feels so very strongly the danger to this country of giving advice which will not help the one party, and may turn the very powerful other party, already much (and unjustly) irritated against us, into an inveterate enemy of England, which would be very dangerous and serious.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

3 October 1870

I must now tell you that I have changed my opinion of Lord Lorne [later 9th Duke of Argyll] since I have got to know him (he has been here since Thursday) and I think him very pleasing, amiable, clever—his voice being only a little against him. And he is in fact very good looking [he married Princess Louise in 1871].

TO QUEEN AUGUSTA OF PRUSSIA

17 November 1870

The very groundless and unjust feeling against England in Germany is beginning to arouse great indignation here, especially as from the very first, with the exception of a few of the upper classes who are fond of going to Paris, all sympathies were with Germany, and because people have done so much for the wounded. I write this to you quite frankly, for I consider the danger great and serious that the 2 great nations should become so far irritated against one another as to be unable to put things right again and allow the feelings of hostility to grow. Please warn the dear King and Fritz and everyone.

JOURNAL

Dull, raw, and cold. At quarter to eleven, started . . . for Chislehurst, in Kent, where the poor Empress Eugénie is staying.

At the door [of Camden Place] stood the poor Empress, in black, the Prince Imperial, and, a little behind, the Ladies and Gentlemen. The Empress at once led me through a sort of corridor or vestibule and an ante-room into a drawing-room with a bow window. Everything was like a French house and many pretty things about. The Empress and Prince Imperial alone came in, and she asked me to sit down near her on the sofa. She looks very thin and pale, but still very handsome. There is an expression of deep sadness in her face, and she frequently had tears in her eyes. She was dressed in the plainest possible way, without any jewels or ornaments, and her hair simply done, in a net, at the back. She showed the greatest tact in avoiding everything which might be awkward, and enquired after Vicky and Alice, asked if I had had any news, saying, 'Oh! si seulement l'on pouvait avoir la paix.' Then she said how much had happened since we had met at Paris and that she could not forget the dreadful impressions of her departure from there . . . The night

before she had lain down fully dressed, on her bed. The crossing had been fearful. Afterwards she talked of other things. The Prince Imperial is a nice little boy, but rather short and stumpy.

31 December 1870

I ended this dreadful year of bloody conflict in no cheerful mood. It is always sad to me to be getting further and further off from the time when my beloved husband was still with me, and the thought of this dreadful war, indeed there has perhaps never been a worse one, or such loss of life . . . lies like a heavy weight on one's heart and mind.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

14 January 1871

The bombardment [of Paris] is a sad thing and I cannot say how I pray for the ending of this dreadful slaughter, which seems alas! so useless, for the feeling in England is becoming sadly hostile to Germany. Everything will be done to calm this, and Parliament in this respect will do good they say, though things will be said which are painful and may have a bad effect. The fact is people are so fond of Paris—so accustomed to go there that the threatened ruin of it makes them furious and unreasonable.

TO QUEEN AUGUSTA OF PRUSSIA [whose husband was proclaimed German Emperor that day]

18 January 1871

I hate having to tell you about the increase of bad feeling in this country towards Germany, and in particular against Prussia, and how unhappy it makes me.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

1 February 1871

God be praised truly and really for this blessed capitulation and armistice which will soon dissipate the sentimentality here. It came so suddenly at last but the wretched people must be in a terrible state.

4 February 1871

Here the terms have created a bad feeling [the French were required to pay £200,000,000 within a fortnight, and agreed to do so]. But I should think they will be abated—at any rate the money part, which would be quite impossible for the wretched French to pay.

10 February 1871

I am glad to see that you feel prouder than of anything to be an Englishwoman or rather more a Briton, for you may be as proud of the Scotch blood in your veins as of any other. One of the last walks I took with darling Papa, he said to me 'England does not know what she owes to Scotland'. She is the brightest jewel in my crown—energy, courage, worth, inimitable perseverance, determination and self-respect.

1 March 1871
The preliminaries of peace are declared but they are very hard. That was to be expected, and I fear that they may not be accepted. This march through Paris alarms us all very much. If only nothing untoward happens. The feeling here towards Prussia is as bitter as it can be. It is a great grief to me—and I am nothing! . . . To see the enmity growing up between two nations—which I am bound to say began first in Prussia, and was most unjust and was fomented and encouraged by Bismarck—is a great sorrow and anxiety to me—and I cannot separate myself or allow myself to be separated from my own people. For it is alas! the people, who from being very German up to three months ago are now very French! I tell you this with a heavy heart but it is the fact.

TO THE GERMAN EMPEROR

20 March 1871
From my heart I hope that our two countries may draw nearer to one another, and that the passing ill-humour which sprang from misunderstandings and mistaken judgments on both sides may disappear!

JOURNAL

27 March 1871
At a little before three, went down with our children and Ladies and Gentlemen to receive the Emperor Napoleon [at Windsor Castle]. I went to the door with Louise and embraced the Emperor 'comme de rigueur.' It was a moving moment, when I thought of the last time he came here in '55, in perfect triumph, dearest Albert bringing him from Dover, the whole country mad to receive him, and now! He seemed much depressed and had tears in his eyes, but he controlled himself and said, 'Il y a bien longtemps que je n'ai vu votre Majesté.' He led me upstairs and we went into the Audience Room. He is grown very stout and grey and his moustaches are no longer curled or waxed as formerly, but otherwise there was the same pleasing, gentle, and gracious manner. My children came in with us. The Emperor at once spoke of the dreadful and disgraceful state of France, and how all that had passed during the last few months had greatly lowered the French character.

29 March 1871
At a little after twelve, started in nine dress closed carriages (mine with a pair of creams) for the Albert Hall, for its opening . . . Immense and very loyal crowds out. Bertie received us at the door and then we walked up the centre of the immensely crowded Hall (8,000 people were there), which made me feel quite giddy. Bertie read the address from the dais, to which we had been conducted, very well, and I handed to him the answer, saying: 'In handing you this answer I wish to express my great admiration of this beautiful Hall, and my earnest wishes for its complete success.' This was greatly applauded. The National Anthem was sung, after which Bertie declared the Hall open. Good Mr. Cole [Henry Cole, Chairman of the Society of Arts, who had worked hard for the success of the Great Exhibition of 1851] was quite crying with emotion and delight. It is to Colonel Scott of the Engineers, who built the Hall, that the success of the whole is due. We then went upstairs to my Box, which is not quite in the centre, and heard Costa's cantata

performed, which is very fine. I had never been at such a big function since beloved Albert's time, and it was naturally trying and *émotionnant* for me. I thought of poor dear General Grey, who had been so enthusiastic and anxious about this undertaking and who was not permitted to see the building completed!

8 April 1871
Still dreadful news from Paris. The Commune have everything their own way, and they go on quite as in the days of the old Revolution in the last century, though they have not yet proceeded to commit all the same horrors. They have, however, thrown priests into prison, etc. They have burnt the guillotine and shoot people instead. I am so glad I saw Paris once more, though I should not care to do so again.

TO GLADSTONE

23 April 1871

With respect to the Budget, it is difficult not to feel considerable doubt as to the wisdom of the proposed tax on matches, which is a direct tax and will be at once felt by all classes, to whom matches have become a necessity of life. Their greatly increased price will in all probability make no difference in the consumption by the rich; but the poorer classes will be constantly irritated by this increased expense and reminded of the tax by the Government stamp on the box.

Above all it seems certain that the tax will seriously affect the manufacture and sale of matches, which is said to be the sole means of support of a vast number of the very poorest people and little children, especially in London, so that this tax, which it is intended should press on all equally, will in fact be only severely felt by the poor, which would be very wrong and most impolitic at the present moment.

The Queen trusts that the Government will reconsider this proposal and try and substitute some other which will not press upon the poor.*

JOURNAL

27 May 1871

Most dreadful news from Paris. The wretched Archbishop, another Bishop, a Curé, and sixty-four other prisoners have been shot by these horrid Communists, before the prison could be taken.

31 July 1871

A very fine day. Breakfast in the tent [at Osborne]. Afterwards met good Fritz and talked with him of the war. He is so fair, kind, and good and has the intensest horror of Bismarck, says he is no doubt energetic and clever, but bad, unprincipled, and all-powerful; he is in fact the Emperor, which Fritz's father does not like, but still cannot help . . . That he felt they were living on a volcano, and that he should not be surprised if Bismarck some day tried to make war on England. This corroborates and justifies what many people here have said.

4 September 1871
In the afternoon took a little turn in the garden chair [at Balmoral, where the Queen

*The Government did reconsider the proposal and, after a procession of thousands of poor match makers to the Houses of Parliament, the tax was given up.

was feeling dreadfully ill with rheumatism in her leg and an abscess on her arm]. It was so fine. On coming in heard Mr. Lister had arrived. Sir William Jenner explained everything about my arm to him, but he naturally said he could do nothing or give any opinion till he had made an examination. I had to wait nearly half an hour before Mr. Lister and Dr. Marshall appeared! In a few minutes he had ascertained all and went out again with the others. Sir William Jenner returned saying Mr. Lister thought the swelling ought to be cut; he could wait twenty-four hours, but it would be better not. I felt dreadfully nervous, as I bear pain so badly. I shall be given chloroform, but not very much, as I am so far from well otherwise, so I begged the part might be frozen, which was agreed on. Everything was got ready and the three doctors came in. Sir William Jenner gave me some whiffs of chloroform, whilst Mr. Lister froze the place, Dr. Marshall holding my arm. The abscess, which was six inches in diameter, was very quickly cut and I hardly felt anything excepting the last touch, when I was given a little more chloroform. In an instant there was relief.

11 September 1871

To-day I have been very miserable from a violent attack of rheumatism or even rheumatic gout, which has settled in my left ankle, completely crippling me and causing me dreadful pain.

18 September 1871

My foot much swollen, and I could hardly walk a step. The doctors, after looking at it, pronounced it to be severe rheumatic gout, and I was not to walk, indeed I could not. How distressing and disappointing! Was rolled into my sitting-room, where Alice came to see me, much shocked and grieved. Was carried downstairs and took a little drive. The rest of the day I remained in my room. By degrees agonies of pain came on which continued almost without intermission, the foot swelling tremendously.

18 October 1871

A most dreadful night of agonising pain. No sedative did any good. I only got some sleep between five and eight this morning. Felt much exhausted on awaking, but there was no fever, and the pain was much less. Had my feet and hands bandaged. My utter helplessness is a bitter trial, not even being able to feed myself . . . Was unable all day hardly to eat anything. Dictated my Journal to Beatrice, which I have done most days lately.

23 October 1871

My hands much better. Was able to sign, which is a great thing.

22 November 1871

Breakfasted for the first time again with my children, and felt it was a step forward and I was returning to ordinary life.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

17 February 1872

Our Government here does not get on very well. They have contrived to get so very unpopular. Mr. Gladstone is a very dangerous Minister—and so wonderfully unsympathetic. I have felt this very much, but find his own followers and colleagues complain fully as much.

JOURNAL

29 February 1872

At half past four drove in open landau and four with Arthur, Leopold, and Jane [Churchill], the Equerries riding. We drove round Hyde and Regent's Parks, returning by Constitution Hill, and when at the Garden Entrance a dreadful thing happened . . . It is difficult for me to describe, as my impression was a great fright, and all was over in a minute. How it all happened I knew nothing of. The Equerries had dismounted, Brown had got down to let down the steps, and Jane C. was just getting out, when suddenly someone appeared at my side, whom I at first imagined was a footman, going to lift off the wrapper. Then I perceived that it was someone unknown, peering above the carriage door, with an uplifted hand and a strange voice, at the same time the boys calling out and moving forward. Involuntarily, in a terrible fright, I threw myself over Jane C., calling out, 'Save me,' and heard a scuffle and voices! I soon recovered myself sufficiently to stand up and turn round, when I saw Brown holding a young man tightly, who was struggling. They laid the man on the ground and Brown kept hold of him till several of the police came in. All turned and asked if I was hurt, and I said, 'Not at all.' Then Lord Charles [FitzRoy], General Hardings, and Arthur came up, saying they thought the man had dropped something. We looked, but could find nothing, when Cannon, the postilion, called out, 'There it is,' and looking down I then did see shining on the ground a small pistol! This filled us with horror. All were as white as sheets, Jane C. almost crying, and Leopold looked as if he were going to faint.

It is to good Brown and to his wonderful presence of mind that I greatly owe my safety, for he alone saw the boy rush round and followed him! When I was standing in the hall, General Hardinge came in, bringing an extraordinary document which this boy had intended making me sign! It was in connection with the Fenian prisoners!

1 March 1872

Drove to Marlborough House, where Alex and the little boys received me, and where I saw dear Bertie, who is still not allowed to walk, suffers a good deal of pain, and does not know if he will be able to get away on the 4th, which is very tiresome. He has appointed General Probyn as his Equerry, which is a very good appointment. Took leave of dear Bertie and Alex with great regret. On returning saw Mr. Gladstone, who was dreadfully shocked at what [had] happened, and to whom I recounted the whole thing.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

8 May 1872

I am most thankful to hear you are going on so satisfactorily [the Princess had given birth to her fourth daughter, Margaret Beatrice Feodore]. I never thought you

care (having 3 of each) whether it was a son or a daughter; indeed I think many Princess a great misfortune—for they are in one another's and almost everybody's way. I am sure it is the case here—and dear Papa felt this so much that he was always talking of establishing if possible one or two of your brothers and eventual grandchildren (of which I fear there is the prospect of a legion with but little money) in the colonies. I don't dislike babies, though I think very young ones rather disgusting, and I take interest in those of my children when there are two or three—and of people who are dear to me and whom I am fond of—but when they come at the rate of three a year it becomes a cause of mere anxiety for my own children and of no great interest.

5 June 1872
It gave me much pleasure to receive your dear letter, as it showed me that you can understand what I meant about the relations of children and parents. The higher the position the more difficult it is.—And for a woman alone to be head of so large a family and at the same time reigning Sovereign is I can assure you almost more than human strength can bear. I assure you I feel so disheartened. I should like to retire quietly to a cottage in the hills and rest and see almost no one. As long as my health and strength will bear it—I will go on—but I often fear I shall not be able for many years (if I live). If only our dear Bertie was fit to replace me! Alas! Alas! I feel very anxious for the future . . . And so is everyone.

26 June 1872
I come now to this very important subject of the position of the working classes. You know that I have a very strong feeling on that subject. I think the conduct of the higher classes of the present day very alarming—for it is amusement and frivolity from morning till night—which engenders selfishness, and there is a toleration of every sort of vice with impunity in them. Whereas the poorer and working classes who have far less education and are much more exposed—are abused for the tenth part less evil than their betters commit without the slightest blame. The so called immorality of the lower classes is not to be named on the same day with that of the higher and highest. This is a thing which makes my blood boil, and they will pay for it.

JOURNAL.

4 July 1872
Had some music in the Red Drawing-room, to which my three children, Lenchen, and the ladies and some of the gentlemen came. Adelina Patti, the famous prima donna, now the favourite, since the last six years. . . I was charmed with Patti, who has a very sweet voice and wonderful facility and execution. She sings very quietly and is a very pretty ladylike little thing.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

3 September 1872
In your dear letter you speak of beloved Papa and his irreparable loss and how few if any were like him. But I feel and see that if he had lived he would have suffered cruelly from many inevitable things which have taken place and which he never

would have approved. . . The style of life of your elder brothers which he could not have prevented would have shocked and angered him. He foresaw this and often was greatly depressed in speaking of it to me, and it is this which makes me often sad when I see things go on so exactly contrary to what he would have wished and liked—but which cannot be avoided. I often say 'thank God! he is spared this'; I rather bear the burthen alone and submit to what I cannot prevent, doing all I can to prevent serious evil. He could not have borne it.

9 September 1872
I have this evening seen a Mr. Stanley, who discovered Livingstone, a determined, ugly, little man—with a strong American twang.

JOURNAL

23 September 1872
Can I write it? My own darling, only sister, my dear excellent, noble Feodore is no more! . . . This was to have been and is still a day of rejoicing for all the good Balmoral people, on account of dear Bertie's first return after his illness; and I am here in sorrow and grief, unable to join in the welcome. God's will be done, but the loss to me is too dreadful! I stand so alone now, no near and dear one near my own age, or older, to whom I could look up to, left! All, all gone! She was my last near relative on an equality with me, the last link with my childhood and youth. My dear children, so kind and affectionate, but no one can really help me.

TO GLADSTONE

22 October 1872
A subject which demands the most serious attention of the Government is the very alarming and increasing insecurity of the Railroads. The Queen has repeatedly spoken and written about this, but she thinks that nothing has yet been done by Government which tends to remedy this most alarming subject. Legislation is applied to every possible subject, but the one fully as important as Education, viz. the safety of human life, seems to be much less thought of than any other. In no country except ours are there so many dreadful accidents, and for the poor people who have to travel constantly by rail, and who cannot even have the comparative security which those who travel in first-class carriages can have, to be in perpetual danger of their lives is monstrous. Independent of this, the Queen's own family, not to speak of her servants and visitors, are in perpetual danger, and are put to the most serious inconvenience by the inexactitude of the trains.

TO DISRAELI

15 December 1872
The Queen well knows that Mr. Disraeli will not consider the expression of her heart-felt sympathy an intrusion in this his first hour of desolation and overwhelming grief [at the death of his wife that day], and therefore she at once attempts to express what she feels. The Queen knew and admired as well as appreciated the unbounded devotion and affection which united him to the dear partner of his life, whose only thought was him.

29 February 1873

A very foggy, raw day. At quarter past ten, left Windsor for Chislehurst [to commiserate with the Empress Eugénie on the death of the Emperor], by the South-Western. We passed through London, which was wrapped in a thick yellow fog... drove to Camden House, where at the door, instead of his poor father, who had always received me so kindly, was the Prince Imperial, looking very pale and sad. A few steps further on, in the deepest mourning, looking very ill, very handsome, and the picture of sorrow, was the poor dear Empress, who had insisted on coming down to receive me. Silently we embraced each other and she took my arm in hers, but could not speak for emotion.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

6 March 1873

The Prince Imperial came to luncheon here on Tuesday. He is a very dear, nice boy—with such charming manners—reminding me much of his father and yet he is like her too. The tears come to his eyes whenever he speaks of the Emperor. His nose is getting like the Emperor's and the shape of his head as well as the colour of his eyes—but the shape of his eyelids, and eyebrows and his smile—a very sweet one—are the Empress's. His hair is very dark.

2 April 1873

I asked Lady Caledon [Lady of the Bedchamber] to write you an account of my visit to the Victoria or People's Park today—which is beyond Bethnal Green and we had to drive through the poorest and worst parts of London—but nothing could go off better or the enthusiasm be greater. We had no escort and I am sure there were as many people out as on the Thanksgiving Day!... It was a splendid day. In few countries could such a sight have been seen.

16 April 1873

My beloved Baby [Princess Beatrice]—who is really the apple of my eye—and who is very much with me—though not of an evening as I keep her as young and child-like as I can—and who I pray God may remain with me as long as I live for she is the last I have and I could not live without her—was very happy [on her 16th birthday].

25 May 1873

It gives me so much pleasure to hear you speak so lovingly of dear Bertie for he deserves it. He is such a kind, good brother a very loving son and a very true friend, and so kind to all below him for which he is universally beloved; poor A. [Prince Alfred] is not at all, either by high or low.

In fulfilment of a promise made to Gladstone, the Queen agreed, in the summer of this year to receive the Shah of Persia, his friendship being highly important in the affairs of the Middle East.

2 June 1873

Felt nervous and agitated at the great event of the day, the Shah's visit. All great bustle and excitement. The guns were fired and bells ringing for my Accession Day, and the latter also for the Shah. The Beefeaters were taking up their places, pages walking about, in full dress, etc. Arthur arrived, crowds appeared near the gates, the Guard of Honour and Band marched into the Quadrangle, and then I dressed in a smart morning dress, with my large pearls, and the Star and Ribbon of the Garter, the Victoria and Albert Order, etc. Was much surprised at seeing no troops lining the hill, as was done when the Sultan came here [to Windsor]. Sent for Colonel Ponsonby, who could not understand it, as he knew the order had been given. He ran down to give some directions, in hopes of getting them still, and some makeshift was arrived at, just as we heard the Shah had arrived at the station. Arthur and Leopold had gone down to meet him, and Lenchen, Louise, Beatrice, and Christian were with me in my room, watching the gradual approach, heralded by cheering.

The carriage was quite near, followed by eleven others!! and we hastened down. The great Officers of State, the ladies and gentlemen, Lord Granville, etc., had all preceded us below. The band struck up the new Persian March, and in another moment the carriage drove up to the door. The Grand Vizier, who, with my sons, was in the same carriage as the Shah, got out first, and then the Shah. I stepped forward and gave him my hand. Then took his arm and walked slowly upstairs, and along the Corridor, the Grand Vizier close behind, and the Princes and Princesses, including all the Persian ones, the ladies, etc., following, to the White Drawing-room. The Shah is fairly tall, and not fat, has a fine countenance and is very animated. He wore a plain coat (a tunic) full in the skirt and covered with very fine jewels, enormous rubies as buttons, and diamond ornaments, the sword belt and epaulettes made entirely of diamonds, with an enormous emerald in the centre of each. The sword-hilt and scabbard were richly adorned with jewels, and in the high black astrakan cap was a aigrette of diamonds. I asked various questions through the Grand Vizier, but the Shah understands French perfectly and speaks short, detached sentences...

We entered the White Drawing-room... I asked him to sit down, which we did on two chairs in the middle of the room (very absurd it must have looked, and I felt very shy), my daughters sitting on the sofa. Lord Granville handed me the Garter and diamond Star and Badge, and helped by Arthur and Leopold I put it over the Shah's shoulder. He then took my hand and put it to his lips, and I saluted him...

The doors were then opened into the Green Drawing-room, where everyone was assembled, and we proceeded slowly to luncheon, the Shah giving me his arm. We lunched in the Oak Room and sat down twenty. The Shah sat on my right, and the Grand Vizier on my left, Lenchen next the Shah, Louise next the Grand Vizier, Prince Abdul between Lenchen and Beatrice, and one of the old uncles on her other side. The band played during luncheon, and the Pipers at dessert, walking round the table, which seemed to delight the Shah. I talked a good deal to the Grand Vizier, and through him to the Shah, but also directly to the latter, in French. He takes great interest in everything, spoke of Vicky and her children, and said she was well; that he should so much like to see Scotland, had had my book translated into

232 'Frequent Difficulties', 1870-1878

Persian, and had read it. The Shah ate fruit all through luncheon, helping himself from the dish in front of him, and drank quantities of iced water.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

3 July 1873

We [the Shah and the Queen upon his departure] took some refreshments in the White Room [at Windsor Castle] (only fruit—ice and tea) during which he spoke most kindly of his visit—his earnest wish that the closest alliance should be maintained between the two countries and from this time a new era should commence; that he hoped I would keep him and his Country in my remembrance and not forget it, which I replied was very reciprocal on my part. I gave him a nosegay and my photograph which he kissed (I hear) as he was leaving the station! I took him again down and he kissed my hand!

JOURNAL

11 July 1873

Out to tea with Beatrice, near the pines and ilexes. Just as we got out a telegram was brought, which came from Affie . . . He said the following: 'Marie [the Grand Duchess Marie Alexandrovna, only daughter of the Tsar Alexander II] and I were engaged this morning. Cannot say how happy I am. Hope your blessing rests on us.' Was greatly astonished at the great rapidity with which the matter has been settled and announced . . . Felt quite bewildered. Not knowing Marie, and realising that there may still be many difficulties, my thoughts and feelings are rather mixed, but I said from my heart 'God bless them', and I hope and pray it may turn out for Affie's happiness.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

16 July 1873

Affie and Marie seem very happy and I pray she may continue so, for she really seems a very sweet girl, who marries him entirely for his sake (!)—I wonder—but never mind that. She has written me such a pretty letter in English of which I will send you a copy another day. Difficulties there will be and delays and troubles but if she is so amiable and dear, much will be got over.

TO GLADSTONE

25 July 1873

The Queen is glad to see the Bishop of Winchester's own family declined the proposal of Westminster Abbey as his last resting-place, than which nothing more gloomy and doleful exists.

The Queen thinks it would have been open to grave objections, for, while all concurred in thinking poor Bishop Wilberforce most agreeable, talented, and eloquent, many entertained grave doubts as to his conduct and views as a Churchman, which she must own was her own case, while others extolled him and rated him very high in that capacity. And such controversies would have been very painful.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

26 July 1873

I cannot entirely agree with your religious ideas as I feel much more strongly and deeply than you do . . . Does not every true Protestant feel the errors of a

'Frequent Difficulties', 1870-1878

233

superstitious religion—full of strange observances repugnant to all the simplicity of our Saviour's teaching? Do you really think that the exclusion of Roman Catholics from the possibility of marrying any of our family merely a political necessity? If you love your children and then they marry, is it not a terrible bar to be unable to talk to them on religious subjects except with totally different feelings and to have no sympathy with them? If you don't feel this, I fear you cannot feel really deeply and earnestly on these subjects. Then you say one ought to be very tolerant; certainly I would never persecute others for their religion and would always respect it, but we Protestants are not aggressive and when I was a child, our Church was not in danger of the alarming innovations which its unfortunately too Catholic nature and forms have exposed it to and which are most alarming. In Germany you can afford not to dread these terrible High Church and ritualistic attempts and movements—which are mere aping of Catholic forms and an undermining of Protestantism, because your Church is really Protestant and all Catholic forms are expunged from it. But here flowers, crosses, vestments, all mean something most dangerous! Thank God the Scotch Church is a stronghold of Protestantism, most precious in these realms . . .

I think I ought seriously to condole with you at there being no baby coming. What a misfortune when you have only seven children—and only three boys!! Is Mama very naughty?

2 August 1873

Affie seems very well satisfied so far [with the Grand Duchess Marie of Russia]—but I find no improvement in him as yet—otherwise. There is the same ungracious, reserved manner which makes him so little liked.

3 September 1873

It is strange that you should dream so often of beloved Papa, while I do so seldom—and so much oftener of dear Grandmama, and as if I lived with her. You see, your life has not changed, whereas mine has entirely. Married life has totally ceased and I suppose that is why I feel as though I were again living with her.

14 September 1873

I hope the cold at St. Petersburg [where Prince Alfred was to be married] will not be too much for you. I shall feel not being present for the first time at the marriage of one of our children, but at the same time I dislike now witnessing marriages very much, and think them sad and painful, especially a daughter's marriage.

JOURNAL

1 October 1873

After luncheon heard that the great artist and kind old friend [Sir Edwin Landseer] had died peacefully at eleven. A merciful release, as for the last three years he had been in a most distressing state, half out of his mind, yet not entirely so. The last time I ever saw him was at Chiswick, at Bertie's garden party, two years ago, when he was hardly fit to be about, and looked quite dreadful. He was a great genius in his day, and one of the most popular of English artists. It is strange that both he and

Winterhalter, our personal, attached friends of more than thirty years' standing, should have gone within three or four months of each other! I cannot at all realise it. How many an incident do I remember, connected with Landseer! He kindly had shown me how to draw stags' heads, and how to draw in chalks, but I never could manage that well.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

20 October 1873

As to her [Princess Beatrice] appearing at state parties;—as she is my constant companion and I hope and trust will never leave me while I live, I do not intend she should ever go out as her sisters did (which was a mistake) but let her see (except of course occasionally going to theatres) as much as she can with me. I may truly and honestly say I never saw so amiable, gentle, and thoroughly contented a child as she is. She has the sweetest temper imaginable and is very useful and handy and is unselfish and kind to everyone . . . Thank God too she is not touchy and offended like several of her brothers and sisters are. That has increased with poor Lenchen (partly from health and partly from Christian's inordinate spoiling and the absence of all actual troubles and duties) to a degree that it makes it very difficult to live with her. But pray keep this to yourself and say nothing to anyone about it—but it grieves me to see it and to see what poor health she has. She won't either do anything to get better and says she don't care if she is ill or well!!

TO DEAN STANLEY

13 November 1873

The Queen now turns with much anxiety to the very pressing question of the state of the English Church; its Romanising tendencies which she fears are on the increase, its relations with other Protestant Churches, and the universal struggle, which has begun between the Roman Catholic Church and Protestant Governments in general . . . She thinks a complete Reformation is what we want. But if that is impossible, the Archbishop should have the power given him, by Parliament, to stop all these Ritualistic practices, dressings, bowings, etc., and everything of that kind, and, above all, all attempts at confession . . . Her mind is greatly occupied with the state of the Church in England, and with the terrible amount of bigotry and self-sufficiency and contempt of all other Protestant Churches, of which she had some incredible instances the other day. The English Church should bethink itself of its dangers from Papacy, instead of trying to widen the breach with all other Protestant Churches, and to magnify small differences of form. The English Church should stretch out its arms to other Protestant Churches.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

27 December 1873

Affie left my yesterday morning and was a good deal upset in taking leave and is, I think, very nervous about the whole thing—I mean the fearful ordeal he will have to go through! I wrote to him that I hoped and prayed he felt the very solemn and serious step he was going to take, how I prayed he would make the dear, amiable, young girl—who is leaving all for him—happy and that she alone must have his heart and love—and all old habits must be given up. But he has said nothing in return! Oh if he only does break with old habits! It would be awful if he did not.

4 January 1874

If only he has principle and shows heart. He can be so hard—and so sharp and unkind in speaking of and to others when he disagrees and he always knows best. This makes him not a pleasant inmate in a house and I am always on thorns and *gêne* when he is at dinner. Alix feels just as I do.

I am sorry it [the wedding] is on the 23rd for that is the anniversary of my poor father's death.

20 January 1874

Pray be photographed by Bergamasco [the St. Petersburg photographer] who has done all those lovely photos of Marie. Pray ask Alix to be done too. I think Alix does not dress her hair to advantage just now. Too high and pointed and close at the sides for her small head. The present fashion with a frizzle and fringe in front is frightful.

TO GLADSTONE

20 January 1874

The progress of these alarming Romanising tendencies has become so serious of late, the young clergy seem so tainted with these totally anti-Protestant doctrines, and are so self-willed and defiant, that the Queen thinks it absolutely necessary to point out the importance of avoiding any important appointments and preferments in the Church, which have any leaning that way.

The Queen must speak openly, and therefore wishes to say that she thinks this especially necessary on the part of Mr. Gladstone, who is supposed to have rather a bias towards High Church views himself, but the danger of which she feels sure he cannot fail to recognise.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

10 February 1874

We have a large Conservative majority and the change of ministry will take place very shortly!! Mr. Gladstone has contrived to alienate and frighten the country. Since '46, under the great, good and wise Sir Robert Peel—there has not been a Conservative majority!! It shows a healthy state of the country.

MEMORANDUM

17 February 1874

I saw Mr. Gladstone at quarter to three to-day. I began by saying what extraordinary things had occurred since I had seen him, and how very unexpected the result of the elections was. He then went on to say that he had come to the decision with his colleagues to tender their resignation to me at once . . .

We then talked of the causes of the great defeat of the Government in the elections . . . I could, of course, not tell him that it was greatly owing to his own unpopularity, and to the want of confidence people had in him. He said that he thought it was the greatest expression of public disapprobation of a Government that he ever remembered, though he did not think it was quite just. He then asked whether I would approve of the various honours for people connected with the Government, which he had submitted to me this morning. I said my only objection to them was their great number, which he, however, said he thought, when taken altogether, would not prove to be so. After agreeing to approve them and discussing

236 'Frequent Difficulties', 1870-1878

the individual claims, I asked him what I could do for him? to which he replied 'Oh! nothing.'

JOURNAL

18 February 1874
Mr. Disraeli came at half past 12. He expressed great surprise at the result of the elections. He had thought there might have been a very small majority for them—but nothing like this had been anticipated, and no party organisation could have caused this result of a majority of nearly 64!!

20 February 1874
I saw Mr. Disraeli at quarter to three to-day. He reported good progress... He knelt down and kissed hands, saying: 'I plight my troth to the kindest of Mistresses!' Mr. Gladstone came at 6, and delivered up his Seals. He was very grave, and little disposed to talk.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

24 February 1874
You speak of the Liberals being more in accordance with the views of the times;—but many real Liberals would tell you that they all looked with fear and trembling upon 'what next?' Everything was being altered and in many cases ruined—and Lord Palmerston was quite right when he said to me 'Mr. Gladstone is a very dangerous man.' And so very arrogant, tyrannical and obstinate, with no knowledge of the world or human nature. Papa felt this very strongly. Then he is a fanatic in religion. All this and much want of *égards* towards my feelings (though since I was so ill that was better) led to make him a very dangerous and unsatisfactory Premier. He was a bad leader in the House of Commons—too.

JOURNAL

7 March 1874
Could hardly believe the long expected day had come [the arrival of the Grand Duchess Marie]. All bustle and excitement. Bells ringing, troops arriving, bands playing, etc. At half past 11 we started for the South-Western Station, all the gentlemen in full dress. I had my jacket trimmed with miniver, my cloak the same, and lined with ermine. The town [Windsor], which was lined with troops, was very full and completely decked out with flags, flowers, festoons, and inscriptions, some of which were in Russian. There was a very pretty triumphal arch. Lenchen and Christian met us at the station. The train drew up, Affie and Arthur stepped out, and then dear Marie, whom I took in my arms and kissed warmly several times. I was quite nervous and trembling, so long had I been in expectation.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

9 March 1874
And now about Marie. She is dear, and most pleasingly natural, unaffected and civil; very sensible and frank and unaffected not pretty (excepting *franchiseur*) and not at all graceful. At first in her white bonnet I thought her prettier than I expected, but without it—and since—I think her less pretty even than I expected. The chin is so short and runs into the throat and the neck and waist are too long for the dear little child's face though the bust is very pretty and then she holds herself badly and

'Frequent Difficulties', 1870-1878

237

walks badly. She is however quite at her ease with me and we get on very well—and she is very sensible. She is not a bit afraid of Affie and I hope will have the very best influence upon him.

2 June 1874
Bertie's dear little boys left yesterday;—they are dear, intelligent and most thoroughly unpretending children, who never are allowed to be 'great Princes' than which there is no greater mistake. It is already so difficult to prevent little Princes from becoming spoiled as everybody does what they wish.

TO DISRAELI

10 July 1874

[The Queen] is deeply grieved to see the want of Protestant feeling in the Cabinet [on the subject of the Public Worship Regulation Bill which sought to purge the Anglican Church of Romish practices]. Mr. Gladstone's conduct is much to be regretted though it is not surprising; but she wrote to him in the strongest terms of the danger to the Church and of the intention of the Archbishop to bring forward a measure to try and regulate the shameful practices of the Ritualists.

He [Disraeli] should state to the Cabinet how strongly the Queen feels and how faithful she is to the Protestant faith, to defend and maintain which, her family was placed upon the Throne! She owns she often asks herself what has become of the Protestant feeling of Englishmen.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

23 September 1874

Affie and Marie left us on Monday. I have formed a high opinion of her; her wonderfully even, cheerful satisfied temper—her kind and indulgent disposition, free from bigotry and intolerance, and her serious, intelligent mind—so entirely free from everything fast—and so full of occupation and interest in everything makes her a most agreeable companion. Everyone must like her. But alas! not one likes him! I fear that will never get better.

20 October 1874

In a former letter of yours you said that there was an excellent article about Bertie's supposed debts in *The Times*; now I think you must have overlooked the great untruths it contained, of a dangerous nature, in which it tried to make out that B.'s expenses were caused by me, which is an abominable falsehood.

25 October 1874

There is a most indiscreet book of Mr. C. Greville's (the Duchess of Richmond's uncle, former Clerk of the Council) published.* It is Mr. Reeve's intense indiscretion to publish it—and shows a nasty, and most ill-conditioned disloyal disposition towards my two Uncles in whose service he was and whose hospitality he enjoyed. And I am most indignant that I should be praised at the expense of my

*This was the first series of Greville's memoirs, covering the years 1818-1830, edited by Henry Reeve who had been a colleague of Greville at the Privy Council and a leader writer on the staff of *The Times*.

poor old Uncle and predecessor, who though not dignified or very clever—was very honest—most anxious to do what he thought was right and always very kind to me. But the accounts in many ways are very full of truth—and the one of my first Council wonderfully exact.

TO THEODORE MARTIN

26 October 1874

What does [Mr. Martin] say to the dreadful indiscretion and disgracefully bad taste of Mr. Reeve in publishing Mr. C. Greville's scurrilous Journal, without eliminating what is very offensive and most disloyal towards the Sovereigns he served, and the Sovereigns and Princes whose hospitality and even intimacy he enjoyed! And to leave the names in full when the children and near relatives of those he abuses are alive, is unheard of!

The Queen hopes and wishes Mr. Reeve will and should know what she thinks of such conduct. It is especially revolting to her, as she is put in comparison with her uncle and predecessor, who, though undignified and peculiar and not highly gifted, was very honest, most extremely conscientious and anxious to do his duty, and most kind to herself, though not always in a judicious manner. The Queen is determined that on some occasion or other she will make known what she knows of his character. Of George IV he speaks in such shocking language; language not fit for any gentleman to use of any other gentleman or human being, still less of his Sovereign.

JOURNAL

14 January 1875

Saw Mr. Martin, after taking tea with Leopold. He is much gratified at the success of the dear *Life* [the first volume of the *Life of the Prince Consort*]. Mrs. Oliphant's review in *Blackwood* is extremely good. Talked about it, and how pleased he is at the letters he has received from my children.

TO GLADSTONE

31 January 1875

The Queen was sure that Mr. Gladstone would be shocked at that horrible book [Greville's *Memoirs*] to which he alludes. Her dear husband's *Life* so pure and bright, presents a favourable and useful contrast to this most scandalous publication.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

6 January 1875

The Emperor of Austria has kindly sent me a very fine copy of that beautiful picture by our unequalled and ever to be lamented Winterhalter, of the lovely Empress with her hair down! I never saw a lovelier picture and so like. All these great artists Angeli, Richter etc. cannot throw that life and lightness and animation into a portrait that dear old Winterhalter could.

You ask if I don't approve of your trying to improve your stock of knowledge? To a certain amount yes,—but I think that when one has seen so much as you, one does not require it—especially should not carry the artistic culture too far, and not make it a chief object in life.

16 April 1875

1 June 1875

I can imagine that you regret your pleasant tour in your beloved Italy—though to me dirt, insects and absence of many comforts (not luxuries which are the bane of the present day) would destroy all pleasure! You say pleasant things seem to come to an end much sooner than disagreeable ones. It certainly often does seem so, but don't you think it is because one longs for the ending of the latter and vice versa with the former?

JOURNAL

6 May 1875

Saw Mr. Disraeli and talked about the very alarming rumours from Germany, as to war. This began by dictatorial and offensive language to Belgium, then by reports of the Germans saying they must attack the French, as these threatened to attack them, and a war of revenge was imminent, which the increase in their armaments proved. I said this was intolerable, that France could not for years make war, and that I thought we ought, in concert with the other Powers, to hold the strongest language to both Powers, declaring they must not fight, for that Europe would not stand another war! In fact, as Mr. Disraeli said, Bismarck is becoming like the first Napoleon, against whom all Europe had to ally itself.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

8 June 1875

I have just received your dear long letter with the enclosure which I have not had time to read properly, but I wish just to answer those principal points in your letter, though of course you know how absurd these ideas and notions of Bismarck's are... No one wishes more, as you know, than I do for England and Germany to go well together; but Bismarck is so overbearing, violent, grasping and unprincipled that no one can stand it, and all agreed that he was becoming like the first Napoleon whom Europe had to join in putting down...

As for anyone working upon me in the sense Bismarck thinks, it is too absurd. I am not worked upon by anyone; and though I am very intimate with the dear Empress, her letters hardly ever contain any allusion to politics, certainly never anything which could be turned against her or me, and she sends her letters either by messenger or in indirect ways, and I mine the same.

You know how I dislike political letters and politics in general, and therefore that it is not very likely that I should write to her on them! and the Empress Eugénie I only see once or twice a year and she never writes to me!

26 June 1875

How are all your dogs? I feel so much for animals—poor, confiding, faithful, kind things and do all I can to prevent cruelty to them which is one of the worst signs of wickedness in human nature!

14 July 1875

I am trying all I can to get some better and more eminent persons added to this list [of those who were to accompany the Prince of Wales on his tour of India] which I send you, as I promised, but the difficulty is very great and I fear dear B. has a

number of stupid, *soi-disant* friends who put all sorts of ideas into his head. The whole thing is very full of difficulties. You say that Bertie's breakfast must have been charming. I myself think them dreadful and very fatiguing bores, walking and standing about and seeing fresh faces in every direction—but it don't last long and pleases people and so there it is and easily done.

4 August 1875
[Bertie] is grown so large—and nearly quite bald. Dear Alix is very thin but seems well and very dear as ever.

31 August 1875
Let me now answer your dear question about your coming to see me in November; you know how dear you are to me, how impossible it is that you could ever become a stranger to me and how gladly I should see you. But this winter I fear it is impossible. Dear Alix will be here with me a good deal, and I believe her parents will come to her and stay with her, and would come and see me—and this would prevent my seeing you at all quietly. D.V. next year that would do—and we might besides meet for a day or two in the spring at Coburg—if I can get there—which I hope to do. So I fear we cannot think of it this year, which I grieve to say, darling child!*

7 September 1875
You are quite wrong in saying you are 'unwelcome'; that is a very wrong word, and I am extremely sorry to have to refuse you—but this year I cannot help myself, as I told you—for reasons which I explained.

JOURNAL

21 October 1875
Much grieved at its being a worse day than ever for the funeral of Brown's father [who had died on 18 October aged 86] which sad ceremony was to take place to-day. The rain is hopeless—the ninth day! Quite unheard of! I saw good Brown a moment before breakfast; he was low and sad. . . . Brown and his four brothers, took us to the kitchen [of their father's house], where was poor dear old Mrs. Brown sitting near the fire and much upset, but still calm and dignified. . . . Mr. Campbell, the minister of Crathie, stood in the passage at the door, every one else standing close outside. As soon as he began his prayer, poor dear old Mrs. Brown got up and came and stood near me—able to hear, though, alas! not to see—and teared on a chair during the very impressive prayers, which Mr. Campbell gave admirably. When it was over, Brown came and begged her to go and sit down while they took the coffin away, the brothers bearing it. Every one went out and followed, and we also hurried out and just saw them place the coffin in the hearse, and then we moved on to a hillock, whence we saw the sad procession wending its way sadly down. . . . I went back to the house, and tried to soothe and comfort dear old Mrs. Brown, and gave her a mourning brooch with a little bit of her husband's hair which had been cut off

*The Crown Princess grew accustomed to receiving such answers to her proposals of visits to England.

yesterday, and I shall give a locket to each of the sons.
When the coffin was being taken away, she sobbed bitterly.
We took some whisky and water and cheese, according to the universal Highland custom, and then left, begging the dear old lady to bear up.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA
24 November 1875
Captain Montagu's* accident is serious. I pity any one who has an accident to their eye—else I could not feel sorry if the great O. had a good lesson and was shaken a good bit—for he is an odious individual who annoys B. very much—often.

Angeli's picture of me is hung up in the Oak Room and looks very well, only we must arrange lights to show it off at night—ugly as the old lady is to behold.

JOURNAL

24 November 1875
Received a box from Mr. Disraeli, with the very important news that the Government has purchased the Viceroy of Egypt's shares in the Suez Canal for four millions, which gives us complete security for India, and altogether places us in a very safe position! An immense thing. It is entirely Mr. Disraeli's doing. Only three or four days ago I heard of the offer and at once supported and encouraged him, when at that moment it seemed doubtful, and then to-day all has been satisfactorily settled.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

29 December 1875
Many loving thanks for dear letters of the dear children, Charlotte's and Vicky's are very well written. Willy's is a little peculiar as to the English which Henry's is not—but what I grieve over most is the handwriting of both which is bad like their uncle's, whereas the girls' is very good. Do watch over that with the dear boys.

5 January 1876
You will find as the children grow up that as a rule children are a bitter disappointment—their greatest object being to do precisely what their parents do not wish and have anxiously tried to prevent.

19 January 1876
Most extraordinary it is to see that the more care has been taken in every way the less they often succeed! And often when children have been less watched and less taken care of—the better they turn out!! This is inexplicable and very annoying.

2 February 1876
Bertie's progresses [in India, as reported in his boring letters] lose a little interest and are very wearing—as there is such a constant repetition of elephants—trappings—jewels—illuminations and fireworks.

*Captain the Hon. Oliver Montagu, an officer in the Household Cavalry, who nursed a romantic, idealistic passion for the Princess of Wales.

9 February 1876
I am terribly pressed for time and can only write very hurriedly but I must just observe that it is very strange and not right in you to take all my observations about your meeting me or coming to see me always amiss. You I think also hardly know with what a suite you always move about—which makes everything difficult. This is not said to offend but as the truth. To see you both is always a pleasure, but you hardly know how tired and fagged I am, overpowered with work, and how easily I am knocked up and tired. I never get to bed till one—and with the greatest wish to see those I love I must have time to rest—not because you are in my way.

JOURNAL

26 February 1876
After luncheon saw Mr. Disraeli, who talked of the Titles Bill [the Royal Titles Bill which, instigated by the Queen, sought to give her the title of Empress of India] causing trouble and annoyance, he could not tell why. I spoke of the feeling about the Colonies and gave him full power to add anything to the title. He thought a plan of his to give to two of my sons the titles of Duke of Canada and Duke of Australia might be a good way of solving the difficulty, and I saw no objection to it: if he found it would be of use. He was greatly pleased at the Suez Debate going off so well.

TO THEODORE MARTIN

14 March 1876
The Queen is sure that Mr. Martin (though he has not mentioned it) is as shocked and surprised at the conduct of the Opposition, and the sort of disgraceful agitation caused thereby, on the subject of her additional title. . . . The reason the Queen now writes to Mr. Martin is to ask whether he cannot get inserted into some papers a small paragraph to this effect, only worded by himself: 'There seems a very strange misapprehension on the part of some people, which is producing a mischievous effect; viz. that there is to be an alteration in the Queen's and Royal family's ordinary appellation. Now this is utterly false. The Queen will be always called 'the Queen,' and her children 'their Royal Highnesses,' and no difference whatever is to be made except officially adding after Queen of Great Britain, 'Empress of India,' the name which is best understood in the East, but which Great Britain (which is an Empire) never has acknowledged to be higher than Queen or King.'

JOURNAL

14 March 1876
Heard, on getting up, that the second reading of the Titles Bill had been carried by 105!—an immense majority. It is to be hoped now no more stupid things will be said, and that the matter will be dropped. I cannot understand how the quite incorrect rumour can have got about, that I did not care for it; it is really too bad. But all sensible people know that this Bill will make no difference here, and that I am all for it, as it is so important for India. There is no feeling whatever in the country against it, but the Press took it up, having at first been all the other way.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

26 April 1876
I know that you have many great difficulties—and that your position is no easy one, but so is mine full of trials and difficulties and of overwhelming work—requiring

that rest which I cannot get. The very large family with their increasing families and interests is an immense difficulty and I must add burthen for me. Without a husband and father, the labour of satisfying all (which is impossible) and of being just and fair and kind—and yet keeping often quiet which is what I require so much—is quite fearful. You will one day have to encounter this though never like me; for you will not be the Sovereign and please God will always have your dear husband to guide and help you. Dear Willy seems a dear, amiable, good and natural boy. May he ever remain so! I shall always take the warmest interest in him.

16 May 1876

Bertie's arrival [from India] and the hearty reception he met with and I also met with, which was very striking and of which I sent you an account in the *Daily Telegraph* as *The Times* did not condescend to notice—was a proof of the immense loyalty of the country in spite of the attempts of the Opposition (not all) and of their very radical supporters as well as of the Press to agitate and rouse them against the Throne in which they themselves say they entirely failed, is very remarkable and very gratifying. When I appeared at the window—though Bertie with Alix and the boys were just driving away—the whole immense crowd turned round and cheered and waved their handkerchiefs without ceasing.

18 May 1876

You speak only of the enthusiasm for Bertie! That for your own Mama was I thought much greater.

In the summer of 1876 the Daily News published a horrifying story of fearful atrocities committed by Turkish irregular troops on Bulgarian peasants, 25,000 of whom were believed to have been murdered. Predisposed to prefer the Turks to their subject peoples, and encouraged in his prejudice by the Turcophil British Ambassador at Constantinople, Disraeli made light of the reports; and even when it became clear that, while the Daily News's accounts were exaggerated, terrible slaughter had indeed taken place, he continued to talk dismissively of 'coffee-house babble' and to refer to the 'atrocities' in inverted commas, as though they were figments of some journalist's imagination.

The country in general took a different view; and Gladstone, outraged by the reports and sensing the time had come to emerge from his premature retirement, gave voice to this dissent in his famous, fiercely condemnatory pamphlet, The Bulgarian Horrors and the Question of the East, which sold 200,000 copies within a month.

The scene was now set for one of the bitterest political arguments that has ever erupted in England. People ranged themselves on the side of the Turks or on that of the Russians, protectors of the Slavs and the Turks' traditional enemies, decrying those who stood behind the opposing barricades with the most ferocious animosity. To Disraeli, Gladstone's pamphlet, which denounced the Turkish race as 'the one great anti-human specimen of humanity', was contemptible, 'vindictive and ill-written', 'perhaps the greatest . . . of all the Bulgarian horrors', the product of an 'unprincipled maniac'. To the Queen, its author, 'that half madman', was a 'mischief maker and firebrand', his

conduct 'shameful and most reprehensible'. The Queen was also highly critical of what she took to be the weak responses of Lord Derby, the Foreign Secretary, Lord Carnarvon, Colonial Secretary, and Lord Salisbury, Secretary for India.

JOURNAL

23 August 1876
More news of the horrors committed by the Turks, which seem to be more and more verified, and are causing dreadful excitement and indignation in England, or indeed in Great Britain. Constant telegrams arriving, giving most conflicting accounts. A mediation is most anxiously hoped for.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

16 September 1876
Pray send me what music is published of the new opera of Wagner—as I admire his operas very much. I should be very grateful if you would send it me—as Beatrice would play it. *Lohengrin* is our great favourite but I delight in Gounod too. His *Faust*, *Romeo and Juliet*, and *Mireille* and *Jour of Ar* are so lovely.

TO DISRAELI, NOW THE EARL OF BEACONSFIELD

28 September 1876
The Queen understands Lord Beaconsfield's motive for not expressing 'horror' at the 'Bulgarian atrocities.' She had only suggested a word of sympathy if an occasion offered, and she now leaves this entirely to Lord Beaconsfield's judgment.

MEMORANDUM

17 October 1876
The difficulties to be solved are very great. On the one hand we have Russia, who under the pretext of wishing to protect the Christians in the principalities wishes to obtain possession of a portion of Turkey, if not of Constantinople. On the other hand Turkey is in great difficulty from her Mussulman subjects, who will try to prevent her yielding to pressure in favour of the Christians.

It seems to me that the great object in view ought to be to remove from Russia the pretext for constantly threatening the peace of Europe on the Eastern or Oriental question. The only way to do this seems to me to free the principalities from Turkish rule and to unite them under an independent Prince, to make that united principality a neutral State. Nothing short of this will, I think, ever prevent a frequent recurrence of difficulties and alarming complications like the present.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

7 November 1876
Only think my horror that Bertie without even saying a word to me has invited the Prince of Orange [renowned for his dissipation] to Sandringham!! Oh what a contrast to the 'noble life' [of the Prince Consort] which is now being universally admired and looked upon as one of the purest and best! I often pray he may never survive me, for I know not what would happen.

21 November 1876
I have excellent accounts of Arthur. He is so universally respected and liked. He is called 'the model Prince' for his wonderfully steady and perfect conduct. He at least follows in his beloved father's footsteps as regards character and sense of duty.

TO BEACONSFIELD

21 March 1877
The Queen . . . trusts the Cabinet will be very firm, and Lord Derby seemed so yesterday. She is prepared to speak or write to good but nervous and somewhat weak and sentimental Lord Carnarvon, if necessary, as well as to Lord Salisbury. This mawkish sentimentality for people who hardly deserve the name of real Christians, as if they were more God's creatures and our fellow-creatures than every other nation abroad, and forgetting the great interests of this great country—is really incomprehensible.

In April 1877 the Russo-Turkish War broke out; and Russian troops were soon advancing on Sofia.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

3 May 1877
It is a very anxious time and we must and will take some marked line to show that Russia is not to have all her own way—which thanks to the most unfortunate and ill-judged agitation of last autumn and this spring has led Russia on to think she may do anything, and they are the cause of what is happening now! You never answer when I constantly tell you this—as if you thought the Liberals and that madman Gladstone must be right and the Government wrong! If you only knew how I have but one object—the honour and dignity of this country (of course the stopping of all acts of cruelty is as great an object to us as to anyone else) and it is the neglect of this which distresses and grieves me so much. The other party seem wilfully blind to the fact that Russia never would have dared to go as far as she has—had not they thought England not only would not fight but was with them.

19 June 1877
You say you hope we shall keep out of the war and God knows I hope and pray and think we shall—as to fighting. But I am sure you would not wish Great Britain to eat humble pie to these horrible, deceitful, cruel Russians? I will not be the Sovereign to submit to that!

TO BEACONSFIELD

27 June 1877
The Queen must write to Lord Beaconsfield again and with the greatest earnestness on the very critical state of affairs. From so many does she hear of the great anxiety evinced that the Government should take a firm, bold line. This delay—this uncertainty, by which, abroad, we are losing our prestige and our position, while Russia is advancing and will be before Constantinople in no time! Then the Government will be fearfully blamed and the Queen so humiliated that she thinks she would abdicate at once. Be bold!

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

11 July 1877
Affe, I am grieved to say, has become most imprudent in his language and I only hope he does not make mischief. It is very awkward with this Russian relationship just now. This is what I always feared and dreaded. Lord Beaconsfield is well again and the mainstay of everything.

25 July 1877
I cannot help smiling at your complaints about Charlotte. * I—and dear Papa even if possible more than me—so very much disapproved of that system of complete intimacy before marriage, and in that respect I am bound to say that you never gave us the slightest trouble or annoyance, but Fritz did, and made me very impatient. You were in other ways very difficult to manage, but not in that. I think there is a great want of propriety and delicacy as well as dutifulness in at once treating your bridegroom as though (except in one point) he were your husband. Papa felt this so strongly and it applies still more strongly to very long engagements like yours, your sisters' and Charlotte's. You, as time goes on, I am sure will change your great passion for marriage—and will understand the great change it is to a mother especially, though to a father too! Here now they have lost all modesty for not only do they go about driving, walking, and visiting—everywhere alone, they have also now taken to go out everywhere together in society—which till a year or so no young lady just engaged, ever did, and make a regular show of themselves—and are laughed at and stared at! In short young people are getting very American, I fear in their views and ways.

TO BEACONSFIELD

1 August 1877 (B52 17)
The Queen . . . [urges] so strongly . . . the importance of the Czar knowing that we will not let him have Constantinople! Lord Derby and his wife most likely say the reverse right and left and Russia goes on. † It maddens the Queen . . . She must say she can't stand it.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

11 August 1877
Now let me answer about Bernard. I would naturally like very much to see him and know him before he marries dear Charlotte. But I own I fear (much as it really vexes and grieves me to say it) that I cannot manage it now. I am overwhelmed with business just now!

18 August 1877
To make Bernard's acquaintance is a pleasure and he seems very amiable and intelligent—reminding me much of his grandmother's family. But I must say I was astonished and annoyed at the way in which you received my expression of deep

*The Princess had written: How differently the younger generation expects to be treated from what we were. Fancy that Charlotte never tells me when she writes to Bernard [the Hereditary Prince of Saxemeiningen, whom Princess Charlotte was to marry] or when he writes to her—they correspond daily almost, I believe, but he would be quite furious if I were only to ask, and she consider herself highly offended and very indignant if her letters were interfered with. Fritz thinks this all right for a German engaged couple and says it ought to be so, but considering how young and how immature she is, I have my little doubts sometimes, and find it rather difficult to know what to do. They resent the slightest restraint put upon them and Bernard thinks they ought to do just as they like—so I am obliged to let it all alone.

†In his anxiety to prevent war breaking out, Lord Derby went so far as to reveal Cabinet secrets to the Russian ambassador.

regret at being unable on account of the overwhelming work I have had to do . . . and it was only in order to show my affection for you and Charlotte that I made the proposal to Bertie to bring him here. But I must protest against these visits in future at the very end of my stay here [Balmoral] when I want a little rest. I can't enjoy seeing them and can't receive them as I should wish. So pray dear child let this be understood in future.

4 September 1877

What you say about Willy [his neglect of his mother] grieves me and is not right. I can't help smiling sometimes, though I am truly sorry too for you, that you should have such experiences—that you should now learn what I—without a dear husband to share all—have had and have to go through. But excepting Affie who is very wanting in attention and consideration and Leopold occasionally, I have not had to suffer in the way you speak of. Bertie and dear Arthur are always most attentive. It is really a thing to be most carefully watched in education viz the neglect of parents—the total want of gratitude and thought for their feelings—and how much one feels it—how it cuts one to the heart you can now understand.

MEMORANDUM

7 September 1877

The Turco-Russian War is unexampled in its savageness, while its commencement was most iniquitous, being merely the result of the Emperor of Russia's declaring he could not accept a slap in the face ('un soufflet') from the Turks, when they refused the proposals of the Conference. For this he has plunged his own nation as well as the Turkish Empire into one of the most bloody wars ever known, and which no one thought possible in this century. Under the cloak of religion and under the pretence of obtaining just treatment for the so-called 'Christians' of the principalities, but who are far worse than the Mussulmans, and who moreover had been excited to revolt by General Ignatieff, who prevented regular troops being sent out to quell the same, leading thereby to the so-called 'Bulgarian atrocities' as the irregular troops were sent out, this war of extermination (for that it is) has been iniquitously commenced!

The question now arises whether in the interests of humanity, justice, and of the British Empire, this is to be allowed to go on to the bitter end; merely to remain neutral, and to avoid all interference?

The Queen is most decidedly of opinion that this should not be. When it is clear that Russia is not inclined to make even an offer for peace, but to press on for two campaigns, the Queen thinks we ought to declare that, having taken part in all the negotiations previous to the war, we feel determined to put an end to so horrible a slaughter, which the longer it lasts the more savage it will become, and the more difficult to stop. We should then propose certain terms recapitulating the disinterested protestations of Russia, and should at the same time say that, if these are rejected, we shall support Turkey in defence of her capital, and in preventing her extermination.

248 'Frequent Difficulties', 1870-1878

TO BEACONSFIELD

5 November 1877
 ('Inkerman Day').—The Queen has to thank Lord Beaconsfield for a most interesting and important letter received yesterday. Lord Carnarvon will evidently resign.

She must own that she is shocked at his views, for how can he think true religion and civilisation can be advanced by Russians who are more barbarous and cruel almost than the Turks, though they may not kill or murder in the same way, but the slow killing by imprisonment and exile to Siberia, and ill-usage of every kind which no one hears of, is as bad if not worse.

13 November 1877
 Pray do insist on action, or the Russians will crow over us, and our uncertain and weak policy! Weak, because it is delayed.

Lord Beaconsfield has a good majority in his Cabinet, but we want energy like his own. Pray do beware of delay, for the state of Turkey is most alarming!

The Queen wishes to repeat most emphatically that she hopes Lord Beaconsfield will be very firm and decided to-morrow, and not give way to any one, even if Lord Derby [Foreign Secretary] should wish to resign. No time is to be lost in deciding what is to be done, and if Lord Beaconsfield will be very decided, supported as he will be, and has been, all along by herself, the other Ministers will surely yield.

Make what use of the Queen's name Lord Beaconsfield wishes.
 The Queen knows that the greater part of the country is strongly anti-Russian, even if it does not entirely sympathise with Turkey; and now that Plevna is taken, people are getting alarmed and will feel, as the people of this country always do feel, for the poor country which is getting the worst of the conflict, and for the heroic army who are defending their home and hearth. England will never stand (not to speak of her Sovereign) to become subservient to Russia, for she would then fall down from her high position and become a second-rate Power!

On 15 December the Queen decided to pay a visit to Lord Beaconsfield at Hughenden, his country house near High Wycombe.

TO BEACONSFIELD

15 December 1877

The Queen is anxious to express her concern at having inadvertently fixed this day [the anniversary of his wife's death] of such sad recollections to Lord Beaconsfield for her visit to Hughenden, and she wishes he should know that she only found out what she had done, when it was too late to alter it. But it has annoyed her very much.

JOURNAL

15 December 1877

It took us hardly a quarter of an hour to reach Hughenden, which stands in a park, rather high, and has a fine view. Lord Beaconsfield met me at the door, and led me into the library, which opens on to the terrace and a pretty Italian garden, laid out by himself. We went out at once, and Beatrice and I planted each a tree, then I went

'Frequent Difficulties', 1870-1878

249

back into the library and he gave me an account of yesterday's Cabinet, which had been very stormy. Lord Beaconsfield is determined to bring things to an issue on the 17th, in which I strongly encouraged him.

MEMORANDUM

11 January 1878 (B54 65)

We must stand by what we have always declared viz that any advance on Constantinople would free us from our position of neutrality ... There is not a moment to be lost or the whole of our policy of centuries of our honour as a great European power will have received an irreparable blow.

TO BEACONSFIELD

14 January 1878 (B55 5)

The Queen had a great deal of conversation with Colonel Wellesley of whom she thinks very highly and only wishes he was at Lord Derby's elbow. He said truly if only Lord Beaconsfield was Foreign Secretary as well as Prime Minister! Why not? ... He could do with ease what he has now to do with a constant drag and perpetual difficulties ... Nothing can be worse than it is at present. Lord Derby will do nothing, originate nothing and besides is indiscreet.

20 January 1878

The Queen has received Lord Beaconsfield's letter of yesterday, which has much distressed her, as he seems so much out of heart. But he must not be that, and he must not give way an inch. All that has been foreseen for months is taking place, and we shall be for ever disgraced if we submit to the seizure of Gallipoli, or the attack on Constantinople! It simply must not be. War with Russia is, the Queen believes, inevitable now or later. Let Lord Derby and Lord Carnarvon go, and be very firm. A divided Cabinet is of no use.

The Queen would wish to confer the vacant Garter on Lord Beaconsfield, as a mark of her confidence and support. She and the country at large, have the greatest confidence in him.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

21 January 1878

One hurried line before going to bed to thank you so very, very much for the darling little Dackels [dachshunds] I could not believe it, when on coming in this afternoon Brown came in and said 'here are two dackels come—bonnie dogs' and I at once guessed who sent them and we are so delighted with the sweet dackel babies. You know how I adore doggies and these are two darlings.

TO BEACONSFIELD

27 January 1878 (B55 58)

I think the countermanding of the Fleet when it was just at the entrance to Constantinople was most unfortunate.

On 31 January an armistice was signed at Adrianople. Soon afterwards an unfounded rumour reached London that the Russians in flagrant disregard of it, had crossed the demarcation line.

250 'Frequent Difficulties', 1870-1878

T O BEACONSFIELD

6 February 1878 (B56 12)
 Since beginning this, the Queen has heard the dreadful news of Russia's monstrous treachery!

7 February 1878
 The Queen could not go on last night. No words are strong enough to express the Queen's indignation. The Powers have now received a far worse 'soufflet' than the Emperor of Russia declared he had done, when Turkey refused the advice of the Conference.

We must, cannot submit to this and we must at once show what we feel at being duped and led by the nose . . . The error, the fatal error of recalling the Fleet has no doubt encouraged the monstrous Russians to set every rule of war, every principle of good faith at defiance . . . You have the country with you, only act quickly and firmly and show that Great Britain will not be trampled upon.

7 February 1878 (B56 18)

The Queen . . . cannot enough express in the very strongest terms, her extreme indignation at hearing that we cannot prevent the Russians from entering Constantinople. Again and again have we told the Russians that we would not stand this . . . The Queen expects that we shall use force to drive them out . . . The Queen has worked and laboured and supported Lord Beaconsfield with all her might to maintain the honour and interests of the country, but if these are to be abandoned, she would be disgraced and humiliated in the disgrace of her country. She can and will not abide it.

T O DERBY

10 February 1878

The Queen acknowledges Lord Derby's two letters of the 7th and 8th, and is very glad to see that a portion of the fleet, in company with French and Italian vessels, is to go up to-day to Constantinople; but she regrets the explanation to Russia about it. There is, however, an observation in Lord Derby's letter of yesterday which she cannot leave unanswered. He says this step will in his belief 'do much to satisfy the feeling of those who are complaining of inaction on the part of the Government'. The Queen for one does not feel this satisfaction, and never has felt satisfied at our inaction, which has brought about, what the Queen feels, and so do many others, a painful humiliation for this country, which no action now can remedy; for it ought to have been taken long ago—and we ought to have acted up to our repeated declarations with regard to Constantinople.

T O THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

15 February 1878

Mr. Gladstone goes on like a madman. I never saw anything to equal the want of patriotism and the want of proper decency in Members of Parliament. It is a miserable thing to be a constitutional Queen and to be unable to do what is right. I would gladly throw all up and retire into quiet.

'Frequent Difficulties', 1870-1878

251

T O BEACONSFIELD

5 March 1878
 Remember vacillation and delay will be ruinous to the country, not to speak of the Government. Lord Derby must go, for he is believed abroad to be the person who acts and no one trusts him! What use is there in keeping him, and yesterday's speech, so different to good Sir Stafford's [Northcote, Chancellor of the Exchequer], shows the great danger of such discrepancies. It besides makes Sir Stafford's position untenable!

Peace was eventually achieved by the Treaty of San Stefano by which the independence of Rumania, Serbia, Montenegro and an enlarged Bulgaria was recognized; and Russia obtained some towns in the Caucasus. The Treaty was severely criticised throughout Europe. In England it was feared that Russia would now be placed in a much stronger position from which to dominate the Balkans. The Russians were persuaded to submit the settlement to a congress in Berlin.

T O BEACONSFIELD

27 March 1878

The Queen must own, that she feels Lord Derby's resignation an unmixed blessing . . . His name had suffered and was doing great harm to us abroad: and the very fact of his becoming a mere cypher and putting his name to things he disapproved, was very anomalous and damaging . . . The Queen, therefore, without a moment's hesitation, sanctions Lord Beaconsfield's acceptance of his resignation.

T O PONSONBY

2 May 1878

The Queen cannot deny that she does not rejoice so much at the event [the forthcoming marriage of Prince Arthur to Princess Louise Margaret, daughter of Prince Frederick Charles of Prussia]—she thinks that so few marriages are really happy now and they are such a lottery. Besides Arthur is so dear a son to her that she dreads any alteration.

But it is entirely his own doing and as she, the Princess, is so much praised and said to be so good, unassuming and unspoilt, serious minded and very English we must hope for the best and that one so good as he is being very happy.

T O THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

undated, ? 19 May 1878

The dear three weeks' visit is over like everything pleasant and everything evil in this uncertain world. I enjoyed it much, found you so sympathetic and improved, and understanding and sharing the load of anxiety which weighs on me especially about that wayward, undutiful Leopold!

21 May 1878

I admire your knowledge and great talents and your great energy and perseverance but I would venture to warn against too great intimacy with artists as it is very seductive and a little dangerous . . . All you say of my darling Beatrice pleases and touches me, but it is only the truth, for she is like a sunbeam in the house and also

252 'Frequent Difficulties', 1870-1878

like a dove, an angel of peace who brings it wherever she goes and who is my greatest comfort.

TO BEACONSFIELD

23 May 1878

I have the greatest suspicions of Russian proposals. There must be no half measures. The conduct of ... Mr. Gladstone, and others, which is shameful, must not deter you from acting boldly.

TO THE PRINCE OF WALES

30 May 1878 (B57 69)

The subject of Lord Beaconsfield attending the Conference [in Berlin] has been before me, and if it were to be at Brussels, The Hague or Paris ... I should—and I have done so—urge it, but you know that Lord Beaconsfield is 72½, is far from strong, and that he is the firm and wise head that rules the Government, and who is my great support and comfort, for you cannot think how kind he is to me, how attached! His health and life are of immense value to me and the country and should on no account be risked. Berlin is decidedly too far and this is what I have said. I wrote to him on the subject two days ago, and have not had an answer yet. I don't believe that without fighting and giving those detestable Russians a good beating any arrangement will be lasting, or that we shall ever be friends! They will always hate us and we never can trust them.

TO BEACONSFIELD

31 May 1878

The Queen again cyphered about Lord Beaconsfield's going to the Congress if it takes place. There is no doubt that no one could carry out our views, proposals, etc., except him, for no one has such weight and such power of conciliating men and no one such firmness or has a stronger sense of the honour and interests of his Sovereign and country. If only the place of meeting could be brought nearer!

Beaconsfield left for Berlin on 7 June 1878. At the Congress, to which he was accompanied by Derby's successor, Lord Salisbury, he had to agree to Turkey's loss of more territory than he would have liked; but he returned to England having gained Cyprus for the Queen. He thus secured what he termed a place d'armes from which Russian designs on the crumbling Turkish Empire could be resisted. He returned home to a hero's welcome, declaring that he had gained 'peace with honour'. High and low are delighted; the Queen assured him, 'excepting Mr. Gladstone who is frantic.'

TO BEACONSFIELD

16 July 1878

The Queen ... sends these lines with some Windsor flowers to welcome [Lord Beaconsfield] back in triumph! He has gained a wreath of laurels which she would willingly herself offer him, but hopes that the Blue Ribbon [the Order of the Garter] she may greet him with [sic] at Osborne.

The Queen was much touched by Lord Beaconsfield's very kind letter. Would he

'Frequent Difficulties', 1870-1878

253

not accept a Marquissate or Dukedom in addition to the Blue Ribbon? And will he not allow the Queen to settle a Barony or Viscounty on his Brother and Nephew? Such a name should be perpetuated!

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

27 July 1878

Lord Beaconsfield and Mr. Corry [his Secretary] spent three nights here [at Osborne] and I think the former really very well. He never coughed once—walked and drove out and was in the best spirits. I am so glad you have learnt to know and appreciate him. He is unlike other people and unless you know him well you cannot entirely appreciate him. He has a large mind. One other great quality which Lord Beaconsfield possesses—which Mr. Gladstone lacks entirely—and that is a great deal of chivalry and a large, great view of his Sovereign's and country's position.

Relations between England and Russia continued to be tense after the Congress of Berlin. Russian troops had advanced to the borders of Afghanistan and in July a Russian mission entered Kabul and signed a convention with the Ameer who had declined to receive a British mission. Lord Lytton, the Viceroy of India, therefore sent a delegation, insisting upon its reception. The Ameer stopped it and war with the Afghans began.

JOURNAL

6 October 1878

The Cabinet had been much occupied with this alarming Afghan affair. Lord Lytton should not have sent the mission, having been forbidden to do so by the Cabinet. Now, of course, we must punish the insult, and support Lord Lytton. Care must be taken that we are quite sure of success, and that there should be no repetition of the misfortunes at Cabul in 1840 [where, in the winter of 1841-2, disaster overtook a large British force which withdrew from the town and was later overwhelmingly defeated]. This time the Kyberins, and other Hill tribes are with us. The Indian reliefs are being stopped coming over. Sir Stafford said he felt very anxious, till we heard more. All depended on whether the Ameer was assisted by Russia or not. That she is at the bottom of it all, there is little doubt.

TO BEACONSFIELD

23 October 1878

Any doubt, want of firmness or delay now may be fatal to us. The whole of India will watch our conduct, and the assistance we may expect will depend on our energy.

TO LORD LYTTON

6 December 1878

The Queen must begin by her earnest congratulations and the expression of her pride and satisfaction at the brilliant successes [the victories of General (afterwards Lord) Roberts at Peiwar Kotel on 2 and 3 December] of her brave, noble soldiers, which is of the greatest importance in every way; but in no way surprises her, for British soldiers always do their duty and almost always are victorious. The loss of brave officers and men is always a source of deep sorrow to the Queen, but it is unavoidable, and to die for one's country and Sovereign in the discharge of duty is a worthy and noble end to this earthly life for a soldier.

TO THE CROWN PRINCESS OF PRUSSIA

9 December 1878

How distressed and alarmed you will all be when you hear of our poor dear Alice being ill with diphtheria since yesterday! It is indeed dreadful! I fear she must have given up all precautions too soon and got it from Ernie or Louis [her sons]—or else from the house. She has had great trouble with the house which is not well built. However *unberufen* it seems not to be violent or malignant as yet with her.

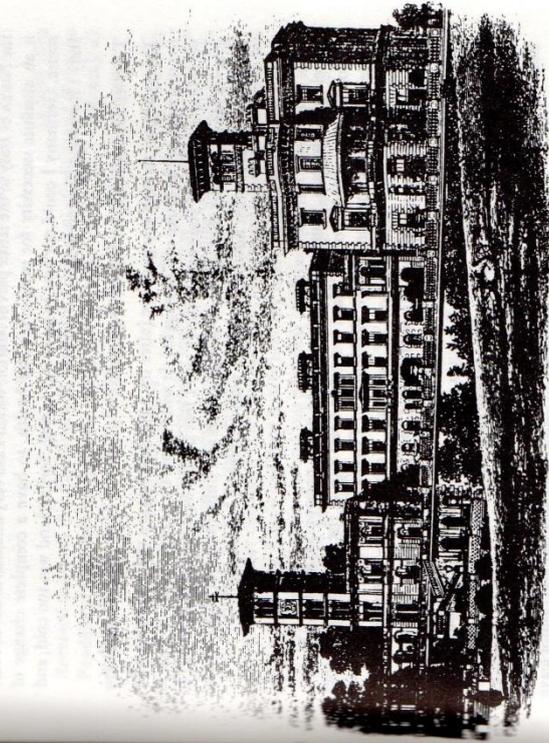
12 December 1878
 Alas! It is a severe attack that our poor darling Alice has got... I fear it was from poor Ernie she got it when she told him of little May's death [his four-year-old sister. His mother kissed him to comfort him in his distress]. The greatest sympathy is shown. People know how nobly she behaved and stood by me when darling Papa died, and how bravely and devotedly she has watched husband and children.

JOURNAL

13 December 1878
 Terribly anxious day, just like in '61 and '71. At a little after 11, came a telegram from Louis, which gave me an awful shock: 'Jenner has just seen Alice, is consulting with doctors. He does not despair, but I see no hope; my prayers are exhausted.' This upset me too dreadfully... Dear Beatrice and I felt nearly hopeless. My distress great. Walked down to the dear peaceful Mausoleum. Just beyond Frogmore, we met a footman with a telegram. Stopped and read it. It was from Sir William [Jenner] and bore bad tidings: 'Disease in wind-pipe extended, difficulty of breathing at times considerable; gravity of condition increased since I last telegraphed. Restlessness very great.' Too dreadful! Could settle down to nothing, agony great. Lenchen came to luncheon. All so terribly anxious, hoping—fearing.

14 December 1878
 This terrible day come round again [the anniversary of the Prince Consort's death! Slept tolerably, but awoke very often, constantly seeing darling Alice before me. When I woke in the morning, was not for a moment aware of all our terrible anxiety. And then it all burst upon me. I asked for news, but nothing had come. Then got up and went, as I always do on this day, to the Blue Room [where the Prince Consort had died], and prayed there. When dressed, I went into my sitting-room for breakfast, and met Brown coming in with two bad telegrams: I looked first at one from Louis, which I did not at first take in, saying: 'Poor Mama, poor me, my happiness gone, dear, dear Alice. God's will be done.' (I can hardly write it!) The other from Sir Wm. Jenner, saying: 'Grand Duchess became suddenly worse soon after midnight, since then could no longer take any food.' Directly after, came another with the dreadful tidings that darling Alice sank gradually and passed away at half past 7 this morning! It was too awful! I had so hoped against hope. Went to Bertie's sitting-room. His despair was great. As I kissed him, he said, 'It is the good who are always taken.' That this dear, talented, distinguished, tender-hearted, noble-minded, sweet child, who behaved so admirably during her father's illness, and afterwards, in supporting me, and helping me in every possible way, should be called back to her father on this very anniversary, seems almost incredible, and most

mysterious! To me there seems something touching in the union which this brings, their names being for ever united on this day of their birth into another better world!



OSBORNE HOUSE.

Anexo C

Os manuscritos digitalizados

Nesta seção estão contidos os manuscritos disponíveis *on-line* no site da monarquia inglesa (www.royal.gov.uk).

As passagens a seguir foram retiradas dos arquivos reais digitais das cartas da Rainha Victoria. Os trechos em destaque não estão presentes na obra *Queen Victoria in her letters and journals*.

I
HISTORIC ROYAL SPEECHES AND WRITINGS

VICTORIA (r. 1837-1901)

Queen Victoria maintained a detailed diary, her famous Journal, which is contained in 111 large manuscript volumes. These volumes constitute about a third of the original, as her diaries were edited after her death by her youngest daughter Princess Beatrice, at Queen Victoria's request. The extracts below cover some of the more momentous events of Queen Victoria's reign, from her accession in 1832 to her Diamond Jubilee in 1897.

On William IV's death, and her accession aged 18 years: Tuesday, 20 June 1837 at Kensington Palace

I was awoke at 6 o'clock by Mamma, who told me that the Archbishop of Canterbury and Lord Conyngham were here, and wished to see me. I got out of bed and went into my sitting-room (only in my dressing-gown), and *alone*, and saw them. Lord Conyngham (the Lord Chamberlain) then acquainted me that my poor Uncle, the King, was no more, and had expired at 12 minutes past 2 this morning, and consequently that I am *Queen*. Lord Conyngham knelt down and kissed my hand, at the same time delivering to me the official announcement of the poor King's demise. The Archbishop then told me that the Queen was desirous that he should come and tell me the details of the last moments of my poor, good Uncle; he said that he had directed his mind to religion, and had died in a perfectly happy, quiet state of mind, and was quite prepared for his death. He added that the King's sufferings at the last were not very great but that there was a good deal of uneasiness. Lord Conyngham, whom I charged to express my feelings of condolence and sorrow to the poor Queen, returned directly to Windsor. I then went to my room and dressed.

Since it has pleased Providence to place me in this station, I shall do my utmost to fulfil my duty towards my country; I am very young and perhaps in many, though not in all things, inexperienced, but I am sure, that very few have more real good will and more real desire to do what is fit and right than I have ...

At 9 came Lord Melbourne, whom I saw in my room, and of COURSE *quite ALONE* as I shall *always* do all my Ministers. He kissed my hand and I then acquainted him that it had long been my intention to retain him and the rest of the present Ministry at the head of affairs, and that it could not be in better hands than his ... He then read to me the Declaration which I was to read to the Council, which he wrote himself and which is a very fine one. I then talked with him some little longer time after which he left me ... I like him very much and feel confidence in him. He is a very straightforward, honest, clever and good man. I then wrote a letter to the Queen ...

At about half past 11 I went downstairs and held a Council in the red saloon. I went in of course quite alone, and remained seated the whole time. My two Uncles, the Dukes of Cumberland (who now succeeded William IV as King of Hanover) and Sussex, and Lord Melbourne conducted me. **The declaration, the various forms, the swearing in of the Privy Councillors of which there were a**

great number present, and the reception of some of the Lords of Council, previous to the Council in an adjacent room (likewise alone) I subjoin here. I

II

HISTORIC ROYAL SPEECHES AND WRITINGS

was not at all nervous and had the satisfaction of hearing that people were satisfied with what I had done and how I had done it.

Receiving after this, Audiences of Lord Melbourne, Lord John Russell, Lord Albemarle (Master of the Horse), and the Archbishop of Canterbury, all in my room and alone. Saw Stockmar (friend and counsellor to Queen Victoria and Prince Albert). Saw Clark, whom I named my Physician ... Saw Ernest Hohenlohe who brought me a kind and very feeling letter from the poor Queen. I feel very much for her, and really feel that the poor good King was always so kind personally to me, that I should be ungrateful were I not to recollect it and feel grieved at his death. The poor Queen is wonderfully composed now, I hear.

Wrote my journal. Took my dinner upstairs alone. Went downstairs. Saw Stockmar. At about 20 minutes to 9 came Lord Melbourne and remained till near 10. I had a very important and very *comfortable* conversation with him ... Went down and said good-night to Mamma etc.

Coronation: Thursday, 28 June 1838

I was awake at four o'clock by the guns in the Park, and could not get much sleep afterwards on account of the noise of the people, bands, etc. Got up at 7 feeling strong and well; the Park presented a curious spectacle; crowds of people up to Constitution Hill, soldiers, bands, etc. I dressed, having taken a little breakfast before I dressed, and a little after. At half past 9 I went into the next room dressed exactly in my House of Lords costume ... At 10 I got into the State Coach with the Duchess of Sutherland and Lord Albemarle, and we began our Progress.

It was a fine day, and the crowds of people exceeded what I have ever seen; many as there were the day I went to the City, it was nothing - nothing to the multitudes, the millions of my loyal subjects who were assembled in every spot to witness the Procession. Their good humour and excessive loyalty was beyond everything, and I really cannot say *how* proud I feel to be the Queen of *such a Nation*. I was alarmed at times for fear that the people would be crushed and squeezed on account of the tremendous rush and pressure.

I reached the Abbey (Westminster) amid deafening cheers at a little after half past 11; I first went into a robing-room quite close to the entrance, where I found my eight Train-bearers - all dressed alike and beautifully, in white satin and silver tissue, with wreaths of silver corn-ears in front, and a small one of pink roses round the plait behind, and pink roses in the trimming of the dresses. After putting on my Mantle, and the young ladies having properly got hold of it, and Lord Conyngham holding the end of it, I left the robing-room and the Procession began. The sight was splendid; the bank of Peeresses

quite beautiful, all in their robes, and the Peers on the other side. My young Train-bearers were always near me, and helped me whenever I wanted anything. The Bishop of Durham stood on one side near me.

At the beginning of the Anthem ... I retired to St Edward's Chapel, a small dark place immediately behind the Altar, with my Ladies and Train-bearers; took off my crimson robe and kirtle and put on the Supertunica of Cloth of Gold, also

III

HISTORIC ROYAL SPEECHES AND WRITINGS

in the shape of a kirtle, which was put over a singular sort of little gown of linen trimmed with lace; I also took off my circlet of diamonds, and then proceeded bare-headed into the Abbey; I was then seated upon St Edward's chair where the Dalmatic robe was clasped round me by the Lord Great Chamberlain. Then followed all the various things; and last (of those things) the Crown being placed on my head; - which was, I must own, a most beautiful impressive moment; all the Peers and Peeresses put on their Coronets at the same instant ... The shouts, which were very great, the drums, the trumpets, the firing of the guns, all at the same instant, rendered the spectacle most imposing.

The Enthronization and the Homage of, first all the Bishops, then my Uncles, and lastly of all the Peers, in their respective order, was very fine. The Duke of Norfolk (holding for me the Sceptre with a Cross) with Lord Melbourne, stood close to me on my right, and the Duke of Richmond with the other Sceptre on my left. All my Train-bearers standing behind the Throne. Poor old Lord Rolle, who is 82 and dreadfully infirm, in attempting to ascend the steps, fell and rolled quite down, but was not the least hurt; when he attempted to reascend them I got up and advanced to the end of the steps, in order to prevent another fall ... When Lord Melbourne's turn to do Homage came, there was loud cheering; they also cheered Lord Grey and the Duke of Wellington; it's a pretty ceremony; they first all touch the Crown, and then kiss my hand. When my good Lord Melbourne knelt down and kissed my hand, he pressed my hand and I grasped his with all my heart, at which he looked up with his eyes filled with tears and seemed much touched, as he was, I observed, throughout the whole ceremony.

After the Homage was concluded I left the Throne, took off my Crown and received the Sacrament; I then put on my Crown again, and re-ascended the Throne, leaning on Lord Melbourne's arm; at the commencement of the Anthem I descended from the Throne, and went into St Edward's Chapel ... where I took off the Dalmatic robe, Supertunica, and put on the Purple Velvet Kirtle and Mantle, and proceeded again to the Throne, which I ascended leaning on Lord Melbourne's hand ... I then again descended from the Throne, and repaired with all the Peers bearing the Regalia, my Ladies and Train-bearers, to St Edward's Chapel, as it is called; but which, as Lord Melbourne said, was more *unlike* a Chapel than anything he had ever seen; for, what was called an *Altar* was covered with sandwiches, bottles of wine etc. The Archbishop came in and *ought* to have delivered the Orb to me, but I had already got it. There we waited for some minutes ... the Procession being

formed, I replaced my Crown (which I had taken off for a few minutes), took the Orb in my left hand and the Sceptre in my right, and thus *loaded* proceeded through the Abbey, which resounded with cheers, to the first Robing-room ... And here we waited for at least an hour, with *all* my ladies and Train-bearers; **the Princesses went away about half an hour before I did;** the Archbishop had put the ring on the wrong finger, and the consequence was that I had the greatest difficulty to take it off again, - which I at last did with great pain. At about half past 4 I re-entered my carriage, the Crown on my head and Sceptre and Orb in my hand, and we proceeded the same way as we came - the crowds if possible having increased. The enthusiasm, affection and loyalty was really touching, and I shall ever remember this day

IV

HISTORIC ROYAL SPEECHES AND WRITINGS

as the proudest of my life. I came home at a little after 6, - really *not* feeling tired.

At 8 we dined. **My kind** Lord Melbourne **was much affected in speaking of the whole ceremony.** He asked kindly if I was tired; said the Sword he carried (the first, the Sword of State) was excessively heavy. I said that the Crown hurt me a good deal. **He was much amused at Uncle Ernest's being astonished at our still having the Litany; we agreed that the whole thing was a very fine sight. He thought the robes, and particularly the Dalmatic, "looked remarkably well"** ... The Archbishop's and the Dean's Copes (which were remarkably handsome) were from James I's time; the very same that were worn at his Coronation, Lord Melbourne told me.

After dinner, **before we sat down, we** ... spoke of the numbers of Peers at the Coronation, which Lord Melbourne said was unprecedented. I observed that there were very few Viscounts; he said "there are very few Viscounts"; that they were an odd sort of title, and not really English; that they came from Vice-Comités; that Dukes and Barons were the only *real* English titles; that Marquises were likewise not English; and that they made people Marquises when they did not wish to make them Dukes ... **I then sat on the sofa for a little while ... Mamma ... remained to see the Illuminations, and only came in later ...** I said to Lord Melbourne when I first sat down, I felt a little tired on my feet ... **Spoke of the weight of the robes etc..and he turned round to me and said so kindly, "And you did it beautifully, - every part of it, with so much taste; it's a thing that you can't give a person advice upon; it must be left to a person."** To hear this from this kind impartial friend, gave me great and real pleasure ... Spoke of my intending to go to bed; he said, "You may depend upon it, you are more tired than you think you are." I said I had slept badly the night before; he said that was my mind, and that nothing kept people more awake than any consciousness of a great event going to take place and being agitated ... Stayed in the drawing-room till 20 minutes past 11, but remained till 12 o'clock on Mamma's balcony looking at the fireworks in Green Park, which were quite beautiful.

Great Exhibition: 1 May 1851

This day is one of the greatest and most glorious days of our lives, with which, to my pride and joy the name of my dearly beloved Albert is forever associated! It is a day which makes my heart swell with thankfulness ... The Park presented a wonderful spectacle, crowds streaming though it - carriages and troops passing, quite like the Coronation Day, and for me, the same anxiety. The day was bright, and all bustle and excitement. At half past 11, the whole procession in 9 state carriages was set in motion. Vicky and Bertie (her two eldest children, the Princess Royal and the Prince of Wales) were in our carriage. Vicky was dressed in lace over white satin, with a small wreath of pink wild roses, in her hair, and looked very nice. Bertie was in full Highland dress. The Green Park and Hyde Park were one mass of densely crowded human beings, in the highest good humour and most enthusiastic. I never saw Hyde Park look as it did, being filled with crowds as far as the eye could reach. A little rain fell, just as we started; but before we neared the Crystal

V

HISTORIC ROYAL SPEECHES AND WRITINGS

Palace, the sun shone and gleamed upon the gigantic edifice, upon which the flags of every nation were flying.

We drove up Rotten Row and got out of our carriages at the entrance on that side. The glimpse through the iron gates of the Transept, the moving palms and flowers, the myriads of people filling the galleries and seats around, together with the flourish of trumpets, as we entered the building, gave a sensation I shall never forget, and I felt much moved ... In a few seconds we proceeded, Albert leading me having Vicky at his hand, and Bertie holding mine. The sight as we came to the centre where the steps and chair (on which I did not sit) was placed, facing the beautiful crystal fountain was magic and impressive. The tremendous cheering, the joy expressed in every face, the vastness of the building, with all its decorations and exhibits, the sound of the organ (with 200 instruments and 600 voices, which seemed nothing), and my beloved Husband the creator of this great 'Peace Festival', uniting the industry and arts of all nations of the earth, all this, was indeed moving, and a day to live forever. God bless my dearest Albert, and my dear Country which has shown itself so great today ... The Nave was full of people, which had not been intended and deafening cheers and waving of handkerchiefs, continued the whole time of our long walk from one end of the building, to the other. Every face was bright, and smiling, and many even had tears in their eyes ... One could of course see nothing, but what was high up in the Nave, and nothing in the Courts. The organs were but little heard, but the Military Band, at one end, had a very fine effect ...

We returned to our place and Albert told Lord Breadalbane to declare the Exhibition opened, which he did in a loud voice saying "Her Majesty commands me to declare the Exhibition opened", when there was a flourish of trumpets, followed by immense cheering. Everyone was astounded and delighted. The return was equally satisfactory - the crowd most enthusiastic

and perfect order kept. We reached the Palace at 20 minutes past 1 and went out on the balcony, being loudly cheered. That we felt happy and thankful, - I need not say - proud of all that had passed and of my beloved one's success. Dearest Albert's name is for ever immortalised and the absurd reports of dangers of every kind and sort, set about by a set of people, - the 'soi-disant' fashionables and the most violent protectionists - are silenced. It is therefore doubly satisfactory that all should have gone off so well, and without the slightest accident or mishap.

VI

HISTORIC ROYAL SPEECHES AND WRITINGS

Crimean War, ending of the Siege of Sebastopol: 10 September 1855, at Balmoral

Albert said they should go at once and light the bonfire ... In a few minutes, Albert and all the gentlemen, in every species of attire, sallied forth, followed by all the servants, and gradually by all the population of the village - keepers, gillies, workmen - up to the top of the cairn. We waited, and saw them light it; accompanied by general cheering. The bonfire blazed forth brilliantly, and we could see the numerous figures surrounding it - some dancing, all shouting ... About three-quarters of an hour after, Albert came down, and said the scene had been wild and exciting beyond anything. The people had been drinking healths in whisky and were in great ecstasy. The whole house seemed in a wonderful state of excitement. The boys were with difficulty awakened, and when at last this was the case, they begged leave to go up to the top of the cairn.

We remained till a quarter to twelve; and, just as I was undressing, all the people came down under the windows, the pipes playing, the people singing, firing off guns, and cheering - first for me, then for Albert, the Emperor of the French, and the 'downfall of Sebastopol'.

Letter to Miss Florence Nightingale: January 1856

You are, I know, well aware of the high sense I entertain of the Christian devotion which you have displayed during this great and bloody war, and I need hardly repeat to you how warm my admiration is for your services, which are fully equal to those of my dear and brave soldiers, whose sufferings you have had the privilege of alleviating in so merciful a manner. I am, however, anxious of marking my feelings in a manner which I trust will be agreeable to you, and therefore send you with this letter a brooch [a badge bearing St George's Cross in red enamel and the royal cypher surmounted by a crown in diamonds; the inscription 'Blessed are the Merciful' encircled the badge which also bore the word 'Crimea'], the form and emblems of which commemorate your great and blessed work, and which, I hope, you will wear as a mark of the high approbation of your Sovereign!

It will be a very great satisfaction to me, when you return at last to these shores, to make the acquaintance of one who has set so bright an example to our sex.

The death of Queen Victoria's beloved husband, Prince Albert, who died from typhoid on 14 December 1861 at Windsor Castle, at the age of 42. On 20 December, Queen Victoria wrote to her uncle King Leopold of Belgium:

... to be cut off in the prime of life - to see our pure happy, quiet domestic life, which alone enabled me to bear my much disliked position, cut off at forty-two - when I had hoped with such instinctive certainty that God never would part us, and would let us grow old together ... - is too awful, too cruel!

Letter to the recently widowed Earl Canning, Osborne, 10 January 1862

VII

HISTORIC ROYAL SPEECHES AND WRITINGS

Lord Canning little thought when he wrote his kind and touching letter of the 22nd November, that it would only reach the Queen when she was smitten and bowed down to the earth by an event similar to the one which he describes ... To lose one's partner in life is, as Lord Canning knows, like losing half of one's body and soul, torn forcibly away - and dear Lady Canning was such a dear, worthy, devoted wife! But to the Queen - to a poor helpless woman - it is not that only - it is the stay, support and comfort which is lost! To the Queen it is like death in life! Great and small - nothing was done without his loving advice and help - and she feels alone in the wide world, with many helpless children ... to look to her - and the whole nation to look to her - now when she can barely struggle with her wretched existence! Her misery - her utter despair - she cannot describe! Her only support - the only ray of comfort she gets for a moment, is in the firm conviction and certainty of his nearness, his undying love, and of their eternal reunion!

May God comfort and support Lord Canning, and may he think in his sorrow of his widowed and broken-hearted Sovereign ...

Golden Jubilee: 21 June 1887, at Buckingham Palace

This very eventful day has come and is passed. It will be very difficult to describe it, but all went off admirably. This day, fifty years ago, I had to go with a full Sovereign's escort to St James's Palace, to appear at my proclamation, which was very painful to me, and is no longer to take place.

The morning was beautiful and bright with a fresh air. Troops began passing early with bands playing, and one heard constant cheering ... The scene outside was most animated, and reminded me of the opening of the Great Exhibition, which also took place on a very fine day. Received many beautiful nosegays and presents ... Then dressed, wearing a dress and bonnet trimmed with white point d'Alençon, diamond ornaments in my bonnet, and pearls around my neck, with all my orders.

At half-past eleven we left the Palace, I driving in a handsomely gilt landau drawn by six of the Creams, with dear Vicky (her eldest daughter) and Alex (her daughter-in-law, the Princess of Wales), who sat on the back seat. Just in

front of my carriage rode the 12 Indian officers, and in front of them my 3 sons, 5 sons-in-law, 9 grandsons and grandsons-in-law. Then came the carriages containing my 3 other daughters ... All the other Royalties went in a separate procession. George Cambridge rode the whole way next to my carriage, and the Master of the Horse, Equerries, etc., behind it with of course a Sovereign's escort. It was a really magnificent sight ...

At the door (of Westminster Abbey) I was received by the clergy, with the Archbishop of Canterbury and Dean at their head, in the copes of rich velvet and gold, which had been worn at the Coronation ... The crowds from the Palace gates up to the Abbey were enormous, and there was such an extraordinary outburst of enthusiasm as I had hardly ever seen in London before; all the people seemed to be in such good humour. The old Chelsea Pensioners were in a stand near the Arch. The decorations along Piccadilly were quite beautiful, and there were most touching inscriptions. Seats and

VIII

HISTORIC ROYAL SPEECHES AND WRITINGS

platforms were arranged up to the tops of the houses, and such waving of hands ... Many schools out, and many well-known faces were seen.

When all was ready, the procession was formed ... *God Save the Queen* was played ... as I walked slowly up the Nave and Choir, which looked beautiful, all filled with people. The Royalties of highest rank were seated within the altar rails. The House of Commons was below us to the left, and I recognised several persons amongst them, but did not see Mr Gladstone, thought he was there. The Ambassadors and the Household were to the right.

I sat *alone* (oh! without my beloved husband, for whom this would have been such a proud day!) where I sat forty-nine years ago and received the homage of the Princes and Peers, but in the old Coronation Chair of Edward III, with the old stone brought from Scotland, on which the old Kings of Scotland used to be crowned. My robes were beautifully draped on the chair. The service was very well done and arranged. The *Te Deum*, by my darling Albert, sounded beautiful ... When the service was concluded, each of my sons, sons-in-law, grandsons (including little Alfred), and grandsons-in-law, stepped forward, bowed, and in succession kissed my hand, I kissing each; and the same with the daughters, daughters-in-law, grand-daughters, and the granddaughter-in-law. They curtsied as they came up and I embraced them warmly. It was a very moving moment, and tears were in some of their eyes.

The procession then reformed, and we went out as we came in, resting a moment in the waiting-room, whilst the Princes were all getting on their horses. The whole ceremony, particularly the outside procession and progress, took twenty minutes longer than was expected ... There were many stoppages, which is almost unavoidable in long processions ... The heat of the sun was very great, but there was a good deal of wind, which was a great relief ... We only got back at a quarter to three. Went at once to my room to take off my bonnet and put on my cap. Gave Jubilee brooches to all my daughters ... and pins to all my sons ...

Only at four did we sit down to luncheon, to which all came. The King of Saxony led me in, and the King of Denmark with Marie of Belgium sat on my other side. After luncheon, I stood on the small balcony of the Blue Room, which looks out on the garden, and saw the Bluejackets march past. After this we went into the small Ball-room, where the present given me by all my children was placed. It is a very handsome piece of plate. The Queen of Hawaii gave me a present of very rare feathers, but very strangely arranged as a wreath about my monogram, also in feathers on a black ground, framed.

I felt quite exhausted by this time and ready to faint, so I got into my rolling chair and was rolled back to my room. Here I lay down on the sofa and rested, doing nothing but opening telegrams, coming from every part of the country, so that they could no longer be acknowledged, and this will have to be done through the papers.

Dinner was again in the Supper-room. I wore a dress with rose, thistle, and shamrock embroidered in silver on it, and my large diamonds. The King of Denmark led me in, and I sat between him and Leopold of Belgium. The King of Denmark, who is so kind and amiable, gave out my health at dessert

IX

HISTORIC ROYAL SPEECHES AND WRITINGS

saying, "I beg to propose the health of Her Majesty - God bless her". And after *God Save the Queen* had been played, Bertie (the Prince of Wales) proposed the healths of the Sovereigns and Royal guests now assembled here, doing so in my name ... The pipers walked round the table. We went into the Ball-room, where I spoke to the Indian Princes and received all the Corps Diplomatique, Foreign Envoys and suites, the latter being each presented by their Princes. I was half dead with fatigue, and after sitting down a moment with Marie of Belgium, slipped away and was rolled back to my room, and to the Chinese room to try and see something of the very general illuminations, but could not see much. The noise of the crowd, which began yesterday, went on till late. Felt truly grateful that all had passed off so admirably, and this never-to-be-forgotten day will always leave the most gratifying and heart-stirring memories behind.

Golden Jubilee: 22 June 1887, at Windsor Castle

Very fine and hazy. Breakfasted in the Chinese room (at Buckingham Palace), but such a change from yesterday. No crowd or noise. The illuminations last night are said to have been splendid. Thousands thronged the streets, but there was no disorder. They shouted and sang till quite late, and passed the Palace singing *God Save the Queen* and *Rule Britannia*. Went into the garden for a little while, and on coming home rested. Quantities of telegrams still continued coming in ...

Again a big luncheon in the Dining-room ... Gave Jubilee medals to the Kings and most of the Princes. I then went with Beatrice (her youngest daughter), preceded by the Lord Chamberlain, to the Ball-room, where were assembled all my Household, and a great number of those who had served me from the beginning of my reign. Lord Mt Edgumbe, as Lord Steward, presented their

gift, a magnificent piece of plate, splendidly worked and executed, representing music and painting. I went round and spoke to as many as I could ... (The Queen then received a jewelled pendant from the Prince of Wales's Household, a portrait of himself from the Prime Minister, a watercolour from the other royal Households.)

This over, I went through the Blue Drawing Room and Bow Room, full of ladies, to the White Drawing-room, equally full. This was a Deputation from the 'Women of England', who brought me the signatures of the millions who have subscribed to a gift, contained in a splendid gold coffer ... and Lady Londonderry presented me with that of another very fine coffer, containing the signatures of the Women of Ireland ... From her I passed into the Picture Gallery, where were assembled all the people who came with other presents, which extended down the whole length of the Gallery. Was really touched and gratified.

Rested on the sofa for some time, and took a cup of tea before leaving Buckingham Palace at half-past five. Bertie and Alex could not leave London on account of looking after the guests. Had an escort and an Indian escort. Enormous and enthusiastic crowds on Constitution Hill and in Hyde Park ... We drove right on to the grass in the middle of the park, where 30,000 poor children with their schoolmasters and mistresses, were assembled. Tents had been pitched for them to dine in, and all sorts of amusements had been

X

HISTORIC ROYAL SPEECHES AND WRITINGS

provided for them. Each received an earthenware pot with my portrait on it ... We stopped in the middle ... and a little girl gave me a beautiful bouquet, on the ribbons of which were embroidered: "God bless our Queen, not Queen alone, but Mother, Queen and Friend" ... The children sang *God Save the Queen* somewhat out of tune, and then we drove on to Paddington station. The train stopped at Slough, and we got out there ... Different ladies and gentlemen were presented and bouquets were given. Then drove off with an escort to Windsor. All along the road there were decorations and crowds of people. Before coming to Eton, there was a beautiful triumphal arch, made to look exactly like part of the old College, and boys dressed like old Templars stood on the top of it, playing a regular fanfare. The whole effect was beautiful, lit up by the sun of a bright summer's evening ... The town was one mass of flags and decorations. We went under the Castle walls up the hill, slowly, amidst great cheering, and stopped at the bottom of Castle Hill, where there was a stand crowded with people and every window and balcony were full of people, Chinese lanterns and preparations for illuminations making a very pretty effect. Those of the family who had not come with me were in the front row of the stand ... An Address was read, to which I read an Answer ... After this my statue was unveiled ... Amidst cheering, the ringing of bells, and bands playing, we drove up to the Castle. This completed the pretty and gratifying welcome to good old Windsor.

We had a large family dinner ... Just as we were beginning dessert, we heard that the torchlight procession of Eton boys was coming into the Quadrangle,

and off we hurried, as fast as we could, to the Corridor, from whence we could see it beautifully. They performed all sorts of figures, the band playing marches etc, and they sang an Eton Boat song, a Jubilee song specially composed for the occasion ... They did it so well and it had a most charming effect. The Head Master came up, and I thanked him, and sent for the Captain of the school. They cheered tremendously. Then we all went down to the Quadrangle, and I said, in as loud a voice as I could, "I thank you very much", which elicited more cheering, after which they all marched past and out at the gate. The Round Tower was illuminated with electric light, and so were parts of the Castle. The town was also illuminated, but I was too tired to go and see it, and went to my room.

These two days will ever remain indelibly impressed in my mind, with great gratitude to that all-merciful Providence, Who has protected me so long, and to my devoted and loyal people. But how painfully do I miss the dear ones I have lost!

Diamond Jubilee: 21 June 1897, at Buckingham Palace

The 10th anniversary of the celebration of my fifty years Jubilee. Breakfasted with my three daughters at the Cottage at Frogmore (Windsor Park). A fine warm morning.

At quarter to twelve we drove to the station to start for London. The town was very prettily decorated, and there were great crowds, who cheered very much. At Paddington I was received by Lord Cork and other Directors of GWR (Great Western Railway). Drove, going at a fast pace to the Paddington

XI

HISTORIC ROYAL SPEECHES AND WRITINGS

Vestry platform, where an address was presented by the Vicar of Paddington. Then we proceeded at a slow trot, with a Sovereign's escort of the 1st Life Guards. Passed through dense crowds, who gave me a most enthusiastic reception. It was like a triumphal entry. We passed down Cambridge Terrace, under a lovely arch, bearing the motto, "Our hearts thy Throne". The streets were beautifully decorated, also the balconies of the houses with flowers, flags, and draperies of every hue ... The streets, the windows, the roofs of the houses, were one mass of beaming faces, and the cheers never ceased. On entering the park, through the Marble Arch, the crowd was even greater, carriages were drawn up amongst the people on foot, even on the pretty little lodges well-dressed people were perched. Hyde Park Corner and Constitution Hill were densely crowded. All vied with one another to give me a heartfelt, loyal and affectionate welcome. I was deeply touched and gratified. The day had become very fine and very hot.

Reaching the Palace shortly after 1, and Vicky [her eldest daughter] at once brought me her three daughters ... [Queen Victoria is then given a diamond pendant with sapphires, a 'very handsome' book cover and a 'beautiful diamond brooch' as Jubilee presents by her family] ... Then I was taken round in my wheeled chair to the Bow Room, where all my family awaited me ... Seated in my chair, as I cannot stand long, I received all the foreign Princes in

succession, beginning with Archduke Franz Ferdinand [whose assassination in 1914 at Sarajevo marked the beginning of the First World War] ... after which Lord Salisbury presented all the special Ambassadors and Envoys ... I got back to my room a little before four, quite exhausted. Telegrams kept pouring in. It was quite impossible even to open them ... Had tea in the garden ...

Dressed for dinner. I wore a dress of which the whole front was embroidered in gold, which had been specially worked in India, diamonds in my cap, and a diamond necklace, etc. The dinner was in the Supper-room at little tables of twelve each. All the family, foreign royalties, special Ambassadors and Envoys were invited. I sat between the Archduke Franz Ferdinand and the Prince of Naples. After dinner went into Ball-room, where my private band played and the following were presented to me: the Colonial Premiers with their wives, the Special Envoys, the three Indian Princes, and all the officers of the two Indian escorts, who, as usual, held out their swords to be touched by me, and the different foreign suites. The Ball-room was very full and dreadfully hot, and the light very inefficient. It was only a little after eleven, when I got back to my room, feeling very tired. There was a deal of noise in the streets, and we were told that many were sleeping out in the parks.

22 June 1897, at Buckingham Palace

A never-to-be-forgotten day ... The night had been very hot, and I was rather restless. There was such a noise going on the whole time, but it did not keep me from getting some sleep. Dull early and close. Breakfasted ... in the Chinese luncheon room. The head of the procession, including the Colonial troops, had unfortunately already passed the Palace before I got to breakfast, but there were still a great many, chiefly British, passing. I watched them for a little while.

XII

HISTORIC ROYAL SPEECHES AND WRITINGS

At quarter-past eleven, the others being seated in their carriages long before, and having preceded me a short distance, I started from the State entrance in an open State landau, drawn by eight creams, dear Alix (Princess of Wales), looking very pretty in lilac ... sitting opposite me. I felt a good deal agitated, and had been so all these days, for fear anything might be forgotten or go wrong ... My escort was formed from the 2nd Life Guards and officers of the native Indian regiments, these latter riding immediately in front of my carriage. Guard of Honour of Bluejackets, the Guards and the 2nd West Surrey Regiment (Queen's) were mounted in the Quadrangle and outside the Palace.

Before leaving I touched an electric button, by which I started a message which was telegraphed throughout the whole Empire. It was the following: "From my heart I thank my beloved people, May God bless them!" At this time the sun burst out ...

We went up Constitution Hill and Piccadilly, and there were seats right along the former, where my own servants and personal attendants, and members of the other Royal Households, the Chelsea Pensioners, and the children of the Duke of York's and Greenwich schools had seats. St James's Street was beautifully decorated with festoons of flowers across the road and many loyal inscriptions. Trafalgar Square was very striking, and outside the National Gallery stands were erected for the House of Lords. The denseness of the crowds was immense, but the order maintained wonderful. The streets in the Strand are now quite wide ... Here the Lord Mayor received me and presented the sword, which I touched. He then immediately mounted his horse in his robes, and galloped past bare-headed, carrying the sword, preceding my carriage, accompanied by his Sheriffs. As we neared St Paul's the procession was often stopped, and the crowds broke out into singing *God Save the Queen*. In one house were assembled the survivors of the Charge of Balaclava [a Crimean War campaign].

In front of the Cathedral the scene was most impressive. All the Colonial troops, on foot, were drawn up round the Square. My carriage, surrounded by all the Royal Princes, was drawn up close to the steps, where the Clergy were assembled, the Bishops in rich copes, with their croziers, the Archbishop of Canterbury and the Bishop of London each holding a very fine one. A *Te Deum* was sung; the Lord's Prayer, most beautifully chanted, a special Jubilee prayer, and the benediction concluded the short service, preceded by the singing of the *old 100th*, in which everyone joined. *God Save the Queen* was also sung. I then spoke to the Archbishop and the Bishop of London. As I drove off, the former gave out, "Three cheers for the Queen".

I stopped in front of the Mansion House, where the Lady Mayoress presented me with a beautiful silver basket full of orchids. Here I took leave of the Lord Mayor. Both he and the Lady Mayoress were quite *émus*. We proceeded over London Bridge, where no spectators were allowed, only troops, and then along the Borough Road, where there is a very poor population, but just as enthusiastic and orderly as elsewhere. The decorations there were very pretty, consisting chiefly of festoons of flowers on either side of the street. Crossed the river again over Westminster Bridge, past the Houses of

XIII

HISTORIC ROYAL SPEECHES AND WRITINGS

Parliament, through Whitehall, Parliament Street, which has been much enlarged, through the Horse Guards and down the Mall. The heat during the last hour was very great, and poor Lord Howe, who was riding as Gold Stick, fainted and had a bad fall, but was not seriously hurt.

Got home at a quarter to two. All the carriages that had preceded mine were drawn up in the courtyard as I drove in. Had a quiet luncheon with Vicky, Beatrice [her youngest daughter], and her three children. Troops continually passing by. Then rested and later had tea in the garden ...

There was a large dinner in the supper-room, the same as yesterday. Bertie [the Prince of Wales], who sat at my table, gave out the health of the Empress

Frederick [the Queen's eldest daughter] and my distinguished guests. I walked into the Ball-room afterwards, and sat down in front of the dais. Felt very tired, but tried to speak to most of the Princes and Princesses; the suites also came in, but no one else. I wore a black and silver dress with my Jubilee necklace and the beautiful brooch given me by my Household. In the morning I wore a dress of black silk, trimmed with panels of grey satin veiled with black net and steel embroideries, and some black lace, my lovely diamond chain, given me by my younger children, round my neck. My bonnet was trimmed with creamy white flowers, and white aigrette and some black lace. I left the Ball-room at eleven. There were illuminations, which we did not see, but could hear a great deal of cheering and singing. Gave souvenirs to my children and grandchildren.

XIV

HISTORIC ROYAL SPEECHES AND WRITINGS

Final published extracts:***4 January 1901 at Osborne House, Isle of Wight***

From not having been well, I see so badly, which is very tiresome.

12 January 1901 at Osborne House, Isle of Wight

Had a good night and could take some breakfast better. Took an hour's drive at half-past two ... It was very foggy, but the air was pleasant.

The Queen died at half past six in the evening on 22 January 1901 at Osborne House, surrounded by her children and grandchildren.

Anexo D

A carta de requisição para o acesso aos manuscritos originais.

Nesta seção é apresentada a carta enviada ao Castelo Windsor requisitando acesso aos manuscritos originais. Está também a carta em resposta recebida no dia 15 de maio, 2013.

To whom it may concern,

I am a post-graduation student at the Universidade de Brasília – UnB, in Brasília, Brazil. My research project is concerned with the translation of Queen Victoria in her letters and journals by Christopher Hibbert into Brazilian Portuguese.

My supervisor is Professor Válmi Hatje-Faggion, a former Ph.D. student in Translation Studies, who worked with Professor Susan Bassnett at the University of Warwick.

The purpose of my project is to give Brazilian people the opportunity to become acquainted with the stories of Queen Victoria. Therefore, I wonder whether or not I could have access to the original material printed in book form as mentioned above, so that I can have the basis to improve my research and the translation itself.

I thank you beforehand.

Best Wishes,

Caroline Feital Monteiro



WINDSOR CASTLE

15 May 2013

Dear Ms Monteiro,

Thank you for your letter, and I must apologise for the slowness of our response; I am afraid we have been, and still are, rather busy, and have consequently been unable to answer enquiries as quickly as we would like. I can only hope that this delay has not caused you any great inconvenience.

I am afraid I was not entirely sure what you were actually requesting: whether it was access to the original documents which are quoted in Christopher Hibbert's book, or access to Hibbert's book itself. Either way, I fear we are unable to help. There are so many documents cited in the book, that it would be impossible to provide copies of or access to all that original material, not least because none of the documents have cited references and it would be a huge undertaking to try to identify all the correspondence. Nor are we able to provide you with a copy of Hibbert's book, if that is what you were requesting: presumably it would be possible to acquire one via Amazon or other book selling websites.

I believe Mr. Hibbert may have used a variety of published sources in compiling his book, and I am therefore enclosing herewith a list of books about Queen Victoria, in case some of these may prove helpful to your project. I am not sure how many of them may still be in print, but hopefully a good library might be able to assist you in consulting them. In addition, you may perhaps be interested to know that Queen Victoria's Journals have been digitized in their entirety, and can be found on the following website: www.queenvictoriasjournals.org. Unfortunately, access is not freely available worldwide, but if you wished to enquire about access to the site, you should contact the following address: qvjinfo@proquest.com.

I am sorry that we are unable to help you directly, but I hope that some of the enclosed and above information may prove of some assistance.

Yours sincerely,

Miss Allison Derrett
Assistant Archivist

Ms Caroline Feital Monteiro,
SQN 112, bloco A, apto 302,
Brasilia/DF,
Brasil,
70762-010.

Anexo E

O pedido de autorização para publicação da tradução de *Queen Victoria*.

Nesta seção está contido o e-mail enviado a editora The History Press pedindo autorização para a publicação da obra *Queen Victoria in her letters and journals*.

27/06/13

Caroline carolinefeitalm@gmail.com

para web

To whom it may concern,

I am a Master's degree student in Brasília, Brazil, and my research encompasses the translation of some chapters of the book Queen Victoria in her letters and journals by Christopher Hibbert (ISBN 0 7509 2349 0). The chapters are The Queen Regnant, Family Life, Monarchs and Ministers, Frenquent difficulties.

I called Anette a couple of minutes ago to ask for more information whether I need or not a copyright of the book since this project will be displayed for further research at the library of the University (UnB - Universidade de Brasília), but infortunatelly I cannot reach her by mail.

I am looking foward to hearing from you,

Caroline Feital Monteiro

Anette Fuhrmeister afuhrmeister@thehistorypress.co.uk

27/06/13

Dear Caroline

I can grant permission within the context outlined below

Kind regards
Anette

Anette Fuhrmeister
Rights Manager
The History Press
The Mill, Brimscombe
Stroud, GL5 2QG
UK
Tel: 01453 732520
Fax: 01453 883233